

Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

**BIBLIOTECA PÚBLICA DO POVÃO?: EXCLUSÃO SOCIAL DA
INFORMAÇÃO NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO ESTADO
DE SANTA CATARINA NAS REPRESENTAÇÕES DE SEUS
DIRIGENTES**

Florianópolis
2017

Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

**BIBLIOTECA PÚBLICA DO POVÃO?: EXCLUSÃO SOCIAL DA
INFORMAÇÃO NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO ESTADO
DE SANTA CATARINA NAS REPRESENTAÇÕES DE SEUS
DIRIGENTES**

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação, área de concentração “Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento” – Eixo “Profissionais da informação, competência informacional e leitura”, sob a orientação Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca
Universitária da UFSC.

DA SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira

Biblioteca Pública do Povão?: Exclusão Social da Informação nas Bibliotecas Públicas do Estado de Santa Catarina nas Representações de seus Dirigentes / Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva ; orientador, Francisco das Chagas de Souza. – Florianópolis, SC, 2017.

477 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciência da Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

Inclui referências

1. Ciência da Informação. 2. Exclusão social. 3. Biblioteca pública. 4. Bibliotecários. 5. Ética profissional. I. DE SOUZA, Francisco das Chagas. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química. III. Título.

ANA CLAUDIA PERPÉTUO DE OLIVEIRA DA SILVA

**BIBLIOTECA PÚBLICA DO POVÃO?: EXCLUSÃO SOCIAL DA
INFORMAÇÃO NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO ESTADO
DE SANTA CATARINA NAS REPRESENTAÇÕES DE SEUS
DIRIGENTES**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento a requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA
EM FLORIANÓPOLIS, 03 DE MARÇO DE 2017**

Profa. Rosângela Schwarz Rodrigues, Dra. Coordenadora do Curso

Prof. Francisco das Chagas de Souza, Dr. – PGCIN/UFSC
Orientador

Prof. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Dr. – UNESP/PPGI

Profa. Elisa Campos Machado, Dra. –CCH /UNIRIO

Primeiramente, **“Fora Temer!”**

Dedico este estudo aos excluídos do acesso a qualquer direito, mas, principalmente, às bibliotecas públicas - catarinenses, brasileiras e de todo mundo. Dedico também, aos que podem recriar, ampliar, repensar, proteger e animar estes espaços e seus serviços – estudantes, trabalhadores, colegas bibliotecários, gestores públicos e qualquer cidadão enamorado das bibliotecas públicas – principalmente para os que estão em atividade nesses ambientes, para que auxiliem em seu sentir, pensar e agir.

Dedico com amor, porque com amor tudo é mais gostoso!

“AMOR É O MEU AMBIENTE”: NÃO SE TRATA SOMENTE DE AGRADECIMENTOS

*Eu tenho a minha verdade
Fruto de tanta maldade que já conheci
Me deixa caminhar a minha vida livremente
O que desejo é pouco pois não duro eternamente
Nada poderá me afastar do que eu sou
Amor é o meu ambiente
(Dona Ivone Lara/Délcio de Carvalho)*

Esse espaço do texto é um ambiente de amor - os pesquisadores agradecem às pessoas mais importantes que auxiliaram ao longo de suas vidas e, principalmente, nesse período de desenvolvimento do estudo. Se é um espaço de amor, é o meu ambiente. Uma parte do texto acadêmico que sempre anseio dar atenção especial porque evidencia que precisamos de gente, que momentos truculentos podem virar calmaria na companhia de um amigo e os alegres – ah, os alegres são alegres porque na certa têm amigos por perto!

Amor é palavra que representa um sentimento que cada um entende de maneira muito particular, de acordo com sua vivência, cultura, com quem nos relacionamos, com o momento. Não estudo formalmente o amor - o que vou manifestar é parte da minha vivência e de uma percepção particular.

“Eu desejo amar todos que cruzar pelo meu caminho, como sou feliz eu quero ver feliz quem andar comigo”¹. O título dessa música é “Brincar de viver”, e penso que vida é isso, brincadeira. Brincadeira é coisa séria². É comum associarmos brincadeira como algo exclusivo às crianças mas há quem escolha brincar pelo resto da vida. Quando brincamos usamos a nossa imaginação e organizamos tudo para que o que imaginamos se torne o mais real possível para “vivermos” aquela brincadeira. É leve e para mim faz muito sentido nessa vida breve.

Sempre relaciono o amor máximo com a amizade que se cultiva, que se dispõe, por vezes, com pessoas diferentes de nós mas com as quais temos afinidades e desejamos partilhar essa

¹ “Brincar de viver”, composição de Guilherme Arantes.

² Vale ver o filme “Tarja Branca”, direção de Cacau Rhoden.

rápida existência nesse mistério de mundo. Pode ser alguém da família - mas essa não é uma condição pra mim - o amor da amizade é superior porque é vontade de estar junto, escolha. No meu entendimento há também outros tipos de amor, por exemplo, o amor por pessoas com as quais não temos tanta afinidade ou convivência, mas temos gratidão.

Tenho aprendido que o amor mais máximo ainda é o da amizade que se permite “brincar”. Esse é fortaleza que nenhuma vergonha destrói. Nele a vida é plena, independente de qualquer contingência. Acho que a música e a arte em geral é esse amor que brinca. É amor incontido, escancarado.

Nesse elenco de pessoas especiais “incluídas” na minha vida, estão pessoas que se enquadram nesses três estágios de amor para mim: de gratidão, de amigo, de amigo que “brinca” a vida comigo. Ao agradecer, misturo todos, porque por todos tenho amor!

Ela estava morando na rua quando a conheci em 2015. **Emily** tinha a minha idade e filhos, um deles com o mesmo nome do meu. Ainda não sei expressar adequadamente o que tinha essa mulher que despertava tanto interesse, ela cantava, mas não era só isso. Ela conversava, ela olhava para as pessoas e escutava, parecia se importar com o que diziam. E não esquecia o que era dito – ao menos comigo era assim. Era comum, depois de um tempo, perguntar sobre algo que havíamos conversado e que era importante para mim – ela parecia sentir. O olhar atento de Olga Emily parecia importar às pessoas, ela não se colocava como excluída, estava incluída na vida. Ela “se achava no direito”. Aprendi muito no chão da rua com a querida Olga Emily e, infelizmente, tenho mais consciência disso agora do que quando ela estava viva.

Partilho com Ângela, a **Preta**, lembranças de Emily. Ângela é uma jornalista que registrou um pouco de sua condição nas ruas, evidenciando a situação de tantos outros iguais. Nossa amizade é de Emily pra cá - um, dois anos - uma observação que não parece ter peso algum já que é amizade intensa, divertida, aberta, consoladora e se faz em meio à troca de sensibilidades.

A ponte para Emily e Ângela foi Wagner, que influencia minha vida de longa data, o **Sr. Segura**. A música me conduziu até ele, o desejo de estudar violão – o instrumento mais incrível – em 1990. Mesmo sem ter muita habilidade, queria (sempre quero) música na minha vida e música assim, daquele jeito,

brasileira “das antigas”, que eu não tinha com quem partilhar com meus 17, 18 anos – encontrei ele. Sou grata pela inspiração que representou e representa ainda hoje em minha vida, fonte de amor para mim e para os outros que convivem com ele, uma “ponte” para pessoas e coisas bacanas. Palavra nenhuma expressará bem nossa relação, prefiro invocar “Flores da Vida”, de Patápio Silva. Também agradeço **Simone**, sua esposa e parceira dos sambas.

Claudio é outro amigo apresentado por Wagner, desde 1991. Pandeirista de grande expressão na cidade, não via há tempos e durante o período do doutorado, tive a oportunidade de retomar nossa convivência e fortalecer essa amizade tão cheia de histórias que se renova, que me ensina e me faz tão bem.

Se é pra falar de **Claudio**, tem também o **Caldas**... Esse “rapazinho”, amizade mais recente, mas não menos importante. Conheci no período em que já havia ingressado no doutorado, também apresentado por minha “ponte”, falador, cuidador, companheiro de violão, sempre presente e ainda agracia seus amigos com uma namorada de outro mundo “**Sarinha Bela Bela**”. Grata pela prontidão e carinho comigo!

Suellen e Kiki agora são três, chegará **Benjamin**! Querido casal, parceiros nesse período, a amizade deles foi um dos melhores presentes em minha vida, a companhia na ida para o Rio e para Madri, as “corridas” em Paris, a descoberta de choro em Lavapiés... Estarei sempre disponível quando precisarem de mim.

Miro, meu companheiro há 24 anos com quem me casei e com quem tive um filho riqueza, mistério e encanto. O homem da clarineta, que dá “nó na madeira”, protetor, esquentadinho, discreto consigo mesmo, sem fazer muita questão de protagonizar. Creio que cada dia mais vai descobrir a força que tem, porque Miro é uma força! Agradeço por embarcar nas minhas aventuras, nos meus sonhos, creio que crescemos juntos. Mesmo resistente, ao longo da nossa caminhada, ele confiava nas minhas escolhas e se alegrava com o processo e resultado dos meus empenhos. Gratidão. Desejo que seja feliz!

Uma de nossas histórias tem uma marca em nosso corpo e alma, **Pedro**, nosso filho. Está entre nós e nesse mundo com sua singularidade, profundo, observando, “borbulhando” constantemente coisas sobre nós que desconhecemos. Desejo que ao longo do tempo me escolha como amiga para brincar a

vida - estarei sempre a sua espera. Esse estudo é também uma herança para Pedro com o desejo de que possa ampliar sua mente para o novo e para o que é bom, com respeito, atenção e cuidado com as pessoas.

Gratidão a papai e mamãe, **Hélio e Mercês**, que cuidaram de Pedro enquanto estive no período de doutorado sanduíche no exterior em 2016. Gratidão pelas referências, papai essa energia pulsante que empurrava para o trabalho, esporte e música (essa última a melhor). Mamãe foi e permanece sendo compreensão, mansidão e amor, um porto seguro emocional pra mim, meu doce, por ela me “desmonto” toda...

Madri em 2016 foi experiência rica: vida com pouco dinheiro mas com alegria, muitas vivências e sem complicação (fomos eu e Miro, sem auxílio de bolsa, com nosso salário que sumia com o euro mais alto dos últimos 16 anos). Não poderia esquecer **Ginez**, espanhol que conheci no chorrinho aqui em Florianópolis e que mediou hospedagem com sua amiga, **Vivi**, que foi nossa anfitriã na capital espanhola, abrindo sua casa com toda confiança. Gracias!

Andei por todas as ruas madrilinhas, visitei todas as bibliotecas públicas da rede municipal e desejo registrar bons trabalhos deste material coletado sob a supervisão do **Prof José Antonio Moreiro González**, uma simpatia, descomplicado, aberto, receptivo, energia alegre. Aprecio muito! Grata por me acolher com tanta tranquilidade e ajudar a tornar esse tempo tão bom.

Prof Geraldo Moreira Prado, querido da Biblioteca Comunitária do Paiaíá, que desde a pesquisa do mestrado acompanha meus estudos. Sou grata pelo tempo que passei com meus amigos em seu apartamento (com vista para Niterói) no Rio de Janeiro para que eu resolvesse questões burocráticas de visto para a Espanha.

Tempo em que, aqui no Brasil, sofríamos um duro golpe contra a democracia e eu tinha com quem partilhar, mesmo estando distante, com meus primos “Vermelhinhos” e tio mais querido: **Nana, Fábio, Talitha, Márcio, Pablo e Thales, tio Cláudio – amo vocês “perpetuamente”**. Muito amor unido na vontade de que um dia esse país possa caminhar no sentido oferecer igualdade de condições para todos os brasileiros.

Perpétuo também é meu amor por **Ninita**, minha única irmã de sangue, que com um aninho e oito dias teve que dividir a

atenção de todos comigo. Aprendemos a dividir tudo desde pequeninas, atenção, amigos, quarto, roupa, brinquedo. Hoje somamos. Compartilho o amor do meu filho, o que tenho de mais precioso, com ela e sua família, **Marcelo** e meu sobrinho **Gabriel**. Obrigada por receberem Pedro nesse período para que eu pudesse escrever despreocupada, sabendo que ele estava bem.

Tenho também irmãs do coração: **Fê, Cari e Ana**. Fê, minha amiga de Colégio Catarinense, essa paz e tranquilidade, nossa amizade desafia o tempo e a distância. Suas irmãs são minhas irmãs também: Cari, caçula como eu, maior sintonia, temos uma relação única, com uma coragem que sempre me inspirou. Ana, que era colega da minha irmã, também “peguei” pra mana – amor demais!

A pós-graduação foi um momento de encontro com pessoas que caminharão sempre comigo. Daniella Pizarro, minha amiga **Danizoca**, sinto o seu amor, a energia que trocamos. Somos afortunadas por compartilhar o mesmo orientador, ele nem sabe, mas nos consideramos “filhas de Francisco” com muito orgulho.

Eliane Fioravante, que junto comigo e Danizoca também foi orientanda do Prof Francisco no mestrado, é parte do ANDE (Ana, Daniella e Eliane). Nós três nos intitulamos assim desde que ele fez o anúncio de sua aposentadoria pra gente, no grupo de pesquisa, o Grits. Em nenhum momento ele cedeu a qualquer manifestação de sentimentalismo de nossa parte e falou que nós devíamos “ir”. Por isso “ANDE”. Amiga querida, parceira na tristeza e nos momentos alegres, gosto de saber que posso contar com ela e que ela pode contar comigo.

Priscila Sena (**Pri**), uma alegria e força corporal, sempre disposta a escutar e caminhar junto, a “beber a vida”, escorpiana como eu e Paulinho da Viola. Nós duas somos do toque, do abraço, expressamos o que sentimos. Ela me faz muito bem, uma sorte ter sempre por perto.

Grata à “Classe das Sete Mulheres”, além de Danizoca e Eliane - **Lu, Liliane, Inomata e Camila**, todas mulheres fortes!

Prof. Francisco, meu orientador, serei sempre eterna grato, ser humano ímpar. Não ficarei “órfã” como disse nos agradecimentos do mestrado. Tudo que aprendi e permanecerei aprendendo com tanta coisa que escreveu e com as anotações que fiz quando estávamos juntos no grupo de pesquisa, estarão

sempre ecoando em meus pensamentos. Transbordo em gratidão por ele e amplio o agradecimento para **Yolanda Flores**, sua companheira, que mulher! Pra vocês, um presente em forma de música - “Em nome do amor”, de Sivuca.

Dos amigos **Clareana** e **Pablo** a lembrança boa de encontros com vinho, cerveja, pisco, danças esquisitas no chileno “estilo pablito”, papos desconstruídos e doidos no paulistano “estilo clareanita”, a confiança no compartilhamento mútuo e o apoio para nossa viagem a Madri, não esquecerei jamais. Amigos, como na música de Serrat e Sabina.

Paulo e **Lucena** foram uma presença marcante nesse período, esse casal bacana com quem desejo conviver mais. Além do apreço pela música e forma gentil com que tratam as pessoas, o carinho que dedicam a nossa amiga Márcia Cardoso, nos aproxima ainda mais.

Essa amiga dispensa comentários, **Márcia**. Uma amizade que extrapolou a sala de aula, uma sintonia, vontade de estar junto, de carregar as dores, de ajudar no que precisar. Admiro sua força, sua alegria, a forma como lida com a vida, como ela se apresenta - quero ser assim quando eu crescer. Obrigada por partilhar comigo momentos de encontro comigo mesma. Te amo!

Uma conselheira sempre presente, minha amiga **Nife**. Com ela, toda confiança de partilhar os sentimentos mais escondidos do meu coração, as mudanças que se colocaram imperativas após os quarenta, as questões de gênero, estamos transcendendo juntas como mulher, mães e amigas. Foi assim desde 1994. Sigamos, minha amiga companheira de vida.

Minha psicanalista, **Armi**, foi socorro. Seu consultório foi meu refúgio, meio que “colo de mãe”, meio que “porto pra ancorar”, meio que “oásis no deserto”. Armi também é dessas pessoas que fazem a gente acreditar no futuro da humanidade. Para você Armi, com toda gratidão, certa de que sem sua intervenção não teria chegado firme aqui, uma das minhas canções preferidas: “A corte na roça”, de Chiquinha Gonzaga.

Quase no fim, propositalmente, estão alunos que escolhi para simbolizar os discentes do curso de Biblioteconomia, para quem gostaria de iniciar conversas a partir de todo empenho deste estudo: **Bruna Morgan**, **Gabriela Granemann**, **Maria Zanella**, **Nayra Lorhanne** e **Guilherme Silva**. Fizeram diferença durante esse tempo para mim, com postagens nas redes sociais, algumas trocas a distância e também com encontros presenciais.

De certo que por vezes alteramos os papéis, eu - aluna, deslumbrada e admirada com o discurso deles! Acredito muito na docência dessa forma. Desejo que a paixão pela profissão e que a gana de transformar a realidade seja chama sempre acesa, que possam contar uns com os outros como grupo articulado e fortalecido que irá auxiliar na transformação do quadro catarinense e brasileiro de bibliotecários. Para vocês: “Gente”, de Caetano Veloso.

Encerro minha romaria de gratidão com o “**Vai Como Der**” grupo de choro, grupo de amigos. Nosso encontro é alegria “vaicomoderiana”, prazer e diversão, como fomos tão bem representados no desenho de Vinícius Domingues Buch, nosso designer e talentosíssimo bandolinista de 20 anos. “Irei como der”, sempre junto, porque com vocês e com música essa vida breve é mais saúde e alegria: **Wagner** (maestro, arranjador, sete cordas, cavaquinho, bandolim...), **Kiki** (pandeiro), **Miro** (clarinete), **Nestor** (cavaquinho), **Evandro** (acordeon), **Vinícius** (bandolim), **Paulinho** (violão de sete cordas), **Sandro** (violão de 6 cordas), **Marcos** (violão de 6 cordas) e **Bernardo**, querido amigo cantor que “adotei” e creio que o grupo também!



Para além das minhas relações de amizade, desejo registrar minha gratidão aos meus **colegas de Departamento de Ciência da Informação da UFSC**, que empenharam esforço para que eu pudesse concluir essa etapa importante de minha vida acadêmica e pessoal. Também, às **bibliotecárias participantes do estudo** que gentilmente concederam seu tempo para me receber, estarei à disposição para ajudar no fortalecimento das bibliotecas públicas catarinenses. E à **classe das sete mulheres**, representantes de peso da primeira turma de doutorado do PGCIN.

Lamentos

Chorinho

Pixinguinha e Vinicius de Moraes

Chord symbols and musical notation for "Lamentos":

- Staff 1: G, C, G, A⁷, D⁷, G (Voz)
- Staff 2: G, G, Gdim, Gdim, G, G, F, E⁷, Am, B⁷
- Staff 3: Em, Em, B, C⁷m, F⁷, B, E⁷, Am, D⁷, G
- Staff 4: G⁷, C, Cm, G, Am⁷, D⁷, 1. G, 2. G
- Staff 5: G, Em, Em, Em, Em, Em
- Staff 6: Am, Am, Am, Am
- Staff 7: B⁷, B⁷, Em, Em, Am, C, B⁷, E, Cm
- Staff 8: D⁷, Ao, Am, D⁷, D.C. Int. com rep., G

Alfredo da Rocha Viana, o Pixinguinha, compositor brasileiro de grande expressividade e reconhecimento no Brasil e no exterior, compôs “Lamentos” em alusão a um episódio em que teve que entrar pela porta dos fundos de um restaurante no Rio de Janeiro da década de 1920 por ser negro. Nesse dia, seria homenageado no local com seu Grupo “Os Oito Batutas”, após turnê de grande sucesso na França. (KOIDIN, 2011). Lamentável...

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. *Biblioteca pública do povão?: exclusão social da informação nas bibliotecas públicas do Estado de Santa Catarina nas representações de seus dirigentes*. Florianópolis, 2017. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

RESUMO

Este estudo objetiva conhecer o sentido das representações de exclusão social manifestas nos discursos dos bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas que atuam no Estado de Santa Catarina. A pesquisa, do tipo qualitativa, utiliza como fundamentos a fenomenologia como uma visão de mundo para o estudo e que engloba como base teórica a sociologia do conhecimento e os preceitos do construtivismo social, e como base metodológica a Teoria das Representações Sociais, do âmbito da Psicologia Social. Destaca o modelo utilizado no estudo etnográfico de Norbert Elias e John L. Scotson acerca das relações estabelecidas na interdependência que ocorre em uma figuração de exclusão social entre grupos. Utiliza como instrumentos metodológicos o questionário, o diário de campo e a entrevista. Para a coleta, tratamento e análise dos discursos coletados na entrevista, recurso mais importante para a coleta de dados neste estudo, emprega a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Para alcance do objetivo, realiza a análise com base no discurso de dezoito bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas de todas as Regiões do Estado de Santa Catarina. O estudo busca informações sobre o contexto cultural, social e econômico em que se desenvolveram os informantes, sobre seu ambiente de trabalho, levanta opiniões acerca da função social da biblioteca pública, da atuação do bibliotecário de bibliotecas públicas catarinenses e sobre boas práticas éticas de bibliotecários em bibliotecas públicas. Por fim, analisa os conceitos de exclusão expressos por estes profissionais e descreve seu sentido. Pondera que o posicionamento e relação com o trabalho e classe profissional por parte do grupo estudado, bem como, a qualidade do serviço prestado nas bibliotecas públicas em que são dirigentes e que levam à condição de

exclusão dos usuários possuem relação com sua própria identidade como excluído, como se assumem e veem diante dos gestores públicos a quem estão submetidos.

Palavras-chave: Exclusão social. Biblioteca pública. Bibliotecários. Ética profissional.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. *Biblioteca Pública del pueblo?: la exclusión social de la información en las bibliotecas públicas del Estado de Santa Catarina en las representaciones de sus dirigentes*. Florianópolis, 2017. 345 h. Tesis (Doctorado en Ciencia de la Información) – Programa de Posgrado en Ciencia de la Información. Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

RESUMEN

Este estudio objetiva conocer el sentido de las representaciones de exclusión social que se han manifestado en los discursos de los bibliotecarios dirigentes de las bibliotecas públicas que actúan en el Estado de Santa Catarina. La investigación, del tipo cualitativa se utiliza como fundamento la fenomenología como una visión del mundo para el estudio y que se enreda como base teórica a la sociología del conocimiento y los preceptos del constructivismo social, y como base metodológica de la Teoría de las Representaciones Sociales, del ámbito de la Psicología Social. Se despunta el modelo utilizado en el estudio etnográfico de Norbert Elias y John L. Scotson acerca de las relaciones establecidas en la interdependencia que ocurre en una figuración de exclusión social entre estos grupos. Se emplea como instrumentos metodológicos el cuestionario, el diario de campo y la entrevista. Para la recolecta, tratamiento y análisis de los discursos de las entrevistas, el recurso más importante para la recolecta de los datos en este estudio, utiliza la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo (DSC). Para lograr el objetivo, se realiza el análisis con base en el discurso de dieciocho bibliotecarios dirigentes de bibliotecas públicas de todas las Regiones del Estado de Santa Catarina. El estudio investiga informaciones acerca del contexto cultural, social y económico en que se desarrollaron los informantes, acerca de su ambiente de trabajo, alza opiniones sobre la función social de la biblioteca pública, de la actuación del bibliotecario de las bibliotecas públicas en Santa Catarina y sus buenas prácticas éticas de bibliotecarios en bibliotecas públicas. Por fin, analiza los conceptos de exclusión expresos por estos profesionales y describe su sentido. Sopesa que el posicionamiento y relación con el trabajo y clase profesional por parte del grupo estudiado, así como la calidad del servicio prestado en las bibliotecas

públicas en que son los dirigentes y que llevan la condición de exclusión de los usuarios poseen relación con su propia identidad como rechazado, como se aceptan y se ven delante de los gestores públicos a quienes están sometidos.

Palabras-claves: Exclusión social. Biblioteca pública. Bibliotecarios. Ética profesional.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. *Are the public library of the people?: social exclusion of information in the public libraries of the state of Santa Catarina in the representations of their leaders*. Florianópolis, 2017. 345 s. Thesis (Doctorate in Information Science) – Master Program information Science. Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ABSTRACT

The aim of this study is to meet the sense of representation of social exclusion that manifest in the speeches of the leaders of public libraries who work in the state of Santa Catarina. The research, qualitative type, uses as foundations the Phenomenology as a worldview for the study and covering as theoretical basis of sociology of knowledge and precepts of social constructivism, and the methodological basis theory social representations, the scope of Social Psychology. Use the model of ethnographic study of Norbert Elias and John I. Scottson established relations on interdependence that occurs in a figuration of social exclusion among groups. Used as methodological tools, survey the field diary and interview. For the collection, treatment and analysis of the speeches collected in the interview, the most important resource for the collection of data in this study employs the technique of the Discourse of the Collective Subject (DCS). To reach a goal, carries out an analysis based on the speech of eighteen leaders' librarians of public library from all region of the state of Santa Catarina. The study seeks information on the cultural, social, and economic context in which they developed informants, on your desktop, opinions raises about the social function of the public library in Santa Catarina, and about best ethical practices of librarian in public libraries. Finally, an analysis the exclusion concept expressed by these professionals and describes meaning. Evaluates the positioning and relationship with the word and professional class by the group studied, as well as the quality of the service provided in public libraries in which they are directors and that lead to the condition of the other users have relationship whit your own identity as rejected, and like accept themselves and see before public managers who are subject.

Keywords: Social exclusion. Public library. Librarians.
Professional ethics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEBD - Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (1967) – Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (1981)
ACB - Associação Catarinense de Bibliotecários
ACEL - Associação Catarinense de Editores e Livreiros
APBC - Associação Profissional dos Bibliotecários Catarinenses
BN - Biblioteca Nacional
CBL - Câmara Brasileira do Livro
CCL - Câmara Catarinense do Livro
CERLALC - Centro Regional para el Fomento del Libro em América Latina y el Caribe
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CFB - Conselho Federal de Biblioteconomia
CNE - Conselho Nacional de Educação
CNS - Conselho Nacional de Saúde
CRB - Conselho Regional de Biblioteconomia
DSC - Discurso do Sujeito Coletivo
FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FIESC - Federação das Indústrias de Santa Catarina
FBN - Fundação Biblioteca Nacional
FCC - Fundação Catarinense De Cultura
FGV - Fundação Getúlio Vargas
FUST - Fundo de Universalização de Serviços de Telecomunicações
IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions
IES - Instituições de Ensino Superior
IPL - Instituto Pró-Livro
IBBD - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INL - Instituto Nacional do Livro
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul
MinC - Ministério da Cultura
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a
Ciência e a Cultura
OEI - Organização dos Estados Ibero-americanos
PNC - Plano Nacional de Cultura
PELL - Planos Estaduais do Livro e Leitura
PMLL - Planos Municipais de Livro e Leitura
PIB - Produto Interno Bruto
PGCIN - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura
PNLL - Programa Nacional do Livro e da Leitura
SOCINFO - Programa Sociedade da Informação
SINDIB/PR - Sindicato de Bibliotecários do Paraná
SINBIESP - Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo
SNEL - Sindicato Nacional de Editores de Livros
SBPSC - Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina
SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
TRS - Teoria das Representações Sociais
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

Tabela 1	Quantidade de bibliotecas públicas distribuídas nas cinco regiões brasileiras.....	86
Quadro 1	Cursos de biblioteconomia nos Estados brasileiros.....	95
Figura 1	Mapa das mesorregiões de Santa Catarina.....	109
Quadro 2	Resultado em porcentagem de algumas características de Bibliotecas Publicas Municipais de SC.....	113-114
Quadro 3:	Informações pessoais e profissionais dos participantes da pesquisa resultantes do questionário.....	161-166

SUMÁRIO

1	COMO NOS ENCONTRAMOS IMPLICADOS NOS NOSSOS OBJETOS DE ESTUDO?	33
2	FIGURAÇÕES RELEVANTES.....	49
2.1	Os valores, a moral, as escolhas e o dever: questões éticas pertinentes.....	50
2.1.1	Os valores e a moral: sobre o instinto de rebanho e a “ovelha negra”	51
2.1.2	Entre o bem e o mal e o “tu deves”	56
2.2	Exclusão social: a figuração de Winston Parva, a evolução do conceito, elementos pertinentes e algumas relações com a biblioteca pública	61
2.2.1	Os muros de Winston Parva: fundamentos da exclusão social.....	63
2.2.2	Evolução do conceito	66
2.2.3	Elementos relevantes no contexto da exclusão social.....	71
2.2.4	Exclusão social e bibliotecas públicas.....	77
2.3	Bibliotecários atuantes em bibliotecas públicas	81
2.3.1	As bibliotecas públicas em Santa Catarina ...	82
2.3.2	Formação e atuação de bibliotecários em Santa Catarina: contextualização	89
2.3.2.1	<i>Formação em Biblioteconomia: um olhar sobre Santa Catarina.....</i>	<i>90</i>
2.3.2.2	<i>Classe profissional bibliotecária: agrupamento em Associações e Sindicatos em Santa Catarina.....</i>	<i>97</i>
2.4	O Estado e as políticas públicas	102
2.4.1	O Estado catarinense	106
2.4.2	Políticas públicas em prol das bibliotecas públicas no Brasil e em Santa Catarina	115
3	FUNDAMENTOS, ESTRATÉGIAS E CAMINHOS DA PESQUISA.....	125
3.1	Teoria das Representações Sociais (TRS).....	126

3.1.1	A relevância da linguagem no mundo da vida para as representações sociais.....	128
3.1.2	Senso comum e representações sociais	131
3.2	Postura do pesquisador fenomenológico.....	134
3.3	A ética na pesquisa	137
3.4	Os instrumentos de coleta de dados	140
3.4.1	O questionário e o diário de campo	142
3.4.2	A entrevista	143
3.5	A técnica eleita para tratar e analisar as narrativas: o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	147
3.6	Os participantes da pesquisa	151
4	RESULTADOS OBTIDOS	155
4.1	Observações: anotações no diário de campo.....	155
4.1.1	Sem endereço: chegando na cidade	156
4.1.2	Localização e entorno das bibliotecas públicas visitadas.....	157
4.1.3	Usuários nas bibliotecas e outras anotações relevantes.....	158
4.2	As bibliotecárias dirigentes de bibliotecas públicas catarinenses e seus ambientes de trabalho.....	160
4.3	DSC final	172
5	INTERAÇÕES COM O DSC FINAL.....	183
5.1	A função social da biblioteca pública na fala do sujeito coletivo.....	183
5.2	Sobre a atuação em bibliotecas públicas em Santa Catarina: situações promotoras de exclusão social, boas práticas éticas de bibliotecários nas bibliotecas públicas, atuação do bibliotecário de bibliotecas públicas catarinenses e observações relevantes que se relacionam com as temáticas	189
5.2.1	O atendimento, o tratamento e as regras que incidem sobre os usuários.....	190
5.2.2	A formação do bibliotecário e sua relação com a classe e demais trabalhadores que	

	atuam nas bibliotecas públicas: impactos em sua atuação na biblioteca pública.....	195
5.2.3	Sobre o desenvolvimento do acervo, serviços e infraestrutura nas bibliotecas públicas.....	204
5.2.4	A relação com a administração pública.....	207
5.2.5	Refletindo sobre boas e más condutas do profissional	210
5.3	Ainda me recordo: lembranças com experiências de exclusão	214
5.4	Representações sobre exclusão social	222
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	231
	REFERÊNCIAS	241
	APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO	261
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	263
	APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL LEGAL DA INSTITUIÇÃO.....	267
	APÊNDICE D - CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO	269
	APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO.....	271
	APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA	273
	APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	275
	APÊNDICE H - PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DSC FINAL.....	431
	ANEXO - PROJETO DE PESQUISA APROVADO NO COMITÊ DE ÉTICA.....	477

1 COMO NOS ENCONTRAMOS IMPLICADOS NOS NOSSOS OBJETOS DE ESTUDO?

*Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos;
de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem
motivo. Nunca nos procuramos: como poderia
acontecer que um dia nos encontrássemos? [...]
Quanto ao mais da vida, as chamadas 'vivências', qual
de nós pode levá-las a sério?
Ou ter tempo para elas? [...]*
(NIETZSCHE, 2013a, p. 7)

No prólogo da obra “Genealogia da Moral”, Nietzsche faz a reflexão acima epigrafada com nuance paradoxal ao referir-se aos homens do conhecimento que não conhecem a si mesmos. Quem demorar um pouco mais no texto citado, poderá ler ainda o que o autor escreve sobre as experiências presentes, quando, por vezes, estamos ‘ausentes’ e, supostamente, somente depois perguntamos “surpresos e perplexos inteiramente ‘o que foi que vivemos?’, e também ‘quem somos realmente?’” (NIETZSCHE, 2013a, p. 7).

Ainda que estas considerações sejam parte de uma argumentação própria do autor - sujeita a contestações e discordâncias - do texto de Nietzsche destaco uma pergunta para iniciar este estudo: qual a relação das nossas vivências com nossas escolhas de pesquisa? Nietzsche (2013a, p. 9), na obra citada anteriormente, rememora que as questões relacionadas à origem do bem e do mal o incomodavam numa idade em que tinha seu coração dividido “entre brinquedos e Deus” e considerou tal reflexão como primeiro exercício filosófico.

Hess (2005, p. 26) em “Produzir sua obra: o momento da tese” pergunta “Como nos encontramos implicados nos nossos objetos de estudo?”. Para o autor essa é uma das questões centrais das pesquisas em ciências humanas e um caminho para o ato de escrever. Partindo desta pergunta de Hess, inspirada pela escrita autoral de Nietzsche, prosseguirei por esta “estrada” a partir da relação do meu objeto de estudo com vivências³ que,

³ Inicialmente destaco que neste texto, dependendo do assunto tratado nas seções, será utilizado tanto a explicitação na primeira pessoa do singular quanto na terceira pessoa, de acordo com as circunstâncias, levando em

possivelmente, impulsionaram a busca por novos conhecimentos por ocasião do desenvolvimento desta tese doutoral.

Em primeira experiência mais profunda com pesquisa acadêmica (SILVA, 2014), durante três anos dediquei-me a investigar os fundamentos éticos mobilizadores dos líderes de bibliotecas comunitárias criadas no Brasil para a instalação e manutenção destes espaços e respectivos serviços. Tendo como objeto de interesse e trabalho os espaços e serviços públicos de leitura e cultura, eu ainda não havia pensado sobre muitas questões que esses líderes de bibliotecas comunitárias expressaram em suas narrativas sobre as ações que realizavam. Ao encontrá-los e dar voz a estas pessoas, oriundas de diversas formações e ocupações, que alteraram o curso de suas vidas para liderar estes trabalhos, com posicionamentos e reflexões que poderiam contribuir potencialmente com o fazer da classe profissional bibliotecária, muitas perguntas se estabeleceram como possibilidades para eu prosseguir pesquisando.

Uma questão em especial, assim que percebida, acompanhou-me durante toda a pesquisa: a possibilidade da biblioteca instituída como pública, mantida pelo orçamento do Estado, ser sentida por algumas pessoas como um espaço que privilegia determinados setores da sociedade, um espaço não inclusivo. O empenho desta pesquisa se deu no sentido de escutar o bibliotecário, agente atuante em bibliotecas públicas estatais, para colher sua percepção acerca desta possibilidade, conhecer o que compreende como exclusão social. Entretanto, não parte somente das questões oriundas da pesquisa desenvolvida anteriormente. Ao refletir sobre os motivos que me conduziram a sentir, perceber e eleger o tema da exclusão social (relacionando-o com o bibliotecário atuante em bibliotecas públicas estatais) para os estudos de doutoramento emergem outras nuances do meu vivido.

Como neta e filha de mulheres católicas (apostólicas romanas), predominantes em minha formação, da infância eu recordo ser esta religião uma parte de minha identidade, talvez a mais marcante. Ainda que compartilhando o mesmo ambiente com outras pessoas, meu desenvolvimento até meados da minha

adolescência se deu mediante as concepções de viver segundo regras católico-cristãs, tendo como parceiros constantes o sentimento de renúncia e resignação, o temor sobre o julgamento divino, a busca pela “vida eterna” prometida aos seus seguidores, a fuga do diabo e das tentações, lamentando a sorte dos que supostamente vão para o inferno e outras questões inerentes a muitas pessoas que estão inseridas e comprometidas com estas doutrinas. Quando criança vivia em sobressalto de imaginar que, se a morte me “abraçasse” e eu tivesse algum pecado não confessado, poderia ser condenada a uma infinita tormenta. Um ambiente com pouca abertura para a diversidade, com uma única opção, um único caminho, ensinado como ‘verdade’. Um ambiente em que com frequência excluímos e somos excluídos por pessoas e grupos de pessoas. Um ambiente em que incluimos e somos incluídos por grupos específicos.

A influência da arte, principalmente a musical, na percepção do momento em que escrevo, serviu de contraponto, como outra referência. Por certo, não teria outra possibilidade de contato com crenças e direcionamento de vida diferentes, não fosse a vivência com manifestações artísticas que despertaram em mim grande apreciação: os choros com seus ritmos de maxixe que fomentaram a umbigada; a admiração por Clara Nunes e outros intérpretes que cantavam músicas com o ritmo do candomblé; Vinícius de Moraes com poesias musicadas que exaltavam outras entidades espirituais; Chico Buarque com seus versos que pareciam incitar a mulher e a desordem com sedução; sambistas boêmios que evidenciavam em suas canções um estilo de vida, um ambiente e um feminino muito diferente do aceito na realidade preponderante construída em meu ambiente familiar.

Na adolescência, um tempo em que pude transitar com meu corpo por outros lugares e “descolar” dos laços familiares, o envolvimento com outras crenças religiosas, com pessoas que vivenciavam outras expressões artísticas como teatro, dança, bem como o engajamento com movimentos políticos, por exemplo, representaram um “descortinar”, uma possibilidade de reinventar meu vivido. Também, a experiência de mudar de cidade aos 15 anos, de viajar e compartilhar a vida privada com um companheiro com outra cultura, foram algumas das situações

que, creio, também aguçaram o meu olhar capacitando-me a perceber questões promotoras de exclusão social.

Iniciar este texto a partir da contextualização particular de quem escreve não configura necessidade de exposição da vida privada, mas sim um desejo de coerência na escolha teórico-metodológica. Friedrich Nietzsche não está no início deste escrito por acaso. De vários filósofos lidos para dar início à pesquisa, seus estudos e suas vivências se me impuseram como significativos no contexto pretendido, assim como o foram Vilém Flusser e o sociólogo Alfred Schutz. Estes constituem o eixo teórico-filosófico e sustentam o caminho metodológico que direcionou o estudo. Inicialmente, pode-se expor que Nietzsche e Flusser, em especial, como investigadores da ação e conduta humana também formularam desta maneira seus escritos, assumindo a relevância de suas vivências pessoais e ocupando-se em situar “de onde falam”.

Em 2012, logo que terminei minha dissertação de mestrado, fiz uma viagem por três países da América do Sul. Em território boliviano, embarquei num ônibus que me conduziria de La Paz a Cochabamba e encontrei um companheiro de viagem também brasileiro que buscava no roteiro turístico um tempo de reflexão diante de um suposto desencontro amoroso de sua vida (ao que me pareceu). Trazia em seu discurso o pensamento de Nietzsche, seu autor predileto, que eu pouco conhecia. Todas as ideias da pesquisa que eu acabara de concluir e que pretendia estender como pesquisa de doutorado não ficaram na Universidade, em Florianópolis. Viajaram comigo e estavam presentes nas cenas, nas situações cotidianas enquanto viajava em países que, como o Brasil, tinham um contexto semelhante de dominação e exploração humana e territorial. Foi impossível não fazer conexão entre todas estas ideias e o discurso em “conversa solta” de meu novo companheiro de viagem “nietzschiano”.

Logo após iniciada a rotina de estudos em doutorado, em reuniões com o grupo de pesquisa⁴ que faço parte, o nome e nuances do pensamento do filósofo estavam novamente diante de mim e se demonstraram relevantes no contexto que eu procurava para formular a tese, no sentido de buscar a essência

⁴ Grupo de Pesquisa Informação, Tecnologia e Sociedade (Grupo ITS) - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0253206695837277>

da valoração moral, o sentido presente no discurso dos bibliotecários. No estudo, Friedrich Nietzsche (1844-1900) contribuiu com várias ideias mas principalmente a partir de suas reflexões (e de sua própria vida) sobre a origem da moral, sobre a valoração do bem e do mal, perseguindo um caminho a partir da linguagem e qualificação (ou desqualificação) moral, ou seja, em que contexto se designou certas coisas como sendo boas ou más.

Como Nietzsche e outros estudiosos, Vilém Flusser entende a realidade não como algo dado, mas como construção, como possibilidade. Flusser morou no Brasil por mais de 30 anos, de 1940 até o ano em que nasci, 1972, e escreveu dentre outras a obra “Fenomenologia do brasileiro” (FLUSSER, 1998), que auxilia no entendimento deste povo tomado a partir do olhar assumidamente estrangeiro adotado pelo autor.

Flusser aprendeu com Husserl (1859-1938) - reconhecidamente a maior referência da corrente filosófica da fenomenologia - que a vida não é descoberta; que a vida é doação de significado, uma reverente e espantada nomeação dos fenômenos. (BERNARDO, 2011, p. 17)

Nietzsche e Flusser, conforme ressalta Bernardo (2011, p. 17), aproximam a filosofia (e a fenomenologia) e arte e tal aproximação é instigante uma vez que a partir destas duas áreas – arte e filosofia – pode-se “ver o que não via”. Ambos propagaram a ideia de inventar a si mesmos e inventar o mundo da vida cotidiana. “Nada é verdadeiro [...] agora podemos deixar nossa força criativa brincar para inventar verdades que sirvam à vida e que a intensifiquem”, “quero ser o autor da minha vida” – diria Nietzsche (SAFRANSKI, 2011, p. 285, 295).

Tais autores oferecem o eixo central do quadro teórico-metodológico adotado para esta pesquisa proposta ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) na linha “Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento” – Eixo “Profissionais da informação, competência informacional e leitura”, que se particulariza pela temática relativa aos aspectos humanos e sociais. São identificados como filósofos que trataram da vida com todas as suas possibilidades de criatividade e invenção (SAFRANSKI, 2011; BERNARDO, 2011). Ambos buscaram proposições na perspectiva em que me “encaixo” na ciência, na ideia filosófico-científica, que se

demonstra coerente com minha visão de mundo, ou seja, fenomenologicamente.

Sob a perspectiva do pensar fenomenológico, almeja-se voltar às coisas mesmas, voltar às essências. Para Sokolowski (2012), evidenciar como as coisas são. Ao descobrir os objetos de estudo, enfatiza o autor, descobrimos a nós mesmos, como “dativos de revelação, como aqueles para os quais as coisas aparecem” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 12). Nesse caso, dentro do contexto de sociedade, um terceiro autor, Schutz, se apresenta como uma fonte de diálogo importante no meu processo de estudo.

Alfred Schutz compôs uma sociologia sobre a fenomenologia de maneira sistemática e abrangente (WAGNER, 2012) e do quadro geral da sociologia fenomenológica de Schutz foram extraídos os fundamentos uma teoria subjetiva da ação humana (ação no mundo da vida) e sobre o mundo das relações.

Schutz (2012, p. 81) ao mencionar as investigações de Husserl destaca a importância dos movimentos corporais para a constituição do mundo exterior. Nietzsche, Flusser e outros estudiosos que serão interlocutores nesta pesquisa, expõem suas ideias consoantes com um olhar fenomenológico, isto é, com a valorização do sensorial e trazem como potencialidade uma coerência teórica e metodológica requerida pelo estudo que busca o sentido presente em discursos, na linguagem, na interação. Ocupam-se em explicar o mundo da vida a partir dos fenômenos que se constituem em si mesmos, nas pessoas, a partir do que sentem, no âmbito de suas subjetividades.

Husserl (1990), reconhecido como o grande mentor do conceito filosófico de fenomenologia no século XX, preconiza que os fenômenos se dão nas pessoas e estão inicialmente nas sensações, em suas subjetividades inerentes. O termo fenomenologia não eclode em Husserl, entretanto, ele atribuiu um conteúdo novo para o termo. Ao comparar, por exemplo, Husserl com seus antecessores que também empregaram o termo - Kant (sob a influência de J. H. Lambert⁵) e Hegel – é possível afirmar que “enquanto a fenomenologia kantiana

⁵ Discípulo de Cristian Wolf, filósofo alemão que viveu de 1679 a 1754, é no texto de Lambert intitulado “Novo órgãoon”, em 1764, que figura pela primeira vez o termo fenomenologia como a teoria da ilusão em suas diferentes formas. (DARTIGUES, 2008).

concebe o ser como o que limita a pretensão do fenômeno ao mesmo tempo em que ele próprio permanece fora de alcance”, inversamente, na fenomenologia proposta por Hegel “o fenômeno é reabsorvido num conhecimento sistemático do ser” - a fenomenologia de Husserl preconiza que “o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados”. (DARTIGUES, 2008, p. 11).

Uma ideia central é a de “volta às coisas mesmas” que, para Husserl, não seria um lugar celeste onde as ideias teriam sua residência caindo na especulação metafísica, mas a consciência – já que é como vivências de consciência que as ideias se dão a nós. Para não reduzir essas ideias a fenômenos psíquicos Husserl recorre à noção de intencionalidade. (DARTIGUES, 2008).

Consciência é um termo que também precisa ser contextualizado neste estudo à luz da corrente fenomenológica, entretanto, para sua melhor compreensão, inicialmente, faz-se necessária a apreensão do termo intencionalidade, que representa uma “doutrina nuclear em fenomenologia” e aplica-se à teoria do conhecimento não à teoria da ação humana, onde é mais associado. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 17). O uso da palavra na fenomenologia implica uma relação entre consciência e objeto que fornece uma maior compreensão do lugar da fenomenologia nas ciências. (SOKOLOWSKI, 2012).

Na relação entre consciência e objeto, a consciência será sempre a consciência de algo ou de outrem – este é o princípio da intencionalidade, a consciência de alguma coisa que só é quando dirigida a um objeto. (SOKOLOWSKI, 2012; DARTIGUES, 2008). Essa ideia é relevante no entendimento das ciências de tradições cartesianas em que a consciência era tomada como um gabinete fechado, impressões e conceitos ocorrem nos limites deste espaço, um predicamento egocêntrico que é rompido com a fenomenologia que entende a consciência como coisa pública, fora de seus limites, estabelecendo que mente e mundo são correlatos. (SOKOLOWSKI, 2012). Husserl (1990) denominará como *nóese* a atividade da consciência e como *nóema* o objeto constituído por essa atividade, no qual a consciência aparece como se projetando para fora de si própria em direção a seu objeto e o objeto como se referindo sempre aos atos da consciência. O objeto só será definido quando em

relação com a consciência será sempre um objeto-para-um-sujeito. (DARTIGUES, 2008).

Consciência e objeto também são conceitos explorados mediante os termos imanência e transcendência: o primeiro vinculado ao ente, ao ser, sua consciência e o segundo, os objetos em si, que são vinculados ao ser, mas encontram-se fora dele. (HUSSERL, 1990). Dartigues (2008) esclarece que se o objeto é sempre um objeto-para-uma consciência, as essências não existem fora do ato de consciência que as visa e do modo sob o qual ela os apreende na intuição.

Quanto à intuição, trata-se de outro termo que pode ter interpretação inadequada e necessita esclarecimentos para o contexto abordado. Intuição, na fenomenologia concebida por Husserl é a intuição intelectual das essências ou significações (CHAUÍ, 2000). Sokolowski (2012, p. 42, 43, 44) destaca que não se trata de “algo místico ou mágico”, mas de termos presente para nós algo em detrimento de intencionarmos em sua ausência. Fenomenologicamente, a intuição é possível quando estamos diante do “objeto” - as chamadas intenções cheias - e quando este objeto deixa de estar presente não há intuição, estamos de volta às intenções vazias.

O discurso filosófico deve constantemente estar em contato com a intuição para não se dissolver em especulações vazias, o que Husserl chama de princípio dos princípios, já que se pretende, com o exercício filosófico proporcionado pela fenomenologia, voltar às coisas mesmas. Se os fenômenos nos chegam pelos sentidos, os mesmos são dotados de sentido, de uma essência – para além dos dados dos sentidos, a intuição será uma intuição da essência ou do sentido. (DARTIGUES, 2008).

Surge outra questão relevante no âmbito da fenomenologia para esta pesquisa, as noções de presença e de ausência, que conforme Sokolowski (2012, p. 42, grifo do autor) são “correlatos objetivos para *intenções cheias e vazias*”.

As coisas são dadas numa mistura de presenças e ausências [...] Nessa interação de presença e ausência, atenção especial deve ser dada, filosoficamente, ao papel da ausência, da intencionalidade vazia. De fato, a ausência é geralmente negligenciada e evitada: tendemos a pensar que tudo aquilo

de que temos consciência deve estar atualmente presente para nós; parece que somos incapazes de pensar que podemos verdadeiramente intencionar o que está ausente. Nós nos esquivamos da ausência até quando ela está toda em nossa volta e nos preocupa todo o tempo. [...]
(SOKOLOWSKI, 2012)

O autor continua mencionando alguns sentimentos próprios do ser humano que não podem ser compreendidos exceto como resposta a uma ausência sentida: esperança, desespero, arrependimento, saudade – sentimentos ligados a passado e futuro. A vivência do passado e do futuro, do distante, do desconhecido, do imaginado é também uma vivência para além da que vivemos no presente com nossos cinco sentidos. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 45).

O empenho da fenomenologia será o de analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como nelas se produzem o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo. Metaforicamente, trata-se de distender o tecido da consciência e do mundo para tornar aparentes seus fios, tão finos que não apareceriam na atitude natural. (DARTIGUES, 2008).

Para Husserl (1990) a atitude natural é o senso comum. O senso comum é elemento primordial deste tipo de pesquisa. O senso comum pode ser a atitude de um cientista ou de um homem da rua, leva em consideração que o indivíduo está no mundo “como algo que o contém ou como uma coisa entre outras coisas, perdido sobre uma terra, sob um céu, entre objetos e outros seres vivos ou conscientes e, até mesmo entre ideias, que encontrou ‘já aí’ independente de si próprio.” (DARTIGUES, 2008, p. 24).

A atitude natural é, portanto, diferente da atitude fenomenológica. Enquanto na primeira estamos imersos em nossa postura original, orientada para o mundo ao intencionar coisas, situações e fatos, na segunda (também chamada de atitude transcendental) estamos com postura reflexiva sobre a atitude natural e sobre todas as intencionalidades ocorridas dentro dela. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 51).

Este estudo ocupou-se em evidenciar os sentidos

incorporados às representações de um grupo profissional específico, e estas são baseadas nas crenças e costumes dos indivíduos, no senso comum. Na análise fenomenológica, o senso comum é matéria-prima. Para o conhecimento de uma realidade social, não se leva em consideração uma hipótese causal ou genética, mas o senso comum e suas inúmeras interpretações pré-científicas e quase-científicas sobre a realidade cotidiana, que admite como certas. Para descrever a realidade do senso comum temos de nos referir à mesma, as suas interpretações. Cada indivíduo possui sua perspectiva de mundo, seu projeto que pode conflitar com o de outros, mas compartilham um mundo vivido em comum, de significados correspondentes. A atitude natural é a do senso comum, via de expressão humana. (BERGER; LUCKMANN, 2007). É a realidade por excelência, impondo-se sobre a consciência das pessoas de maneira ordenada, objetivada e ontogenizada. (ARAYA UMAÑA, 2002).

A Teoria das Representações Sociais (TRS), de Moscovici, que serviu de fundamento para o instrumental metodológico empregado neste estudo, elege como campo de trabalho o senso comum e o saber popular. Para Moscovici (2009, p. 60) “cada fato, cada lugar comum esconde dentro de sua própria banalidade um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e um mistério que o fazem ao mesmo tempo compulsivo e fascinante”.

A fenomenologia reconhece a realidade, “o modo como as coisas aparecem é parte do ser das coisas”. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 23). Alguém que não esteja acostumado com a utilização de tais métodos e pressupostos teórico-filosóficos poderá fazer perguntas como a que simulou Dartigues (2008): “[...] para captar a profunda intenção de uma atitude ou de um ato e, portanto, para compreendê-los, bastará deixar-se impressionar por sua aparência imediata, limitar-se à intenção simples que o sujeito enuncia?” Também Sokolowski (2012) levanta outra questão: “O que dizer das alucinações e enganos? Às vezes as coisas não são como elas parecem. Podemos achar que vemos um homem, mas damos a volta e é só um arbusto [...]”

Um comportamento pode não ter nenhum sentido aparente e terá que ser tratado como desprovido de sentido, como é o caso de atitudes neuróticas ou psicóticas. Entretanto, é

necessário admitir que a compreensão do outro e a compreensão de si vai de encontro a uma opacidade difícil de reduzir, que o sentido aparente de determinado comportamento dissimula um sentido mais profundo e que, por vezes, a clareza de uma intenção pode ser enganosa. (DARTIGUES, 2008).

Algumas coisas parecem com outras e nossa relação com o mundo será dada a partir desta circunstância. Sokolowski (2012) dá um exemplo que figura tal situação:

Uma noite, alguns anos atrás, no inverno, eu dirigia em direção a minha garagem e vi uns poucos ‘pedaços de vidro’ na calçada. Julguei que alguém deveria ter quebrado uma garrafa lá. Estacionei meu carro perto na estrada, pretendendo voltar na manhã seguinte para limpar a calçada. Quando retornei no dia seguinte, achei só algumas poças da água e pedaços pequenos de gelo; o que eu havia visto como vidro era de fato só gelo [...] eu me relacionava com o mundo em modos diferentes, e essas relações eram baseadas no fato de que, sob algumas circunstâncias, gelo pode parecer vidro. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 23).

Os enganos, encobrimentos e camuflagens são algo público, parte do mundo da vida e reais em seu próprio modo, possibilidades do ser e que pedem sua própria análise. Para a fenomenologia não há “mera” aparência, e nada é “só” um aparecimento. (SOKOLOWSKI, 2012). No exemplo anterior, outro olhar poderia ter enxergado gelo e assim, ter agido de maneira diferenciada. O olhar de quem vê é um olhar particular e subjetivo de cada indivíduo que lhe atribui um sentido, nos interessa à medida que é relevante na conduta e atitude na vida cotidiana.

Flusser (2011b, p. 99) ao estabelecer uma relação com as montanhas destaca que quando estamos diante de algo (uma montanha, por exemplo), olhamos com nossos preconceitos culturais e é justamente pela impossibilidade de resgatar um olhar anterior a esta cultura apreendida que se emprega métodos deliberados (postura necessária ao pesquisador fenomenológico,

que será abordado mais adiante) para resgatar artificialmente um olhar ingênuo⁶ objetivando olhar a essência da montanha, “conceder a palavra às montanhas para que me revelem o que são”.

A fenomenologia se torna desta forma o estudo da constituição do mundo na consciência, da intuição até a origem na consciência do sentido de tudo que é, origem absoluta já que nenhuma outra origem que tenha um sentido pode anteceder a origem do sentido. Alcança as metafísicas tradicionais, mas sem abandonar o solo da experiência, a partir da referência permanente à intuição. (DARTIGUES, 2008, p. 27)

Neste estudo buscou-se perceber a essência de um fenômeno mediante o sentido atribuído nos discursos dos participantes. O objeto de investigação foi constituído pelas representações insertas nos discursos de dezoito bibliotecários atuantes nas bibliotecas públicas brasileiras, mais especificamente, no Estado de Santa Catarina, com serviços que são mantidos pelo Estado e destinados a todos os grupos e classes sociais. Uma estrutura que se insere no ambiente social e que o afeta (mediante atuação de seus agentes) e é por ele afetada (mediante atuação da sociedade em geral).

A relação da atuação de bibliotecários na biblioteca pública com a temática da exclusão social é destacada com uma “pinça”, pois encontra-se emaranhada, obscurecida, muitas vezes despercebida, em meio a diversos estudos que abordam questões sobre a biblioteca pública. Qual o discurso de membros da categoria bibliotecária sobre este tema ao agirem neste ambiente de atuação?

Importante enfatizar que a ideia de exclusão neste estudo não está assentada nas iniciativas louváveis de fornecer espaços arquitetonicamente adequados, bem como, aparato tecnológico capaz de atender condições específicas aos quais podem estar submetidos seres humanos. Antes, relaciona-se com a percepção da questão da exclusão no âmbito das relações

⁶ Importante esclarecer o termo ingenuidade dado por Flusser, como um ideal, alcançável pela redução eidética (que será mencionada posteriormente na seção que irá tratar o método) e não como uma visão, por exemplo, característica das crianças. Neste contexto, “ingenuidade não deliberada é inimaginável e não existe” (FLUSSER, 2011b, p. 99).

humanas, como componente para o fortalecimento de uma sociedade que possa “abraçar” as diferenças individuais, valorizar a diversidade e, mediante o cuidado com o ser, compreender a importância do pertencer, da cooperação e empenho para que as pessoas possam construir coletivamente um ambiente de relação mais inclusivo, o quanto isto for possível.

Como menciona Sawaia (2008a) trabalhar com o tema da exclusão social é trabalhar com a ideia de humanidade, com o sujeito e como ele se relaciona com o meio social, levantando indagações que unem ciência e virtude.

Tal questão é aqui colocada diante de sua relação com a conduta ético-política do bibliotecário, bem como, do contexto brasileiro catarinense de políticas públicas de fomento à leitura que, em relação às bibliotecas públicas, esboça um cenário de carência, escassez e, muitas vezes, inoperância. É evidenciada diante de falas que encontram-se “perdidas” em trabalhos e estudos realizados no Brasil do campo da Ciência da Informação. Estas abordagens ainda não possuem maior aprofundamento neste campo do conhecimento e configuram reflexões emergentes a serem depuradas em ambientes de discussão desta área de estudo, no país e no Estado de Santa Catarina, com a potência de despertar preocupação com a democratização da informação.

Em busca realizada na BRAPCI⁷, percebe-se que o tema inclusão/exclusão no contexto brasileiro majoritariamente está imerso na temática atual do avanço tecnológico, essencialmente atrelado à falta de acesso às novas tecnologias. O tema da exclusão social com uma abordagem mais humanística no campo da Ciência da Informação, portanto, ainda que esteja “gritando” como coadjuvante em diversos estudos, ainda carece de tratamento científico mais específico para fomentar reflexões que possam colaborar com a postura dos envolvidos e, consequentemente, na formulação de políticas públicas de informação.

⁷ A BRAPCI é uma base de dados referencial de artigos e periódicos em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Paraná – UFPR. A abrangência da busca realizada em janeiro de 2017, foi de 1972 a 2017, com os termos “exclusão social” e “inclusão social”.

Perguntas nortearam a ideia do estudo e podem endossar para além do que já foi exposto, sua justificativa e relevância. Por que levantar a problemática da exclusão social em bibliotecas públicas pela via dos discursos dos profissionais responsáveis por estes espaços? Em que tais representações sobre a exclusão social podem contribuir para a sociedade e para os estudos em Ciência da Informação?

Os bibliotecários atuantes em bibliotecas públicas são os responsáveis pela gestão dos seus serviços e, embora estejam inseridos em uma estrutura complexa de Estado, figuram como elementos protagonistas neste contexto e são co-responsáveis na criação de políticas públicas de acesso à informação e cultura. As representações que os mesmos fazem sobre o tema são mecanismos que demonstram o que pensam a respeito e fornecem subsídios para discussões acerca de sua conduta, bem como, da consequência da mesma sobre as bibliotecas públicas e, mais precisamente, sobre os cidadãos que tem direito a estes serviços.

O objetivo geral proposto é conhecer os sentidos das representações reveladas pelos bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas catarinenses nos seus discursos acerca da exclusão social em seu contexto de atuação.

Para tanto, tem como objetivos específicos:

- a) buscar informações sobre o contexto cultural, social e econômico em que se desenvolveram os bibliotecários informantes;
- b) captar dados característicos de seu ambiente de trabalho;
- c) levantar opiniões acerca da função social da biblioteca pública e da atuação do bibliotecário de bibliotecas públicas catarinenses;
- d) coletar opiniões sobre boas praticas éticas de bibliotecários em bibliotecas públicas;
- e) analisar os conceitos de exclusão expressos por estes profissionais
- f) descrever o sentido de exclusão social expresso por estes profissionais.

Ao longo deste estudo são apontadas questões tomadas como relevantes a temática sobre valores, sobre o bem e o mal e a questão do dever com base nas ideias de Nietzsche (2013a) sobre a genealogia da moral interagindo com outras obras do

autor (2008, 2012a, 2012b, 2013b) e com reflexões de Flusser (2011b), Chauí (2000), Eco (2009), Sánchez Vázquez (2014), entre outros.

O tema exclusão social para fins de realização da pesquisa que resulta nesta Tese foi elaborado fundamentalmente a partir dos estudos de Elias e Scotson (2000) que oferecem uma base para confrontar com ideias de outros autores que abordam conceitos e noções filosóficas e sociais, bem como sobre atuação política, a exemplo de Nietzsche (2008, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b), Jodelet (2008), Sawaia (2008a, 2008b), Berger e Luckmann (2007), Flusser (2007, 2011b) e Sennet (2008).

Em seguida, buscou-se uma reflexão sobre a biblioteca pública no contexto brasileiro catarinense, bem como, a formação e atuação dos bibliotecários neste Estado. Como o estudo trata destes profissionais que atuam em bibliotecas públicas em Santa Catarina fez-se um esboço sobre o a formação do Estado, bem como, o contexto de políticas públicas para bibliotecas públicas. Esses temas tiveram o apoio preponderante na conversação entre as obras de Elias (1993, 1994b), Faoro (2012), Arendt (2007) e Flusser (1998).

Foram descritos os fundamentos, estratégias e caminhos da pesquisa. O primeiro delineado a partir da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (2009) e, embasado na TRS, ressalta a relevância da linguagem, do senso comum, da suspensão da crença e da ética na pesquisa para este estudo. Estão descritas também informações sobre os instrumentos de coleta e sobre a técnica utilizada para tratar e analisar os dados, bem como, os resultados obtidos mediante aplicação de questionário, diário de campo e entrevista, esta última, que resulta no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) final. Por fim, são expostas as interações com este DSC final e as considerações finais.

Estudar sobre o sentido de exclusão social expresso pelos dirigentes de bibliotecas públicas catarinenses no âmbito da Ciência da Informação com a abordagem proposta nesta Tese culminou na necessidade de refletir sobre outras questões que se relacionam com a temática: a relevância da biblioteca pública atualmente, os motivos que ocasionam a sua distância do “povão”, sobre a formação atual dos bibliotecários no Brasil, as dificuldades que encontram em seus ambientes de atuação entre tantas outras questões que podem auxiliar na busca por

estratégias para o cuidado com o ser e com o planeta por intermédio das pesquisas científicas.

Pesquisas estas que, na história da humanidade, por vezes, ofereceram recursos para sustentar a ideia da guerra e da morte com argumentações que revelam a carência da busca de uma sabedoria para os estudos acadêmicos.

2 FIGURAÇÕES RELEVANTES

“Configuração” ou “figuração” são termos utilizados por Norbert Elias em oposição ao termo “sistema” utilizado por Talcott Parsons em seus estudos sobre o funcionalismo estrutural. Elias desenvolveu a ideia de que a vida social é baseada em padrões (figuras) que surgem de interações entre indivíduos interdependentes – não somente do indivíduo isolado, nem em sistemas sociais externos ao indivíduo. (CESARINO, 2012).

É neste contexto que os conceitos pertinentes são esboçados, como parte de uma figuração, interdependentes. Tais conceitos e ideias estão presentes neste estudo. Sua adoção provém do entendimento de que são elementos essenciais no processo que ambientação do pesquisador, da preparação para seu encontro com os participantes que colocaram seus discursos carregados de representações. Sem estas, não haveria possibilidade de desenvolvimento desta pesquisa, já que toda análise e reflexão tiveram origem nestas falas.

Inicialmente são elaboradas reflexões sobre a moral e os valores morais, bem como, o dilema que é exclusivo do humano, a escolha, que coloca o indivíduo entre o bem o mal e o imperativo do dever. Estes temas, tratados por vários autores, nesta tese tem como fonte principal os estudos sobre a genealogia da moral de Nietzsche (2013a) e que estão presentes em várias outras obras do autor (NIETZSCHE, 2012a, 2012b, 2013b, 2008). Tais abordagens trazem elementos que compreendem questões éticas. Para este estudo, abordá-las se justificou na medida em que socialmente fazemos escolhas, as quais se dão em concordância com um padrão moral pautado em valores que são partilhados. Os processos de exclusão social também estão presentes nestas figurações.

O tema exclusão social teve uma abordagem e fundamentação a partir da pesquisa etnográfica de Norbert Elias em co-autoria com John L. Scotson (ELIAS; SCOTSON, 2000)⁸. Para explanação do tema nesta Tese foi construída e exposta uma síntese sobre a evolução do conceito da exclusão social,

⁸ Obra resultado de três anos de trabalho de campo em Winston Parva (nome fictício para uma cidade do interior da Inglaterra) que culminou na obra “Os estabelecidos e os *outsiders*”.

com destaque para alguns elementos pertinentes ao tema e o estabelecimento de algumas relações com a temática das bibliotecas públicas.

As bibliotecas públicas – sempre entendidas neste texto como mantidas com recursos estatais – possuem uma história singular no contexto brasileiro e do Estado de Santa Catarina. Constituem o ambiente de atuação dos entrevistados, bibliotecários catarinenses, que possuem uma formação acadêmico-profissional própria, e congregam um grupo específico. As bibliotecas públicas representam também um ambiente em que se dá um exercício de cidadania, o acesso aos serviços por elas prestados constitui um direito humano e social dos indivíduos e um dever do Estado, “movimentando-a” por meio de políticas públicas.

2.1 Os valores, a moral, as escolhas e o dever: questões éticas pertinentes

Uma questão que é primordial para o ser humano é a que se relaciona com a preservação da sua espécie. A partir da busca de garantias de uma sobrevivência básica (bebida, comida, local para dormir em segurança etc), os indivíduos lutam permanentemente por melhores condições de vida no ambiente em que vivem. Toda técnica - cultura desenvolvida ao longo dos tempos - de certa forma, foi criada para garantir essas condições cada vez mais aprimoradas e facilitadoras da existência nesse mundo compartilhado. É possível mencionar a invenção da roda, da escrita (e de seus suportes como argila, papiro, pergaminho, papel e outros utilizados ao longo da história), dos maquinários para arar a terra facilitando e ampliando o trabalho agrário, dos instrumentos musicais, dos instrumentos de tortura e punição e tantas outras técnicas como meios e formas pensadas e elaboradas pelo homem para a ampliação de sua cultura.

Podemos gerar um estranhamento e até ofuscar o “brilho” do raciocínio que vinha construindo no parágrafo anterior, quando elaboro uma reflexão acerca das criações do homem no sentido de prolongar e melhorar sua qualidade de vida e menciono sobre instrumentos de tortura e punição. Nietzsche (2008) no prefácio da obra “Aurora” destaca que a moral não dispõe de meios para manter à distância os instrumentos de tortura, por exemplo.

Os instrumentos de tortura e punição são técnicas que foram criadas pelo homem (uma escolha), supostamente, para garantir controle e segurança social (foram criados como algo que iria trazer um bem). Tais mecanismos - desde o “touro de bronze” na Antiguidade, passando pelo “desmembramento a cavalo” em tempos medievais e a guilhotina (que garantia uma morte rápida e “sem sofrimento”) em pleno século das luzes - cada um deles em seu tempo, exprime valores específicos, com base na moral vigente em cada situação de espaço e tempo.

As escolhas entre o que representa o bom ou o mau, dos valores e da moral são questões que se relacionam com a ética. Nesta tese intencionaram uma reflexão mais ampla para a abordagem das temáticas sobre exclusão social, sobre os agentes que atuam em bibliotecas públicas e sobre o Estado e políticas públicas.

2.1.1 Os valores e a moral: sobre o instinto de rebanho e a “ovelha negra”

*Quem anda no trilho é trem de ferro, sou
água que corre entre pedras: liberdade
caça jeito
(Manoel de Barros)*

As coisas da natureza existem em si, não dependem do homem. Nietzsche (2012) enfatiza que o universo tem o caráter de caos eterno – ele não é perfeito nem belo, nem nobre – ele não procura imitar o homem, tampouco tem impulso de auto conservação, cria eternamente o novo (NIETZSCHE, 2012b, p. 127).

A necessidade de estabelecer o cosmos (a classificação das coisas por meio da linguagem) é uma criação humana como menciona Flusser (2007). Se as coisas são úteis ou inúteis, justas ou injustas, belas ou feias estes atributos são uma referência humana. Valores são produções humanas.

Sánchez Vázquez (2014, p. 136,137, 138) faz uma analogia a partir da prata e de sua dupla existência para a concepção humana: como um objeto natural e como um objeto humanizado (cultural). No primeiro caso, trata-se de um elemento da natureza com propriedades físico-químicas para o olhar do cientista e, em sua relação de conhecimento com este elemento

se abstém de formular juízos de valor a seu respeito (a menos que atribua seu valor para uma pesquisa específica, por exemplo, fazendo alusão a um atributo prático-utilitário ou até mesmo econômico). No segundo caso, a prata ganha outros atributos para além de suas propriedades físicas e químicas – pode servir de enfeite e contemplação (atributo estético), para fabricação de objetos utilitários (atributo prático-utilitário), como moeda (atributo econômico). Portanto, adquire valor à medida que torna-se objeto cultural em sua relação com o homem. Um objeto valioso existe enquanto valioso na sua relação com o sujeito que atribui e sustenta tal valor.

Os valores existem para um sujeito que é um ser social. Ele, coletivamente, cria valores e os bens nos quais se encarnam - independentemente se existem objetivamente ou como ideias. As coisas da natureza, não criadas pelo homem, adquirem valor à medida que interagem com o humano e existem, portanto, num mundo social. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2014).

É possível atribuir valores para coisas e sentimentos. Entretanto, ao mencionarmos que um relógio é bom, por exemplo, não atribuímos a este “bom” um valor moral, mas sim o valor da utilidade, tem um significado axiológico positivo com relação ao valor “utilidade” e “beleza”, mas não tem significado moral. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2014). Portanto, existem valores morais e valores não morais. Os primeiros são os que interessam para este estudo em que se pretende investigar as percepções e estas são compostas de valores distintos. São estes valores que expressam os fenômenos que se deseja evidenciar.

Nietzsche (2012b, p. 132) enfatiza que não existe vivência que não seja moral. Os costumes de determinado grupo fazem parte da formação do indivíduo e o educam para respeitar e reproduzir os valores propostos por tais costumes, preconizados como bons. A moral constitui esse conjunto de valores relativos ao bem e ao mal, permitido e proibido, a conduta correta válida para os membros de uma determinada sociedade como obrigações, deveres. (CHAUÍ, 2000). A linguagem, que será abordada mais adiante neste texto, tem papel preponderante neste processo, como enfatizam Berger e Luckmann (2007), no sentido de possibilitar a interiorização de determinado valor que é partilhado marcando as coordenadas da vida na sociedade. Portanto, a moral atua como reguladora das relações entre os indivíduos.

A moral possui um caráter histórico. Isso pode ser afirmado à medida da percepção de que a moral existente hoje, nas mais diferentes sociedades, não é a mesma moral que nelas predominava em tempos anteriores. E tais mudanças não são exclusivas de períodos históricos de longo prazo já que é possível para um adulto experimentar no decorrer da sua vida a alternância de valores morais. Sánchez Vázquez (2014, p. 37) enfatizou que tal questão é decorrente do caráter humano de “estar-se fazendo ou se autoproduzindo constantemente”.

Tal mudança se dá pelo espírito reflexivo. O início para tal processo é a dúvida e o questionamento sobre a própria conduta ou situação. Flusser (2011a, p. 21) ressalta que as certezas originais uma vez colocadas em dúvida nunca mais serão certezas autênticas, “a dúvida é um estado de espírito polivalente, pode significar o fim de uma fé, ou pode significar o começo de outra.” O autor destaca que a dúvida “como exercício intelectual, proporciona um dos poucos prazeres puros, mas como experiência moral ela é uma tortura.” (FLUSSER, 2011a, p. 21).

Os costumes da sociedade, anteriores ao nosso nascimento, são considerados por vezes inquestionáveis e quase sagrados (CHAUÍ, 2000, p. 437). Portanto, os preceitos morais, possuem este imperativo, uma ideia de verdade, uma regra de dever. Para Nietzsche (2008) verdade é o sentido da segurança. O autor provoca ao mencionar que a aceitação de uma crença com o argumento de seguir um costume é um indício de má fé, covardia, preguiça – predicados considerados a primeira condição da moral. (NIETZSCHE, 2008).

Ao rememorar outro pensamento de Nietzsche (2012b) de que “moralidade é o instinto de rebanho do indivíduo” pode-se expandir o raciocínio. O instinto de rebanho é o instinto de grupo, de ser conduzido, de obediência, de fazer concessões particulares. Um sentido de estar em coletividade, em concordância - um sentido de pertencimento. Permeia o senso moral e, portanto, a experiência moral da dúvida é colocada como tortura por Flusser (2011a) conforme citado anteriormente.

A ovelha que caminha junto com seu rebanho não está perdida, está “segura”. Do contrário, trata-se de uma ovelha sozinha, desgarrada, excluída. Na sociedade possivelmente poderá ser chamada de “ovelha negra”, e já foi mencionada em

algumas canções - essa criatura “perdida, procurando se encontrar”⁹ - e diferenciada das demais... Flusser (1998, p. 32) faz uma relação com a sensação de desorientação salientando que os chamados “bem integrados” (ou “quadrados”) não se sentem perdidos e que nós somos “quadrados” na maioria das vezes. A sensação de desorientação, “a angústia do beco sem saída”, por vezes toma conta do indivíduo e, se prolongada por períodos extensos, demonstra-se insuportável. Entretanto são estes mesmos momentos (por fugazes que sejam) reveladores de atitudes e que “tentar manter a sensação de desorientação desperta”. Tal situação é necessária ao agir, ao exercício de liberdade (FLUSSER, 1998, p. 32).

Nietzsche (2008) elabora uma reflexão sobre os livres agentes mencionando que

[...] É indispensável recordar muitas das calúnias que caíram sobre todos os que, com seus atos, romperam a autoridade de um costume: geralmente foram eles chamados criminosos. Todos os que derruíram a lei moral estabelecida foram sempre considerados como **homens maus**: mas quando se restabeleceu a lei e se aceitou a mudança, o atributo sofreu a pouco e pouco uma transformação; a história trata quase exclusivamente destes **homens maus** que, mais tarde, foram chamados **bons**! (NIETZSCHE, 2008. p. 28).

O autor denominou tais mutações da moral, responsáveis pelas inovações dos pensamentos morais, de crimes afortunados (NIETZSCHE, 2008, p. 73). Postula que necessitamos de uma crítica dos valores morais e que, para tanto, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – o que implica no conhecimento das condições e circunstâncias de surgimento desses valores, bem como, como se desenvolveram e se modificaram. Tomava-se o valor desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” um valor

⁹ “Ovelha negra”, canção de Rita Lee lançada em 1975 no álbum “Fruto Proibido”.

mais elevado que ao “mau” - mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o homem (não esquecendo o futuro do homem). (NIETZSCHE, 2013a).

Este autor propõe uma *transvaloração dos valores*, ou seja, já não deseja apenas descobrir que valores vigoram neste mundo mas, igualmente, criar valores novos (SAFRANSKI, 2012, p. 293-294, grifo nosso). Está presente a ideia de recriação do homem a partir de um permanente questionamento (Ah! O valor da dúvida!) e neste sentido, como filósofo da vida, pode-se estabelecer uma consonância entre Nietzsche e Vilém Flusser para quem “viver é assumir-se para alterar-se”, de questionar-se para a mudança e transformação, de “alterar-se, a fim de alterar o mundo”. (FLUSSER, 1998, p. 14, 57). Tal postura requer a revisão dos valores e dos preceitos morais.

A essência do que é verdadeiramente moral consistiria em “considerar as consequências próximas e imediatas que podem ter nossas ações para com os outros e em decidir-nos segundo estas consequências” (NIETZSCHE, 2008, p. 111). Embora seja uma moral, Nietzsche (2008) argumenta que seria superior olhar além destas consequências imediatas para o próximo no sentido de animar propósitos mais distantes, ainda que com risco de sofrerem os outros. O autor exemplifica a partir do raciocínio traçado anteriormente acerca das benesses da dúvida. Se alentássemos o conhecimento, “apesar da certeza de que nossa liberdade de espírito começará primeiramente por lançar os outros na dúvida, no pesar e em algo pior ainda.” Pergunta: “Não temos o direito de tratar o nosso próximo, pelo menos, da mesma maneira que nos tratamos?” “E se não pensamos para nós mesmos de maneira tão estreita [...], nas consequências e sofrimentos imediatos, por que haveremos de estar obrigados a tratar desse modo o nosso próximo?” (NIETZSCHE, 2008, p. 111).

Valores existem a partir do humano. Este humano sente, pensa e age de “lugares” diferenciados e tal característica é fundamental no processo de atribuição de valor. Tal pensamento é relevante na abordagem da questão da exclusão social, que será mencionada mais adiante no texto, em que se configuram classificações aos sujeitos e grupos, que se demonstram prejudiciais ao exercício de liberdade, de exercício do existir.

Tais classificações se tornam significativas, cristalizam-se como cultura a partir dos valores morais que foram atribuídos a

determinados grupos - como mais ou menos importantes. Tal atribuição não é conferida a partir de um ordenamento natural, mas é designada por indivíduos distintos. Quem estabeleceu o que é bom e o que é mau, quem é digno e quem é indigno, o que tem valor e o que não tem?

2.1.2 Entre o bem e o mal e o “tu deves”

O homem considerado mais moral, segundo Nietzsche (2008), é o que se sacrifica aos costumes (maneira tradicional de se proceder e se avaliar). Alguns, para quem “toda maneira de pensar individual faz tremer”, costumam pensar que os costumes ficaram mais relaxados - sob o domínio da moralidade dos costumes, toda espécie de originalidade tinha má consciência e indivíduos com tais espíritos são considerados maus e perigosos. (NIETZSCHE, 2008, p. 18, 20, 21).

O costume é, portanto, fundamental para a manutenção dos preceitos morais, da ideia do que se considera o bem e do que se considera o mal. Alguns estudiosos se dedicaram ao estudo do surgimento dos valores morais que estão impregnados nas palavras bem e mal (ou bom e mau) e Nietzsche foi um deles. Ele se perguntava: de onde se originam verdadeiramente o nosso bem e o nosso mal? “Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? E que valor têm eles”? (NIETZSCHE, 2013a, p. 9)

Em sua obra “Genealogia da moral”, Nietzsche (2013a) persegue suas dúvidas. Entrou em discordância com os estudos dos até então historiadores da moral, psicólogos ingleses, que supunham que sua gênese encontrava-se originalmente nas ações consideradas ‘boas’, louvadas até então como não egoístas, por aqueles aos quais eram feitas, consideradas úteis. Em virtude do costume, mesmo posteriormente, esqueceu-se o louvor e toda ação não egoísta foi sentida como boa em si.

Nietzsche (2013a), entretanto, como filólogo de formação, percorreu o caminho do ponto de vista etimológico, buscando a designação da palavra “bom” nas diversas línguas e descobriu que todas remetem para a mesma transformação conceitual. Em todas, as palavras “nobre”, “aristocrático” (em seu sentido social) são o conceito base em que se desenvolveu a palavra “bom” – com o sentido de “espiritualmente nobre”, “espiritualmente bem nascido”, “espiritualmente privilegiado”. Tal entendimento é

concomitante ao entendimento que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar para o conceito de “ruim”. (NIETZSCHE, 2013a, p. 18)

Neste caminho de raciocínio, o juízo “bom” não provém daqueles aos quais se fez o bem como supunham os historiadores da moral, mas dos nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento que sentiram e estabeleceram para si os seus atos como sendo bons, tomando para si o direito de criar valores, designar nomes para o lhes era útil. Tal pensamento remete para a relação da linguagem como expressão de poder. (NIETZSCHE, 2013a).

O autor cita um exemplo do idioma alemão em que *schlecht* (ruim) é idêntico a *schlicht* (simples), que originalmente designava o homem simples, comum, ainda isento do olhar pejorativo. Nas palavras e raízes que designam o “bom” transparece o poder de indivíduos de categoria superior, tanto de designar a si mesmos como poderosos, ricos, possuidores mas também detentores de um traço típico de caráter. (NIETZSCHE, 2013a).

Eles se denominam, por exemplo, “os verazes”; primeiramente a nobreza grega [...]. A palavra cunhada para este fim, *ἐσθλός* (bom, nobre) significa, segundo sua raiz, alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro; depois, numa mudança subjetiva, significa o verdadeiro enquanto veraz: nesta fase da transformação conceitual ela se torna lema e distintivo da nobreza, e assume inteiramente o sentido de “nobre”, para diferenciação perante o homem comum *mentiroso* [...] até que finalmente, como declínio da nobreza, a palavra resta para designar a aristocracia espiritual, tornando-se como que doce e madura. (NIETZSCHE, 2013a, p. 19-20, grifo do autor).

“O homem tem atribuído a tudo quanto existe uma relação com a moral, pondo sobre as espáduas do mundo uma significação ética” (NIETZSCHE, 2008, p. 17) e a linguagem está também neste contexto. Mais adiante nesta tese, em abordagem sobre a linguagem, Flusser (2007) despontará a partir do

pensamento de que a linguagem se relaciona diretamente com a realidade e uma das suas características é organizar o caos, compor um sistema, um cosmos, que desenrola dentro de nossas mentes, formando e governando nossos pensamentos. (FLUSSER, 2007).

Um exemplo desta relação entre língua e realidade é colocado por Sennet (2008). Na Grécia Antiga da época de Péricles, os gregos atribuíam grande valor à nudez e o ato de exhibir-se confirmava sua dignidade de cidadão. O calor do corpo era a chave da fisiologia humana, quem era capaz de absorver o calor e manter o equilíbrio térmico (e por isso dispensava roupas) era considerado mais forte, reativo e ágil – valores e preceitos que se adentravam a linguagem pois para Platão, as expressões “palavras quentes” e “calor do debate” não eram metafóricas, mas literais. Existia a crença de que quando se falava, ouvia ou lia, a temperatura do corpo se elevava junto com seu desejo de agir, confirmando uma convicção de Péricles sobre a unicidade de palavras e ações. Homens eram corpos quentes, mulheres e escravos, corpos frios. (SENNET, 2008, p. 31, 40)

Nietzsche (2008, p. 44) em uma de suas últimas obras, declara que “para atingir o conhecimento, é preciso tropeçar-se constantemente com palavras que se tornaram eternas e duras como a pedra” (NIETZSCHE, 2008, p. 44). O costume, perpetuado ao longo dos tempos, dá conta de cristalizar tais palavras e também o valor que carregam.

Independente do que se possa considerar bom ou mau e da possibilidade de levá-los à reflexão (como exercício de liberdade) no tocante aos seus valores que foram consolidados ao longo do tempo – assim como nossos costumes - temos deveres e estes se demonstram por vezes imperativos em nossa existência. Chauí (2000) a partir deste pensamento menciona um paradoxo: se a questão ética assim colocada, como a possibilidade de reflexão dos valores morais exige um sujeito autônomo, a questão do dever não introduziria uma ideia de domínio de nossa vontade e de nossa consciência por um poder estranho a nós? Nietzsche (2008, p. 13) enfatiza que “não há dúvida; a nós também fala um ‘tu deves’”, todos obedecem a uma última lei severa, acima de nós, para “homens de consciência”, que pode ser chamado de “Deus, virtude, verdade, justiça, amor ao próximo”.

Esse dever se relaciona com a implicação de noções comuns que partilhamos em toda cultura e isso, conforme Eco (2009), interage com a posição do nosso corpo no espaço. Todos possuímos postura ereta, temos noção de alto e baixo, direita e esquerda, do estar parado e da inércia, da vigília e do sono, o ver, o ouvir, o perceber, recordar, sentir desejo, tristeza, alívio, prazer... Universalmente sabemos o que é o constrangimento, quando alguém nos impede de falar, ver ouvir, dormir; sofremos quando alguém nos tortura, nos segrega, quando anulam nossa capacidade de pensar. (ECO, 2009).

Eco (2009, p. 83) introduz como a base de uma ética, o respeito à corporalidade do outro e destaca que toda lei, moral ou jurídica, regula relações entre as pessoas, “inclusive aquelas com um Outro que a impõe”. Neste sentido, retomando Nietzsche (2008) ele enfatiza que deveres são direitos que outros exercem sobre nós e o meu direito é a parte do meu poder que os outros me concederam e desejam manter para mim. Tais relações são interdependentes, no sentido e entendimento das figurações de Elias (1994a) e são relações que inserem a questão da igualdade, da equidade entre os seres.

As noções de dever e de direito estão interligadas. Direito e moral também se relacionam pois ambos, conforme Sánchez Vázquez (2014), visam a garantia de certa coesão social, servem de reguladores das relações entre os homens com um dever, como algo obrigatório.

Onde quer que reine o direito, mantém-se um estado e certo grau de poder. Os direitos se formam em consonância com graus de poder reconhecidos e garantidos e, mudando as relações de poder, os direitos desaparecem e surgem outros. Ser um homem equitativo é difícil e exige experiência, boa vontade e ilimitado bom espírito. Tal homem tem necessidade do tato sutil de uma balança para avaliação dos graus de poder e de direitos. Em virtude da vaidade humana, estes graus não permanecerão em equilíbrio por muito tempo e a balança tenderá a descer e subir. (NIETZSCHE, 2008, p. 81-82). A história da humanidade é repleta de exemplos em que figuram estes movimentos em que ora uns grupos estão pesando mais na balança, ora outros – revelando atuação política.

O dever para com o outro direciona os indivíduos no sentido do equilíbrio desta balança, já que a crueldade entre os indivíduos se demonstra recorrente ao longo da história.

Nietzsche (2008, p. 26) ao tratar da relação entre crueldade e poder destaca que desde a Antiguidade, em que se acreditava que os deuses regozijavam com espetáculos cruéis, houve um costume que se estabeleceu, uma prática conforme esta ideia que “desconfia do bem-estar silencioso” e se confia “nos estados de sofrimento (dizem que os deuses poderiam ser-nos hostis vendo nossa felicidade e favoráveis vendo nosso sofrimento).”

Essa relação entre sofrimento e prazer implicada na vida humana pode ser bem representada na obra de Sontag (2011), “Diante da dor dos outros” que traz uma reflexão sobre o efeito das imagens de sofrimento em nossas vidas. Nas expectativas e no sentimento de uma ética moderna, insere-se uma convicção de que a guerra, ainda que inevitável, é uma aberração e de que a paz, embora inatingível, é uma norma. Entretanto, ao longo da história, a guerra foi norma e a paz exceção. As imagens de guerra retratadas por artistas revelam o quanto um campo de batalha ensanguentado pode ser belo (no registro sublime, aterrador ou trágico do belo). Também um trânsito lento em determinada via em que houve um acidente com severas perdas humanas e materiais revela o quanto os indivíduos sentem desejo em ver algo horripilante, um desejo que não é raro e que constitui “fonte permanente de tormento interior”. (SONTAG, 2011, p. 64-65, 80).

O homem moral traz impregnado como virtude o sofrimento frequente da privação, da existência penosa. O passo adiante para o livre pensar foi conquistado a custa de torturas intelectuais e físicas – a pequena parcela de razão humana e sentimento de liberdade teve um custo alto para a humanidade (NIETZSCHE, 2008).

Enfatizar as relações entre tais questões relativas aos nossos costumes e os valores morais (o que é bom, o que é mau) foi pertinente neste estudo em que figura a questão da exclusão social. Berger e Luckmann (2007) acentuam que quando nascemos, nos encontramos num mundo já dado, inclusive com valores morais e costumes que apreendemos. Se nos ensinam valores morais – justiça, igualdade, veracidade, generosidade, coragem, amizade, direito à felicidade – e, paradoxalmente impedem que se concretize na vida dos indivíduos, é porque está configurada neste impedimento - “o reconhecimento da contradição entre o ideal e a realidade é o

primeiro momento da liberdade e da vida ética como recusa da violência”, o segundo, demonstra-se na busca por brechas pelas quais se possa concretizar na realidade da vida cotidiana o que se propõe como ideal. (CHAUÍ, 2000, p. 470).

Nietzsche (2008, p. 74-75, grifo do autor), o proponente de uma transvaloração dos valores, ao admitir não ser um insensato, declara ser preciso “evitar e combater muitas ações que se denominam imorais” e de igual forma, “realizar e fomentar muitas daquelas que se denominam morais”, crendo ser preciso fazer as duas coisas por razões diferentes das razões em que são propostas – “devemos mudar nossa **maneira de ver** para chegar, finalmente, talvez demasiado tarde, a mudar nossa **maneira de sentir**.”

Outra maneira de ver e de sentir como proposto por Nietzsche, provavelmente irá gerar um novo conhecimento e este, segundo Berger e Luckmann (2007, p. 42), pode trazer um novo problema - quando isso acontece, a realidade da vida cotidiana “procura integrar o setor problemático dentro daquilo que já é não-problemático”, ou seja, dirimir a dúvida, encontrar solução.

Neste processo de aprendizagem outras dúvidas surgem e geram o esforço humano de reflexão sobre as questões que afetam seu cotidiano, como é o caso da exclusão social.

2.2 Exclusão social: a figuração de Winston Parva, a evolução do conceito, elementos pertinentes e algumas relações com a biblioteca pública

É possível que mesmo sem uma noção ou conceito mais aprofundado de exclusão, ao pensar na palavra, se estabeleça uma associação com ideias como solidão, rejeição, humilhação... Pode-se supor também que os excluídos são pessoas que sofrem o impacto desta exclusão, uns mais, outros menos, dependendo do que estão sendo ou foram apartados, ou deixaram de ter acesso, bem como, da necessidade deste algo para cada um desses grupos ou indivíduos. Uns irão reagir a tal ação, outros irão se ajustar, outros talvez desenvolverão uma postura conformada. Há, possivelmente, os que até irão concordar com os motivos pelos quais são excluídos de determinadas situações da vida cotidiana, como merecedores de tal condição.

O que não se pode negar é que tal condição produz impactos para os supostos excluídos e, como compartilhamos o mesmo ambiente, de certa forma, interfere sobre todos, excluídos ou não.

Há vários motivos pelos quais indivíduos ou grupos são excluídos de certos âmbitos da sociedade. Entretanto vale destacar inicialmente o estudo de Costa (2010) que durante dez anos conviveu com os garis de uma cidade universitária em São Paulo. Ali constatou que estes, a partir de sua ocupação, tem sua humanidade ignorada, são muitas vezes vistos como “coisa”. Em sua pesquisa relata acerca do sofrimento de quem é “invisível” socialmente e constata as consequências desta situação para estes indivíduos na vida cotidiana, que sentem o abandono e desamparo (inclusive no corpo) em virtude das precárias condições de trabalho e do estigma social. (COSTA, 2010)

A invisibilidade é a ausência do olhar do outro. Eco (2009, p. 83) enfatiza que “nós (assim como não conseguimos viver sem comer ou sem dormir) não conseguimos compreender quem somos sem o olhar e a resposta do outro”. Berger e Luckmann (2007) se associam a esta ideia enfatizando que aquilo que somos e a reflexão sobre nós mesmos são ocasionados a partir da manifestação do outro sobre nós, ressaltando a relevância do face a face na realidade da vida cotidiana.

Quais as consequências da indiferença, da negação do olhar para a vida coletiva? Quais situações e quais valores partilhamos socialmente que possam conferir fundamento para as práticas de exclusão?

Essa argumentação nos direciona para a lembrança da relevância do cuidado com o humano e com o planeta e convida Boff (2008) para a conversa. O autor destaca tal questão como um sintoma de uma crise civilizacional que aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso, do abandono.

Tais questões foram abordadas à luz da pesquisa etnográfica realizada por Elias e Scotson (2000) e serviram de fundamento para o contexto acerca da “exclusão social”, que, como será exposto, é um tema ambíguo, utilizado por muitas áreas do conhecimento em diversos contextos diferenciados, necessitando um alinhamento no âmbito deste estudo. A abordagem se deu a partir da evolução do termo e de conceitos pertinentes à temática para a Tese em questão, bem como, da sua relação com as bibliotecas públicas.

2.2.1 Os muros de Winston Parva: fundamentos da exclusão social

Muro é uma técnica criada (construída) e utilizada pelo homem para estabelecer os limites que lhe convém. Inicialmente poderíamos pensar que foi criado para trazer sensação de segurança, proteção. Aqui trataremos de muros simbólicos, percebidos ou não pelos que os erguem ou por quem é, por eles, separado.

Durante três anos, Elias e Scotson (2000) observaram uma cidade no interior da Inglaterra, que batizaram com o nome fictício de Winston Parva. Nesta cidade um fenômeno despertou o interesse dos dois pesquisadores por tratar-se de uma comunidade da periferia urbana com uma clara divisão entre um grupo estabelecido no local desde longa data e um grupo de moradores recém-chegados - que eram tratados pelo primeiro como *outsiders*. O primeiro grupo colocava dificuldades ao relacionamento (muros) entre eles e os estigmatizava como pessoas de menor valor humano e considerava que lhes faltava a virtude humana superior que o grupo atribuía a si mesmo. Nesta pesquisa em Winston Parva é possível encontrar, em miniatura, um tema humano universal: de grupos que se pensam e se auto-representam, a si mesmos, como superiores. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Essa questão da temática de divisão de classes não é recente. Elias e Scotson (2000) lembram que já na Antiguidade o termo aristocracia significava, literalmente, “dominação dos melhores”, era aplicado ao tipo de relação de poder, que permitia à classe mais alta ateniense, composta de guerreiros (senhores de escravos), assumir a posição dominante em Atenas. O termo “nobre” preserva o duplo sentido atribuído a uma categoria social elevada e também a uma atitude humana altamente valorizada (presente, por exemplo, na expressão “gesto nobre”), assim como o termo “vilão”, derivado de um termo que era aplicado a um grupo social de condição inferior, de baixo valor humano, conserva um significado neste sentido, designando um indivíduo de moral baixa. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

As palavras são carregadas de significado que são parte de um estoque de conhecimento e atribuídas pelos indivíduos que partilham a realidade da vida cotidiana. Constituem vastas

acumulações (que são seletivas) “de significados e experiências, que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações seguintes”. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 57). Nietzsche também fez alusão à transformação conceitual dos termos “nobre” e “aristocrático” no sentido social a partir da investigação etimológica para a designação de “bom”, cunhada nas diversas línguas, conforme já foi referido. O autor destaca que para além da superioridade no poder e da superioridade econômica, tais termos representavam um traço típico do caráter. (NIETZSCHE, 2013a, p. 18, 19).

Essa é auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes, quer como no caso de Winston Parva, de uma população de classe trabalhadora, estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança, os grupos mais poderosos. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 19-20).

Entretanto, como se pode observar, a relação entre estes dois grupos rompe as fronteiras das questões econômicas, étnicas e de crenças específicas e estabelecem outros aspectos diferenciais de poder. No caso de Winston Parva a diferença entre os grupos se dava em virtude do tempo de residência naquele lugar. A pesquisa a partir desta pequena comunidade, o que Elias e Scotson (2000, p. 21) denominaram de uma espécie de “paradigma empírico”, deixou explícita as limitações de teorias que explicam os diferenciais de poder exclusivamente em termos da posse monopolista de objetos não humanos (armas, meios de produção), desconsiderando aspectos figuracionais dos diferenciais de poder que se devem puramente a diferenças no

grau de organização dos seres humanos implicados. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Os estabelecidos de Winston Parva, em um modelo de figuração estabelecidos-*outsiders*, enxergam-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma virtude específica, compartilhada por todos os seus membros e faltante aos membros do outro grupo. Além disso, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os indivíduos inferiores se sintam carentes de tais virtudes, e eles mesmos, julgando-se humanamente inferiores. Os recém-chegados *outsiders* eram tratados pelos “estabelecidos” como indivíduos que não faziam parte do grupo e, eles próprios, após algum tempo, pareciam aceitar com resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade. Ali os autores depararam-se com o que denota ser uma constante universal entre este tipo de relação: o grupo estabelecido atribuía aos membros de seu grupo características humanamente superiores aos membros do outro grupo e os **excluía**. O tabu era perpetuado por meio da fofoca elogiosa (idealização) e mexerico depreciativo (degradação estereotipada) como mecanismos de controle social baseados na crença do carisma de um grupo e na desonra do outro. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

A pesquisa em questão trata da rede de relações entre pessoas que se organizam como uma comunidade (unidade residencial) que tem entre os problemas centrais o referente às distinções do valor atribuído a partir dessa relação. Passam a se ver e a ser vistas pelos outros como “melhores”, ou “menos agradáveis”, “menos dignas” e esse esquema que classifica as famílias de Winston Parva é central nos diversos setores da vida comunitária - seu agrupamento nas associações religiosas e políticas, na escola, nos bares e clubes. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

A partir de Winston Parva é possível perceber as diferenças de *status* e classificação para além do factual, ou seja, é possível perceber com maior clareza como são produzidas e o papel que desempenham na vida dos indivíduos. A manutenção do *status* superior exige recursos superiores de poder, condutas e crenças distintas que sejam transmissíveis e o *status* inferior caminha de mãos dadas com a degradação e o sofrimento. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Ao mencionar sobre as questões éticas anteriormente, foi possível esboçar algo a respeito da necessidade humana de classificar as coisas da realidade da vida cotidiana, através da atribuição de valores. Winston Parva revelou que estes processos classificatórios que permeavam os processos de exclusão causaram impactos na conduta dos indivíduos afetando o desenvolvimento da personalidade dos mesmos, sua auto-imagem e seu respeito próprio. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Elias (1994a) ao referir-se à interdependência dos indivíduos menciona que a forma com que os indivíduos se portam é determinada por suas relações, passadas ou presentes. Berger e Luckmann (2007) destacam que a formação do indivíduo deve ser compreendida na relação entre o contínuo desenvolvimento orgânico e o processo social, entretanto, os pressupostos genéticos do indivíduo são dados no nascimento, mas não é concebido desta forma o eu tal como é experimentado mais tarde como uma identidade subjetiva e objetivamente reconhecível.

Os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo produzem o eu em sua forma particular, culturalmente relativa. O caráter do eu como produto social não se limita à configuração particular que o indivíduo identifica como sendo ele mesmo [...] mas com o equipamento psicológico amplo que serve de complemento a essa particular configuração [...]. O organismo e, ainda mais o eu não podem ser devidamente compreendidos fora do particular contexto social em que foram formados. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 73-74).

Iniciar o texto sobre exclusão social com o estudo a partir de Winston Parva é uma tentativa de buscar uma fundamentação para o tema que demonstrou-se central nesta Tese, portanto, vez por outra farei um retorno aos muros de Winston Parva.

2.2.2 Evolução do conceito

Exclusão é tema abordado nas mais diversas áreas do conhecimento, entretanto ambíguo, como menciona Sawaia

(2008, p. 7), pouco preciso e dúbio ideologicamente; permite usos retóricos de diferentes qualidades – “desde a concepção de desigualdade como resultante de uma deficiência ou inadaptação individual, falta de qualquer coisa, um sinônimo do sufixo sem (*less*), até a de injustiça e exploração social”.

Ao realizar levantamento em bases de dados nas áreas de ciências sociais aplicadas e ciências humanas, percebe-se a variedade de grupos humanos aos quais vem sendo atribuídos o rótulo de excluídos socialmente ou são alvo de políticas de inclusão: analfabetos (incluindo os analfabetos digitais), portadores das mais diversas deficiências, pessoas de etnias específicas, desempregados, moradores de rua, idosos, grupos profissionais específicos (garis, por exemplo)...

Xiberras (1993 apud WANDERLEY, 2008) destaca que “excluídos são todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores”. Nesse sentido, há uma exclusão cultural em que valores não são reconhecidos e, como mencionado anteriormente, são também desqualificados.

Jodelet (2008, p. 53), entretanto, destaca um nível onde uma abordagem única da exclusão pode fazer sentido e que nos remete ao exemplo já mencionado de Winston Parva: “o nível das interações entre pessoas e entre grupos, que dela são agentes ou vítimas.”

A autora explica que a exclusão

induz sempre uma organização específica de relações interpessoais ou intergrupos, de alguma forma material ou simbólica, através da qual ela se traduz: no caso da segregação, através de um afastamento, da manutenção de uma distância topológica; no caso da marginalização, através da manutenção do indivíduo à parte de um grupo, de uma instituição ou do corpo social; no caso da discriminação, através do fechamento do acesso a certos bens ou recursos, certos papéis ou status, ou através de um fechamento diferencial ou negativo. (JODELET, 2008, p. 53).

Em todos estes casos são estabelecidos “muros” como no caso de Winston Parva.

O desenvolvimento das pesquisas em torno do tema inicia a partir dos comportamentos hostis (que dão à exclusão manifestações extremas) desde antes da Segunda Guerra Mundial. Na evolução, são estudadas abordagens individuais da agressão em contextos de relações de poder que, na década de 1950, deu impulso ao estudo de conceitos como preconceito e estereótipo, instituindo a questão da exclusão. (JODELET, 2008).

Ao francês René Lenoir atribui-se a invenção do termo, em 1974, a partir da publicação do livro “Os excluídos: um francês sobre dez” que alargou a concepção como fenômeno de ordem social (para além do individual), cuja origem deveria ser investigada a partir das sociedades modernas atribuindo suas causas ao processo de urbanização, inadaptação e uniformização do sistema escolar, o desenraizamento ocasionado pela mobilidade profissional, desigualdades de renda e de acesso a serviços. (LEAL, 2004; WANDERLEY, 2008).

A partir de autores franceses contemporâneos, expoentes relacionados ao tema, pode-se destacar conceitos que emergiram de diferentes matrizes psicológicas e sociológicas: conceitos relacionados aos “deixados de lado” e desqualificados (quer pelo mercado de trabalho, políticas sociais, etc), por Paugam; a relação entre desinserção, pobreza, valor e utilidade social abordada por Gaujelac e Leonetti; o conceito amplo (conceito horizonte) que abrigava vários significados que reuniam pessoas e grupos abandonados e desafiados foi abordado por Castel. (VÉRAS, 2008; WANDERLEY, 2008).

No Brasil a noção de exclusão social que ganha força é proveniente das ciências sociais francesas, entretanto, tal noção só irá se fortalecer a partir da década de 1980. (LEAL, 2004; WANDERLEY, 2008)

A partir da década de 1950 na maioria das cidades latino-americanas e, no Brasil, principalmente nos anos referentes às décadas de 1960 e 1970, o termo que estava em voga era marginalidade social em virtude dos problemas urbanos principalmente como consequência do êxodo rural das regiões norte e nordeste para o sudeste. Na época entendia-se que os problemas urbanos relativos à moradia (favelas), mendicância e delinquência poderiam ter raízes nestes processos. (VÉRAS, 2008; MAIOLINO; MANCEBO, 2005).

Portanto, questões que mais tarde foram compreendidas como de exclusão social apresentavam inicialmente como fato, a

ocorrência do deslocamento de um grupo de pessoas para outra localidade. Elias e Scotson (2000) enfatizam que os processos migratórios e de mobilidade social por vezes são concebidos somente como aspectos de uma questão geográfica (pessoas se deslocando fisicamente de um local para o outro). Entretanto, elas se deslocam impreterivelmente de um grupo social para o outro e precisam estabelecer relações com grupos já existentes.

Um exemplo do que foi abordado anteriormente sobre a relação da linguagem com a qualificação ou desqualificação moral é o termo marginalidade, pertinente a esses conglomerados que se levantaram às margens do corpo urbano tradicional das cidades (MAIOLINO; MANCEBO, 2005). Envolto no contexto econômico, social e político de um determinado período histórico, nos dias de hoje não é raro o termo “marginal” estar associado não aos que estão num determinado local do espaço territorial, mas aos delinquentes, criminosos.

O termo “exclusão social” desponta no cenário nacional brasileiro a partir da segunda metade da década de 1980, em trabalhos de Hélio Jaguaribe, na mídia e na produção acadêmica. Cristóvão Buarque também irá imprimir na literatura brasileira o conceito de apartação social, processo que designa o outro um ser apartado, como um não semelhante (LEAL, 2004; WANDERLEY, 2008). Nesse período histórico do cenário brasileiro inicia-se um processo de abertura para tratar temas sociais como é o caso da exclusão social (que termina por incluir questões de Estado) em virtude do declínio do período ditatorial militar.

Sennett (2008, p. 18), ao traçar relações sobre o corpo e a cidade, destaca que ao planejar uma via pública os urbanistas frequentemente direcionam o fluxo de tráfego no sentido de separar zonas pobres e ricas, ou etnicamente diversas, evitando o contato de “estranhos” – sem falar nas protegidas com portões que são vendidas como ideias de qualidade de vida. De fato, a questão urbana tem grande impacto sobre os problemas sociais ligados à exclusão ao longo da história o estudo que focalizou Winston Parva revelou como se constitui um modelo de isolamento geográfico para manter distantes estranhos e diferentes.

Maiolino e Mancebo (2005) afirmam que antes do termo “exclusão social” se consolidar no Brasil - sob inspiração desta etapa de transição democrática, crescimento dos movimentos

sociais populares e reorganização da sociedade civil - o enfoque dado anteriormente à discussão da marginalidade muda sob a temática da segregação urbana.

Na década de 1980, Santos (1987) atentava para as questões de cidadania relativas à mobilidade social e acesso aos serviços públicos questionando a fixação da pobreza em espaços específicos, defendendo o direito à permanência no lugar de identidade, questionando a descaracterização de bairros e expulsão de favelas.

Na década de 1990, no Brasil e na América Latina em geral, o conceito de exclusão social é examinado em paralelo com a questão da pobreza econômica. (VÉRAS, 2008). Pobreza econômica e exclusão não são conceitos sinônimos, mas uma condição pode conduzir à outra. Pobreza econômica, ou miséria material, não é caracterizada somente por ausência de renda, pode resultar também da ausência de poder e, nesta direção, os conceitos se associam “vinculando-se às desigualdades existentes e especialmente à *privação de poder de ação e representação*” (WANDERLEY, 2008, p. 23, grifo do autor).

Martins (1997) destaca que o conceito de pobreza também veio se modificando. Além de ser a privação econômica, de bem-estar, direitos, liberdade etc, ganha no final do século XX uma dimensão moral que faz com que os pobres não queiram mais se reconhecer como pertencente a tal categoria e o discurso da pobreza digna já não convence. Portanto, a noção de exclusão social transborda para além da questão da pobreza econômica. O excluído além de estar em situação de carência material é aquele que faz parte de uma categoria social ou grupo que não tem reconhecimento enquanto sujeito, não se reconhece e não atua como sujeito. (MARTINS, 1997) Está entre muros altos e impeditivos que, muitas vezes o acompanham por determinado tempo e o formam ou conformam como pode demonstrar a pesquisa de Costa (2010) com os garis, mencionada anteriormente.

Tal situação remete para um viés político que também se relaciona com a questão da “exclusão social” a partir do que Nascimento (1994) denominou “nova exclusão”, ou seja, o não reconhecimento destes indivíduos ou grupos de indivíduos vai além da negação ou recusa de direitos – não possuem o direito ao direito por não serem reconhecidos como semelhantes (passam a ser alvo de grupos de extermínio). Na proteção destes

grupos socialmente excluídos o Estado desaparece e os organismos internacionais demonstram-se ineficientes. (NASCIMENTO, 1994).

Muitos elementos se evidenciam como pertinentes ao tema da exclusão social e emergem deste histórico como a questão da humilhação e desigualdade social, bem como da ausência de direitos.

2.2.3 Elementos relevantes no contexto da exclusão

Recentemente, um notório jornalista brasileiro que apresenta um noticiário todas as noites em uma das maiores redes de televisão do país protagonizou um episódio que nos remete à pesquisa de Costa (2010) sobre os garis da cidade universitária da USP, os “homens invisíveis”. Tal fato pode auxiliar inicialmente a pontuar elementos que constituem um contexto de exclusão social, sua relação com o discurso (linguagem) e com a perpetuação de determinado costume ou ideia.

Como era final de ano, a direção do jornal¹⁰ preparou a entrada de diversas mensagens de indivíduos que circulavam nas ruas inserindo-as antes das propagandas que custeiam tal programação. As pessoas declamavam mensagens de um feliz ano novo, desejando boas festas e proferindo palavras otimistas que nos ajudam a prospectar a esperança de que coisas melhores vão acontecer no ano vindouro. Entre tantos falantes, um gari, devidamente trajado com seu uniforme, desponta muito sorridente com seu discurso simpático e descontraído, específico não somente dos garis, mas como destaca Flusser (1998, p. 71) da “amabilidade” do povo brasileiro. Após o depoimento, o áudio do jornalista permaneceu ligado e todos os telespectadores puderam escutar seu comentário pejorativo sobre a classe profissional responsável pela limpeza pública, o que lhe rendeu como consequência uma necessária retratação como resultado de seu lapso, ou seja, um pedido de desculpas em rede nacional.

Neste caso emergem elementos relevantes como constituidores do contexto da exclusão. O principal deles são as manifestações que exprimem e reforçam sentimentos de

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ul-ALaP_8xU> . Acesso em 22 abr. 2015.

humilhação, vergonha, e desigualdade social pois fomentam e podem cristalizar a noção de que naturalmente há grupos “superiores” e “inferiores”. Seus difusores visam consolidar a formação de indivíduos e grupos que devem se ver como não detentores de condições de usufruir de todos os direitos sociais e políticos constitucionalmente assegurados.

É possível localizar na internet vários vídeos de garis que se sentiram humilhados com o comentário do jornalista. A afirmação de que o gari foi “humilhado”, ou melhor, toda sua classe profissional, e que emergiu o sentimento de vergonha, por exemplo, traz para a reflexão acadêmica pensadores como Elias (1993, 1994b) para quem os sentimentos de vergonha e repugnância são relevantes no processo civilizador.

Em seus estudos sobre padrões de etiqueta e a conduta dos indivíduos na sociedade de corte, o autor demonstra que a mudança nos costumes e o processo de civilização se dá em meio ao sentimento de vergonha e repugnância dos que não detêm padrões da classe superior, emergindo a percepção de um distanciamento entre estas classes. (ELIAS, 1993, 1994b).

Civilização é o conjunto dos “instrumentos de que uma cultura dispõe para conservar-se, enfrentar os imprevistos de situações novas e perigosas, superar a crise, renovar-se e progredir” (ABBAGNANO, 2007, p. 143). Neste sentido, utilizando os estudos sobre o processo civilizador de Elias (1993, 1994b), é possível afirmar que o indivíduo e grupos de indivíduos muitas vezes utilizam o sentimento de vergonha e repugnância como mecanismo para mudar ou manter costumes de acordo com interesses desses indivíduos ou grupos que detêm determinado poder. Portanto, é possível compreender que há o emprego da vergonha e humilhação na relação entre os indivíduos.

Os acontecimentos relatados no estudo realizado em Winston Parva demonstram tal figuração na medida em que na relação entre estabelecidos e *outsiders* evidenciou que o grupo *outsider* sentia vergonha quando alguém se referia ao coletivo a que pertenciam por um termo depreciativo. A situação na qual os indivíduos são colocados nesta configuração impede o revide porque, ainda que inocentes das acusações e censuras, não conseguem se livrar (nem mesmo em pensamento) do estigma. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Ontologicamente o outro cria os estigmas. Berger e Luckmann (2007) dão especial relevância para o olhar do outro sobre a nossa identidade. Em Nietzsche (2012b, p. 87) também está presente tal ideia quando ele menciona que

aquilo que sabemos de nós mesmos e que temos na memória não é tão decisivo para a felicidade de nossa vida como se pensa. Um dia cai sobre nós aquilo que outros sabem (ou acreditam saber) de nós – e então reconhecemos que isso é mais forte. É mais fácil lidar com sua má consciência do que com sua má reputação.

As calúnias que acionam os sentimentos de vergonha ou culpa dos próprios grupos socialmente inferiores, por meio de simbologias de inferioridade e sinais da desqualificação moral que lhes é atribuída, une-se à paralisia da capacidade de revide que costuma acompanhar tais grupos. Tal configuração determina que grupos dominantes e superiores conservam sua dominação e superioridade em relação aos socialmente inferiores – confirmando uma suposição de que o membro do grupo inferior está marcado, maculado.

O estudo sobre Winston Parva revela que a marca maculadora dos *outsiders* era o pouco tempo de residência na cidade. Muitas vezes a marca é fisiológica, entretanto, nunca deixa de vir acompanhada de um contexto moral, como pudemos verificar anteriormente na pesquisa de Nietzsche a respeito da etimologia da palavra “bom” e sua relação com a etnia, por exemplo. Há que se “localizar” tal mácula. Diniz (2009, p. 290) em biografia sobre a vida de Chiquinha Gonzaga, trata do estigma que sofriam os sambistas, chorões e músicos que tocavam violão, ao mencionar a atividade dos policiais da Guarda Real da Polícia da Corte, no Rio de Janeiro, no século XIX, que detinham pessoas sob acusação “de serenata” e, na dúvida quanto à conduta do réu, aconselhavam a verificação da ponta dos dedos onde se podia constatar que se tratava de um violonista.

Sennet (2008, p. 40) destacou relação significativa entre a corporalidade e sentimentos de vergonha e honra apontando a compreensão que havia na Antiguidade ocidental sobre o calor do corpo e a superioridade e honra de machos em detrimento da

inferioridade e vergonha de fêmeas e escravos. A constatação se dá a partir de registro médico em que fêmea é considerada fria, passiva e frágil e macho, quente, forte e participante (embora da mesma matéria). Já o corpo do escravo, cresceu embotado e frio em virtude da ausência da fala, do corpo do cidadão, aquecido dos debates das assembleias. “A integridade, serenidade e honra daqueles nus, esculpidos nas frisas do Parthenon, eram inseparáveis da vergonha dos corpos inferiores. Honra e vergonha, na cidade, derivaram do conceito grego de fisiologia.”(SENNET, 2008, p. 40)

É possível que situações de divisão de classe afetem a postura corporal e Costa (2010) destacou por várias vezes a postura corporal dos garís, bem como sua percepção sobre tal questão revelada no discurso de um deles:

Cê logo sabe quando o sujeito vem andando, só de ouvir, cê já sabe se o cabra é do dinheiro ou não. O quando é peão quase não faz baruido, parece que anda macio. Agora, quando o sujeito tem dinheiro, ele vem todo ‘todo-todo’, empinado e pisando firme né?! Cê só escuta o ‘toc-toc’. E quando cê tá esperando o trem, cê já logo percebe também. O sujeito segura a pastinha assim com essa mão, fica na ponta do pé e olha assim ó, só por cima da peãozada. O peão fica só todo escondidinho, né?! Olhando pra baixo. (COSTA, 2010, p. 225)

A corporalidade como distinção de grupos teve na cultura grega preponderância. O andar calmo e firme denotava nobreza, assim como a postura e o caminhar ereto eram expressões de caráter e demonstravam masculinidade. (SENNET, 2008). Sennet (2008, p. 44) enfatiza que “num trecho admirável da Ilíada, Homero escreveu que ‘os troianos avançavam em massa, seguindo Heitor, que os conduzia em largas passadas’”. Por conseguinte, “quando as deusas Hera e Atena surgiram diante de Tróia para socorrer os gregos [segundo Homero], elas pareciam ‘em passos de tímidas pombas’ – exatamente o oposto dos heróis de grandes passadas”. (SENNET, 2008, p. 44).

Em vários períodos da história o homem se valeu de argumentos fisiológicos que se relacionaram com atributos morais para destacar sua superioridade e a inferioridade de

outros. Um exemplo é o caso tão bem retratado na vida de Sarah Saartjie Baartman¹¹, que depois de morta foi dissecada por Georges Cuvier¹² seu preceptor e cientista que protocolou segundo Schwarcz (1993 apud DAMASCENO, 2008) o termo raça na ciência moderna. O estudo a partir do corpo de Saartjie a categorizou nas hierarquias mais baixas do ser humano a partir de suas características físicas. (DAMASCENO, 2008).

“Qual a coisa mais humana para você? – Poupar alguém da vergonha”, pergunta e responde Nietzsche (2012b, p. 165) em seu livro *Gaia Ciência*. O contrário disso é o processo de desqualificação com impacto decisivo na formação humana. E nos processos de exclusão, em que se delimita “fronteiras” e se levanta “muros” distinguindo e alocando grupos distintos em lugares distintos, a desqualificação é recorrente, acontece repetidas vezes, para que sentimentos de inferioridade sejam consolidados e assimilados. Como acentua Gonçalves Filho (2010), “o sentimento de uma pancada torna-se compulsivo: vira pressentimento”. É um sentimento que o escravo conhece bem, sofre o golpe físico dos maus-tratos e o golpe moral de uma mensagem que destaca sua inferioridade e a subordinação do seu corpo a outro. Desde então o “golpe” passa a ser esperado mesmo em circunstâncias em que não venha explicitamente. (GONÇALVES FILHO, 2010, p. 13).

¹¹ Nascida em 1789, aos 21 anos, foi levada para Londres para ser exibida publicamente em espetáculos circenses, como uma monstruosidade, uma selvagem exótica e era chamada de Vênus Hotentote. Como era comum às mulheres de sua tribo, possuía nádegas protuberantes e em sua genitália, grandes lábios hipertrofiados – características que despertaram fascínio dos europeus. Após contrair uma doença contagiosa, bebeu até sua morte, em 1815. (DAMASCENO, 2008). Sarah Saartjie Baartman, teve sua história contada no filme “Vênus Negra”, de 2010, direção de Abdellatif Kechiche.

¹² Georges Cuvier (1769- 1832) francês, naturalista que influenciou os estudos darwinianos. O nome de Cuvier está homenageado na base da Torre Eiffel junto a mais 72 notáveis personalidades francesas. Seu corpo está enterrado em um cemitério de celebridades francesas (Père Lachaise), enquanto o corpo de Sarah permaneceu em exposição até 1985 no Museu do Homem em Paris, retornando para ser velado e enterrado na Cidade do Cabo em 2002. (DAMASCENO, 2008).

Mudar tais condições não é tarefa simples, muitas vezes encontram-se profundamente enraizadas na linguagem e no pensamento, como já destacado anteriormente. Colocar tal estrutura em dúvida é desintegrar uma realidade, como enunciam Berger e Luckmann (2007), e neste sentido foram interiorizadas e estão sendo continuamente reafirmadas sanções sociais específicas contra estas dúvidas desintegradoras da realidade. A exposição ao ridículo, a vergonha, é uma destas sanções. [...] “O indivíduo sente-se ridículo quando surgem subjetivamente dúvidas a respeito da realidade em questão. Sabe que os outros sorririam se as anunciasse.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 206).

Os tabus e comedimentos são comuns aos grupos estabelecidos e a adesão ao código comum, ao contexto moral definido pelo grupo, é uma espécie de insígnia social, reforça o sentimento de pertencimento, de inserção em detrimento dos “inferiores” que tendem a romper tabus (um sinal de sua inferioridade) que os “superiores” são treinados desde a infância para respeitar. Os “inferiores” ferem o sentimento de bom gosto, decência e moral dos “superiores”, despertam neles dependendo das circunstâncias, sentimentos de raiva, hostilidade, repulsa ou desdém - “sabem se situar em relação aos outsiders e o que esperar deles” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 171).

Os “muros” levantados no processo de exclusão são muros como quaisquer outros: oferecem segurança, estabelecem uma propriedade, impedem o acesso, impedem a visão. Elias e Scotson (2000, p. 175) revelam que os membros do grupo estabelecido e até os *outsiders*, talvez, são indivíduos com uma rigidez particular de visão e de conduta, criados acreditando que todos têm, ou deveriam ter, os mesmos sentimentos e comportamentos que eles.

Ainda analogicamente, os “muros” também estabelecem benefícios exclusivos para os que estão do lado de dentro e detém a posse dos bens materiais e simbólicos a que dá valor positivo. “A humilhação crônica quebra o sentimento de possuir direitos”, destaca Gonçalves Filho (2010, p. 13).

2.2.4 Exclusão social e bibliotecas públicas

[...] livros não existia, não tinha biblioteca, a gente nunca tinha visto falar em biblioteca, não existia essa palavra biblioteca, o livro era um livro só pra muita gente [...] (SILVA, 2014)

A epígrafe acima, que inicia este tópico sobre a relação entre exclusão social e bibliotecas públicas, é parte da fala de um participante da pesquisa que consta na dissertação de Mestrado elaborada por mim. O entrevistado, de codinome “M”, refere-se às dificuldades de acesso à informação e escola, enfatizando, entre outras questões, que a palavra biblioteca não fazia sentido na localidade em que morava porque não era possível nenhuma associação com a realidade, já que não existia biblioteca.

A humanidade em seu percurso histórico passa por ciclos que caracterizam períodos distintos que interferem na forma do homem se relacionar com o meio ambiente e com os outros homens. Flusser (2011c, p. 51) destaca que a natureza, na sociedade com base na agropecuária, ditava o ritmo social do indivíduo e para o camponês, ‘viver’ significava “tratar da natureza viva, ocupar o lugar ‘justo’ dentro da ordem do cosmos animado”. Este indivíduo da sociedade agropecuária esperava sua salvação e o socorro as suas necessidades principalmente da fé e durante milênios o Deus criador e provedor seria o redentor do homem.

Com a descoberta de novos modos de produção de bens da terra a partir de outras técnicas, o homem transferiu essa crença na salvação pela produção. Este homem, operário, já podia ‘modificar’ a natureza, transformando-a em matéria-prima modelada pela atividade industrial. Por último, a sociedade de produção foi sendo substituída por um conhecimento operativo que controla e recria o real – a salvação não vem mais da fé, nem da produção, mas do conhecimento. (LEÃO, 2003).

Em uma sociedade pautada no conhecimento, as bibliotecas públicas constituem meio essencial para o cidadão, nesta sociedade, ultrapassar alguns obstáculos que possam se colocar. Esta afirmação se consolida pelo entendimento de que as bibliotecas públicas, na figura dos seus responsáveis políticos e técnicos e em consonância com o reconhecimento dado no

ocidente aos direitos humanos, devem (e já mencionamos sobre o dever neste estudo) prover acesso livre e gratuito à informação para todos, sem distinções ou prerrogativas.

O documento “Diretrizes IFLA (Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e Instituições) sobre os Serviços da Biblioteca Pública” foi elaborado, fundamentalmente com base na experiência dos Estados Unidos e de países europeus, para orientar e auxiliar os profissionais de biblioteca e informação para que desenvolvam serviços eficazes, coleções pertinentes e acessíveis, no contexto da comunidade local. Este documento é consoante ao Manifesto da IFLA/UNESCO (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 1994) sobre as bibliotecas públicas de 1994. Tal Manifesto, criado pela IFLA, foi referendado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), organização internacional da qual o Estado brasileiro é parte, estando moralmente obrigado a implantar as diretrizes por ela recomendadas. Nas “Diretrizes IFLA sobre os Serviços da Biblioteca Pública” está expresso que a Biblioteca Pública

disponibiliza acesso ao conhecimento, à informação, à aprendizagem ao longo da vida e a obras criativas, através de um leque alargado de recursos e serviços, estando disponível a todos os membros da comunidade independentemente de raça, nacionalidade, idade, gênero, religião, língua, deficiência, condição econômica e laboral e nível de escolaridade (KOONTZ; GUBBIN, 2010, p. 13).

A biblioteca pública que hoje predomina no Brasil é parte de uma estrutura de Estado e possui potencial de promoção do desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, bem como, do fortalecimento de valores como a igualdade social. Neste sentido, pode parecer um paradoxo relacioná-la com a temática da exclusão social. Entretanto, vários são os estudos que se referem a pessoas deixadas à margem das benesses deste espaço público de informação (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a; ALMEIDA JÚNIOR, 1997b; CASTRILLÓN, 2011; MACHADO, 2008; SILVA, 2014).

Ainda que ostentem o adjetivo que as caracteriza, há bibliotecas públicas que direcionam suas instalações e verbas (seus serviços) em favor de um setor restrito da sociedade ou que oferecem possibilidades limitadas aos que fazem uso de seus serviços. (CASTRILLÓN, 2011).

Em pesquisa realizada por Machado (2008, p. 97), moradores de rua, albergados e catadores de lixo esboçam alguns motivos para não frequentar uma biblioteca pública próxima de onde se localizam, e, ao responderem que não se sentiam bem naquele local, que não tinham coragem “de entrar lá descalço”, um deles lembrou: “uma vez entrei e um guarda começou a me seguir”.

Silva (2014, p. 327) também destaca um depoimento que rememora “os muros” construídos em torno da biblioteca pública para determinados grupos sociais: *“diz que é pro público, mas muitas horas é às portas fechadas”, [...] “pra pessoa pobre da periferia é mais difícil o contato, porque [a biblioteca] é lá no Centro da cidade, é tudo mais longe, a pessoa não tem dinheiro pra se deslocar de ônibus pra ir pra lá”*.

Petit (2008), ao estudar jovens moradores de periferia urbana e sua relação com a leitura, identifica que por meio da leitura as pessoas teriam maior condição de resistir aos processos de marginalização. Em consonância, Almeida Júnior (1997b, p. 16) destaca também que as bibliotecas públicas poderiam contribuir para o fortalecimento dos mecanismos de defesa das classes populares “oferecendo condições para um aumento do seu grau de consciência, possibilitando a aquisição de instrumentos que possam ser utilizados como armas contra a opressão.”

No caminho para construir o que Flusser (1980, p. 133) denomina “biblioteca verdadeiramente pública”, o que para o autor significa uma biblioteca que dá a palavra ao “não público”, faz-se necessário, segundo Feitosa (1998), uma revisão das bases eruditas que sustentam as bibliotecas e o redimensionamento do usuário das classes populares como alguém participante de uma cultura peculiar e significativa para as bibliotecas.

Refletindo sobre as questões e sobre as funções da biblioteca, especialmente a pública, como fomentadora do exercício da cidadania e igualdade de condições, é possível considerar, a partir do raciocínio de Castrillón (2011), que o

bibliotecário comprometido que trabalha com um mecanismo como a biblioteca pública deve ter responsabilidade na luta contra a miséria e contra as restrições na liberdade de pensamento e na liberdade de escolher por opções que propiciem uma vida digna, contra as violações dos princípios universais de justiça e liberdade.

Com relação às bibliotecas públicas, Castrillón (2011, p. 36) enfatiza que em primeiro lugar, estas devem se converter “em meios contra a exclusão social” e reforça o entendimento de que bibliotecas são espaços de encontro, para toda faixa etária, letrados e não letrados, escolares e não escolares, onde obteriam respostas para suas questões e interesses e veriam novas perspectivas serem possibilitadas. Forjar bibliotecas que possam cumprir estes desafios é possível por intermédio da atuação de bibliotecários capazes de assumir este compromisso ético e político com seu país e sociedade. (CASTRILLÓN, 2011).

A exclusão é de instância ético-política e pode ser assim caracterizada por ser um processo que se configura também nas confluências entre o pensar, o sentir e o agir. (SAWAIA, 2008b). Para que exista consciência ética, Chauí (2000, p. 383) enfatiza que se faz necessário o “agente consciente”, ou seja, o que sabe diferenciar o bem do mal, o certo do errado, e, muito embora sejam estes conceitos relativos, a consciência moral conhece tais diferenças e é capaz de diante das possibilidades avaliar cada uma delas de acordo com critérios éticos.

Jodelet (2008, p. 54) destaca que uma questão é particular a todas as pesquisas que abordam a questão da exclusão: “O que é que faz com que em sociedades que cultuam valores democráticos e igualitários, as pessoas sejam levadas a aceitar a injustiça, a adotar ou tolerar frente àqueles que não são seus pares ou como eles, práticas de discriminação que os excluem?” No contexto deste estudo, foi possível fazer alguma reflexão sobre a percepção de pessoas, no caso, que atuam com uma profissão específica (bibliotecários), sobre a possibilidade de em seus ambientes de trabalho, excluírem ou fomentarem a exclusão de outras.

A exclusão de pessoas ao acesso a serviços disponíveis nas bibliotecas públicas brasileiras é um problema real, acontece permanentemente e pode se manifestar de diversas formas: através do estabelecimento de horários de atendimento inacessíveis a determinados grupos sociais; no distanciamento

geográfico de parte da população; na composição de critérios inadequados para composição do acervo; na proposição de serviços e políticas voltadas somente para grupos específicos; no atendimento diferenciado a usuários em virtude de alguma característica pessoal, social ou econômica; entre outros.

Diante da premissa de que as bibliotecas públicas são diferentes de outras categorias de bibliotecas (escolares, especializadas, universitárias...), de que figuram como espaços de conhecimento prestadores de serviço para indivíduos que não atendem a categorias específicas, ou seja, que são portadores de várias crenças, costumes, profissões etc, como tais questões se apresentam para os bibliotecários nelas atuantes?

2.3 Bibliotecários atuantes em bibliotecas públicas

Compreender um comportamento é percebê-lo a partir da intenção que o anima, naquilo que o torna propriamente humano (DARTIGUES, 2008). As bibliotecas públicas são animadas a partir da ação dos agentes que as fomentam e daqueles que convivem e atuam nestes espaços, dentre eles, está o bibliotecário que, no Brasil, por intermédio da Lei n. 4.084, de 30 de junho de 1962, responde a requisitos formais para atuação profissional. Porém, o que anima os profissionais que atuam nas bibliotecas públicas?

Nesta tese, foi o bibliotecário o personagem principal - a partir de suas representações buscou-se acessar o sentido por ele atribuído à exclusão social, sua percepção de como a enxerga em seu ambiente de atuação, nas bibliotecas públicas. Quantos outros estoques de conhecimento serão possíveis de alcançar a partir das falas destes profissionais?

Esta investigação configura um olhar novo no âmbito da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil pois não existem pesquisas que resgatem informações semelhantes a partir da reflexão deste personagem, a partir de um grupo profissional que institui práticas e que constrói e reconstrói sua identidade e valores permanentemente.

Está exposto a seguir um recorte do contexto das bibliotecas públicas e do bibliotecário (sua formação e elementos relevantes para a classe profissional) que atua no contexto brasileiro, mais especificamente, no Estado de Santa Catarina.

2.3.1 As bibliotecas públicas em Santa Catarina

Ainda que em tempos de informação “nas nuvens”, os livros, em seu suporte físico papel constituem um elemento crucial na idealização e compreensão das bibliotecas. A fixação do termo foi possível a partir da existência de documentos físicos e o suporte tradicional (papiro, pergaminho e papel) foi elemento crucial na gênese da concepção e sentido da palavra biblioteca.

Biblioteca vem do grego *bibliothéke* como junção dos termos *biblión* e *théke*. (FONSECA, 2007). O termo *théke* refere-se a qualquer estrutura que oferece “um invólucro protetor” (cofre, estojo, caixa, estante, edifício) (FONSECA, 2007, p. 48). *Biblión*, livro, a partir da raiz latina *liber*, se relaciona com a entrecasca de certos vegetais, o material com que se fabricava o papel na Antiguidade – tal elemento ligado ao suporte e formato também aparece nos dicionários em que livro é designado como “a reunião de cadernos de papel contendo um texto manuscrito ou impresso.” (FONSECA, 2007, p. 21).

No Brasil, está em vigor uma Lei que no ano de 2003 instituiu a Política Nacional do Livro, também chamada de “Lei do Livro”. Ela descreve, para atender aos seus fins, o que se entende por livro: “a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento” (BRASIL, 2003).

Outras designações para o livro, para além das apegadas à etimologia da palavra, relativas aos atributos de sua composição e forma física, são possíveis de serem encontradas. Ainda na “Lei do Livro” brasileira é possível averiguar o livro como o

meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 2003).

Em alusões poéticas, Ortega y Gasset (2006) concebe o livro como “uma forma de vida humana” e Flusser (2015) ao elaborar uma reflexão acerca dos homens e dos livros destacou

que a resposta à pergunta “o que é um livro?” fica devendo uma resposta...

Voltando à biblioteca - este invólucro protetor de documentos que, como pode se observar, possui um valor material e imaterial passível de figurar inclusive como objeto de legislação - destaca-se que sua designação, como enfatiza Fonseca (2007), também é empregada em sentido institucional. Assim, emergem diversas categorias ou tipologias de bibliotecas (infantis, escolares, especializadas, nacionais, universitárias) e a biblioteca pública é uma delas.

O seu adjetivo, “pública”, merece neste contexto uma aproximação maior. Abbagnano (2007, p. 813), no Dicionário de Filosofia, traz a designação de público como “aquilo de que todos podem participar igualmente”. O termo público, para Arendt (2007), denota em primeiro lugar que o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos, é amplamente divulgado e em segundo lugar, significa o próprio mundo por ser comum a todos e diferente no lugar que nos cabe dentro dele. No primeiro raciocínio a autora reflete que o que se torna aparente (visto e ouvido por outros e nós mesmos), é o que constitui a realidade, já que a presença de outros que veem e ouvem o mesmo que nós “garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDT, 2007, p. 60). A segunda reflexão leva em consideração que o público, como mundo comum e partilhado, reúne indivíduos ao mesmo tempo que evita que os mesmos entrem em colisão, “como uma mesa que se interpõe entre os que se assentam ao seu redor” (ARENDT, 2007, p. 62).

Ao associar o que já foi exposto sobre bibliotecas e adicionar o adjetivo “pública”, é possível conceber um ambiente com serviços que envolvem livros, documentos informacionais, que constitui um patrimônio para todos - que deve ser partilhado - em detrimento de patrimônios e bens que são exclusivos, reservados. Este é, de fato, um entendimento acerca da biblioteca pública. O documento já citado, Manifesto sobre as Bibliotecas Públicas, da IFLA/UNESCO, define biblioteca pública como “o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros [...] com base na igualdade de acesso para todos [...] sem qualquer distinção. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 1994). Almeida Júnior (1997a), ao mencionar a

biblioteca pública, destaca que trata-se de biblioteca com funções específicas para atender a toda a sociedade.

Retornando à relação entre livro e biblioteca, no contexto brasileiro, o conhecimento do livro inicia a partir da colonização e das atividades de catequização exercida pelos jesuítas portugueses da Companhia de Jesus. Os livros, como meios portadores de informação, eram instrumentos relevantes na propagação da fé cristã. A ação dos jesuítas, que na época alfabetizavam e formavam padres para dar continuidade à formação de meninos para a consolidação de seus propósitos, foi uma herança que muito influenciou a cultura brasileira (MILANESI, 2003), inclusive a cultura da leitura e da escrita.

Durante muito tempo, após a colonização portuguesa, os livros e bibliotecas permaneceram nos conventos dos religiosos (jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos), principalmente dos padres da Companhia de Jesus, responsáveis por instituições educacionais na Bahia (Salvador foi a primeira capital do País, de 1549 a 1763) e em outras capitanias. Portanto, os livros eram objetos raros e seu acesso e uso estavam restritos aos religiosos e estudantes destas instituições. (MORAES, 1979).

O que se pode chamar de primeira biblioteca pública no Brasil, data de 1811. Não foi uma instituição estatal, mas uma iniciativa de Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco, abastado senhor de engenho, que contou com o governo somente para a aprovação de seu plano. No seu entendimento, a biblioteca pública “do Estado” era um mecanismo de instrução do povo, formada pelos cidadãos, administrada pela sociedade e financiada por sócios. (MORAES, 1979).

A Biblioteca Pública da Bahia foi inaugurada três anos antes da Biblioteca Real ser aberta ao público. Esta última foi resultante da transferência da família real portuguesa para o Brasil em 1808 enquanto que a biblioteca de acesso público idealizada por Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco foi inspirada no modelo de bibliotecas públicas americanas que surgiram no século XVIII nos Estados Unidos e Europa. (FONSECA, 2007). De fato, Azevedo (2012) enfatiza que no discurso de inauguração da Biblioteca, Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco comparou o Brasil com a Europa e lembrou os feitos que estavam em andamento nos Estados Unidos destacando o avanço que a biblioteca pública trouxe àquele país.

Evidenciava também em seu discurso a instituição da Tipografia Silva Serva enfatizando que ambas, Biblioteca e Tipografia, estavam associadas aos ideais iluministas ao declarar que “seria impossível, não digo só, fazerem-se progressos, até darem-se com segurança os primeiros passos em qualquer dos imensos ramos das Artes, e Sciencias”. (AZEVEDO, 2012, p. 11).

O objetivo primordial que cumpria a biblioteca pública era educacional, para atender às reivindicações da população por igualdade de direitos e acesso a bens públicos e também à formação de trabalhadores para mão-de-obra especializada em decorrência do regime capitalista crescente¹³. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a). A instituição biblioteca pública, tendo também em seu surgimento o contexto de reivindicação popular, encontrou apreensões e receios por parte das classes privilegiadas estabelecidas no poder¹⁴. Estas, cientes da impossibilidade de negar a criação de tal recurso para uso coletivo, estruturaram-na como mais um aparelho para a

¹³ O fato pode ser evidenciado a partir do relato de Manguel (2006) sobre a história de Andrew Carnegie (1835-1919). Nascido na Escócia, em 1848, quando tinha 13 anos, seus pais perderam tudo e a família emigrou para os Estados Unidos. Carnegie arranhou trabalho que terminava no início da noite, quando ia para uma biblioteca pública (gratuita) no centro de Pittsburgh, fundada pelo Coronel Anderson em prol de aprendizes que não tinham acesso à escola. Quando a biblioteca modificou sua política resolvendo cobrar por seus serviços Carnegie redigiu uma carta argumentando sobre os ideais do Coronel Anderson que havia legado importante quantia em dinheiro em prol de jovens trabalhadores e aprendizes como ele. Para Carnegie era uma questão de justiça. Contraditório, perseguia o lucro, exaltava o capitalismo americano, explorava seus funcionários (um quinto de seus funcionários morreu em acidentes de trabalho), acumulou riqueza com o aço. Empregou quase 90% de sua fortuna em todo tipo de instituição pública, incluindo bibliotecas e raramente dava dinheiro para aquisição de livros, mas para o prédio que os abrigaria. Alguns criticavam tais bibliotecas denominando-as de antidemocráticas, de mecanismo de controle dos trabalhadores através da propagação de ideias e valores capitalistas. (MANGUEL, 2006).

¹⁴ Battles (2003) ao relatar as primeiras reuniões da American Library Association (ALA), criada em 1876, lembra que naquele período se discutia que tipo de leitor a biblioteca deveria receber e quais livros teriam acesso – preocupações recentes diante da produção de livros em massa. Para alguns intelectuais fazia sentido pensar que o acesso à informação possibilitaria treinar o povo no uso de princípios racionais para agirem em prol do bem comum.

manutenção da estabilidade social, propagador dos “valores, propostas, normas e ideias que lhes interessavam”, inclusive figurando como um instrumento relevante para a manutenção da ordem pública. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a).

No Brasil, há 6.102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, distribuídas nos seus 26 Estados e Distrito Federal, conforme a tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Quantidade de bibliotecas públicas distribuídas nas cinco regiões brasileiras

Região	Quantitativo de bibliotecas públicas
Norte	
Acre	31
Amapá	18
Amazonas	59
Pará	191
Rondônia	53
Roraima	16
	Total 503
Nordeste	
Alagoas	112
Bahia	442
Ceará	202
Maranhão	221
Paraíba	213
Pernambuco	194
Piauí	219
Rio Grande do Norte	164
Sergipe	80
	Total 1847
Centro-Oeste	
Distrito Federal	31
Goiás	252
Mato Grosso	138
Mato Grosso do Sul	80
Tocantins	135
	Total 501

Região	Quantitativo de bibliotecas públicas
Sudeste	
Espírito Santo	80
Minas Gerais	888
Rio de Janeiro	148
São Paulo	842
	Total 1958
Sul	
Paraná	474
Rio Grande do Sul	523
Santa Catarina	296
	Total 1293

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados do SNBP (BRASIL, 2015g).

Os dados expostos são do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) atualizados em 2015, relativos às bibliotecas públicas brasileiras municipais e estaduais. Não entram neste censo, segundo informações do site do SNBP (BRASIL, 2015g), bibliotecas de outras categorias (comunitárias, especializadas, escolares, universitárias), ainda que promovam o acesso público aos seus serviços.

Como se pode observar na Tabela anterior, em Santa Catarina há o registro de 296 bibliotecas públicas, uma apenas estadual, localizada na capital Florianópolis. A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina é uma das mais antigas do Brasil, foi criada em 1854 por meio da Lei nº 373, em 31 de maio, mas oficialmente inaugurada em 9 de janeiro de 1855. (SANTA CATARINA, 2015). Machado (2007) refere-se à notícia sobre a instalação de um Gabinete de Leitura, anterior à Biblioteca Pública, em 1831, entretanto que agremiava somente os estudiosos e intelectuais da cidade capital do Estado, na época Desterro. Tal iniciativa teria durado cinco anos.

Mesmo tendo findada a atividade no Gabinete, os membros se reuniram posteriormente numa agremiação cultural denominada “Sociedade Patriótica”. Esta mudança tinha como propósito a transformação do ex-Gabinete de Leitura em uma biblioteca de caráter público, não mais restrita. Nesse sentido, a Sociedade Patriótica promoveu a extensão do acesso ao conhecimento a todos os segmentos da população. Em

dezembro de 1836 é realizada campanha em toda Desterro para arrecadação de acervo. (MACHADO, 2007).

Passado algum tempo a biblioteca foi dissipada e o acervo que havia sido arrecadado foi distribuído inexplicavelmente entre instituições oficiais como o Poder Legislativo Provincial e Câmara do Desterro. A ideia de retomada do estabelecimento da Biblioteca só ocorreu em 1854, ano de sua inauguração, por sugestão de Joaquim Antônio de Azevedo (natural e residente na cidade do Rio de Janeiro), com o objetivo de ser uma biblioteca de uso geral, disponível para todos para difundir e aperfeiçoar a cultura dos que já estavam habituados aos livros e proporcionar “ensinamentos aos que não dispunham de nenhum meio de acesso a esse valioso instrumento no seu aprimoramento intelectual” (MACHADO, 2007, p. 29).

Com relação ao primeiro Regulamento da Biblioteca, só foi publicado quarenta anos depois, em 1894. Na descrição das atividades do pessoal (diretor, arquivista e porteiro), com relação ao serviço relacionado ao atendimento só há a menção sobre a atividade do diretor de biblioteca que deveria atender reclamações do arquivista e visitantes. Registrava a abertura das 9h às 14h e das 18h às 21h, diariamente, com exceção dos feriados, do período de 20 a 31 de dezembro e de 1 a 15 de janeiro para “arrumações”. (MACHADO, 2007)

Antes disso, no período de 1887 a 1889, a Biblioteca abria as portas somente no período diurno, só era visitada por pessoas do sexo masculino e amargava baixa frequência. Uma das providências para estabelecer uma nova dinâmica nos serviços foi criar em 1903 um setor de encadernação de livros e jornais. O arquivista designado para atuar na Biblioteca foi João Tavares de Araújo Bueno, que já era servidor na Assembleia Legislativa. O primeiro bibliotecário foi o paulista de Franca, Francisco Paula Marques de Carvalho (Franc da Pauliceia). O mandato mais duradouro dos diretores que a Biblioteca teve ao longo de sua história, foi o de Carlos da Costa Pereira que ficou por vinte anos na direção, até 1958, quando aposentou. (MACHADO, 2007)

Atualmente a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina funciona no Centro da cidade de Florianópolis, na Rua Tenente Silveira. Constitui Depósito Legal desde 1999 em virtude da Lei n. 11. 074 de 11 de janeiro. (FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA, 2015). As demais bibliotecas públicas existentes

em território catarinense são bibliotecas vinculadas direta ou indiretamente aos governos municipais.

Neste estudo escutam-se pessoas que atuam em dezoito bibliotecas públicas catarinenses, mais especificamente, bibliotecários. Steindel e Toledo (2013) ao discorrerem sobre pesquisa realizada em uma biblioteca pública no interior do Estado de Santa Catarina enfatizam que instituições deste tipo são constituídas para além de leis, decretos e técnicas, mas, principalmente, pela sensibilidade do trabalho daqueles que abrem suas portas dia após dia. (STEINDEL; TOLEDO, 2013). No levantamento de informações sobre os responsáveis pelas Bibliotecas Públicas Municipais, o Censo nacional de 2010 revelou que, em Santa Catarina, estes possuem em sua maioria entre 40 e 50 anos (35%), concluíram nível superior (59%) e não possuem capacitação na área de bibliotecas (69%). (FGV, 2010).

Pode-se perceber, portanto, que o bibliotecário não constitui maioria nos quadros funcionais das bibliotecas públicas municipais catarinenses se levarmos em consideração o Censo mencionado, já que para atender aos requisitos legais o bibliotecário necessita adquirir formação universitária em Curso de bacharelado em Biblioteconomia como pré-requisito para obtenção de registro profissional em Conselho Próprio. É esse registro que consagra ao seu detentor o título de bibliotecário.

2.3.2 Formação e atuação de bibliotecários em Santa Catarina: contextualização

Elias (1994) destaca uma questão no partilhar comum da vida cotidiana interdependente: cada um de nós faz parte de um determinado “lugar”, um ambiente em que come e dorme; uma função, propriedade ou trabalho específico; há balconistas de lojas e bancários, faxineiros e damas da sociedade sem profissão própria, há empregados e desempregados. Não lhe é possível subitamente passar de um “lugar” para o outro conforme sua “veneta”, mesmo que o deseje, salvo, como menciona o autor, em uma caracterização para um baile a fantasia. Utilizamos um tipo de traje, um tipo de trato com os outros e formas específicas de comportamento que divergem de outros e que nos fornecem nessa vida em comum uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis.

Os comportamentos específicos se cristalizam, modelam e são permanentemente modificados também no contexto de grupos profissionais específicos, desde a sua formação até a inserção no ambiente de trabalho e agrupamentos profissionais. Com o bibliotecário não é diferente. Este profissional advém de uma formação em nível superior e ao longo de seu processo de formação e atuação profissional interage direta ou indiretamente com organismos de agrupamento de classe que atuam na defesa de interesses coletivos.

Em Santa Catarina há dois cursos estabelecidos em instituições públicas de ensino superior, ofertados em regime presencial e um curso em instituição particular a distância¹⁵ em nível superior para a formação de bibliotecários, conforme descrito no Quadro 1 exposto mais adiante. O Estado também dispõe de entidade de agrupamento profissional: a Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB) e de órgão de registro e fiscalização do exercício profissional: o Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB) 14^a Região.

2.3.2.1 Formação em Biblioteconomia: um olhar sobre Santa Catarina

Na história da biblioteconomia brasileira, vários estudos destacam a influência de uma escola europeia, mais especificamente francesa, e outra estadunidense (MENDONÇA; SOUZA, 2013; FONSECA, 2007; MUELLER, 1985; CASTRO, 2000). A primeira influência, mais antiga e caracterizada como mais erudita é oriunda da École Nationale des Chartes de Paris e data de 1821 e a segunda, de orientação técnica, surge em Nova York na Columbia University a partir da School of Library Economy, fundada por Melvil Dewey¹⁶ em 1887. (FONSECA, 2007).

¹⁵ A primeira turma iniciou no primeiro semestre de 2016 com 25 vagas para a cidade de Chapecó e 25 vagas para São Lourenço do Oeste. (UNOCHAPECÓ, 2016).

¹⁶ Melvil Dewey foi pioneiro na educação bibliotecária fundando a Escola na Columbia University. Também fundou uma empresa que vendia móveis e suprimentos para bibliotecas, a Library Bureau. Foi um dos fundadores da American Library Association (ALA), responsável por estabelecer padrões referentes a profissão. (BATTLES, 2003)

A Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro foi o berço do primeiro curso de Biblioteconomia brasileiro, em 1911. Fundada em 1811, mas aberta ao público somente quatro anos depois, a BN teve seu acervo inicialmente composto por sessenta mil peças (livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas) oriundas da transferência da família real e da corte portuguesa para o Brasil em 1808. (BRASIL, 2015a). A BN já esteve instalada no Hospital da Ordem Terceira do Carmo (atual Rua Primeiro de Março), no cemitério que abrigava os religiosos da mesma Ordem e em 1858 foi transferida para a Lapa, na Rua do Passeio, ao lado do Cassino Fluminense, onde atualmente está alocada a Escola de Música¹⁷. (FONSECA, 2007; UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2015).

Ela permaneceu na Lapa até que foi inaugurado o seu novo edifício (que começou a ser construído em 1905) já que no início do século XX, era impossível às instalações existentes comportar todo o acervo. Este novo edifício situado na Rua Rio Branco, Centro da cidade do Rio de Janeiro, é o endereço da BN desde 1910, data de sua inauguração, até os dias de hoje (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2015).

Em 1911, um ano após inauguração de suas novas instalações, foi instituído o primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ele teve início somente em 1915 e funcionou até 1922, com um ano de duração, ministrado pelos chefes das seções da BN, composto por quatro disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática. Em 1931 o curso foi reiniciado, com duração de dois anos e com disciplinas de Bibliografia, Paleografia e Diplomática no primeiro ano e História Literária, Iconografia e Cartografia no segundo. Durante esse período até meados de 1940, a principal influência na formação bibliotecária era francesa. (MUELLER, 1985).

A influência da formação propagada nos Estados Unidos na formação do bibliotecário brasileiro teve início com o curso de biblioteconomia, promovido pelo Instituto Mackenzie (atualmente Universidade Mackenzie), em São Paulo, no ano de 1929. O

¹⁷ Os prédios da atual Escola de Música na Lapa, Rua do Passeio, fazem parte do Corredor Cultural e foram tombados como patrimônio histórico municipal em 1994. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2015).

Instituto trouxe Dorothy Muriel Geddes, uma jovem bibliotecária, para preparar outra profissional do então Instituto (Adelpha Figueiredo) para fazer o curso na Universidade de Columbia, Estados Unidos, substituindo-a na sua ausência. Tal iniciativa deu ensejo à formação do segundo curso de biblioteconomia no País, com disciplinas de Catalogação, Classificação, Referência e Organização que refletiam a orientação dada, nos Estados Unidos da América, direcionada para organização de bibliotecas, baseada em técnicas especialmente desenvolvidas. (MUELLER, 1985)

A influência estadunidense passa então a se consolidar, conforme Souza (2002a), a partir dos últimos anos da década de 1930, quando foi criado e implantado o Curso de Biblioteconomia na divisão de bibliotecas da Prefeitura de São Paulo, por Rubens Borba de Moraes (então diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo) e Adelpha Figueiredo, primeira mulher brasileira a concluir um curso universitário em Biblioteconomia. Ambos tiveram oportunidade de estudar nos Estados Unidos: ela recebeu bolsa de estudos para estudar na Columbia University e ele realizou durante três meses estudos e estágios nas bibliotecas do país (MENDONÇA; SOUZA, 2013).

Rubens Borba de Moraes e Adelpha Figueiredo fundaram uma escola bibliotecária que, segundo Castro (2000), influenciou também o Curso de Biblioteconomia da BN, antes de herança francesa, e que teve seu currículo reformulado para formação biblioteconômica proveniente dos Estados Unidos. O curso de Biblioteconomia de São Paulo formou profissionais que fundaram outros cursos de formação bibliotecária em todo Brasil (MENDONÇA; SOUZA, 2013), portanto, a partir de suas vivências e formação estadunidense de base fundamentalmente técnica, propagaram a influência desta escola biblioteconômica que permanece preponderante nos dias atuais.

Os dois cursos, o de biblioteconomia de São Paulo e o do Rio de Janeiro, eram os únicos do País e formavam alunos que de volta aos seus Estados de origem, organizaram cursos ou escolas, como no caso de Salvador, Porto Alegre, Recife e Manaus. Outras duas instituições foram destacadas por Mueller (1985) e contribuíram para a formação de bibliotecários e com os cursos de Biblioteconomia brasileiros: o Instituto Nacional do Livro (INL), criado em 1937 que contribuiu com a formação de bibliotecários através da promoção de cursos (como os de Belo

Horizonte e Curitiba) e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), fundado em 1954 - atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) - a partir da inclusão da matéria Documentação no currículo mínimo aprovado em 1962 e da criação de cursos de pós-graduação *stricto sensu* (MUELLER, 1985).

Em 1962, dois relevantes acontecimentos permearam a história da Biblioteconomia brasileira: a regulamentação da profissão por meio da Lei n. 4.084 de 30 de junho (BRASIL, 1962) e a aprovação do primeiro Currículo Mínimo de Biblioteconomia, através do Parecer n. 326 de 16 de novembro (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, 1962).

A lei restringe o exercício da profissão aos portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior conferindo um novo *status* para a profissão e cria também o Conselho Federal e os respectivos Conselhos Regionais da classe para fiscalização do exercício legal da profissão bibliotecária. (BRASIL, 1962)

O primeiro Currículo Mínimo contemplava as disciplinas de História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, Documentação e Paleografia. (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, 1962). Foi também conquista da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, atual Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB). A FEBAB foi criada em 1959 no II Congresso de Biblioteconomia e Documentação em Salvador, mediante proposta de Laura Russo e Rodolfo Rocha Junior com o objetivo principal de defender e incentivar o desenvolvimento da profissão (CASTRO, 2000). No final da década de 1960, já havia dezoito cursos em funcionamento no Brasil, a maioria em universidades federais (SOUZA, 1990).

Em 1967, professores dos cursos de Biblioteconomia brasileiros criaram a Associação Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), como um fórum de discussões acerca de questões que envolviam o ensino de Biblioteconomia e Documentação. Souza (2011) dedicou um artigo sobre o impacto desta entidade na evolução do currículo de Biblioteconomia brasileiro. A ABEBD promoveu diversos cursos, treinamentos e

encontros de professores, levando à realização de discussões acerca do novo Currículo Mínimo (SOUZA, 2011).

A partir desta Resolução as disciplinas passam a ser distribuídas por matérias principais com subdivisões:

- a) Matérias de Fundamentação Geral: Comunicação, Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo, História da Cultura
- b) Matérias Instrumentais: Lógica, Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Métodos e Técnicas de Pesquisa
- c) Matérias de Formação Profissional: Informação Aplicada à Biblioteconomia, Produção dos Registros do Conhecimento, Formação e Desenvolvimento de Coleções, Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento, Disseminação da Informação, Administração de Bibliotecas (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, 1982)

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada no final do ano de 1996 a Educação Bibliotecária passa a ter que lidar com a estrutura e funcionamento da educação universitária brasileira e os responsáveis pelos Cursos de Biblioteconomia passam a realizar o esforço de implantação de novos currículos. (SOUZA, 2002a). A ABEBD organizou reuniões entre as Escolas de Biblioteconomia brasileiras e as do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) visando uma harmonização curricular (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2011).

Em 2001 é publicado o Parecer CNE/CES n. 492 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Para os cursos de Biblioteconomia são propostas seis diretrizes: Perfil dos formandos, Competências e habilidades, Conteúdos Curriculares, Estágios e atividades complementares, Estrutura do curso e Avaliação institucional. (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, 2001).

Segundo dados do Ministério da Educação, atualmente no Brasil há cursos de formação universitária em Biblioteconomia

em atividade presentes em quase todas as regiões do País, entre cursos presenciais e à distância e bacharelado e licenciatura. O Curso de graduação em Biblioteconomia inexistente em quatro Estados brasileiros (Acre, Amapá, Roraima e Tocantins). Os dados podem ser melhor visualizados a partir do quadro que segue.

Quadro 1: Cursos de biblioteconomia nos Estados brasileiros

Estado	Curso de Biblioteconomia	Modalidade	Grau
Alagoas	UFAL	Presencial	Bacharelado
Acre	Não há		
Amazonas	UFAM	Presencial	Bacharelado
Amapá	Não há		
Bahia	UFBA CEUCLAR	Presencial A distância	Bacharelado Bacharelado
Ceará	UFC UFCA	Presencial Presencial	Bacharelado Bacharelado
Distrito Federal	UnB	Presencial	Bacharelado
Espírito Santo	UFES	Presencial	Bacharelado
Goiás	UFG	Presencial	Bacharelado
Maranhão	UFMA	Presencial	Bacharelado
Minas Gerais	UFMG UNIFORMG	Presencial Presencial	Bacharelado Bacharelado
Mato Grosso do Sul	IESF	Presencial	Bacharelado
Mato Grosso	UFMT UNIC	Presencial Presencial	Bacharelado Bacharelado
Pará	UFPA	Presencial	Bacharelado
Paraíba	UFPB	Presencial	Bacharelado
Pernambuco	UFPE	Presencial	Bacharelado
Piauí	UESPI	Presencial	Bacharelado
Paraná	UEL FCSAC FAED	Presencial Presencial Presencial	Bacharelado Bacharelado Bacharelado
Rio de Janeiro	USU Unirio Unirio UFF UFRJ	Presencial Presencial Presencial Presencial Presencial	Bacharelado Bacharelado Licenciatura Bacharelado Bacharelado
Rio Grande do Norte	UFRN	Presencial	Bacharelado
Rondônia	UNIR	Presencial	Bacharelado

Roraima	Não há		
Estado	Curso de Biblioteconomia	Modalidade	Grau
Rio Grande do Sul	FURG UCS UFRGS	Presencial A distância Presencial	Bacharelado Bacharelado Bacharelado
Santa Catarina	UDESC UFSC UNOCHAPECÓ	Presencial Presencial A distância	Bacharelado Bacharelado Bacharelado
Sergipe	UFS	Presencial	Bacharelado
São Paulo	UFSCAR PUCCAMPINAS USP UNESP UNIFAI FABCI FAINC FATEA IMAPES	Presencial Presencial Presencial Presencial Presencial Presencial Presencial Presencial Presencial	Bacharelado Bacharelado Bacharelado Bacharelado Bacharelado Bacharelado Bacharelado Bacharelado Bacharelado
Tocantins	Não há		

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados do eMEC (BRASIL, 2017).

Na formação do bibliotecário há que se atribuir destaque também para o início dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, que disponibilizam cursos de pós-graduação nos níveis de Mestrado Acadêmico, Mestrado Profissional e Doutorado em Biblioteconomia ou Ciência da Informação no Brasil. Em Santa Catarina há duas Instituições para ingresso nos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação: a UDESC, que oferece Mestrado Profissional, e a UFSC que possui o Mestrado Acadêmico e Doutorado. (BRASIL, 2015b)

Segundo Mueller (1985) a primeira tentativa na criação de um curso de mestrado em Biblioteconomia no Brasil foi da Universidade de Brasília, em 1965 - funcionou apenas por dois anos, com três alunos matriculados (nenhum chegou a se formar, devido à instabilidade política que afetou a Universidade na época). Foi no ano de 1970 que teve início no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) o primeiro curso a formar mestres em Ciência da Informação em convênio com a

Universidade Federal do Rio de Janeiro. (MUELLER, 1985). Este curso também foi responsável por fixar a Ciência da Informação institucionalmente no Brasil (SOUZA; STUMPF, 2009).

Santa Catarina, como evidenciado através dos quadros anteriores, possui dois cursos de graduação em Biblioteconomia, um oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Ambos foram criados na década de 1970, o da UFSC em 10 de outubro de 1973 por intermédio da Portaria n. 208/UFSC com o nome de Curso de Biblioteconomia e Documentação (MENDONÇA; SOUZA, 2013) e o da UDESC aprovado através do Parecer 435/73 e implantado em 1974 (OHIRA *et al*, 2002).

Ao concluir o curso de bacharel em Biblioteconomia o egresso do ensino superior mediante adesão ao Conselho profissional torna-se formal e legalmente bibliotecário e pode exercer seu papel político também através da Associação¹⁸ de classe que em Santa Catarina é representada pela Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB).

2.3.2.2 Classe profissional bibliotecária: agrupamento em Associações e Sindicatos em Santa Catarina

Schutz (2012, p. 95) ressalta que “o significado subjetivo que o grupo possui para seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum com o decorrente sistema de tipificações e relevâncias (que formam uma concepção relativamente natural do mundo que é compartilhada).” O autor descreve dois tipos de grupos: os existenciais (com os quais se compartilha uma herança social comum) e os voluntários (formados pelo indivíduo ou ao qual aderiu ao longo da vida). Este último, que denomina voluntários, inclui os grupos profissionais, por exemplo. No caso deste grupo,

¹⁸ Relevante destacar que a adesão à Associação de classe não está condicionada ao registro em Conselho. A Associação possui várias categorias de sócios (fundadores, efetivos, contribuintes, remidos, aspirantes, beneméritos, honorários, correspondentes e institucional) que incluem desde o profissional já graduado, o estudante até sócios não bibliotecários – pessoa física ou jurídica – que tenha admissão homologada pela Diretoria. (ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE BIBLIOTECÁRIOS, 2015).

o sistema de tipificações, relevâncias, papéis, posições não experienciado pelo indivíduo como já sendo algo pronto e acabado (como no caso do primeiro grupo), ele deve ser construído pelos membros e, sendo assim, sempre envolve um processo. (SCHUTZ, 2012).

A classe profissional bibliotecária constitui um grupo específico, sujeito a regras, acordos e costumes que são construídos e reformulados pelo grupo. Ao escolher uma profissão, o indivíduo assume uma responsabilidade para consigo e para com os outros, assume uma postura de comprometimento que não tem caráter individual.

Ortega y Gasset (2006, p. 13) destaca que o homem tem liberdade de escolha para fazer aquilo que ele irá fazer, entretanto, ao exercer uma profissão, compromete-se a fazer o que a sociedade necessita e “terá que renunciar parte de sua liberdade, e se verá obrigado a desindividualizar-se, a não decidir suas ações exclusivamente do ponto de vista de sua pessoa, mas do ponto de vista coletivo”.

O trabalho do bibliotecário exige postura ética e política. Não é possível viver no mundo contemporâneo sem comprometimento com o país, com mudanças para a busca de um futuro melhor, compromissos que implicam escolha e ação, são de cunho político (CASTRILLÓN, 2011) e se relacionam com a questão ética pautada no dever fazer.

Se tudo estivesse bem, se não fosse preciso mudar nada, se estivéssemos contentes com o mundo e com o país que temos, se todos os seres humanos e, em especial, todos os nossos compatriotas ocupassem um lugar digno no mundo, se vislumbrássemos um futuro mais humano para nossos filhos e netos, possivelmente poderíamos definir outro tipo de tarefas para as bibliotecas, e provavelmente nós, os bibliotecários, poderíamos esquecer que temos um dever social. (CASTRILLÓN, 2011, p. 41-42).

A este respeito, Castrillón (2011, p. 44) ressalta que muitas são as barreiras que se levantam contra esse dever ético e político que é um instrumento de intervenção no mundo: o desprezo pela política, que muitas vezes está atrelada à atuação de indivíduos que dela fazem parte para fins particulares; a

posição elitista do intelectual que não se compromete e parece estar “acima do bem e do mal”; e a última, mais fatalista conforme a autora, o descrédito na possibilidade de mudança.

A participação em agrupamentos de classe profissional é uma das formas de exercício ético e político. O bibliotecário brasileiro tem como entidades de classe a Associação e o Sindicato. Dos dois, a Associação é a mais antiga.

A Associação que congrega bibliotecários no Brasil é a já mencionada FEBAB, fundada em 1959 sob liderança de Laura Russo e Rodolfo Rocha Júnior com o objetivo de defender e desenvolver a profissão bibliotecária. (CASTRO, 2000). Teve importante papel na reflexão sobre a atuação bibliotecária, regulação de instrumentos legais e na consolidação de cursos de formação no País. No Brasil atualmente a FEBAB é composta por 13 Associações Filiadas nos diversos Estados: Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Sergipe e Santa Catarina. (FEDERAÇÃO..., 2015).

Em Santa Catarina os profissionais e estudantes de Biblioteconomia contam com a Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), fundada no ano de 1975 com a sigla APBC (Associação Profissional dos Bibliotecários Catarinenses). Em 1977 foi publicado seu estatuto e a Associação passou a existir legalmente. Em 1982 (com 142 associados – nove anos após a criação dos cursos de Biblioteconomia no Estado) passa a se chamar Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB). (ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE BIBLIOTECÁRIOS, 2015). Em seu estatuto, a ACB tem como objetivos

congregar os profissionais da área, defender os interesses e apoiar as reivindicações de classe; servir de centro de informação das atividades bibliotecárias em Santa Catarina; contribuir para o aprimoramento cultural e técnico e promover eventos de interesse para a classe. (ACB, 2015)

As Associações são os meios de legitimação profissional porque são sustentadas a partir da prontidão do coletivo profissional e para existir dependem do envolvimento financeiro e de sua gestão por parte dos bibliotecários (SOUZA, 2014a).

Souza (2014a) atenta para uma postura enganosa da classe profissional de pleitear um discurso ético, entretanto, desprestigiando as associações bibliotecárias.

Em comparação com outras entidades, as Associações profissionais são o espaço privilegiado de exercício político pois trata-se de movimento não obrigatório, voluntário, de profissionais e estudantes em formação (também de interessados na área). É o ambiente de relações mais apropriado para reflexões, debates e decisões sobre a condição e melhoria profissional.

Lembrando Castrillón (2011) sobre as barreiras que se levantam para o exercício ético e político é relevante destacar que as Associações Filiadas à FEBAB e a própria ACB já esboçaram números maiores de associados, o que denota um enfraquecimento e falta de articulação profissional em torno destas entidades de classe. Souza (2012), em escritos sobre a representatividade profissional do bibliotecário brasileiro, evidencia a situação do Estado de São Paulo, que possui o maior número de profissionais bibliotecários, “berço” de articulações profissionais¹⁹ que marcaram a história da Biblioteconomia brasileira e há certo tempo não possui mais uma Associação de bibliotecários.

Os sindicatos se configuraram inicialmente como ‘sociedades de resistência’, uma representação coletiva de interesse junto aos patrões e ao Estado. No Brasil sua história inicia durante o século XIX, no processo de formação da classe trabalhadora, composta por assalariados e escravos que, posteriormente, assistiram a chegada de imigrantes europeus que integraram o grupo heterogêneo. O ajuntamento coletivo destes indivíduos em causas trabalhistas resultou em um movimento de luta organizada demandando melhores salários e condições de trabalho (inclusive redução de carga horária). (SPUDEIT; FÜHR, 2011)

Na história dos sindicatos bibliotecários no contexto brasileiro, as primeiras iniciativas vêm da Bahia, São Paulo,

¹⁹ Ali surge a Associação Paulista de Bibliotecários – APB na década de 1930, primeira associação de bibliotecários do país (anterior à própria FEBAB) e base para ações políticas em torno da nacionalização da profissão de bibliotecários, da criação da FEBAB, da legislação profissional, currículo mínimo entre outras. (SOUZA, 2012)

Paraná e Rio de Janeiro (SPUDEIT; FÜHR, 2011). A primeira, em meados de 1970, aconteceu na Bahia, por mobilização do então Presidente da FEBAB, Antônio Gabriel, entretanto, amargou vários problemas de ordem burocrática e de mobilização de pessoal até ser desativado. O Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo (SINBIESP) surge em 1985, com eleição de chapa única liderada pelo bibliotecário José Domingos de Brito e permanece ativo. No Paraná, o Sindicato de Bibliotecários (SINDIB/PR) foi constituído em 1988 e reconhecido como entidade sindical em 1991, também permanecendo ativo. O Sindicato dos Bibliotecários no Estado do Rio de Janeiro (SINDIB/RJ) foi aprovado em 1989 e apesar de estar ativo, como os demais Sindicatos, tem que lidar com dificuldades financeiras em virtude da baixa adesão profissional e impedimentos burocráticos. Houve tentativa ainda de constituição de um Sindicato de Bibliotecários de Minas Gerais (SIBMG), em 1980 e em 2005 mas já em 2008 não houve continuidade das ações. Também no Maranhão as tentativas em 2003 não lograram êxito por questões burocráticas. (SPUDEIT; FÜHR, 2011).

Em Santa Catarina, há registros sobre a criação de um Sindicato desde 1980 e somente na 29ª edição do Painel de Biblioteconomia de Santa Catarina, em 2010, a bibliotecária Miriam C. M. Matos direcionou um debate mais efetivo, articulando após o Evento uma Comissão “Pró SindBiblio/SC”, coordenada pela mesma bibliotecária, responsável por encaminhar junto ao Ministério do Trabalho e Emprego os documentos necessários para concessão da carta sindical. Oficialmente foi fundado em 2010, mas ainda aguarda seu registro sindical. (SPUDEIT; FÜHR, 2011).

Os Conselhos são distintos das Associações e Sindicatos pois são parte da organização estatal para fiscalizar o exercício da profissão e atuam mediante imperativo legal. O Conselho Federal e os Conselhos Regionais foram criados pela já mencionada Lei n.4.084 de 30 de junho de 1962 que dispõe sobre a profissão do bibliotecário e regula seu exercício (BRASIL, 1962).

O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) ainda que previsto em Lei sancionada em 1962, só foi oficialmente instalado a partir da posse dos membros de sua primeira gestão em 1966, após a sanção do Decreto 56.725/65 que

regulamentou a aplicação da referida Lei. O primeiro Conselho Regional instalado foi o do Estado de São Paulo, o CRB-8, neste mesmo ano. Após, foram criados os outros Conselhos Regionais nos demais Estados da Federação²⁰. (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2015).

O CRB-14, o Conselho Regional do Estado de Santa Catarina foi criado em 1984 e além de registrar os profissionais expedindo a Carteira e a Cédula de Identidade Profissional, é o órgão responsável por fiscalizar o exercício legal da profissão na região de jurisdição, bem como, impedir e punir as infrações à legislação vigente com o intento de defesa da classe profissional. (CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2015).

As Associações, Sindicatos e Conselhos da categoria profissional em questão são mencionadas neste estudo para oferecer ao leitor uma ambiência das instituições que se relacionam com a mesma. Essas estruturas incidem sobre o fazer profissional e são também transformadas por este fazer. São invenção humana para ordenação coletiva, como é o Estado.

2.4 O Estado e as políticas públicas

O Estado é invenção humana e surge na medida em que evolui o processo de interação entre os indivíduos. É possível afirmar dessa forma que ao longo da história a humanidade participou do surgimento do Estado e nesse sentido pode fazer o registro de sua constituição a partir de perspectivas e entendimentos distintos.

As muitas teorias existentes sobre o surgimento do Estado podem ser sintetizadas em duas fundamentais: as que sustentam que o Estado se formou espontaneamente, não por um ato voluntário e as que postulam seu surgimento a partir de uma formação contratual. A primeira vai agrupar a origem familiar ou patriarcal, a origem em atos de violência, uso da força e

²⁰ CRB-1: DF, GO, MT, AC e Território de Rondônia; CRB-2: PA, AM e Territórios de Amapá e Roraima; CRB-3: CE, PI, MA; CRB-4: PE, PB, RN e Território Fernando de Noronha; CRB-5: BA, SE, AL; CRB-6: MG; CRB-7: RJ, ES; CRB-8: SP; CRB-9: PR, SC; CRB-10: RS. Muitos posteriormente foram desmembrados, criando CRB distintos como o caso do Conselho Regional de Santa Catarina, o CRB – 14. (CFB, 2015)

conquista, a origem nas questões econômicas e patrimoniais e no desenvolvimento interno da sociedade. (DALLARI, 1998).

Elias (1993), ao refletir sobre o processo civilizador no Ocidente que se desenvolveu no ambiente europeu, analisa que a formação do Estado está diretamente ligada ao monopólio da violência e da tributação legitimada pelos indivíduos e também estabelece um paralelo entre o delineamento do Estado e processo de civilização a partir do domínio das paixões, o que denominou economia dos afetos. Uma sociedade com poder centralizado forte obriga os indivíduos ao apaziguamento de seus impulsos e a violência física fica restrita aos que são legitimados como autoridade, no caso do Estado. (ELIAS, 1993).

No entendimento de Estado que se forma por um viés mais contratualista, admite-se que este surge a partir da criação calculada e consciente, do capitalismo comercial e monárquico, uma nova ordem social com a atuação de uma oligarquia empreendedora e liberta de vínculos conservadores. No alvorecer de um Estado Moderno o campo cede lugar à cidade, estão latentes as navegações e há um progresso do comércio, que precede o capitalismo industrial que se projeta no Ocidente (FAORO, 2012).

Ao fazer retrospectiva histórica, Dallari (1998) destaca brevemente diversos períodos e a compreensão que se pode ter de Estado para cada um destes períodos: Estado Antigo, Estado Grego, Estado Romano, Estado Medieval e Estado Moderno.

O Estado Antigo refere-se às formas de Estado que se delinearam com as primeiras civilizações históricas e possui duas marcas que caracterizam o Estado nesse período: a natureza unitária (o Estado aparece como unidade geral, sem divisões interiores, funcionais ou territoriais) e a religiosidade (denominado também de Estado Teocrático, caracterizando a autoridade do governante como vontade divina). Nos dois dos principais Estados Gregos, Atenas e Esparta, existia a concepção de cidade-Estado como sociedade de exercício político com ideal de autossuficiência. (DALLARI, 1998). No texto de Platão (1949) “A República”, a questão da justiça é recorrente e permanentemente se relaciona com o Estado e com o tema da educação.

Uma das principais características do Estado Romano é a base familiar, razão pela qual se concedia privilégios a membros de famílias de descendentes dos fundadores do Estado. No

Estado Medieval havia muitos centros de poder e foi impactado por três fatores: o cristianismo, as invasões bárbaras e o feudalismo. O ideal de que toda humanidade fosse cristã estabelecia a ideia de Estado Universal, incluindo todos e guiados por princípios iguais. Os povos bárbaros traziam costumes diferentes que abalavam a ordem estabelecida e desestruturavam a ideia assumida pela Igreja Católica que intencionava construir um único e poderoso Império. O feudalismo, o funcionamento e as ordenações dos feudos conferiam uma instabilidade política, econômica e social, estabeleciam uma carência de ordem e de autoridade que fomentaram a criação do Estado Moderno. Este, por sua vez, representava uma aspiração de unidade, de um poder reconhecidamente supremo. Portanto, elementos como o território, o povo, autoridade, governo, poder e soberania são fundamentais para a compreensão do Estado Moderno. (DALLARI, 1998).

Uma tipologia pode ser estabelecida a partir do limite maior ou menor do poder do Estado:

- a) Estado patrimonial, quando o Estado é considerado patrimônio pessoal do príncipe e o exercício da soberania decorre da propriedade da terra;
- b) Estado de polícia, quando o soberano, embora não governando em nome próprio, mas em nome do Estado, exerce discricionariamente o poder público, de conformidade com aquilo que ele considera de interesse do Estado e dos súditos
- c) Estado de direito, quando os poderes são rigorosamente disciplinados por regras jurídicas. (GROPALLI apud DALLARI, 1989, p. 30).

Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu preâmbulo, o Brasil declara instituir a partir da Carta Magna um Estado de Direito para assegurar os direitos sociais e individuais, “a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social” (BRASIL, 1988). As políticas públicas surgem no período mais amadurecido de

Estado, compreendido como Estado de Direito²¹. Neste contexto, esses direitos devem ser regulamentados.

Ao relacionar Estado com as políticas públicas torna-se importante diferenciar Estado de governo. O Estado é relacionado a um conjunto de instituições permanentes que viabilizam a ação do governo. Este, por sua vez, é constituído de programas e projetos que determinado grupo (políticos, técnicos, organismos da sociedade civil e outros) propõe para a sociedade em geral, tornando-se o norte político de determinado governo que assume o Estado por determinado período. (HOFLING, 2001).

Políticas públicas são propostas de governo postas em prática pelo Estado, mediante programas e ações direcionadas para setores específicos da sociedade. São responsabilidade do Estado mas não podem ser reduzidas a políticas estatais. (HOFLING, 2001). Busca concomitantemente “colocar o governo em ação” e analisar essa ação para, se necessário, propor mudanças no desenvolvimento dessas ações. A formulação destas políticas constitui a tradução dos propósitos e plataformas eleitorais dos governos democráticos em programas e ações que intencionam produzir resultados concretos. (SOUZA, 2006).

Um aspecto relevante de nossa sociedade é que o cidadão é o mantenedor do Estado. Os bens públicos são custeados por este indivíduo que mediante tributos torna possível o funcionamento e atividade estatal. Os serviços e patrimônio público portanto são de todos e para todos devem ser geridos com o entendimento permanente de que esse “todos” é plural em uma diversidade de sentidos (econômico, étnico, religioso...).

Nos últimos anos a crescente afirmação de democracia sugere também uma afirmação da cidadania, esta, a partir do conhecimento por parte dos cidadãos de seus direitos e deveres que possibilite a participação destes na vida pública e no desenvolvimento de políticas públicas. O direito e

²¹ Nesse sentido, cabe ressaltar o período político atual na história brasileira e a postura do governo do até então Vice-presidente Michel Temer que assumiu a presidência em virtude do processo de *impeachment*, sofrido pela presidenta eleita Dilma Rousseff, aprovado no Senado no dia 31 de agosto de 2016. Sua avalanche de medidas tomadas em apenas um semestre de mandato demonstra o desmonte da Constituição Federal e redução do Estado, inclusive de políticas públicas.

reconhecimento do cidadão são imprescindíveis para a vida democrática, direcionado para todos, inclusive para grupos como o índio ou para o pobre que ficaram à margem da vida política. (DOMÍNGUEZ LÓPEZ, 2006).

Demonstrou-se relevante também estabelecer um contexto de formação do território e população brasileira para poder estabelecer algumas relações com políticas públicas para as bibliotecas no contexto catarinense.

2.4.1 O Estado catarinense

Muitos compreendem a terapia como algo salutar em virtude do terapeuta ser um outro que não está envolto no contexto de vida entendido como problemático do paciente. Neste caso, há a valorização do olhar externo, da perspectiva de alguém que pode perceber ou compreender com diferente ponto de vista elementos não percebidos ou não compreendidos pelos que estão envolvidos. Flusser (1998) oferece este olhar terapêutico (e por vezes incômodo) sobre o Brasil ao escrever “Fenomenologia do Brasileiro” com o ponto de vista de um intelectual imigrado da Europa na década de 1940.

A história do país, no período mais distante que se possa alcançar, remete para seu “descobrimento”²², para a chegada dos colonizadores portugueses, que subjugarão as populações que se encontravam em seu território. Flusser (1998) percebe que no Brasil se fala em história e que esta é cultivada no ambiente escolar desde o primário até o clássico em virtude principalmente da história universal. No caso da história do Brasil, o autor faz alusão ao texto de Pero Vaz de Caminha²³ no período da colonização que acompanha a juventude durante toda sua vida escolar, ao menos de ensino fundamental. Para além de revelar que o Brasil tem história curta ou pouco importante, tal percepção revela que o brasileiro não tem história nem senso

²² Provavelmente não houve uma criança que não tenha respondido esta pergunta na Escola em época de ensino fundamental: “Quem descobriu o Brasil?”

²³ Este é o primeiro documento literário a respeito do Brasil, escrito no ano de 1500, no momento de sua “descoberta” pelos portugueses. No fim da carta Caminha escreve: “Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar essa gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” (LEITE, 2002, p. 197).

histórico (e isso é surpresa para um imigrante europeu como Flusser). (FLUSSER, 1998).

A comparação com a condição do imigrante no Brasil e nos Estados Unidos também é traçada na obra de Flusser (1998) como forma de compreensão de um contexto brasileiro. Nesse sentido, é também significativa para esta discussão a obra de Faoro (2012). Ela traz contribuições relevantes acerca do período de colonização dos dois países e do contraste das colônias portuguesas (como o caso do Brasil) e das colônias inglesas (como o caso estadunidense). Tanto para Portugal, quanto para Inglaterra, não havia o propósito inicial de fixar, longe da pátria, o excedente demográfico - esta situação atuou de maneira secundária. Embora o impulso inicial dos dois sistemas (britânico e português) estivesse comprometido com uma inspiração mercantilista, aspectos relevantes formaram uma configuração que diferenciou um sistema do outro atribuindo às colônias fisionomias substancialmente diversificadas. (FAORO, 2012).

O inglês iniciou na América uma pátria (hostil à centralização, repeliu a proteção real paternal), o português estabeleceu um prolongamento do Estado em terras brasileiras. A Inglaterra estava em plena ascensão pautada no capitalismo industrial, possuía uma retaguarda econômica. O contexto era de transmigração populacional para as praias e florestas americanas para se estabelecer naquela terra distante a reprodução da cultura da mãe-pátria. Superado o feudalismo, os imigrados formaram sua própria organização política e administrativa. Outra questão relevante é que o inglês trouxe sua mulher para a colônia, ao contrário do português. Portugal estava imerso no Estado absoluto, em contexto centralizador, legitimado por um estamento que consolidava a supremacia e o controle da realeza em todas as esferas. (FAORO, 2012).

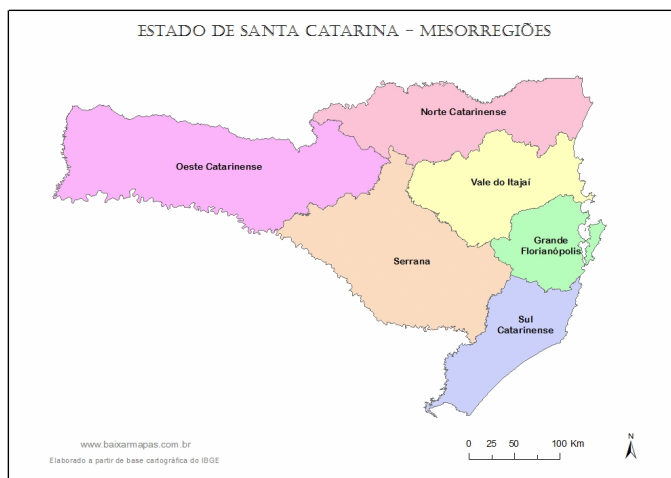
O Brasil, como os Estados Unidos, possui mãe pátria e população predominantemente europeia. Entretanto, descende de pessoas que perderam seus laços com a Europa, que (sem suas mulheres) se misturaram à população indígena subjugada e foram para um estágio de secundário primitivismo, perdendo sua historicidade - o que não aconteceu com os estadunidenses. O brasileiro reconhece a Europa como um centro que manipula e explora, irradiador de influências (e não consegue distinguir nisto entre a Europa e Estados Unidos). O brasileiro não se sente sujeito da história mas sofredor da história. (FLUSSER, 1998).

Os portugueses que aqui estiveram, na faixa litorânea em que se estabeleceram, desenvolveram sua vida - no mar estava a autoridade do soberano, representada nas embarcações provenientes de Portugal. Prezavam sua integridade política, eram dependentes do rei e senhor do reino. Não transmigraram como fizeram os ingleses nos Estados Unidos, comportavam-se como funcionários a serviço “cuja cabeça ficou nas praias de Lisboa”. Fundavam vilas para agregar num núcleo de vigilância para as atividades comerciais e estruturar o interesse fiscal e ocupavam-se em se defender de corsários e indígenas. As vilas foram criadas antes do estabelecimento de pessoas, - prática que é modelo da ação do estamento, repetida no Império e na República que evidencia uma prática de realidade criada a partir da lei, a partir do regulamento. (FAORO, 2012, p. 143).

Parte desses portugueses chegaram ao território que viria a ser Santa Catarina pelo mar, através da expedição de Juan Dias Solis, em 1515, quinze anos após o “descobrimento”. Os habitantes das terras catarinenses eram índios carijós e tupi-guarani. O povoamento do Estado iniciou em 1637 a partir da Capital - na época, Nossa Senhora do Desterro. Em 1739, Santa Catarina era o posto português mais avançado da América do Sul, o que estimulou os espanhóis a invadirem a Ilha em 1777 e expulsarem tropas e autoridades para o continente. A Ilha foi devolvida para os portugueses após o Tratado de Santo Ildefonso, ainda naquele ano. (SANTA CATARINA, 2015).

Santa Catarina é um Estado situado na região Sul do Brasil e possui 295 municípios que estão distribuídos em seis mesorregiões (Norte Catarinense, Vale do Itajaí, Grande Florianópolis, Sul Catarinense, Serrana e Oeste Catarinense), conforme mapa que segue. As mesorregiões nortearam a escolha das bibliotecas públicas onde atuam profissionalmente os participantes deste estudo, como será descrito mais adiante.

Figura 1: Mapa das mesorregiões de Santa Catarina



Autor: Baixar Mapas (2015).

O Estado recebeu muitos imigrantes de diferentes regiões do mundo, predominando a presença de grupos oriundos de países europeus. Deu-se a vinda de alemães, italianos, austríacos, franceses, poloneses, japoneses, africanos, além de sobreviverem remanescentes dos grupos originários. Antes dos imigrantes já se encontravam no Estado os povos indígenas das tribos Guarani, Kaingang e Xokleng. Os alemães chegaram em 1829 e os italianos em 1877, instalando diversas colônias. A colônia europeia teve início em 1829, no município de São Pedro de Alcântara, com a chegada de 523 colonos católicos vindos de Bremem, na Alemanha. (SANTA CATARINA, 2015).

A entrada de imigrantes foi intensificada a partir de 1875, com a política imigratória financiada pelo Governo Imperial - principalmente alemães e italianos e em menor proporção poloneses, austríacos, árabes, eslavos e espanhóis. Enquanto os alemães concentraram-se mais no Vale do Itajaí e Norte os italianos além do Vale do Itajaí, iam também para o sul. (GOULARTI FILHO, 2002).

Goularti Filho (2002) enfatiza que na história da economia catarinense a partir da ocupação de suas terras pelos imigrantes foram dadas as condições materiais e sociais para a reprodução do sistema capitalista – para demarcação de terras foram

estabelecidos municípios e vilas; para escoar a produção foram criadas estradas, ferrovias e portos; para acabar com a violência (na percepção dos colonizadores) houve o extermínio dos índios e a subordinação dos caboclos ao trabalho nos moldes do novo sistema econômico. (GOULARTI FILHO, 2002).

No início do século XX foram consolidados setores têxtil, madeireiro e alimentar, que comandaram a economia no Estado até início dos anos 60. De 1945 a 1962 houve um alargamento da divisão social do trabalho e o surgimento de indústrias catarinenses. Em 1962 foram criados o Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (BDE), e o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), e no final dos anos 60, foram criados outros mecanismos de fomento, todos com um propósito de “fomentar e incentivar a indústria e a agroindústria catarinense”. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 992).

Atualmente, a mesorregião da Grande Florianópolis é pautada nos setores de tecnologia, turismo, serviços e construção civil; a mesorregião Norte destaca-se por ser um pólo tecnológico, moveleiro e metal-mecânico e a economia no Oeste é voltada para os setores de produção alimentar e de móveis. A mesorregião do Planalto Serrano consolida-se com a indústria de papel, celulose e da madeira e no Sul a economia é centralizada nos segmentos do vestuário, plásticos descartáveis, carbonífero e cerâmico. Já no Vale do Itajaí, que concentra o maior PIB do Estado, predomina a indústria têxtil e do vestuário, naval e de tecnologia. (SANTA CATARINA, 2015).

Conforme dados da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC), o Estado é quarto colocado do país em número de empresas e o quinto em número de trabalhadores, embora seu território seja de apenas 95.733,978km², conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o menor Estado do Sul do Brasil. Destaque para a indústria alimentícia (principalmente carne suína, de frangos e pescados), e para a agricultura no cultivo de produtos como arroz, milho e soja. (SANTA CATARINA, 2015).

A economia catarinense também é incrementada pelo turismo. No verão do ano de 2012 para 2013 o Estado recebeu mais de 6 milhões de turistas nacionais e estrangeiros (somente em janeiro e fevereiro foram 4,6 milhões) o que reverteu em uma receita de mais de R\$ 3 bilhões. (SANTA CATARINA, 2015).

Em 2010, o Produto Interno Bruto (PIB) do Estado foi de 152.482 milhões, com a participação da Agropecuária em 6,7%, da Indústria em 34,1% e Serviços 59,2%. O montante equivale, aproximadamente, à totalidade do PIB do Uruguai, Paraguai e Bolívia. É o maior PIB per capita da região Sul (R\$ 24.398,42 em 2010). (SANTA CATARINA, 2015) e segundo dados do IBGE (2015) sua participação no PIB nacional em 2010 foi de 4,0%. No período, os maiores PIB's per capita do Estado estavam em Itajaí (mesorregião do Vale do Itajaí), Joinville e Jaraguá do Sul (mesorregião Norte).

No censo de 2010 a população era de 6.248.436 em uma área de 95.733,987Km², cerca de 65,27 habitantes por quilômetro quadrado. A população urbana somava 5.247.913 e a rural 1.000.523. Constatou-se que a maioria da população catarinense está na faixa etária de 30 a 39 anos. No que se refere à cor ou raça e crença religiosa, a população em sua maioria se declara branca (83,9%) e católica (73,1%). (IBGE, 2015)

Com relação à renda familiar, dados coletados em 2011, revelam que 1,6% das famílias catarinenses não possuem rendimento, 4,3% recebem até 1 salário mínimo (SM), 14,2% até 2 SM, 16,1% ganham de 2 a 3 SM, 23,2% ganham entre 5 a 10 SM, 8,1% ganham de 10 a 20 SM e 2,2% mais de 20 SM. Os dados catarinenses esboçam o número médio de 3 pessoas por domicílio. Em 2012, 147.043 famílias foram beneficiadas pelo Bolsa Família²⁴. (IBGE, 2015).

A taxa de analfabetismo em 2010 era de 4% da população, levando em consideração pessoas com 15 anos ou mais de idade que não sabem ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhecem. A maior concentração de analfabetos do Estado é na mesorregião do Oeste Catarinense, nas cidades de São Lourenço do Oeste (9,7%), Quilombo (8,4%), Dionísio Cerqueira

²⁴ "O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. Integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 77 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos." (BRASIL, 2015f) Foi instituído pela Medida Provisória 132, de 20 de outubro de 2003.

(8,1%), Curitiba (7,9%), Campos Novos (7,8%), Xanxerê (7,4%) e Caçador (7,0%). (IBGE, 2015).

O percentual de escolaridade de pessoas com 10 anos ou mais de idade e seu nível de instrução é de: superior completo – 9,7%, médio completo e superior incompleto – 24,8%, fundamental completo e médio incompleto – 19,5%, sem instrução e fundamental incompleto – 45,5%, não determinado – 0,5%. Em 2012, Santa Catarina contava com 6.238 escolas de educação básica e em 84,2% destas escolas afirmava-se a existência de biblioteca escolar. A porcentagem de abandono do ensino médio em 2010 foi de 8,0% e do ensino básico 0,9%. (IBGE, 2015).

No site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é possível encontrar uma série de informações estatísticas relacionadas à educação superior. Em 2012 obteve-se o registro de 99 Instituições de Ensino Superior (IES) no Estado com 282.333 alunos matriculados em cursos de graduação (em Instituições públicas e privadas). (INEP, 2015).

Com relação às bibliotecas públicas existe um Sistema responsável por oferecer assessoria para as mesmas, o Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina (SBPSC). Este Sistema está vinculado à Fundação Catarinense de Cultura (FCC), órgão cultural da estrutura do Governo do Estado de Santa Catarina. O Decreto Estadual nº 30.571, que em 1986 instituiu inicialmente o Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina, a subordinava à Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – Fundação Educacional de Santa Catarina (UDESC/FESC), atual, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Em 2008 o Sistema deixou de ser vinculado à UDESC para se tornar um organismo da FCC através do Decreto nº 1.572, de 1º de agosto de 2008, em vigor atualmente. (SILVA; SILVA, 2013).

O SBPSC tem como objetivo “implantar, expandir, modernizar e prestar assessoria a bibliotecas públicas em todos os municípios do Estado” e é competente para “coordenar e executar as atividades em consonância com as diretrizes do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.” (SANTA CATARINA, 2015a). Possui, portanto um vínculo legal com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) do Governo Federal, já mencionado anteriormente.

Os agentes que atuam no SBPSC para realizar seu trabalho precisam conhecer o ambiente que constitui sua atuação, ou seja, o ambiente das bibliotecas públicas catarinenses. Em publicação de 2010, com dados coletados em 2009, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicou o Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, um estudo quantitativo que pode auxiliar na aproximação inicial do contexto das bibliotecas públicas presentes no Estado de Santa Catarina. Os dados levantados neste estudo podem ser melhor visualizados no quadro que segue:

Quadro 2: Resultado em porcentagem de algumas características de Bibliotecas Públicas Municipais de SC

Algumas características das Bibliotecas Públicas Municipais de SC	Resultados
Numero de funcionários	74% - entre 1 e 2 17% - entre 3 e 4 9% - mais de 4
Dias de funcionamento	100% - de segunda a sexta-feira 6% - sábado 0% - domingo
Turnos	98% - dia 23% - noite
Equipamentos	87%, - Computador 39% - TV 32% - Aparelho de som 30% - Vídeo 27% - Maquina de datilografia 27% - Aparelho de DVD 8% - Outros equipamentos 10% - nenhum
Acesso à internet	87% sim 22% não
Serviço de Internet para usuários	62% sim 38% não
Uso da Biblioteca	57% pesquisa escolar 28% pesquisa em geral 14% lazer

Algumas características das Bibliotecas Públicas Municipais de SC	Resultados
Obras existentes no acervo	9% até 2.000 volumes 35% de 2.001 até 5.000 volumes 29% de 5.001 a 10.000 volumes 27% mais de 10.000 volumes
Serviços para deficientes visuais	12% Sim 88% Não
Serviços para pessoas com outras deficiências	13% Sim 87% Não

Autor: Elaborado pela autora com base no Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais (FGV, 2010)

Os dados revelam uma biblioteca pública com horários restritos ao trabalhador típico (com horário de trabalho diurno), sem considerar em seus serviços necessidades do deficiente (na multiplicidade do que se pode considerar deficiência). O Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais mostra que a maioria das bibliotecas públicas brasileiras não possui capacidade de se manter por insuficiência de recursos, não atualizam seus acervos, não investem em tecnologia, nem na formação e qualificação das equipes (muitas vezes sem o profissional formado). (MACHADO, 2010).

Um documento também relevante para os gestores culturais, principalmente no contexto do direito e acesso à leitura é a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, que já está em sua terceira edição, publicado pelo Instituto Pró-Livro (IPL). Nesse documento A Região Sul, em que se encontra Santa Catarina, apresenta dados que merecem atenção como a região que menos frequenta biblioteca, ou, a região que mais compra livros. Também registra uma queda no percentual da população leitora que em 2007 era de 53%, já em 2011, 43%. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012).

De certa forma, os dados evidenciam igualmente que as políticas públicas voltadas para as bibliotecas públicas no Brasil (e também em Santa Catarina) ainda não conseguiram efetivar

uma biblioteca pública que pudesse alcançar a todos os cidadãos.

2.4.2 Políticas públicas em prol das bibliotecas públicas no Brasil e em Santa Catarina

As políticas públicas revelam e especificam o regime político que é posto em jogo por parte do governante, seu projeto de direção política e ideológica de Estado e de sociedade. Nestas políticas públicas reside a capacidade de dar conta de uma particular dinâmica de exclusão. (MEDELLÍN TORRES, 2004).

No Brasil, o quanto se evoluiu na questão da democratização da informação, desde as primeiras bibliotecas públicas até hoje, após mais de vinte anos de promulgada uma Constituição com base nos direitos humanos, após um período de vinte anos de vigência de uma ditadura militar? Quais políticas públicas foram estabelecidas em prol deste organismo estatal de informação e cultura para o cidadão?

A dificuldade de abordagem de políticas públicas para bibliotecas é que se relacionam com políticas públicas de informação que podem atuar em diversas frentes. Rowlands (1996 apud PAIVA, 2008) categorizou temas que se relacionam com políticas de informação, a saber: política de gerência de recursos informacionais governamentais; política de tecnologia de informação; política de telecomunicações e radiodifusão; política de comunicações internacionais; divulgação, confidencialidade e privacidade de informação; regulação computacional e crimes computacionais; propriedade intelectual; políticas de bibliotecas e arquivos e política de disseminação de informação governamental. Neste estudo o direcionamento é para as políticas públicas que dizem respeito diretamente às bibliotecas públicas.

Nesse sentido, pode se considerar a década de 1930 no Brasil como um marco inicial. Nesse momento, deu-se a criação do Instituto Nacional do Livro (INL) pelo Decreto-Lei n. 93, de 21 de dezembro de 1937. O Decreto-Lei estabelece as finalidades do INL:

- a) organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições;

- b) editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional;
- c) promover as medidas necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros;
- d) **incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional.** (BRASIL, 1937, grifo nosso).

Houve um esforço inicial dos governos na criação de bibliotecas públicas, entretanto, como enfatiza Machado (2010), sem a participação da sociedade. Ao mencionar sobre os processos de implementação de políticas públicas (formulação, desenvolvimento e avaliação) há que se acentuar que no momento inicial de formulação é possível estabelecer uma forma de participação social. (MACHADO, 2010).

O INL foi reestruturado em 2003, passando de editor para promotor de publicações. Rosa e Oddone (2006) ressaltam que foi esse o período em que o INL mais favoreceu à iniciativa privada ao transferir sua linha editorial para editoras comerciais já estabelecidas. Uma das críticas que se fez ao trabalho desenvolvido pelo INL, (sem desmerecer a contribuição inicial tanto para as bibliotecas públicas brasileiras quanto para o desenvolvimento da biblioteconomia e formação de profissionais) é que somente a oferta de livros não garantiu a formação de práticas de leitura. Em 1987, junto com a Biblioteca Nacional o INL passou a integrar a Fundação Nacional Pró-Leitura. Quando essa foi extinta em 1990 suas atribuições foram transferidas para a Fundação Biblioteca Nacional. (ROSA; ODDONE, 2006).

Na tentativa de estabelecer marcos históricos para políticas públicas de bibliotecas constata-se que tais políticas permaneceram durante muito tempo apoiadas em iniciativas e aparatos legais de fomento à cultura em geral, sem especificação de um trabalho com bibliotecas públicas. Algo que confirma essa circunstância é a criação da Lei Sarney em 1986 que foi substituída pela Lei Rouanet, em 1991. Ambas leis foram direcionadas para a concessão de benefícios fiscais na área do imposto de renda em operações culturais e artísticas, a segunda além de restabelecer os benefícios fiscais ainda cria o Programa

Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC) com a finalidade de captação e canalização de recursos para o setor cultural. As duas leis previam a contemplação de recursos para iniciativas de “construção, formação, organização, manutenção, ampliação e equipamento” de unidades de informação, incluindo bibliotecas, bem como, fornecimento de recursos para as mesmas. (ROSA; ODDONE, 2006; BRASIL, 1986; 1991).

Entretanto, em 1992 é instituído o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) junto à Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e ao Ministério da Cultura (MinC), através do Decreto n. 520, com objetivos totalmente direcionados à política de bibliotecas públicas através da implantação de serviços bibliotecários no território nacional, atividades de qualificação destes serviços, do estabelecimento de uma rede de bibliotecas públicas brasileiras, incentivo à criação de bibliotecas em municípios desprovidos deste serviço, atualização de acervo, assessoramento das bibliotecas e dos sistemas estaduais e estabelecimento de convênios para a promoção de livros e bibliotecas. (BRASIL, 1992b).

Machado (2010), que já coordenou o SNBP, considera sua concepção inovadora por sugerir uma ação ramificada no país mas considera que sua vinculação à FBN “amarrou sua estrutura, eliminando a possibilidade de agir de maneira autônoma”, “minando sua capacidade e força para atuar efetivamente e de maneira contínua na dinamização e no fortalecimento das bibliotecas públicas.” (MACHADO, 2010, p. 100).

Vale ressaltar que no mesmo ano de criação do SNBP é instituído também o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), através do Decreto n. 519, igualmente vinculado à FBN e ao MinC²⁵, com proposta de fomentar o hábito de ler e estabelecimento de práticas leitoras, bem como, acesso ao livro. (BRASIL, 1992a). O PROLER surge como ação pública de formação de leitores e se estabelece nas secretarias estaduais e municipais de cultura e educação e em, sua sede, no Rio de Janeiro são oferecidos cursos de formação e desenvolvimento de

²⁵ Tanto o SNBP quanto o Proler, com o Decreto 8.297, de 15 de agosto de 2014, passam a estar vinculados não mais à FBN mas diretamente ao Ministério da Cultura.

professores, bibliotecários e agentes de leitura da rede pública. (MACHADO, 2010).

Ainda em 1992 foi realizada no Rio de Janeiro, uma reunião do Centro Regional para el Fomento del Libro em América Latina y el Caribe (CERLALC), a Reunião Internacional de Políticas Nacionais de Leitura para América Latina e Caribe. A partir de quatro princípios básicos (valorização da leitura, democratização, diversidade cultural e produtividade) propôs-se aos governos dos países da região que a leitura figurasse como objeto de políticas públicas. (CASTRILLÓN, 2011).

Machado (2010) destaca também programas elaborados por outros Ministérios para além do Ministério da Cultura, como é o caso do Ministério da Ciência e Tecnologia que instituiu o Programa Sociedade da Informação (SOCINFO) em 1996, que entre outras ações pretendia conectar as bibliotecas públicas brasileiras. Naquele momento o país não dispunha de suporte de comunicação para o intento e foi criado o Fundo de Universalização de Serviços de Telecomunicações (FUST), pelo Ministério das Comunicações, para gerar recursos financeiros para infraestrutura necessária para a universalização dos serviços de telecomunicações - que poderia viabilizar as metas de conectar as bibliotecas públicas - mas nenhum recurso foi destinado com tal finalidade. (MACHADO, 2010).

Em 2003, reunidos na Bolívia, outro evento envolvendo o CERLALC e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) em Santa Cruz de La Sierra, promoveu duas reuniões: uma com especialistas para formular uma agenda de políticas públicas para leitura e escrita e outra com representantes de planos nacionais de leitura para confrontar a agenda com as propostas de planos e projetos governamentais. A participação ficou restrita a especialistas, bibliotecários, professores, mediadores de leitura e funcionários públicos ligados aos setores de educação e cultura. (CASTRILLÓN, 2011).

No Brasil, em 2003, institui-se a Lei n. 10.753 (chamada de Lei do Livro) e a Política Nacional do Livro que, embora esteja muito mais voltada para a publicação mencionava em seu texto sobre a criação e execução de projetos de acesso ao livro e incentivo à leitura. (BRASIL, 2003). O contexto de política para o mercado editorial desta lei se consolida a partir da constatação de Hallewell (2012) de que a mesma não era novidade, já que entre 1974 e 1976, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o

Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL) propuseram um anteprojeto de lei semelhante mas que não foi adiante na época.

O Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras, presente em municípios catarinenses rurais como Santa Rosa de Lima, foi instituído em 2003 pelo Ministério da Reforma Agrária através da Secretaria do Desenvolvimento Agrário, servindo como mecanismo de apoio à ausência de bibliotecas públicas nos municípios do país, com a proposta de oferecer acesso ao livro e estímulo à leitura na zona rural. O Programa para ser implementado precisa da mobilização da comunidade no sentido de efetivar sua adesão, bem como o preenchimento do formulário de consulta para traçar o perfil das famílias beneficiadas e a indicação de um agente de leitura que será responsável pelo acervo (que fica num “móvel arca”), empréstimo e incentivo à leitura. (BRASIL, 2015e).

O Programa Fome de Livro, de 2005, constitui um conjunto de ações, projetos e programas que se agrupam nos eixos democratização de acesso ao livro, fomento da leitura, valorização do livro, apoio à criação e produção e comunicação. Como objetivos o Programa estabelecia a abertura de mil novas bibliotecas municipais e apoio a bibliotecas comunitárias no propósito de não haver nenhuma cidade brasileira sem biblioteca pública. Outros objetivos eram a instituição de programas de redução de custo do livro, de abertura de novas livrarias, política editorial de apoio a projetos e ações de fomento à leitura, circuito nacional de feiras do livro, a articulação de uma política de leitura no país (federal, estadual e municipal), reduzir o número de analfabetos funcionais, fortalecimento do valor da leitura e escrita, melhorar o acesso a livros principalmente para populações excluídas e em situações de risco, aumentar em 50% os indicadores de leitura no país, tornar a leitura uma política de Estado e instituir o Fundo Nacional de Livro e Leitura. (CERLALC, 2005).

O Programa Fome de Livro constitui uma estratégia para articular ações do Estado, empresas e sociedade civil organizada em torno da leitura e paralelamente, em sintonia com o Plan Ibero-americano de Lectura²⁶, o governo federal estabeleceu

²⁶ Plan Ibero-americano de Lectura – ILÍMITA– uma seria iniciada a partir de uma agenda de políticas públicas de leitura do CERLALC, serve de base

2005 o ano do livro e da leitura através da marca VIVALEITURA e institui o Programa Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). (MACHADO, 2010).

O PNLL foi um programa instituído pela Portaria Interministerial n. 1.442, de 10 de agosto de 2006²⁷ formulado para ser uma Política de Estado para nortear de maneira orgânica que propunha reunir diversos atores em prol das políticas de livro e leitura e articular “políticas, programas, projetos e ações continuadas desenvolvidos no âmbito de ministérios – em particular os da Cultura e da Educação”. O Programa estabelece diretrizes para uma política pública de livro e leitura no Brasil - em particular, à biblioteca e à formação de mediadores. (BRASIL, 2015c). Aos estados e municípios cabe o compromisso de elaboração dos Planos Estaduais do Livro e Leitura (PELL) e Planos Municipais de Livro e Leitura (PMLL).

Machado (2010, p. 103) ressalta que não se pode deixar de reconhecer o “forte cunho participativo” que envolve o processo com reuniões regionais e nacionais para discussão e formulação da nova política nacional para o livro e a leitura, bem como, constituição dos representantes e conselhos regionais. Percebe-se que o momento foi fértil para o início da articulação de vários projetos, programas, ações ligadas ao livro, à leitura, à literatura e à biblioteca – um processo como não havia ocorrido ainda no Brasil. (MACHADO, 2010).

O Programa Mais Cultura surge em 2007, por meio do Decreto Federal nº 6.226 com o objetivo de ampliar acesso aos bens e serviços culturais, qualificar através dos meios de acesso à produção e expressão cultural o ambiente social tanto das cidades quanto do meio rural e gerar mais trabalho, emprego e renda para trabalhadores da economia solidária do mercado da cultura no país. (BRASIL, 2007).

Uma linha de ação do Programa “Cultura e Cidadania” contempla uma rede de bibliotecas públicas e através dela vários editais surgiram para o estabelecimento de bibliotecas públicas em todo país. Nesse período foram criadas muitas bibliotecas comunitárias, conforme constata Silva (2014). Machado (2010)

para o as propostas de projetos nacionais de fomento da leitura (CERLALC, 2005).

²⁷ Foi instituído em 1º de setembro de 2011, através do Decreto n. 7.559. (BRASIL, 2015c).

endossa que o Programa através dos Pontos de Cultura²⁸, criou os Pontos de Leitura, que incorporaram experiências das bibliotecas comunitárias (espaços e serviços liderados por pessoas ou grupos de pessoas, sem vínculo direto com órgãos governamentais).

O Ponto de Leitura deve ser um polo de articulação local, mas do ponto de vista de Machado (2010) deveria ser articulado às bibliotecas públicas municipais, fortalecendo espaços públicos que já estão constituídos e são de responsabilidade do Estado.

A história de estabelecimento de políticas públicas para bibliotecas no Brasil é recente e em Santa Catarina não é diferente. Ao realizar levantamento em janeiro de 2017 das leis estaduais catarinenses no site da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina²⁹ com o descritor “biblioteca” foi possível recuperar 24 resultados. Nas ementas das leis recuperadas nenhuma é relativa ao estabelecimento de alguma política pública para bibliotecas públicas no Estado. Machado (2010) ressalta que a maioria dos municípios comporta-se com cliente das políticas instituídas no nível mais central.

As bibliotecas no Estado foram criadas e são mantidas sem a articulação de esforço conjunto no âmbito do Estado e Municípios, como endossa Machado (2100). O Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de Santa Catarina (SBPSC) já mencionado neste texto foi criado em 1986 (antes da criação da SNBP) e esteve vinculada à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) até 2008 quando o Decreto n. 1.572 o vincula à Fundação Catarinense de Cultura, organismo da estrutura administrativa do Estado. Suas atividades ficaram parcialmente suspensas do ano de 1998 a 2008. Em 2009, o Sistema foi contemplado com o Programa de extensão universitária da UDESC com o projeto “Biblioteca Pública, um modelo de gestão” que incluía o projeto “Gestão do SBPSC” que objetivava realizar um diagnóstico da Rede de Bibliotecas Públicas Municipais de

²⁸ Ponto de Cultura é uma ação do Programa Cultura Viva que promove o estímulo às iniciativas culturais da sociedade civil já existentes no país através de convênios celebrados por chamada pública. Atualmente, são 25 unidades da federação e o Distrito Federal de redes estaduais e 56 municípios (implementadas, ou em estágio de implementação) de redes municipais. (BRASIL, 2013).

²⁹ Disponível em <<http://leis.ale.sc.gov.br/PesquisaDocumentos.asp>>

Santa Catarina e retomar as atividades do Sistema. (SILVA; SILVA, 2013). Para além da criação de bibliotecas públicas do Estado e municipais, o SBPSC possivelmente representa uma primeira proposta de uma política pública do Estado voltada para as bibliotecas públicas.

Em 2011 o Sistema passa a ser coordenado por um bibliotecário recém contratado, do quadro efetivo de servidores do Estado que estava alocado exclusivamente para o trabalho no Sistema. Esse direcionamento representou um avanço no sentido de que o SBPSC é uma política pública voltada para o Estado e para os municípios, não para uma biblioteca pública em particular. (SILVA; SILVA, 2013).

Em âmbito nacional as iniciativas quanto às políticas de livro, leitura e biblioteca tem contado com participação, em geral muito visível junto à mídia, das entidades sindicais de editores de livros (SNEL e/ou CBL), igualmente promotoras da Bienal do Livro e outros eventos. Em Santa Catarina, pode-se destacar a atuação da Câmara Catarinense do Livro (CCL), entidade sem fins lucrativos criada em 1970 como Associação Catarinense de Editores e Livreiros (ACEL) que em 1986 foi responsável pela primeira edição da Feira do Livro de Florianópolis.

Com relação às políticas públicas voltadas para o livro, leitura e para as bibliotecas públicas, Machado (2010) levanta um ponto crítico sobre o fato da palavra “livro” estar sempre à frente da palavra “leitura” em todos estes programas, bem como, a palavra “biblioteca” não estar presente, o que encaminha para uma reflexão acerca do livro como item de valor econômico, do mercado editorial.

Creio que é relevante também suscitar uma ideia acerca da ausência da palavra “escrita” nessas políticas públicas ainda tão pioneiras no nosso país e Estado. Castrillón (2011) quando trata de leitura trata de escrita, ao mencionar sobre o direito de ler sempre o associa ao direito de escrever. Para a autora, através da leitura nos apropriamos do pensamento e das ideias de outros (que exerceram a escrita) e através da escrita encontramos nossa própria voz, encontramos o que dizer e participamos do espaço público das conversações que é mediada pelo escrito. Nesse sentido, a leitura sem a escrita permite uma apropriação parcial da cultura letrada.

A biblioteca pública e o trabalho que nela é realizado são moldados pela atuação ou omissão dos agentes envolvidos em

uma política pública específica. Ainda não está evidente nas políticas públicas brasileiras a leitura e a escrita como direitos, como práticas que ajudam as pessoas a construir sua individualidade, a criar seu espaço no mundo e a estabelecer relações com os demais – como necessidades relacionadas com a participação cidadã e não, como estamos acostumadas a vê-las, como um luxo associado ao ócio e ao tempo livre ou então como obrigação escolar. Muitas campanhas de leitura associam a leitura como algo supérfluo, como a que Castrillón (2011) destaca que ostentava os dizeres “Ler é bonito”. Nesse sentido, Battles (2003, p. 124) afirma também que colecionar livros tinha e permanece tendo conotação de elegância. Outro autor que contribui para reforçar esta ideia que comprova a elitização ligada ao valor atribuído ao livro (e que dificulta por vezes sua popularização e apropriação como um direito, mesmo para as classes mais desprovidas economicamente, por exemplo) é Manguel (2006, p. 85) ao ressaltar que “mesmo hoje em dia quando pouca ou nenhuma importância é concedida ao ato intelectual, os livros, lidos ou não, seja qual for seu uso ou valor, muitas vezes são objeto de prestígio reverencial.”

A leitura e escrita estão ligados a um futuro em que o pensamento possa ser viável. (CASTRILLÓN 2011). Esta é uma cultura de acesso à informação em que a inclusão de todos - independente de sua condição econômica, étnico-racial, religiosa, de naturalidade - é um imperativo.

3 FUNDAMENTOS, ESTRATÉGIAS E CAMINHOS DA PESQUISA

As palavras desejam ser ouvidas e, similarmente, as ideias – como elementos vivos [...]
(MARKOVÁ, 2006, p. 53)

A citação de Marková conduz para a proposta prática desta pesquisa, no sentido de que não há melhor forma de perceber a possibilidade dos recursos operacionais da aplicação da metodologia que não parta da ideia de escutar pessoas, potencializando a escolha da técnica mais apropriada para se alcançar os objetivos enunciados no capítulo 1. A escolha da melhor técnica como etapa da instrumentalidade metodológica nesta tese esteve inserida no ambiente teórico-filosófico já mencionado no texto introdutório, o pressuposto fenomenológico que também representa uma fundamentação e um direcionamento metodológico que merecem abordagem inicial.

No contexto da fenomenologia, a fim de tratar adequadamente o objeto proposto nesta pesquisa, a escolha do melhor instrumento recaiu na entrevista pelas razões adiante suscitadas. Neste estudo, a TRS foi direcionada para dois elementos essenciais: a linguagem e o senso comum na realidade da vida cotidiana – ou, como denomina Schutz (2012), no mundo da vida. Evidenciá-los foi uma maneira de registrar a intensidade que têm os discursos resgatados para este tipo de pesquisa. Tanto linguagem quanto senso comum são aspectos fundamentais para o contexto da TRS, fortalecem o que Guareschi (1996) percebeu de possibilidade de leitura de fenômenos e objetos do mundo social, sem utilização de microscópios, pois não interessa para Moscovici³⁰ as células e os genes, mas os seres humanos no contexto das relações sociais.

Figura também no quadro referencial da TRS a concepção da necessidade de postura de distanciamento do pesquisador que persegue o caminho da fenomenologia, a suspensão da

³⁰ Serge Moscovici (1928-2014), romeno radicado na França, foi professor emérito da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* de Paris, pesquisador que criou a Teoria das Representações Sociais. (MOSCOVICI, 2009).

crença, a *époche*, compreendidas como fundamento e recurso metodológicos.

A atenção à ética na pesquisa foi necessária porquanto conscientiza o pesquisador e reforça seu comprometimento e dever com a sociedade em relação ao seu estudo. O projeto de pesquisa desta Tese foi submetido ao Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina e devidamente aprovado no dia 08 de dezembro de 2015 (Anexo).

Como instrumentos metodológicos foram utilizados o diário de campo, a entrevista e o questionário. Houve empenho no detalhamento dos procedimentos empregados em cada etapa da coleta de dados e, neste sentido, utilizou-se o diário de campo para sucintas observações sobre o contato com os dezoito entrevistados, sobre a cidade e biblioteca pública, sobre o processo de entrevista e aplicação de questionário.

Para orientar a coleta, tratamento e análise dos dados foi utilizada uma técnica denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que será descrita posteriormente neste estudo.

3.1 Teoria das Representações Sociais (TRS)

Por intermédio do tópico desta seção, distingue-se um direcionamento, revela-se a escolha de uma teoria específica para auxiliar a ação prática desenvolvida durante a execução empírica da pesquisa. No contexto dos pensamentos que foram expressos pelos participantes foi relevante conceber tais pensamentos como espelhos de representações sociais construídas por eles em relação ao tema dado. Tomou-se então as Representações Sociais como um caminho, uma escolha para que se pudesse obter os resultados pretendidos.

Na literatura são delineados três níveis de discussão sobre as representações sociais, são elas:

- as representações sociais como um fenômeno (configuram como objeto de investigação)
- as representações sociais como teoria (conjunto de definições conceituais e metodológicas que elaboram os constructos relativos às representações sociais)
- as representações sociais como metateoria (debates e refutações críticas com respeito aos postulados de tal teoria em comparação com modelos teóricos de outras teorias). (GUARESCHI, 2000)

No contexto desta tese é possível destacar o segundo tópico abordado acima, pois as representações sociais demonstra-se como uma teoria que fundamenta o método para a compreensão das representações manifestadas pelos bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas catarinenses a respeito do fenômeno da exclusão social em seu contexto de atuação.

Em sua tese doutoral, Serge Moscovici introduziu em 1961 o conceito de representação social. Estudou como as pessoas constroem e são construídas pela realidade social. A ideia de construção da realidade social foi desenvolvida por Durkheim. Posteriormente com base nos aportes filosóficos da fenomenologia de Husserl, foi desenvolvida por Schutz. A partir de Schutz, Peter Berger e Thomas Luckmann são os pesquisadores que mais utilizam e desenvolvem o conceito. Serge Moscovici propôs uma teoria que possui como objeto de estudo o conhecimento de senso comum (ARAYA UMAÑA, 2002). Reabilitando o senso comum, considera o saber popular e o conhecimento da vida cotidiana. (MARKOVÁ, 2006).

A TRS se ocupa desse saber social no entendimento de que saber se refere a qualquer saber, entretanto, a teoria está direcionada para os saberes que se produzem na vida cotidiana, que pertencem ao mundo vivido. (JOVCHELOVITCH, 1998).

Segundo seu criador, o pano de fundo em que se desenvolveu a TRS leva em consideração as representações ou crenças, a origem social das percepções, bem como, o papel (por vezes de coação) das representações e crenças. Isso enfatiza sua relevância para um estudo como este. Poder e interesses, por exemplo, para serem reconhecidos socialmente necessitam de representações ou valores que lhes atribuam algum sentido, em que indivíduos convirjam e se unam em torno de crenças que garantam sua existência em comum. Isso é guiado não simplesmente pelo conhecimento ou técnica, mas por opiniões que pertencem à outra ordem (crença sobre a vida em comum, como as coisas devem ser, o que se deve fazer, o que é justo, verdade, belo, entre outras coisas) que produzem um impacto no comportamento, na forma de sentir, de transmitir e permutar bens. O que as sociedades pensam sobre seu próprio modo de vida, os sentidos que atribuem às instituições e imagens que partilham, são parte constitutiva de sua realidade e não somente um reflexo seu. (MOSCOVICI, 2009).

A TRS reforça o contexto fenomenológico preconizado por Husserl (1990) ao validar as percepções, a ideia de interdependência revelada por Elias (1994), de construcionismo social de Berger e Luckmann (2007) e também a concepção da filosofia da ficção de Flusser (BERNARDO, 2011) ao admitir que os indivíduos vivem e constroem uma realidade compartilhada que muitas vezes é pautada não em conhecimento científico ou técnico, mas em um conhecimento apoiado, por exemplo, em uma crença espiritual.

Por vivermos e sermos parte da construção permanente deste mundo compartilhado e interdependente, Moscovi (2009) enfatiza que é necessário lembrar que quase tudo que um indivíduo sabe, aprendeu com outro através da linguagem. Este conhecimento possui raízes submersas no mundo da vida e nas práticas coletivas em que todos participam e que necessitam ser renovadas constantemente. Portanto, o conhecimento e crenças significativas se originam impreterivelmente da interação entre os indivíduos.

O ato de pesquisar é uma atitude imersa neste mundo da vida. Não será possível acessar as representações desejadas se não pela interação, pelo recurso da linguagem, pela comunicação, pela oitiva das pessoas. A partir desta reflexão, a seguir, destaco a relevância da linguagem e do senso comum para as representações sociais no contexto desta tese doutoral.

3.1.1 A relevância da linguagem no mundo da vida para as representações sociais

A proposta de compreender tais representações possui relação estreita com a utilização da linguagem, com a interação e comunicação na realidade da vida cotidiana.

Todos nós estamos cercados, individualmente e coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram por nossos sentidos e mente e nos atingem (MOSCOVICI, 2009). Segundo Nietzsche (2013b), o homem como criador da linguagem, estabeleceu um mundo próprio, o que o fez se erguer acima do animal.

Locke (1999, p. 57, 58) empenhou esforço na pesquisa sobre o entendimento humano a partir das faculdades discernentes no homem elaborando perguntas como: se a mente é “[...] um papel em branco, desprovida de todos os caracteres,

sem nenhuma ideia, como poderia ser suprida?"; e "De onde lhe provém este vasto estoque que a ativa e ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita?"; e "De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento?". Suas reflexões levam a considerar como resposta a experiência que nos chega através dos sentidos e nos faz receber as ideias de cores (amarelo, branco, preto...), temperaturas (quente, frio...), sabores (amargo, doce...) e todas as demais qualidades sensíveis. Afirma que os sentidos levam para a mente o que os objetos externos produziram de percepções.

Essa linha de reflexão pode levar a Flusser (2007) e seu entendimento de que os sentidos conduzem palavras que chegam organizadas em frases, ordenadas. Ao serem apreendidas e compreendidas, constituem um significado. Em sua articulação de uma ideia sobre a língua percebida internamente, em abordagem ontológica, destaca que o intelecto (infraestrutura), os sentidos (superestrutura) e o espírito ("ou qualquer outra palavra") constituem o Eu. Analogicamente para o autor, este Eu é uma árvore que tem como os sentidos suas raízes ("ancoradas no chão da realidade"), como o intelecto seu tronco (que transporta a seiva colhida pelas raízes) e o espírito como produtor de folhas, flores e frutos. A realidade é apreendida pelos sentidos – raízes do Eu – e ao chegarem até o intelecto – tronco – se transforma em palavras. O intelecto consiste, portanto, de palavras - é produto e produtor da língua, ele "pensa". "Apreender palavras é formar intelecto" e este se realiza na "conversação". O autor propaga pensamentos da língua e de sua interação como realidade, como processo histórico criador. (FLUSSER, 2007, p. 56, 57, 59, 247).

Marková (2006, p. 52) sugere que a mente seja caracterizada como sendo a capacidade dos seres humanos para a comunicação, para atribuir sentido aos sinais, símbolos e significados em suas experiências, mas também, criar novos sinais, símbolos e significados – uma capacidade que está enraizada na história e na cultura. A mente, segundo a autora, é especialmente ativada em eventos sociais e os fenômenos em comunicação e em tensão tocam e perturbam de maneira fundamental as vidas dos indivíduos, grupos e sociedades, tornando as mudanças sociais possíveis e até inevitáveis. É necessário entender a mente como um fenômeno constituído

histórica e culturalmente em comunicação, tensão e mudança. A autora destaca “onde existe diálogo, existe atividade humana” e essa é uma questão que explica a relevância da teoria das Representações Sociais, criada por Moscovici.

É na interação que se forma o humano e a linguagem é um instrumento que estabelece uma ordem, um cosmo, na relação entre os indivíduos. Berger e Luckmann (2007) endossam que é a partir da interação social que o indivíduo afirma o sentido da realidade e a linguagem figura como doadora de significação para esta realidade. O mundo da vida cotidiana, o mundo intersubjetivo que já existia antes de termos nascido no mundo, é o mundo já experimentado, interpretado e organizado pelos nossos antecessores. Este estoque de experiências prévias a respeito do mundo, nossas próprias experiências e as que são comunicadas (por pais, professores) operam como um referencial. (SCHUTZ, 2012). Crescendo num grupo e na relação com outros seres humanos, a criança pequena se transforma num ser mais complexo, a criatura impulsiva e desamparada se transforma em pessoa psicologicamente desenvolvida e somente a partir do grupo aprende a fala articulada (ELIAS, 1994).

A linguagem é gramatical e também cultural, uma espécie de herança social em que, como destaca Schutz (2012), o sistema de conhecimento adquirido assume para seus membros a aparência de suficiente coerência, clareza e consistência, conferindo a todos a possibilidade de compreender e ser compreendido.

Relevante destacar que a linguagem, como um sistema de sinais criado pelo homem, ordena e orienta não somente as palavras e frases mas também o homem em sua conduta. Berger e Luckmann (2007) destacam seu caráter coercitivo sobre os indivíduos, que força-os a seus padrões. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Como já mencionado anteriormente, Nietzsche (2013) ao refletir sobre em que condições o homem inventou os juízos do que é “bom” e “mau”, destaca que a origem da linguagem representa uma expressão de poder dos senhores – dos que estão no poder - que tomam para si o direito de dizer que ‘isto é isto’, enfatizando ainda mais profundamente o contexto moral da linguagem.

A grandiosidade do impacto da linguagem na constituição do que conhecemos por realidade é bastante explorada por

Flusser (2007, p. 235) em sua obra “Lingua e realidade”. O autor destaca que a grande conversação que somos e que teve sua gênese com o que chama de “balbuciar” e “salada de palavras” dos pensamentos e intelectos que se projetaram rumo à realização continua seu avanço e foi graças a esse avanço que o território da realidade expandiu-se e aprofundou-se.

“Importa muito mais como as coisas se chamam do que aquilo que são” afirma Nietzsche (2012b, p. 91) fomentando a ideia de que a reputação, o nome e o modo como uma coisa é vista mediante a crença que as pessoas tiveram e que foi incrementada gradualmente por gerações, enraízam-se e encravam-se na coisa.

Toda a argumentação esclarece no contexto deste estudo que a realidade, para os indivíduos, é apresentada mediante o processo de comunicação do pensamento social baseado nas experiências dos nossos antecessores, um pensamento baseado nas crenças compartilhadas, no senso comum.

O senso comum neste sentido se apresenta como “realidade por excelência”, impondo-se à consciência das pessoas através de uma realidade ordenada, objetivada e ontológica. (ARAYA UMAÑA, 2002). O próprio entendimento do conceito de representações sociais exige maior esclarecimento sobre o conceito de senso comum no contexto que se deseja empregar. Algo que é dito como sendo um senso comum, possivelmente poderá significar para alguns leitores algo que não está delineado, não está aprofundado, um conhecimento vulgar.

3.1.2 Senso comum e representações sociais

O senso comum é um tipo específico de conhecimento que retrata o que as pessoas pensam e como organizam sua vida cotidiana e as representações sociais se ocupam deste tipo de conhecimento. Estas, as representações sociais, são sistemas cognitivos que possibilitam o reconhecimento de estereótipos, opiniões, crenças, valores e normas. Constituem-se como sistema de códigos, valores, lógicas classificatórias, princípios interpretativos e orientadores da prática que definem a consciência coletiva e que atuam com força normativa estabelecendo os limites e possibilidades na forma de homens e mulheres atuarem no mundo. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Por que algumas pessoas não usam preservativos apesar das evidências de seu caráter preventivo com relação às doenças sexualmente transmissíveis? Por que as mulheres vítimas de violência doméstica esperam (algumas vezes até sua morte) pela conversão de seu agressor? Qual a representação social de “amor”, “corpo”, “violência” ou “sexo” que acompanha estas práticas? São algumas perguntas que Araya Umaña (2002) faz ao endossar a relevância dos estudos de representações sociais para compreender a visão de mundo das pessoas e grupos, entender a dinâmica das interações sociais e evidenciar o que se demonstra determinante nas práticas sociais através do senso comum.

Azevedo (2008, p. 2), ao estabelecer relações entre o senso comum, o samba e o discurso popular destaca que, em geral, “no discurso moderno, hegemônico e escolarizado”, senso comum associa-se a termos como “lugar-comum”, “fórmula”, “o mesmo de sempre”, “estereótipo”, “clichê”, “obviedade”, “banalidade”, “redundância” e “falta de originalidade”, expressões abordadas em seu sentido pejorativo.

Marková (2006, p. 193) nos lembra que filosoficamente o conhecimento do senso comum nos remete à Aristóteles³¹, na Grécia Antiga e historicamente, constitui um dos principais recursos para o desenvolvimento do conhecimento científico (ainda que no processo de civilização tal conhecimento venha, implícita ou explicitamente, sendo tratado como “inferior” ao conhecimento científico).

As ciências naturais e sua filiação com a razão e racionalidade contrastam com o conhecimento popular, com as crenças, os mitos perceptíveis no conhecimento do senso comum e, por vezes, são associados à falta de racionalidade ou mesmo a irracionalidade. Racionalistas, como Gellner e Chomsky afirmam em suas obras “Razão e cultura” e “Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente”, respectivamente, que o pensamento racional é um processo de

³¹ Tal expressão para Aristóteles se referia à capacidade de sentir, configurando duas funções: de constituir a consciência da sensação, o “sentir o sentir” (já que tal consciência não pertence a um órgão especial do sentido, como no caso da visão ou tato) e de perceber as determinações sensíveis comuns a vários sentidos (movimento, repouso, aspecto, tamanho...). (ABBAGNANO, 2007).

antropogênese que envolve o cognitivo em uma perspectiva inata e universal do indivíduo. Em sua ontogênese, a capacidade de pensar racionalmente se dá mediante o desenvolvimento de cognição do indivíduo. Em oposição, coloca-se a hipótese de que o pensamento racional que surge da antropogênese é decorrente da relação dialógica e interdependente do Alter-Ego³², da dialogicidade. Neste segundo caso, a capacidade de pensar racionalmente é a capacidade de se comunicar. (MARKOVÁ, 2006). A autora alerta que as duas perspectivas sobre o senso comum são hipóteses diferentes sobre o ser humano e que nenhuma pode reivindicar cientificamente evidências conclusivas sobre a natureza da racionalidade (MARKOVÁ, 2006).

Neste estudo, a dialogicidade no contexto esboçado apresentou-se como mais coerente. A partir dela, pode-se dizer que conhecimento racional não é algo individual, mas dialógico. Ao nascermos na sociedade e na cultura, nascemos e adotamos o conhecimento de senso comum (hábitos alimentares, conceitos de beleza e feiura, de moralidade e imoralidade, por exemplo) através da comunicação - ele está emaranhado com as demais formas de pensamento, de sabedoria e comunicação (MARKOVÁ, 2006). A capacidade de pensar racionalmente e de se comunicar, portanto, constitui o potencial para o pensamento do senso comum (MARKOVÁ, 2006), ideia que reforça a construção desta pesquisa acerca das representações que fazem parte do objetivo deste estudo.

A concepção de senso comum é denominada por Husserl de atitude natural (DARTIGUES, 2008). Berger e Luckmann (2007) destacam que a atitude natural é a atitude da consciência do senso comum porque se refere a um mundo que é comum para todos os indivíduos.

Schutz (2012) também reflete sobre a atitude natural. É o que o autor denomina “mundo da vida” que o homem adulto e plenamente consciente age e é mediante a atitude natural que experimenta a realidade. É no mundo da atitude natural que se referem os nossos juízos, neste mundo fazemos enunciados e relações sobre as coisas, exprimindo o que recebemos da nossa experiência. (HUSSERL, 1990)

Como já abordado anteriormente, este mundo da vida é um mundo intersubjetivo, que já existia antes de nosso

³² O outro eu

nascimento, já experimentado e interpretado por outros, nossos antecessores, um mundo previamente organizado. A interpretação sobre este mundo tem por base este estoque de experiências prévias que opera como um esquema de referência. A atitude natural não faz parte de um mundo privado de um único indivíduo, mas de um contexto comum, intersubjetivo – é o cenário onde agimos e interagimos. (SCHUTZ, 2012).

Azevedo (2008) relaciona, através dos estudos de Walter Benjamin, senso comum à sabedoria. Em sua obra “Gaia Ciência”, Nietzsche (2012, p. 132, grifo meu) parece suspirar quando escreve “E como ainda está longe o tempo em que as forças artísticas e a *sabedoria prática da vida* se juntarão ao pensamento científico, em que se formará um sistema orgânico mais elevado [...]”.

Para que fosse possível alcançar o objetivo proposto nesta tese foi imprescindível deixar aparente as representações elaboradas pelos bibliotecários de bibliotecas públicas acerca da exclusão social. Para que ficassem evidentes foi necessário algo que Flusser (1998, p. 37) denominou como um método “muito penoso” e também “uma violência contra nossa mente” (FLUSSER 2007, p. 44): a redução fenomenológica.

3.2 Postura do pesquisador fenomenológico

O ato de evidenciar e de deixar aparente qualquer fenômeno irá requerer uma postura específica do pesquisador. Denominada de *epoché*³³, o ato de ‘suspender’, de colocar ‘entre

³³ “Suspensão do juízo, que caracteriza a atitude dos cééticos antigos, particularmente de Pirro; consiste em não aceitar nem refutar, em não afirmar nem negar. [...] Segundo o ceticismo essa atitude era a única possível para se atingir a imperturbabilidade. [...] Na filosofia contemporânea, com Husserl e a filosofia fenomenológica em geral, a *epoché* tem finalidade diferente: a contemplação desinteressada, ou seja, uma atitude desvinculada de qualquer interesse natural ou psicológico na existência das coisas do mundo ou do próprio mundo na sua totalidade. [...] A *epoché* fenomenológica distingue nitidamente a filosofia de todas as outras ciências que estão interessadas na existência do mundo e dos objetos nele compreendidos; por isso, faz do filosofar uma atitude puramente contemplativa, à qual pode revelar-se, em sua genuinidade, a própria essência das coisas” (ABBAGNANO, 2007, p. 339).

parênteses' a realidade concebida pelo senso comum - também chamada de redução fenomenológica - é uma tentativa de distanciamento. Para Husserl (1990, p. 29) trata-se da exclusão "de tudo que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro", "a investigação das essências".

Tal atitude é uma postura necessária ao pesquisador fenomenológico na análise intencional já mencionada no texto que introduz este estudo.

Ora, a análise intencional conduz [...] a distinguir entre sujeito e objeto ou consciência e mundo, uma correlação mais original que a dualidade sujeito-objeto e sua tradução em interior-exterior, já que é no próprio interior da correlação que se operara a separação entre interior e exterior. Mas o acesso a essa dimensão primordial só é possível se a consciência efetua uma verdadeira conversão, isto é, se ela suspende sua crença na realidade do mundo exterior para se colocar, ela mesma, como consciência transcendental, condição de aparição desse mundo e doadora de seu sentido. Está aí uma nova **atitude** que Husserl chamará **atitude fenomenológica**. (DARTIGUES, 2008, p. 24-25, grifo nosso)

Flusser (2007, p. 44) em sua obra "Língua e realidade" propõe tal esforço, o de colocar entre parênteses os conhecimentos acumulados no curso da história, disponíveis para referência futura, resgatando uma ingenuidade³⁴, uma aproximação despida de conhecimentos prévios que proporcionará "apalpar o centro, o *eidos* da língua".

Duveen (2009), ao apresentar para o leitor o livro "Representações Sociais: investigações em psicologia social", de Serge Moscovici, destaca a relevância de uma estratégia de pesquisa, um passo inicial, na metodologia utilizada nos estudos do autor e de Denise Jodelet (com quem Moscovi trabalhou), a

³⁴ O autor cita Husserl ao destacar que tal ingenuidade trata-se de uma ingenuidade de segundo grau, resultado do esforço da *epoché*, já que a ingenuidade não pode ser conquistada, pois se perde no curso da história do pensamento. (FLUSSER, 2007, p. 43-44)

saber, o de estabelecer uma distância crítica das representações.

Se as representações sociais servem para familiarizar o não-familiar, então a primeira tarefa dum estudo científico das representações é tornar o familiar não-familiar, a fim de que elas possam ser compreendidas como fenômenos e descritas através de toda técnica metodológica que possa ser adequada nas circunstâncias específicas. (DUVEEN, 2009, p. 25)

Álvaro de Sá, tradutor da obra de Elias (1998), “Envolvimento e alienação”, explica inicialmente que o autor utiliza o termo “alienação” como sinônimo para distanciamento, no sentido de que tal distância propiciaria melhor conhecimento dos fatos para melhor agir e, neste sentido, representaria um envolvimento em outro nível.

Tal método é o método empregado pela fenomenologia, exige **permanente autocontrole** para que preconceitos e valores não estejam apegados ao **pesquisador que realiza o esforço de afastamento**, e, ao ser aplicado com êxito, revela a própria essência das coisas (FLUSSER, 1998, grifo nosso).

Schutz (2012, 71), endossando a ideia anterior, revela esta postura como um esforço da mente para refrear os juízos relativos à existência no espaço e tempo, para colocar a nossa crença “entre parênteses”, suspendendo-a temporariamente, numa *epoché* particular. O autor pergunta e responde: “o que sobra do mundo após o processo de colocação entre parênteses?” Sobra a completude concreta do fluxo da nossa experiência com nossas cogitações (percepções, reflexões), que são intencionais, e seus objetos intencionados correlatos persistem mesmo com os parênteses. Entretanto, não devem ser identificados como objetos instituídos, são “aparências”, fenômenos. Tal postura possibilita o acesso ao fluxo da consciência.

Na fenomenologia as presenças e ausências encontram-se entrelaçadas propiciando um modo de pensar sobre como as coisas “se manifestam a si mesmas, e em nossa habilidade de sermos verdadeiros, nossa habilidade de deixar as coisas aparecerem” (SOKOLOWSKI, 2012, p. 24). Tal afirmativa parece reforçar a ideia de ética na pesquisa, no sentido de admitir

metodologicamente o pesquisador como um ser com suas próprias crenças e valores trazendo isso como uma orientação de conduta para o pesquisador para que ele possa “enxergar” a aparência, a essência do objeto investigado ao mesmo tempo que realiza este esforço de afastamento.

3.3 A ética na pesquisa

“Este livro vem escrito a partir de uma perspectiva de urgência”. A frase inicia a obra “Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra” e dá o tom do comprometimento e da responsabilidade de Boff (2008, p. 17) através do trabalho da escrita, do registro de suas ideias com questões relacionadas com a ética do cuidado com o planeta em que vivemos. Também Flusser (1998, p. 34) ao empreender a escrita sobre o brasileiro em “Fenomenologia do brasileiro” inicia destacando a responsabilidade que assume em ser “fonte de informação” por meio de sua obra. Considero a postura dos autores um registro público do compromisso e cuidado ético com seu trabalho. Creio que posso enquadrar também desta forma o texto inicial desta tese, que é muito mais que a seção de “Agradecimentos”. Nesse sentido, a ética na pesquisa é entendida amplamente, como um comprometimento do pesquisador com seu estudo e todos os atores envolvidos.

Sánchez Vázquez (2014) ao tratar da relação entre moral e ciência destaca que ela pode se dar em dois planos: quando trata-se de determinar se é cabível sobre o caráter científico da moral e quando trata-se de abordar o papel moral do homem de ciência ou da atividade do cientista. Partindo da segunda abordagem, o autor enfatiza a responsabilidade moral do cientista em função de sua atividade e de suas consequências sociais.

Portanto, a ética na pesquisa, se compreendida do ponto de vista do realizador da pesquisa (já que a pesquisa é realizada por alguém) é atenção dada por este pesquisador em cada etapa do estudo e observância aos preceitos morais na sua conduta e nas suas escolhas no desenvolvimento de sua atividade.

Em muitos trabalhos acadêmicos a ética na pesquisa pode estar restrita às submissões de propostas às Comissões de Ética ou ao registro de uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para comprovar a concordância dos

entrevistados na utilização dos dados fornecidos pelos mesmos para a efetivação das pesquisas. Para além dos requisitos impostos por normativas e regulamentos instituídos existe o imperativo moral do pesquisador e sua relação com sua pesquisa e com a sociedade. Rios (2006) enfatiza que a ciência humana, exata, social, seja qual for, não possui natureza boa ou má. Tais qualidades assumem o cientista (e não somente do ponto de vista epistemológico e técnico mas também ético e político) que deve se perguntar continuamente se a pesquisa que está realizando amplia a qualidade do conhecimento e da vida das pessoas.

Todas as considerações anteriores, entretanto, não dispensam nem minimizam uma etapa relevante, isto é, a atenção às recomendações da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Segundo tal Resolução a eticidade na pesquisa implica em:

- a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária. (BRASIL, 2012)

Neste sentido, a Resolução explicita uma determinação de que, para qualquer área do conhecimento, os pesquisadores que desenvolvem estudos envolvendo seres humanos deverão observar determinadas exigências. Uma delas, que é amplamente mencionada na Resolução, refere-se à obtenção do

consentimento livre e esclarecido do participante da pesquisa e/ou de seu representante legal.

A busca pelo conhecimento dos sentidos incorporados às representações de bibliotecários presentes neste estudo revelou as crenças e valores particulares destes sujeitos e foi possível acessar parte de um conhecimento privado, íntimo. O estabelecimento de um direcionamento ético para a pesquisa, além de garantir o sigilo dos entrevistados, explicita os cuidados metodológicos do pesquisador e fornece orientações para o participante conforme recomenda a Resolução n. 466/2012.

A dignidade e o direito com os participantes da pesquisa se relacionam com a confidencialidade dos dados dos entrevistados e o consentimento voluntário dado pelos mesmos com base em informação suficiente e adequada fornecida pelo pesquisador. O princípio do consentimento informado preconiza que quem dá o consentimento deve estar qualificado para fazê-lo, estar adequadamente informado e conceder tal consentimento voluntariamente. (FLICK, 2009).

Um item relevante da Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012 é o que destaca os cuidados com o processo de consentimento livre e esclarecido que contempla as etapas que devem ser observadas para que o participante da pesquisa possa se manifestar de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida. (BRASIL, 2012). Tais etapas incluem o esclarecimento do participante acerca do estudo proposto com a apresentação do TCLE (Apêndice B), da Autorização do responsável legal da Instituição (Apêndice C) e do Consentimento para Gravações de áudio (Apêndice D), todos utilizados nas entrevistas.

O TCLE foi assinado em duas vias, uma ficou com o entrevistado e outra com o pesquisador. O documento, a partir das determinações da Resolução n. 466/2012 (BRASIL, 2012), contempla a justificativa, os objetivos, os procedimentos e métodos eleitos para coleta de dados, explicitação de possíveis desconfortos e dos benefícios a partir da participação do entrevistado, garantia de plena liberdade na recusa de participação ou retirada de seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização, garantia de sigilo e privacidade dos entrevistados e garantia do recebimento de uma via do Termo.

Um cuidado com os entrevistados, que assinaram o TCLE e aceitaram participar da pesquisa, também previsto como imprescindível pela Resolução que trata da ética na pesquisa é a descrição dos riscos e benefícios para os mesmos. Flick (2009) destaca que a avaliação dos riscos e benefícios para os participantes se relaciona com o seu bem-estar.

No TCLE (ver Apêndice B) foram descritos os riscos e benefícios percebidos pelo pesquisador para propiciar uma relação de transparência com o participante para que este, por sua vez, pudesse analisar da melhor forma a proposta de aceite ao estudo. Segundo a Resolução n. 466/2012, em toda pesquisa devem ser analisadas as possibilidades de danos imediatos ou posteriores, tanto individualmente quanto coletivamente.

Pensar sobre questões de ética na pesquisa poderá ajudar o pesquisador a conduzir o estudo de uma forma mais reflexa e a alcançar a perspectiva dos participantes em um nível diferente. (FLICK, 2009). A seguir serão descritos os critérios para a seleção dos participantes para este estudo.

3.4 Os instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados em pesquisas provem de técnicas empregadas pelos estudiosos que almejam acessar o objeto de estudo. Técnicas são mecanismos utilizados pelo homem para avançar, ir adiante. São tão relevantes para o homem que terminaram influenciando a divisão das fases da pré-história (pedra lascada, pedra polida, metal) e, não obstante, as separou da história propriamente dita – que passou a ser assim designada a partir da criação da técnica da escrita. Avanços.

São mecanismos que extrapolam nosso “corpo” e sendo criação humana, pode-se partir do pressuposto de que constituem uma espécie de sua extensão, como na relação elaborada por Flusser (2012, p. 46) da alavanca como uma espécie de “braço prolongado” (chega mais longe e levanta cargas mais pesadas), ou das máquinas como sendo simulações do corpo humano.

Qualquer pessoa ao ver uma fruta muito distante de seu alcance a partir de seu braço, na impossibilidade de subir na árvore por qualquer motivo, não julgará impossível acessá-la. É possível contar com mecanismos que atuam como extensões do próprio corpo que podem avançar para além dele mesmo

travando uma relação significativa entre técnica e indivíduo. Neste sentido, Flusser (2010) também alerta que “uma questão de técnica, contudo, nunca é apenas uma questão técnica” destacando que existe uma relação entre a técnica e a pessoa que a utiliza.

Há uma relação estabelecida a partir das técnicas a serem empregadas como procedimentos metodológicos neste estudo. Para se ter acesso ao conteúdo das representações sociais, o procedimento clássico utilizado é a compilação do discurso produzido de forma espontânea, induzido por meio de entrevistas ou questionários. Metodologicamente, a escola clássica de representações sociais, desenvolvida por Denise Jodelet em convergência com a proposta de Serge Moscovici, recorre à entrevista como técnica qualitativa por excelência. (ARAYA UMAÑA, 2002).

A entrevista, como já mencionado, foi o principal instrumento de coleta dos dados e sua utilização é necessária para acessar as representações. O acesso a este conteúdo exigiu do pesquisador atenção a uma série de recomendações para que pudesse obter os dados que desejava para efetivação dos objetivos do estudo. Ao utilizar tal instrumento o pesquisador o faz no sentido de “alcançar” o que se passa na “mente” de seus informantes.

Além da entrevista, foram utilizados o questionário e o diário de campo como instrumentos subsidiários. Em função da importância dos discursos para as representações sociais, a entrevista foi instrumento insubstituível e os demais foram utilizados como recursos para obtenção de dados complementares, a fim de fortalecer a compreensão acerca dos participantes e do ambiente de coleta de dados.

Relevante destacar que o questionário e a entrevista foram submetidos a um pré-teste com dois bibliotecários atuantes em bibliotecas públicas, entretanto, não eram dirigentes das mesmas. O pré-teste possibilitou averiguar possíveis dúvidas e/ou identificar perguntas que não estivessem suficientemente claras visando seu aperfeiçoamento.

O pré-teste foi aplicado pessoalmente, com dois respondentes, ambos bibliotecários mas não dirigentes de bibliotecas públicas. Para Prodanov e Freitas (2013) o pré-teste tem o objetivo de identificar para poder eliminar problemas potenciais e os autores sugerem que ele seja aplicado

pessoalmente, pois os pesquisadores podem ter acesso às reações e atitudes dos entrevistados.

No pré-teste também foi possível checar a eficiência e duração das pilhas no gravador digital Panasonic RR-US511, que foi utilizado também na coleta de dados para registro das falas dos entrevistados, bem como, fazer uma espécie de “ensaio”, para o momento do encontro com os participantes da pesquisa.

Uma dificuldade observada no pré-teste foi de compreensão da primeira pergunta, “Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais”. Nesta pergunta, como trata-se de questão muito ampla, a maioria dos respondentes demonstravam certa insegurança. Alguns respondiam “o que exatamente quer saber”, “como assim, culturais”, achavam que podiam ser vivências no curso de formação... Para a coleta de dados, decidi que após formular a pergunta endossaria com algumas informações para dar mais tranquilidade, como “como foi seu ambiente familiar, como se desenvolveu, escola, crenças, ambiente social...”

No pré-teste foi possível experimentar os instrumentos de coleta de dados, a entrevista e o questionário. Além deles também utilizei um diário de campo, como está descrito a seguir.

3.4.1 O questionário e o diário de campo

O questionário (Apêndice E) foi proposto como instrumento complementar com questões objetivas que foram respondidas para levantar dados pessoais, de formação, atuação profissional e de caracterização da biblioteca pública em que atuam os bibliotecários - dados percebidos como relevantes para o estudo.

Seguindo algumas orientações como as de Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012), na construção das perguntas do questionário foram elaboradas questões com vocabulário simples, direto e familiar, questões claras, curtas e evitando vieses de respostas para que sua legibilidade seja confirmada.

O diário parece ser um instrumento recorrente para quem deseja relatar uma jornada, ou uma etapa específica da sua vida: diário de viagem, diário de exílio, diário de dieta e diário de pesquisa. Hess (2006) revela que o hábito de utilizar diário no

desenvolvimento de pesquisas tem início em 1808 através da obra de Marc-Antoine Jullien que recomenda aos jovens durante o período de sua formação a feitura de um diário sobre sua saúde, sobre seus encontros e sobre suas aquisições científicas.

O diário de campo constitui fonte legítima de informação para a composição da análise (MINAYO, 2012). Destaca-se como recurso que permite o registro das observações e percepções do pesquisador no que se refere ao ambiente da entrevista, situações inusitadas e surpreendentes, detalhes revelados em momentos de interação com os entrevistados que podem servir de auxílio no tratamento e análise dos dados. Constitui um relato mais pessoal, uma memória dos bastidores da pesquisa e contribui também para melhor compreensão do clima e das sensações registradas pelo pesquisador no processo de pesquisa. (SILVA, 2014).

Tanto os resultados do questionário quanto as observações registradas no período de coleta de dados serão expostos posteriormente. Como o processo de coleta de dados envolveu muitas viagens pelo Estado de Santa Catarina, as anotações, quando pertinentes para o estudo, estiveram ligadas às experiências em cada cidade e nas respectivas bibliotecas públicas.

3.4.2 A entrevista

Há várias possibilidades de entrevista. A relação que se estabelece entre os indivíduos na proposta de entrevista desta tese incluiu entrevistado e entrevistador em interação face a face. Berger e Luckmann (2007), ainda que não se limitando à situação de entrevista, enfatizam a relevância da relação face a face e a consideram a experiência mais importante de interação social com o outro, momento em que a subjetividade do outro está próxima, ele se apresenta real como é a vida cotidiana.

Este estudo é de cunho qualitativo. Flick (2009) afirma que à pesquisa qualitativa são atribuídos muitos enfoques, entretanto, é possível identificar características comuns entre eles. O autor destaca que trata-se de uma abordagem sobre o mundo para além dos laboratórios (o mundo “lá fora”) que pretende entender, descrever e por vezes explicar os fenômenos sociais deste mundo de várias maneiras, buscando esmiuçar a maneira como as pessoas constroem o mundo que compartilham. Uma delas é

a análise de experiências de indivíduos ou grupos. “As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia.” (FLICK, 2009, p. 8).

Neste sentido, as perguntas elaboradas pretenderam suscitar os sentidos atribuídos pelos bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas brasileiras sobre a questão da exclusão social. Os relatos e histórias dos indivíduos que constituem um grupo profissional específico constituem elemento fundamental e não seria possível acessá-los sem a utilização do recurso da entrevista.

Lefevre e Lefevre (2012, p. 35) destacam que

atribuir sentido como ato social envolve, entre outras coisas, perguntas do tipo: o que o indivíduo pensa sobre o problema pesquisado, o que acha de, qual a opinião sobre, como vê tal problemas, como o representa, como o percebe, como o define, como o vive, como o avalia, como o sente, como se posiciona diante dele etc.

Não é raro assistirmos a entrevistas em que o entrevistador demonstra certa dificuldade em extrair informações do entrevistado, tendo que lidar com respostas monossilábicas. Ainda que seja uma situação diferente da estabelecida pela pesquisa científica (entrevistas televisionadas, por exemplo, submetem as pessoas a muitos olhares no momento de suas falas), tais experiências suscitam um receio no processo de condução de entrevistas.

Em pesquisas de representações sociais o discurso ou expressão falada constitui elemento fundamental. As questões formuladas para a entrevista (Apêndice F) intencionaram a atribuição de sentido para atender objetivos propostos no estudo, bem como, suscitar discurso e deixar o respondente à vontade para elaborar e expressar sua fala. Poupart (2008) destaca que a utilização do recurso da entrevista justifica-se por uma questão epistemológica (explora em profundidade a perspectiva dos indivíduos o que a torna indispensável para a compreensão e apreensão das condutas sociais), por uma questão ética e política (possibilita a compreensão e o conhecimento de dilemas

e questões enfrentados pelos indivíduos) e por uma questão metodológica (pois trata-se de uma ferramenta capaz de elucidar as realidades sociais).

Lefevre e Lefevre (2005), autores da técnica escolhida para tratamento e análise dos discursos coletados, também dão orientações a respeito do processo de coleta de dados. Eles lembram que as perguntas conduzem o entrevistado a produzir o discurso, entretanto, produzir o que ele pensa e não o que o pesquisador deseja revelando em suas respostas o conteúdo relativo à investigação do pesquisador - deve sempre ser pré-testada, como já mencionado anteriormente. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

Informam aos pesquisadores alguns cuidados necessários para a composição das perguntas de entrevista: atenção para o que se deseja atingir com a questão, evitar questões que produzam representações cognitivas e promover as que incitam representações comportamentais ou atitudinais, não elaborar questões pensando em produzir reações emocionais, elaborar perguntas que incitem o discurso, não fazer perguntas inadequadas e que não sejam compreensíveis (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

Três níveis relacionais determinam o sentido do discurso gerado a partir da aplicação da entrevista:

- o contrato comunicativo: na entrevista há um caráter paradoxal, já que ao produzir discurso com informações de foro íntimo para a pesquisa, as mesmas deixam de ter tal característica. Tal situação torna imprescindível um contrato de comunicação para diluir esta condição paradoxal através da explicitação dos objetivos da investigação, sua finalidade, bem como, o uso que ao final da investigação se dará ao estudo.

- a interação verbal: trata-se da abertura das pessoas para a comunicação e aceitação das regras.

- o universo social de referência: a análise do discurso do entrevistado orienta-se a partir da situação pessoal, percebida à luz do contexto social e cultural em que está inserida. A entrevista se institui e desenvolve a partir da capacidade do entrevistado de dar conta de sua vivência pessoal (em que manifesta o latente) e do que percebe em sua vida social. (ARAYA UMAÑA, 2002)

O sucesso da pesquisa não é determinado, portanto, somente a partir da elaboração de perguntas pertinentes e de

averiguação de questões técnicas. A boa interação entre entrevistador e entrevistado no processo de coleta de dados é indispensável para o melhor aproveitamento da pesquisa. O cuidado com o clima adequado para o encontro, a empatia desde os primeiros contatos até a ocasião da coleta de dados, demonstram-se por vezes determinantes neste encontro.

O entrevistado se expressará bem se estiver à vontade naquele momento, portanto, é importante atentar para a escolha favorável do dia e hora do encontro, local, vestuário do entrevistador, empatia e demonstração de interesse pelo que o entrevistado tem a dizer (POUPART, 2008).

Há uma série de pontos que devem merecer a atenção do pesquisador, uma espécie de “protocolo” comum para a condução de uma entrevista incluindo, por exemplo, atenção para a condição de saúde do entrevistado. Essa questão é relevante porque embora o pesquisador esteja ansioso por coletar as informações desejadas, deve levar em conta primordialmente a condição do entrevistado no momento da entrevista, ainda que à custa de sua entrevista. (ANGROSINO, 2009)

As entrevistas no contexto das representações sociais, em que linguagem e pensamento³⁵ que mobilizam o mundo cotidiano são resgatados, possuem uma característica relevante que deve ser destacada: não pode ser realizada duas vezes, ou seja, não deve ser repetida. Explicando melhor, caso ocorresse – o que não aconteceu - algum incidente (falha na gravação, por exemplo) após o entrevistado já ter entrado em contato com as questões de entrevista, esta deveria ser inutilizada, pois, segundo Lefevre e Lefevre (2005) tal situação acarretaria em um efeito-aprendizagem que deve ser evitado.

Os discursos foram coletados e transcritos na sua integridade (Apêndice G). As reticências entre colchetes [...] foram empregadas para suprimir informações que possam identificar os entrevistados (local de trabalho, nomes pessoais...). Houve um cuidado para que informações que identificassem os entrevistados estivessem suprimidas, respeitando a proposta de sigilo do respondente. Com relação ao coletivo entrevistado,

³⁵ “Ou os valores, as crenças, as representações, enfim, as várias formas de que se reveste o sentido atribuído pelos atores sociais aos eventos que cercam a vida deles.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2009, p. 13).

exige ainda maior atenção por tratar-se de um grupo pequeno referente a uma classe profissional (bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas) em local (Estado de Santa Catarina) específicos. Na transcrição os dezoito participantes não foram identificados por seus nomes, nem tampouco pela cidade em que atuam nas bibliotecas públicas, mas por números sequenciais de 1 a 18.

Posteriormente, as transcrições, receberam o tratamento e análise com aplicação da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), e geraram um DSC final, elementos que serão expostos a seguir.

3.5 A técnica eleita para tratar e analisar as narrativas: o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

Significativamente a linguagem figura nesta tese e, com mais ou menos intensidade, revela em todas as suas partes a representatividade deste elemento para esta pesquisa.

A partir da variedade de significados da língua é que se iniciam os estudos sobre a linguagem e a análise do discurso é consequência destes estudos. Discurso traz a ideia de percurso e movimento e a corrente europeia de estudos sobre a análise do discurso explora a questão da exterioridade da língua através da relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, extrapolando as posições tradicionais da linguística para poder lidar com unidades mais complexas do que morfemas e frases e que também se encontram ligadas à questão da linguagem (GEDRAT, 2006).

A Análise do Discurso surge na França com os estudos de Michel Pêcheux que subsidiaram suas bases teórico-metodológicas em oposição à Análise de Conteúdo³⁶. Além da França, que também teve como destaque os estudos de Dominique Maingueneau na década de 1990, outros países da Europa como Rússia e Inglaterra, trouxeram outras abordagens sobre a Análise do Discurso e, em todas elas, identifica-se a relevância do contexto histórico-social a partir de uma construção coletiva, não individual. A Análise do Discurso tem como

³⁶ Técnica que tem no texto um documento limitado ao seu contexto, visando o que o texto quer dizer, interpretando-o sem relação direta com a historicidade. (MENDONÇA, 2007).

características compreensão do processo produtivo do discurso, a relação entre o locutor, o que este enuncia e o mundo, portanto, busca subsídios na sociologia e na história. (MENDONÇA, 2007; GEDRAT, 2006).

O DSC declaradamente possui como fundamento a TRS e seus pressupostos sociológicos. Na sua aplicação, em primeiro lugar, é necessária a leitura da bibliografia sobre o assunto, bem como, a adesão e assimilação dos seus princípios básicos de pesquisa social qualitativa. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005). Algumas questões permeiam as pesquisas qualitativas:

- é possível desenvolver pesquisas qualitativas que tenham validade científica?
- É possível trabalhar em pesquisa qualitativa com grandes massas de dados que permitam generalizar os resultados obtidos?
- É possível conciliar pesquisa qualitativa e quantitativa, quantificando-se os dados qualitativos?
- É possível fazer pesquisa qualitativa com controle de variáveis, ou seja, reagrupando os resultados por sexo, faixa etária, nível de renda, etc.? (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003)

O DSC, segundo seus autores, ocupa-se em responder estas questões e dilemas referentes a pesquisas qualitativas permitindo o conhecimento dos pensamentos, representações, crenças e valores de todo tipo, tema e tamanho de coletividade, a partir de procedimentos científicos na segurança da explicitação de detalhes. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003).

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma técnica oriunda da teoria da Análise do Discurso concebida por Fernando Lefevre e Ana Maria Cavalcanti Lefevre³⁷ como um mecanismo de resgate de pensamentos coletivos. Inserida no contexto das representações sociais de Serge Moscovici, foi pensada a partir da possibilidade de transformar falas individuais em uma fala coletiva.

O Discurso do Sujeito Coletivo propõe uma reconstituição de uma entidade empírica coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular. Opta

³⁷ Pesquisadores e docentes vinculados à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

por isso porque a coletividade, falando na primeira pessoa do singular como uma entidade coletiva, ilustra o regime regular de funcionamento das representações sociais, manifesta-se como recurso para viabilizar as próprias representações sociais e fatos coletivos relevantes para as coletividades qualitativas (de discursos) e quantitativas (de indivíduos). No DSC o sujeito coletivo vem se constituindo no sentido de reconstituir este sujeito que enquanto ser coletivo esteja falando como um indivíduo, sujeito de discurso 'natural', entretanto, veiculando uma representação de conteúdo ampliado. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006).

Na concepção de seus autores, o DSC consiste numa forma não-matemática nem metalingüística de representar e produzir o pensamento de uma coletividade e é possível a partir de operações que incidem sobre os depoimentos e que culminam em discursos-síntese que agregam respostas de indivíduos diferentes mas que possuem conteúdo discursivo de sentido semelhante. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2009).

Para que se consiga reconstruir as representações sociais na aplicação do DSC é necessária a coleta dos discursos resultantes das entrevistas gravadas. Posteriormente os depoimentos são transcritos e parte-se para o emprego da técnica a partir das figuras metodológicas do DSC que possibilitam uma análise do material verbal.

O DSC possui como figuras metodológicas:

a) Expressões-chave (E-Ch): pedaços do discurso, trechos selecionados das falas por revelarem a essência do depoimento e devem ser destacados pelo pesquisador por constituir a melhor descrição do seu conteúdo. Por serem fundamentais para o DSC devem ser adequadamente coletadas, buscando um meio termo entre a seleção de quase tudo ou quase nada do material discursivo. A seleção das E-Ch é uma depuração do discurso de tudo que não é essencial, do que é irrelevante, destacando, como mencionado anteriormente, a essência do pensamento.

b) Ideias Centrais (IC): um nome ou expressão linguística que revela, descreve e nomeia, de maneira sintética e precisa, o(s) sentido(s) presente(s) nos discursos e de cada conjunto homogêneo de E-Ch que apresentam sentido semelhante ou complementar. A IC possui função discriminadora, classificatória pois irá identificar e distinguir (não interpretar) cada sentido ou posicionamento revelado nos discursos. Enquanto as E-Ch são

concretas, expressivas, descritivas, abundantes, afetivas, literárias (como o entrevistado disse), as IC são conceituais, sintéticas, frias e poucas (o quê, ou sobre o quê o entrevistado quis dizer).

c) Ancoragens (AC): algumas E-Ch não remetem somente para uma IC mas também para uma AC (teorias, ideologias, crenças e valores que se encontram presentes na fala dos entrevistados através de marcas linguísticas claras e genéricas como expressão de uma teoria ou ideologia e que aparece embutida como uma afirmação qualquer). Aparecem como afirmações genéricas utilizadas para enquadrar situações particulares. Para localizá-las é necessário encontrar no depoimento marcas explícitas de sua presença.

d) Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): discurso-síntese homogêneo redigido na primeira pessoa do singular, formado pelo conjunto das E-Ch dos discursos que possuem ICs e/ou ACs com sentido semelhante e complementar. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005; LEFEVRE; LEFEVRE, 2009; LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

A aplicação da técnica com as figuras metodológicas para a tabulação dos dados direciona para os seguintes passos:

1º passo: ler algumas vezes as respostas para cada questão

2º passo: ler cada resposta identificando as E-Ch

3º passo: identificar a(s) IC de cada resposta

4º passo: analisar todas as IC e AC agrupando as semelhantes em categorias

5º passo: nomear as categorias de conjunto homogêneo

6º passo: construir o(s) DSC de cada categoria obtida no quinto passo

7º passo: “discursivar” ou sequenciar as E-Ch para construção do DSC obedecendo a um esquema começo-meio-fim ou do mais geral para o mais particular. A ligação entre as partes do discurso é feita por meio de conectivos responsáveis por dar coesão (assim, então, logo, enfim...) e são eliminadas as particularidades³⁸ (sexo, idade...). Deve-se utilizar para construir o DSC todo o material das E-Ch. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005; LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

³⁸ Processo também chamado de desparticularização. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

Cabe também destacar que no texto o DSC não deve aparecer entre aspas, porque não se trata de citação, mas em *itálico* em consideração à fala coletiva. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005)

Os resultados podem ser apresentados de diversas formas mas os autores da técnica sugerem apresentá-los por questão. Quando a questão exigir mais de um DSC, sugere-se um quadro-síntese com as IC que surgiram na ocasião de análise da questão.

A técnica do DSC embora tenha sido concebida no contexto de pesquisas relacionadas à saúde pública, tem sido utilizada e reconhecida como instrumento eficiente no trato de discursos nas mais diversas áreas do conhecimento, inclusive no âmbito da Ciência da Informação. Além da explicitação do tratamento dado ao discurso coletado, fundamental para a compreensão do processo de pesquisa, Mendonça (2007) destaca que na dinâmica teórica da técnica do DSC emergem a interdisciplinaridade, a preocupação com a interpretação do contexto histórico-social que a cerca e a análise científica.

O DSC pressupõe a relação com o contexto social e histórico e sua preocupação com o processo em que se dá o discurso, bem como sua base teórica nas Representações Sociais, encaixam-se à fundamentação teórica e metodológica já exposta anteriormente.

3.6 Os participantes da pesquisa

O Brasil possui bibliotecas públicas vinculadas aos Municípios, Estados e Federação. Nem todas são geridas por bibliotecários, algumas possuem como gestores profissionais com outras formações que não a de bacharel em Biblioteconomia. O convite para participar desta pesquisa foi direcionado para os bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas catarinenses. A escolha nesta direção se justificou no sentido buscar o discurso que constitui uma prática proveniente de uma classe profissional no Estado no qual é pensada e escrita esta tese, ciente de que os agrupamentos profissionais são detentores de uma identidade e trazem consigo valores distintos que vão sendo consolidados ou modificados ao longo dos tempos.

Como não havia dados seguros de quantos bibliotecários atuavam como dirigentes em bibliotecas públicas catarinenses, inicialmente se propôs no projeto que seriam selecionados bibliotecários de três cidades com maior densidade demográfica de cada uma das seis mesorregiões de Santa Catarina que possuísssem bibliotecas públicas. A seleção foi possível mediante consulta no site do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) que disponibiliza os “Dados das Bibliotecas Públicas no Brasil” e nas bases de dados do IBGE que possibilitam o acesso aos índices populacionais atualizados em 2015. A partir destas informações foi feita uma eleição prévia de possíveis bibliotecários dirigentes que atuariam nestas bibliotecas públicas. Entretanto, algumas destas cidades não chegam a ter bibliotecários, ou mesmo, bibliotecários dirigentes em suas bibliotecas públicas. Neste caso, dava-se prioridade para a cidade seguinte da mesorregião com maior densidade demográfica.

A decisão norteadora da seleção das cidades nas mesorregiões no sentido de contemplar as cidades com maior população levou em consideração a ideia de que em localidades com maior agrupamento de pessoas há supostamente uma possibilidade mais abrangente de haver serviços de informação como os prestados por bibliotecas públicas.

Algumas mesorregiões portanto, como a Região Serrana, não chegam a ter três bibliotecários dirigentes na totalidade de suas bibliotecas públicas. Também ocorreu um caso do profissional optar por não participar do estudo, ou mesmo não estar disponível para entrevista no período de coleta de dados. Neste caso, buscou-se outras mesorregiões que se enquadrassem nesta condição e que os profissionais estivessem dispostos a conceder entrevista e participar do estudo. Portanto, das dezoito entrevistas que constam no estudo, cinco são da mesorregião da Grande Florianópolis, quatro do Sul Catarinense, quatro do Vale do Itajaí, três do Oeste Catarinense, uma da Serrana e uma do Norte Catarinense.

O contato inicial foi realizado por telefone e em seguida, foi enviado por e-mail a carta de apresentação (Apêndice A) com informações relevantes sobre a pesquisa, o TCLE com as informações sobre o objetivo, métodos, riscos e benefícios, bem como, a autorização do Comitê de Ética para prosseguimento do estudo. Após aceite, eram acertados, dia, local, hora para a

coleta dos dados, sempre levando em consideração as melhores condições para o entrevistado.

4 RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados descritos a seguir foram extraídos da aplicação dos instrumentos de coleta de dados já apresentados, o diário de campo, o questionário e a entrevista, respectivamente. O resultado da entrevista será exposto na forma do DSC final, com exceção das informações da primeira pergunta (sobre as vivências culturais, educacionais e sociais das entrevistadas) que interagem com os resultados do questionário.

A decisão de retirada da primeira pergunta da entrevista do DSC final se deu pelo entendimento de que as informações coletadas nesta pergunta são convergentes com as informações coletadas no questionário para atender o primeiro objetivo específico proposto nesta Tese, logo, sua exposição ficaria mais coerente desta forma.

No tópico seguinte será exposta a interação com o DSC final, com interpretações e análises. O processo de elaboração do DSC final, com a aplicação da técnica do DSC, pode ser melhor verificado no Apêndice H, com exceção da primeira pergunta que não compôs o DSC final mas seguiu a mesma estratégia proposta pela técnica.

4.1 Observações: anotações no diário de campo

As observações extraídas das anotações no diário de campo foram realizadas durante o período de encontro com as entrevistadas. Estabeleceu-se um roteiro de observação a partir da experiência com as mesmas na ocasião da coleta de dados no local da interação. Relevante destacar que as entrevistas foram realizadas no período de dezembro de 2015 a março de 2016, ou seja, boa parte refere-se a período de festas, férias escolares. Outra informação importante é que a pesquisadora foi propositalmente para a coleta de dados sem o endereço de localização das bibliotecas públicas procuradas.

Cinco das dezoito participantes não foram entrevistadas nas bibliotecas públicas em que atuam. Duas delas escolheram como local de interação com a pesquisadora sua residência própria e residência de parente, uma escolheu um café (nestes três casos, as profissionais gozavam férias ou licença) e outras duas escolheram outros estabelecimentos da administração

pública (por julgarem mais adequados para entrevista). Nestes casos, para além destas informações, não foram realizadas maiores anotações em diário de campo.

Portanto, as observações foram alvo de maiores registros quando a entrevista ocorreu em seus locais de trabalho, a partir de três pontos pré-estabelecidos:

- a) Ao chegar na praça principal da cidade, perguntar aos transeuntes ou comerciantes onde se localiza a biblioteca pública
- b) Ao localizar a biblioteca pública, observar sua localização e entorno
- c) Na biblioteca pública, observar a presença e as atividades realizadas pelos usuários

Tais observações foram sentidas como relevantes por se relacionarem com o objetivo do estudo e não expor as participantes. Como trata-se de um grupo facilmente identificável, houve um grande cuidado para não observar questões que pudessem romper com o trato estabelecido relacionado ao sigilo.

Os relatos das observações são realizados a seguir e descritos em primeira pessoa do singular, como num diário.

4.1.1 Sem endereço: chegando na cidade

Chegar na cidade sem a localização da biblioteca foi uma ideia pensada a partir da percepção de que eu poderia ter uma medida do conhecimento (ou o contrário) da biblioteca pública por parte da população. Cavalcante (2010) conta em sua pesquisa sobre gestão de bibliotecas públicas municipais a respeito de um morador de um município do Estado do Ceará que informava não saber onde ficava a biblioteca pública estando diante dela.

Pensava: “será que a população da cidade pode me guiar até a biblioteca pública local?”. A partir disso, estabeleci o primeiro quesito de observação de meu diário de campo: ‘ao chegar na praça principal da cidade, perguntar aos transeuntes ou comerciantes onde se localiza a biblioteca pública’.

Meu ponto de chegada nas cidades, portanto, era a praça principal de cada cidade catarinense que visitei. As praças foram localizadas mediante placas de sinalização de trânsito (nem sempre eficazes), sem previamente ter acessado qualquer mapa. Fiz todas as viagens com automóvel e demais recursos próprios

e inicialmente decidi estacionar sempre perto da praça central e caminhar até onde fosse preciso para observar o entorno.

Em uma das treze bibliotecas visitadas para coleta de dados, não cheguei nem a conhecer a praça central pois passei de carro bem em frente, assim que cheguei na cidade. A biblioteca municipal estava relativamente próxima à praça e muito bem identificada.

Nas demais, ao chegar na praça de cada cidade e estacionar, duas delas foram rapidamente identificadas, sem que precisasse pedir qualquer informação, localizam-se próximas à praça central e são facilmente identificadas em virtude dos letreiros de suas fachadas.

Em um dos casos visitados, a biblioteca mudou tanto de lugar que só consegui a informação correta de sua localização após abordar vinte e duas pessoas, entre transeuntes de várias idades e comerciantes. A biblioteca não ficava longe da praça, entretanto, havia grande confusão em sua localização pela quantidade de mudanças já realizadas. Fui para dois lugares diferentes, onde a biblioteca havia se estabelecido anteriormente, antes de chegar ao local atual da biblioteca.

Em três casos houve grande dificuldade de localização, pessoas que não sabiam da existência biblioteca pública na cidade ou sobre onde se estabelecia. Duas delas estavam localizadas bem distantes da praça principal e, em um desses casos, só foi possível a localização via Internet. Em dois destes três casos, a localização ocorreu mediante abordagem com mais de trinta pessoas, entre transeuntes, comerciantes e servidores de repartições públicas.

Nas outras seis bibliotecas, houve rápida indicação, perguntei ao menos para cinco pessoas e todas responderam prontamente acerca do mesmo local.

4.1.2 Localização e entorno das bibliotecas públicas visitadas

No segundo quesito de observação: ‘ao localizar a biblioteca pública, observar sua localização e entorno’, foi possível perceber que, das treze bibliotecas visitadas, dez delas estão próximas das praças centrais e três mais distantes.

No caso das bibliotecas mais próximas das praças centrais, ou encontram-se localizadas ao lado da praça, ou na

própria praça, ou é possível acessar o prédio com breve caminhada.

As três bibliotecas públicas municipais que não se localizam na região central, também não estão situadas em bairro economicamente carentes, ao contrário, uma delas encontra-se em um dos bairros mais nobres de uma das cidades visitadas.

Foi possível através de conversa informal com a participante e mediante observação do entorno de algumas destas bibliotecas públicas (e em especial, a biblioteca localizada na praça central) moradores de rua, mendigos, maiores e menores de idade utilizando drogas. Em dois destes casos, a participante mencionou que a entrada da biblioteca é costumeiramente utilizada para abrigo e local de pernoite para os moradores de rua.

Duas das treze bibliotecas públicas visitadas funcionam dentro de centros culturais do município, dividindo as instalações com outros serviços como aula de música e outras manifestações artísticas, exposições, auditório... No instante da visita, pareciam possuir uma movimentação diferenciada, como será mencionado no tópico a seguir acerca das observações sobre os usuários.

4.1.3 Usuários nas bibliotecas e outras anotações relevantes

Importante destacar que os comentários acerca dos usuários na biblioteca são um “retrato” do momento da visita mas pode ser confirmado no discurso das participantes, de bibliotecas com pouca animação, pouco movimento, pouca utilização.

Com relação ao último ponto observado para anotações em diário de campo – ‘Na biblioteca pública, observar a presença e as atividades realizadas pelos usuários – foi possível perceber que em quatro das treze bibliotecas públicas visitadas havia um movimento de pessoas dentro da biblioteca, cadeiras e sofás ocupados, pessoas consultando catálogos, andando pelas estantes de livros e outros materiais do acervo, a manifestação de uma atividade cultural (contação de história) no espaço da biblioteca, balcão de atendimento sendo solicitado. Duas delas, as mais movimentadas, como mencionado anteriormente, estão dentro de centros culturais do município.

Um registro relevante de conversa com uma participante merece destaque por não ter sido falado na gravação da entrevista, portanto, solicitei para a mesma autorização para anotar em meu diário e mencionar no texto do estudo por julgar se tratar de situação concreta da vida cotidiana e que pode suscitar muitas reflexões e mudanças na forma de gerir estes serviços e na conduta do profissional. Sempre que possível, após a entrevista aconteciam papos soltos sobre o trabalho na biblioteca pública, situações peculiares, sobre a cidade em que atuam estes profissionais, as condições de trabalho, questões particulares... Em uma dessas conversas uma das participantes, ao destacar a diversidade de público que frequenta biblioteca pública e como se sente impotente e sem saber com agir em algumas situações, lembrou um fato curioso que aconteceu na cidade em que atua profissionalmente, cidade turística do litoral catarinense. Recordou que é comum que nas temporadas de verão a prefeitura municipal faça um trabalho de revitalização da cidade para receber o turista, com limpeza das ruas, melhoria de infraestrutura etc. Em um desses períodos, utilizava a biblioteca pública com frequência um morador de rua que foi abordado dentro do estabelecimento da biblioteca por dois funcionários a serviço da prefeitura de maneira coercitiva, para que deixasse o local, utilizando argumentos não convincentes e sem explicar para onde o levariam. Este morador de rua, nunca mais retornou à biblioteca. Segundo a entrevistada, que no acontecido já atuava na biblioteca e presenciou o ocorrido, era comum o sumiço de moradores de rua e mendigos no período de temporada de verão e visita de turistas à cidade. Ao recordar a situação desabafou seu sentimento de injustiça com a cena, de impotência diante do fato, sua falta de informação para lidar com a situação específica e sua surpresa ao compreender que sua profissão e ambiente de atuação incluíam questões que jamais imaginaria durante sua formação profissional.

Muitas questões não foram mencionadas no diário de campo por expressar particularidades do profissional e para preservá-lo de possíveis identificações por parte de colegas de profissão. Entretanto, um ponto marcante e que anotei em quase todas as visitas é que foi possível observar nos comentários posteriores ao encontro, a surpresa de encontrar um pesquisador interessado no que a profissional em questão tem a falar, com a minha motivação para o deslocamento até as cidades, a

necessidade de troca e desabafo destas profissionais principalmente com relação aos baixos salários e o fato de parecer “invisível” para os gestores públicos aos quais estão atreladas.

Em algumas vezes, me senti situada pelas participantes como alguém responsável por auxiliar nas dificuldades do ambiente de trabalho (que não são exclusividade da classe bibliotecária que atua em bibliotecas públicas no Brasil) em que se encontram. Algumas entrevistadas parecem lidar bem e ter algum preparo e ânimo para superar problemas, mas a maioria parecia “passear” entre o lamento e o grito de socorro. O encontro com as entrevistadas “apertava” ainda mais o meu compromisso com o estudo em questão.

4.2 As bibliotecárias dirigentes de bibliotecas públicas catarinenses e seus ambientes de trabalho

Como no caso da enfermagem, por exemplo, mesmo que não utilizássemos informações de estudos desenvolvidos sobre o assunto, a partir de nossa vivência, poderíamos associar a profissão bibliotecária com as mulheres, pelos desenhos animados e filmes que já assistimos desde quando éramos crianças, pelo contato pessoal em bibliotecas que frequentamos, pelas representações em livros, tirinhas, gibis etc. As mulheres estão muito presentes nesses espaços de atuação, ainda que possamos perceber nos últimos tempos algumas mudanças.

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, a partir dos séculos XVIII e XIX, há uma preocupação social com suas escolhas, porque são elas as responsáveis por cuidar dos filhos, marido, casa, doentes - o sistema capitalista tratou de inseri-las em profissões alinhadas com tais atividades (FERREIRA, 2003).

Já houve menção nesta tese a Melvil Dewey, precursor na educação bibliotecária, com o curso estabelecido na Universidade de Columbia, Estados Unidos. Giacometti e Velloso (1987) relatam que dos vinte alunos matriculados neste curso, dezessete eram do sexo feminino e destacam que Dewey, como bibliotecário, foi um dos primeiros a contratar mulheres para atuar nesta função nos Estados Unidos. Adelpha Figueiredo, também já mencionada neste texto, participou deste curso, pioneira quando o assunto é entrada de mulheres nos Cursos de Biblioteconomia. Importante destacar também que, a

institucionalização destes cursos no Brasil e a proliferação da procura feminina coincidem pela facilidade de ingresso em virtude de serem oferecidos no período matutino, terem um tempo reduzido e recomendados para “moças de boa família”. (FERREIRA, 2003, p. 196)

As razões para a associação da biblioteconomia com as mulheres não se encerram com as explicações anteriores e também não são objeto deste estudo. Entretanto, as entrevistadas nesta Tese, em sua totalidade, representam um grupo feminino (ainda que este não fosse um critério anteriormente determinado para escolha dos participantes).

O grupo respondente foi constituído por dezoito profissionais, atuantes nas bibliotecas públicas catarinenses e principais responsáveis por essas bibliotecas. Todas possuem formação universitária em Biblioteconomia concluída e registro em Conselho (no caso o Conselho Regional de Biblioteconomia).

Estão expostas no quadro a seguir informações de dezessete respondentes ao questionário, instrumento responsável pelos dados pertinentes às características, informações pessoais e profissionais destas entrevistadas e que irão se relacionar com as informações da primeira pergunta da entrevista, alocadas para esta parte do texto.

Quadro 3: Informações pessoais e profissionais dos participantes da pesquisa resultantes do questionário

Questões do questionário	Informações obtidas
Idade	21 a 25 – 1 (23 anos)* 26 a 30 – 1 31 a 35 – 2 36 a 40 – 2 41 a 45 - 3 46 a 50 – 1 51 a 55 – 4 56 a 60 – 1 61 a 65 – 1 (63 anos)* Não informou – 1 * abrangência
Sexo	Feminino – 17 Masculino – 0
Estado civil	Casada – 9 Solteira - 6 Divorciada – 2

Questões do questionário	Informações obtidas
Cidade e Estado de nascimento	Florianópolis, SC – 3 Grande Florianópolis – 4 Vale do Itajaí - 2 Sul Catarinense – 2 Oeste Catarinense - 1 Serrana - 3 Interior do Rio Grande do Sul - 1 Interior de São Paulo - 1
Universidade em que se graduou em Biblioteconomia	UFSC – 8 UDESC – 7 Fora do Estado de SC – 2
Ano de conclusão do curso de Biblioteconomia	1976 a 1980 – 1 (1978)* 1981 a 1985 – 2 1986 a 1990 – 2 1991- 1995 – 2 1996- 2000 – 2 2001- 2005 – 3 2006-2010 – 3 2011 – 2015 – 1 (2015)* Não informou – 1 * abrangência
Outros cursos de Graduação e local do curso	Administração Pública (UDESC), Curso não informado na Univali, “Artes Práticas” (UDESC), Ciências Biológicas (UFSC), Sociologia (UNIDAVI). Não realizou – 12

Questões do questionário	Informações obtidas
Cursos de Pós-Graduação	<p>Gestão de Bibliotecas, UDESC (concluído) – 1</p> <p>Gestão de Bibliotecas Escolares, UFSC (concluído) – 2</p> <p>Gestão de Bibliotecas Escolares, não informado (concluído) – 1</p> <p>Mestrado em Planejamento e Administração de Bibliotecas e Sistemas de Informação, PUCCAMP (concluído) – 1</p> <p>Doutorado em Ciência da Informação, UFSC (em andamento) – 1</p> <p>Especialização Metodologia do Ensino, Unisul (concluído) – 1</p> <p>Mestrado em Administração, UFSC (concluído) – 1</p> <p>Especialização Metodologia científica e Bibliotecas Públicas e Escolares, não informado (concluídos) – 1</p> <p>Não realizou – 8</p>
Ocupações ou profissões antes de atuar como bibliotecário	<p>Assistente administrativo (2), finanças, telefonista, professora de ensino primário (2), secretária (5), técnica em edificações, digitadora em um Banco, auxiliar de biblioteca (2), gerente de projetos, professora (2), atendente no comércio, bancária, atendente em banca de jornal, atendente em supermercado, escriturária, balconista</p>
Ano em que começou a atuar profissionalmente como bibliotecário	<p>1979 (1), 1982 (1), 1986 (1), 1987 (1), 1990 (1), 2000 (1), 2002 (2), 2003 (1), 2005 (1), 2009 (1), 2011 (1), 2012 (1), 2014 (1), 2015 (1), não informado (1).</p>

Questões do questionário	Informações obtidas
Ano em que começou a atuar profissionalmente como bibliotecário na biblioteca pública em questão	1980 (1), 1986 (1), 1990 (1), 2003 (3), 2006 (1), 2007 (1), 2010 (1), 2011 (3), 2012 (2), 2014 (1), 2015 (1). * nove dos respondentes assumiram o cargo na biblioteca pública em questão no mesmo ano, ou no seguinte ao ano que começaram a atuar como bibliotecários.
Antes, atuação em outra biblioteca pública	Sim – 3 Não – 14
Forma de ingresso na biblioteca pública que atua	Concurso público – 15 Indicação política (cargo comissionado) - 1 Readaptação – 1
Hora de trabalho semanal	40h – 9 20h - 1 30 h – 7
Período de trabalho	Matutino – 4 Vespertino – 4 Matutino, vespertino – 5 Variado - 2 Não informado – 2
Se já havia exercido cargo de coordenação ou chefia antes da biblioteca pública	Sim – 6 (3anos – 2 respondentes -, 5 anos, 12 anos, 8 anos, 30 anos) Não – 11

Questões do questionário	Informações obtidas
Atividades que mais ocupam seu tempo na biblioteca pública	Processamento técnico – 10 Atendimento ao usuário – 6 Planejamento – 3 Gestão de recursos humanos – 3 Catalogação – 2 Funções administrativas – 2 Projetos – 2 Pesquisa bibliográfica – 1 Contação de história – 1 Atividades culturais – 1 Feira do Livro – 1 Descarte – 1 Participação em comissões colegiadas – 1 Gestão da infraestrutura - 1 Articulação com gestores públicos – 1 Seleção de acervo – 1 Organização do acervo – 1 Higienização do acervo – 1 Empréstimo – 1

Questões do questionário	Informações obtidas
Atividades que julga mais importantes na biblioteca pública	Atendimento ao usuário – 12 Processamento técnico – 5 Atividades culturais (contação de história, premiações, feiras) – 2 Contação de história – 2 Inovação e atualização – 1 Dinamização do ambiente – 1 Acolhimento do público alvo – 1 Relacionamento com a população – 1 Iniciação ao hábito da leitura – 1 Organização do espaço – 1 Organização de produtos e serviços – 1 Pesquisa – 1 Projetos sociais – 1 Marketing, divulgação da biblioteca – 1 Interação com os pares – 1 Aperfeiçoamento continuado – 1 Gestão de sustentabilidade baseada na necessidade dos usuários – 1 Seleção do acervo – 1 Aquisição de acervo – 1 Distribuição de “mimos” (datas festivas) – 1 Decoração de datas festivas – 1 Exposições – 1
Outra ocupação profissional	Sim – 2 (professora universitária e doceira) Não – 15
Participação em entidades profissionais (associações) ou órgãos de categoria (conselho)	Sim – 2 Não – 15
Viagem de estudo e estágio em bibliotecas públicas no exterior	Sim – 0 Não – 17

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do questionário.

No que se refere à faixa etária, esse grupo representa cinco gerações diferentes – desde os 23 aos 63 anos - não havendo nenhuma predominância significativa de alguma das décadas dentro da abrangência etária mencionada, ou seja, é um grupo diversificado em relação à idade. Não somente em relação à idade como é possível observar.

Mais da metade (dez ao todo) das entrevistadas não são da Região da Grande Florianópolis - que compreende as cidades que estão no entorno da capital do Estado catarinense - e duas são do interior de outros estados. Somente três são da capital, Florianópolis. Ao discorrer sobre suas vivências alguns destacam dificuldades pontuais, em virtude de morar no interior, distante da capital, sofrendo com a falta de acesso a serviços, de terem que se deslocar de cidade ou ir para colégios internos para ter acesso à educação.

O grupo relata a vivência com seus familiares e pessoas próximas e sua relação com a leitura:

[...] o meu pai [...], [...] lia muito jornal, [...] não consegui desenvolver esse gosto [...] acho necessário, olho notícias [...], a mãe [...], [...] sempre foi de ler a noite, sempre contou história, [...], adora ler, [...] a gente sempre via ela lendo, até hoje [...], [...] a gente [...] foi instigado [...] a ter um olhar reflexivo, ativo, sempre questionando, [...] fui a criança dos por quês e os meus por quês foram sendo respondidos pela minha família [...]. [...] Nasci num ambiente [...] familiar [...] receptivo a essa questão [...] de leitura [...] imaginário [...], [...] eu sempre gostei muito de ler [...], [...] meu irmão mais velho colecionava gibis, [...] o irmão mais velho ajudava a alfabetização do irmão mais novo, [...] antes mesmo da gente ir pra alfabetização a gente já sabia um pouco ler [...], [...] tinha muitos livros [...], [...] quando não tinha livro pra ler eu lia dicionário, pra aprender palavras novas [...]. [...] Minha vó [...] contava muitas histórias pra gente, [...] meu avô, materno [...]. [...] Quando a gente ficava doente, eu tinha uma vizinha, [...] ela levava [...] livrinhos bem pequeninhos, [...], [...] também dava livro pra nós, o da escola. [...]

As condições de desenvolvimento das entrevistadas evidenciaram uma diversidade. Em dados de entrevista há relatos de um ambiente familiar com influência das religiões cristãs, católica e evangélica. Algumas revelaram ter pais com baixo grau de escolaridade, família grande, dificuldade financeira e há também quem discorra acerca de outras condições, com

pais que tiveram oportunidade de concluir um curso universitário, atuantes na educação dos filhos.

O grupo também se manifestou a respeito da sua vivência cultural:

[...] O contato que eu tive com a arte era a arte popular, [...] boi de mamão que passava pela rua, as Festas do Divino, [...] tudo tinha um significado muito grande para minha família e para a comunidade que eu morava. [...] Não tinha muito acesso a teatro, só mesmo na escola [...], [...] ao circo eu lembro de ter ido várias vezes, mas museu, uma apresentação musical, isso não. [...] Eu fiz balé, [...] música, na escola de música [...]. [...] Sempre tive inscrição em biblioteca pública [...], [...] passei um longo período da minha vida dentro da biblioteca, [...], a moça que estava na biblioteca era muito legal [...] não era bibliotecária [...] a gente ia lá pra conversar. Eu ia pra fazer os trabalhos da aula [...].

Os entrevistados estudaram em sua maioria em escola pública e há um relato sobre a dificuldade de ingressar em Universidade pública a partir desta realidade:

Pude [...] ver o quanto era excludente tu estar numa escola pública e [...] concorrer com pessoas para uma Universidade pública. [...]

Com relação ao ano de conclusão do curso de Biblioteconomia, ao ano em que começaram a atuar como bibliotecárias e ao ano que começaram a atuar na biblioteca pública, o período abrange também cinco décadas.

Os dados revelam que as entrevistadas passaram pelo processo de formação universitária e concluíram o curso, a primeira em 1978 e a última em 2015 - ao longo desse período, de maneira bem distribuída. Na UFSC se formaram oito, na UDESC sete e duas delas se formaram em Instituições de Ensino Superior fora do Estado de Santa Catarina.

Ao interagir com informações da primeira pergunta da entrevista, percebe-se que, a escolha por biblioteconomia se deu por diversos motivos: falta de opção, referência de parente, incentivo do padrasto que disse ser *uma área em expansão que ganha muito bem*, associação com a vocação para a leitura, para a organização.

Na fala de algumas das entrevistadas, o período de formação universitária representou um momento com situações difíceis. Há relatos de discriminação e sensação de exclusão no ambiente da Universidade, por ser estudante vinda do interior, ter

costumes e linguagem diferentes. Dificuldades também pela situação econômica como descrita a seguir

[...] eu trabalhava de manhã [...], comia aquilo disparado daí já me mandava [...], [...] no ônibus, [...] vinha dormindo cansada, daí chegava em casa fazia todo serviço, [...] ali pra meia noite em diante que eu começava a dar uma estudadinha, [...] até uma, uma e pouco e aí levantava cedo de novo [...].

Algumas destacam também situações vividas proporcionadas por ambientes como a universidade, como a experiência de viver em moradia estudantil e conviver com pessoas de regiões e cursos diferentes, compartilhando da mesma situação sócio econômica, a possibilidade de fazer estágio, sentir-se acolhida, ser impactada por alguns professores, ter a possibilidade de fazer questionamentos, apresentar trabalhos em outros Estados, participar de projetos como Projeto Rondon³⁹ e ampliar sua visão de mundo.

Com relação ao ano em que começaram a atuar com bibliotecárias e iniciaram seus trabalhos nas bibliotecas públicas em que atuam, há maior expressividade de ocorrências a partir da década de 2000. Esse é um dado significativo. Segundo Fernandez e Machado (2015), a partir deste período houve uma série de investimentos realizados pelo MinC por meio do SNBP, junto aos Estados e Municípios que resultou na existência de mais bibliotecas do que qualquer outro equipamento cultural (museus, cinemas, teatros...) no país. Convergir para esta situação duas metas do Plano Nacional de Cultura (PNC), a meta

³⁹ Com ideia de levar a juventude universitária a conhecer a realidade brasileira e a participar do processo de desenvolvimento foi criado o Projeto Rondon, pelo Decreto nº 62.927, de 28 de junho de 1968. Em 1989 foi extinto e sua nova fase origina-se de uma proposta de reativação do projeto original encaminhada pela União Nacional dos Estudantes ao Exmo Sr Presidente da República em 2003. Diretrizes e orientações gerais foram consolidadas num plano estratégico aprovado pelo Presidente em 20 de agosto de 2004 com vistas à execução, em 2005, da primeira operação nacional desta nova fase do Projeto. As ações são norteadas pelo Comitê de Orientação e Supervisão do Projeto Rondon, criado por Decreto Presidencial de 14 de janeiro de 2005. (PROJETO RONDON. *Nossa história*. 2017. Disponível em <http://www.projettorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/9718/area/C/module/default>>. Acesso em 12 jan 2017).

32 (100% dos municípios brasileiros com pelo menos uma biblioteca em atividade) e a meta 34 (prevê a modernização de 50% das bibliotecas públicas e museus) – as metas devem ser implementadas até o ano de 2020.

Outro ponto relevante com relação ao ano em que começaram a atuar profissionalmente na biblioteca pública em que se encontram: nove delas assumiram o cargo no mesmo ano, ou no seguinte ao ano que começaram a atuar como bibliotecários e a maioria, quatorze delas, não havia tido experiência anterior com biblioteca pública.

Cinco terminaram outros cursos de graduação, oito de pós-graduação e uma está com o curso de pós-graduação em andamento.

Entre as ocupações ou profissões desempenhadas pelas entrevistadas antes de atuarem como bibliotecárias figuram a de professor, técnica em edificações, atendentes em comércio e outras de contexto burocrático como assistente administrativo, secretária, bancária, digitadora em banco... Na entrevista, quando o profissional menciona sobre atividades que exerceu antes de ser bibliotecária, destacada que também trabalhou: *[...] cuidando de criança, trabalhando em casa de família [...]*.

Atualmente, além das funções desempenhadas na biblioteca pública, duas das entrevistadas paralelamente trabalham como professora universitária e doceira.

Quinze das entrevistadas são concursadas, uma ingressou no cargo via indicação política e outra está na gestão da biblioteca na situação de readaptada. Nove delas trabalham em dois períodos, quarenta horas semanais e oito cumprem meio expediente, sete delas completando jornada de 30 horas e uma de 20 horas semanais. Nenhuma delas mencionou em questionário trabalhar no período noturno na biblioteca pública, mas este dado aparece no discurso da entrevistada 4 (ver Apêndice G). Provavelmente, atuava no período noturno sazonalmente, porque no questionário duas entrevistadas informaram que o período varia, é flexível.

Seis das entrevistadas já haviam assumido anteriormente cargo de coordenação ou chefia e outras onze o fazem pela primeira vez. Somente duas já tiveram participação ou participam em entidades profissionais (associações) ou órgãos de categoria (conselho) e nenhuma delas fez viagem de estudo e estágio em bibliotecas públicas no exterior.

No questionário, havia uma solicitação para que as entrevistadas registrassem as atividades bibliotecárias que mais ocupam seu tempo em sua rotina de trabalho e as que julgavam mais importantes na atuação em bibliotecas públicas. Várias atividades são listadas e podem ser observadas no quadro anterior, mas duas delas merecem destaque pois são as mais mencionadas e invertem de posição em cada colocação. Na primeira, dez entrevistadas citaram a atividade de processamento técnico como a atividade que mais consome tempo das bibliotecárias em sua rotina. O processamento inclui atividades relativas ao tratamento da informação (classificação, catalogação e indexação) que será disponibilizada e possibilitará a recuperação deste acervo pelos usuários. Duas ainda mencionaram a catalogação, uma de suas etapas. Em seguida aparece o atendimento ao usuário, com destaque de seis entrevistadas. Em outro ponto do questionário, quando perguntadas sobre quais atividades julgavam mais importantes em sua rotina, o atendimento ao usuário aparece citado doze e o processamento técnico, cinco vezes.

O atendimento é considerado mais importante, no entanto, o que consome mais tempo é o processamento técnico. Falta usuário para que se possa dedicar tempo ao atendimento nas bibliotecas públicas? Há grande quantidade de material (doador) e pessoas aguardando o processamento técnico desse acervo? O estudo não dará conta destas perguntas, entretanto, no que se refere à temática da exclusão configura um dado relevante diante de outras manifestações encontradas no DSC final e que serão comentadas nas interações com o DSC.

Cada uma destas atividades possui uma característica muito marcante em relação ao usuário. Se a atividade de atendimento ao usuário aproxima, a de processamento técnico afasta no sentido de ser uma atividade que o profissional, ainda que precise conhecer seu usuário (e isso pressupõe interação) para que possa executar o tratamento da informação da melhor forma, é uma atividade isolada, o bibliotecário executa sozinho ou interagindo com outros profissionais.

A seguir, está disposto o DSC final para que seja analisado posteriormente.

4.3 DSC Final

Para mim, a função social da biblioteca pública é [...] muito ampla [...] a gente pode tudo e muito mais [...], [...] a função social da biblioteca é única [...] importantíssima [...], [...] é aberta, independente de raça, independente de [...] tudo [...], [...] é pra todos. A gente trabalha desde a criança até o idoso [...], [...] com atividades [...] que propiciem o [...] acesso sem nenhuma barreira de valores [...] e [...] puxem as pessoas mais pobres, as pessoas em vulnerabilidade, as pessoas com problemas sociais. [...] Um espaço onde a pessoa pode vir [...], [...] espaço de vivência, [...] público [...]. [...] Muitos não podem fazer aquisição de livros [...], ela tem função de retirada, [...] pode ajudar nas pesquisas [...], [...] tem o computador [...], [...] a Internet [...] muitos só conseguem aqui. [...] Um espaço que incentiva [...] a prática do estudo [...], [...] crescimento intelectual [...], [...] conhecimento para que a pessoa por si só, [...] crie e evolua e vá atrás do que realmente quer [...]. [...] A gente auxilia, inscrição de concurso [...], [...] com lista de empregos, com currículos [...], e [...] outras atividades sociais como a pintura, um bordado, uma contação, um bom filme de época, uma exposição, [...], uma atividade recreativa, um café literário [...], [...] uma cesta de frutas [...], [...] ou só quer entrar e dar uma olhada, [...], [...] usar o banheiro, [...] olhar as estantes [...] pode ser até para reclamar [...], [...] pra se maquiar, tomam aguinha [...], [...] qualquer coisa que parece muito fútil, mas que pra pessoa [...] é fundamental [...]. [...] Um papel fundamental, não apenas de disponibilizar o livro, mas de disponibilizar informação [...], [...] é um sistema de alerta de informação [...], [...] acho que essa função social é informar [...] qualquer coisa para qualquer pessoa [...], [...] quando as pessoas estão perdidas vêm aqui e quando [...] não tem condições vêm aqui e resolvem sua situação [...]. [...] A função primordial que eu vejo é formar cidadãos através da leitura [...], [...] ter acesso às leituras, [...] onde ela não têm restrições [...], [...] desde as criancinhas até os mais velhos [...], [...] trabalhar [...] contação de história, porque assim você desperta o hábito da leitura com os pequeninhos [...]. [...] Quando eles estão aqui [...] eu sinto [...] que eles estão protegidos. [...]. Nesse sentido, [...] abrigar as pessoas, trazer as pessoas [...] independente de ela estar em vulnerabilidade, ou ela estar sem dinheiro [...], promover [...] um lugar gostoso pra descansar, pra saborear, pra trocar ideias, pra

estudar em grupo [...], [...] que seja um ambiente agradável, [...] com prazer, [...] alegria [...], [...] calor humano [...], [...] acolhedor [...], [...] de transformação [...], [...] propiciar essa melhoria na vida dessas pessoas, [...] melhorar a pessoa desse aspecto de alma, [...] o espírito, [...], [...] bem estar [...] tocar essas pessoas [...]. [...] Dar [...] condições de acesso para que ele se sinta incluído [...] tentar trazer o público na qual ela está inserida [...] levar a biblioteca até eles. [...], [...] cativar [...] trazer para dentro da biblioteca [...], [...] instigando esse desejo, [...] esse hábito [...] para que [...], [...] encontrem o que eles queiram, [...] fazer essa [...] ponte [...]. [...] É um local de prática de cidadania [...], [...] deveria propiciar no aspecto social a cultura da cidade, [...] conhecer nossa [...] história, prover cursos interessantes [...], [...] promover a cultura em geral [...]. **Considero que uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas é** [...] ter consciência da nossa função, do nosso papel e ser fiel àquilo [...], [...] voltar pro teu objetivo, pro teu foco, pra tua missão [...], [...] porque são muitas forças que [...] te faz, [...] desanimar, “[...] empurrar com a barriga”, [...] excluir estes pensamentos[...], [...] surpreende, faz mais do que aquele o fazer por fazer [...], [...] eu me desdubro, eu vou atrás, [...] para ajudar a resolver o problema. [...] Não importa que atrase um dia, dois [...] o público tem que estar em primeiro lugar [...] tem que atuar em função do seu público. [...] servir ao seu público [...]. [...] dar oportunidade a todos, [...] o atendimento de qualidade [...] sem distinção, [...], [...] reconhecer que [...] o serviço prestado ali é pra todo mundo [...], [...] a gente tem isso no discurso mas pensar assim no dia-a-dia, dentro da minha prática profissional. [...] Facilitar o uso da informação também, não excluir [...], [...] disponibilizar a informação independente dessas regras [...] ter [...] jogo de cintura, [...] tu não pode impossibilitar o empréstimo [...]. [...] Além de ter essa parte técnica, ele precisa ser uma pessoa humana, carismática, [...] atender bem todos, acolher, [...], ajudar quem necessita [...], ter [...] dedicação [...], [...] integridade [...], [...] estar sempre também informado [...]. [...] Antiético seria pegar dinheiro [...] das multas, pegar livro da biblioteca, [...] não levar para outro lugar [...]. [...] Tem questão de multa dentro da biblioteca, [...] “[...] você tá devendo livro na biblioteca”, é uma questão boba ética mas [...] pode afastar completamente uma pessoa daquele local e ela nunca mais retornar. [...] Eu colocaria como ética [...] a privacidade daquilo que é colocado pra nós [...],

[...] e uma outra questão ética que é como [...] que a gente conversa isso dentro da biblioteca com os demais funcionários [...] cada leitor você tem uma relação com ele, então o que você também trata [...] é entre você e ele, [...] ter esse cuidado. [...] Manter-se firme no que diz [...], [...] ser cumpridor do seu dever [...], [...] somos funcionários públicos, a população que paga nossos salários [...], [...] procurar não faltar, procurar estar sempre no horário certo [...], [...] não só cumprir horário, [...] tem que trabalhar durante esse período [...] ser um bom profissional. [...] Eu posso dizer que uma boa prática é [...] a motivação para chamar o usuário para esse setor que era desconhecido [...], [...] muitas pessoas não tem conhecimento da biblioteca [...], [...] a prioridade é o que eles pedem [...], [...] não pode interferir no livro que o leitor quer ler, [...] pode sugerir, dar algumas indicações, [...], também, [...] fazer uma política de desenvolvimento de acervo [...] quando vem alguém com material que eu [...] vejo que não é adequado pro acervo eu vou explicar pra ele, o motivo de eu não estar pegando essa doação e que tipo de material que eu pego [...]. [...] A imagem da biblioteca sempre botando [...] pra cima [...] a biblioteca pública do povão mesmo [...], [...] adaptar-se a cada cidade, a cada população [...], [...] ter essa interação com [...] público [...], [...] procurar chegar até o público [...], [...] vem muita gente pra parar no balcão e conversar [...] tu tenta [...] também dar esse tempo pra pessoa [...], [...] brigo pela biblioteca, eu brigo pelos leitores [...], [...] é minha obrigação como profissional [...], [...] escutar e tentar buscar e melhorar [...], [...] eu quero ser justa com a outra pessoa, então essa busca do ser justo com todo mundo, é uma coisa que [...] a gente tem que sentar e negociar [...]. [...] Entre nós bibliotecários nós não temos ética porque a gente fala de nós mesmos [...], temos que ter uma postura de [...] valorização, porque o bibliotecário não é valorizado, [...] existe muito cargo comissionado [...] bibliotecário que sempre fica jogado. [...] ele deve ter autonomia pra poder participar das negociações, [...] reuniões, [...] conselhos [...] [...] Cargo comissionado [...] para nós era uma questão ética muito delicada. A pessoa ela aparecia ali, ela não trabalhava e aí a gente ficava vendo aquilo ali e não fazia nada, quando a gente precisava fazer muitas ações [...]. Também[...] vem muito readaptado, [...] estão sempre com atestado, [...], [...] falso.[...] a gente tem que cumprir a nossa função [...]. [...] No poder público a gente tem [...] que cuidar [...]

com o que fala e como vai transmitir [...] cuidar com as pessoas que te rodeiam [...], [...] tu não sabe em quem confiar [...] tem que aprender a ouvir mais e falar menos. [...] se for cidades menores, [...] tem um conflito de direita e esquerda e esse conflito tu vê nitidamente nos usuários da biblioteca, [...]. [...] Até mesmo dentro das nossas relações de trabalho, dentro da biblioteca [...].

Sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina, [...]

eu não tenho contato [...], [...] eu não conheço muitos [...], [...] vou falar das poucas vivências que eu tenho [...] eles fazem um trabalho bem bacana [...], [...] são ótimos, o pessoal é muito interessado [...], [...] a nível de Florianópolis eles têm [...] bastante importância, na classe e também no papel de profissional, ~~eu vejo com bons olhos~~ [...] tentam se adaptar ao ambiente, ao público [...], [...] muito esforço [...], não tem um sindicato ainda, mas tem uma Associação muito atuante, [...] tem o Sindicato Nacional [...], [...] são unidos [...], [...] na Região [região do Estado de Santa Catarina] os bibliotecários, apesar de poucos [...] são mais integrados, eles estão sempre se reunindo [...], mas também podem ser cada um por si, cada um no seu município [...]. O Sistema da Udesc, reforçava [...] os encontros das bibliotecas públicas, dos profissionais das bibliotecas. [...] nós tínhamos essa coesão, [...] nós não temos mais esse apoio do Sistema [...]. [...] Entrei em contato com a [nome de bibliotecária] e eles [...] se botaram à disposição [...], [...] eles compartilham. [...], [...] me mandam e-mail sempre [...], [...] faz com que eu me anime [...] eu me motive [...]. Acredito que tem [...] muita gente com uma mentalidade muito antiga ainda trabalhando e muita gente vindo com uma mentalidade nova e querendo mudança [...], [...] percebo [...] aquela preocupação [...] com regras, [...], [...] eu acho que o bibliotecário às vezes fica muito preso nisso [...] o prazo muito certinho [...] acaba afastando o usuário. [...] São pessoas oprimidas [...], [...] acho que por [...] não serem os líderes, [...] acabam sendo impossibilitadas [...] desanimados, desmotivados a exercer um papel mais ativo dentro da biblioteca por não serem os tomadores de decisão, ou por estarem debaixo de um orçamento que não existe, de uma briga política que acaba prejudicando o ambiente de trabalho, [...], [...] alguns conseguem se impor [...] mas são poucos [...], [...] ainda esperam muito o poder público dizer o que eles podem fazer [...], [...] não tem uma política de desenvolvimento de coleção, [...] não fazem atividades, [...] às vezes tu nem tem

conhecimento que tal lugar tem uma biblioteca, que tem um bibliotecário ou alguém que eles colocam lá [...], [...] então , eu ainda não vejo tantas iniciativas que realmente façam as pessoas mudarem o conceito que elas têm da biblioteca. [...] As pessoas que eu vi que não são assim, têm um envolvimento político maior. [...] acho que ele ganha espaço sem fortalecer o seu lado profissional, [...] ele não ganha espaço porque o bibliotecário é importante para aquela cidade [...], [...] acho que falta identidade profissional, entender pra que eu vim, pra onde eu vim, [...] acho que peca na formação e na hora da atuação fica meio confusa [...], [...] precisa ter um foco diferente na própria formação [...]. [...] Eu vejo bibliotecas públicas bem sucedidas que têm profissionais humanistas na sua frente, eu não vejo bibliotecas públicas bem sucedidas assim, [...] ela pode ter atividades, ela pode ter tudo, mas aí talvez estão outras pessoas à frente realizando essas atividades, não o bibliotecário [...], [...] são poucas bibliotecas públicas em Santa Catarina que têm bibliotecários, conduzindo. [...] Têm ótimos profissionais que não são bibliotecários e que desempenham um trabalho lindíssimo dentro da biblioteca. [...] sempre vi dentro do curso muita rivalidade e eu penso que a gente precisa quebrar essa rivalidade pra aproximar essas pessoas porque a gente também pode aprender com elas [...]. [...] Para a biblioteca pública também precisa ter perfil. **Para mim, exclusão social é um** [...] campo [...] muito abrangente, [...] acho que são as pessoas que ficam à margem [...], [...] é falta de oportunidade [...], quando algo te impede de poder ir e vir, de praticar, de ser cidadão, de estar ativo na sociedade em qualquer coisa, por alguma razão [...]. [...] É a falta de acesso, [...], [...] direitos fundamentais [...] em todos os aspectos [...], no nosso caso específico, à informação, aos serviços em si [...], [...] essa omissão da sociedade de criar uma biblioteca pública mas não dar sustentação pra ela pra que ela possa atender corretamente às pessoas [...], [...] crianças [...] que não [...] tem [...] oportunidade de estudo [...]. [...] A desigualdade vai chegando porque são cada vez poucos tendo muito e uns muitos tendo menos [...], [...] tem o pobre [...] tem falta de políticas pra eles. Pessoas [...] da área rural, do interior [...], que moram [...] mais distante, não é no Centro [...], [...] a periferia que precisa de projetos políticos [...]. [...] Exclusão social é [...] quando alguém [...] por alguma razão ela é excluída do ambiente social [...], [...] pela condição social [...], [...] porque [...] está mal vestido, [...]

priorizar alguém e deixar outro de fora. [...] “tu é rico, tu não pode, tu é pobre, tu não pode”, [...] andarilho [...], [...] os pedintes [...], [...] se eles tomam um pouquinho a mais [...], [...] o morador de rua [...] porque [...] são sujos, [...] fedem [...], [...] o deficiente [...], [...] antigamente ninguém sabia que existia [...] porque eles estavam escondidos em casa, com vergonha de apresentar à sociedade. [...], ou [...] alguma questão física [...] se a pessoa é [...] negra [...] [...] gordinha, [...] muito magrinha [...], [...] uma necessidade especial permanente ou até provisória [...]. [...] Voltando [...] para a área pública, é quando eu tenho um serviço [...] que não abranja todo esse público [...] essa visão que não é pra qualquer um, [...] na biblioteca [...], por exemplo, [...] temos os cegos, [...] os surdos e [...] ter pouco material pra poder suprir, [...] não ter acessibilidade, é exclusão social [...]. [...] No atendimento do usuário [...], é não [...] saber atender diferentes necessidades, diferentes pessoas [...]. [...] Exclusão é até uma pessoa te olhar meia torta, você tá sendo excluída. [...]. [...] Também, as desigualdades que a gente vive dentro da própria profissão com os salários [...]. A [...] desigualdade social são as pessoas não terem, todos [...] os mesmos direitos [...], se ele não sabe ele não vai exigir a mudança. [...] Às vezes as pessoas deixam de ter boas oportunidades porque tem medo de entrar em determinados lugares que não são ditos lugares próprios pras pessoas que não têm condições [...] [...] muitas vezes a exclusão é a gente mesmo que cria, a gente mesmo que acredita que tá sendo excluído [...]. [...] É também um pouco falta de vontade [...] às vezes tu tem que te dispor [...], [...] quando tu quer, tu sai daquela margem [...]. Não me lembro de nenhuma situação [...] de ter presenciado ou vivenciado situações que considero de exclusão social [...], mas também recordo que [...] o meu padraço ele cortava pedra então era uma renda miserável [...] eles chamavam muito de [...] “a [nome da entrevistada] Pedreira”. [...] Pequena eu tinha um pouco de vergonha [...], [...] a minha mãe era servente do hospital, não era enfermeira, [...] nutricionista, [...] médica [...]. [...] Numa joalheria [...]. [...] eu adorava trabalhar lá mas eu não me sentia bem, [...] muita gente com muito dinheiro, [...] me sentia menos. [...], [...] fazia handebol [...] eu treinava com o pessoal do [nome de escolar particular], [...] havia um olhar diferente [...]. Nas escolas [...], muitos casos ocorrem, [...] a gente já ia assim mais inferior [...] muito pobre [...] eu não tinha o livro de português [...] o diretor da escola [...] ele

disse “[...] você não pode assistir a aula [...]”, [...] um menininho [...] ele passou umas três escolas [...] até ajeitar [...], [...] na minha sala [...] dois alunos que tinham necessidades especiais, [...] chacota, dificuldade de aprendizagem... [...]. No [...] cursinho, [...] ali tu se sente um peixe fora d’água, [...], a [...] Universidade pública, quando eu entrei [...] em 99 [...] era muito elitizada[...]. [...] Nós éramos [...] mais simples [...] era um colégio elitizado,[...] discriminavam [...] [...] pelo jeito da gente se vestir, [...] por ser do interior [...]. [...] A linguagem [...] com sotaque muito carregado [...], [...] tu vai dar o emprego [...] pra uma menina [...] falando “[termos que caracterizam o sotaque em questão]” [...]. [...] A mulher que trabalha comigo é a faxineira, [...] posso [...] sair, [...] ela vai [...] dar continuidade às coisas e em vários momentos ela não podia participar das reuniões. Lembro que [...] todo mundo ficou olhando [...] eu estava mal vestida [...] no shopping [...], [...] na loja e ninguém te atende, [...] preconceito [...] da cor, [...] o porte físico, [...] gordo, [...] orelhudo. [...], [...] sem estudo [...], [...] presenciei essas pessoas [...] serem atendidas [...] de braço com [...] um político [...]. [...] Eu [...] passo por uma pessoa latina, [...] na imigração, [...], [...] eu sempre demoro mais pra entrar. [...]. Um [...] morador de rua, [...], [...] andarilho [...] a funcionária [...] excluía essas pessoas, [...] porque às vezes eles não tomam banho [...] estão descalços, [...] não estão com uma roupa tão limpa [...]. Lembro que [...] o pessoal me deixou de lado [...] porque eu era profissional já e elas não eram. [...] e também, [...] aqui no [...] ambiente de trabalho a gente percebe [...] coleguinhas de turma [...] tentam excluir [...], [...] ônibus também me passou uma situação [...] com uma senhora [...] e [...] é comum tu te sentir excluído quando tu tem um certo nível de conversa e [...] as pessoas [...] conversam sobre coisas fúteis [...]. Entretanto, [...] a exclusão [...] mais forte é que a gente ainda não tem no nosso país direitos iguais pra todos, [...] o povo acha que quando você realiza um evento isso não é pra ele, [...] comunidade tem medo, [...] se afasta e ela não tem o hábito. [...]. Quanto a situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social, [...] quando eu atendo mal [...], [...] não importa da onde ele vem, como [...] ele seja, [...] a maneira como eu trato essa pessoa, como eu acolho [...] não pode ser diferenciada [...], [...] o jeito de tu falar com a pessoa [...], [...] pergunta algo que eu não ligo [...], [...] dizer que esse livro não é pra ti. [...] “[...] é pra

pessoas cultas”, [...] ter um livro e [...] dizer que não tem [...] guardei pro outro [...], [...] não [...] abrir exceções pra favorecer ninguém. A começar pelas regras [...], [...] na biblioteca só [...] pegar emprestado livro com [...] um comprovante de residência. [...], [...] para um andarilho [...] você já exclui [...]. [...] Em bibliotecas públicas a gente costuma ter [...], [...] morador de rua [...], [...] andarilhos [...] gente que vem muito suja [...], [...] a gente acaba [...] não facilitando [...] não ficar muito tempo [...], [...] pedimos [...] vá se ajeitar, tomar banho [...], [...] porque incomoda todo mundo [...], [...] pedir pra sair [...] seria uma forma de exclusão. [...] Algumas pessoas [...] a gente fica com medo [...], [...] pelo aspecto [...]. Acontece também de ter [...] criança, [...] adolescente [...] de região mais pobre [...] sem chinelo, no inverno [...] de roupa curta [...], [...] não sei se elas seriam andarilhas [...], [...] percebia [...] de outros funcionários, [...] não querer liberar o computador, dificultar alguma coisa, [...] ou [...] cuidado pra ver se elas não vão levar livro [...] um tipo de exclusão [...]. Também exclui quando mantém um [...] acervo [...] desatualizado [...] ou quando não lembra que [...] o usuário deu aquela indicação [...] ou quando [...] o espaço [...] [...] nessa questão de deficiência [...] é [...] mal planejado [...]. Também é fonte de exclusão social, a localização dela [...], [...] quando não [...] dão ônibus pra trazer [...] crianças que não conseguem vir aqui [...] são lá do interior [...], [...] o horário da biblioteca [...], [...] não tem espaço [...], [...] ar condicionado [...] água [...], [...] internet, [...] já que [...] muita gente vai na biblioteca, [...] pra se comunicar porque mora em bairro [...] periférico que não chega internet [...]. [...] Depende de quem administra [...], com relação à [...] formação do bibliotecário [...] ele [...] sai [...] tão modelado, tão cheio de regrinhas [...] não pensa fora daquilo ali. **Gostaria de expressar também que,** [...] *a biblioteca [...] não está nos planos do prefeito. [...], [...] a gente fala com prefeito, fala com um fala com outro [...], ela é [...] uma casa esquecida [...], a gente faz lá é pela boa vontade [...], [...] estão esfaceladas, [...] falta de cuidado [...] fica tudo solto, [...] largado [...], [...] falta [...] ser ouvido, [...] o problema é não ser [...] olhado, não ser escutado como um profissional capacitado [...]. [...] O bibliotecário [...] não é valorizado [...] a gente teria mais entusiasmo se fosse mais valorizado. [...]. [...] Não estou menosprezando a [companheira de trabalho que não tem formação universitária] mas o salário dela é quase correspondente ao nosso, [...] [...] a biblioteca*

escolar [...] e a comunitária também [...] talvez sejam as áreas que ganham menos, mas por que [...]? [...] O trabalho em biblioteca pública [...] é árduo, é sofrido [...]. A [cidade] contratou porque levou uma multa, [...] tinha uma bibliotecária [...] cargo comissionado, [...] uma diretora de biblioteca [...] com [...] formação nada a ver, e quando eu cheguei [...] era uma nutricionista. [...]. [...] A gente precisa humanizar mais nosso curso, as técnicas são extremamente importantes, a parte administrativa também, [...] a parte de direito autoral [...] Políticas públicas precisam ser inseridas pra humanizar [...] são fundamentais pra gente ver mudança inclusive na nossa profissão. Quando a gente se conscientizar que a política pública que é participar do Sistema Nacional de Cultura, [...] das Conferências de Cultura, que vão nos legitimar e nos dar poder pra conseguir as coisas eu acho que a gente vai ter um outro passo. [...] vejo poucos bibliotecários participando desse processo, [...] a gente precisa [...] se politizar mesmo [...] lutar pelo seu espaço. [...] eu vejo que tem muita gente das editoras [...]. [...] Há alguns professores no curso [...] eu acho que têm condições de manter e de ampliar essa questão humanística, mas que seja imprescindível se perceber que se não for assim, ele não vai alcançar todos. [...] continua sendo de uma certa forma uma profissão excludente. [...] Essas últimas gestões da ACB [...] estão me deixando mais esperançosa, [...] teve agora a reativação do Grupo de Bibliotecas Escolares [...]. No Sistema de Bibliotecas Públicas [...] é uma pessoa só pra conduzir o processo [...] a gente precisa ajudar senão a coisa não vai caminhar. [...] É uma realidade do Estado, bibliotecas públicas perdendo força, [...] os gestores enxergando menos que há necessidade de se ter um bibliotecário nesse ambiente de trabalho. [...] Fiz várias solicitações para a Secretária e ela disse que vai me atender [...] para ter [...] liberdade para poder gerenciar nossa biblioteca, [...] precisa de orçamento, [...] a biblioteca pública ela é mantida [...] com muito pouquinho [...], [...] vive mais de doação [...] se a gente não correr lá atrás [...] não [...] tem recurso [...], salvo exceções em que se tem verba [...] pra comprar de livros por ano acervo [...] bom, [...] doação de [...] coisas novas. Também [...] tem a história dos funcionários [...] eles reclamam [...] porque tem muita gente [...], [...] a moça que estava aqui antes [...] não tinha interesse de atendimento [...] botou a mesa dela [...] atrás do armário porque não dá pra ver

[...] postura de [...] exclusão [...] com o público inteiro [...], outra [...] falou assim pra mim “[...] tu tens que ver, [...] quando a pessoa vem aqui [...] a calça jeans dela, se é [...] boa, dependendo como for tu atende [...]. [...] Às vezes aqui entra gente alcoolizada, [...] a gente até pra não deixar entrar diz “não [...]”, porque depois [...] como é que sai? A gente atende criança [...]. [...]. Quem frequenta a biblioteca é desde as comunidades mais carentes até o povo que mora nos arredores [...]. [...] Quando vem esse pessoal da praça [...] de droga [...], [...] a gente nunca deixa pessoas sozinhas aqui dentro pra não dar problema de [...] assaltar [...] a gente trata com a maior naturalidade do mundo [...], [...] quando a gente vê que a coisa ultrapassa a gente acaba chamando o bombeiro, como foi o caso de [...] um senhor [...] tava dando um ataque epilético [...], ou se a polícia está passando [...] mas nunca que você vai [...] jogar pra fora... [...]. [...] Aqui a noite, quanta gente [...] aqui [...] fazer trabalho [...] da Faculdade, [...] o pessoal [...] de ensino médio, ensino fundamental [...]. [...] No meu Facebook [...] eu estou mostrando coisas boas que acontecem na biblioteca, um mundo de oportunidades [...]. A gente já esteve na Polícia, [...] onde era a farmácia, [...] lá em cima [...], [...] depois passou pra lá pro outro lado, depois pra lá e agora estamos aqui no melhor local até hoje. [...] isso foi uma coisa que melhorou bastante. A [...] dificuldade [...] é [...] de recurso financeiro, de RH [...] de não ter [...] pessoas qualificadas pra poder trabalhar, [...] receber treinamento [...] mas houve [...] reciclagem de novos funcionários, [...] administração mais participativa [...]. [...] Eu vejo que [...] o sistema on line, [...] alavancou o desenvolvimento e o crescimento da própria biblioteca [...] [...] Estamos pedindo ar há tempo já, [...] isso aqui dia de verão, é quente, [...] mas [...] a gente começa uma coisa, depois já não dá, tem três funcionários daqui a pouco não tem mais nenhum, não tem uma estante, não tem um acervo, como que vai atender bem? [...] Não adianta ter um monte de livro lá se ninguém usa o espaço [...]. Um usuário [...] me fez n questionamentos porque ele entrou na internet e a biblioteca tinha x, tal, tal. Eu disse ó “tudo que eles colocaram da biblioteca, não perguntaram pra mim, [...] nós não temos isso [...].” [...] Quando a gente está longe da Universidade, não está perto de um grande centro, [...] a gente fica aquém [...] de vir aqui um pesquisador [...] interessado em saber o meu ambiente de trabalho [...], [...] nesses [...] anos que eu estou aqui é a primeira

peessoa que eu vejo assim, da área, que está preocupada em fazer um estudo pra ver qual é [...] a situação das bibliotecas públicas no Estado [...], [...] me faz parar e refletir [...], [...] sobre o que acontece a nossa volta. [...], eu sinto falta [...] de que a Academia consiga se aproximar [...] as nossas pesquisas [...] isso nunca chega até o profissional, isso nunca impacta a biblioteca. É [...] a primeira vez, desde que eu estou aqui que uma pesquisa acadêmica chegou até a gente, [...], [...] fiquei bem satisfeita de estar participando [...], [...].trocar ideias contando mais a minha realidade, [...] acredito [...] que essa pesquisa pode contribuir [...], [...] eu gostaria de saber, [...] no término da sua pesquisa, onde tu queres chegar[...]....

5 INTERAÇÕES COM O DSC FINAL

O DSC final é exposto como fala de um sujeito único, porém, coletivo. Como se várias vozes ‘cantassem’ uníssono - como se uma voz fosse - porém, seus timbres e naipes são diferenciados denunciando seu caráter coletivo. A partir desta fala coletiva são realizadas algumas interações e análises com base na ideia principal deste estudo que é a representação de exclusão social presente do discurso deste sujeito, dirigente de biblioteca pública catarinense.

Inicialmente, a interação estende-se para o que o coletivo discorre sobre a função social das bibliotecas públicas. Em seguida, são analisadas as situações promotoras de exclusão social em bibliotecas públicas, as boas práticas éticas de bibliotecários que atuam nestes espaços, a percepção deste sujeito sobre a atuação dos bibliotecários de bibliotecas públicas catarinenses e observações extraídas da última pergunta do questionário que possibilitou ao sujeito coletivo acrescentar algo que não tivesse lembrado anteriormente.

Finalmente, apoiando a abordagem que é o objetivo principal desta tese, destaco a fala deste sujeito quando recorda (ou não) e expressa possíveis experiências - próprias ou percebidas na vida de outros - com exclusão e, logo após, suas representações sobre exclusão social.

Relevante ressaltar que a configuração encontrada em Winston Parva no estudo etnográfico de Elias e Scotson (2000) estará presente como os autores a propuseram: um modelo que possibilita a aplicação para outras situações de interdependência como a colocada entre estabelecidos e *outsiders*, “superiores” e “inferiores”, “incluídos” e “excluídos”.

5.1 A função social da biblioteca pública na fala do sujeito coletivo

A biblioteca pública é uma instituição social, serve a propósitos sociais (educação, cultura, lazer, informação entre outros). Como instituição social possui várias funções (memória, preservação e fomento da cultura, organização e disponibilização dos registros de conhecimento, acesso e produção de conhecimento, difusão da informação, etc) dependendo do

contexto em que se insere (MACHADO; ELIAS JÚNIOR; ACHILLES, 2014).

Ao dirigente de biblioteca pública em Santa Catarina, foi perguntado sobre a função social da biblioteca pública e ele expressou ideias gerais - uma função [...] *muito ampla [...], que permite poder [...] tudo e muito mais [...], [...] única [...], importantíssima [...]* - e outras mais específicas.

Em uma questão colocada como função social da biblioteca pública emerge o acesso indiscriminado na fala do sujeito, que, em sua prestação de serviços, não deve haver nenhum tipo de distinção e que é necessário buscar e atrair pessoas que tenham mais dificuldade de acessar estes serviços: *[...] é aberta, independente de raça, independente de [...] tudo [...], [...] é pra todos [...] sem nenhuma barreira de valores [...]* e *[...] puxem as pessoas mais pobres, as pessoas em vulnerabilidade, as pessoas com problemas sociais. [...]*

Com relação a sua função social há uma compreensão de que os responsáveis devem estar atentos aos mais pobres, aos vulneráveis ou com problemas sociais, que é para todos sem nenhuma barreira de valores. Os excluídos são rejeitados também porque seus valores não são reconhecidos, uma exclusão cultural. (WANDERLEY, 2008)

Ao longo deste estudo, principalmente a partir do modelo de Winston Parva, percebe-se que valores distintos são uma condição ameaçadora, potencial para conflitos. Há uma tendência ao estranhamento quando pessoas com valores diferentes (e isso pode ser medido através do comportamento, da vestimenta, da postura) interagem umas com as outras.

A leitura, e a ideia de fomentar o seu hábito, ainda aparece no discurso como uma função primeira:

[...] A função primordial que eu vejo é formar cidadãos através da leitura [...], [...] ter acesso às leituras, [...] onde ela não tem restrições [...], [...] desde as criancinhas até os mais velhos [...], [...] trabalhar [...] contação de história, porque assim você desperta o hábito da leitura com os pequeninhos [...]. [...]

A ideia de leitura como função primeira da biblioteca pública – seja em sua difusão, promoção do acesso, formação de cidadãos e desenvolvimento de um hábito - é evidenciada no discurso do coletivo. Castrillón (2011) concorda que há que se estabelecer e impulsionar ações que garantam a universalização da cultura letrada não porque essa é uma condição obrigatória,

mas porque a leitura é um direito, é para todos, não é um luxo, nem um favor. Ela irá possibilitar o exercício pleno da democracia.

Os responsáveis pelas bibliotecas públicas permanecem direcionando seus esforços em direção ao leitor da palavra escrita, cristalizando uma ideia de que a leitura é obrigatória – ao menos para os que desejam frequentar e utilizar seus serviços. Nesse contexto, Almeida Júnior (1997a) comenta que houve uma tentativa de substituir o termo leitor para usuário mas os bibliotecários permaneceram tratando o usuário como se ele fosse leitor.

Anteriormente, no texto deste estudo, constatou-se que os analfabetos fazem parte do rol de grupos que são excluídos ou que são alvo de políticas de inclusão, que sua existência é um dos sintomas da desigualdade social e que Santa Catarina ainda possui índices consideráveis de analfabetismo, principalmente na região do Oeste Catarinense, como já destacado anteriormente.

Se unirmos esse raciocínio à fala de Castrillón (2011), de que prioritariamente as bibliotecas devem se converter em meios contra a exclusão social, fica a pergunta: para quem a biblioteca pública se destina, qual o público que mais necessita dessa biblioteca? Qual o compromisso de quem realiza a gestão das bibliotecas públicas catarinenses diante dessa situação?

O sujeito coletivo continua destacando que para além do acesso a livros outra função social é a de informar, oferecer acesso à informação para que as pessoas possam se orientar:

[...] Um papel fundamental, não apenas de disponibilizar o livro, mas de disponibilizar informação [...], [...] é um sistema de alerta de informação [...], [...] acho que essa função social é informar [...] qualquer coisa para qualquer pessoa [...], [...] quando as pessoas estão perdidas vêm aqui e quando [...] não tem condições vêm aqui e resolvem sua situação [...].

Pode-se considerar a palavra “perdida” proferida pelo coletivo, como “falta de orientação”. Ao considerar que a busca pela informação proporciona ao ser humano o processo de “identificar a realidade, descrevê-la, interpretá-la, explicá-la, prever seu comportamento futuro, agir sobre ela e comunicar o conhecimento obtido a seus semelhantes” (SALOMON, 2006, p. 6), a informação, como destaca Silva (2014) constitui-se relevante para a reflexão ética.

Le Coadic (2004) confere à informação status de necessidade humana fundamental já que, na ausência dela, um problema não resolvido ou mesmo um estado anômalo de conhecimento, pode incidir sobre necessidades básicas (fisiológicas ou naturais).

A ideia de que o acesso à informação acontece pelo fato da biblioteca dispor suas portas abertas é falaciosa. O acesso é resultado do entendimento e da apropriação do conteúdo da informação, não basta o contato do usuário com o suporte de informação, necessita que a informação seja inteligível para o usuário (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a). Portanto, a ideia de “ponte” de Ortega y Gasset (2006) ao mencionar sobre a missão do bibliotecário.

As bibliotecas podem oferecer esse acesso a essa informação necessária para a construção do conhecimento e que se concentra em centros de poder. O acesso à informação, se realmente universal, poderia salvar muitas vidas e auxiliar muitas pessoas a viverem de maneira mais digna. (CASTRILLÓN, 2011)

Outra função social da biblioteca pública colocada pelo sujeito coletivo se relaciona com o acesso ao espaço e serviços, com a possibilidade de prover livros para quem não pode comprar, viabilidade de Internet com auxílio e promoção de atividades culturais:

[...] a pessoa pode vir [...], [...] espaço de vivência, [...] público [...].

[...] Muitos não podem fazer aquisição de livros [...], ela tem função de retirada, [...] pode ajudar nas pesquisas [...], [...] tem o computador [...], [...] a Internet [...] muitos só conseguem aqui. [...]

[...] outras atividades sociais como a pintura, um bordado, uma contação, um bom filme de época, uma exposição, [...], uma atividade recreativa, um café literário [...] deveria propiciar no aspecto social a cultura da cidade, [...] conhecer nossa [...] história, prover cursos interessantes [...], [...] promover a cultura em geral.

Essas atividades de cunho educativo e cultural são reconhecidas como responsabilidade dos que atuam nesses locais públicos. Entretanto, o sujeito também destaca outras atribuições percebidas como importantes no âmbito de sua vivência e de sua relação com os usuários:

[...] uma cesta de frutas, [...] ou só quer entrar e dar uma olhada, [...], [...] usar o banheiro, [...] olhar as estantes [...] pode ser até para reclamar [...], [...] pra se maquiar, tomam aguinha [...], [...] qualquer coisa que parece muito fútil, mas que pra pessoa [...] é fundamental [...].

Se o coletivo faz associação da função social da biblioteca pública com comida, água e uso de banheiro – necessidades básicas – ou maquiagem, ou mesmo “*qualquer coisa que parece fútil, mas que pra pessoa é fundamental*”, o faz com base na observação cotidiana da necessidade e do comportamento do usuário. Ele é um sujeito capaz de sentir o usuário que está próximo e que faz parte da comunidade a que a biblioteca serve.

No contexto deste estudo, há que se fazer coro à colocação e entendimento de Castrillón (2011), que as bibliotecas precisam avançar para além de um plano mínimo de trabalho convertendo-se em espaços de encontro e debate sobre temas pertinentes a maiorias e minorias, em que qualquer faixa etária, em qualquer condição encontre resposta para seus problemas e interesses, abrindo novas perspectivas.

A biblioteca como um serviço que oferece bem estar e segurança também está presente na fala deste sujeito:

[...] quando eles estão aqui [...] eu sinto [...] que eles estão protegidos. [...]. Nesse sentido, [...] abrigar as pessoas, trazer as pessoas [...] independente de ela estar em vulnerabilidade, ou ela estar sem dinheiro [...], promover [...] um lugar gostoso pra descansar, pra saborear, pra trocar ideias, pra estudar em grupo [...], [...] que seja um ambiente agradável, [...] com prazer, [...] alegria [...], [...] calor humano [...], [...] acolhedor [...]

A visão da biblioteca pública como um espaço de proteção é reflexo da sensação de insegurança que invade indivíduos de grandes cidades e de cidades interioranas. No relato de um líder de biblioteca comunitária ela destaca essa função para a biblioteca: “*Antigamente as crianças eles chegavam da escola e ficavam na rua, arriscado um carro passar por cima, hoje não, eles chegam da escola eles já vem direto pra cá, eles traz o dever deles pra fazer aqui*” (SILVA, 2014, p. 332)

No texto de Bandeira (2016), “Uma alternativa ao desespero”, também é possível perceber, através da vida de uma escolar, como a biblioteca se tornou espaço de refúgio, local de segurança e de bem estar.

Atribui ao espaço e aos serviços poder de auxílio e autonomia para o indivíduo:

Um espaço que incentiva [...] a prática do estudo [...], [...] crescimento intelectual [...], [...] conhecimento para que a pessoa por si só, [...] crie e evolua e vá atrás do que realmente quer [...]. [...] A gente auxilia, inscrição de concurso [...], [...] com lista de empregos, com currículos [...].

Compreendendo esta função de maneira mais ampla, o sujeito coletivo manifesta-se associando a biblioteca pública à função de melhoria da qualidade de vida das pessoas:

[...] de transformação [...], [...] propiciar essa melhoria na vida dessas pessoas, [...] melhorar a pessoa desse aspecto de alma, [...] o espírito, [...], [...] bem estar [...] tocar essas pessoas [...].

Para o sujeito coletivo, a biblioteca pública tem a função de promover a inclusão e o encontro:

[...] Dar [...] condições de acesso para que ele se sinta incluído [...] tentar trazer o público na qual ela está inserida [...] levar a biblioteca até eles. [...], [...] cativar [...] trazer para dentro da biblioteca [...], [...] instigando esse desejo, [...] esse hábito [...] para que [...], [...] encontrem o que eles queiram, [...] fazer essa [...] ponte [...].

O sujeito coletivo também destaca essa faceta na função social da biblioteca pública destacando que [...] *é um local de prática de cidadania [...]*. Também Castrillón (2011) destaca que a forma de obter bibliotecas capazes de cumprir tais desafios é contar com um bibliotecário que se apresente como um intelectual comprometido ética e politicamente com seu país e com a sociedade. O coletivo se refere a bibliotecas capazes de apoiar uma tomada de consciência e uma verdadeira formação cívica cidadã.

A função social da biblioteca pública foi descrita pelo sujeito coletivo, dirigente de bibliotecas públicas em Santa Catarina. Sujeito que na rotina do dia-a-dia convive com os indivíduos que utilizam seus serviços ou passam pelo ambiente interagindo com eles. O ambiente, por ser público, propicia o contato com uma diversidade de pessoas e oferece um contexto peculiar para a atuação desses profissionais. Esta particularidade é pouco abordada nos ambientes de formação destes profissionais e, embora o usuário apareça no discurso do profissional como foco de seu trabalho, há pouca reflexão sobre os temas que envolvem essa interação, questões do âmbito da

ética, inclusive nos serviços de bibliotecas públicas. Isso poderá ser melhor percebido em seguida, ao analisar o discurso do sujeito coletivo acerca da atuação nas bibliotecas públicas catarinenses.

5.2 Sobre a atuação em bibliotecas públicas em Santa Catarina: situações promotoras de exclusão social, boas práticas éticas de bibliotecários nas bibliotecas públicas, atuação do bibliotecário de bibliotecas públicas catarinenses e observações relevantes que se relacionam com as temáticas

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que as bibliotecas públicas, animadas por pessoas podem promover situações de exclusão. As respostas a três perguntas são colocadas neste ponto do estudo para interpretações, a primeira diz respeito a sua percepção sobre em qual situação (ou situações) a exclusão social pode se dar; a segunda, sobre as boas práticas éticas de bibliotecários nestes ambientes de atuação e a terceira, sobre a atuação do bibliotecário de bibliotecas públicas catarinenses.

Mesmo que todos que atuam em bibliotecas públicas estivessem atentos à questão da exclusão, situações em que pessoas e grupos pudessem se sentir à margem de sua prestação de serviços, ainda seriam possíveis. Trata-se de um espaço social, como tantos outros, em que a interação é constante. Que situações esse sujeito coletivo já presenciou ou, partilhando com outras pessoas, teve a oportunidade de conhecer sobre possíveis situações de exclusão promovidas por bibliotecas públicas? Quais seriam boas práticas éticas de bibliotecários identificadas pelo sujeito coletivo? Qual a percepção deste coletivo acerca da atuação de seus colegas bibliotecários de bibliotecas públicas de Santa Catarina?

Ao ser convidado a expressar algo para além do que foi perguntado, o sujeito expressa suas dores: da invisibilidade da biblioteca pública perante os gestores públicos, falta de cuidado, de orçamento, a falta de valorização e diferença salarial de quem trabalha em outras categorias de bibliotecas, a formação do profissional, sobre as bibliotecas públicas em Santa Catarina, sobre o estudo em questão. Portanto, além das três respostas elaboradas pelo sujeito coletivo, estão também colocadas para

interação observações realizadas ao final da entrevista que se relacionam com as perguntas em questão.

5.2.1 O atendimento, o tratamento e as regras que incidem sobre os usuários

O sujeito menciona como uma atitude promotora de exclusão na biblioteca o tratamento discriminatório, a maneira de acolher, de tratar, falar com a pessoa, a indiferença, a humilhação, não prestar o serviço, favorecer pessoas em detrimento de outras.

[...] quando eu atendo mal [...], [...] não importa da onde ele vem, como [...] ele seja, [...] a maneira como eu trato essa pessoa, como eu acolho [...] não pode ser diferenciada [...], [...] o jeito de tu falar com a pessoa [...], [...] pergunta algo que eu não ligo [...], [...] dizer que esse livro não é pra ti. [...] “[...] é pra pessoas cultas”, [...] ter um livro e [...] dizer que não tem [...] guardei pro outro [...], [...] não [...] abrir exceções pra favorecer ninguém.

Essa questão relacionada ao atendimento, no que refere à discriminação dos usuários, também é rememorada quando o coletivo se manifesta sobre uma boa prática ética do profissional que atua em biblioteca pública:

[...] dar oportunidade a todos, [...] o atendimento de qualidade [...] sem distinção, [...], [...] reconhecer que [...] o serviço prestado ali é pra todo mundo [...], [...] a gente tem isso no discurso mas pensar assim no dia-a-dia, dentro da minha prática profissional.

Neste aspecto, porém, o próprio coletivo enfatiza que a questão do acesso para todos está no discurso do profissional, entretanto, em sua atuação, na rotina de trabalho, necessita refletir mais sobre.

Tal apontamento relaciona-se com a dificuldade revelada pelo coletivo quando aborda sobre a possibilidade de exclusão a partir do seu ambiente de atuação, nos conflitos gerados entre os que atuam nas bibliotecas públicas e alguns usuários como moradores, menores de rua e andarilhos, por exemplo:

[...] Em bibliotecas públicas a gente costuma ter [...] [...] morador de rua [...], [...] andarilhos [...] gente que vem muito suja [...], [...] a gente acaba [...] não facilitando [...] não ficar muito tempo [...], [...] pedimos [...] vá se ajeitar, tomar banho [...], [...] porque incomoda todo mundo [...]. [...] Algumas pessoas [...] a gente fica

com medo [...], [...] pelo aspecto [...]. Acontece também de ter [...] criança, [...] adolescente [...] de região mais pobre [...] sem chinelo, no inverno [...] de roupa curta [...], [...] não sei se elas seriam andarilhas [...], [...] percebia [...] de outros funcionários, [...] não querer liberar o computador, dificultar alguma coisa, [...] ou [...] cuidado pra ver se elas não vão levar livro [...] um tipo de exclusão [...].

Moradores de rua, andarilhos e meninos de rua, como já mencionado, fazem parte de grupos estigmatizados e por vezes são excluídos dos serviços de bibliotecas públicas por sua condição de higiene, por suscitar nas pessoas sensação de insegurança ou representar ameaça à ordem do ambiente. O coletivo discorre sobre formas de concretizar esta exclusão: não facilitar o acesso ao que se deseja, a solicitação para que ele se retire e tome banho, não oferecer acesso a serviços (no caso do computador), ter atitude de desconfiança com o usuário fazendo um julgamento prévio sobre sua conduta e dificultar o empréstimo do acervo – todas situações que podem gerar constrangimento, vergonha e a sensação de não pertencimento, de não ter direito àquele espaço e serviço.

Há ainda o relato da relação com usuários dependentes de álcool ou drogas:

[...] gente alcoolizada, [...] a gente até pra não deixar entrar diz “não [...]”, porque depois [...] como é que sai? A gente atende criança [...]. [...] Quando vem esse pessoal da praça [...] de droga [...], [...] a gente nunca deixa pessoas sozinhas aqui dentro pra não dar problema de [...] assaltar [...] a gente trata com a maior naturalidade do mundo [...],[...] quando a gente vê que a coisa ultrapassa a gente acaba chamando o bombeiro

A atitude do dirigente de biblioteca pública com estes indivíduos que geram insegurança no ambiente é de proteção às crianças, demais usuários e ao patrimônio. Essa proteção acontece fechando as portas da biblioteca para estas pessoas ou instalando uma política de monitoramento. Entretanto, há que se pensar que a condição de bêbados e drogados é uma condição passageira, assim que termina o efeito das drogas, o sujeito está ali. Ele pode entrar novamente nesta condição, mas sairá tão logo esse efeito cesse.

A condição destes cidadãos não seria também da alçada dos responsáveis por bibliotecas públicas? Se o profissional provê acesso à informação para gerar conhecimento para

melhoria da qualidade de vida conforme manifestou a respeito da função social da biblioteca pública, excluir esses indivíduos e não dar suporte devido, sustentando um discurso de que é somente um problema de saúde pública, por exemplo, seria uma incoerência. Rayward (1977 apud ALMEIDA JÚNIOR 1997a) levanta também a questão de que a biblioteca pública já foi vista em países com Estados Unidos e Inglaterra como uma alternativa de combate ao alcoolismo, criminalidade e vício e contribuir para a prevenção de distúrbios de ordem pública.

Castrillón (2011, p. 45-46) relaciona algumas responsabilidades do profissional que atua em bibliotecas públicas e que qualifica como éticas, sugerindo a organização de debates públicos com temas necessários à comunidade, que tenham a ver com os problemas do dia a dia, bem como, a possibilidade de desenhar ações que não cheguem somente ao público que já frequenta espontaneamente a biblioteca, os “já iniciados”, mas aos “excluídos das atividades relacionadas com o pensamento ou com opções de vida não inscritas na sociedade majoritária”.

Estamos considerando que o grupo *outsider* do microcosmo de Winston Parva é um grupo excluído. Não se enquadra em nenhuma das situações descritas anteriormente pelo sujeito coletivo (morador de rua, pedinte, menores de rua, andarilhos...), já que era excluído por compor um grupo que não era morador antigo da localidade - e este era seu “rótulo”.

Elias e Scotson (2000) através do seu estudo sugerem que as condições atribuídas a indivíduos que fazem parte de grupos supostamente excluídos, como coloca o sujeito coletivo em seu discurso (negros, gordos, andarilhos, pessoas do interior etc) é apenas um “rótulo”. Segundo os autores, problemas que são discutidos sob o rótulo de “problemas raciais”, “minorias étnicas”, “classes sociais” e outros são na verdade problemas de “mobilidade social”, num contexto mais abrangente do termo. (ELIAS; SCOTSON, 2000)

As pessoas de unidades sociais diferentes irão se comportar de formas distintas, específicas. Ao se deslocarem de um lugar para o outro, ou seja, de um grupo social para outro, precisam estabelecer novos relacionamentos com grupos já existentes. Grupos que possuem padrões, crenças, sensibilidade e costumes diferentes dos seus. Por receio da modificação destes padrões, muitas vezes lhes é atribuído o papel de

outsiders por parte do grupo de status superior (ELIAS; SCOTSON, 2000), pouco importando o quanto mais possam ter em comum como seres humanos. (ELIAS, 1994b).

A discriminação com usuários pode se estender para indivíduos ou grupos com outros “rótulos”, segundo o próprio sujeito coletivo, pode ser uma [...] *postura de [...] exclusão [...] com o público inteiro [...]*. O sujeito menciona uma orientação que recebeu de uma funcionária mais antiga assim que entrou para trabalhar na biblioteca:

[...] tu tens que ver, [...] quando a pessoa vem aqui [...] a calça jeans dela, se é [...] boa, dependendo como for, tu atende [...].

Neste caso entra em jogo outro “rótulo”, a pobreza. Em registro anterior já houve abordagem sobre a pobreza como forma de exclusão. Merece destaque também - levando em consideração a condição de pobre - que há um discurso de proteção da criança e, quando se trata de menor de rua, como foi possível observar em relato anterior, essa fala desaparece e dá lugar ao controle, à negação de serviços para essas crianças.

Também causa estranhamento o discurso da função social da biblioteca de estar aberta para todos independente de qualquer condição, também, de provisão de alimento, água e banheiro (as necessidades básicas) para quem precisa e a contradição de dificultar a permanência de moradores de rua, por exemplo, para que não permaneçam no local. Se não são destinadas para este público, que parece ser o que mais necessita, serão destinadas para quem tais benesses da biblioteca?

O sujeito coletivo sugere uma boa prática ética que poderia confrontar a situação de discriminação, a de colocar o usuário em primeiro lugar, privilegiá-lo em detrimento das regras estabelecidas:

[...] Não importa que atrase um dia, dois [...] o público tem que estar em primeiro lugar [...] tem que atuar em função do seu público. [...] servir ao seu público [...].

[...] Facilitar o uso da informação também, não excluir [...], [...] disponibilizar a informação independente dessas regras [...] ter [...] jogo de cintura, [...] não [...] impossibilitar o empréstimo [...].

O próprio coletivo identifica como medidas promotoras de exclusão social, as regras impostas por tomadores de decisão responsáveis pelas bibliotecas públicas, que terminam por desfavorecer grupos como os citados anteriormente e outros,

que não detêm critérios pré-estabelecidos por estes dirigentes e que possibilitam a utilização de serviços:

A começar pelas regras [...], [...] na biblioteca só [...] pegar emprestado livro com [...] um comprovante de residência. [...], [...] para um andarilho [...] você já exclui [...].

A biblioteca universitária possui como usuários mais frequentes universitários; a especializada, os especialistas de cada área; a escolar, os membros da Escola em questão... Levando em consideração que a biblioteca pública atende a um público muito mais diversificado e amplo, público que é categorizado e por vezes estigmatizado, segue a pergunta: todos os usuários possíveis para uma biblioteca pública podem ser colocados igualmente em primeiro lugar? Ela está atuando e servindo de igual forma em função de todos os públicos?

Ao constatar que algumas bibliotecas públicas não atuam como públicas, atendendo um setor restrito da população e limitando suas possibilidades para as pessoas como ressalta o artigo de Sousa et al (2014), Castrillón (2011) pergunta: não teria essa biblioteca, chamada de pública, maior responsabilidade social?

O discurso de oportunidade e acesso a todos que é tecido pelos profissionais se esvazia diante de posturas divergentes que merecem reflexão no dia a dia, na atuação profissional – uma constatação do próprio sujeito, de uma boa prática ética. Nesse sentido há que se recordar Freire (1989) e sua colocação sobre a questão da coerência entre o que se proclama como escolha e a prática como relevante para educadores críticos, pois “não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso”.

Ao refletir e discorrer sobre a atuação do bibliotecário de bibliotecas públicas catarinenses o sujeito coletivo identifica neste cenário o profissional apegado às regras:

[...] percebo [...] aquela preocupação [...] com regras, [...], [...] eu acho que o bibliotecário às vezes fica muito preso nisso [...] o prazo muito certinho [...] acaba afastando o usuário.

Souza (2014a) em um texto em que elenca dez atitudes questionáveis do bibliotecário brasileiro, em uma delas, ressalta a questão da multa pecuniária. Em se tratando de biblioteca pública custeada pelo poder público, o próprio usuário - “proprietário” da coleção – poderia instituir, coletivamente, a

melhor maneira de aumentar o benefício que a utilização do acervo poderia proporcionar à comunidade.

Ao invés de afastar, tal medida aproximaria o usuário, como a medida de isenção do comprovante de residência aproxima. Se o bibliotecário percebe que essas medidas excluem, por que permanece fazendo?

Esse parecer do sujeito traz para discussão nuances de outra questão importante em torno do objetivo deste estudo que é a formação deste profissional, que será abordada a seguir.

5.2.2 A formação do bibliotecário e sua relação com a classe e demais trabalhadores que atuam nas bibliotecas públicas: impactos em sua atuação na biblioteca pública

O sujeito coletivo, dirigente de biblioteca pública, ainda que expresse, não parece estar atento às questões de exclusão em seu cotidiano de trabalho. Algumas falas endossam essa afirmativa:

[...] um pesquisador [...] interessado em saber o meu ambiente de trabalho [...], [...] me faz parar e refletir [...], [...] sobre o que acontece [...]

Na discussão anterior, outra fala do sujeito também enfatiza a ideia de pouca reflexão em torno do acesso para todos em sua prática profissional, por exemplo, embora esteja no discurso do profissional. Há um fator colocado pelo sujeito com relação a sua formação que se revela como postura capaz de fomentar medidas excludentes:

com relação à [...] formação do bibliotecário [...] ele [...] sai [...] tão modelado, tão cheio de regrinhas [...] não pensa fora daquilo ali.

No contexto estudado, emerge a dificuldade por parte do profissional, tanto para a reflexão quanto para a ação, quando o assunto é diversidade de usuários, ou, a relação com usuários estigmatizados. Há também uma ideia de um profissional, como mencionado anteriormente, “*preso nisso*” ao se referir às regras, com pouco “jogo de cintura” e capacidade para ampliar o pensamento, o que reflete, em parte, sua formação, sua relação com uma classe profissional, com as normas reguladoras e com grupos. Souza (2014a), estudioso da formação bibliotecária, afirma que entre os profissionais há a característica da

manutenção de “mentes estreitas do ponto de vista social e moral”.

O coletivo manifesta-se sobre a formação técnica e humana:

[...] Além de ter essa parte técnica, ele precisa ser uma pessoa humana, carismática, [...] atender bem todos, acolher [...], ajudar quem necessita [...],

“O status e o papel do bibliotecário é revalorizado quando se aceita que seu trabalho supera o estritamente técnico-profissional e se reconhece que esse trabalho permite a outros transcender e melhorar sua condição humana” (CASTRILLÓN, 2011, p. 40). Uma das habilidades destacadas por Rastelli e Cavalcante (2013) compreendida como relevante no trabalho de bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas é o estabelecimento de relações afetivas com o leitor. Pode-se ampliar para o usuário no geral.

O sujeito manifesta-se acerca de uma série de posturas que julga ser uma boa prática ética do profissional para com os usuários, para estes que não sejam impedidos de usufruir de seus direitos no que se refere aos serviços oferecidos pela biblioteca pública:

[...] adaptar-se a cada cidade, a cada população [...], [...] ter essa interação [...], [...] procurar chegar até o público [...],

[...] A imagem da biblioteca sempre botando [...] pra cima [...] a biblioteca pública do povão [...],

[...] vem muita gente pra [...] conversar [...] tu tenta [...] também dar esse tempo pra pessoa [...], [...] brigo pela biblioteca, eu brigo pelos leitores [...], [...] eu represento eles [...], [...] é minha obrigação como profissional [...], [...] escutar e tentar buscar e melhorar [...], [...] eu quero ser justa com a outra pessoa, então essa busca do ser justo com todo mundo, é uma coisa que [...] a gente tem que sentar e negociar [...].

Uma questão mencionada pelo sujeito coletivo é a situação de ter que “adaptar-se a cada cidade”. Esta questão é relevante porque pode-se perceber que o Estado de Santa Catarina tem uma pluralidade cultural distribuída em suas Regiões e por vezes o sujeito coletivo atua fora de sua cidade de desenvolvimento, conhece pouco da cultura ou dos costumes de outras localidades. Necessita adaptar-se se quiser interagir com o

público e isto é visto como boa prática ética, como escolha e as escolhas pessoais compõem as escolhas profissionais.

Também, uma biblioteca com a imagem direcionada para o “povão”, necessita acolher o que engloba o termo mas em relatos anteriores evidencia-se a dificuldade em incluir alguns indivíduos do chamado “povão”.

Quando o coletivo menciona que “[...] *vem muita gente pra [...] conversar [...] tu tenta [...] também dar esse tempo pra pessoa [...]*” gera também uma contradição com a afirmativa de colocar o usuário em primeiro lugar. Se assim fosse considerado não haveria a situação de ‘tentativa de dar tempo’, esse tempo seria necessário, usual, parte de seu trabalho. Rasche (2005), em pesquisa sobre as representações de ética e de ética profissional em bibliotecas públicas com base no discurso de bibliotecários de bibliotecas públicas identificou postura semelhante através da fala: “*procuro ser mais objetiva porque não tenho muito tempo, mas se o usuário fala eu escuto*”.

Como há poucos funcionários nestes ambientes de trabalho, muitas vezes o profissional tem que se dividir em várias funções, por isso menciona a “prioridade para o usuário”. Rasche (2005), entretanto, em seu estudo, identifica que o bibliotecário por vezes está tão envolvido com suas atividades técnicas, que demonstra indiferença com o usuário que, por sua vez, quando procura o bibliotecário sente que está incomodando, atrapalhando seu trabalho.

Parece cada vez mais comum [...] que tenhamos bibliotecários que se sentem mais confortáveis quando atuam majoritariamente nas funções de catalogadores, classificadores, indexadores e preenchedores de planilhas. Na condição de verem a biblioteca como a coleção de materiais, quaisquer demandas que os retirem das tarefas mencionadas são consideradas como tempo morto, sobretudo aquelas em que o usuário, ou leitor, ou consulente precisa de um ouvido e de atenção para falar de algo. [...] Como preferência, grande parte dos bibliotecários roga aos seus deuses, que não venham os usuários como leitores ou consulentes, isto é, como pessoas. Melhor ainda que eles se

satisfaçam com trabalho a distância, isto é, sejam apenas usuários. (SOUZA, 2014a)

Em resposta ao questionário, o sujeito coletivo responde ser o processamento técnico a atividade que mais toma seu tempo em sua rotina de trabalho.

Quanto ao bibliotecário de biblioteca pública de Santa Catarina, o sujeito coletivo manifesta seu ponto de vista a respeito do profissional:

[...] acho que peca na formação e na hora da atuação fica meio confusa [...], [...] precisa ter um foco diferente na própria formação [...].

[...] Eu vejo bibliotecas públicas bem sucedidas que têm profissionais humanistas na sua frente, eu não vejo bibliotecas públicas bem sucedidas assim, [...] ela pode ter atividades, ela pode ter tudo, mas aí talvez estão outras pessoas à frente realizando essas atividades, não o bibliotecário [...].

Nesta parte de seu discurso, o sujeito coletivo levanta problemas inerentes à formação do profissional e o curso:

[...] A gente precisa humanizar mais nosso curso, as técnicas são extremamente importantes, a parte administrativa também, [...] a parte de direito autoral [...] Políticas públicas precisam ser inseridas pra humanizar [...] são fundamentais pra gente ver mudança inclusive na nossa profissão. Quando a gente se conscientizar que a política pública que é participar do Sistema Nacional de Cultura, [...] das Conferências de Cultura, que vão nos legitimar e nos dar poder pra conseguir as coisas eu acho que a gente vai ter um outro passo.

[...] Há alguns professores no curso [...] eu acho que têm condições de manter e de ampliar essa questão humanística, mas que seja imprescindível se perceber que se não for assim, ele não vai alcançar todos. [...] continua sendo de uma certa forma uma profissão excludente.

O ensino de Biblioteconomia emprega uma falsa dicotomia da ‘formação geral cultural’/‘formação técnica profissional’ e estabelece-se para os conteúdos técnicos uma impossibilidade de resgatar no seu ensino um sentido humanista (filosofia, antropologia, sociologia, psicologia, história e prática da criação e da ação bibliotecária, entre outros enfoques). A falácia acompanha a vida profissional da maioria dos profissionais brasileiros e os cursos configuram-se como espaços de

“instrução e aprendizagem de aplicação de regras e macetes técnicos como se o saber bibliotecário fosse destituído de todo o sentido humano e como se o conhecimento técnico fosse uma concepção advinda de outros planetas”. (SOUZA, 2001, p. 47)

Essa insuficiência epistemológica no tratamento educacional do conteúdo técnico da Biblioteconomia faz com que este ensino neutralize a capacidade de pensar e de expandir-se do aluno de Biblioteconomia, com péssimos reflexos futuros no exercício da profissão. (SOUZA, 2001, p. 47)

Pode-se perceber que a formação do bibliotecário – uma socialização secundária - neste caso do bibliotecário de biblioteca pública catarinense, pode fomentar práticas de exclusão credenciando um profissional que não percebe que precisa olhar o outro em sua prática.

Essa condição, aliada ao descaso com que alguns servidores públicos são doutrinados para o trabalho, com indiferença e sem se apropriar do sentido de seu ofício, possivelmente afeta a gestão de pessoal realizada pelo bibliotecário. O sujeito coletivo menciona sobre a interação com os demais funcionários da biblioteca em que aparece também pouca disposição de encontro com o usuário:

Também [...] tem a história dos funcionários [...] eles reclamam [...] porque tem muita gente [...], [...] a moça que estava aqui antes [...] não tinha interesse de atendimento [...] botou a mesa dela [...] atrás do armário porque não dá pra ver

Ainda sobre a formação do profissional, uma dessas consequências negativas de que fala Souza (2001) em citação anterior, possivelmente, é a falta de articulação e postura política. O sujeito coletivo ao mencionar sobre boas práticas desabafa sobre sua relação com os colegas profissionais no sentido da falta de ética entre os colegas. No que se refere à relação com o grupo de bibliotecários de bibliotecas públicas catarinenses, outra atitude que reforça uma postura que não auxilia no desenvolvimento de um profissional melhor é o seu desconhecimento dos pares, o seu isolamento, desunião:

[...] Entre nós bibliotecários nós não temos ética porque a gente fala de nós mesmos [...]

[...] não tenho contato [...], [...] eu não conheço muitos [...]

[...] cada um por si, cada um no seu município [...]

Entre os colegas bibliotecários é comum o individualismo, o profissional não assume postura para legitimar um agir coletivo e disso decorre o estado de apatia de entidades como Associações e Sindicatos. (SOUZA, 2014b). Houve destaque para o papel da Associação por parte do sujeito coletivo, que expressou uma fala esperançosa:

[...] Essas últimas gestões da ACB [...] estão me deixando mais esperançosa, [...] teve agora a reativação do Grupo de Bibliotecas Escolares,

No estudo foi possível observar a precariedade das políticas públicas para bibliotecas públicas no Estado de Santa Catarina. A inversão desta situação passa inclusive pela articulação política de profissionais que atuam e se mobilizam para agir em defesa das bibliotecas. Ainda sobre as consequências de uma formação técnica, quase nada humanista, ao manifestar-se sobre o bibliotecário de bibliotecas públicas catarinenses o coletivo destaca sua rara participação política:

[...] vejo poucos bibliotecários participando desse processo, [...] a gente precisa [...] se politizar mesmo [...] lutar pelo seu espaço. [...] eu vejo que tem muita gente das editoras [...].

Uma educação pautada em princípios humanísticos permite a reflexão, autoconhecimento, conhecimento e aceitação do outro, promove o diálogo e a comunicação e não nega seu caráter político⁴⁰. (CASTRILLÓN, 2011) O contrário é o fomento de uma educação bancária tão mencionada por Paulo Freire que auxilia na formação de indivíduos que não questionam um poder vigente e se colocam à mercê do que se estabelece para eles (FREIRE, 2011).

Outra possível consequência desta formação é representada em outra imagem colocada a respeito dos colegas

⁴⁰ Nesse contexto, pode-se mencionar o movimento de escola sem partido, no cenário de golpe político e fraude aos princípios constitucionais em que se encontra atualmente o Brasil. Ao levantar a bandeira da neutralidade do conhecimento, o projeto que defende a extinção da discussão ideológica na escola e a restrição de conteúdos educacionais.

como grupo de pessoas oprimidas, sem autonomia, envolto a brigas políticas na administração pública:

[...] São pessoas oprimidas [...], [...] acho que por [...] não serem os líderes, [...] acabam sendo impossibilitadas [...] desanimados, desmotivados a exercer um papel mais ativo dentro da biblioteca por não serem os tomadores de decisão, ou por estarem debaixo de um orçamento que não existe, de uma briga política que acaba prejudicando o ambiente de trabalho, [...], [...] alguns conseguem se impor [...] mas são poucos [...], [...] ainda esperam muito o poder público dizer o que eles podem fazer [...], [...] não tem um orçamento próprio, [...] não tem uma política de desenvolvimento de coleção, [...] não fazem atividades, [...] às vezes tu nem tem conhecimento que tal lugar tem uma biblioteca, que tem um bibliotecário ou alguém que eles colocam lá [...], [...] então , eu ainda não vejo tantas iniciativas que realmente façam as pessoas mudarem o conceito que elas têm da biblioteca. [...] As pessoas que eu vi que não são assim, têm um envolvimento político maior. [...] acho que ele ganha espaço sem fortalecer o seu lado profissional, [...] ele não ganha espaço porque o bibliotecário é importante para aquela cidade [...]

O coletivo menciona sobre bibliotecários invisíveis, “às vezes tu nem tem conhecimento que tal lugar tem uma biblioteca, que tem um bibliotecário ou alguém que eles colocam lá”. De fato, houve menção ao estudo de Costa (2010) sobre como a invisibilidade pode conferir opressão, sentimento de humilhação e vergonha.

Na situação relatada pelo coletivo, o bibliotecário aparece como um excluído pelo poder público, à margem. A biblioteca ainda se assume como neutra, amoral e apolítica e os bibliotecários que nela atuam são apresentados como instrumentos de reprodução ideológica. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a). Nietzsche (2012b) ao mencionar que toda vivência é moral lembra que toda vivência é passível de modificação, de transvaloração.

O compromisso de que as bibliotecas assumam funções relacionadas ao exercício da democracia e promovam cidadania, não se limitam ao acesso à informação. Ao considerar que a miséria viola princípios de liberdade e justiça supõe que ao bibliotecário se impõe uma postura política (é um dever fazer). Em seu papel de intelectual comprometido – gerenciando a biblioteca como instrumento de democratização, deve contribuir

na luta contra a miséria e tudo que limite a liberdade de pensamento e de escolher entre opções que viabilizem uma vida digna, contra qualquer violação de princípios universais de justiça e liberdade. (CASTRILLÓN, 2011).

Para o coletivo, também falta identidade profissional aos bibliotecários e a consciência de seu papel na atuação em bibliotecas públicas, diferente de outras categorias de bibliotecas: *[...] acho que falta identidade profissional, entender pra que eu vim, pra onde eu vim, [...] Para a biblioteca pública também precisa ter perfil.*

O sujeito coletivo evidencia a resistência que os profissionais têm com outros profissionais que atuam em bibliotecas sem formação de bacharelado em Biblioteconomia, ainda que façam um bom trabalho. Os bibliotecários tendem a se apoiar na Lei n.4.084 de 30 de junho de 1962, já mencionada, que estabelece uma reserva de mercado para este profissional:

[...] são poucas bibliotecas públicas em Santa Catarina que têm bibliotecários, conduzindo. [...] Têm ótimos profissionais que não são bibliotecários e que desempenham um trabalho lindíssimo dentro da biblioteca. [...] sempre vi dentro do curso muita rivalidade e eu penso que a gente precisa quebrar essa rivalidade pra aproximar essas pessoas porque a gente também pode aprender com elas [...].

Pelo próprio coletivo, desenha-se com ainda mais nitidez a imagem de um profissional que não troca nem com seus pares, nem com outros olhares que também atuam em seu território de trabalho. Está “*preso nisso*”, acomodado na Lei que lhe dá suporte para acionar um Conselho Profissional e denunciar um possível exercício ilegal da profissão.

Aqui é possível novamente rememorar Winston Parva, se levarmos em consideração que nesta configuração os bibliotecários podem aparecer (com peso da Lei) como estabelecidos e outros profissionais sem formação na área como *outsiders*. Elias e Scotson (2000) enfatizam que a rejeição e estigmatização dos outsiders constituem um contra-ataque, o grupo estabelecido repele tudo que vivencia como uma ameaça à superioridade de seu poder.

No entanto, a coesão do grupo, no caso dos bibliotecários, é frágil, sustentada por um aparato legal. Não está pautada na união da classe trabalhista, no fortalecimento e compreensão de valores em comum, cargos de poder, carisma...

O Sistema de Bibliotecas, já mencionado neste estudo, poderia ser um mecanismo a promover o fortalecimento do grupo de bibliotecários catarinenses que atuam em bibliotecas públicas e sentem-se isolados. Nesse sentido, há uma menção por parte do coletivo aos responsáveis pelo Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina. O sujeito lamenta épocas melhores que já passaram e destaca que atualmente o Sistema é pouco atuante no sentido de apoiar os bibliotecários:

[...] através do Sistema da Udesc, reforçava [...] os encontros das bibliotecas públicas, dos profissionais das bibliotecas. [...] nós tínhamos essa coesão, [...] nós não temos mais esse apoio do Sistema [...].

Entretanto, percebe-se através da fala do sujeito o que o bibliotecário fica esperando que o Sistema o alcance:

[...] o Sistema de Bibliotecas Públicas [...] é uma pessoa só pra conduzir o processo [...] a gente precisa ajudar senão a coisa não vai caminhar. [...]

Embora exista a responsabilidade de cada Sistema em seu Estado de dar suporte às bibliotecas públicas, conforme Machado, Elias Júnior e Achilles (2014) são os bibliotecários que atuam nesses ambientes que devem se articular com os Sistemas Estaduais de Bibliotecas Públicas, que trabalham em acordo com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e com as políticas da área, como Plano Nacional de Cultura (PNC) e o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

Há ainda no discurso do sujeito a percepção de que o grupo de bibliotecários de bibliotecas públicas de Santa Catarina compõe um grupo heterogêneo no que se refere à faixa etária e ano de formação e isso se comprova com os dados resultantes do questionário. Para um grupo que se demonstra fechado, tal diversidade pode dificultar o agrupamento dos pares. O sujeito destaca também sua percepção sobre mentalidades diferentes:

Acredito que tem [...] muita gente com uma mentalidade muito antiga ainda trabalhando e muita gente vindo com uma mentalidade nova e querendo mudança [...].

Por fim, o coletivo menciona a vontade de compartilhar, a curiosidade e a esperança trazida pela interação com o estudo:

[...] Quando a gente está longe da Universidade, não está perto de um grande centro, [...] a gente fica aquém [...] de vim aqui [...] nesses [...] anos que eu estou aqui é a primeira pessoa que eu vejo assim, da área, que está preocupada em fazer um estudo

pra ver qual é [...] a situação das bibliotecas públicas no Estado [...], eu sinto falta [...] de que a Academia consiga se aproximar [...] as nossas pesquisas [...] isso nunca chega até o profissional, isso nunca impacta a biblioteca. É [...] a primeira vez, desde que eu estou aqui que uma pesquisa acadêmica chegou até a gente, [...], [...] fiquei bem satisfeita de estar participando [...], [...]. trocar ideias contando mais a minha realidade, [...] acredito [...] que essa pesquisa pode contribuir [...], [...] eu gostaria de saber, [...] no término da sua pesquisa, onde tu queres chegar[...].

Ao expressar-se desta forma, o coletivo demonstra que no Estado de Santa Catarina, os bibliotecários de bibliotecas públicas estão isolados, sem trocar suas práticas. Ao que pareceu, relacionaram-se com o estudo acreditando que ele possa dar aparência à invisibilidade de sua condição.

5.2.3 Sobre o desenvolvimento do acervo, serviços e infraestrutura nas bibliotecas públicas

A biblioteca pública é um local que presta serviços de acesso à informação. Seu prédio normalmente está estabelecido no centro da cidade e uma situação muito comum é a presença de moradores de rua, mendigos, andarilhos circulando em seus espaços.

Os gestores públicos responsáveis por gerir bibliotecas públicas que mantêm acervos deficitários ou não atendem demandas de informação da comunidade, na visão do sujeito coletivo, também excluem. É uma responsabilidade ética do profissional cuidar da seleção deste acervo, adquirido com dinheiro público a partir de uma limitação orçamentária. Não ter esse zelo é uma espécie de censura. (CASTRILLÓN, 2011)

Atividades inerentes ao fazer do sujeito coletivo, relativas à composição do acervo, também são lembradas ao mencionar sobre boas práticas:

[...] a seleção de material, que tem que estar sempre voltado pro usuário, [...], [...] a prioridade é o que eles pedem [...], [...] não pode interferir no livro que o leitor quer ler, [...] pode sugerir, dar algumas indicações, [...], também, [...] fazer uma política de desenvolvimento de acervo [...] quando vem alguém com material que eu [...] vejo que não é adequado pro acervo eu vou explicar pra ele, o motivo de eu não estar pegando essa doação e que tipo de material que eu pego [...].

O espaço, infraestrutura, localização e horário de atendimento também podem ser elementos de exclusão para o sujeito coletivo ao mencionar o serviço prestado pela biblioteca pública.

[...] ou quando [...] o espaço [...] [...] nessa questão de deficiência [...] é [...] mal planejado [...].

[...] não tem espaço [...], [...] ar condicionado [...] água [...], [...] internet, [...] já que [...] muita gente vai na biblioteca, [...] pra se comunicar porque mora em bairro [...] periférico que não chega internet [...]. [...] Depende de quem administra [...],]

Também é fonte de exclusão social, a localização dela [...], [...] quando não [...] dão ônibus pra trazer [...] crianças que não conseguem vir aqui [...] são lá do interior [...],

[...] o horário da biblioteca [...],

A [...] dificuldade [...] é [...] de recurso financeiro, de RH [...] de não ter [...] pessoas qualificadas pra poder trabalhar, [...] receber treinamento [...] mas houve [...] reciclagem de novos funcionários, [...] administração mais participativa [...]. [...] Eu vejo que [...] o sistema on line, [...] alavancou o desenvolvimento e o crescimento da própria biblioteca [...] [...] Estamos pedindo ar há tempo já, [...] isso aqui dia de verão, é quente, [...] mas [...] a gente começa uma coisa, depois já não dá, tem três funcionários daqui a pouco não tem mais nenhum, não tem uma estante, não tem um acervo, como que vai atender bem? [...] Não adianta ter um monte de livro lá se ninguém usa o espaço [...].

A falta de infraestrutura nas bibliotecas públicas catarinenses como fator de exclusão não são exclusivas da manifestação do sujeito coletivo dirigente de biblioteca pública catarinense, mas constam nos dados da pesquisa da FGV de 2010 (ver Quadro 3), que esboça números sobre as bibliotecas públicas municipais de Santa Catarina. Entre eles, a quantidade insignificante de bibliotecas com serviços para deficientes visuais ou com outras deficiências e, diante da relevância do acesso à Internet na atualidade, a não totalidade de bibliotecas com serviços de Internet para usuários.

O horário da biblioteca também é percebido como uma decisão que pode excluir pessoas do acesso. A pesquisa já citada da FGV demonstra também a baixa incidência de bibliotecas públicas municipais que permanecem abertas no período noturno. Os dados do questionário sobre o horário de trabalho dos bibliotecários confirmam esta informação, já que

nenhum dos respondentes informou trabalhar de noite. Milanesi (1998) endossa a inadequação desta realidade ressaltando que o horário de funcionamento das bibliotecas públicas é o horário do funcionário público, não o horário do leitor...

A fala do sujeito reforça a imagem do bibliotecário oprimido por uma gestão pública que não o enxerga, que não percebe a biblioteca como um direito do cidadão e não valoriza os benefícios que este serviço pode trazer. Outro fator do descaso e pertinente ao estudo é a incoerência revelada pelo sujeito coletivo entre o que é divulgado nos sites a respeito da biblioteca pública e o que de fato o usuário poderá encontrar:

Um usuário [...] me fez n questionamentos porque ele entrou na internet e a biblioteca tinha x, tal, tal. Eu disse ó “tudo que eles colocaram da biblioteca, não perguntaram pra mim, [...] nós não temos isso [...]”

Pessoalmente, tive a oportunidade de fazer uma parte do doutoramento em Madri, Espanha⁴¹. O trabalho desenvolvido durante o período consistiu em visitar todas as bibliotecas da rede municipal da cidade de Madri e investigar o funcionamento das mesmas, bem como da rede que as administra. Um dos focos de observação era verificar se tudo que o site das trinta e uma bibliotecas municipais divulgava como serviços e infraestrutura acessíveis ao usuário, estavam de fato a sua disposição. Não localizei nenhuma inadequação neste sentido, em nenhuma das 31 bibliotecas públicas municipais.

A postura do profissional quando menciona “*não perguntaram pra mim*”, demonstra isenção de participação, falta de autonomia para se colocar diante de outros colegas gestores públicos no que se refere ao que é responsabilidade inerente a sua função. Sua postura é uma postura que promove exclusão porque assume uma posição passiva ou mesmo de excluído e, neste sentido, não defende os interesses do usuário.

Há portanto, na fala do sujeito coletivo, o profissional que cria mecanismos próprios de divulgação dos serviços a partir das

⁴¹ O estágio sanduiche no exterior foi realizado no período de fevereiro a outubro de 2016, sob supervisão do Prof José Antonio Moreiro González, catedrático de Biblioteconomia e Documentação do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Carlos III de Madri, Espanha.

redes sociais, reforçando a ideia levantada anteriormente sobre o bibliotecário de bibliotecas públicas de Santa Catarina e sua impressão de que trata-se de um grupo composto por gerações diferentes, mentalidades diferentes:

[...] No meu Facebook [...] eu estou mostrando coisas boas que acontecem na biblioteca, um mundo de oportunidades [...].

É inerente ao trabalho do bibliotecário que atua em bibliotecas públicas a relação com a gestão pública e muitos de seus dilemas, incluindo atitudes que possam promover a exclusão, decorrem desta relação.

5.2.4 A relação com a administração pública

O descaso com a biblioteca pública e com o profissional que nela atua, bem como, sua invisibilidade por parte dos gestores públicos são reflexões mencionadas por este sujeito:

[...] a biblioteca [...] não está nos planos do prefeito. [...], [...] a gente fala com prefeito, fala com um fala com outro [...], ela é [...] uma casa esquecida [...], a gente faz lá é pela boa vontade [...], [...] estão esfaceladas, [...] falta de cuidado [...] fica tudo solto, [...] largado [...], [...] falta [...] ser ouvido, [...] o problema é não ser [...] olhado, não ser escutado como um profissional capacitado [...].

A atenção que um ser humano dirige a outro é diferente da que ele dirige para objetos. A invisibilidade é traumática, angustiante, revela um desencontro e desencadeia o sentimento de humilhação. O indivíduo que se percebe como não olhado, compreende que sumiu publicamente e encarna esse sentimento de não existir, uma morte. Tal condição de invisibilidade pública a que alguém pode ser submetido acontece entre ‘cegos superiores’ e ‘subalternos invisíveis’. (COSTA, 2010)

Percebe-se na fala anterior, que o coletivo demonstra-se um excluído em relação aos gestores públicos aos quais está submetido. Quando menciona que faz por “boa vontade”, pode deixar subentendida a ideia de que sustenta situações que prolongam a omissão da administração pública em relação às bibliotecas.

Há um processo de aprendizagem na relação entre estabelecidos e *outsiders*? Ou seja, levando em consideração que os *outsiders* internalizam o que o grupo estabelecido “fantasia” sobre ele, criando uma série de estigmas e gerando discriminação e preconceito, é possível que ao se relacionar com

outras esferas, inclusive com seu próprio grupo, indivíduos do grupo *outsider* empreguem as mesmas ações da qual foi “vítima”?

Se essa condição é possível Souza (2014a) pontua que uma atitude questionável do bibliotecário é sua indisposição para fazer e também receber críticas a respeito de suas práticas profissionais, ou seja, também é alguém que tem dificuldade de ouvir e, ao deixar de se manifestar a respeito de si mesmo e suas práticas, demonstra semelhante dificuldade de ser visto, protagonizar. Dificuldades que podem revelar outras, como a de mudança, de lidar com a instabilidade que gera uma situação nova, uma inovação.

Diante de tudo que já foi exposto, quais seriam seus mecanismos de ação para sair da condição de *outsider* em sua relação com a administração pública, revelada nas falas do sujeito coletivo? A medida que internaliza estas situações como situações que fazem parte do seu ambiente de atuação, em bibliotecas públicas, sua auto imagem, para si próprio, se consolida e se apresenta como alguém não capacitado para dialogar com os gestores da administração pública.

Também menciona sobre a diferença salarial dos bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas em comparação com outras categorias de bibliotecas:

[...] O bibliotecário [...] não é valorizado [...] a gente teria mais entusiasmo se fosse mais valorizado. [...]. [...] Não estou menosprezando a [companheira de trabalho que não tem formação universitária] mas o salário dela é quase correspondente ao nosso, [...] [...] a biblioteca escolar [...] e a comunitária também [...] talvez sejam as áreas que ganham menos, mas por que [...]?

Na fala do sujeito é possível imaginar que a falta de valorização e as distinções que se criaram em meio à própria classe profissional, incluindo as diferenças salariais, sejam resultado de sua falta de coesão grupal, de articulação política entre os pares, como já mencionado.

Esta falta de valorização também é evidenciada no questionário, inclusive na formação continuada. Nenhum dos bibliotecários fez viagem de capacitação para o exterior e uma quantidade razoável não deu continuidade aos estudos mediante cursos de pós-graduação.

Aponta também para uma falta de consciência do valor de uma biblioteca pública para a cidade, bem como, de pessoas habilitadas para atuar nestes campos de trabalho:

[...] A [cidade] contratou porque levou uma multa, [...] tinha uma bibliotecária [...] cargo comissionado, [...] uma diretora de biblioteca [...] com [...] formação nada a ver, e quando eu cheguei [...] era uma nutricionista. [...].

O bibliotecário é o profissional que é formado e preparado para que esteja habilitado a gerir bibliotecas assim como, em outras profissões, os profissionais são formados e preparados para que estejam habilitados para suas funções específicas. Espera-se de qualquer profissional que possa exercer integralmente, em suas esferas de trabalho, a função para a qual foi preparado. O que faz com que pessoas de outras formações possam ocupar o cargo de bibliotecário e, muitas vezes fazer um bom trabalho, como o próprio sujeito coletivo já mencionou?

Têm ótimos profissionais que não são bibliotecários e que desempenham um trabalho lindíssimo dentro da biblioteca.

Essa discussão entra nos eventos que agrupam estes profissionais? Se não, é necessário refletir sobre a dificuldade já mencionada de fazer e receber crítica sobre suas próprias práticas profissionais... Na fala anterior também evidencia-se o alento que as exigências legais para a reserva de mercado conferem ao bibliotecário na garantia de seu mercado de trabalho: *[...] A [cidade] contratou porque levou uma multa.*

Expressam sobre sua percepção do cenário das bibliotecas públicas no Estado:

É uma realidade do Estado, bibliotecas públicas perdendo força, [...] os gestores enxergando menos que há necessidade de se ter um bibliotecário nesse ambiente de trabalho.

Pela fala do coletivo há um enfraquecimento das bibliotecas públicas catarinenses. Do que se escutou do sujeito até este momento do estudo, seria difícil imaginar cenário diferente. Há que se lançar um grito de alerta em prol das bibliotecas públicas e, de igual forma, em prol da formação dos bibliotecários. Esse chamamento inclui profissionais, Universidades e instituições como a Associação, por exemplo.

Faz reclamações a respeito do orçamento destinado à biblioteca pública, mas também menciona exceções:

[...] Fiz várias solicitações para a Secretária e ela disse que vai me atender [...] para ter [...] liberdade para poder gerenciar nossa

biblioteca, [...] precisa de orçamento, [...] a biblioteca pública ela é mantida [...] com muito pouquinho [...], [...] vive mais de doação [...] se a gente não correr lá atrás [...] não [...] tem recurso [...], salvo exceções em que se tem verba [...] pra comprar de livros por ano acervo [...] bom, [...] doação de [...] coisas novas.

Na história da biblioteca pública é possível perceber que ela surge também de uma demanda popular e encontra “apreensões e receios do lado das classes privilegiadas”, diante da criação de um instrumento potencial para contestação dessas classes na estrutura social (ALMEIDA JÚNIOR, 1997a). As dificuldades com orçamento da biblioteca pública e de articulação do próprio profissional em defesa destes serviços, é uma das nuances que permite quase neutralizar o “poder de fogo” de um mecanismo como a biblioteca pública, tornando-a um depósito de livros doados, com raras exceções.

5.2.5 Refletindo sobre boas e más condutas do profissional

Ao discorrer sobre boas práticas éticas do bibliotecário que atua em biblioteca pública, o sujeito coletivo exalta a consciência de sua função:

[...] ter consciência da nossa função, do nosso papel e ser fiel àquilo [...], [...] voltar pro teu objetivo, pro teu foco, pra tua missão [...], [...] porque são muitas forças que [...] te faz, [...] desanimar, “[...] empurrar com a barriga”, [...] excluir estes pensamentos [...], [...] surpreende, faz mais do que aquele o fazer por fazer [...], [...] eu me desdobro, eu vou atrás, [...] para ajudar a resolver o problema.

Em relação à temática do estudo acerca da exclusão social a expressão acima é relevante à medida que o sujeito coletivo afirma seu compromisso com a profissão como compromisso consciente. Essa consciência tem o imperativo do “tu deves” e é lógico pensar que em sua atuação o bibliotecário “deve” estar atento à situações de exclusão. Entretanto, há que se questionar diante de todas as colocações acerca de suas práticas sobre qual a sua função, que consciência tem de seu trabalho e seu papel na sociedade, em um movimento de questões e possíveis respostas para si mesmo.

Necessário retomar conceitos expostos anteriormente de Chauí e Nietzsche. A primeira autora questiona se uma questão ética, que inclui a necessidade de um sujeito autônomo com

possibilidade de reflexão de padrões morais, não termina por introduzir uma ideia de domínio - da vontade individual e de nossa consciência - por um poder que é estranho a nós mesmos. (CHAUÍ, 2000). Nietzsche dialoga compreendendo que sim, todos os indivíduos - "homens de consciência" - obedecem ao que chama de "lei severa" que pode se chamar "Deus, virtude, verdade, justiça, amor ao próximo". (NIETZSCHE, 2008, p. 13) Quem é (ou são) o "poder estranho a nós mesmos" ou a "lei severa" que se coloca como imperativo aos bibliotecários influenciando sua postura ética?

Como boa prática ética, o sujeito coletivo elenca alguns atributos de conduta que julga relevantes para o bibliotecário que atua em bibliotecas públicas:

ter [...] dedicação [...], [...] integridade [...], [...] estar sempre também informado [...]. [...] Antiético seria pegar dinheiro [...] das multas, pegar livro da biblioteca, [...] não levar para outro lugar [...]. [...] Tem questão de multa dentro da biblioteca, [...] "[...] você tá devendo livro na biblioteca", é uma questão boba ética mas [...] pode afastar completamente uma pessoa daquele local e ela nunca mais retornar.

A partir de sua fala levanta questões subjetivas – dedicação, integridade, estar informado – tudo isso pode ser interpretado de maneiras diferentes: o que é um profissional dedicado, íntegro e informado. Também, questões objetivas – não "pega" dinheiro das multas, não "pega" livro da biblioteca, não constrange o usuário...

O estudo não poderia prescindir da abordagem ética. É possível vislumbrar dois caminhos de debate para uma análise da ética: um, toma a ética como um conjunto de princípios que podem ser requeridos como fundamentos compreensão e justificativa para as escolhas possíveis para orientar ações ou conduta dos indivíduos; em outra, a ética é invocada no sentido de normatização da conduta humana (SOUZA, 2007). Os atributos elencados pelo sujeito a seguir, demonstram bem essa normatização da conduta, a ideia de um cumpridor de regras:

[...] Manter-se firme no que diz [...], [...] ser cumpridor do seu dever [...], [...] somos funcionários públicos, a população que paga nossos salários [...], [...] procurar não faltar, procurar estar sempre no horário certo [...], [...] não só cumprir horário, [...] tem que trabalhar durante esse período [...] ser um bom profissional.

[...] Eu colocaria como ética [...] a privacidade daquilo que é colocado pra nós [...], [...] e uma outra questão ética que é como [...] que a gente conversa isso dentro da biblioteca com os demais funcionários [...] cada leitor você tem uma relação com ele, então o que você também trata [...] é entre você e ele, [...] ter esse cuidado.

Cumprir com sua palavra, seu dever, não faltar, chegar no horário, trabalhar durante o período, manter o sigilo do que é tratado com o usuário. Todas estas questões são normativas, regras pontuais a serem seguidas. Esta também parece uma consequência de uma formação com viés tecnicista, uma visão de postura ética normativa.

Discorre também sobre sua própria postura ao ser questionado sobre boas práticas éticas e a de outros que afetam o seu fazer, como a desvalorização de seu trabalho, a relação com outros funcionários, muitas vezes readaptados ou cargos comissionados da administração pública, a falta de autonomia e atuação no poder público:

temos que ter uma postura de [...] valorização, porque o bibliotecário não é valorizado, [...] existe muito cargo comissionado [...] bibliotecário que sempre fica jogado. [...] ele deve ter autonomia pra poder participar das negociações, [...] reuniões, [...] conselhos [...]

[...] Cargo comissionado [...] para nós era uma questão ética muito delicada. A pessoa ela aparecia ali, ela não trabalhava e aí a gente ficava vendo aquilo ali e não fazia nada, quando a gente precisava fazer muitas ações [...]. Também [...] vem muito readaptado, [...] estão sempre com atestado, [...], [...] falso. [...] a gente tem que cumprir a nossa função [...].

[...] No poder público a gente tem [...] que cuidar [...] com o que fala e como vai transmitir [...] cuidar com as pessoas que te rodeiam [...], [...] tu não sabe em quem confiar [...] tem que aprender a ouvir mais e falar menos. [...] Se for cidades menores, [...] tem um conflito de direita e esquerda e esse conflito tu vê nitidamente nos usuários da biblioteca, [...]. [...] Até mesmo dentro das nossas relações de trabalho, dentro da biblioteca [...]

Parece missão impossível que o bibliotecário possa desenvolver uma postura de valorização, se de fato não o é, se fica “jogado”, se não tem autonomia, não participa. Se tem que lidar com desmandos da administração pública sobre a composição de pessoal em seu ambiente de trabalho, se está

excluído dos processos de decisão em sua esfera de atuação profissional.

O sujeito coletivo manifestou também um viés positivo na atuação do bibliotecário que atua em bibliotecas públicas catarinenses:

[...] eles fazem um trabalho bem bacana [...], [...] são ótimos, o pessoal é muito interessado [...], [...] a nível de Florianópolis eles têm [...] bastante importância, na classe e também no papel de profissional, eu vejo com bons olhos [...] tentam se adaptar ao ambiente, ao público [...], [...] muito esforço [...], não tem um sindicato ainda, mas tem uma Associação muito atuante, [...] tem o Sindicato Nacional [...], [...] são unidos [...], [...] na Região [região do Estado de Santa Catarina] os bibliotecários, apesar de poucos [...] são mais integrados, eles estão sempre se reunindo [...],

Uma realidade constatada no estudo é o isolamento do bibliotecário que atua nas bibliotecas públicas catarinenses, ainda que disponha de aparato tecnológico para um “encontro” e aproximação entre seus pares que dispensaria proximidade geográfica. Em Santa Catarina, as duas Universidades públicas estão localizadas na capital, bem como, a sede da ACB e do CRB-14 Região. Na capital, portanto, estão grande parte dos indivíduos - bibliotecários, docentes e estudantes de Biblioteconomia - que fazem parte da direção da Associação, Conselho e dos cursos de formação de bibliotecários.

Ao mencionar feitos, o sujeito coletivo pontua focos, locais, onde ele percebe que há um movimento de agrupamento, como é o caso da capital e de outra Região do Estado. Como já mencionado, há também um curso em Chapecó, ofertado por uma IES da rede privada, que poderá, neste contexto, auxiliar num cenário diferente.

A interação com a fala do sujeito coletivo até aqui na relação com a temática da Tese se deu em sua relação com seu ambiente de trabalho. A partir desse momento, a análise tende a focar experiências pessoais (que também incluirão seus ambientes de atuação) e direcionar questões para o objetivo geral do estudo.

5.3 Ainda me recordo: lembranças com experiências de exclusão

A pergunta que dá origem à fala sobre experiências pessoais com exclusão suscita vivências que se demonstram como “marcas”, lembranças que não se apagaram da memória.

Quando o sujeito coletivo relata situações de exclusão vividas por ele mesmo ou percebidas na vida de outros, recorda a infância, juventude, ambientes de trabalho e de convivência social. Essas situações manifestam-se no processo de socialização, no caso, em meio à socialização primária, a primeira na dimensão temporal da vida de um indivíduo.

Experimentada na infância, responsável por torná-lo membro da sociedade, a socialização primária, em geral, tem mais valor para o indivíduo que a socialização secundária, mencionada em seguida. É na socialização primária que se dá o primeiro mundo do indivíduo, que para a criança é concreto e real. A interiorização da sociedade, da identidade e da realidade não se faz definitivamente neste período da vida do indivíduo, mas nele esse processo é marcante. (BERGER; LUCKMANN, 2007)

Os conteúdos específicos interiorizados na socialização primária variam, mas a linguagem – por vezes rememorada neste estudo – tem papel fundamental. Neste processo de socialização inicial do indivíduo, a criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, interioriza-os tornando-os seus, sendo capaz de identificar a si mesma. Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo. (BERGER; LUCKMANN, 2007)

Berger e Luckmann (2007) enfatizam que crianças de classes inferiores ao absorverem uma perspectiva própria da classe inferior a respeito do mundo social, o fazem com uma coloração particular dada por indivíduos que participam de sua socialização primária. Além de um aprendizado cognoscitivo, vem carregado de alto grau de emoção.

O sujeito coletivo recorda, por exemplo, que a ocupação de seu padrasto, economicamente desfavorável, inferiu sobre sua identidade e a diferenciava quando pequena.

[...] o meu padrasto ele cortava pedra então era uma renda miserável [...] eles chamavam muito de [...] “a [nome da entrevistada] Pedreira”.

O adjetivo 'pedreira' compõe esse sujeito coletivo, entretanto, é uma forma de desqualificação, pois está ligado a uma ocupação que em nosso contexto social integra um grupo de trabalhadores categorizados como inferiores.

Estabelecemos meios de categorizar as pessoas e associar a estas um conjunto de atributos considerados naturais e comuns. Quando um 'estranho' nos é apresentado temos condições de colocá-lo em alguma categoria e associá-la a seus atributos. (GOFFMAN, 2004) A categorização, portanto, possibilita um mundo simplificado e estruturado a partir da segmentação do meio social em classes viabilizando agrupar seus membros como equivalentes em virtude de suas características, ações e intenções comuns. (JODELET, 2008).

Pode-se traçar um paralelo entre este grupo e o estudado por Costa (2010) já mencionado nesta Tese, os garis, que revela a invisibilidade deste coletivo de trabalho, por ser um grupo pertencente a uma ocupação específica, também percebida socialmente como inferior.

Elias e Scotson (2000) ao fazer menção aos 'burakumin', um antigo grupo *outsider* do Japão, destacam que eles provem da mesma origem da maioria dos japoneses, entretanto, parecem descender de grupos encarregados de atividades profissionais compreendidas socialmente como sendo de baixa categoria.

Portanto, as ocupações e profissões também são alvo de estigmatização, estar associado a uma determinada classe trabalhadora é mais uma condição em que um grupo lança um estigma sobre outro grupo podendo criar situações de exclusão.

Em suas observações sobre Winston Parva, Elias e Scotson (2000) perceberam que o processo de um grupo estigmatizar membros de outro grupo como pertencentes a um coletivo considerado inferior, é um dos mecanismos de grupos superiores para manter sua superioridade social e tem como consequência o sentimento de inferioridade, de menos valor por parte do grupo *outsider*.

Estigma é como cicatriz, uma marca (WANDERLEY, 2008). Goffman (2004) lembra que foram os gregos que criaram o termo para fazer menção a sinais corporais, feitos com corte ou

fogo, que identificavam algo específico sobre o status moral de quem o portava (escravos, criminosos, traidores etc).

A auto-imagem e auto-estima de um indivíduo ou grupo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele, é uma marca. É muito provável que algumas crianças que tiveram sua socialização primária e se desenvolveram no “beco dos ratos” (como era chamado o loteamento dos *outsiders* pelos estabelecidos de Winston Parva) tenham sofrido uma imagem de si próprias maculada, o que acarreta profundos constrangimentos. (ELIAS; SCOTSON, 2000)

Algumas outras falas de vivências pessoais do sujeito coletivo merecem destaque:

[...] Pequena eu tinha um pouco de vergonha [...], [...] a minha mãe era servente do hospital, não era enfermeira, [...] nutricionista, [...] médica [...]. [...].

Numa joalheria [...].[...] eu adorava trabalhar lá mas eu não me sentia bem, [...] muita gente com muito dinheiro, [...] me sentia menos. [...], [...] fazia handebol [...] eu treinava com o pessoal do [nome de escolar particular], [...] havia um olhar diferente [...].

Nesta manifestação e em outros relatos do sujeito coletivo a partir da observação de exclusão com outros indivíduos, enfatizam o sentimento de vergonha ou de descrédito associado a determinadas classes trabalhadoras em detrimento de outros grupos profissionais com *status* diferenciado.

[...] A mulher que trabalha comigo é a faxineira, [...] posso [...] sair, [...] ela vai [...] dar continuidade às coisas e em vários momentos ela não podia participar das reuniões

Há uma organização do trabalho que isola em uma extremidade o trabalho de gerência e em outra a operação braçal. Sobre os pobres pesam as atividades ligadas à segunda, atividades consideradas simples (limpar, varrer, juntar o lixo, fazer cama) que admitem pouca ou nenhuma instrução técnica ou escolar (GONÇALVES FILHO, 2007) e são categorizadas como ocupações desqualificadas socialmente. Elias e Scotson (2000) lembram que no século XIX era comum a visão da classe trabalhadora como ‘mal lavados’.

A socialização jamais acaba, ela continua com a socialização secundária, processos subsequentes que colocam o indivíduo já socializado em outros setores do mundo objetivo particulares de sua sociedade. A socialização secundária oferece ao indivíduo a interiorização de submundos institucionais, em

que adquire conhecimento de funções específicas, direta ou indiretamente, com raízes na divisão do trabalho. (BERGER; LUCKMANN, 2007)

Nesse sentido, possíveis sentimentos de humilhação, inferioridade, constrangimento e vergonha em momentos temporalmente subsequentes na vida do indivíduo, na socialização secundária, podem reforçar vivências experimentadas na socialização primária e o sujeito coletivo expressa isso em trechos de sua fala ao rememorar experiências na juventude e ambiente de trabalho:

A questão econômica é um ponto destacado pelo sujeito coletivo como fator de distinção de grupos, inferiores e superiores, o grupo que serve e o que é servido, o grupo que trabalha e o que consome bens materiais, o grupo que dispõe de recursos para frequentar locais que conferem status em detrimento de outro que não têm essa possibilidade. Estão colocados dois grupos e um deles dispõe de recursos de poder que permitem afirmar sua superioridade em relação ao outro grupo, recursos de poder que podem ser muitos, inclusive os recursos econômicos.

Ainda tomando por base o estudo de Costa (2000) e sua convivência com os garis, atestou que a humilhação vivida pelos trabalhadores pobres é apoiada em relações sociais marcadas pela dominação e seus desníveis, neste contexto, 'coloque-se no seu lugar' é uma frase muito ouvida por estes trabalhadores. Tal afirmativa demonstra que há 'lugares' diferentes nesta estrutura de poder.

A humilhação está ligada à dominação e a humilhação social é rebaixamento que atinge alguém após ter atingido ancestralmente a um grupo a quem esse alguém pertence (família, raça, bairro, classe, nação etc). A humilhação só acontece quando há relação, é impossível no isolamento. É a ofensa desferida por alguém direcionada a outro e está envolta no contexto moral, um aborda este outro como inferior e o faz soberbamente. (GONÇALVES FILHO, 2007)

Há outra colocação do sujeito coletivo, como lembrança de infância relacionada à questão do sentimento de humilhação associado a alguns fatores - ausência de recursos financeiros, forma de vestir, local de procedência - no ambiente escolar:

[...] a gente já ia assim mais inferior [...] muito pobre [...] eu não tinha o livro de português [...] o diretor da escola [...] ele disse

“[...] você não pode assistir a aula [...]”. No [...] cursinho, [...] ali tu se sente um peixe fora d’água, [...], a [...] Universidade pública, quando eu entrei [...] em 99 [...] era muito elitizada[...]. [...] Nós éramos [...] mais simples [...] era um colégio elitizado,[...] discriminavam [...] [...] pelo jeito da gente se vestir, [...] por ser do interior [...].

Os indivíduos das classes pobres vivenciam a humilhação social como fenômeno determinante no seu cotidiano. Os ambientes de ensino são citados pelo sujeito coletivo como ambientes em que situações de humilhação estão presentes:

“[...] na minha sala [...] dois alunos que tinham necessidades especiais, [...] chacota, dificuldade de aprendizagem... [...].

“Gestos e palavras de rebaixamento contam entre as mais perturbadoras mensagens que nos podem chegar dos outros” e são mensagens enviadas em cenas públicas como a escola e que não abandonam o corpo e a alma do rebaixado (GONÇALVES FILHO, 2007, p. 196).

Há elementos de distinção que reforçam a condição de *outsider*, como mencionam Elias e Scotson (2000) ao destacar, por exemplo, o sotaque ou uma fluência diferente da língua em que os dois grupos se expressam. É elemento criado pelo grupo superior para facilitar o reconhecimento da condição inferior do outro grupo. O sujeito coletivo também destaca a questão da linguagem:

“[...] A linguagem [...] com sotaque muito carregado [...], [...] tu vai dar o emprego [...] pra uma menina [...] falando “[termos que caracterizam o sotaque em questão]”

Entretanto, os elementos são fantasiosos, são produzidos e atribuídos ao grupo *outsider* pelo grupo estabelecido. O sujeito coletivo faz alusão a experiências de preconceito com uma série de elementos criados, relacionados com o desenvolvimento de grupos e que se distinguem por características físicas, com referência à cor da pele, local de nascimento e outras características inatas ou biológicas de grupos:

“[...] preconceito [...] da cor, [...] o porte físico, [...] gordo, [...] orelhudo [...]. [...] Eu [...] passo por uma pessoa latina, [...] na imigração, [...], [...] eu sempre demoro mais pra entrar. [...].

A alusão a características inatas ou biológicas de grupos como determinantes de inferioridade por grupos estabelecidos tem uma função objetificadora. Trata-se da demarcação de um sinal físico, um símbolo tangível da pretensa anomia do outro

grupo, de seu valor humano inferior, de sua maldade inerente. (ELIAS; SCOTSON, 2000)

Discute-se problemas 'raciais' colocando a carroça na frente dos bois quando se afirma que as pessoas percebem as outras como pertencentes a outro grupo porque a cor de sua pele é diferente. Na verdade, se deveria indagar sobre como foi que aconteceu de perceber essas pessoas como pertencentes a um grupo diferente. Provavelmente em decorrência de um processo em que grupos humanos desenvolveram-se em diferentes locais, adaptaram-se a diferentes condições físicas e entraram em contato uns com os outros após um longo período de isolamento, como conquistadores e conquistados, como estabelecidos e *outsiders*. Portanto, as diferenças na aparência física passaram a ser sinais da pertença das pessoas em grupos como diferenças de poder. (ELIAS; SCOTSON, 2000)

Nietzsche (2013a) já foi mencionado anteriormente no que se refere à origem do que se designou bem e mal e como tais palavras também se associam, em sentido etimológico dos conceitos de puro, impuro, sujo, limpo, negro, branco – palavras carregadas de valor.

Grupos estabelecidos que dispõem de grande margem de poder tendem a vivenciar grupos *outsiders* não apenas como desordeiros que desrespeitam leis e normas (dos estabelecidos) mas também como não sendo particularmente limpos no sentido literal e figurado. Ao lembrar novamente os burakumin no Japão, Elias e Scotson (2000) citam uma descrição sobre este grupo *outsider* (lembrando, como mencionado que trata-se de um grupo de japoneses que não diferem do restante, foram estigmatizados ao longo da história):

Eis uma entrevista feita com um burakumin anos atrás: perguntou-se ao homem se ele se sentia igual a um japonês comum. Reposta: 'Não, nós matamos animais, somos sujos e algumas pessoas acham que não somos humanos.' Pergunta: 'Você acha que é humano' Resposta (depois de uma longa pausa): 'Não sei... Somos ruins e sujos. (FRANKLAND, 1975 apud ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 30).

O estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso habitualmente penetra em sua auto-imagem, enfraquecendo-o, desarmando-o. E “dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 30).

Exclusão social para um dos teóricos mais conhecidos sobre a temática, Castel (1996 apud DEMO, 2002, p. 21), pode ser definida a partir de traços comuns como falta de acesso ao patrimônio e ao trabalho regulado, cotidiano de expedientes eventuais e mendicância, mobilidade incontrolada, relações familiares e conjugais estigmatizadas por liames pouco coesos, e menciona o ‘desenraizamento’ como fenômeno fundamental do início do processo de exclusão. Cita os grupos marcados pela “vagabundagem, mendicância, criminalidade e atividades infames”.

Não há quem não se depare nos grandes centros com pessoas vivendo em logradouros públicos. Tive a oportunidade de conhecer e conviver um pouco com Olga Emily, que na ocasião, em 2015, morava em uma rua do Centro de Florianópolis. Escrevi brevemente sobre esta interação com Emily elaborando uma relação com as bibliotecas públicas (SILVA, 2016). Antes de falecer Emily disse para Ângela Bastos, jornalista que também foi seduzida pelo seu carisma: “_Cuidado com a rua, eu fui pra rua e me f...”

A vida nas ruas é caracterizada como insegura, sem proteção. Os indivíduos estão sujeitos às mudanças climáticas, à falta de conhecimento e sensibilidade dos gestores públicos (ver relato do diário de campo), às reações da população sobre sua condição, à criminalidade, embriaguez, uso de drogas, violência.

Também possuem uma dificuldade de fazer sua higiene pessoal (muitas vezes o fazem dentro das bibliotecas públicas) o que corrobora e reforça a ideia do “sujo” em sentido literal e figurado, abordada anteriormente a partir do exemplo dos burakumin japoneses.

Esse grupo, dos moradores de rua e andarilhos, foi lembrado pelo sujeito coletivo a partir de uma situação experimentada em ambiente de trabalho:

Um [...] morador de rua, [...], [...] andarilho [...] a funcionária [...] excluía essas pessoas, [...] porque às vezes eles não tomam banho [...] estão descalços, [...] não estão com uma roupa tão limpa [...].

Os moradores de rua fazem parte de um grupo inserido num processo de exclusão de uma sociedade que os rejeita e nutre um preconceito. Muitas vezes o morador de rua assume para si o estigma lançado sobre ele e se sente um fracassado, um caído. (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1994). E “dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 30).

A vestimenta é algo que interfere na sensação de estar ou não incluído e não é só para os moradores de rua ou mendigos que não dispõem de meios para aquisição de roupas. A questão da vestimenta é algo que ficou muito presente no discurso do sujeito coletivo em vários pontos de sua fala como um elemento que discrimina e distingue alguém, simboliza um *status*:

[...] todo mundo ficou olhando [...] eu estava mal vestida [...] no shopping [...], [...] na loja e ninguém te atende.

A roupa é um elemento que nos auxilia na categorização dos indivíduos, através dela, em primeiro contato, podemos imaginar algo sobre a personalidade, conduta, condição econômica, escolhas religiosas, escolhas ideológicas, valores...

O coletivo também menciona sobre experiências de exclusão, ou de sensação de exclusão, em seus ambientes de convivência:

Lembro que [...] o pessoal me deixou de lado [...] porque eu era profissional já e elas não eram. [...]

[...] é comum tu te sentir excluído quando tu tem um certo nível de conversa e [...] as pessoas [...] conversam sobre coisas fúteis [...].

[...] sem estudo [...], [...] presenciei essas pessoas [...] serem atendidas [...] de braço com [...] um político [...].

Neste último caso, a pessoa não se apropria de seus direitos, necessita da intercessão, mediação de um político para ter acesso, ser atendido. O político é alguém que irá possibilitar esse acesso ou por conhecer os meios de exigir e prover esse acesso ou por sua posição na sociedade, ele é um estabelecido. Entretanto, *[...] a exclusão [...] mais forte é que a gente ainda não tem no nosso país direitos iguais pra todos, [...] o povo acha que quando você realiza um evento isso não é pra ele, [...] comunidade tem medo, [...] se afasta e ela não tem o hábito. [...].*

Recordo um samba de Ataulfo Alves que escutava quando criança que retrata bem a condição de alguém que não se sente

beneficiário de nada, como se não tivesse direito a direitos, como se nada de bom pudesse lhe acontecer: “Laranja madura na beira da estrada, está bichada Zé, ou tem marimbondo no pé”.

O processo de deslegitimação exclui moralmente um grupo do campo de normas e valores aceitáveis, “uma desumanização que autoriza a expressão do desprezo e do medo e justifica as violências e penas que lhes infligimos” (JODELET, 2008, p. 64), inclusive a resistência em reconhecer direitos. O indivíduo que não tem o hábito de ser beneficiado, mesmo quando se trata de benefícios básicos, não reconhece isso como um direito e desconfia.

Até aqui, no discurso coletivo do bibliotecário dirigente de bibliotecas públicas catarinenses é perceptível um sujeito dotado de uma memória pessoal de exclusão. Com base nas interações anteriores, igualmente perceptíveis são as situações concretas de exclusão nestes ambientes nas mais diversas formas, na prestação de serviços aos usuários. O que o bibliotecário dirigente de biblioteca pública em Santa Catarina manifestou em seu discurso sobre exclusão?

5.4 Representações sobre exclusão social

Recordando que o objetivo principal desta Tese é “conhecer os sentidos das representações reveladas pelos bibliotecários de bibliotecas públicas catarinenses nos seus discursos acerca da exclusão social em seu contexto de atuação”, a pergunta anterior e esta são fundamentais para que se possa alcançar o propósito do estudo.

Não é necessário ser estudioso profundo do assunto para trazer reflexões acerca deste termo. Para o sujeito coletivo mesmo um gesto simples como um “olhar” diferente - [...] *até uma pessoa te olhar meia torta* [...] - pode remeter à ideia de exclusão. E, como enfatiza Costa (2010), o olhar fala.

Esse olhar comunicou algo em algum contexto para alguém. O que se pode recordar e expressar acerca de experiências, incluindo as de exclusão, diz de nós mesmos. Aqui, quem levantou os pontos acerca da temática foi o sujeito coletivo, a abordagem da interação com a temática acontece a partir do que foi expresso na fala deste sujeito, buscou-se a essência do que representa por exclusão social.

Como o processo de evolução e entendimento do conceito foi modelado em conformidade com regiões e situações (econômicas e sociais) temporais específicas, para a Tese foi necessário partir de um conceito que pudesse fazer sentido para as todas as demais abordagens, o mencionado por Jodelet (2008), que se dá na interação entre pessoas e grupos que desta interação podem ser agentes ou vítimas.

Todavia, há que se ter cautela ao compreender a palavra vítima no contexto desta Tese, pois ela também irá se relacionar com o modelo proposto no estudo etnográfico de Elias e Scotson (2000) a partir do microcosmo de Winston Parva. Neste modelo, as tensões entre estabelecidos e *outsiders* não são estáveis e não surgiram por haver um lado perverso ou despótico nesta configuração. Na interdependência desta relação há uma instabilidade, uma organicidade, uma possibilidade de mudança.

Ao ser indagado sobre o conceito de exclusão, o sujeito coletivo manifestou ideias relevantes como a de [...] *campo [...] muito abrangente*, e a de [...] *pessoas que ficam à margem* - questões que foram tratadas anteriormente nesta Tese. Wanderley (2008) destaca que estudiosos do tema concluem que do ponto de vista de sua epistemologia, o fenômeno da exclusão é tão amplo que torna-se impossível fazer uma delimitação do termo.

O campo é abrangente e apesar de “exclusão” ter sido usado pela primeira vez em 1974 pelo francês Lenoir, como já mencionado, muitos conceitos relacionados ao tema, mas com olhares direcionados para alguma situação específica de locais específicos, já faziam parte das discussões. É o caso do conceito de marginalidade, que já na década de 50, era ventilado principalmente no contexto latino-americano e conforme Fassin (1996 apud DEMO, 2002), conduz a uma configuração do desenvolvimento da pobreza no espaço social.

Discorrendo sobre exclusão social, o sujeito coletivo traz à lembrança a imagem de indivíduos que, em sua opinião, fazem parte de grupos categorizados como excluídos por sua condição social:

[...] exclusão social é [...] quando alguém [...] por alguma razão [...] é excluído [...] do ambiente social [...], [...] pela condição social [...], ou [...] porque [...] está mal vestido [...], [...] pessoas que fazem parte [...] da área rural, do interior [...], que moram [...] mais distante, não é no Centro [...], [...] andorlho [...], [...] os

pedintes [...], [...] se eles tomam um pouquinho a mais [...], [...] o morador de rua [...] porque [...] são sujos, [...] fedem [...], [...] o deficiente [...], ou [...] alguma questão física [...] se a pessoa é [...] negra [...] [...] gordinha, [...] muito magrinha [...], [...] uma necessidade especial permanente ou até provisória [...].

O sujeito coletivo inicialmente, na expressão do conceito ao fazer menção a grupos categorizados socialmente, faz menção aos “rótulos”, relata o aparente, o estipulado fantasiosamente pelo grupo dominante.

Continua sua manifestação sobre exclusão social elaborando uma associação com a prestação de serviços e a discriminação no atendimento, enfatizando o compromisso da esfera pública e do seu ambiente de trabalho:

[...] priorizar alguém e deixar outro de fora [...], [...] no atendimento do usuário [...] Voltando [...] para a área pública, é quando eu tenho um serviço [...] que não abranja todo esse público [...] essa visão que não é pra qualquer um, [...] na biblioteca [...], por exemplo, [...] termos os cegos, [...] os surdos e [...] ter pouco material pra poder suprir, [...] não ter acessibilidade, é exclusão social [...].

Ao priorizar um determinado grupo ou indivíduo, precedemos de uma categorização para privilegiar um em detrimento do outro, isso é latente na expressão “não é para qualquer um”, colocada pelo coletivo. Essa categorização nos possibilita atribuir valores ao grupo ou indivíduo escolhido que se aproximam dos nossos. A tendência a escolher e repelir se dá a partir da semelhança ou diferença de valores, respectivamente. Jodelet (2008, p. 61) enfatiza que a categorização neste caso pode ter consequências dramáticas no que se refere à percepção e comportamento, dando lugar a discriminações “na medida em que ela é acompanhada de vieses favoráveis ao grupo do qual somos membros, com uma tendência a desfavorecer os grupos dos quais nos distinguimos”.

Essas situações de discriminação causam, como já mencionamos, humilhação, vergonha e a falta de pertencimento. Para Nietzsche (2013a) a coisa mais humana é “poupar alguém da vergonha” - o autor chama de “ruim” quem “quer sempre envergonhar”.

Ao mencionar sobre os elementos relevantes no contexto de exclusão anteriormente, houve destaque para os estudos de

Elias (1993, 1994b) e a associação do processo de civilização com o sentimento de vergonha, um sentimento utilizado para alterar ou manter os costumes de acordo com interesses dos que estão em situação de poder.

Pode-se propor nesse momento uma reflexão entre a relação da vergonha com a desumanidade elaborada por Nietzsche e da vergonha e processo de civilização encadeado por Elias. Seriam algumas práticas do processo civilizador desumanas? Por que razões são aplicadas e por que são compreendidas como civilizadas? Esse mecanismo pode se dar na atuação do bibliotecário em sua rotina de trabalho?

Retornando ao conceito de exclusão, o sujeito coletivo também aborda várias ideias que se associam, como a ausência de acesso aos direitos fundamentais e acesso à educação e informação - questões que se encontram em seu ambiente de trabalho:

[...] falta de acesso [...], de [...] direitos fundamentais [...] em todos os aspectos [...], [...] crianças [...] que não [...] tem [...] oportunidade de estudo [...] e [...] no [...] caso específico, à informação.

[...] aos serviços em si [...], [...] essa omissão da sociedade de criar uma biblioteca pública mas não dar sustentação pra ela pra que ela possa atender corretamente às pessoas [...],

São considerados direitos fundamentais os básicos individuais, os políticos, sociais e jurídicos previstos na Constituição da República Federativa do Brasil. No texto constitucional, consta que o direito à informação é um direito individual (BRASIL, 1988), entretanto, Cepik (2000) acredita ser o direito à informação um direito civil político e social ao mesmo tempo.

Necessário destacar que pertencemos a uma cultura letrada, o acesso à informação, ainda que não exclusivamente, passa pela leitura e ela é um direito de todo cidadão, não é um favor, um luxo. Permite o exercício pleno de democracia e por esse motivo são necessárias ações que permitam sua universalização para garantia de direitos iguais e a minimização da discriminação e desequilíbrio sociais. Nesse sentido, há que se dirigir esforços para a educação e para as bibliotecas como mecanismos de democratização do acesso. (CASTRILLÓN, 2011)

Nesse sentido, continua o discurso do sujeito acerca da questão da ausência de oportunidade, da falta de condições para exercer a cidadania por algum motivo específico:

[...] é falta de oportunidade [...], quando algo te impede de poder ir e vir, de praticar, de ser cidadão, de estar ativo na sociedade em qualquer coisa, por alguma razão [...].

O sujeito coletivo associa exclusão à desigualdade social.

[...] A desigualdade vai chegando porque são cada vez poucos tendo muito e uns muitos tendo menos [...]

A *[...] desigualdade social são as pessoas não terem, todos [...] os mesmos direitos [...], se ele não sabe ele não vai exigir a mudança.*

Desigualdade social é a expressão que representa um estado de grande disparidade entre os indivíduos, um desnivelamento. (GONÇALVES FILHO, 2007). Esse desnivelamento, como bem enfatiza Sorj (2004), não pode ser creditado ao divino, nem mesmo explicado a partir da ordem natural das coisas no mundo. Esse entendimento, entretanto, surge a partir do século XX, ao menos nos países desenvolvidos, em que compreende-se que a pobreza decorrente do novo mundo industrial indicou a necessidade de uma intervenção pública, ou seja, a pobreza passou a ser vista como disfunção e poderia ser corrigida mediante técnicas sociais com base na responsabilidade pública juridicamente regulada.

Entretanto essa política pública direcionada para a erradicação da pobreza, ainda caminha a passos lentos em nosso país, como menciona o sujeito coletivo:

[...] tem o pobre [...] tem falta de políticas pra eles.

A política para os pobres está associada a uma esfera de ação estatal que se consolida a partir do estado de bem-estar social – o *welfare state* – que tiveram como episódios fundamentais a crise de 1929⁴², as duas grandes guerras mundiais e a expansão comunista. Uma série de bens coletivos que possibilitariam aos indivíduos acesso aos suportes indispensáveis para a possibilidade de participar do mercado de trabalho, do consumo e sociabilidade moderna. (SORJ, 2004). Tais políticas ainda sofrem muita resistência para sua

⁴² Crise ocorrida nos Estados Unidos conhecida como “A Grande Depressão”, a pior da história do capitalismo por conta de vários atenuantes, entre eles, a maior baixa da bolsa de valores da história.

implementação e manutenção por parte da ideologia de um Estado liberal que tende a perceber tais iniciativas como assistencialistas, como por exemplo o programa Bolsa Família, já mencionado neste estudo.

A noção de desigualdade social está ligada à noção de pobreza, entretanto, pobreza no sentido amplo. Seus sinais concretos são a fome, a doença, o analfabetismo e o desenraizamento (perda da terra ou de um grupo de participação, ou mesmo, o nascimento sem terra e sem grupo). Há tristeza e melancolia (e vergonha) associadas a estas condições (faminto, doente, iletrado, desenraizado) que somem quando se tem alimento, remédio, escola, casa própria e trabalho. Entretanto, viram humilhação social quando se tornam situações persistentes, dando sinais de que são condições políticas e a humilhação, quando humilhação política, não conta imediatamente a partir de privações econômicas, mas principalmente pelos outros, pelo preconceito dos outros. (GONÇALVES FILHO, 2007)

A desigualdade que produz humilhação social é um mecanismo de poder que coloca os pobres em situação de enfraquecimento, sem condições de articular uma nova condição. Costa (2010) destaca que a humilhação social apresenta-se como fenômeno do cotidiano das pessoas das classes pobres, é um problema político que molda a subjetividade do pobre, muitas vezes o caracterizando como um ser sem condições de criar, mas apto para repetir, afastando as condições que lhe fariam transcender uma compreensão estática da realidade.

O medo é característico dos humilhados socialmente que sentem-se desqualificados, é consequência da exclusão. O sujeito em seu discurso o associa à exclusão. A expressão já mencionada que sugere que indivíduos devem saber “qual o seu lugar”, muito ouvida por indivíduos de classes sociais mais baixas, por vezes atrelados a profissões como no caso dos garis, produz sintomas (COSTA, 2010) e pode produzir falas como as produzidas pelo sujeito coletivo:

[...] Às vezes as pessoas deixam de ter boas oportunidades porque tem medo de entrar em determinados lugares que não são ditos lugares próprios pras pessoas que não têm condições [...]

Igualdade, antes de ser condição econômica ou cultural é condição política e implica na supressão da dominação, não das diferenças, onde os diversos se reúnem para a participação, para a troca de pontos de vistas e iniciativas (GONÇALVES FILHO, 2007).

O medo e a sensação de não pertencer reforçam a identidade de excluído como tal, consolidando o seu “lugar”. Relevante analisar possíveis motivos para o sujeito elaborar essa associação, talvez por experiências acumuladas em sua formação e ao longo de sua convivência e interação com os agrupamentos (Associação, Conselho, Sindicato) e os demais de sua classe profissional.

Souza (2014b) elaborou um texto em que reúne e examina dez medos da classe bibliotecária percebidos a partir de seus discursos. De certo que todos esses medos que não são recentes, acompanham a formação e os dilemas vividos pelos profissionais em seus ambientes de atuação.

Talvez uma possível resposta esteja na expressão de uma questão da sua esfera de trabalho, a respeito das desigualdades salariais:

[...] Também, as desigualdades que a gente vive dentro da própria profissão com os salários [...].

O próprio profissional em seu discurso muitas vezes representa um excluído e ocupa, também por medo, seu “lugar”, com salários que julga injustos. Entretanto, para sair da condição de *outsider* um grupo necessita alto grau de coesão, por exemplo. E o discurso lido no DSC revela a identificação de um grupo isolado, dados do questionário revelam poucos profissionais engajados com movimentos políticos, como o associativo.

O sujeito coletivo sugere exclusão como uma situação que pode ser criada pelo próprio excluído:

[...] É também um pouco falta de vontade [...] às vezes tu tem que te dispor [...], [...] quando tu quer, tu sai daquela margem [...]. [...] muitas vezes a exclusão é a gente mesmo que cria, a gente mesmo que acredita que tá sendo excluído [...].

O modelo de Winston Parva demonstra que na figuração de estabelecidos e *outsiders* há um equilíbrio instável de poder. Quando um grupo *outsider* consegue romper com as fontes de poder do grupo estabelecido a figuração pode se inverter.

(ELIAS; SCOTSON, 2000) Há situações em que, para que haja esse rompimento, faz-se necessária ajuda de outros grupos. Se levarmos em consideração, por exemplo, um raciocínio de Castrillón (2011) acerca dos excluídos da cultura letrada, em sua colocação afirma que esse é um problema que só pode ser resolvido a partir de mudanças direcionadas para a diminuição da desigualdade social, ou seja, mais justa e igualitária distribuição da riqueza. E isso exige outros grupos atuando em prol dos excluídos em questão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem é esse grupo, o bibliotecário dirigente de biblioteca pública em Santa Catarina participante deste estudo? Não havia a proposta de investigar mais profundamente esta questão, entretanto, era proveitoso para o alcance do objetivo principal buscar alguma informação em âmbito mais coletivo e conhecer brevemente sobre o contexto cultural, social e econômico em que se desenvolveu, além de caracterizá-lo em relação ao seu ambiente de trabalho.

Nos resultados pode-se ter um apanhado mais detalhado sobre o coletivo que é formado todo por mulheres - em sua maioria, catarinenses do interior do Estado - com idades que abrangem cinco gerações. A diversidade se estende para seu estado civil. A maioria não escolheu Biblioteconomia como primeira opção de ingresso na Universidade e somente duas fizeram o curso fora do Estado. O ano de conclusão do curso também se demonstrou abrangente com formandas de 1978 a 2015. Relataram vivência cultural, social e econômica diversificada, embora haja uma predominância de um grupo cujo extrato social e econômico é marcado pela exclusão.

O bibliotecário dirigente de bibliotecas públicas catarinenses propagou como função social da biblioteca pública o atendimento indiscriminado. É seu desejo, revelado em seu discurso, que a biblioteca pública seja um mecanismo para os menos favorecidos e que, em sua prestação de serviços, não possua barreira de valores que selecione os indivíduos privilegiando-os por motivos pessoais.

Destaca a ideia de promover a leitura e seu hábito como a função social mais relevante da biblioteca pública. Não houve menção ao fomento da escrita, como função da biblioteca pública associando-a à leitura como abordado inicialmente do texto deste estudo, compreendendo que é pela escrita que se dá a participação no espaço público de conversação. Como mencionado, a leitura é uma apropriação parcial da cultura letrada.

Também menciona como função social da biblioteca pública, o acesso à informação; acesso ao espaço e serviços da biblioteca (menciona inclusive o acesso a alguma necessidade básica como alimento, água e banheiro); promoção de bem estar

e segurança; proteção e acolhimento; qualidade de vida e cidadania.

Ainda que as bibliotecas públicas não tenham a frequência da maioria da população brasileira (a realidade catarinense não é diferente), há público. O bibliotecário dirigente de biblioteca pública catarinense acumula muitas histórias com esse público e é perceptível que ele o vê e o sente em suas necessidades, porque ele as relata. Muitas das questões que coloca como relevantes na relação com o usuário são do âmbito de sua prática, não está na literatura científica e raramente se discute em sala de aula, no nosso contexto de formação. É o caso de “cesta de frutas” para receber o usuário! Ou mesmo, a biblioteca pública dispor seu banheiro e água para os que não estão utilizando seus serviços – entram lá, supostamente, para suprir essas necessidades.

Entretanto, é possível evidenciar a partir de seu próprio discurso que há uma resistência na aceitação de valores distintos que os usuários carregam em si. É como uma marca, um estigma que é conferido ao indivíduo pelas razões mais diversas (por suas vestimentas, seu modo de falar, sua postura, alguma característica física ou condição social).

Também ficou perceptível a dificuldade do profissional em refletir sobre suas práticas profissionais. Discurso há, mas não é disso que se trata. Podemos discursar sobre temáticas que escutamos e repetimos, sem maior reflexão, sem o exercício do pensar. Vale a citação de Nietzsche (2012b, p. 57) que traz uma solenidade para o ato:

Pensamos muito rapidamente, andando, a caminho, em meio a negócios de toda espécie, mesmo quando pensamos no que há de mais sério; necessitamos de pouca preparação e mesmo de pouca tranquilidade: é como se levássemos na cabeça uma máquina incessante, que nas condições mais desfavoráveis ainda trabalha. Antigamente se notava quando alguém queria pensar. Fazia um semblante como de quem ia rezar e interrompia o passo, permanecia até mesmo horas parado na rua quando o pensamento “vinha” – assim pedia a dignidade da coisa!

E a questão revelada no discurso é a ausência de reflexão sobre questões da relação com o usuário, essencialmente questões relativas à exclusão. A reflexão é anterior e modifica o estabelecimento de regras e políticas de uso da biblioteca pública, é um exercício ético. Portanto, há um estranhamento no discurso da “biblioteca para todos” com atenção especial aos que mais necessitam, quando o bibliotecário centraliza em sua prestação de serviços o acesso à leitura, por exemplo, tornando esse ambiente inadequado para os que não participam da cultura letrada. E o analfabetismo é um dos medidores de desigualdade social - os bibliotecários que se ocupam dos excluídos não deveriam estar atentos à questão?

Para a promoção da cidadania, também mencionada como função social da biblioteca pública, faz-se necessário um bibliotecário que para Castrillón (2011) deve se apresentar como um intelectual com compromisso ético e político em relação às problemáticas de seu país e sociedade. Como conseguirá ser esse profissional no contexto brasileiro, catarinense, se não busca a reflexão sobre suas práticas?

Colaborando com o estudo ao declarar sua postura com abertura para se manifestar espontaneamente, o profissional menciona práticas nada inclusivas relacionadas aos moradores de rua, andarilhos, menores de rua, bêbados, drogados, pedintes. Desde dificultar o acesso ao impedimento de entrar no ambiente, essas atitudes que geram constrangimento, vergonha e humilhação produzem também um sentimento de que aquele espaço não o pertence, ele está inadequado ali, não é seu como um direito. Há um discurso de proteção às crianças mas porque há o privilégio para este grupo se comparado ao grupo de menores de rua, por exemplo? Este segundo grupo não merecia atenção diferenciada se há o discurso de compromisso com o desenvolvimento social e fomento da prática cidadã?

Ainda que algumas medidas sejam protetivas de outros grupos de usuários – crianças sendo protegidas de bêbados, por exemplo – não isenta a responsabilidade do profissional sobre este segundo grupo. A condição destes cidadãos que porventura frequentam a biblioteca pública – bêbados, drogados, por exemplo - não se revela como compromisso destes profissionais, em sua fala. Se na função social da biblioteca aparece o discurso

de melhoria da qualidade de vida, essa melhoria é para quem já tem uma vida melhor, um estabelecido, para que sua vida fique melhor ainda? E o discurso de melhorar a pessoa, alma, espírito, trazer bem estar, tocar as pessoas, não serve para os bêbados e drogados? Eles são só um problema de saúde pública (ou de segurança) ou o profissional - comprometido com o acesso à informação, não o acesso como fim em si mesmo, mas para gerar conhecimento e auxiliar na transformação das pessoas – também é parte da engrenagem e deve se comprometer com um desenvolvimento social em uma perspectiva mais ampla?

Creio ser as bibliotecas públicas o único lugar da alçada do Estado - um Estado concebido legalmente como Estado de Direito – capaz de auxiliar grupos como mendigos, moradores de rua e outros a buscarem orientação com autonomia, com liberdade, em seu tempo, sem condições impostas. Um ambiente capaz de promover vivências culturais, de lazer, formação e educativas, com uma infinidade de ideias e pensamentos à disposição que podem produzir conhecimento para transformação pessoal. Se não lá, onde mais? Há relatos jornalísticos de moradores de rua, por exemplo, que utilizaram a biblioteca pública para estudar para concurso e conseguiram alcançar seu objetivo. Cito esse caso, mas não creio que a biblioteca pública sirva só para isso, ajustar o humano em uma estrutura de trabalho, em que possa produzir e consumir, mas também, para que possa desenvolver o gosto pelo que é belo, pelo que é virtude. Faço coro à colocação do bibliotecário dirigente de biblioteca pública de Santa Catarina: a função das bibliotecas públicas é [...] *muito ampla [...]*, uma função que a permite poder [...] *tudo e muito mais [...]*, [...] *única [...]*, *importantíssima!*

Outra observação importante é com relação às regras estabelecidas para o gerenciamento dos serviços. Elas foram abordadas na perspectiva de uma boa prática ética do profissional nas bibliotecas públicas (inclusive para combater a discriminação de usuários, por exemplo, ao abonar o comprovante de residência para cadastro pessoal) e também como medidas que podem promover a exclusão nestes ambientes de atuação. Ao discorrer sobre o bibliotecário de biblioteca pública que atua em Santa Catarina, o identificou como um sujeito preso às regras e desta atitude decorre o afastamento do usuário. Se o profissional percebe que esta medida afasta e

termina por excluir os usuários, porque continua fazendo? Se declara que o atendimento ao usuário é a atividade mais importante desempenhada pelo bibliotecário que atua em bibliotecas públicas, por que não está atento a isso? É um usuário específico que se deseja atender ou a todos sem discriminação?

A resistência não se limita à reflexão, também é uma resistência de ação, quando o assunto é relativo aos usuários estigmatizados. Além de estar “*preso nisso*” quanto às regras, não possibilitando uma visão inclusiva, também demonstra-se um profissional pouco afeito a mudanças, com dificuldade de ampliar o pensamento e atuar na construção de sua própria realidade. Sua formação é, portanto, trazida à tona e demonstra-se pouco humanística e o profissional, com exceções, se revela um técnico. Ainda que haja em seu discurso (inclusive nos ambientes de formação) a centralidade no usuário, há que se perguntar diante de tudo que já foi exposto: de qual usuário estamos falando entre os pares, informalmente, e nos ambientes de formação, incluindo o universitário? Falamos dos excluídos, como alguns já caracterizados neste estudo? Para aguçar o exercício de reflexão talvez seja instigante trazer novamente Nietzsche (2012b, p. 136): “Ouvimos apenas as questões para as quais somos capazes de encontrar resposta.”

A resistência de ação para a diminuição das desigualdades é uma resistência ao exercício político e tem como consequências um grupo profissional pouco coeso, isolado, pouco articulado, oprimido, que não se sente visto, escutado e amparado e permanece esperando o amparo. Seu vínculo de coesão e toda sua esperança de ser sentido como profissional necessário está muito pautado no aparato legal, mais especificamente, na Lei que confere reserva de mercado. Também parece estar “*preso nisso*”.

Há que se pensar que, também, este aparato legal pode interferir em sua postura ética e na questão de seu dever em uma visão mais ampla, sem se apropriar de si como sujeito autônomo e questionador de padrões morais e normativas que incidem sobre seu pensar, sentir e agir. Talvez, haja medo. No Código de Ética do Bibliotecário, por exemplo, há uma prerrogativa de que é proibido fazer comentários desabonadores sobre a profissão e de entidades afins à mesma. Desabonar é não dar crédito, não dar confiança, não conferir verdade. Há uma

dificuldade institucionalizada em lidar com a crítica, pautada na censura que diante de toda conjuntura já exposta nesta Tese, também pode ser responsável por promover um profissional que tem medo, com resistência em desenvolver uma prática de reflexão ética que tanto afeta o seu fazer os e indivíduos que dependem de sua atuação. Mais um pouco de Nietzsche (2012b, p. 98):

E o trabalho dos homens até hoje foi entrar em acordo acerca de muitas coisas e submeter-se a uma lei da concordância – não importando se tais coisas são verdadeiras ou falsas. A imagem das coisas se move e se desloca ininterruptamente, e a partir de agora, talvez com rapidez maior do que nunca, sem cessar, precisamente os espíritos mais seletos se revoltam contra tal obrigatoriedade.

Relevante registrar que o grupo mencionou organismos como a Associação Catarinense de Bibliotecários e o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de Santa Catarina. Quanto ao primeiro - enalteceu seu trabalho nos últimos tempos – embora somente dois declararam fazer parte do movimento associativo, o que auxilia na compreensão de um grupo pouco articulado politicamente e isolado em suas práticas, que não troca, não compartilha. O segundo foi alvo de lembranças nostálgicas de uma época em que o Sistema era gerenciado pela Udesc. Atualmente sua presença não é sentida, embora reconheça que precise também efetivar sua participação enquanto profissional.

Outras formas de exclusão passíveis às bibliotecas públicas são mencionadas pelo sujeito: em sua maioria, as bibliotecas são mantidas por um acervo composto basicamente por doação; espaço mal planejado, sem privilegiar usuários que possuam necessidades especiais; sem infraestrutura, muitas vezes sem ar condicionado, sem internet; situadas em locais de difícil acesso para uma parcela da população (talvez a que mais precise); horários incompatíveis com a rotina do trabalhador, por exemplo; dificuldade orçamentária; trabalhadores escassos.

Houve quem não lembrou ou não percebeu ter vivido nenhuma situação pessoal ou com outros em relação à exclusão, entretanto, a maioria expôs seus relatos. Mencionaram o

sentimento de vergonha ou humilhação em virtude da ocupação de seus pais ou responsáveis - oportunizando a reflexão em torno do estigma que há também nas profissões e ocupações. As situações de exclusão pessoal (ou sensação de exclusão) e percebidas na vida de terceiros se estendem para a Universidade (pela condição de ser do interior ou ter situação econômica desfavorável), para os ambientes de trabalho, lojas (por estar mal vestido), grupos de amigos e na relação de prestação de algum serviço.

Também relatou situações de exclusão envolvendo pessoas sem estudo, mal vestidas, moradores de rua, andarilhos, latinos, gordos, negros, porte físico, pessoas com linguagem característica do interior, com necessidades especiais, pobres.

Ao elaborar suas representações a respeito do conceito de exclusão social muitas vezes o faz referindo-se aos grupos citados anteriormente que sofrem alguns estigmas e acrescenta outros como não ser do Centro, ou morar mais distante, pedintes, bêbados⁴³...

A esse respeito, evidencia-se que ao elaborar o conceito a partir da aparência estigmatizada (do interior, negro, morador de rua...), faz menção ao que Elias e Scotson (2001) denominaram “rótulo”, o que os autores em sua pesquisa etnográfica concluíram como não sendo a razão da exclusão de um grupo (o grupo excluído, denominado *outsider*) no microcosmo de Winston Parva, tão abordado neste estudo. É um problema de mobilidade social em seu sentido mais abrangente. Trata-se do “encontro” (em virtude de uma mobilidade) de pessoas ou grupos de unidades sociais diferentes e que se comportam de maneiras distintas. Esse comportamento reproduz um valor e nesse “encontro” também é um “encontro” de padrões, crenças e costumes diferentes. Ainda que sejam todos humanos, parte da mesma raça, o receio da mudança de seus padrões leva um grupo ou indivíduo a menosprezar os padrões cultivados por outros grupos ou indivíduos.

Essa questão é relevante para o estudo, já que o sujeito coletivo se demonstrou atento aos “rótulos”, atento ao aparente,

⁴³ Relevante destacar não haver menção à condição de gênero, sendo as dezoito entrevistadas todas mulheres.

ao que foi estipulado pelo grupo dominante e, neste caso, o reproduziu. Elias e Scotson (2001) denominaram essa situação de “fantasiosa”, alguém ou um grupo de indivíduos determinar grupos inferiores e identificar neles alguma característica física ou condicional que os identifique publicamente. A sociedade termina por absorver essas ideias e reproduzir, enquanto elas se alastram causando desequilíbrio social.

Destacam, ao manifestar-se sobre o conceito de exclusão, situações pertinentes como a condição de estar à margem, de ser discriminado, de não ter acesso a serviços, aos direitos fundamentais, estudo, à informação, desigualdade, falta de oportunidade e de políticas públicas. Também enfatizam como exclusão, a condição de sentir medo e não se apropriar de seus direitos e a desigualdade salarial em sua profissão.

Na expressão de suas ideias, coloca que exclusão pode ser até alguém te olhar diferente “*meia torta*”, provavelmente uma emoção sentida. Nesse sentido, destaca também que muitas vezes a exclusão pode ser apenas uma sensação de exclusão. Relata que pode ser também falta de vontade, de se colocar à disposição.

A postura passiva do bibliotecário também é uma postura excludente, de si mesmo enquanto profissional na configuração de interdependência com os demais gestores públicos superiores na hierarquia estatal, e para os usuários pois esta postura alcança-os e prejudica-os.

Este grupo pode ser percebido como “incluído” por exemplo, em benefícios ligados ao seu agrupamento profissional mas carregam em sua história marcas da exclusão que atuam em sua identidade.

A busca por conhecer os sentidos das representações reveladas pelos bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas catarinenses nos seus discursos acerca da exclusão social em seu contexto de atuação revelou que seu posicionamento e relação com o trabalho e classe profissional, bem como, a qualidade do serviço prestado nas bibliotecas públicas em que são dirigentes e que levam à exclusão dos usuários possuem relação com sua própria identidade como excluído, como se assumem e veem diante dos gestores públicos a quem estão submetidos. O encontro com o excluído, em seu ambiente de atuação, pode representar um encontro com uma imagem própria que não deseja encarar.

O centro da questão da exclusão entre indivíduos ou grupos está no “encontro”, confronto e na não aceitação de valores e costumes diferentes. No caminho percorrido por este grupo estudado há um zelo pela manutenção do que está posto, do que é conhecido, da ordem das coisas. Lembrando o instinto de rebanho, a mudança não é somente mudança de lugar objetivado, mas mudança de costumes.

O que há de relevante, no contexto desta Tese para a Ciência da Informação? Inicialmente é possível pensar na contribuição de um movimento de estímulo, interesse real, estudos e registros entre os pesquisadores sobre tais questões, tão raras, neste campo do conhecimento. Estudos que privilegiem olhar para a atuação de profissionais da informação e possam gerar registros que alcancem os profissionais no sentido de promover reflexão para mudança de suas práticas. Esse não é um compromisso exclusivo da Ciência da Informação, entretanto, no nosso caso específico da CI, há uma lacuna no tratamento da abordagem humana e um silêncio (quase ensurdecedor) quando a abordagem se trata de humanos excluídos. Se não nós, quem?

O “povão” não tem acesso garantido à biblioteca pública e isso se relaciona com a atuação do profissional que atua nestes espaços. Quem são esses indivíduos, que dificuldades enfrentam em seus ambientes de atuação, como lidam com essas dificuldades, o que pensam sobre suas atividades? Tais questões são da alçada de quais áreas do conhecimento?

Através da constatação de uma identidade profissional que também se configura como *outsider*, diante dos gestores a quem estão submetidos na hierarquia estatal, há perguntas que podem ser elaboradas e colocadas para os pesquisadores da CI e demais envolvidos para a efetivação de ações que promovam mudanças: como as instituições – Universidades e Associações, por exemplo - que formam ou auxiliam na formação destes profissionais podem (e devem, se comprometidas com a ética profissional) atuar? Queremos realmente uma biblioteca pública, entendemos por que é necessária no contexto do desenvolvimento social? Queremos que ela esteja disponível para o “povão”⁴⁴ ou restrita a parcelas específicas da população?

⁴⁴O termo povão compõe também a expressão que é título da tese, extraída da fala de uma das entrevistadas.

Por que há tão pouco interesse de pesquisa sobre o assunto neste campo do conhecimento, que, em princípio seria o responsável, por fomentar conhecimentos para transformar a realidade?

Se na essência da questão da exclusão entre indivíduos ou grupos, como pudemos evidenciar através do modelo de Winston Parva, está também o zelo pela manutenção do que está posto e conhecido, não seria salutar fazer um esforço para rever o direcionamento na formação destes profissionais, na reflexão que se realiza (e que inicia na escolha das temáticas) nos eventos em que estão presentes estes profissionais, evitando, também, deixar esse assunto (equivocadamente) com o estigma de “obsoleto”, “de pouco interesse”, “com pouco apelo para possíveis pagantes”?

Há quem ouça?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. *Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas*. Londrina: Ed. UEL, 1997.

_____. *Sociedade e biblioteconomia*. São Paulo: Polis; APB, 1997.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAYA UMAÑA, Sandra. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. *Cuaderno de Ciencias Sociales*, San José, Costa Rica, n. 127, 2002.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE BIBLIOTECÁRIOS.
Disponível em:< <http://www.acbsc.org.br/>>. Acesso em: 18 maio 2015.

AZEVEDO, Fabiano Catalogo de. 200 anos da Primeira Biblioteca Pública do Brasil: considerações histórico-biblioteconômicas acerca dessa efeméride. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 17, n. 2, p. 2-25, abr./jun., 2012. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1390/1027>>. Acesso em 12 mar 2015.

AZEVEDO, Ricardo. Senso comum, samba e discurso popular. *Boitáta*: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 5, jan.-jul., 2008. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/Artigo_Ricardo_Azevedo.pdf>. Acesso em: 12 jan 2015.

BAIXAR MAPAS. Regiões. *Santa Catarina, mapa das mesorregiões*. Disponível

em:<<http://www.baixarmapas.com.br/mapa/estado/santa-catarina/>>. Acesso em: 28 jun 2015.

BANDEIRA, Pedro. *Uma alternativa ao desespero*. Disponível em: <<http://www.blogdogaleno.com.br/2007/04/04/uma-alternativa-ao-desespero>>. Acesso em: 10 out 2016.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta, 2003.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERNARDO, Gustavo. (Org.). *A filosofia da ficção de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: Faperj; Instituto de Letras da UERJ, 2011.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Biblioteca Nacional. *Histórico*. Disponível em:<<http://www.bn.br/biblioteca-nacional/historico>>. Acesso em: 13 mar 2015a.

_____. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 12 mar 2015.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos*. Disponível em:<<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarles&codigoArea=60700009&descricaoArea=CI%CANCIAIS+SOCIAIS+APLICADAS+&descricaoAreaConhecimento=CI%CANCIA+DA+INFORMA%C7%C3O&descricaoAreaAvaliacao=CI%CANCIAIS+SOCIAIS+APLICADAS+I>>. Acesso em: 21 jun 2015b.

_____. *Decreto n. 519, de 13 de maio de 1992a*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0520.htm>. Acesso em 22 maio 2015.

_____. *Decreto n. 520, de 13 de maio de 1992b*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0520.htm>. Acesso em 22 maio 2015.

_____. *Decreto-Lei n. 93 de 21 de dezembro de 1937*. Cria o Instituto Nacional do Livro. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-93-21-dezembro-1937-350842-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 maio 2015.

_____. Lei n. 10.753 de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm>. Acesso em: 13 maio 2015.

_____. *Lei n. 4084 de 30 de junho de 1962*. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em 22 maio 2015.

_____. Lei n. 7.505 de 2 de julho de 1986. Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/L7505.htm>. Acesso em 22 maio 2015.

_____. Lei n. 8.313 de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm>. Acesso em 22 maio 2015.

_____. Ministério da Cultura. Acesso à Informação. Programas e Ações. *Plano Nacional de Livro e Leitura*. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pnll>>. Acesso em 15 abr 2015c.

_____. Ministério da Cultura. O Ministério. Secretaria. SCDC. Cultura Viva. *Pontos de Cultura*. 2013. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/apresentacao>>. Acesso em 15 abr 2015.

_____. Ministério da Educação. *eMEC*. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em 2 fev 2017.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Arca das Letras*. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/arcadasletras/>>. Acesso em 22 maio 2015e.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Bolsa Família*. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 10 jun 2015f.

_____. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 22 jun 2015

_____. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Informação. *Dados das bibliotecas públicas no Brasil*. Disponível em: <<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>>. Acesso em 15 jun 2015g.

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO, César Augusto. *História da biblioteconomia brasileira*. Thesaurus Editora, 2000.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Cultura informacional e gestão de bibliotecas públicas municipais: competências e uso da informação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 11., 2010, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: ENANCIB, 2010.

CENTRO REGIONAL PARA EL FOMENTO DEL LIBRO EN AMERICA LATINA Y EL CARIBE – CERLALC. Análisis

comparado de planes nacionales de lectura en Iberoamérica. Colômbia. 2005. Disponível em: <cerlalc.org/wp-content/uploads/2013/03/Region_Lectores.pdf>. Acesso em: 18 mar 2015.

CEPIK, Marco. Direito à informação: situação legal e desafios. *Informática Pública*. v. 2, n. 2, p. 43-56, 2000. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/31106-34214-1-PB.pdf>>. Acesso em 21 out 2016.

CESARINO, Frederico Nicolau. O pensamento sociológico do século XX: as sociologias de Talcott Parsons, Norbert Elias e Erving Goffman. *Pós: Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 351-370, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/>>. Acesso em: 1 jun 2015.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). *Parecer n. 326*. Dispõe sobre a ficha currículo mínimo e determina a duração do curso de Biblioteconomia. Brasília, 1962.

_____. *Resolução n. 08/82, de 29 de outubro de 1982*. Fixa os mínimos de conteúdo e duração do Curso de Biblioteconomia. Documenta, Brasília, n. 265, p. 246, dez. 1982.

_____. *Parecer CNE/CES 492/2001*. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 23 maio 2015.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA 14. REGIÃO. Disponível em: <<http://www.crb14.org.br/>>. Acesso em: 1 jun 2015.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis*: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2010.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Elementos de teoria geral do Estado*. 2. ed. atual. São Paulo: Saraiva, 1998.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro: construções raciais e imagens do controle do corpo feminino negro, o caso da Vênus de Hotentote. *Fazendo Gênero*, v. 8, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Janaina_Damasce no_69.pdf>. Acesso em: 22 jun 2015.

DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia*. São Paulo: Centauro, 2008.

DEMO, Pedro. *O charme da exclusão social*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga*: uma história de vida. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DOMÍNGUEZ LÓPEZ, Raymundo. Ciudadanía y políticas en la definición del entorno social. In: LEÓN Y RAMÍREZ, Juan Carlos; MORA VELÁZQUEZ, Salvador. *Ciudadanía, democracia y políticas públicas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México; Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, 2006. p. 171-188.

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*: investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ECO, Umberto. Quando o outro entra em cena, nasce a ética. In: ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. *Em que crêem os que não crêem?* 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ELIAS, Norbert. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

_____; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: a formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2012.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/>>. Acesso em: 16 jun 2015.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. *Manifesto da UNESCO sobre as bibliotecas públicas*. 1994. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 23 jun 2015.

FEITOSA, Luiz Tadeu. *O poço da draga: a favela e a biblioteca*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

FERNANDEZ, Maria Aparecida Arias; MACHADO, Elisa Campos. Projeto “mais bibliotecas públicas”: uma estratégia de mobilização local. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 11, n. esp., p. 163-180, 2015.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. *Transinformação*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, maio/ago, 2003.

FLICK, Uwe. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131- 138, set. 1980.

FLUSSER, Vilém. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998

_____. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *Livros*. Disponível em: <<http://www.flusserbrasil.com/art157.pdf>>. Acesso em: 13 mar 2015.

_____. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. *O natural: mente*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. 2. ed. Brasília: Brique de Lemos, 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf>. Acesso em: 2 nov 2016.

_____. *Pedagogia da autonomia*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/bibliotecapublica/pagina/7881/historico>>. Acesso em: 21 mar 2015.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Censo Nacional de Bibliotecas Públicas Municipais*: estudo quantitativo, principais resultados. 2010. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/estudos-e-pesquisas/censo-nacional-das-bibliotecas-publicas-municipais>>. Acesso em 15 jun 2015.

GEDRAT, Doris Cristina. Análise do discurso. In: FLORES, Onici (Org.). *Teorias do texto e do discurso*. Canoas, RS: Ulbra, 2006. p. 123-162.

GIACOMETTI, Maria Marta; VELLOSO, Maria de Fátima. Bibliotecária: uma profissão feminina. *Boletim ABDF Nova Série*, v. 10, n. 1, p. 15-16, jan./mar. 1987.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação social: humilhação política. In: SOUZA, Beatriz de Paula (Org). *Orientação e queixa escolar*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2007. p. 187-222

_____. A invisibilidade pública. In: COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis*: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2010. p. 9-48.

GOULARTI FILHO, Alcides. A formação econômica de Santa Catarina. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 977-1007, 2002.

GUARESCHI, P. Representações sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO-SCHULZE, C. M. (Org.). *Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social*. Florianópolis: Imprensa Universitária/UFSC, 1996. p. 9-35.

_____. Representações sociais e ideologia. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, ed. esp. p. 33-46, 2000. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/24122/21517>>. Acesso em: 22 fev 2015.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. p. 89-104.

_____. *Produzir sua obra: o momento da tese*. Brasília: Liber Livro, 2005.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; CHAGAS, Magda Teixeira. Criação do Curso de Graduação em Biblioteconomia: breve histórico. In: HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; SOUZA, Francisco das Chagas de (Orgs.). *Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos*. Florianópolis: Casa do Escritor, 2013. p. 71-95.

HOFLING, Eloísa de Mattos. Estado e políticas (públicas) sociais. *Cadernos Cedes*, ano 21, n. 55, p. 30-41, nov. 2001.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Tradução de Artur Morão. Portugal: Edições 70, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Santa Catarina*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acesso em: 11 jun 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Informações estatísticas. *InepData*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/inepdata>>. Acesso em: 20 ago 2015.

INSTITUTO PRÓ- LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 2012. Disponível

em:<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em 22 out 2014.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 56-66.

JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais. *Psicologia e Sociedade*, v. 10, n. 1, p. 54-68, 1998.

KOIDIN, Julie. *Os sorrisos do choro*. São Paulo: Choro Music, 2011.

KOONTZ, Christie; GUBBIN, Barbara (Ed.). *Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública*. 2. ed. rev. Berlim: IFLA, 2010.

LEAL, Giuliana Franco. A noção de exclusão social em debate: aplicabilidade e implicações para a intervenção prática. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de setembro de 2004.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. A sociedade do conhecimento: passes e impasses. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 152, p. 11-20, jan./mar., 2003.

LE COADIC, Yves-Françoise. *A ciência da informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber Livro, 2009.

_____. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

_____. *Pesquisa de representação social: um enfoque qualitativo*. Brasília: Liber Livro, 2012.

_____. *O que é pesquisa qualitativa levada a sério*. São Paulo. 2003. Disponível em: <http://www.fsp.usp.br/quali-saude/Discurso_o_que_e.htm>. Acesso em: 22 nov 2014.

_____. O sujeito coletivo que fala. *Interface*, v. 10, n. 20, p. 517-524, jul./dez., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/17.pdf> Acesso em: 22 jan 2015.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Tradução de Anoir Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MACHADO, César Canto. *Biblioteca Pública de Santa Catarina: 153 anos de história*. Florianópolis: Insular, 2007.

MACHADO, Elisa Campos *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Políticas públicas para bibliotecas no Brasil. *InCID*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 94-111, 2010. Disponível em: <www.revistas.usp.br/incid/article/view/42307>. Acesso em: 23 maio 2015

_____; ELIAS JÚNIOR, Alberto Calil; ACHILLES, Daniele. A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 14, n. esp., p. 115-127, out. /dez., 2014.

MAIOLINO, Ana Lucia Gonçalves; MANCEBO, Deise. Análise histórica da desigualdade: marginalidade, segregação e exclusão. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 2, p. 14-20, maio/ago. 2005.

MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MEDELLÍN TORRES, Pedro. *La política de las políticas públicas: propuesta teórica y metodológica para el estudio de las políticas públicas em países de frágil institucionalid*. Santiago: Nações Unidas, 2004.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

MENDONÇA, Cleci; SOUZA, Francisco das Chagas de. O curso de graduação em Biblioteconomia da UFSC: ação pioneira de Alvaceli Lusa Braga. In: HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; SOUZA, Francisco das Chagas de (Orgs.). *Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos*. Florianópolis: Casa do Escritor, 2013. p. 39-70.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção: biblioteca, centro de cultura*. 4. ed. rev. e ampl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *O que é biblioteca*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n3/v17n3a07>>. Acesso em: 15 jan 2015.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun., 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1452/1496>>. Acesso em 12 fev 2015.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. *Cad. CRH*, Salvador, n. 21, p. 29-47, jul./dez. 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OHIRA, Maria de Lourdes Blatt et al. Alteração curricular do curso de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina: UDESC. *Transinformação*, v. 14, n. 1, p. 71-82, jan./jun., 2002.

ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. Bibliotecas Públicas: políticas do Estado brasileiro de 1990 a 2006. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 251-251, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-99362008000300022&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 jun 2015.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215- 253.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RASCHE, Francisca. *Ética em bibliotecas públicas: representações de ética de profissionais da informação bibliotecários*. Florianópolis, 2005. 280f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em bibliotecas públicas. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan./abr. 2013.

RIOS, Terezinha Azeredo. A ética na pesquisa e a epistemologia do pesquisador. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 80-86, jun. 2006. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v12n19/v12n19a08.pdf>>. Acesso em 15 jan 2015.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n.3, p. 183-93, set./dez. 2006.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SALOMON, Delcio Vieira. *A maravilhosa incerteza: ensaio de metodologia dialética sobre a problematização no processo do pensar, pesquisar e criar*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Ética*. 36. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SANTA CATARINA (Estado). Fundação Catarinense de Cultura. Programas e Ações. Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina – SBPSC. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/?mod=pagina&id=12661>>. Acesso em 22 maio 2015.

_____. *História*. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/historia>>. Acesso em: 15 jul 2015.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SAWAYA, Bader Burihan. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: _____. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-15.

_____. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: _____. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 97-118.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2008.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SHAUGHNESSY, John J.; ZECHMEISTER, Eugene B.; ZECHMEISTER, Jeanne S. *Metodologia da pesquisa em psicologia*. 9. ed. Porto Alegre: McGraw Hill, 2012.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. *Bibliotecas públicas e seu público: coletivo disforme?* Infohome. Coluna. Reflexões éticas. set 2016. Disponível em <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1004>. Acesso em: 12 dez 2016.

_____. *É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias*. Curitiba: Appris, 2014.

_____; SILVA, Esni Soares da. Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina: apresentação e reflexões atuais. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 25., 2013, Florianópolis, *Anais...* Florianópolis: FEBAB, 2013.

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SORJ, Bernardo. *A democracia inesperada: cidadania, direitos humanos e desigualdade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SOUSA, Ana Livia Mendes de *et al.* A ação do bibliotecário na garantia do acesso e do direito à informação nas bibliotecas públicas. *BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 28, n. 2, p. 37-45, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18687>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão de literatura. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, n. 16, p. 20-45, jul/dez, 2006.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A ABEBD e o currículo de bacharelado em Biblioteconomia no Brasil, de 1967 a 2000. *Informação e Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 203-212, jan./abr., 2011. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4054>>. Acesso em: 21 mar 2015.

_____. *O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: 1990.

_____. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) do Curso de Biblioteconomia no Brasil. *Informação e Sociedade: Estudos*, João Pessoa, 2002.

_____. Ética bibliotecária no contexto atual. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12. n. 1, p. 136-147, jan. /abr., 2007.

_____. Formação de bibliotecários para uma sociedade livre. Florianópolis, *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 6, n. 11, p. 39-51, jun., 2001.

_____. *Prática profissional e ética: dez atitudes questionáveis do bibliotecário brasileiro registrado nos Conselhos de Biblioteconomia*. Infohome. Coluna Prática Profissional e Ética. dez. 2014. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=875>. Acesso em: 21 jun 2015.

_____. *Prática profissional e ética: dez medos corrosivos à auto estima do bibliotecário brasileiro*. Infohome. Coluna Prática Profissional e Ética. nov. 2014. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=869>. Acesso em: 21 jun 2015.

_____. *Prática profissional e ética: que é da representatividade profissional do bibliotecário brasileiro?*. Infohome. Coluna Prática Profissional e Ética. ago. 2012. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo_print.php?cod=875>. Acesso em: 21 jun 2015.

SOUZA, Rosali Fernandez de; STUMPF, Ida Regina Chitto. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da Pós-graduação no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 14. n.

esp. p. 41-58, 2009. Disponível em:
<www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a04v14nspe.pdf>. Acesso em:
10 set. 2012.

STEINDEL, Gisela Eggert; TOLEDO, Luciane Gonçalves. A Biblioteca Pública de Santa Catarina como um lugar de práticas culturais: entre documentos e falas. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação – Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Escola de música UFRJ. Início. A escola. *Localização*. Disponível em:<http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=65>. Acesso em: 22 mar 2015.

UNOCHAPECÓ. Biblioteconomia. O curso. Dados legais. Disponível em:
<<https://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/sites/ppc/biblioteconomia.pdf>>. Acesso em: 25 set 2016.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Exclusão social: um problema de 500 anos. In: SAWAIA, Bader. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 27-50.

VIEIRA, M. A. C.; RAMOS BEZERRA, E. M.; MAFFEI ROSA C. M. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

WAGNER, Helmut R. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 11-62.

WAGNER, Helmut R. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: SCHUTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 16-26.

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Florianópolis, de..... de 201...

Prezado(a),

Eu, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva, doutoranda de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC) estou realizando a pesquisa intitulada “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS DIRIGENTES DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS EM SANTA CATARINA SOBRE EXCLUSÃO SOCIAL: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA” com o objetivo conhecer os sentidos das representações reveladas pelos bibliotecários de bibliotecas públicas nos seus discursos acerca da exclusão social em seu contexto de atuação.

Junto ao meu orientador, Francisco das Chagas de Souza, solicito sua participação mediante resposta a um questionário e a uma entrevista gravada com oito questões. De igual forma, solicito sua autorização para a utilização dos dados coletados para o estudo mencionado, desde já informando o comprometimento com a ética na pesquisa que assegura o sigilo e a preservação da identidade de todos os participantes. Outro compromisso assumido com o participante é com o retorno dos resultados da pesquisa.

Serão entrevistados bibliotecários(as) de bibliotecas públicas catarinenses e sua aceitação em participar da pesquisa é muito importante para a execução da mesma, podendo ao final produzir uma contribuição relevante para fomentar a discussão nacional sobre a atuação profissional de bibliotecários em bibliotecas públicas. Em qualquer momento, fique a vontade para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e desistir da participação, se assim desejar.

Agradeço sua participação e colaboração com o desenvolvimento da pesquisa em Ciência da Informação e em caso de dúvida estou à disposição através do e-mail ana.oliveira@ufsc.br.

Cordialmente,

Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva
Doutoranda do PGCIN/UFSC

Prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza
Orientador

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS DIRIGENTES DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS EM SANTA CATARINA SOBRE EXCLUSÃO SOCIAL: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA”, que fará entrevista com gravação de áudio e aplicará questionário com dezoito bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas no Estado de Santa Catarina tendo como objetivo conhecer os sentidos das representações reveladas pelos bibliotecários de bibliotecas públicas nos seus discursos acerca da exclusão social em seu contexto de atuação. A pesquisa se justifica pela ausência de trabalhos sobre exclusão social em bibliotecas públicas principalmente a partir da percepção dos dirigentes destes espaços/serviços, bem como, pela potencialidade reflexiva destas percepções acerca de suas próprias práticas. Serão previamente marcados a data, horário e local mais adequados para o entrevistado para as entrevistas com oito perguntas e resposta ao questionário que inclui dados pessoais (idade, sexo, estado civil e cidade/Estado de nascimento), bem como, formação e atuação profissional. Não é obrigatório responder todas as perguntas e ao questionário, sua participação é de livre escolha.

Os riscos em participar desta pesquisa figuram em virtude do entrevistado ceder seu tempo e/ou sentir qualquer desconforto com as perguntas de entrevista, bem como, o risco da quebra de sigilo. Nesse caso, vale lembrar que a legislação inclui uma cláusula genérica sobre indenizações a que o participante pode achar-se no direito de receber por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa, inclusive relacionados à quebra de sigilo.

Com relação aos benefícios e vantagens em participar deste estudo, em curto prazo, para o participante não há benefícios. Estes figuram em longo prazo, na possibilidade do

fomento a pesquisas em prol do desenvolvimento dos bibliotecários e das bibliotecas públicas brasileiras.

A pessoa que acompanhará os procedimentos será a pesquisadora Ana Claudia Perpétuo de Oliveira, estudante de doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento e a pesquisadora prezarà pela garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa. Ainda que exista, como já mencionado, a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntária e não intencional, as consequências serão tratadas nos termos da lei.

Você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa e, caso ela venha ocorrer, você será ressarcido. A legislação também prevê a solicitação de indenização em caso de prejuízos materiais ou imateriais decorrentes da sua participação.

Solicitamos a sua autorização para a utilização das informações coletadas para a participação em eventos e produção de artigos técnicos e científicos que mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução n.466 de 12 de dezembro de 2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa. Guarde sua via pois é um documento que, além de informações de contato, garante os seus direitos como participante desta pesquisa.

ANA CLAUDIA PERPÉTUO DE OLIVEIRA DA SILVA

e-mail: anacpo72@gmail.com <telefone da pesquisadora>

<ENDEREÇO DA PESQUISADORA>

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos –
CEPSH/UFSC

Rua Desembargador Vitor Lima, 222 - Trindade – Florianópolis –
SC Fone/Fax: (48)37216094

e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - SEPN 510,
Norte, Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF-
CEP: 70750-521 - Fone: (61)3315-5878/ 5879 – e-mail:
conep@saude.gov.br

Eu _____ (nome _____ por _____ extenso),

_____ RG _____, declaro que li este
documento e obtive dos pesquisadores todas as informações
que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por
livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

Assinatura do entrevistado

Local: _____

Data: ____/____/____ .

APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL LEGAL DA INSTITUIÇÃO

DECLARAÇÃO

(responsável pela instituição da coleta de dados)

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição

.....
..... (nome instituição), tomei conhecimento do projeto de pesquisa "REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS DIRIGENTES DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS EM SANTA CATARINA SOBRE EXCLUSÃO SOCIAL: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis,/...../.....

ASSINATURA:

.....
NOME :

.....
CARGO:

.....
CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL

APÊNDICE D - CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÕES DE ÁUDIO

Permito que sejam realizadas gravações de áudio em entrevista concedida por mim para fins da pesquisa científica intitulada “Representações sociais de bibliotecários dirigentes de bibliotecas públicas em Santa Catarina sobre exclusão social: abordagem fenomenológica”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____

Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO

A) IDENTIFICAÇÃO - DADOS PESSOAIS

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Estado civil: _____

Cidade e Estado de nascimento: _____

B) FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Universidade _____ em _____ que _____ se _____ graduou _____ em
Biblioteconomia: _____

Ano de conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia: _____

Estudou em Outro Curso de Graduação () Sim () Não.
Concluído () Sim () Não
Instituição: _____

Indique se fez algum curso de pós-graduação (informe a titulação mais alta), se concluiu o curso e em qual Instituição e área de estudo: _____

C) ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Antes de atuar como bibliotecário teve alguma outra ocupação ou profissão? Sim () Não () Qual(is)? _____

Em que ano começou a atuar profissionalmente como bibliotecário(a)? _____

Em que ano começou a atuar como bibliotecário(a) na Biblioteca Pública em questão? _____

Antes disso já havia atuado em outra Biblioteca Pública? () Sim () Não

Se sim, qual? _____

Qual foi a forma de ingresso na Biblioteca Pública que atua?

() Concurso público () Indicação política

() Outro. Qual? _____

Quantas horas de trabalho semanal e qual o período (matutino,

vespertino, _____ noturno) _____ de
trabalho? _____

A Biblioteca Pública em que você atua atende em outras localidades além da sede? _____

A Biblioteca Pública em que você atua abre nos finais de semana e/ou feriados? Se sim, qual o horário de atendimento ao público? _____

Já havia exercido cargo de coordenação/chefia anteriormente?

() Sim. Por quanto tempo? _____

() Não.

Descreva as atividades que mais ocupam seu tempo em sua função: _____

Descreva as atividades que julga mais importantes em sua função: _____

Possui outra ocupação profissional? () Sim () Não.
Qual? _____

Participa ou já participou das atividades em entidades profissionais (associações) ou órgãos da categoria (conselho)?

() Sim () Não.

Qual(is) e em qual período? _____

Fez viagem de estudos e estágio em Bibliotecas Públicas no exterior? () Sim () Não. Onde: _____

Por quanto tempo? _____. (obs: liste as 2 últimas no caso de ter participado de mais de duas viagens)

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais
- 2 Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram
- 3 Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública
- 4 Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina
- 5 Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas
- 6 Como define exclusão social?
- 7 Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.
- 8 Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADA 1

1) **Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.**

Meu Deus, tantos anos, é muita história. Bom eu sou, a minha mãe casou com um homem, um viúvo com 11 filhos, ela tinha 19 ele 40 e poucos, desse “rala e rola” nasceu eu. Depois eles se separaram, não deu certo, fui morar com minha vó, fiquei um período com minha vó, pobre, muito pobre, neta de pescador, a minha mãe arrumou um outro marido, como eu era mais velha, dela, da parte de mãe, eu fui morar com meu padrasto, ela e meu padrasto, lá ela arrumou mais sete filhos com meu padrasto. O meu padrasto era um afrodescendente, analfabeto, toda noite me acordava para fazer o mingau dos pequenos, todo ano era um, naquela época não tinha fogão a gás não, era fogãozinho a lenha, quando não pegava aquelas “verdinhas” saindo fumaça, e fazia o mingauzinho das crianças. Era um contexto assim, muito pobre, mas tinha um lado da questão de valores muito produtivo que meu padrasto ele sempre, assim, era muito religioso, a gente obedecia os mais velhos, a honestidade, sempre assim, não mexia no que era dos outros, então ele me passou isso. E a noite, na época, não, lá no cantão não tinha eletricidade, televisão muito menos, chegava a noite, antes da gente dormir, naqueles “belos aposentos de luxo”, as “tarimba” como dizia ele, a gente sentava em roda, ele rezava um terço que era o rosário, eu quase dormia mas ele dava uma chamada que num instantinho eu me acordava, e ele tinha mania de umas três vezes por semana contar histórias, na oralidade, e eu, assim, meu Deus, me deliciava com aquela história, não ligava muito para a reza mas as histórias eu ficava fascinada. Estudei numa escola isolada, a escola onde a professora dividia o quadro em pedacinhos para cada turminha, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Daí eu fiquei mais um tempo com eles e na parte da adolescência eu fui ficando mais rebelde e eu vi que aquilo ali não era pra mim e aí comecei a dar uns “piti” lá e chegou um dia e arrumei a minha, fiz igual a nordestino, peguei uma trouxinha, só faltou o pau de arara, botei nas costas e saí, fui pra minha vó. A minha vó me levou pra uma tia que trouxe pro meu pai, do meu pai eu fui morar com uma irmã que tinha seis filhos e era

professora. E lá eu retornei aos estudos, depois eu vim estudar no [escola] em [cidade], conheci meu marido, namoramos, casamos, tivemos filhos, quando eu já tinha os filhos, eu era professora, sou professora do magistério mas vim trabalhar como professora readaptada na biblioteca. E tive uma paixão enlouquecida pela biblioteca, aí fiz o vestibular, fui fazer Biblioteconomia na [Universidade], me formei, fiquei muito brava porque não conseguia a remuneração como graduada. Depois fui fazer Pedagogia, fiz a Pedagogia, consegui a graduação, mas aí eu ficava infeliz, eu ficava feliz pela graduação que melhorou o salário mas não me realizava dentro da sala de aula. E ao contrário, na biblioteca eu me realizava tanto financeiramente como o ego, ficava feliz em estar aqui atendendo o pessoal, em estar sempre incentivando os pequeninhos na leitura, com essa hora do conto, muitas vezes, pra que isso né, elas fazem na escola, aqui tem o [escola] que a professora do prezinho ela já traz a turminha e faz todo o cadastro, aí começa aquela sementinha, deles com a carteirinha, eles vem, pegam um livrinho, fazem o empréstimo domiciliar, devolve, vão levando. E aí eles já tem mais uma parte também social, que ao levarem para casa, já trazem os pais para conhecerem, o pai já lê a historinha pra eles, então tudo isso é meio que conectado né, eu fico muito feliz com isso, esse é meu contexto.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Muitas, muitas. Posto de saúde, se tu chega, até a roupa, com uma vestimenta assim mais coisa, você tem um atendimento. Se tu é aquele coitadinho lá, aquele que deveria ser bem atendido por ser uma pessoa às vezes sem estudo, ela vai ficando para trás. O jeito que eu vi essas pessoas chegarem lá, presenciei essas pessoas chegarem lá, e serem atendidas foi até uma coisa que me revoltou, tando de braço com um vereador, com um político, que daí eu fiquei assim, “é um safado né”, levando a pessoa já pra ficar com o curral eleitoral para ele, porque a família fica toda, “o seu Fulano, doutor né”, não tem coisa que me deixa mais triste de ver um pobre chamando um safado desse de doutor, que conseguiu um exame, então, meu Deus são várias assim que a gente presencia... Nas escolas, as crianças assim que não tem aquela, não vão bem arrumadinha,

um calçado, não tem o material da mídia, então, essa exclusão assim... É o preto, aí vem a etnia, é o preto, é o de longe, a linguagem, o porte físico, que é gordo, é orelhudo. Eu posso falar assim mais da infância, eu sofri assim, hoje em dia eles dizem que é *bullying*, naquela época era *bolido* mesmo, o meu padraço ele cortava pedra então era uma renda miserável e sempre na escola eu era assim uma das meninas que ia de Havaiana, morava no cantão, às vezes sujava os pés naquelas estradas de barro, a gente já ia assim mais inferior e eles chamavam muito de Pedreira, “a [nome da entrevistada] Pedreira” e aquilo assim me deixava triste. E as meninas elas tinham pasta, pra mim a pasta era assim uma riqueza, e eu ia com saquinho de arroz, os lápis era assim aqueles toquinhos, os cadernos encapados com papelzinho de pão... Mas fui, venci e aqui estou...

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Ah, eu adoro, a biblioteca pública... Até me arrepio assim de falar, da transformação que a gente vê nas pessoas que passam por aqui. Eles chegam, pegam um livrinho e aí tu vai vendo assim o crescimento dela, “ah, [nome da entrevistada], eu li esse, ah gostei...”, então todo esse comentário com o leitor, isso me emociona, porque... “ah não agora eu tô lendo tal...” eles comentam né. E esse crescimento intelectual, além do espaço, muitos não podem fazer aquisição de livros, como eu já falei, a Internet é uma coisa que muitos só conseguem aqui... A escola [escola que fica perto da biblioteca] ela abre 13h, então os transportes, eles chegam aqui com as crianças meia hora, esse período da meia hora até uma hora, isso aqui fica que é um né, fervendo, mas eu adoro. Às vezes eu vou ali, dou umas paulada assim, bato palma “oh pessoal, vamo ficar mais quietinho, tem muito barulho, tem gente lendo jornalzinho, está atrapalhando...” Mas eu vejo as menina assim fazendo selfie, aí eu disse “ai que selfie intelectual com uma estante de livros atrás”, eu brinco com elas... E é um espaço que aí elas vão no banheiro, elas usam o espelho pra se maquiarem, tomam aguinha, usam banheiro, então essa parte social eu acho interessante. Poderiam estar aí fora fazendo arte, traficando, passando droga, então quando eles estão aqui, parece assim que eu sinto um pouco filhos, que eles estão protegidos. E até mães vem junto, ficam com os pequeninhos lá no setor de literatura infantil, ficam ali, já vem um

livrinho, um jornal, eu acho bacana. Eu tenho assim um lado bem assim de mãezona com eles né, “meu Deus, como crescesse do ano passado pra cá”, que aí já passaram de coisa, e tu sente assim que eles já vão ficando assim mais hominho, meninas assim tudo cheia de coisinha ali, de batom, às vezes eu brinco com elas, aí eu digo assim pra elas “vocês sabem que um dia [nome da entrevistada] já teve a idade de vocês, e quando eu via assim uma pessoa assim chegando perto eu dizia assim, hum que velha enjoada, vocês não tão falando isso de mim não né?”, “não não [nome da entrevistada]”. As vezes quando estão meio com aqueles hormônios a flor da pele, se chegando eu digo assim “olha que a carne é fraca, se afasta um pouquinho que dá choque”, então é tudo assim na base da brincadeira, nada “vão pra fora que aqui é lugar de silêncio, silêncio”, não é nenhum mausoléu. Eu sei que é um periodozinho, depois eles vão abrir o portão, vai se acalmando... Eu acho que a biblioteca além dessa parte intelectual, de estar promovendo a leitura, aguçando a leitura, também tem esse espaço público de acolhedor, é isso que eu penso...

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Eu não tenho muita informação sobre isso. Os poucos que eu conheci, ele... É aqui [biblioteca pública de outra cidade], que eu vi um papel bem bacana ali, que é o setor do infantil, não sei por que mas estou sempre com um pezinho no infantil, eles fazem um trabalho bem bacana ali, fazem exposição, as crianças tem aquela gibiteca, material com argila, que depois eles fazem exposição, eu achei que os profissionais ali, tem um auditório que eles fazem cineminha, eles servem pipoca, eu achei bem legal porque vai, pra terceira idade esse projeto, achei bem interessante também, porque a terceira idade fica assim mais que, naqueles trabalhos que eles fazem, pintura manual assim né, e até falta assim pra gente alguma coisa relacionada com a terceira idade. Não sei se percebesse ali no leitor destaque tem uma senhora da terceira idade que leu 85 livros no ano, tu vê... Então acho que, até a moça que é responsável pelos grupos de terceira idade ela esteve aqui pra gente ir, mas sempre aquela coisa né, não tem transporte, não tem coisa, pra gente fazer visita nos núcleos da terceira idade e fazer, ouvi-los né contar as histórias deles, quem gostaria de ler uma poesia... Então eu acho

que poderia ser feito mais coisas assim nessa parte, não só focar no técnico, no empréstimo aqui, mas podia ser bem mais abrangente assim né, essa parte social da biblioteca. Mas a gente esbarra com a burocracia, quer um carro não tem. Então a gente chega assim aquela folhinha pulando, saltitando, e vai ganhando tanto não que ela vai ficando amassadinha, amassadinha.. Mas não pode desistir né, não pode.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Eu acho que além de ter essa parte técnica, ele precisa ser uma pessoa humana, carismática, que não adianta eu ficar sentada aqui, “tic, tic, tic”, catalogando, mandando os livros pra lá e eu não ter essa interação com meu público. Eu preciso ter essa interação com eles. Não importa que atrase um dia, dois, ali o livrinho, mas que ele, o leitor, o público tem que estar em primeiro lugar. É isso que eu penso. E não só aquele atendimento técnico, que às vezes chega com criancinha, “ah quer sentar ali”, às vezes a mãe quer amamentar, então tu surpreende, faz mais do que aquele o fazer por fazer... Já aconteceu assim de chegar pessoas aqui, olhar ali pra estante e dizer assim “vocês vendem livros aqui?”, aí assim, “não, aqui é uma biblioteca, o senhor pode fazer um cadastro, pegar livro emprestado”, conta uma historinha assim né, como é o processo da biblioteca, porque às vezes são pessoas que nem sabem, vem aqui para usar um banheiro, e acham assim que faz parte da educação, é uma sala assim... Aí eu sempre assim, a imagem da biblioteca sempre botando assim pra cima né. Eu assim ó, não é porque eu estou fazendo entrevista nada, mas assim em casa eu ligo e digo “olha, eu não posso ir agora”, eu chego a deixar assim a minha casa de lado pra me doar aqui porque eu faço assim o trabalho com muito prazer. Eu adoro estar aqui, eu adoro atender, quando eu vejo assim que um funcionário vai lá pra trás com celular, então eu já pra fechar essa lacuna aí eu vou ali já faço a frente, largo o que eu estou fazendo aqui, porque o boca a boca também funciona muito né. Veio uma mãe fazer uma carteirinha do filho, aí eu assim ó “mãe, mas não precisa ser só estudante”, porque eles têm muito assim que biblioteca ainda está ligado a quem estuda, aí eu disse “a senhora pode levar livrinhos de receita, fazer comida, têm revistas ali de ponto cruz, de crochê, que a senhora pode fazer trabalhinhos manuais...”,

“ah, pode?”. Então sempre assim, cada situação a gente se surpreende... Ainda tem pessoas assim, que pensam, mesmo funcionários, pensam que a biblioteca é mais aquela biblioteca antiga, silenciosa. E eu já não, é a biblioteca pública do povão mesmo, não quero intelectual, claro que se vem é bem atendido mas quanto mais povão está aqui, mas tu tá contribuindo pro social... Mais alguma coisa amiga? Que amiga perguntadora meu Deus...

6) Como define exclusão social?

Eu acho que esse campo é muito abrangente, tem muitas áreas, a exclusão social. Tem o pobre que não tem o recurso, que é excluído, tem falta de políticas pra eles, não essa bolsa que dá uma merreca, de repente até ajuda alguém mas não acho que isso aí vai fazer a pessoa sair daquela exclusão. Eu acho que o modo de acabarmos com essa exclusão é mesmo assim, o povo adquirir conhecimento e ele lutar para acabar com essa exclusão, não sei se eu me fiz entender... Quando chega uma criança aqui na Biblioteca e ela, criança assim mais da área rural, do interior, e lá não tem acesso à informática, e aqui ela, além dos livros, ela liga um computador, entra num joguinho, então isso tudo eu já estou possibilitando essa inclusão. Então essa exclusão têm várias ramificações que vai desde falta de políticas, de incentivo... Nós vamos ter uma Olimpíadas no Brasil esse ano. Nós temos aqui em [cidade] um ginásio de esportes no Centro, que não vai atender nunca as crianças da periferia, então, lá nas periferias deveria ter, nas escolas, aquelas... como é o nome daquilo onde eles correm... as pistas, quantas crianças daquelas que os traficantes adotam, não estariam ali, correndo, aquelas barrinhas, pulando... Então tudo isso seria uma forma de tirar a exclusão, de ele estar ali, vazio depois da escola, e ficar num outro período ali, fazendo, já que é difícil fazer um ginásio de esporte em cada bairro, mas pelo menos aperfeiçoar a própria escola pra que no período que essa criança não tivesse em aula tivesse essa parte, música... Aqui nos tínhamos uma escola de música, a escola tá fechada, simplesmente ela foi desativada e ficava também, mais uma vez, centralizada. Aqui no Centro a maioria tem essa disponibilidade de ir atrás de curso, a periferia que precisa de projetos políticos para estarem com esta percepção para incluir esses excluídos que estão provavelmente com os dias contados, porque eles não têm perspectivas de

melhorar, não só para ser campeão mas para interagir, com os amigos, umas coisas assim pequenas mas que tornam um cidadão grande.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

O mau atendimento, essa pessoa não vai voltar. Dizer que esse livro não é pra ti. Tem gente que faz isso “ah não, esse livro é pra pessoas cultas”. Então, o jeito de tu falar com a pessoa, com as palavras, eu acho assim que tu pode agredir, essa pessoa não volta mais. “Não, senta ali, vamos ler um jornalzinho, se não gostou desse né, olha outro”. Mas se é aquela pessoa que já sai dando patada... É igual assim tu vai numa loja comprar alguma coisa, se vem um vendedor, alguém te atender, mau humorado, “ah, queres isso aí”, “ah mas eu queria azul”, “ah, azul não tem”, então assim, sempre fazer todo possível pra ajudar ele porque não vai estar excluindo, vai estar acolhendo e incluindo, não vai estar fazendo o lado negativo. “Ah essa cópia...”, sempre assim né, tira uma cópia, às vezes esquece de tirar, colocar na foto, aí tu vem pedir uma identidade, tu és uma loira se tu for no texto vai sair uma afro né, então “não, não, essa aqui não ficou boa pra senhora, dá aqui que eu faço uma, essa aqui eu nem cobro”... Então, aqui ali é algo assim tão pequeno, tu vai pagar sete centavos numa coisa que é o que cobra por funcionário e vai estar alegrando uma pessoa, então eu acho que isso aí já inclui né, ao invés, de excluí-la. E tantas coisas que a gente agora não lembra, mas que no dia a dia né... Esses dias tinha um menino mostrando ali aquele *Guinness Book* uma foto de um bem gordão pra uma menina e ele assim “essa aqui é tu ó” aí eu já fiquei, já tomo as dores da menina né, “por que que é ela?”, “ah, porque ela é gorda”, e a menina nem era gorda, porque ele queria mesmo assim pra ofender né, atentadinho. Aí eu disse “não, se parece mais contigo, ele é homem, não é uma mulher que está aqui”, aí ele ficou tão brabo, eu disse “tas vendo como a gente diz as coisas e as pessoas ficam tristes? Tu também não és assim, só fiz pra tu sentir porque a tua amiguinha sentiu. Não pode dizer assim. Não importa o físico, pode ser gordo, magro, a cor, o que importa é se tu és do bem ou do mal, essa é que vai fazer a diferença na vida das pessoas, têm as pessoas do bem, têm as pessoas do mal, tu és do bem ou do mal?”, “não, eu sou

do bem”, “ah, então beleza”, aí já fica assim uma brincadeira né, pronto, passa por aí. Ah, eu fiquei com uma pena da menina, quando ela viu aquele bem gordão no *Guinness* né, não sei se é o homem mais gordo, uma coisa assim né, comparar eu com aquele homem né, eu já fiz, já taquei-lhe o homem pro menino, tadinho, o marmanjão. Mas no fim, deu tudo bem, cada um né... Então acho que tanto a gente pode incluir como excluir depende da tua atitude, do teu tratamento, do teu atendimento. Às vezes chega alguém, aqui no balcão, pessoas que além de pegar um livro vêm contar coisas da vida, às vezes a gente é até um pouco psicóloga né, porque ouve, às vezes tem coisa pra fazer mas fica né, “porque Fulano fez isso, falou”, “a senhora não se preocupe vai dar tudo certo, isso é coisa de momento, daqui a pouco passa”, então assim, é coisas que nem caberia a gente, mas a gente acaba se envolvendo, principalmente aqueles assim que já são conhecidos e vai criando um laço de amizade com as pessoas. “Oh, onde é que fica o cartório eleitoral?”, agora eles tavam tudo naquela biometria, aí eu assim “ah, aqui nessa rua”, “mas nessa rua, mas aonde?”, espera aí, vou até ali na porta “oh, a senhora segue aqui, ta vendo aquela padaria, de frente com a padaria já está o cartório ali”, então é mais uma coisa, porque às vezes a pessoa que vem, pra gente é tão fácil saber que nessa rua aqui eu vou passar em frente, mas quem vem de longe, não conhece. É igual eu chegar e me soltar lá em São Paulo, no Rio, em Minas Gerais, eu vou ficar também né, precisar de uma ajuda, então, nunca se sabe, “não sei pra quê, uma coisa que é logo ali”, mas não custa né, não custa é tão pouco, e a gente né, a pessoa sai satisfeita, eu acho que é por aí, não sei, a senhora que é doutora, estudiosa...

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

A biblioteca aqui ela, esse prédio aqui é da década de 80, de lá pra cá ela permanece o mesmo espaço, eu gostaria que ela tivesse mais verbas pra gente estar assim, proporcionando um espaço mais acolhedor pro nosso usuário, igual aquela salinha ali dos periódicos, umas mesas uma cadeiras, eu gostaria que tivesse assim uns sofás, umas coisas assim mais modernas... O banheiro tem usuário e funcionário, podia ter masculino e feminino, às vezes a gente conta, aqueles pinto lá, eles pingam tudo né... E que existisse uma... uma lei, que até estava falando pra [nome de uma colega de trabalho], que disponibilizasse uma

verba pra gente estar sempre assim com atrativos de lançamentos de livros, pra eles né, porque a gente recebe muito essa reclamação “ah queria um livro da Nora Roberts”, mas lançamentos editoriais que quando chegam já tem passado muito e muito tempo. A comunidade doa, mas alguns se aproveita, a maioria assim é mais faxina né, a gente ainda coloca naquele “pegue e leve”, contribui com alguém, mas eu queria que, eu não sei, Ministério Federal, da Cultura, sei lá, que existisse na União, uma verba destinada à biblioteca pública para projetos, melhoria, essas estantes nossas são de arquivo, tem umas que já estão até meio capengas, inovar né, porque a gente fica sempre com as mesmas coisas. E eu acho que isso talvez, servisse de atrativo para chamar mais pessoas. E aí a gente fala com prefeito, fala com um fala com outro, ganha tanta esperança e a esperança fica né, porque não vem. A gente queria um lugarzinho assim mais bacana pra oferecer pra eles, mas não vem, fazer o que, se vira no “feijãozinho com arroz” né?

ENTREVISTADA 2

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Na verdade a experiência cultural eu fui obter né, se for ver a cultura num modo geral assim, mais na fase adulta, acho que depois que eu comecei a trabalhar na área de eventos numa determinada repartição pública né, aí que eu tive contato com a cultura num modo geral. E hoje trabalhando na biblioteca eu vejo, eu tô mais ligada nessa parte cultural assim... Tem mais ainda... Educacional e social, ao longo da vida... Na verdade assim eu sempre, eu trabalhei de forma, voltada pro público, meu primeiro emprego foi estagiária do Banco do Brasil, então eu trabalhava no atendimento ao público, com um público específico na verdade, o público não era o público que frequentava o banco, mas sim os funcionários, eu trabalhava na Cassi, na Caixa de Assistência, então eu fazia atendimento aos funcionários, depois eu fui trabalhar na Secretaria da Saúde, eu trabalhava no hospital, então aí sim era um público externo né, que eu lidava com os pacientes mas também depois eu fui trabalhar na administração do hospital e era diretamente com o funcionário. E hoje na biblioteca assim, então a parte educativa eu vejo hoje

assim a minha contribuição, não sei se era isso, se minha resposta é a certa...

[Fiz uma intervenção para redirecionar para a pergunta]

Eu sempre estudei em escola pública, na verdade meu ensino médio foi em escola pública, depois eu fiz um terceiro em escola particular para fazer o vestibular, frequentei e ainda frequento a universidade pública e hoje eu trabalho diretamente, apesar de estar numa área de gestão de pessoas, mas eu também trabalho para a satisfação do público em geral, assim na verdade a minha gestão é visar o bem estar da sociedade que procura os serviços da biblioteca.

Na verdade, voltando um pouco, sei lá, 10 anos atrás, a minha socialização, minha parte de, era mais um ambiente de trabalho mesmo e família, era esse meu ambiente. Hoje meu leque é um pouco maior, eu tenho a parte do ambiente de trabalho, eu tenho a socialização com a parte da família, tenho um grupo de amigos de uma certa área, separado sei lá, amigos que eu conto para sair, pra fazer festa, entre aspas, amigos pra grupos de estudo.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Se eu sofri... Eu não me lembro de ter sido excluída... Não lembro...

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Acho que é, como é que eu vou te explicar, é tornar consciente, a importância e o hábito pela leitura, pela informação. Eu fazia faculdade, a gente tinha esse fantasma que “ah, a tecnologia está chegando, o computador, e os livros vão desaparecer e as bibliotecas consequentemente”, e isso não é verdade, não é. Óbvio que isso diminuiu um pouco talvez o acesso de jovens, de pessoas, em busca da informação no meio físico como um livro, mas não vai acabar, não existe isso, assim como a televisão não acabou com o rádio. Então eu acho que a nossa obrigação, enquanto gestor da informação, é trazer, buscar cada vez mais e mostrar que o livro está ali, que a informação é importante, e cativar mesmo assim sabe, trazer para dentro da biblioteca que a biblioteca não é também só um, como é que é, um, suporte só de informação, de livros tal, mas também que é um espaço onde

que incentiva também a prática do estudo né, não é a mesma coisa que tu acordar e sentar na sala da tua casa e estudar. Porque daí tu tem, sei lá, a televisão, a máquina de lavar, alguma coisa assim, o vizinho que está batendo o martelo né... Óbvio que na biblioteca existe algumas dispersões assim, mas ali é um ambiente para o estudo.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Assim como qualquer lugar que tu vai, em busca de uma informação, comprar um sapato, uma roupa, se tu não é cativado, se tu não é bem atendido, a pessoa não vai voltar né? Ela não, “ah eu vou nessa loja”, “ah eu não fui bem atendido”, “ah tá mas um sapato igual parecido eu vou buscar em outro lugar”, isso não acontece com a biblioteca. Se tu vai buscar uma informação lá, é obrigação do bibliotecário te dar essa informação. “Ah eu não tenho esse livro” e dá pra pessoa sair né, eu acho que o profissional, o bibliotecário ele tem a obrigação de não deixar o usuário, o leitor, sair sem a informação. Não digo a informação exata que ele venha buscar, mas uma informação. Ontem eu recebi um e-mail de elogio que uma determinada pessoa foi na biblioteca, queria um livro e não tinha aquele determinado assunto não tinha, e que o bibliotecário mostrou algo relacionado ao assunto, algo parecido, algo similar, a mesma coisa tu, “ah eu quero tal remédio”, mas tu dá uma outra oportunidade, uma outra opção de escolha, então eu acho que esse tem que ser o perfil do profissional bibliotecário entendeu, não ser só um atendente, tem ou não tem informação.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Ética... Eu tenho que pensar numa questão ética... Eu posso dizer que uma boa prática é, tu estar sempre ali, relacionado a um setor, vamos supor hoje, o setor infantil, na verdade eu venho realizando algumas mudanças na biblioteca, comecei de cima pra baixo. O setor [nome do setor] a gente fez alguns ajustes de acervo, a gente limitou, o acesso ao acervo de SC, os jornais hoje então é separado. Depois o setor de literatura a gente mudou a posição pra melhor visualização do acervo, depois o primeiro andar e por último o setor infantil que era um setor parado né. Então hoje a gente, hoje existe uma bibliotecária

responsável, nunca existiu, o setor infantil nunca teve, então uma boa prática realizada no setor é a motivação para chamar o usuário para esse setor que era desconhecido, passava despercebido, as pessoas entravam na biblioteca, nem tinham noção que era, que o setor infantil funciona ali. A gente tá com um projeto visita guiada, [nome do projeto] que a gente tá trazendo as pessoas pra mostrar o que é que é a biblioteca. Muitas pessoas não tem conhecimento da biblioteca e outras tantas não tem a noção do rico acervo que a gente tem lá dentro. Então, não sei se cabe nessa pergunta né, é uma prática que a gente está desenvolvendo no setor infantil através de bibliotecários né, eu juntamente com o bibliotecário responsável.

6) Como define exclusão social?

Voltando né para a área pública, é quando eu tenho um serviço oferecido ao público que não abranja todo esse público né, um exemplo sei lá, para poder explicar essa minha fala, a biblioteca pública ela é o quê, ela é publica né, eu não posso restringir o acesso de ninguém lá, mas eu vejo que as pessoas que lá trabalham, a maioria, elas, não vou dizer que elas têm essa exclusão, mas elas têm essa visão que não é pra qualquer um entendeu? Eu tô vivendo esse problema dentro da biblioteca né, não sei o que é que houve, não sei se foi a divulgação da biblioteca dentro do próprio município, que hoje assim, o meu público né, um dos públicos né, porque eu tenho vários assim, é o pessoal do centro pop, o que é o centro pop? É o pessoal, é o morador de rua, por que que eles não podem frequentar a biblioteca né? Por que? Eles são pessoas como a gente né? Só que daí eu tenho a reclamação dos funcionários, porque eles são sujeitos, porque eles fedem, porque eles não sabem se comportar, alguns né, mas eles não tem esse, sabe, esse jogo de cintura né, então assim, são reclamações que eu não vejo fundamento né. Alguns dizem, “não, a gente tem que barrar a entrada dessas pessoas na biblioteca”. Por que? Por que que eu vou limitar? Se ela é um serviço publico eu não posso restringir, a biblioteca ela tá aberta. Então assim, é um problema que eu venho enfrentando assim. Eu já tive problemas, com um certo, que ele tinha um cheiro muito forte, difícil assim, eu entrei em contato com a assistente social do município, a gente acabou descobrindo que ele já tinha um mandado de internação, foi uma situação bem constrangedora, mas o resultado final disso foi

muito bom. Ele foi preso lá dentro da biblioteca, a clínica prendeu ele, levou, ele ficou um ano e a gente manteve o contato com a clínica, o pessoal foi lá visita-lo mas não conseguiu falar com ele e faz o que? Acho que um mês ele saiu da clínica e ele foi lá agradecer. Sabe? Espero que isso se mantenha né, mas ele foi lá, ele tomou banho sabe, ele tava um cidadão que a sociedade julga normal, entendeu? E ele foi agradecer. Então assim, eu acho que a gente tem que ter essa preocupação, óbvio que se tu tá num ambiente em que a pessoa cheira mal, óbvio, incomoda todo mundo, mas não é excluindo ele desse ambiente que a gente vai resolver o problema. A questão de, nossa, levar ele, internar, porque ele era usuário de droga, o que que a gente fez, a gente fez uma socialização a gente trouxe ele para o nosso convívio né, então acho que isso é uma inclusão social né?

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Ah uma delas né, não sei se isso pode ser exclusão social, é que antes lá na biblioteca só podia pegar emprestado livro quem tinha uma residência, né, quem tinha, não é atestado, é um comprovante de residência. Hoje não, não tem mais isso entendeu, a pessoa dá o endereço. Por que assim o que que o comprovante de residência vai me dar a garantia de que aquela pessoa que pegou o livro emprestado ela vai me devolver? A biblioteca não tem a prática de ir até o endereço para resgatar esse livro, então assim, era uma exclusão social né, porque morador de rua... Tem morador de rua que faz o empréstimo de livros e devolve bem direitinho muito mais do que quem tem residência fixa e é morador de Florianópolis. Entendeu? Então isso era uma exclusão que hoje já não existe mais. Hoje qualquer pessoa que tem RG e CPF ela pode se cadastrar e pegar livro. Até mesmo quem mora em albergue, então...

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Falar... Então, eu vou, eu acho que vou falar um pouquinho da experiência, de como, quando eu cheguei na biblioteca, e como ela esta hoje assim, talvez quem não conheceu a biblioteca antes, diz “ah, mudou, não mudou nada, continua”... A parte arquitetônica continua a mesma coisa mas assim a gente fez bastante mudanças, eu vejo que hoje o publico esta mais feliz.

Ah, existe reclamação? Existe né, a gente nunca vai estar 100%, as pessoas não vão estar 100% contentes, até mesmo porque através da dificuldade que a gente tem de recurso financeiro, de RH, mas assim, eu vejo que a biblioteca pública ela hoje ela tem uma outra visão, tanto do público externo, quanto do próprio funcionário entendeu, a visão é outra. A biblioteca ela tava parada, a gente começou, se a gente pensar “ah mas o que é o sistema on line, besteira isso, isso aí todo mundo tem, só biblioteca pública não tinha”, mas isso alavancou o desenvolvimento e o crescimento da própria biblioteca, a gente cresceu em mais de 50% o número de usuários cadastrados, o número de pessoas que frequentam a biblioteca porque elas desconheciam o nosso acervo, o que tinha dentro da biblioteca. Eu vejo crescimento, eu acho que ela teve um grande progresso, não porque eu estou lá dentro administrando, não é isso, mas é um conjunto entendeu, é a reciclagem de novos funcionários, é o gás, claro que a administração, eu tenho um ponto positivo nisso, obvio né, por estar junto né, não ter uma administração numa linha reta, mas uma administração mais participativa onde que todo mundo dá opinião e que todo mundo cresce junto, então eu acho que a instituição cresceu bastante. Não é falar mal assim, mas ela é esquecida né, é uma casa esquecida, então tudo que a gente faz lá é pela boa vontade, pelo interesse mesmo que cresça. Claro que daí tem a história dos funcionários né que, “ah, tem muito movimento, que a biblioteca agora é muita gente, tem fila pra empréstimo, tem fila pra fazer carteirinha...”. É normal, se o movimento cresce vai crescer também a fila, então às vezes eles reclamam “ah, que porque tem muita gente, porque tem fila”. Gente, faz parte, se tu vai num banco tu tem fila, se tu for, há 15 anos se tu ia num banco tu encontrava a fila gigante que tu encontra hoje? Tu não encontrava né, porque o fluxo, a quantidade de pessoas que ia num banco era menor. E hoje assim em média 700 pessoas frequentam a biblioteca diariamente, antes era metade disso...

ENTREVISTADA 3

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Eu pra leitura meu primeiro contato foram os gibis. Meu irmão, eu venho de uma família grande e meu irmão mais velho colecionava gibis, assim, tinha uma coleção grande de gibis. E a gente tinha o costume de sempre o irmão mais velho ajudava a alfabetização do irmão mais novo, então antes mesmo da gente ir pra alfabetização a gente já sabia um pouco ler sabe, então os gibis ajudaram assim lá em casa, o pessoal gosta de ler. Na escola acho que, normal, ia pra escola, aprendia, brincava com os amigos, escola pública, morava razoavelmente perto da escola, isso no fundamental aí depois pro ensino médio, eu vim morar, porque eu nasci na [cidade] depois morei um tempo na [cidade] depois eu voltei pra cá. E daí no ensino médio, o fundamental ainda de 5 a 8 ano, e o ensino médio eu fiz aqui [cidade que nasceu e que atua] e daí a gente tinha acesso à biblioteca, essa aquela que eu pensava e planejava. Mas ia na biblioteca e fazia mais pesquisa, consultava os livros pra fazer pesquisa, pra copiar os verbetes, acho que a gente só foi aprender a fazer pesquisa quando foi pra Universidade mesmo, acho que até então era pesquisar os verbetes das enciclopédias mesmo. Leitura naquele período que eu me lembro eram as leituras obrigatórias assim, e os clássicos, acho que o primeiro que eu li foi Iracema. Iracema eu adorei assim. depois que eu li Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, esses clássicos. Certamente eu até gostava porque eu já tinha algo de leitura já dentro, porque imagina hoje eu vejo as crianças no colégio eles não vêm pegar Machado de Assis, não vêm pegar esses livros, os clássicos, muito difícil, quando eles pegam eles reclamam, porque, porque eles já tem uma dificuldade de leitura e você se transpor àquele século onde a história foi escrita, é difícil mesmo. Mas enfim, como eu já tinha uma historiazinha de leitura pra mim é tranquilo. Eu tava no sétimo ano e teve um episódio muito engraçado porque a professora disse “ah vocês podem escolher o livro que vocês quiserem pra ler” e como eu já estava acostumada com eles eu peguei “O Cortiço”. E daí quando eu preparei a minha ficha de leitura que eu entreguei daí ela olhou pra mim, olhou pro livro e disse “mas isso não é um livro pra você ler”, ela disse. E eu não achei nada assim né, achei muito divertido, o livro, a história, enfim, até o ensino médio. Depois você vai pra Faculdade e começa a ter as primeiras dificuldades até de localizar, porque quando eu ia na biblioteca, lá no fundamental, no médio, era, nosso espaço, ali eu já me entendia,

já conhecia, não é que eu ficava muito tempo, permanecia muito tempo na biblioteca, era um tempo mínimo, até porque não morava muito perto da biblioteca. Depois na Faculdade era uma outra realidade, era muita informação, muito livro, até se encontrar naquilo tudo, nas regrinhas... E olha que eu estava fazendo biblioteconomia, se eu me sentia assim, imagina pros outros né... Isso em relação à leitura né, porque em relação à arte, eu acho que o contato que eu tive com a arte era a arte popular, porque a gente assistia muito boi de mamão que passava pela rua, a Festas do Divino, que também eram muito bonitas, que eu prestava muito atenção porque aquilo tudo tinha um significado muito grande para minha família e para a comunidade que eu morava. Minha vó era, contava muitas histórias pra gente, minha vó, meu avô, materno, paterno não eram tão contadores de histórias, mas os maternos contavam muitas histórias, e minha avó fazia bonecas de pano e mostrava pra gente as comidas, como é que eles faziam as comidas, ah... que mais... Eu acho que de arte e cultura, da minha infância que eu lembro é isso, ah tinham os períodos de soltar pipas, então as crianças se reuniam montavam suas pipas, era muito divertido, muito divertido. Porque quando eu morava na [bairro] e vinha pra cá [cidade que nasceu] também tinha, eu fiquei conhecendo as áreas de mangue, adorava observar o mangue, os caranguejos, meu pai gostava de pescar, então tudo isso também é cultura né, cultura de um povo, cultura de um local. Mas outro dia eu pensava, porque, não é que a gente visitava tipo museu, não é que meus pais nos levavam pra visitar museu, ao circo sim, ao circo eu lembro de ter ido várias vezes, mas museu, uma apresentação musical, isso não. Que lógico eu fui tomando gosto à medida que eu tive oportunidade de conhecer. Acho que foi isso.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Deixa eu lembrar... Talvez tenha né mas me custa lembrar. Não me ocorre nada assim, a não ser do tipo, você vai na loja e ninguém te atende, isso é uma coisa presente que já me ocorreu várias vezes sabe, de eu andar pela loja e sair sem ser sequer cumprimentada então isso é uma coisa que eu lembro assim e que se sente sim, excluído, como se só um determinado perfil de

cliente fosse importante para eles, mas se é uma loja se está aberta ao público, não importa tem que ser atendido. Aqui na biblioteca eu sempre falo pra elas assim, sempre falo isso né, não importa qual deles seja, ou arrumado ou não tão bem arrumado, a gente trata... tanto que alguns desses moradores de rua que a gente recebe, às vezes eu digo que eles já estão ficando folgados assim porque pede cafezinho, porque já se sente tão “em casa” que pede até um cafezinho. Mas assim, pra dizer né, que isso é importante, essa acolhida, eu acho pra qualquer coisa, pro teu comércio, na escola, se você não é bem acolhido já cria uma barreira. Que eu lembre é isso.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Dar justamente essas condições de acesso para que ele se sinta incluído. Por exemplo, tinha um período, logo assim que eu entrei que a gente recebia muitos estudantes que tinham terminado o ensino médio mas não tinham dinheiro para fazer cursinho então eu fiquei pensando “mas não é por isso que eles vão deixar de fazer um vestibular, a gente está dentro da biblioteca a gente tem material”. Então o que eu fazia, eu conversava com eles e separava tudo que eu encontrava assim que eu via que podia ajuda-los a passar no vestibular por exemplo. E de fato aqueles que a gente conseguiu fazer esse trabalho todos eles conseguiram passar no vestibular. Então, teve uma época que até a gente registrou isso numa apresentação que a gente fez na Câmara de Vereadores para dizer “olha, é isso aí”, é isso aí, esse é o trabalho da biblioteca e é pra todos, não é, como a gente viu, o Procurador do Município veio, mas veio também o cidadão morador de rua, a gente tem material para oferecer para os dois, olha isso. E propiciar essa melhoria na vida dessas pessoas, é essa a função da biblioteca, melhorar a pessoa. Muitos documentos falam inclusive isso né, desse aspecto de alma, assim né, o espírito, o espírito, que inclusive faz parte da missão da nossa biblioteca, que dá essa qualidade de vida, esse bem estar pra pessoa. Às vezes a gente recebe usuários que “ah mas você tem um livro aí que fala sobre suicídio?”, então nossa, tu vê que a pessoa tá né, é uma pessoa que está se sentindo também excluída, porque se chega a cogitar esse tipo de coisa né, “mas olha tem esse livro, tem esse aqui” ouve aquela pessoa, de repente ela já saiu daqui mais aliviada, mais contente... Então

é um papel importante assim como é do artista, do músico, enfim, se ele consegue com o trabalho dele, tocar essas pessoas, acho que já é, a gente está realizando a função social da biblioteca.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Agora... Eu não conheço muitos né... Eu conheço a [citou quatro nomes que atuam no Estado de Santa Catarina]. Mas eu vejo assim, se eu posso falar desse grupo que eu conheço, eu acredito muito nessas pessoas, eu acho que elas estão fazendo um trabalho muito, muito bom e ajuda né, porque com a toda essa tecnologia, eu entro lá e vejo o Facebook eu sei que [nome de bibliotecária] tá fazendo isso, eu sei que a [nome de bibliotecária] tá fazendo aquilo, a [nome de bibliotecária]... E aquilo me empolga também, então faz com que eu me anime também que eu me motive, que eu entre também nesse caminho assim, eu acho muito positivo o trabalho dessas pessoas. Me dá uma alegria muito grande, uma satisfação muito grande ver meus colegas atuando.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Eu penso que assim, a gente tem que ter consciência da nossa função, do nosso papel e ser fiel àquilo ali. Porque são muitas forças que por vezes te faz, ah meio que desanimar, “ah então eu vou fazer como todo mundo faz, vou empurrar com a barriga”, não vou, porque eu faço, faço e ninguém reconhece ninguém quer colaborar bá, bá, bá... Acontece isso, argumentos, que isso acontece, mas excluir estes pensamentos né, e voltar pro teu objetivo, pro teu foco, pra tua missão, então recomeça.... Entender que esses pequenos passos, esses pequenos projetos, eles têm uma importância sim, não é à toa né, tem... De repente tu começa a juntar essa história, são 10 anos, são 11 anos, então meu Deus, olha quanta coisa, quanta coisa foi feita e não foi em vão, essas pessoas estiveram aqui elas participaram, alguma coisa permanece nelas, então, vale a pena.

6) Como define exclusão social?

Eu penso que é a falta de acesso, de acesso a tudo, acho que até à comida, se você não, são direitos fundamentais, se você

não tem acesso você está excluído. Em todos os aspectos, na área informacional, imagina, se a pessoa já é desprovida de tudo, ela vai na biblioteca e se ela não é acolhida, como ela vai se sentir parte daquilo ali, inclusa, não né, não vai se sentir incluída.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

A própria maneira como eu vou lidar com este tipo de público, por exemplo, eu não posso ter um atendimento, lógico, cada usuário desse, não importa da onde ele vem, como que ele seja, a minha função é oferecer a ele aquilo que ele precisa, mas a maneira como eu trato essa pessoa, como eu acolho essa pessoa, ela não pode ser diferenciada porque é um morador de rua, porque é um semi analfabeto, porque é um juiz ou sei lá quem, um professor, ou.. não. Acho que aqui a gente já tem uma atitude, se não cuidar, de exclusão, porque se a pessoa não é bem acolhida, ela pode se sentir excluída sim. Em relação à formação do acervo é outro aspecto. Quando você está fazendo uma lista de livros para compra, então lembrar, de todos tu não vai alcançar, mas tu tem aquela lista né, o usuário deu aquela indicação, fazer isso, fazer presente naquela lista esse desejo, essa indicação daquele usuário, isso acaba incluindo ele de certa forma também. As atividades culturais também, pensar de maneira que as pessoas se sintam atraídas, também não importa a idade, enfim, lógico se eu estou fazendo uma atividade para as crianças, como a gente faz agora em abril, é para todas as crianças, pra comunidade toda, não importa, “ah vem uma escola”, então, a escola que a gente tem que dar atenção naquele momento. Acho que é isso que me ocorre assim, o atendimento, o acervo, as atividades, acho que é isso nesse momento que eu lembro.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Eu penso assim, o trabalho em biblioteca pública é isso, como qualquer outro trabalho também, você chega, olhar com olhos novos, ver o que que hoje eu posso fazer de bom, o que eu posso fazer de diferente, quem é esse, essa pessoa que eu vou receber hoje, o que será que ela vem pedir pra gente, então, é

muito gratificante o trabalho, é árduo, é sofrido mas é muito gratificante.

ENTREVISTADA 4

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Ai , acho que eu vivi assim uma vida de muita luta pra chegar ao ponto que eu cheguei hoje. A gente lutou muito, a gente tem uma família com bastante dificuldade, a época nossa que a gente era pequeno, meu pai era doente a gente passou bastante dificuldade, mas eu sempre sonhei em estudar, primeiro eu queria ser professora, depois quando eu estava trabalhando como professora eu me guiei assim, sei lá, eu me dirigia à biblioteca, vivia só na biblioteca. Daí quando surgiu a oportunidade, entrei aqui em [cidade] na biblioteca, ficava ali na [local que a biblioteca ficava na época] fiz um concurso e entrei como auxiliar bibliotecária. Daí eu fiquei ali dentro, ai disse “eu não posso ficar assim, eu sou obrigada a fazer um, entrar num ensino superior, fazer uma faculdade”. Daí um dia minha mãe estava assistindo televisão, e eu sempre dizia que queria fazer biblioteconomia, daí ela começou a escutar o [nome do reitor], daí ela disse “[nome da entrevistada], corre cá”,. Ela assistindo deitada, tadinha, ela faleceu em [ano de falecimento de sua mãe] daí eu fui lá,” olha só podes fazer o vestibular agora, vai ser em julho, o reitor está falando”. Daí eu fui lá olhei, “pois é mãe eu acho que vou fazer a inscrição”, fiz a inscrição, e passei. Depois já mudou, o [nome do reitor] foi meu professor, daí eu contei pra ele, ele ficou tão contente, tão feliz... Ele me deu aula na parte de Administração, uma pessoa muito boa, muito bom, ótimo, não sei se conhecesse ele. Daí foi assim né, fui lá fiz o vestibular, passei, fiz com muita dificuldade também porque eu trabalhava de manhã aqui, depois já a gente ia, eu cuidava da cozinha lá, ia lá pegava um pedacinho de carne pra mim comer, daí comia aquilo disparado daí já me mandava, os filhos tudo adolescente, foi bem assim complicado. Ia daqui até lá, vinha com a cabeça batendo lá atrás no ônibus, porque vinha dormindo cansada, daí chegava em casa fazia todo serviço, quando chegava ali pra meia noite em diante que eu começava a dar uma estudadinha, aí estudava até uma, uma e pouco e aí levantava cedo de novo pra vim pro

serviço. E assim foi uma luta, mas eu acho que valeu a pena, porque eu me realizei, estou realizada, ontem ainda alguém estava falando, estava fazendo, eu estava lá atrás, “está te escondendo?”, eu disse “eu não” usei um termo assim, “isso aqui é minha sina”, ela disse “sina?”, é uma sina prazerosa né, ela quis dizer sina como castigo, uma sina prazerosa, isso aqui é minha missão, porque sina significa destino, essa coisa toda aí né, um prêmio, é uma premiação pra mim, eu sou realizada no que problema daqui dali, mas a gente vai indo vai indo vai solucionando da maneira que acha que é a melhor maneira possível, mas pra mim é a minha realização. Daí minha [pessoa com grau de parentesco] me viu nisso aí, viu eu toda empolgada assim, ela e as amigas dela, na época um dia a gente conversando num domingo, elas vieram visitar a [pessoa com grau de parentesco], ela estava fazendo magistério no [Instituição] daí as três amigas estavam juntas, a [nome], a [nome] e a [nome], daí eu sei dizer que elas também ficaram entusiasmadas e as três fizeram Faculdade juntas, minha [pessoa com grau de parentesco], a [nome], a [nome]. E todo mundo fez, todo mundo tá trabalhando, a [nome] também está aqui, fez concurso também está aqui, primeiro trabalhou um pouco na escola lá, depois fez concurso, passou aqui, hoje tá aqui, hoje tá realizada, hoje tá com as quarenta horas aqui, muito bom...

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

A gente vê muito só que no momento a gente não lembra, a gente vê muito isso daí fica sentida quando vê, quando dá pra ajudar a gente corre atrás mas existe ainda e... Aqui de vez em quando vem uns assim e ficam reclamando das escolas, “ah porque meu filho não deu assim”, “ah, porque fizeram isso”, “ah, porque com o outro aceitou e esse não”, a gente fica aconselhando, “ah, vai atrás de novo, corre, fala com outro, fala com tal pessoa”, a gente vai indicando caminhos né, fala quem sabe com ela, quem sabe, que nós temos uma aqui que é muito legal, e cuida dessa parte de atendimento a... ela não é assistente social não, ela é ... não sei o termo que é usado, daí, “vai lá conversa com ela”, ela dá uma, ela faz uma palestrinha, conversa, a gente vai indicando caminhos também, vai abrindo

né, que a gente que infelizmente quem tem poder aquisitivo está com tudo, vai na frente, tem portas abertas, e outro está sempre “ah, eu nem dou ouvidos”, pra começar, vai em qualquer ambiente eles nem dão ouvidos, o menor, é verdade mesmo, isso continua, infelizmente isso continua, continua em nível nacional, continua aqui, tu vê em tudo. Não é? Entra o menor lá, quem é que leva sempre a fama, quem é que está em primeiro lugar? O poderoso. E aquele menos, coitadinho, que não tem tantas condições, vai lá, tem cultura, tem tudo mas não é valorizado, né? Às vezes tem uma bagagem enorme, tem tanta coisa pra mostrar pro Brasil, mas não é dada a oportunidade, né? Então isso deixa a gente triste, “ah que que adianta guria, só tu falar?”, às vezes eu fico revoltada, fico comentando, “que que adianta só tu?”, mas eu sou uma né, se eu não agir, se eu não fizer alguma coisa, o outro não faz, o outro não faz, então se eu fizer, “ah ela tá agindo assim”, o outro já vai reagir, vai repensar. Então eu acho que existe, modelos existem, bastante aqui tem até um menininho aqui que veio há poucos dias, ele estava correndo de escola em escola, porque ia pra uma, o menino era levado, ia pra outra o menino estava sem uniforme, o pai estava desesperado, não sabia o que fazer, porque o pai é separado daí já começa o problema, daí a criança já vem meia, também um pouco mais rebeldezinha, daí eu não sei se agora parece que sossegou, ele passou umas três escolas daqui, de um lado pro outro, de um lado pro outro, até ajeitar o menino.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Eu acho que ela é um sistema de alerta de informação, eu acho que assim, quando as pessoas estão perdidas vem aqui e quando as pessoas que não tem condições vem aqui e resolvem sua situação né, a gente vê gente feliz que diz “ah eu não sabia disso”, “ah eu não sabia daquele concurso”, “ah eu não sabia disso”, então é muito, ele é pra mim um meio de informação pra todos aqui, vem um “onde que fica tal rua?”, vem outro, é assim, é uma porta aberta para o esclarecimento. É verdade, porque não tô querendo me exhibir não mas oh, “onde que fica isso”, “onde que fica”, é dia inteiro informação, é ligando é informação, é todo dia. Eles já olham e “vem moça”, já começa a olhar pro livro também, aí um já se interessa pra ter cadastro porque é tudo só através de cadastro né, então sem cadastro ninguém

pega livro, e... eu acho que o bem maior do município é uma biblioteca. Eu acho, não sei se é o meu encantamento né, eu, pra mim, o que existe de mais importante no meu [município] assim, de meio de informação, é a biblioteca. E eu também, eu que sou religiosa também, eu tenho a igreja como um guia também, pra mim é, a minha religião, eu sou católica, então é a igreja e a biblioteca a minha realização plena. Eu acho assim, eu tenho a minha família, tenho primeiro, tenho a minha família, eu tenho outros valores também, mas a biblioteca pra mim é a minha vida. É mesmo, não tô assim não tô proseando, não tô nada, eu tô preocupada que tenho que me aposentar, eu tenho que sair, meu Deus, tem né, chegando a hora tens que, não vai ficar sempre, então, é isso aí que eu já vou ficando triste, meu Deus. Hoje eu vim no caminho, de bicicleta, de *bike* lá, e a gente mora longinho, depois tu vai ver, o bairro [bairro] é lá embaixo, é um trequinho de, eu levo trinta minutos pra vim até aqui. E eu vinha pensando “meu Deus um dia eu vou ter que deixar né, ai ai ai meu Deus tá chegando perto, o que que eu vou”, eu tava pensando acho que eu vou montar uma livraria, tá vendo eu vim no caminho pensando nisso hein [nome do companheiro de trabalho], eu acho que vou montar uma livraria, eu pensei assim pra mim hoje, hoje tu vê, pra mim ficar no meio do livro, porque como é que eu vou ficar?

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Não tenho contato, infelizmente não. Eu não sei, quando a gente estudava nós passávamos de biblioteca em biblioteca. Eu fui lá em [cidade do Estado de Santa Catarina], eu amei o atendimento lá, eu amei o capricho, muito bonita a biblioteca pública né, a gente foi pra estagiar, eu acho que foi pra [bairro de uma cidade do Estado de Santa Catarina] que nós fomos também que gostei, mas têm lugares que é triste né, têm lugares que assim, não sei, pra começar não é valorizado o bibliotecário né, bibliotecário, bibliotecário é o professor que está lá jogado, eles pensam assim né, não pensam que o cara foi lá, que é um graduado, que é isso que é aquilo, não pensam nada disso, em primeiro lugar é um professor jogado lá, é isso que eles pensam. Eu acho até que esse, como é, esse nome, bibliotecário, bibliotecária, deveria de ser mudado porque é uma coisa pra eles é banal não tem? Pra nós, pra ver como outro profissional teria de ser mudado porque

vem do termo antigo bibliotecário, a professora que não tem mais condições, a professora que vai se aposentar, a professora que está incapacitada, a professora não sei o quê, era jogado lá. O aluno pra castigo, o aluno pra isso, e essa visão continua, continua, vai passando de pai pra filho, e eles não tem a visão “ah é uma pessoa capacitada pra informar, é uma pessoa que tem amplo conhecimento em livros”, isso eles já não olham nada disso. Eles chegam aqui eles acham que, é um coitado, tá aqui, tá jogado, é... Eu sinto isso. É pena mas é uma realidade. É pena, isso aí a gente vê, quando, pelo que eu passei pelas bibliotecas daqui, a [pessoa que trabalha na mesma biblioteca] foi em [cidade do Estado de Santa Catarina] também, nesses dias também e achou assim um, “[nome da entrevistada], a nossa é um céu”, tudo assim, as pessoas que não estão nem aí, não se mexe pra fazer nada, então assim ela ficou triste. [Cidade do Estado de Santa Catarina já citada] é um exemplo, não sei se continua, muito bonito, gostei muito muito mesmo e lá no [bairro de cidade do Estado de Santa Catarina] está também faltando alguma coisa, tá muito desprezada, ela tá muito, quando a gente foi a gente sentiu, que já está ficando muito, está deixada de lado, não sei se deu uma melhora agora, faz um tempinho que eu tive mais lá, mas eu acho que lá teria que ser assim modelo, eu acho que o bibliotecário também tem que lutar por isso, muito coisa está lá ao “Deus dará”, uma pena, materiais bons né...

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Eu acho que a primeira coisa tem que ser lutar por igualdade né, nunca fazer nada, dar privilégio pra um, pra outro, então, se tu tem uma norma de quinze dias pra um, manter isso aí, tem uma norma de um mês pra um, como ontem, chegou um aqui assim achando que é isso que é aquilo, tem mais tempo, “não”, a nossa do Estado é 15 dias daí tem uma do Rio Grande do Sul então essa a gente pode prorrogar por mais tempo porque não tem tanta busca, então essa tem mais busca a gente tem que, todos eles vão ter que utilizar esses livros, passar por muitas mãos, então, dar oportunidade a todos, a gente falou pra ele, “não, eu entendo”. Então a primeira coisa é tratar com igualdade todas as pessoas, e manter-se firme no que diz, se tu diz uma coisa pra um e daqui a pouco vai lá pro outro por trás, então, tem que manter-se firme. Ser cumpridor do seu dever, procurar não faltar,

procurar estar sempre no horário certo, eu acho que isso aí já é um item a ser respeitado, se tu manter isso aí firme, e estar sempre também informado, estar sempre informado. Eu tenho o Diário Catarinense que eu assino e trago pra cá, então eu assisto televisão, eu procuro muitos meios também no computador, na Internet, sempre vendo... A gente fez pós e de vez em quando a gente faz cursinho, um pra melhorar o salário que é bem baixinho e um também pra gente estar por dentro. Esse ano a gente já fez também, olha esse ano a gente já fez aqui também, eu e a [companheira de trabalho], ela fez, primeiro ela depois eu, nós fizemos cursinhos, de sessenta horas que é o máximo, então a gente está sempre procurando se atualizar. Eu acho que essa é a forma de tu te, é uma boa prática. A gente também, existe formas da gente atrair. A [companheira de trabalho] fez curso de contação de histórias, então e nós duas trabalhamos até fazer o preparo todo, depois ela faz a votação traz todas as escolas do município, traz ônibus, a aí a gente fala com o prefeito, com as pessoas responsáveis aqui, o motorista da Educação, daí vem todas as escolas, quase todas, as crianças, todas as séries, eles ficam encantados, uma hora é Monteiro Lobato, na hora doo livro infantil a gente atrasou um pouco porque faltava “*money*” pra gente arrumar os materiais, íamos fazer com bonecão grande estava aqui, a gente mandou pra escola de volta porque vai ser dispendioso, então vamos comprar uns bonecos menores, então a gente faz coisas assim coisas maravilhosas aqui, não é [companheira de trabalho] na semana do livro, isso aqui dá gente que não é mole, ano passado a gente fez aqui, no final do ano em outubro, é feito em abril que é o livro infantil, em outubro que é, 18 de abril, e depois em outubro que é semana do livro e da biblioteca e agora 18 de abril é dia do livro infantil. Então, uma hora é Monteiro Lobato, ano passado foi... cada ano assim é um tema e foi muito, valeu a pena. Falou sobre a bruxa né [companheira de trabalho], temos uma foto ali de nós, mas ficou muito lindo isso aqui, foi feita uma entrada toda escura, mas as crianças ficaram encantadas, muito lindo, a casinha tudo da bruxa, com docinhos, ficou tudo bem legal.

6) Como define exclusão social?

Ah, eu acho que, não sei, os menos favorecidos né, pelo poder aquisitivo, esses são sempre excluídos em toda parte, e eu procuro daí, aqui, da minha forma, da maneira humilde que eu

sou, o primeiro atendimento é esse pessoal, então eu dou prioridade, se tiver assim, não, esse eu não deixo de lado, não deixo ele sair sem um trabalhinho, a [pessoa companheira de trabalho] está ali de prova, se não tiver folha pra imprimir eu vou lá, né [pessoa companheira de trabalho], a gente dá jeito, a [pessoa companheira de trabalho] vai lá arranja uma folhinha, a gente não deixa essa criança que tem, que vê que é, que tem mais dificuldade, que é mais carente, então eu não deixo que continue essa exclusão, pra mim, primeiro lugar. A gente já era excluído, quando era, nós fomos muito excluídos quando a gente era pequeno, eu estudava no [Instituição de Ensino da rede pública], então a gente via como eram tratadas as outras crianças e como a gente era tratado, então, chegava sete de setembro, as crianças que tinham um certo poder aquisitivo, “ah vem cá Fulana”, as pracinhas eram tudo chamada, nós que a gente morava na [bairro de moradia do entrevistado], moramos até hoje com muito prazer, a gente era sempre de lado, sempre eram os filhos, “ah, olha os [termo depreciativo]”, só por ser mais distante, não é no Centro, elas são centralizadas, e a gente era excluído. Então a gente sentia isso aí, quando criança, era muito triste, como a gente se sentia humilhado, não sei se tu passasse por isso. Aí a gente ficava sonhando, “ah um dia a gente vai ter isso, um dia a gente vai passar por isso tudo e vai ficar melhor”. E com a graça de Deus, meu pai sempre muito religioso, sempre, muito inteligente, sempre ajudou muito a gente nos deveres, nas tarefas da escola, sempre, a minha mãe cobradora, ficava sempre cobrando se estava passando se não estava, os rapazes ganhavam, ela era exigente, era de sangue forte, então o pau pegava se não passasse, tinha que ser assim e olha, foi para o bem de todos, todos são formados, todos na Universidade graças a Deus, todos bem empregados, então, conseguiu. A gente aqui o salário é muito baixinho mas o prazer é muito grande. É, o salário é muito baixo, então, é triste, a gente não é valorizado, não é pelo que faz né, a gente se sente ainda menosprezado, “ah, não vai lá, ah tem uma bibliotecária lá”, mas se fosse, eu tenho na minha cabeça, que se fosse uma pessoa daqui a coisa seria diferente, também do grupo, do grupo maior né, então era visto como, eu senti isso porque uma época entrou uma aqui bem, aí... meu Deus, achava que era dona do... [a entrevista é interrompida por um usuário que chega para doar livros para a Biblioteca Pública]. Essa exclusão eu acho que até

hoje ela continua no nosso meio, infelizmente, é muito triste, as crianças sentem, a gente vê as crianças sentirem, chega aqui já assustadinha, com medo, porque em todo lugar são tratadas assim, eu digo “não querido, vem cá, vamos ler isso aqui”, então a gente, eu e [companheira de trabalho] fizemos de tudo pra, pra ajudar eles a, a ver o mundo com outra, meu Deus, a ver como nós vimos né, com outro olhar, meu Deus, é muito triste você ver o mundo assim só agredindo, só deixando tu pra lá, o outro só que é o favorecido, “ah esse não dá, então vamos oferecer um outro”, até ele se encantar né, enquanto ele não se encanta daí esse encanto vem de novo várias vezes e aí vai. Hoje tá meio vazio mas todo dia está bem lotado, hoje tá meio vazio, eu não sei, já teve gente, já saíram, mas é até bom pra nós conversarmos, ta bom... Daí a gente tem os livros do vestibular todo ano, até agora já está sendo adquirido também que é pra ajudar também os menos favorecidos aí, daí vem os que têm mas não podemos excluir né, aí é comprado assim em quantidade maior todos os livros lá da UFSC pra literatura, que é muito bom, isso aí já sabe, é costume, todo ano eles já vem atrás, já vão levando, da UDESC, da UFSC...

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Por exemplo, as vezes tá cheio, lotado aqui, vem uma criança mais do interior, geralmente os pais até vêm junto, ontem ainda veio um pai ficou o tempo todo que a gente teria que passar o conteúdo da menina que ela salvou num pen drive e na, ontem à noite, perto da noite, eu estava aqui com a [companheira de trabalho] daí foi tudo certinho chegou na escola e não abriu. Daí o pai, a menina foi pra aula de manhã, o pai veio aqui, o pai bem interessado pelas meninas, a [nome da criança], daí tentamos salvar lá de novo, abrir lá, não abriu, viemos nesse aqui, nada, aí a [servidora da prefeitura] estava aqui que é essa que eu digo, que faz a palestra, é gente boa, aí nós dois fomos ali, batalhando, e o pai olhando, batalhando, batalhando, batalhando, não conseguimos passar, não dava não abria, e não conseguia passar pro pen drive dela, enviar. Aí depois passou outra menina, vem cá, conseguimos passar e o pai saiu feliz da vida. Se a gente não faz isso aí? Nós já estamos excluindo, a menina vai ficar sem o trabalhinho, sem apresentar o trabalhinho, vai

ficar sem nota. E outros que vem em cima da hora do meio dia? Correndo, correndo, “ai, eu tenho que fazer trabalhinho”, aí ele veio sozinho, desesperado, “tenho que levar hoje a tarde”. Daí tu vai fechar a porta? É hora de tu fazer lanche, é hora de tudo, mas primeiro o que tu vai fazer? Primeiro atender né, a criança necessitada, a criança que né, é até um bem, que seja um bem, mas que está apurada, que não deu pra fazer em casa, que não tem computador, que está sem Internet... Essa forma, é uma maneira, se tu não fizer tu tá excluindo, tu tá deixando de lado, principalmente se for um que está mais excluído, que está sozinho, que está sem pai, sem mãe, sem alguém pra ajudar. Então eu, a gente procura olhar esse lado, “ah, vai-te embora”, eu já estou excluindo, é uma maneira de eu excluir, o atendimento, é uma forma que eu posso excluir. Às vezes até impensadamente mas estás excluindo a pessoa, deixando ela triste, sair triste, sair desapontada, que nunca mais vai ler, então tens que procurar não desapontar as pessoas. Outra forma, no atendimento, nos trabalhinhos, também ter um livro e eu dizer que não tem pra... é, essa é uma maneira também que eu posso excluir a pessoa, tem esse livro, mas não guardei pro outro lá, que é meu amigo, que é conhecido, que é filho do coisa, que é daqui do Centro. Aí vem um lá da [bairro distante do Centro] “ah não tem esse livro”, não a gente procura não fazer isso aí, de verdade mesmo, de verdade, não, não tem isso aí. Até os livros do vestibular a gente reservava, vamos reservar, Fulano ligou a gente reserva, acabamos com isso, muito privilégio, a gente via, agora os livros vão estar ali, chegou, pegou. Ontem eu falei pra esse também que veio a noite que estava falando que a filha vai fazer no Rio Grande do Sul, vai fazer na Udesc, na Ufsc, um poderoso da praça, daí a gente falou pra ele “não, não tem”, “ah, não dá..” como é que se diz, “pra reservar?”, não tem reserva, a gente já fez isso e viu que a experiência não foi boa, então a gente deixa ali. Está ali livre, chegou pegou. Não chegou, não chegou na hora perdeu.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Eu acho que o bibliotecário, uma coisa que eu sinto assim que é muito triste, que a gente assim, a gente não é valorizado, isso é que é... Então como a gente teria mais entusiasmo se fosse mais valorizado. A [companheira de trabalho] faz esse trabalho aqui, você pensa que o professor, eles assistem? Eles, mas não é

capaz de alguém dizer assim oh “vou lá dizer pra alguém que esse trabalho está bonito, que isso está”, então a gente sente muito isso. O pessoal vem, os professores vêm, então é um tipo assim de uma competição, eles vêm, eles gostam, vivem só ligando pra ver se, estão tudo ligando pra ver se vai ter a contação de história, eles gostam de sair de lá, é prazeroso ele sair, trazer as crianças pra cá, é um encanto pras crianças, a gente bate foto, a gente, mas tem foto a vontade aí, porque até nós vamos expor depois. Eu não sei se está aqui, as fotos que a [companheira de trabalho], por isso que era bom no horário da [companheira de trabalho], que a gente bateu, fotos assim de todas as crianças de toda forma, eles querem bater com a [companheira de trabalho] direto, eh mas é muito lindo, com a bruxa, outra hora é com ela se vestir, de princesa, assim, cada vez conforme o tema. Mas ninguém valoriza. Ela fez é bonito tudo mas não vai adiante. Não vai adiante pra ninguém, pro prefeito escutar, até o prefeito dessa vez veio, bateu foto junto, ele viu que estava, “ah eu não sabia que era assim”. Tem que saber que é assim, tem que valorizar mas depois também ajudar, ajudar a melhorar isso, a crescer, não ficar só nisso. Então, não só como contação mas como um todo, em todo, no material, em tudo. Nós estamos precisando de um ar até agora, salário, ser valorizado no salário, que é uma vergonha. Não estou menosprezando a [companheira de trabalho que não tem formação universitária] mas o salário dela é quase correspondente ao nosso, não é [companheira de trabalho que não tem formação universitária]? Ela está aqui, o nosso salário é quase igual ao teu. Não estou menosprezando. A [companheira de trabalho com formação universitária] ganha um pouquinho mais porque ela faz quarenta horas, eu vinte, eu estou fazendo agora, nós vamos fazer a contação, mas é vinte horas que eu faço eu fico aqui quase o dia todo porque antes eu tinha minha mãe em casa e eu cuidava do menino dela, que agora tem sete anos, eu cuidei dele até quatro, da minha filha, ela tem mais dois filhos todos eu que cuidei, daí eu trocava horário, vinha no horário da noite, ela ficava durante o dia e eu vinha no horário noturno, a biblioteca fica aberta até as oito da noite. Eu fiz muito tempo isso aqui a noite, quanta gente vieram aqui correndo aqui e fazer trabalho a noite aqui, pessoal da Faculdade, a maioria da Faculdade vem de noite, ficava até tarde aqui todos, a maioria que fez Faculdade adulto foi tudo aqui. Foi aqui de noite, ainda

estão vindo mas no meu período eu peguei assim quando começou esse pessoal mais de idade a fazer faculdade uma loucura, era toda noite, toda noite isso aqui lotado. Também o pessoal que começou a estudar assim a nível de ensino médio, ensino fundamental, isso aqui também a noite era assim, bem lotado bem lotado. Agora essa turma toda se formou, que tava tudo assim, sem estudar, voltaram tudo a estudar, foi muito bom. Mas como eu te falo o problema é não ser valorizado. Não ser olhado, não ser escutado como um profissional capacitado pra isso né, é uma pena, uma pena essa visão. A visão, como eu te falei, aquela velha visão passada de pai pra filho “ah aquele bibliotecário, entrega pra bibliotecária”, então não é, aquele bibliotecário ele está lá representando a nossa, ele tem conhecimento, representa a nossa comunidade, o nosso município, é o que eu sinto, é o que a [companheira de trabalho] sente, então, e como todo bibliotecário, a gente vê que todos reclamam, né. A gente não é reconhecido como profissional competente pra trabalhar. E também a biblioteca pública ela é mantida assim com muito pouquinho né, então ela vive mais de doação, o Governo Federal manda um pouco mas também se a gente não correr lá atrás, fica lá não sai, não sabia que tem recurso. A gente sabe que tem agora porque um cunhado da [companheira de trabalho] trabalha lá, sabe que vem. Então a gente já pegou bastante coisa já depois disso, estamos pedindo ar há tempo já, isso aqui dia de verão, é quente, é quente, como em cada local que a gente já esteve. A gente já esteve na Polícia, já esteve onde era a farmácia, já esteve aqui atrás. Então os primeiros anos que eu trabalhei ela ficou sempre lá em cima, onde é a [nome de uma Instituição] agora e tinha os outros setores embaixo [nome de Instituição] e [nome de Instituição]. Do lado era onde se fazia comida e também a garagem dos carros onde eles faziam oficina dos carros. Depois passou pra lá pro outro lado, depois pra lá e agora estamos aqui no melhor local até hoje. A gente acha esse lado aí até que está, cresceu bastante, eles acham um bom, um aluguel bem caro, então isso aí a gente já ficou super feliz, isso foi uma coisa que melhorou bastante.

ENTREVISTADA 5

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Eu sou do interior, e lá, eu sempre quis estudar assim, mas era muito pequena a cidade de origem alemã e eu não sou alemoa, alemã né, então eu tava num contexto que eu não me encaixava, então eu sempre pensei, por exemplo, na farmácia, tinha que saber falar alemão porque uma pessoa lá do interior vinha, então eu toda, não conseguia falar alemão, então eu não conseguia emprego, então foi muito difícil pra mim a minha caminhada. Acabei cuidando de criança, trabalhando em casa de família e aí eu parei numa casa de família que era [nome do casal e do filho] e eles eram professores formados pela Federal. Foi onde eles me disseram “oh, como tu não tem condições, tem a Federal, eles tem a casa do estudante” que eles também eram moradores da casa do estudante. E aí eu vi que eu não precisaria mais ficar ali, ali em [cidade]. Então foi onde me deu aquela ideia de “ah, vou estudar mesmo”. Eu sempre gostei de estudar. Depois disso eu fui morar em [capital], morei em casa de estudante, aí fiz pré vestibular com bolsa, sempre com muita luta, fiz pré vestibular popular, sempre também envolvida também com a parte mais social porque daí tu tem que, se tu mora de graça, tu tem que contribuir de alguma forma, daí trabalhava com a comunidade. Daí a [Universidade], eu sempre digo que eu sou filha da [Universidade], porque eu precisava, eu preciso fazer alguma coisa que eu gosto, fazer alguma coisa que eu goste, mas eu preciso me manter, como é que eu vou fazer isso? Filha da [Universidade], ela me dá comida, educação e moradia e aí foi, isso pra mim foi, eu pensei “é isso que eu preciso, me manter”. Então eu tinha, lá o RU era pago R\$0,50 na minha época, isso em [ano], aí eu morava na casa de estudante e a gente assim fazia, as casas de estudante têm que se mobilizar pra se manter ou fazer alguma atividade cultural, a gente fazia dança também, as vezes fazia manifestações, essas coisas todas. Aí eu vim parar em Santa Catarina porque meu marido se formou em [curso de formação] e aí a gente veio pra cá. E aqui eu acho que sossegou um pouco porque eu acho que aqui é outra história. Eu achei Santa Catarina, até a [Universidade], consegui bolsa do [Programa específico de bolsas desta Universidade], não sei se ainda tem, e aí eu trabalhava, meu projeto era na [bairro da

Cidade em que estava a Universidade], a gente fazia, a gente tinha ideia de fazer uma brinquedoteca na comunidade, que não deu muito certo mas daí eu tive que sair também porque eu estava me formando, o projeto continuou mas eu não tive mais contato com o pessoal. Que mais? Acho que eu falei demais... Me marca muito todas essas histórias... Como eu não dou daqui, eu não tenho quem indique, eu sempre também me propus estudar pra concurso, porque eu nunca quis depender de ninguém também, e aí foi onde apareceu, passei em alguns concursos mas acabei optando por [cidade], porque é tranquilo, fui chamada na prefeitura de [cidade], como é que eu ia pra [cidade]? De [cidade], como é que eu ia trabalhar nos [bairro]? Meu marido trabalhava no [local de trabalho do marido], pegava trânsito todo dia, eu com [filhos] aqui. Acabei optando em ficar por aqui até por causa [filhos] pra poder acompanhá-los.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Até na própria assim, eu consigo pensar mais a inclusão, porque quando tu, por exemplo na [Universidade], pra mim conseguir moradia pra conseguir, eu tinha que ter todos os critérios, esses critérios me colocaram dentro da moradia. Fui o primeiro lugar em carência essas coisas, até então eu era excluída, me sentia excluída. Eu não tinha muito apoio, eu não me enturmava porque o pessoal era de outra classe, então eu sempre, aí é que tá, eu me sentia ou eu me colocava como excluída também, de exclusão social. Mas assim, pra tudo, eu era do interior, com sotaque muito carregado, então, emprego, quem é que vai dar emprego, eu penso em [cidade], porque foi bem difícil lá o início. Tu vai dar o emprego em qualquer loja de moda, pra uma menina que está vindo lá do interior falando “[termos que caracterizam o sotaque em questão]”, então isso não deixa de ser uma forma de tu ser excluída, eu sabia que no início como é que né, não iam dar oportunidade... Então de exclusão, mas graças a Deus depois eu estava dentro da casa do estudante eu me encontrei porque tem tanta gente parecia contigo que tu acaba se sentindo inserida. Tem que procurar também assim onde tu te encaixa, onde tu te aceite e te aceitem.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Colocar à disposição informação, mas aí já entra outras histórias, por exemplo, eu não tenho verba pra acervo, os meus computadores têm computadores estragados que dependem de um técnico vir, eu quero... A biblioteca pública ela tem esse diferencial assim, de que eu não tenho público fixo igual à biblioteca escolar, eu tenho que ir atrás dele e aí depende de... Por exemplo, segunda-feira que eu passei o dia inteiro fora, nas escolas, a ideia era que as bibliotecas viessem conhecer, mas aí não liberaram ônibus, e o que eu vou fazer pra ir lá dizer que tem biblioteca, que tem, então assim, eu que tenho que dar um jeito de sair e colocar. Às vezes as crianças não estão sabendo da biblioteca ou, tentar divulgar né a informação, ou onde podem buscar a informação, se precisar livros de, embora a gente não tenha um acervo atualizado, é só por doação, a gente coloca muito, nosso atendimento, a gente preza muito o atendimento aqui. Como a gente não tem verba, tenta auxiliar de qualquer forma, se eu não sei eu indico onde a gente pode ajudar a procurar na Internet alguma coisa confiável... Eu acho que é o acesso à informação.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Ah eu não tenho contato. Sabe que eu tenho muita vontade de, eu lembro que na época o CRB tinha uns grupos lembra? A ACB, os grupos, um de biblioteca pública, que eu fui até atrás porque acho que hoje não houve mais, porque eu preciso dividir com alguém, sabe, eu preciso saber como tu está. Às vezes eu falava com uma pessoa que se formou comigo, com a [nome de colega], que é lá de [cidade], às vezes eu tinha assim dúvida e pensava "meu Deus é só comigo?", daí eu escrevia pra ela mas faz um tempão que a gente não se fala. Mas eu gostaria mesmo de trocar, e dividir e poder tirar ideias, o que que tu tá fazendo, tipo, a gente tem o projeto [nome do projeto] tu tem também, qualquer coisa, "como é que tu faz?", eu não tenho público, "como é que tu chama?", sabe, coisa assim, porque a gente acaba se isolando. Eu sinto muita falta disso na verdade mas não tenho contato não, mas gostaria muito.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Ah, eu acho que ir atrás de tentar... Porque já que eu represento eles, eu preciso, eles querem, eles me fazem, eles me pedem, e exigem e eu acho que eu estou mais como meu, porque eu sou responsável daqui e tentar ir atrás e buscar. Eu acho que isso é ético, eu acho que eu estou representando, fazendo minha função na verdade, não é nem, é minha obrigação como profissional, que é escutar e tentar buscar e melhorar.

6) Como define exclusão social?

É falta de oportunidade acho, de... e também um pouco falta de vontade sabia? Porque assim ó, as vezes tu tem que te dispor, eu tava excluída de certa forma mas eu quis fazer parte e eu tive que ter muita vontade pra ir, então assim, às vezes é falta de oportunidade mas também não deixa, tu tem que ter vontade. Às vezes têm possibilidades mas é um pouco mais pra frente tu tem que caminhar sabe.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Olha só, a gente tem uma cadeirante e eu acho que isso é uma forma de exclusão porque ela não consegue entrar na minha sala. Então assim eu fiz parte do projeto de, quando foi escolhido o prédio, eu fiz parte do projeto da biblioteca, eu tentei dar umas dicas mas não me escutaram, eu acho que o acesso é uma forma de exclusão, se ela não chega no meu acesso, ela não tem acesso, eu acho que exclui. Exclui o usuário também quando a gente é preconceituoso, porque justo aqui [bairro onde está situada a biblioteca] tem muito andarilho, e às vezes eu recebo gente aqui que antes de eu abrir a porta eu penso “que eu consiga receber, que eu consiga atender” e que corte assim qualquer preconceito meu. Exclui também acho que porque, e também eu acho que a biblioteca, o que eu tento fazer, o pessoal daqui é meio complicado de [cidade], é o início de todo um processo assim de cultura mesmo, mas a gente já fez oficina de flores, a gente já fez, sabe, então eu tento incluir, mas excluir, deixa eu ver mais alguma coisa... Quando eu atendo mal também, quando me pedem ajuda e eu não atenderia bem, eu

acho que eu não voltaria, então acaba excluindo. Também é fonte de exclusão social, a localização dela, porque como é que me fizeram aqui embaixo a biblioteca, na época tinham liberado um espaço bem central do lado do posto de saúde, era só me dar duas salas que eu poderia fazer um trabalho melhor e mais central. Aqui embaixo eu acho que exclui também. Quando não me dão ônibus pra trazer as crianças eu acho que também é uma forma de exclusão, porque têm crianças que não conseguem vir aqui, os pais não vão trazer que são lá do interior, não me dão acesso e uma forma de ir até lá, eu acho que a gente, queira ou não, está excluindo também. É o que me vem...

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

A falta de investimento em bibliotecas públicas, porque eu não tenho, desde que eu cheguei aqui, é uma briga pra comprar os livros de vestibular, eu ainda não tenho esse ano, o ar condicionado não funciona... Acho que é falta de, a biblioteca pública ter, de tu poder oferecer um espaço bom. Como é que eu vou chegar numa escola e querer que o usuário venha e ele chega aqui e não corresponde. Mas o bom é que minha Secretária esse ano, ela é [formação profissional], ela não tem muito o lado cultura, ela está aprendendo, a gente está aprendendo juntas, mas ela tem uma visão bem bacana, então eu acho que a gente vai poder trabalhar melhor essa questão de inclusão por ela ser mais da parte social, mais humana, que é bem importante pra mim.

ENTREVISTADA 6

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Eu acho que o meu contexto, até pelo Estado onde eu nasci, [Estado], é uma cidade que eu acho que foi culturalmente ativa, ela é mantida principalmente por uma ou duas empresas que investem no setor cultural, então nós temos teatro municipal, escola de dança municipal e apesar de ser uma cidade pequena, de pequeno porte, eu acho que eu cresci, eu fiz balé, eu fiz parte da escola de música, na escola de música tinha uma espécie de uma APP, meus pais participavam dessa APP, sempre assim, uma participação de fato ativa pela família também, então eu

acho que isso moldou um pouco. Durante o colegial eu fiz parte do Conselho Municipal de Educação, foi um convite da escola e ali começou meu interesse pela área da educação. Eu ia naquelas reuniões, obviamente eu tinha ali 14, 15 anos, não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas ao longo dos tempos, a gente ouvia né, você “pescava” algumas coisas, umas discussões, votava-se o plano da cidade para a educação, problemas, recursos, então aquilo começou a me instigar. Eu raramente falava alguma coisa mas ia nas reuniões porque me sentia importante, achava legal, enfim. E eu estudei até 8ª. série numa escola modelo da cidade, meus pais, até a gente tinha, era por setorização, mas esse, eu não era desse setor, mas meus pais conseguiram, depois de um tempo, você entrava numa lista de espera, você eventualmente podia fazer parte dessa escola, então eu estudei até o 8º. ano nessa escola, que também era uma escola bem ativa na cidade, tinha projetos de câmara municipal mirim, então eu acho que eu convivi um tempo assim, e por conta da profissão dos meus pais, eles são, ambos têm faculdade, a gente também sempre foi instigado em casa a ter um olhar reflexivo, ativo, sempre questionando, era sempre, eu fui a criança dos por quês e os meus por quês foram sendo respondidos pela minha família, então eu acho assim, que por conta disso eu me considero uma pessoa ativamente reflexiva, se isso faz sentido ou não, toda instituição que eu vim a trabalhar, até antes, porque eu trabalhei antes da faculdade, em pequenas coisas, trabalhos informais, eu sempre me mantive ativa por conta dessa minha criação, desse meu envolvimento, minha referência foi sempre assim. Eu escolhi ser bibliotecária, eu quis ser bibliotecária, eu frequentei biblioteca pública quando pequena, tinha um amigo bibliotecário, apesar de ser uma cidade de poucos bibliotecários e prestei duas faculdades, passei nas duas que tinham, ambas faculdades estaduais, e fui, fui fazer faculdade. Eu acho que também na própria Faculdade, apesar de ser no interior, perto de uma capital, a gente também tinha esse olhar reflexivo, os professores nos instigavam a falar de associação, a participar, fazer parte do grêmio estudantil da faculdade e passei por isso ao longo da Faculdade. Além de ter sempre feito parte do grupo de pesquisa, então mesmo enquanto na graduação, fui bolsista de pesquisa, de iniciação científica, então isso também te ajuda a ser um pouco mais reflexiva porque você tem que construir relatório, você tem que participar

de outras instâncias que não a sala de aula, tem que ter contato com outras pessoas dentro da instituição então isso te desenvolve não só para o trabalho. Então eu vejo assim que minha graduação, minha formação pessoal, não me direcionou só para o trabalho no sentido de fazer uma tarefa repetitivamente mas de refletir sobre aquilo que eu estava fazendo. Então eu acho que, não sei se eu consegui fazer um panorama geral sobre essa minha... por isso até, que foi quase que meio automático que eu fosse da graduação para a pós-graduação, então da graduação eu fui direto pro mestrado, no mestrado eu passei num concurso para a biblioteca pública onde eu estou trabalhando hoje e continuei trabalhando. Eu tive a opção de continuar a pós-graduação ou trabalhar, e eu a princípio eu senti necessidade vir trabalhar, até porque era muita reflexão, muita reflexão, muita reflexão, e eu sentia essa necessidade mesmo, de falar: ah tá e na prática? Como de fato isso ocorre, como toda essa reflexão, toda essa teoria vai se dar na prática? E até então, do tempo que eu estou lá, tem sido algo extremamente positivo.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Na cidade, por conta da localização da biblioteca, e eu acho que toda cidade tem um pouco disso né, de ter muito fluxo de andarilho, pessoas que vão, pessoas que voltam, e a biblioteca acaba sendo um centro de referência, pra usar o banheiro, pra perguntar onde é o [instituição de apoio], onde é o [instituição de apoio], onde é a assistente social e ele acaba sendo... E eu via que no começo, agora os funcionários se modificaram né, a funcionária que estava antes de mim, que já, ela que tocava o serviço, ela não gostava que essas pessoas entravam, ela não deixava usar o banheiro, meio que falava assim “não, não é aqui é lá”, “sai”, mais ou menos assim, excluía essas pessoas, os andarilhos, porque às vezes eles não tomam banho há um bom tempo, então às vezes estão descalços, às vezes não estão com uma roupa tão limpa, e essas pessoas eram excluídas. Acredito que eu já tenha vivido isso, acredito que sim, principalmente porque, isso vai ficar meio confuso, mas eu já morei fora do país e eu tenho [característica] que marca muito por ser latina, então eu sou uma pessoa que não passo por, passo por uma pessoa latina, então as pessoas aonde eu estou, isso na Europa, nos

Estados Unidos, e sempre na imigração, e meu marido tem um nome e fisicamente a característica dele não é da minha etnia, é bem diferente, então por eu ter esse nome de característica latina, eu sempre, eu vejo assim que eu sempre demoro mais pra entrar. Se a gente entra junto, a gente é questionado porque a gente não tem o último sobrenome, eu não adotei o sobrenome, apesar de casada civil, eu não adotei o sobrenome dele por opção, então eu sempre sou questionada porque é um nome diferente e as pessoas sempre falam em espanhol comigo, elas nem perguntam de onde eu sou, elas já assumem que eu sou mexicana, ou principalmente, espanhola, então aonde tem uma exclusão é básico assim. Às vezes até a gente brinca entre os amigos “ah devia ter adotado o sobrenome do marido pra não ter essa coisa”, então, acho que isso, é uma espécie de exclusão por conta do nome, ele já pré assume, até há um pré, uma exclusão e um pré conceito em cima daquilo, a pessoa até te responde, o tratamento é diferente. Então eu acho que essa coisa da exclusão, como eu vi na biblioteca pública, o tratamento é diferente, chega um cidadão como outro qualquer, como outro qualquer, então, podia ser o prefeito da cidade todo perfumado com carro importado, ou o andarilho vindo a pé, geralmente vem a pé ou vem de bicicleta, ou uma coisa assim né, e a gente tem que receber e atender da mesma maneira e isso acontece dentro da biblioteca pública.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Nossa! Essa é grande! Pela minha vivência também né, é engraçado porque a minha graduação ela não, de fato, não nos, vamos dizer assim, não enfatizou a questão da biblioteca pública. Foi interessante assim, a gente pensava em outras coisas, acho que até pela vivência da pesquisa a gente foi muito impulsionado a pensar em outros ambientes que não a biblioteca pública, parecia assim que a biblioteca pública era o local primeiro para a atuação do bibliotecário então “Ah, esse então a gente vê depois”, e foi assim durante toda a graduação. Quando eu vim e passei numa biblioteca pública não foi assim “Nossa como meu sonho era ser bibliotecário numa biblioteca pública”, não, mas eu prestei um concurso, para mim era profissionalmente, pra minha vida pessoal também era interessante, vamos lá ver o que dá. Mas entrei de cabeça com a cara e com a coragem, sem ter

muita noção até do que era. Eu, e eu não percebi que a biblioteca pública que eu tinha frequentado até então funcionava mais quase como uma biblioteca escolar, porque eu ia na biblioteca pública porque eu tinha uma necessidade da escola, do que uma biblioteca pública. E daí eu fui começar a pensar, vivendo ali no dia-a-dia. Na biblioteca onde eu trabalho também, quando eu comecei a trabalhar lá, 95% da utilização era para um fim escolar e esses 5 outros % me chamavam atenção, por que essas pessoas iam lá? Para pedir uma informação banal, podia ser “ah onde fica o bar mais próximo?”, “onde fica o mercado mais próximo?”, como é numa rua principal da cidade, os viajantes paravam o caminhão “Ah, porque eu estou procurando a prefeitura municipal”, “Ah, é logo ali”... Então virou um ponto de referência, por alguma razão as pessoas passavam lá na frente e entendiam que ali era um centro de informação. Legal, então eu acho que essa função social é informar, acima de tudo, e é interessante, informar o quê? Informar qualquer coisa, qualquer pessoa, é um centro mesmo de fluxo de informação. E daí comecei a pensar, então essas pessoas só querem ir lá “browsing” né, ficar em volta das estantes, então também isso, é um local de prática de cidadania, é meu lugar, então como eu posso passear numa praça, sentar num banco, simplesmente porque eu quero passar 5 minutos, de repente até cochilar naquele banco, eu comecei a ver a biblioteca pública também como esse lugar, esse espaço de vivência, é público, é do cidadão, é dele, ele entra, ele sai, e de repente ele só quer entrar e dar uma olhada, não quer, de repente ele só quer entrar para usar o banheiro, de repente ele quer entrar para olhar as estantes “Ah nunca parei para pensar como era uma biblioteca”, pode ser até para reclamar, às vezes ele entra para reclamar, acha que não está adequado isso, não está adequado isso, o que acontece muito... Então eu acho que a função social é essa. É interessante que a gente fez um projeto com a secretaria, com uma professora da área de educação, que era para servir a secretaria mas acabou sendo algo mais pessoal do que pela Instituição porque a Instituição não adotou a ideia, mas uma das coisas que a gente colocou no projeto foi isso que a biblioteca era um local de prática da cidadania, onde a pessoa se sentisse empoderada daquele ambiente, é meu, para mim, a Prefeitura... Tá aqui, tanto que eu falo assim, quando eu recebo uma visita de turmas da escola, eu pego e falo assim: “Quanto custa para ir na

biblioteca, quem sabe me falar?” E às vezes a criança pequena fala: “Ah tia é um real, é 10 reais, é 20 reais...” Eu falo: “Não, é de graça. Agora, porque o pai já pagou imposto, pergunte para o pai de vocês, já pagou, para vocês entrarem aqui é de graça porque isso já foi pago por alguém, a gente recebe recursos que mantém esse lugar, não é que não custa nada, não custa nada para vocês porque alguém já pagou. E vocês um dia vão ser adultos vão poder pagar o imposto e vocês vão pagar esse lugar. Por isso que a gente paga imposto para que estes lugares sejam construídos”. É interessante que eles ficam assim pensando, às vezes eles voltam pra casa e “ah, eu perguntei pra minha mãe se ela paga o imposto”. É isso, é a prática, é entender pra onde, pra quê, pra quem vai aquele recurso e assim você também consegue fazer uma educação com a criança, fala assim ó: “Por que você está levando isso, porque você tem que trazer de volta, é seu, toma, pode levar porque é seu, isso é seu direito levar esse livro, mas tem que trazer de volta porque é de todos, não é só seu, é seu também”. Então eu acho que essa função social talvez seja de educação cidadã, de prática cidadã, de consolidação enquanto cidadão né, então eu acho que talvez de maneira reduzida fosse isso.

4)Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Vou falar das poucas vivências que eu tenho com um ou dois colegas que atuam dentro né, não posso generalizar, como eu não venho do Estado, eu não tenho muito conhecimento, amplamente, de todos os bibliotecários, não sou, não fiz universidade aqui, então pra mim é difícil dizer, não tenho muitos contatos, mas as pessoas que eu conheço, que atuam e das bibliotecas que eu frequento, porque eu frequento daqui frequento e de outras cidades, as vezes vai em algum evento tem outro contato, é que são pessoas oprimidas, eu acho assim sabe, eu acho que por conta principalmente de não serem os líderes, os tomadores de decisão, são pessoas assim que as vezes acabam esquecendo do, acabam sendo impossibilitadas vamos dizer assim, desanimados, desmotivados a exercer um papel mais ativo dentro da biblioteca por não serem os tomadores de decisão, ou por estarem debaixo de um orçamento que não existe, de uma briga política que acaba prejudicando o ambiente de trabalho, acaba modificando a biblioteca, mudando

a biblioteca, fechando a biblioteca, deixando a biblioteca aquém, então, uma briga política... Eu acho assim que é um, eu diria, se fosse para resumir numa palavra assim é um profissional oprimido, ele não tem muito, a não ser, é interessante que as pessoas que eu vi que não são assim, têm um envolvimento político maior. Então se ela consegue politicamente se envolver com, o partido político, então vamos dizer assim, não é a política, não é a prática ativa política, mas com aquele partido político da vez, com a politicagem, vamos separar política com a politicagem, consegue ter uma atuação maior assim, por n motivos, ou porque ele é do partido, ou porque consegue um diálogo bom com aquele partido, mas o que eu acho totalmente prejudicial da mesma forma, porque assim que aquele partido sai da vez, ela perde a força porque a força não era uma força real, não é uma coisa que você construiu profissionalmente pela sua força, mas por um favorecimento, por um favor, por um achego com Fulano ou com Cicrano, ou com uma pessoa assim. Eu ainda retomo a falar, acho que é um profissional oprimido e acho que ele ganha espaço sem fortalecer o seu lado profissional, então ele não ganha espaço porque o bibliotecário é importante para aquela cidade, mas ele vai por um caminho que às vezes acaba não se consolidando naquele lugar. Então eu acho assim, ainda é um Estado que precisa da consolidação do profissional bibliotecário, para entender assim... e do próprio profissional né, eu acho que talvez isso possa ter, não sei, mas talvez seja aí uma hipótese né, possa ter a ver com a própria formação profissional, então, a formação da Universidade, que ela oferece, e a formação também Pós, né alguma Pós-Graduação, então, o meio educacional, de que forma ele forma a..., não a personalidade, mas a identidade, acho que falta identidade profissional, entender pra que eu vim, pra onde eu vim, então eu acho que peca na formação e na hora da atuação fica meio confusa assim sabe. Porque eu vejo, eu vi pelo meu ambiente de trabalho, que eu não sou uma profissional, talvez assim, porque eu vou atrás, porque eu tento ajudar, porque eu me envolvo nas comissões e nas coisas eu sou ouvida, mas não que eles entendem, daí eles vão entender “Ah então bibliotecário é isso, ah bibliotecário tem uma faculdade”, mas antes disso lá bibliotecário era qualquer pessoa, geralmente professor readaptado que trabalhava na biblioteca. Inclusive eu descobri que na legislação da cidade eles registravam essas pessoas

como bibliotecários, eles eram, estavam lá. Daí, isso foi uma legislação mudada talvez há alguns anos falaram “Opa, não, bibliotecário é quem tem a formação, bacharel em biblioteconomia, existe o bacharel em biblioteconomia e legalmente registrado em um órgão de classe”. Eles não entendiam assim, porque há um tempo, eu fui ver na legislação, “ah não tinha bibliotecário sim, ó, tá aqui na legislação”, eu falei “opa, então essa legislação tá errada”, e de fato, foi mudada, de fato foi mudada, mas durante um bom tempo se reconheceu e se registrou ilegalmente esses profissionais como bibliotecários. Então eu falo assim, isso é gritante né, porque desde quando existe o curso no Brasil, desde quando existe o curso em Santa Catarina, aonde que não veio alguém aqui e não sei quem é o culpado, talvez a Universidade, talvez o próprio órgão de classe, o CRB, talvez uma associação profissional, não sei, o sindicato, mas alguém pecou em não ter informado de alguma forma para essas pessoas, porque quantos dirigentes passaram por ali, não sei, não sei mensurar isso, é para uma outra pesquisa, mas quantos dirigentes passou por ali e disse “não, mas a gente tem bibliotecário” mas espera aí, tem mesmo né... Eu acabei sendo um dos primeiros profissionais da cidade e agora estou tentando, eu acho assim, a gente tem que deixar um legado, para que não aconteça isso que eu identifiquei, para que não seja um profissional marginalizado, à margem de todo o sistema entendeu, porque as pessoas, na hora que eu sair de lá as pessoas entendam, “não, houve uma pessoa”, e não a [nome do entrevistado], eu quero ser reconhecido, adoro quando eles falam esse é o nosso bibliotecário, eu quero que eles entendam que o bibliotecário é que faz esse tipo de serviço, para que a próxima profissional que for, que ela seja cobrada, que ela parta da onde eu parti, não que ela tenha que ser igual a mim, mas menos do que eu faço ela não pode fazer entendeu, ela tem que atender a biblioteca, ela tem que reconhecer a biblioteca, da responsabilidade com o ambiente profissional, ela tem que ter informação, ela tem que ter um curso superior, tem que se registrar num órgão de classe, o órgão de classe tem que ir lá, tem que cobrar, porque eu tô sempre falando, eu chego lá “oh, paguei minha anuidade esse ano”, porque eu acho que se é assim, não estou discutindo aqui se esse é o certo ou se esse é o errado, mas se a Lei diz que tem que ser assim, é assim que a gente vai ter que proceder entendeu, então eu deixo bem claro

“oh, a gente paga uma mensalidade, uma anuidade, a gente tem uma carteirinha, oh, a carteirinha é essa”, eu faço questão de tirar uma cópia e deixar com meu gestor, “oh, está aqui, tá vendo, a gente tem essa carteirinha”... Ano passado, ano retrasado, não, quando eu entrei lá, no ano seguinte, eles, acho que o próprio CRB mandou uma espécie de um diploma, um certificado, de que aquela biblioteca era certificada, então esse tipo de coisa, onde a gente tem lá, eu até queria por num quadro, colocar na parede, mas pras pessoas entenderem, porque as pessoas perguntam “quando é o dia do bibliotecário?”, é que a gente recebe às vezes aqueles panfletinhos dos CRBs, num ano a gente recebeu, eu coloco num mural, oh, feliz dia do bibliotecário, “ah bibliotecário”, eu acho legal. Tanto que no último ano depois de eu fazer isso meu próprio gestor no dia do bibliotecário chegou com uma flor “oh, hoje é dia do bibliotecário, eu vi em algum lugar”, mas enfim, ele lembrou, hoje é dia do bibliotecário, então há um profissional bibliotecário que é necessário para o andamento da biblioteca, pra todo esse planejamento, todo esse pensamento ser pensado pra alguém que quer informação, pra isso.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Acho que reconhecer, eu diria assim, não sei aí onde isso entra num parâmetro ético, mas reconhecer que a biblioteca é de todos e pra todos, que o serviço prestado ali é pra todo mundo. O profissional tem que entender isso e brigar por isso, sabe, porque a gente tem isso no discurso mas pensar assim no dia-a-dia, dentro da minha prática profissional, eu luto por isso, tanto que eu comecei a lutar por isso, então hoje aparece um andarilho, pode ser qualquer pessoa e enfim, qualquer pessoa, pode ser o padre da cidade, enfim, e eu não sou daquela religião, pode ser um budista, pode ser uma pessoa com a prática do espiritismo, e eu reconheço isso na vestimenta, na pessoa, eu tenho que tratar ela igualmente. Se eu ver uma outra pessoa, eu acho, mesmo eu não sendo a responsável legal da biblioteca, digamos assim, tem um gestor que responde mas eu tenho funcionários que são subordinados a mim no trabalho, eu tenho que defender isso e explicar isso pras pessoas, “oh, aqui tudo é pra todos, a gente está aqui oferecendo informação então esse é um ambiente de prática da cidadania, e essa pessoa pode sim entrar, ir e vir, o

banheiro não é só meu, e dele também, a cadeira ele pode sentar, o livro ele pode pegar, o computador ele pode usar”, ou seja, se ele se adequar, dentro do que a gente se adequa, ele tem que se adequar e a gente tem que tentar quebrar essas barreiras, “ah não, porque ele não pode usar o computador se não tiver o RG”, não, se ele precisa da informação e ele precisa naquele momento, talvez, que a regra seja assim, ah que você pode usar mas vai ter que ser monitorado por uma pessoa por conta do bem público, não, qualquer coisa, facilitar o uso da informação também, não excluir essas pessoas.

6) Como define exclusão social?

A partir então, da minha vivência como bibliotecário, estando no setor público, que eu acredito que era um setor que devia pensar sempre todos seus serviços, recursos, produtos, ambientes para todos e não pensa, a minha experiência é essa, que não pensa, então eu acho que exclusão social é exatamente isso quando alguém, por algum motivo, de mobilidade, de etnia, talvez por alguma questão física, uma necessidade especial permanente ou até provisória, digamos assim: permanente – eu não escuto, provisoriamente – eu fiz uma cirurgia no olho e não posso enxergar... Então, por alguma razão ela é excluída do ambiente social e quais são os ambientes sociais? Uma repartição pública, um clube social, às vezes até uma instituição religiosa, um local de lazer, uma praça, um prédio público para fazer algum serviço ou porque você quer entrar por livre e espontânea vontade, então quando isso te exclui disso, eu acho que exclusão social é isso, quando algo te impede de poder ir e vir, de praticar, de ser cidadão, de estar ativo na sociedade em qualquer coisa, por alguma razão.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

A começar pelas regras né, então por exemplo, para fazer a carteirinha precisava de cópias, você tinha que trazer RG, CPF, comprovante de residência em seu nome ou de algum responsável legal, foto 3x4 e, enfim, taxa a gente não tem, mas esses outros pode parecer bobo mas, por exemplo, para um andarilho que vem sem carteira, sem documento, ele não tem RG, ele não tem CPF, às vezes até tem tá, mas ele não tem

comprovante de residência, obviamente, porque ele não reside atualmente em lugar nenhum, foto 3x4, às vezes ele tem uma jogada na bolsa mas se ele tiver que pagar por aquela foto 3x4 ele não vai, aí você já exclui, aí você já deixa, então, aí você põe na porta da biblioteca lá assim “ regras para uso” , fazer carteirinha e pra fazer carteirinha você precisa, a pessoa nem pisa e aí você já está excluindo. Então socialmente você não usa aquele ambiente porque você não se adequa aos parâmetros que eu estou adotando, então foi uma das primeiras coisas que eu tentei quebrar, esse, essa, quem disse que parece, talvez, talvez, pra você pegar um livro e levar para casa você precisa desses quesitos mas pra uso no local você não precisa destes quesitos, então você está ali pra usar. A gente, às vezes a gente e reconhecida como a instituição que empresta livro, e engraçado porque às vezes as pessoas falam “nossa biblioteca pública, você trabalha lá, mas pessoas emprestam livros ainda?”, acham que a única coisa que a biblioteca pública faz é emprestar livro e não é só isso, então essa era uma outra coisa, a gente vai além, a gente tem que reconhecer que a gente vai além disso, a gente não só empresta livro, a gente oferece informação. Então de repente até pode o andarilho querer ler, querer emprestar e mesmo que ele precise de uma x informação e essa x informação eu só tenha num livro, por algum obséquio, eu tenho que achar uma outra forma de informar essa pessoa pra que ela saia de lá pelo menos com... então eu tento, nem que eu tenha que tirar uma coisa na Internet, fazer uma cópia pequena de algum trecho de um livro, mas o meu objetivo primeiro é que ele saia de lá informado de alguma forma. Às vezes as pessoas vão lá com as coisas mais absurdas possível como esses dias uma criança entrou lá e queria saber sobre raças de dromedário. Ele viu em algum canal de desenho que tinham raças diferentes de dromedário e eu nem tinha parado pra pensar o que era um dromedário. O que é, é um parente do camelo. Pois é, ele queria, eu não tinha nenhum livro e a criança tinha seis anos e ela não ia ler, pois eu entrei do lado dele no meu computador na internet e falei “ vamos pesquisar, vamos pesquisar”. Então hoje tem n sites, pesquisamos, sentamos, e o menino saiu de lá informado. Isso que foi interessante. Acabou até ele voltando depois porque achou super interessante a brincadeira tal, mas esse era o objetivo, que o menino de seis anos saísse de lá com a necessidade informacional dele, qual era: saber as raças do

dromedário. Meu Deus do céu, nem eu sabia, mas a gente foi, procurou, até eu saber que o dromedário já é um tipo de raça de animal, enfim, informar dentro do mundo dele possível, então, compreender mais ou menos isso.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Uau, acho que é um longo caminho, eu acho que é isso assim, se a gente pára pra pensar, a pesquisa é válida, sempre, sempre, eu acho que a minha área acadêmica com o mundo de trabalho eu sinto muita falta disso. Então a gente, principalmente quando a gente está longe da Universidade, não está perto de um grande centro, como em Santa Catarina, a gente tem oportunidade só em Florianópolis, eu vejo assim, a gente fica aquém de uma própria pesquisa, de vim aqui um pesquisador como você, que está aqui hoje, interessado em saber o meu ambiente de trabalho, porque isso não só demonstra o interesse pelo meu ambiente de trabalho, mas pelo o que eu faço, e me faz parar e refletir porque são coisas, porque que nem agora, “ nossa um momento de exclusão dentro da biblioteca”, e eu, “ que você vivenciou”, são coisas que a gente vivencia o tempo todo agora a gente está pensando em outros né, mas são coisas que a gente, banaliza-se tanto a vida né, as coisas passam, a gente cria, entra nesse círculo de trabalho, vicioso de horas de trabalho e dando conta de funções em cima de funções e a gente não para pra refletir sobre o que acontece a nossa volta. Sobre a sociedade, sobre o ser cidadão, sobre a nossa prática profissional, sobre o que eu tô fazendo pelo outro, porque tem isso também, a biblioteca pública, a gente é profissional mas a gente também é, bem ou mal, e usuário né, então a gente está observando as coisas que são, então eu tava pensando assim que tipo de biblioteca, então eu acho, uma coisa que eu acho interessante, por isso que aceitei prontamente o seu convite, porque eu sinto falta disso, de que a Academia consiga se aproximar de alguma forma. Eu vejo eu, que fiz parte da Academia também, e faço ainda, que as nossas pesquisas são muito vazias né, são muito cheias de discursos, teorias e remontagens de teorias em cima de teorias mas se caminha muito pouco em novas soluções, novas práticas, e isso nunca chega até o profissional, isso nunca impacta a biblioteca. Por isso que as pós-graduações crescem, assim, isso era uma pesquisa interessante pra se fazer, será que daí os veículos, os

ambientes, os locais de trabalho, sabe, temos dez pesquisas sobre biblioteca pública mas a gente conseguiu melhorar dez bibliotecas públicas? Então qual que é o impacto dessas dez pesquisas em bibliotecas, de fato a gente conseguiu melhorar? Então, elas são muito pouco medidas né, eu acho que é muita, eu acredito, como eu vi que a primeira vez, desse que eu estou aqui que uma pesquisa acadêmica chegou até a gente, então, eu já vim por isso né, ao longo de quase quatro anos é a primeira vez que a Academia se interessou por esta biblioteca aqui no [região do Estado de Santa Catarina], mas eu acho que precisava de mais coisas assim. E pra, e também, alguma forma, um panfleto, um e-mail, ou agora que você está realinhando né, para as pessoas terem contato, “ah está acontecendo isso, podia refletir isso” , então às vezes pequenas coisas que, como você fez hoje, às vezes é uma coisa boba, mas me fez refletir sobre a minha prática profissional. Então as pessoas entram nesse círculo vicioso que eu te falei de briga, de impasses políticos, de impasses quanto à organização da Instituição, porque não são os gestores, porque não são os tomadores de decisão, e acaba se fechando a cada vez dentro da própria sala, fazendo só aquele serviço técnico, atendendo só aquele público mínimo, dando graças a Deus porque chegou férias no final do ano, contando os minutos pra acabar a jornada de trabalho, pra voltar o outro dia e fazer nova jornada de trabalho e a gente vê bibliotecários com dez, quinze, vinte anos naquela mesma biblioteca, com cada dia menos usuários, a cada dia menos serviços, a cada dia menos produtos e as bibliotecas públicas indo, e isso a gente tem, e uma realidade do Estado, bibliotecas públicas perdendo força, a cada dia menos, não cumprindo seu papel na sociedade, a cada dia menos, os gestores enxergando menos que há necessidade de se ter um bibliotecário nesse ambiente de trabalho. Acho que é isso.

ENTREVISTADA 7

1) **Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.**

A minha vivência aqui é assim, me formei no segundo grau e pensei assim, com o problema de [problema que a caracteriza] que eu tinha, eu lembrei “o que que eu podia fazer pra não ter

muito contato com as pessoas”, porque eu tinha vergonha por causa da [questão particular], daí eu pensei “nossa”, aí eu procurei em [cidade do interior do Estado] em Santa Catarina, solicitei a minha irmã e eu fui trabalhar numa biblioteca e falei “meu Deus que coisa boa né, estar sempre informada com as coisas”. E eu acabei vendo que o vestibular de biblioteconomia, era um curso novo, comecei a fazer no primeiro dia, sabe assim, o incentivo que eles deram pra gente, eu fui em frente, fiz tudo, vou dizer assim, gostei do primeiro momento que eu comecei a Faculdade, fui sozinha de [cidade do Interior do Estado de Santa Catarina] a Florianópolis, morar em república, morar em pensão, morar em tudo, mas assim ó, venci tudo isso aí, sabe. Então eu lembro que no começo, fui estudar em Florianópolis, o pessoal [...], a gente era meio do interior, era muito difícil. Mas que nada, [...] no fim eu fazia entrevista, eu ia fazer trabalho, eu ia bolsa de trabalho, trabalhei em bolsa de trabalho, tudo, sabe, me ajudou tanto a crescer e eu sou o que eu sou hoje porque comecei lá de baixo, entende, aprendi muita coisa. E assim ó, o meu pai sempre dizia, “nossa, porque que ela vai fazer as coisas, tudo o que pega tem que ler?”. E daí foi onde eu percebi que a minha vocação era leitura, era trabalhar numa biblioteca pública, trabalhar numa biblioteca né. Eu trabalhei em diversas bibliotecas, escolar, biblioteca pública foi o meu forte, foi a biblioteca pública, especializada, universitária, eu organizei bibliotecas particulares inclusive em Florianópolis mesmo, do diretor do [nome de uma organização], que era [nome do Diretor], bibliotecas particulares dele, eu fui fazer uma pesquisa, sobre [assunto relacionado à organização em questão], e acabei sendo convidada para organizar a biblioteca dele, organizei a biblioteca e em seguida ele me convidou para trabalhar na biblioteca do [nome da organização] [...]. E ali quando eu estava na Faculdade eu fazia bolsa de trabalho, eu peguei, saía de uma começava no outro, todo aquele esforço que a gente tinha, eu nunca fiquei desempregada, sempre fiz, toquei minha vida, sem ficar dependendo das pessoas entende. E sempre estudando, sempre fazendo cursos, inclusive hoje eu tenho oitenta cursos não só na área da Biblioteconomia mas em tudo que é área, desde culinária, desde cartazista, tudo, psicologia, auto ajuda, tudo tipo de coisa que eu fiz sabe, cresci, eu cresci. Aí vim embora pra cá, cheguei aqui daí levei até um ano, casei e tive meus filhos aqui, maravilhoso, saudáveis, o marido viajou a vida inteira também,

nossa, a gente tem uma vida que Deus deu pra nós e a gente tem que agradecer todos os dias a saúde que a gente tem.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Eu assim, trabalhava na biblioteca já, aqui, e daí eu, nosso vice prefeito, tinha um curso, sobre o Plano Estadual de Educação de [cidade do interior do Estado de Santa Catarina] e daí ele mandou eu fazer um curso de encadernação em [outra cidade do interior do Estado de Santa Catarina] e ele disse que primeiro do Plano pra depois descer... E eu fiz isso tudo numa noite, cheguei lá e assim ó, o pessoal que era promovido esse curso de encadernação pelo [organização responsável pelo curso] , só que eu cheguei lá, como eu cheguei depois, o pessoal me deixou de lado sabe, então, porque eu era profissional já e elas não eram. Então o pessoal me deixou de, sabe, eu me senti tão mal naquele curso, tão mal, e daí assim, não é que eu não acompanhei, eu acompanhei, mas eu fiquei, participei muito pouco tempo porque tinha que participar de outra e daí, eu viajei a noite inteira, tu cansa, e tu vê aquele pessoal te excluindo porque eles estavam com aquele grupo formado, e assim pelo fato de eu ser uma profissional e eles não eram, então me excluíram do grupo. Eu ia pedir uma informação, elas, sabe, faziam chacotas, meu, foi muito difícil, mas foi muito... Superei, sou mais eu, inclusive depois disso aí, aí certificado que veio, veio como se eu tivesse rodado por causa da minha frequência, porque eu não tinha frequência suficiente e na verdade aí eu disse assim ó “ah não, nunca mais me mandam fazer um curso desse”. Eu quis fazer o curso de encadernação para ajudar porque a Biblioteca tem muito livro que estraga então não tem como tu estar repondo esses livros, então dá pra recuperar, tinha que ter uma maneira certa pra recuperar esse livro, não encher de fita, sabe, ficar aquela, toda, tudo estragado o livro, então daí eu procurei e acabei falando com o pessoal todo nesse curso, [...], nossa a bibliotecária lá me deu um curso de encadernação, chegou a me convidar pra ir pra [cidade do interior do Estado de Santa Catarina], eu estava grávida, estava pra ganhar, isso foi em agosto, em outubro minha filha nasceu, saí de ônibus daqui, fui até [cidade do Sul do Brasil, fora do Estado de Santa Catarina], fui pra lá, mas assim eu me senti tão bem depois que

eu fiz aquilo lá, que hoje se eu puder mudar alguma coisa de encadernação pra fazer um livro velho deixar novo, desejo é fazer isso . Então assim, eu me senti excluída porque o pessoal não está [...] e por ter chegado depois porque tive que participar primeiro desse Plano Estadual na época, “não você vai ter que participar do Plano e depois você vai pra lá, você é inteligente, você pega as coisas fácil”. E pelo fato de eu chegar depois, atrasada, imagina, eu viajei uma noite, meio dia inteiro sem parar, chegar lá, chegar cansada, ainda mais cheguei a pegar o macete da coisa, aí me excluíram daquilo lá.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Eu gosto que a Biblioteca Pública esteja em tudo quanto que é [...] , eu quero que ela dê todas as oportunidades para as pessoas, que não precisa de dinheiro pra isso, que ela tem tudo aí pra aprender. Hoje a falta de leitura é uma vida. A pessoa que não lê, ela nunca vai aprender bem e o maior problema hoje, as pessoas elas querem “canudo”, elas não querem aprender, tem gente que continua hoje, por falta de leitura, não sabendo nem escrever. E tem um problema sério aqui em [cidade], tem gente que escreve “r”, dois “erres”, errado, então isso aí não é sotaque, isso aí é erro mesmo, então está faltando muita leitura. E a biblioteca hoje ela [...] , a pessoa não vem na biblioteca, tudo gratuito, porque não quer. E eu acho que assim, o celular hoje virou que nem, eu digo assim, que nem uma roupa que você, que ninguém fica sem, ninguém mais lê, é só escrevendo aquele zap zap como diz o outro, ninguém mais escreve direito, então eu estou muito preocupada com isso. E hoje por causa das doenças que estão vindo, as pessoas não procuram se informar, ficam tomando, se auto medicando, então vão numa biblioteca, tem tantas, é uma biblioteca pública, ela é aberta, independente de raça, independente de... e, sabe, tudo, só não vem na biblioteca hoje quem não quer e a gente dá essa oportunidade pra eles. Então assim, eu percebi que nós fizemos muita mudança, e conforme a localidade, a localização dela, o pessoal frequenta. Então essa semana teve uma senhora que veio aqui “nossa que livraiada véia, não investe pra melhor”, “pois é” eu disse “[nome de usuária], é complicado mas assim ó, oitenta por cento do que a gente tem aqui é doação e eu admiro as pessoas que dão, leem o livro e trazem para os outros lerem e assim ó, hoje a

senhora vai dizer que isso aqui não presta pra senhora mas tem outra pessoa que vem aqui achando interessante”. Então assim, a gente nunca pode adivinhar o gosto desse [...]. A gente trabalha desde a criança até o idoso tanto que tem que ter toda, fazer um jogo, pra poder atender todo mundo, ajudar nas pesquisas, eu fui uma pessoa que eu digitei muito trabalho, eu achei uma maneira de eu estar sempre informada, digitando trabalho, digitei mais de mil monografias, dez anos eu trabalhei digitando porque a minha atualização foi aí, dentro da biblioteca e era muito interessante. Eu acho a biblioteca hoje muito importante, as pessoas podem dizer que [...], muita gente não tem vontade, ninguém quer andar mais de cinquenta metros, se não é de carro, não quer dar uma caminhada, então ainda bem que a gente veio aqui pro Centro, triplicou o movimento, nós tinha sessenta, setenta pessoas por dia hoje nós temos trezentas. E também assim, a biblioteca hoje devia ter a participação da bibliotecária pra adequar ela certo, que nem a nossa aqui, ela não está totalmente adequada porque daqui a dez anos vai ter que mudar tudo, porque vai aumentar a população e está aumentando a frequência. As pessoas estão chegando num ponto agora que elas não estão mais comprando livro, elas querem ir na Biblioteca Pública, e a gente percebeu esse baque agora. Eu já imaginava que ia acontecer isso aí, eu sempre dizia pros meus auxiliares, “se preparem porque lá em cima não é brincadeira, lá em cima nós vamos ter que trotar, porque a coisa é diferente, não é que nem aqui que vem dez, quinze pessoas por dia”. Então, eu sempre avisei eles lá a realidade é outra. Porque a Biblioteca Pública hoje ela está sendo mais conhecida, entende, por causa desse centro cultural, então é um centro de cultura, então ficou bom ficou museu, biblioteca, ficou muito bom.

4)Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Ah, eu acho que os nossos bibliotecários eu acho, são ótimos, o pessoal é muito interessado, não é que nem diz o outro, participei de diversos Congressos, a gente vê a diferença. Já participei de encontro de usuários do Pergamum, não é a mesma coisa, os nossos catarinenses são unidos. Quando se faz esses encontros, há bastante troca de experiências entende, não aqueles assim ó “eu não vou passar pra Fulana, o que é meu é

meu”, não compartilha, e os nossos catarinenses não, eles compartilham. E a gente vê o pessoal se interessa por isso aí entende. Eu adoro saber prática de outra pessoa ou ensinar alguma coisa de novo pras pessoas, e eu acho muito interessante a união nossa. Eu sinto que não tem um sindicato ainda, mas tem uma Associação muito atuante, eu acho ela muito atuante, eu não estou fazendo parte agora, mas assim, [...], pretendo fazer parte agora, tem o Sindicato Nacional que eu já faço parte e pretendo fazer parte da Associação.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Eu acho que a valorização, porque o bibliotecário não é valorizado em bibliotecas públicas, por causa da política, conforme aquele povo que entra naquela gestão, então, não deixa pro bibliotecário ter autonomia, está faltando muito autonomia pros bibliotecários nas públicas por causa do, que é municipal sabe, então, existe muito cargo comissionado, então, eles querem distribuir muita, sabe, cargos, e daí o bibliotecário que sempre fica jogado. Ele faz a parte dele mas ele não é valorizado, não tem valorização pro bibliotecário. Eu acho que o bibliotecário de biblioteca pública deve ter autonomia pra poder participar das negociações, ele devia participar dessas reuniões, isso é fundamental. Eu acho assim, da onde que eu vou conseguir uma verba ou vamos conversar, saber o que precisa mais, o que que é mais importante na biblioteca? Então ele deve participar desses conselhos, por exemplo, não me convidaram pra participar do Conselho de Deficiência, Conselho de Cultura, não me convidaram, e é o principal pra nós. Nós não temos, não convidam a gente. Por que? Porque é muito ligado à política. Outro dia eu até cobreí isso dele, do Conselho de Cultura, como é que eu nunca fui convidada? Daí ele disse “Ah, isso é uma política não sei o quê”, sabe. Não tem assim ó... Até nós tínhamos a Associação dos Amigos e acabou a Associação parando tudo sabe, quando [nome] foi embora, e eu disse “vamos levantar essa Associação”. Daí todo mundo deixaram, daí até eu estava com uma dívida grande com a Receita comecei a fazer a Declaração pagando do meu bolso pra não deixar a Associação morrer. Não tem nada funcionando, [...] pagando, fazendo a declaração pra não deixar ela cair, e começar a levantar de novo. Nós pretendemos fazer isso agora, então, eu

estou com uma relação, muito bom, com nossa, do Centro né, mas só que é uma pena [...]porque agora já é ano eleitoral, final do ano todo mundo já muda de novo, já é outro grupo que entra, então até engrenar tudo de novo. Então a Associação dos Amigos devia ter, que ia fazer muita coisa, dinamizar a Biblioteca, buscar recursos pra fazer aquisições melhores, pegar coisas mais novas, e admiro que a nossa população doa muito livro bom. Muito mesmo. Oitenta por cento do meu material hoje é doação, mas material assim que vem assim até ainda com plástico. As pessoas estão dando. Às vezes assim, o que eu não admito “Ah, quantos livros nós vamos botar novo na biblioteca agora?” daí eu digo assim “Eh, de compra deu só isso né”, “mas não pode dizer que é tudo de compra”, “não, doação é doação”. Eu boto carimbo bem grande, é doação, não foi comprado. Daí inclusive a primeira bibliotecária participou e nossa, foi uns elogios, me botou lá em cima, “você é uma biblioteconomista, é uma bacharel”. E ela me elogia muito, ela disse “primeira funcionária da prefeitura que trabalha há [anos de trabalho onde ainda atua] anos num lugar só”. Dedicção né. Eles dão bola pra muita picuinha, tem muita picuinha, por causa assim, cargo comissionado, é política, então dão valor pra picuinha...

6) Como define exclusão social?

Exclusão social é sinal que o pessoal não ajuda aquelas classes mais pobres entende, eu acho que tem que dar mais apoio, não excluir da sociedade, tem que permanecer na sociedade. A parte de deficiência por exemplo, antigamente ninguém sabia que existia mas por que, porque eles estavam escondidos em casa, com vergonha de apresentar à sociedade. E eu acho assim ó, tinha que acabar isso aí, a exclusão, eu entendo exclusão social por isso, tem que estar dentro da sociedade, junto, como hoje acontece, está acabando a exclusão social. Hoje a criança mesmo com deficiência ela está participando junto na classe escolar, só que eu acho que está faltando muito profissional na área, pra ajudar esse pessoal na área de deficiência. Eu acho que assim ó, está acabando a exclusão, é um momento bom isso pra gente mas eu acho que ainda tem que fazer muito mais, tem que especializar mais gente, mais profissionais...

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Eu acho assim, depende de quem administra ela, nesse caso ela pode. Eu acho que no espaço né, organização não tanto, mas no espaço, pode. Na nossa eu acho que não.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Teve um caso no final do ano passado, um senhor, que ele tomava remédio, e daí deu um problema na Prefeitura que ele estava encostado, e ele, nossa, deu o maior problema na Prefeitura que ele quebrou tudo sabe. Daí uns dias, ele já era nosso leitor e ele foi na biblioteca. Daí ele disse “eu escutei um barulho”, de longe, fui olhar ele estava caindo, tava dando um ataque epilético nele, aí simplesmente eu fui ligeiro liguei pro bombeiro, tentei acalmar ele ali, mas assim, eu nunca, jamais ia jogar o cara pra fora, não, chamei o bombeiro, as pessoas certas, conversei com ele, nossa, depois no outro dia veio o irmão dele pra saber o que tinha acontecido. E ele chegou, subiu em cima das estantes, eu fui conversando com ele devagarzinho, ele foi entendendo. Hoje ele é uma pessoa normal. Ele tinha epilepsia. Ali na Prefeitura ninguém mais queria ver ele na frente, enquanto que nós, ele adorava ir na biblioteca porque nós dava apoio pra ele, ele dava ataque epilético. A gente procura ajudar aquela pessoa. Quando vem esse pessoal da praça que tem muito o pessoal de droga, agora não, mas ano passado tinha, bastante, a gente percebia, eles iam pro banheiro, saíam com uma outra, sabe. Eu dizia assim ó “tome cuidado, a gente nunca deixa pessoas sozinhas aqui dentro pra não dar problema da pessoa querer assaltar”, entende. Mas a gente trata com a maior naturalidade do mundo, nada de ficar empurrando, chamar a polícia, não. Quando a gente vê que a coisa ultrapassa a gente acaba chamando o bombeiro, ou se a polícia está passando na frente, aí a gente, quando a gente vê que a coisa não vai funcionar, a gente faz assim. Mas assim, acontece, mas nunca que você vai tratar essa pessoa, jogar pra fora... Eu queria dizer assim, eu me sinto muito feliz de trabalhar aqui todos esses anos, e eu estou pensando, ano que vem faz trinta anos e eu não sei se eu vou sair de tanto que eu gosto de trabalhar porque aqui é minha segunda família, trabalhar na biblioteca. Eu gosto das outras também sabe, às vezes meu marido fala assim “quando

“você vai parar?”, “Ah não sei, vamos ver ano que vem, o outro ano”. Enquanto eu posso ter atividade, ter coisa pra fazer, não sobra tempo pra depressão, não sobra tempo pra [...], então, eu sou muito realizada como bibliotecária, amo minha profissão e eu fico tão contente quando eu vejo bibliotecária vindo pra cá ajudar a gente, se reúne, a gente troca ideias, vê as práticas, entende, passa pras pessoas... Eu tô realmente realizada, a minha família sempre me deu apoio eu também sempre dei apoio pra eles, então, tudo válido, viver bem, viver feliz, de bem com tudo, não ficar desanimado por qualquer coisa, ah não, eu estou sempre pra frente. E assim ó, sempre minha filha assim “ai mãe porque você não volta pra Florianópolis”, não, eu quero ficar no meu canto, eu morei lá antes, mas não, voltar pra lá não, eu gosto muito daqui. Então, é isso aí.

ENTREVISTADA 8

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Ah, então, as minhas vivências culturais, assim, eu sempre gostei, a minha profissão, que eu escolhi, eu não sabia muito bem o que eu ia fazer, de Faculdade, daí comecei a procurar e daí as minhas irmãs falaram “ah, faz biblioteconomia, faz biblioteconomia”, então eu sempre gostei assim, participei de coisas culturais, daí eu fiz a Faculdade né, e gostei. O primeiro ano já me identifiquei com o curso e daí fui morar fora, adolescente, mas, daí eu aprendi a me, assim, a crescer porque não tinha, eu tinha que me sustentar. Fui fazer estágio, fiz amizades, então, fui bem acolhida. Eu acho importante nessa parte social e assim, as bibliotecárias que eu fiz estágio, eram mães, eram umas mães, meu Deus, não sei se porque a gente vem do interior, é mais simples, mas foi uma trajetória muito importante, a minha formação. E daí, quando me formei, eu mandei meu currículo pra cá, e daí eles, conversei com o Prefeito da época, e ele disse que sim, que tinha uma vaga pra mim voltar, então, assim, sabe, foi também, já formada e já tendo onde atuar, também né. Daí eu acabei ficando pra cá, casando, fazendo família aqui, que meus parentes são daqui, mas assim, a cultura aqui na nossa região é muito valorizada, porque eu vejo que as crianças que estão muito na televisão, que estão muito na

Internet, elas não tem esse lado de fazer um curso, eles vivem... Eu vejo, esse celular tirou, tirou muita coisa das crianças. Me entende né, de tudo, de crescer, eu vejo assim, você fala com uma criança, com um adolescente, ele não sabe onde pegar um documento, ele não sabe ir num banco, ele não sabe o que precisa pagar, ter uma casa, o que precisa pagar pra ter uma casa, as despesas, eles não sabem se organizar financeiramente. Eu acho assim, uma coisa também que eu vejo nas famílias de hoje, a mulher foi trabalhar fora e as famílias estão mais abandonadas. Eu vejo que é por tudo, não é só aqui. A gente construía os brinquedos, eu sou dessa época, e assim, não tinha sabe, era... hoje as crianças ou só assistem a TV, ou só estão no computador, nos joguinhos, ou aquelas mensagens que chegam também, estão lá assim, nem conversam, se perdeu muita coisa de sentimento de valores. A nossa cultura, ainda aqui, como a gente tem essa casa de cultura né, a biblioteca, e eu vejo assim, em relação à biblioteca, que hoje, como o livro se tornou mais barato, as pessoas acabam comprando o livro, adquirindo. Porque você sabe né, ler no computador não é a mesma coisa, de você ter o livro físico né. Então eu vejo que as nossas crianças, os pais, como eles têm um poder aquisitivo maior, muitas crianças tem a sua coleção inteira em casa. Eu frequentava a biblioteca não aqui em [cidade] onde eu morava, no interior, na escola, biblioteca da escola, a gente retirava na escola com a professora, na parte de português, sempre estudei em escola pública. Depois vim pra cá, fiz o segundo grau aqui.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Assim, lembrar, de imediato eu não lembro, nem vivenciado.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Acho que a função é você ter uma biblioteca viva, com, assim, não importa você ter um acervo novo. Você tendo um acervo que seja dinâmico, que as pessoas frequentem, que seja um ambiente agradável, assim que, com prazer, prazer, alegria. Até a gente tá, a gente não está com a parte de, pra criança, infantil, a gente quer montar lá ainda, então, é uma coisa assim que eu gosto, também, de trabalhar com as crianças, a contação de

história, porque assim você desperta o hábito da leitura com os pequeninhos. E daí o, quando o, uma coisa legal que a gente tem lá, a gente têm leitores que frequentam há, senhoras, que frequentam há vinte, trinta anos a biblioteca e elas não deixam de vir, mesmo agora que elas tem Sky, ela tem filmes, mas ela não consegue deixar de vir todo mês, que ela mora no interior, buscar o livro. Daí a gente fica, parece que faz parte da família. A preocupação é sempre de você ter, não adianta você ter a biblioteca montada lá, se ninguém retira os livros, se ninguém né. Então assim, um ambiente acolhedor que tenha função de retirada, de pesquisa, de aprofundamento do conhecimento, é isso.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Até a [bibliotecária] já veio pra cá, a gente já conversou eu já fui pra lá também conhecer o espaço dela, e assim, eu sei que ela faz um trabalho muito legal de feiras de livro, porque lá é uma população maior, então a gente fica sabendo o que acontece pela estrutura que lá é bem legal. Mas aqui também a gente sempre promovia as feiras do livro só que esses últimos anos a casa passou por reforma aqui e depois a gente fez a mudança pra lá, mas esse ano a gente quer fazer umas feiras convidando as escolas só que a gente quer fazer num espaço aberto. Porque assim você traz o público até a biblioteca, você traz o leitor e eles acabam conhecendo todas as novidades, as coisas, os lançamentos, então é uma troca bem legal. Os bibliotecários me mandam e-mail sempre, eu acho que a nível de Florianópolis eles têm um, assim, como é que eu digo, eles têm bastante importância, na classe e também no papel de profissional, eu vejo com bons olhos o trabalho deles.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Eu acho assim que o meu, assim a minha diferença como profissional é atender bem todos, acolher, procurar, eu, assim, eu se o menino que quiser uma pesquisa, também assim, não só, porque a gente tem muitas crianças do interior que eles não tem internet, ainda tem isso aqui, que na cidade grande é diferente. Então a professora dá um trabalho e amanhã ela quer esse trabalho e eles vêm pra cidade, eles não têm um pen drive, eles

não têm como imprimir e a impressora às vezes, a minha preocupação, eu me desdobro, eu vou atrás, se eu não tenho pen drive eu vou buscar, eu vou, copio, colo, ajudo sabe, é de fazer essa pessoa sair com o trabalhinho pronto, não que ele seja prejudicado na escola sabe, então sempre foi tratar bem e ajudar a resolver o problema. Porque é tua função, tu tá lá, então daí a pessoa vem lá, que nem esses dias o menino queria sobre anabolizantes, daí era, mas não podia ser qualquer coisa, era respondendo aquelas questões que a professora, daí o menino era pequeninho, não sabia procurar, daí a gente vai e a gente ajuda, auxilia, daí copiei, coleí, ajudei a imprimir, mas e daí a mãe, meu Deus, ficou muito satisfeita. Então a nossa função é bem, é diferente de outros lugares que as crianças já sabem até dominar o computador, já sabem imprimir já sabem fazer tudo, então a nossa realidade ainda eles são bem ainda assim, mais dependentes da gente. Mas a minha função é sempre ajudar, daí a gente faz um trabalho de divulgação no jornal [nome de jornal local], toda semana a gente dá uma dica cultural, um livro pra pessoa, de auto ajuda, de, de destaque e daí as pessoas ligam né “ah, está em casa esse livro?”, daí a gente coloca um pouquinho do livro, da história, então toda semana a gente manda uma dica pra [nome do jornal local] e o [nome do jornal local] é um jornal que vai por toda região. Então esse também é um trabalho bem legal que tem dado certo. Então assim, a função é atender, é buscar aquela pessoa solitária, que gosta ainda de ler, de pegar o livro, de sentir a história, de viver. Eu tinha um senhor de setenta anos também, ele vinha toda semana, quando ele vinha pra cidade ele queria uma revista de agricultura, ele adorava, toda semana ele vinha buscar, assim sabe, pra memória dessa pessoa é muito bom né, não é porque você tem setenta anos que você também não precisa mais ler né, então esse contato... A gente se apegamos mesmo assim, ao público, acaba conhecendo todo mundo, eu vejo assim que na cidade grande é uma coisa mais, tu não tem muita afinidade, é mais, troca livro, pega, e, daí a pessoa quer um livro de contabilidade, custo, tal... Então assim, aqui é bem diferente, daí vem os adolescentes lá eles querem uma mesa pra discutir a matemática, aí eles vão lá, eles passam a tarde inteira fazendo os trabalhos de matemática, então é bem prazeroso porque tu acompanha o crescimento das crianças, o maior público é o escolar, justamente pelos adolescentes já comprarem os seus

livros e a pessoa assim, adulto né, os que gostam mesmo mas, é escolar mesmo, infanto-juvenil e infantil. Os adultos, cinquenta, quarenta anos, gostam de ler esses livros do Augusto Cury, espiritismo que agora né, gostam muito de espiritismo também, eles, às vezes eles dão umas dicas, a gente acaba comprando.

6) Como define exclusão social?

Exclusão social a meu ver é você discriminar a pessoa, você, têm várias formas de você, exclusão, não é só porque a pessoa é deficiente, ou porque é racista, tem outra cor, mas você pode também ofender essa pessoa. Então, excluir é você não dar oportunidade a essa pessoa, você, eu acho assim, se você está num lugar público você tem que atender bem todo mundo e exclusão é você não, negar alguma coisa pra essa pessoa.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Eu acredito, na minha realidade, eu acredito que não, porque como eu te falei né, a pessoa que precisa de um trabalho, de um livro, se não tá a gente tenta ver com quem tá pra não excluir, pra não, mas também quando eu não estou lá, tem outra pessoa lá e eu não sei como que é esse atendimento. Porque, eu, por exemplo, ontem, por exemplo, como essa semana a gente está com muita atividade eu tô ficando mais aqui, veio a menina da Farmácia que ela queria um livro sobre, que fala da história de [cidade], que [autor] é um historiador que fez esse livro, e daí nós, como foi um projeto do Ponto de Cultura que fez a obra, a gente ganhou dez exemplares, a biblioteca, mais colégios, professores, todo mundo foi beneficiado, daí a menina veio aqui, se a gente tinha aqui os livros, aí eu falei “não, os livros estão lá”, daí ela foi lá e a menina não achava. Aí eu disse “se você não achar você retorna”, daí ela ligou aqui daí eu expliquei aonde estava e a menina achou. Então assim, eu ainda acho que se tiver exclusão é muito pouco, mas nós temos um casal que ela, ela dorme nas praças, ela veio de [cidade], faz um ano e pouco, só que ela tem um problema porque ela é alcóolatra, ela bebe, essa pessoa é uma pessoa jovem, ela tem quarenta anos, ela chama muita atenção porque ela chama muito palavrão, sabe como é que é, ainda mais que, um dia do ano passado ela veio aqui com o namorado, a pessoa que está com ela, mas a gente

não tratou mal, a gente recebeu, ela veio, ela sentou na mesa, ela queria os livros do Paulo Coelho. Daí a minha diretora disse “não, pode deixar”, eu coloquei todos os livros do Paulo Coelho, assim, ela é muito culta, as pessoas falam que ela tem até Faculdade, mas ela não quis ajuda, assim, pra se tratar com assistente social, ela quer levar essa vida. Aí ela olhou os livros do Paulo Coelho e o marido dela estava junto e eles falavam alto, mas a gente, ele acho que tem casa, ela acaba dormindo na rodoviária, nas praças, depende de como que ela está. E não sei como que ela consegue o dinheiro mas às vezes ela está bem assim, esses dias ela estava caída ali no Centro, de tarde, uma hora, eu não sei se ela tinha bebido mais, pegou no sono. Ela ficou um tempo se tratando quase uns dois meses mas voltou e quis ficar com essa vida mesmo, ela voltou agora não faz muito do tratamento. Deixa eu te contar como terminou a história. Daí, ela falou com minha colega né, “eu posso levar um livro pra ler?”, daí a minha colega falou “não sei vamos ver né”, daí a gente ficou assim, “vamos perder o livro, não vamos”, só que do Paulo Coelho a gente não tem só um exemplar, a gente tem vários exemplares, tem dois, três, aí eu fui falar com a minha chefe, eu disse assim “ela quer levar o livro, o que nós vamos fazer?”. Se eu não ia deixar ela levar ela ia sair xingando e ia me, eu acho que a atitude dela seria mesmo, daí a minha chefe disse que sim, que era pra deixar ela levar. Mas saiu faceira, realizada com o livro. Ele não fez falta, ele não voltou. Na época eu era responsável, mas eu fiquei meio assim, não voltou o livro mas ela saiu realizada, mas é uma questão assim, eu acho que se eu não tivesse deixado ela levar eu estaria excluindo ela. A gente sempre pensa em não perder os livros em ter os livros lá, mas com certeza ela leu porque ela conhecia todos os livros dele, ela foi falando os nomes, e ela assim sabe, mas assim aquela aparência ela dá medo, o jeito assim, as crianças até não ficaram, foram saindo da biblioteca. Ela a gente já tem medo por causa da bebida, você fica assim, porque daí, quando envolve um espaço assim, que daí a gente, mas a gente deixou ela sentar, ela conversava com ele, ela trocava, meu Deus. Eu não quis tomar a decisão sozinha de não, de não, de deixar ela sair sem o livro, fui falar, porque também a minha amiga, ela ficou atrás do cantinho, mas assim ela queria o livro do Paulo Coelho, não tinha quem tirasse dela era como assim que ela tinha

ganhado o melhor presente do mundo e saiu faceira, faceira assim que saiu gritando que estava...

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Eu achei bem interessante trocar ideias contando mais a minha realidade, fiquei bem satisfeita de estar participando desse trabalho. A gente acaba, eu me vejo assim, ajudando no que for preciso, em todas as áreas, na biblioteca, agora a gente quer implantar a parte do infantil, com teatro, contação de história, uma coisa que está precisando lá. Mas assim, o público é a alma da biblioteca, então a gente sempre tenta cativar, mostrar, mostrar as coisas boas, então, é a razão da biblioteca, não adianta ter um monte de livro lá se ninguém usa o espaço, que é amplo e tal, e lá é interessante que a acessibilidade também é boa, agora, tem pra cadeirante, então...

ENTREVISTADA 9

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Eu estudei... eu comecei em escola pública e daí a gente se mudou pra Florianópolis porque a minha família é de [cidade do interior do Estado de Santa Catarina], e aí em Florianópolis eu estudei dois anos em escola particular, voltamos pra [cidade natal] eu voltei pra escola pública e o meu ensino médio foi em escola particular, então fundamental basicamente escola pública, médio escola particular e depois [Universidade pública]. Quando eu era menor, a minha vó é bem católica, então fui várias vezes com ela na igreja, mas minha mãe já ela pensa um pouco diferente, então eu fui batizada em uma comunidade de cristãos, que ela não é voltada pra nenhuma religião específica, então ela tem um processo que seria uma catequese e daí o batismo vem junto ali, então tem toda uma preparação e daí tem o batismo seria uma confirmação. Então a minha formação é mais nesse sentido, minha mãe nessa questão religiosa foi sempre de rezar a noite, eu, ela e minha irmã, então assim, não é nada dentro de uma religião específica. Teve bastante da minha vó porque a gente morou um tempo na casa dela então tem essa coisa da minha avó de formação, o meu pai mora [fora do país] desde que eu era pequena, então essa parte de formação daí também veio

bastante do meu avô, então basicamente isso. Daí da parte mais, a minha mãe sempre foi de ler a noite, sempre contou história, sempre estimulou muito esse lado, ela adora ler, então a gente sempre via ela lendo, até hoje, então muito veio dela assim, essa... E eu escolhi a biblioteconomia porque o meu padraço, na verdade assim eu sou uma pessoa que eu digo que eu não tenho vocação, então quando eu fui pra Faculdade eu não sabia o que fazer, então ele disse “não, a Biblioteconomia é uma área em expansão que ganha muito bem...” e aí eu fui fazer o curso e aí eu, dentro da Biblioteconomia, gosto muito dessa área de ação cultural e tal, então, basicamente foram esses os caminhos que me levaram até aqui.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Bah, bom eu acho que, têm alguns casos, na verdade a gente passa a vida inteira passando por isso, não, não especificamente, pelo menos nada que tenha me marcado que assim “nossa né”, mas eu sou uma pessoa que fica muito tocada pela situação das pessoas nas ruas que eu acho que é um caso forte, mas até dentro da universidade assim porque, como a nota de corte da Biblioteconomia não é muito alta, passam bastante alunos e na minha sala especificamente tinha o caso de dois alunos que tinham necessidades especiais, digamos assim, e aí, o que eu vi foi por parte até da Instituição, um despreparo né, e daí essa coisa deles ficarem, chacota, dificuldade de aprendizagem... A menina ainda tinha capacidade de decorar muito grande, então ela tirava notas boas porque ela decorava. E o menino muita dificuldade, muita dificuldade e assim, a professora uma vez usou a expressão “demo”, ah, o “demo” que é a versão curta, e aí ele levantou a mão e falou que não gostava dessa expressão porque daí ele levou pro lado religioso, uma coisa que não, por uma falta de um acompanhamento, e foi pedido, a nossa turma solicitou. E daí foi dito que foi chamado um psicólogo, só que os pais deles não aceitavam, que ele tinha doença. Assim ó, a única menina que eu vi assim que foi amiga dele foi a [nome de colega] que ela tinha [questão que caracteriza a colega] e a [nome de colega] ela era assim um doce sabe, quando ela foi pegar o diploma todo mundo chorou com ela, foi um negócio... Mas assim foi a única pessoa que eu vi

que, não, foi amiga assim, porque de restou foi bem complicado para os dois, nenhum, tinha necessidade de chamar a atenção, então era tirar a sapatilha, daí já subia aquele cheiro de sapatilha, e daí soltava os cabelos, ela fazia assim nos cabelos então assim, foi complicado. Por mais que tu às vezes tenta ajudar por outro lado tu não tem aquele alcance, sabe, tu não tem aquele... Até porque eu achava que o acompanhamento psicológico deveria ser para a turma também, porque é uma questão que a gente não teve e que até foi comentado, no colegiado, foi comentado que isso era importante, porque um dia a gente ia estar numa biblioteca e era esse tipo de gente que a gente ia atender e a gente não tinha esse... Mas não veio, não veio, a gente não conseguiu. Diz que eles conseguiram acompanhamento a gente nunca viu nada efetivamente mas parece que sim e tal... Mas os pais deles não aceitavam, a mãe dela via e tal e parece que, nossa assim era uma guerreira, mas não, eles ficaram incluídos na Universidade e excluídos da turma, era uma coisa estranha. E foi bem difícil porque a nossa turma era uma turma bem sensível e a gente enquanto estava na Universidade a gente reivindicou bastante coisa lá dentro e essa foi uma delas porque a gente entendia qual era a importância e a gente também tinha dificuldade.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Então, a gente, eu vejo a biblioteca pública como um espaço onde a pessoa pode vir e ela ter acesso às leituras, mas mais que isso, onde ela não têm restrições. Aqui por exemplo, tem a literatura, tem, óbvio, biblioteca municipal, literatura é antiga, não é sempre que tem verba pra comprar livro novo tal, mas tem o computador, tem Internet, na medida do possível a gente auxilia, inscrição de concurso a gente auxilia quando dá, não é sempre, que dá essa disponibilidade, mas aqui a pessoa tem esse acesso e eu vejo que o povo vem aqui pra fugir um pouquinho da realidade, sabe? Então assim, vem muita mulher assim, mais velha, e sempre atrás de romance assim sabe, mas acho que socialmente é isso, trazer, para que as pessoas possam ter esse acesso sem nenhuma barreira de valores, enfim, essa parte financeira que geralmente é o que dificulta.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Eu não tenho muito convívio. O que eu posso dizer? Eu queria fazer alguma coisa diferente na parte infantil. Eu entrei em contato com a [nome de bibliotecária] e eles super me atenderam, super se botaram à disposição de eu ir lá e se eu quisesse ver, e se eu quisesse, assim... Eu vejo muito, o que eu acompanho são as discussões no Facebook que eu vejo assim muita gente com uma mentalidade muito antiga ainda trabalhando e muita gente vindo com uma mentalidade nova e querendo mudança, mudança, mudança, isso eu vejo bastante. Mas eu não saberia dar um panorama sabe, porque eu realmente tenho pouquíssimo convívio com bibliotecário, eu convivi agora, eu era bibliotecária do [Instituição privada] também, então eu convivi agora com [nome de bibliotecária], o cara das novas ideias, então assim, essa... Mas eu não tenho, não posso dar uma opinião porque eu realmente não...

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Ah eu acho que de forma geral, o atendimento de qualidade generalizado, assim, sem nenhum tipo de distinção, eu acho que as pessoas elas estão muito carentes, então o que eu vejo aqui é que vem muita gente pra parar no balcão e conversar. Então tu tenta na medida do possível também dar esse tempo pra pessoa que às vezes precisa de ti, já teve gente que entrou aqui parou no balcão e começou a chorar, assim sabe, então eu acho que é isso, é tu conseguir atender as pessoas da melhor forma possível e sem levar isso pra frente, o sigilo, sem... até porque [cidade] é uma cidade pequena. E acho que é uma preocupação né, outro dia entrou uma moça aqui e disse que foi sequestrada e, nitidamente perturbada e tal, daí eu liguei pra todos os CAPs e coisa possível, pra ver se tinha alguma, se ela tinha alguma internação, se ela tinha fugido... Depois eu fui descobrir que ela era uma moça de uma família aqui que vivia assim, que faz isso, enfim, que é a rotina dela na verdade, não era nada... Mas como ela veio com papel escrito “foi sequestrada, não sei o que, não sei o que”, a gente sabe que é aquilo que aconteceu mas eu acho que a boa prática é esse atendimento sabe, as pessoas, eu sempre falo até pras meninas que são as estagiárias né, que vem e tal, é que aqui é a biblioteca pública, que as pessoas elas

já tem um preconceito aqui, eu vejo que não é todo mundo que vem, então se não tiver esse tratamento de muita qualidade elas não vão voltar e o intuito não é que a biblioteca fique pra nós né, é que fique para as pessoas, então é esse atendimento assim sabe.

6) Como define exclusão social?

Eu acho que são as pessoas que ficam a margem, que não têm acesso, no nosso caso específico, à informação, aos serviços em si, de uma forma geral, as pessoas que ficam à margem mesmo.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Na verdade, aqui especificamente, o local onde ela está. Porque ela está no [bairro], e o [bairro] é um bairro elitizado, elitizadíssimo, a Biblioteca está no meio da elite, literalmente. Se tu for perceber a acessibilidade dela é horrível porque lá em cima de um morro, então assim, eu vejo uma senhora que veio pegar livro ela disse “ah eu vim lá do [bairro] e é muito ruim vir aqui”. Então assim o [bairro] ainda é um bairro, digamos assim, elitizado, de nível, enfim, mas têm vários bairros mais pobres que teriam mais necessidade disso aqui porque assim ó, duas vezes na semana entra alguém aqui dizendo que quer doar livro, daí vem assim, Barsa, aquelas Barsas caras tal, que a gente nem mantém mais aqui, só uma pra dizer que tem pra consulta, tem o computador e tal, não é mais, as pessoas já usam direto. Algumas a gente está mandando pra reciclagem mesmo e revertendo dinheiro porque não tem o que fazer, não tem espaço, como tu pode ver, o acervo tem muito desatualizado, coisa muito desatualizada, mas é um povo que compra livro. Outro dia veio uma moça aqui fazer uma doação pra mim que ela trouxe uma coleção inteira de um livro adolescente que as adolescentes adoram mas ela tinha condições de comprar a coleção inteira. E é o que acontece aqui perto sabe, então assim eu acho que o local onde a biblioteca está inserida, daí assim aqui a gente tem a feira do sebo, que é assim, o que sai do acervo que está em bom estado né, que não precisa ir pra reciclagem, vai pra feira do sebo. O que... tem a feira do livro uma vez por ano aqui e daí o aluguel dos stands ele é cobrado em livro, é revertido o valor em livros, então todas as livrarias que expõem elas têm que dar um

valor pra Biblioteca em livros, que é o retorno que eles têm que dar e daí esses livros quando, ah vem livro novo e o que está aí está muito velho né, eu faço a escolha dos livros e daí vai pro sebo também que eu acho que é outro fator de exclusão porque o sebo ele é feito, os amigos da Biblioteca, ele sabe, são pessoas aposentadas, ilustres da comunidade, membros do Lions, membros da Secretaria de Educação, membros de Diretoria na Prefeitura e daí essas pessoas vão pra praça vender e não é todo mundo que se sente à vontade em comprar com esse tipo de gente, entende, tem essa. Não estou dizendo de forma alguma que eles são pessoas arrogantes, não, mas, é porque tem essa diferença. E as pessoas sabem. Então assim, qual era minha proposta, leva esses livros pro [bairro] e distribui lá de graça, um bairro carente, tem a [bairro], leva lá, distribui, leva para as escolas, coloca no acervo delas, sabe, pelo menos o que é de literatura, porque não tem, porque é pouco, porque é escasso. Então assim, com essas ações eu vejo ela promover a exclusão e não a inclusão. Mas eu acho que de forma geral é isso. Claro as escolas vêm, trazem os alunos pra conhecer e tal e eu fui atrás da [contadora de história], porque eu queria, queria a parte de contação de história, queria, queria, queria, daí eu passei um domingo com ela pra ela me explicar e tal ainda não tive coragem de fazer, eu disse pra ela “[contadora de história], não sei se eu vou ter coragem mas eu vou tentar” porque domínio, criança... Mas ela disse “não, tu vai conseguir”, porque ela é muito querida né, “fica tranquila, vai dar tudo certo”, mas ainda não tive coragem mas é uma coisa que eu quero fazer porque eu quero trazer as crianças. Eu me propus já, eu não sei se vai acontecer porque é meio complicado, o horário da biblioteca é excludente, quem trabalha no comércio não consegue vim na biblioteca, então de, eu não trabalho uma segunda-feira no mês e venho no sábado, pelo menos meio período, pra que a biblioteca fique aberta no sábado de manhã, então assim, esse tipo de coisa sabe... Porque das oito ao meio dia e da uma e meia às cinco e meia é horário de comércio, o comércio não vem na biblioteca, é difícil, é complicado, o trabalhador não vem. Então é isso, são essas coisinhas que tu vai observando que afastam. Eu sugeri também de mudar o horário, das sete às onze, então que daí de manhã cedo dá pra vim, e da uma às cinco, porque entre uma e uma e meia tem meia hora pra pessoa se quiser vim escolher um livro, mas é, são

coisas assim que a gente tem que ir trabalhando aos poucos porque na verdade eu estou há um ano aqui, agora que eu posso dizer que agora que eu conheço a biblioteca e eu, sabe, que foi uma ambientação de cidade, de como trabalho com a Secretaria de Educação, Cultura. Mas são essas coisas assim que eu percebo de exclusão.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Não eu acho que era mais isso... Eu sinto que as crianças... Alguma coisa aconteceu aqui, antes de eu estar aqui, que afastou as pessoas da biblioteca e eu não sei exatamente o que é, mas é uma coisa que eu queria... É porque assim, a Biblioteca ficou muito tempo sem bibliotecário e [cidade] contratou porque levou uma multa, que não foi uma coisa assim “ah, a cidade é legal, vamos contratar...” não, eles tomaram uma envergada do Ministério e daí eles foram obrigados a botar, abrir o cargo. Porque na verdade quando, tinha uma bibliotecária há muito tempo, daí depois quem tava, foi tudo cargo comissionado, tinha uma diretora de biblioteca, que também formação nada a ver, e quando eu cheguei aqui quem estava era uma nutricionista. Então assim, tinha, as coisas estão mudando mas tinha um monte de computador que não funcionava, está indo aos poucos. Mas eu acho que o trabalho aqui ele tem que começar com as crianças, que é assim, começar a puxar, porque daí eu já vejo, a criança vem, daí daqui a pouco ela volta e obriga o pai a fazer a carteirinha, porque ela quer pegar um livro e daí o pai vem junto, daí a mãe vem junto, entende? Mas eu realmente não sei o que aconteceu, porque tinha, algumas pessoas me falaram que tinham o hábito de vim aqui e não vieram mais, então algo aconteceu, não sei se de atendimento. Porque isso também, se tu for ver, a minha mesa é a de lá, ela fica atrás do armário, isso tudo eu vou, esse armário eu vou tirar enfim, a moça que estava aqui antes ela estava fazendo o TCC dela, então ela não tinha interesse de atendimento, ela tinha interesse de ficar fazendo o TCC dela, então ela botou a mesa dela estrategicamente atrás do armário porque não dá pra ver ela. Então é esse tipo de coisa que foi afastando, mas aí foi uma postura da Biblioteca de se fechar para o público, e daí não é uma exclusão nada específica é com o público inteiro. Mas de forma geral eu fiz várias solicitações para a Secretária e ela disse que vai me atender porque ela é uma pessoa assim que, ela é muito pelo certo, se tu

pedir pra ela, o que ela puder fazer ela vai fazer de melhoria e tal, então, tudo está andando. Até tinha um tapete ali agora já tem um tablado que eu pedi pra ela, essas coisas assim, mas é... Eu acho que é isso, não tem nada... Porque daí no sentido, quem frequenta a biblioteca é desde as comunidades mais carentes até o povo que mora nos arredores, então é bem tranquilo, só, o lugar que é ruim.

ENTREVISTADA 10

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Muitas coisas mas.. Eu acho assim que o meu gosto, a minha curiosidade, por livro, por leitura, por conhecimento. Eu tenho uma origem de família que não é muito de conhecimento, pessoas mais simples, mas que, sempre me incentivaram muito, exigiram até que eu fosse em busca, então, foi isso que sempre me instigou, eu sempre tive uma curiosidade, sempre quis saber mais. Para você ter uma ideia, quando não tinha livro pra ler eu lia dicionário, pra aprender palavras novas, pra ler, pra ler. Isso apesar dos meus pais, não tiveram essa formação, mas eles sempre incentivaram muito, exigiam que a gente fosse em busca, que a gente fosse atrás pra crescer porque eles sempre deixaram bem claro que estudo é muito importante, que eles queriam que a gente fosse alguém, eles diziam, que não tivessem a vida ignorante, digamos, que eles tiveram na questão cultural. Eu fui interna vários anos e no internato também era muito exigido, leitura, então tudo veio a calhar pra mim. E eu me criei sempre em busca de conhecimento, conhecimento, uma sede eu tinha uma vontade de estar sempre procurando conhecer coisas novas. E na época a maneira mais rápida era através da leitura mesmo.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Bom, eu era muito pequena, comigo. Isso, olha vou te falar bem a verdade, a gente vê sempre, ainda, infelizmente, hoje, mas antigamente era mais assim mesmo, mas nem foi aqui onde eu vivo hoje, era numa cidade onde eu fui interna, bem longe daqui e aconteceu que, porque, nós éramos pessoas mais simples eu e

minha irmã, estudávamos internas, e era um colégio elitizado, e assim elas discriminavam muito porque, por causa da questão mesmo de “ah, são pobres, ah, são...”, mas não, era um colégio pago, e não era pouco, pagava-se o mesmo que todo mundo, mas assim, talvez pelo jeito da gente se vestir, se portar, mais do interior mesmo porque a gente morava na fazenda, e daí fomos pro internato, então, eu acho que foi isso. E olha, no dia a dia é gritante, você vê sempre, é engraçado, com toda a informação que tem na mídia, com todo esclarecimento, ainda assim as pessoas discriminam porque é pobre, olham diferente porque está mal vestida, às vezes as pessoas nem têm uma condição social tão, econômica tão baixa, mas cada um se veste como, o importante é o que a pessoa tem por dentro, não o que, a aparência. Aqui na minha cidade eu conheço muitas pessoas que são economicamente muito bem, mas se vestem, se portam, de uma maneira bem simples é uma questão de opção de, mas a gente vê muito disso.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Informação, informação, informação. Contribuir pra que as pessoas cada vez saibam mais seus direitos, cada vez mais estejam mais inseridas no contexto social, eu penso que desde pequenos, vamos fazer trabalho com idosos aqui também, as pessoas precisam tomar consciência de seu papel na sociedade, todos temos um papel e nenhum é menos importante. A função da biblioteca não é mais só pesquisa e empréstimo de livro, eu acho que hoje em dia isso é muito importante mas a principal função é desde pequenininho trabalhar com as crianças para eles entenderem qual é o seu papel no contexto social.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

É que eu fiquei seis anos fora e voltei faz dois anos. Mas eu penso que não existe uma, eu penso que deveria, é que aqui na nossa região é mais difícil eu vi isso na Região [região do Estado de Santa Catarina] os bibliotecários, apesar de poucos mas eles são mais integrados, eles estão sempre se reunindo, aqui pra nós é mais difícil até pela questão do, da nossa localização, que fica muito afastado da capital, da região... Mas eu penso que cada um tem se adaptado ao seu ambiente porque a realidade

de [cidade], [cidade], da, é totalmente diferente da nossa, nós aqui temos que nos adaptar muito ao nosso público que é um público mais arredo, mas eu acho que a atuação é... eles se esforçam, porque você sabe que biblioteca pública não é valorizada, mas eu acho que todo mundo, pelo, pouca coisa assim que eu, mas eu acho que todos tentam se adaptar ao ambiente, ao público e... mas eu acho que é boa, de muito esforço.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Olha, primeiro que o profissional tem que atuar em função do seu público sendo fiel ao seu público. Você tem que servir ao seu público, por isso entra a questão de você adaptar-se a cada cidade, a cada população e, penso que temos que cada vez mais procurar chegar até o público.

6) Como define exclusão social?

Exclusão social é uma coisa muito ampla porque... as pessoas nem todas têm o acesso. Hoje, claro... eu vou começar da época que eu me formei. A biblioteca estava à disposição mas era assim, digamos, mais um depósito de livros e servia muito a escolas, porque as escolas na época, aqui na minha cidade e acho que em todas as cidades pequenas, elas não tinham bibliotecas, não tinham acesso. Claro, nem computador, não se falava, em bibliotecas na época. Então quando eu cheguei eu quis fazer um diferencial, eu comecei a fazer umas promoções, fazer umas coisas diferentes dentro da biblioteca pra chamar o público. E foi assim, a gente, tivemos um apoio muito grande do Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado, na época, nos orientava muito, nos dava muito, e a gente começou a trabalhar assim com os pequenos, e o cantinho infantil, dia das criança a gente ia, além de ir pro interior, eu tinha só uma, uma, era eu e mais uma funcionária, ela ficava na biblioteca e eu ia para o interior, mas o interior era terrível na época chegar, era assim, muito longo, nosso município era muito grande na época, hoje é um pouco menor, e demorava muito pra chegar mas eu ia junto com a Kombi da Educação, às vezes eles iam levar merenda eu ia junto, levava livros, fazia uma tarde com as crianças, foi muito importante, cadastrei todas as professoras do interior, preparava pra elas material especial, elas não tinham na época acesso a

revistas, que nem Escola, Nova Escola, essas revistas, então tudo eu facilitava pra elas, elas iam uma vez por mês para reuniões na cidade e eu já tinha o pacotinho pra elas da parte informativa, aí os livrinhos infantis e juvenis elas que escolhiam e levavam e aí todo mês trocavam. Isso foi uma troca, uma experiência maravilhosa, elas se sentiram também apoiadas, porque elas diziam “ai, a gente não tem, lá não tem livro”, não ia na época, eu comecei a fazer isso e depois aqui na cidade a mesma coisa a gente começou a divulgar mais e acervo novo... Então, o público, teve épocas que já funcionávamos nesse local, mas no prédio antigo, que a biblioteca era assim, um “boom” sabe, não só o escolar como o público em geral, começou a vir, começou dar importância. Nós abríamos em horário comercial, eles pediram pra que nos abrissemos em horário diferenciado então nós começamos a abrir das oito da manhã às sete da noite sem fechar ao meio dia, que é o horário que nós temos até hoje mas vamos ampliar esse horário porque eu acho importante quando as pessoas saem do local de trabalho ou quando, a tarde, no final da tarde, querem vim, o local aqui é ótimo, excelente, o ambiente novo, bem no centro da cidade, então, é esse tipo de enfoque, esse tipo de, que me chama muito atenção e que eu quero sempre trabalhar, eu sou muito de trabalhar com o público, a parte técnica também eu sei que é necessário, mas não me agrada muito, mas eu faço, só que eu prefiro o público.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Olha pra te falar a verdade, em todos os ambientes, em todas as situações isso pode acontecer, como não? Dentro da biblioteca, eu imagino, porque são várias pessoas trabalhando aqui, vários funcionários, e às vezes até, por uma questão do dia que você não esta muito bem, porque ninguém está cem por cento todos os dias, você pode pecar nessa situação, tanto eu bibliotecária quanto qualquer atendente que está aqui dentro e pode ocorrer sim, como não? Você pode, uma coisa assim que eu, que nós procuramos cuidar, nossa equipe, muito, é a questão de não misturar amizade com o trabalho, amizade com o nosso público, porque pode acontecer, “ah não mas é meu amigo, a regra é essa, mas eu posso infringir...”, já é meu amigo”, então a gente não pode abrir exceções, claro, tem alguns casos, em casos de

professores, mas eu tô dizendo do público em geral, a gente não pode abrir exceções pra favorecer ninguém, mas isso ocorre, é obvio que ocorre, e quem disser que não ocorre está faltando com a verdade, porque não adianta nós somos seres humanos, não tem como, a gente procura não deixar que aconteça mas... Olha nós temos inclusive um morador de rua que ele sempre frequenta a biblioteca, tem dias é claro que ele está assim numa condição que não dá pra gente suportar, tem questão de higiene, a gente pede pra ele, porque na verdade ele mora na rua por opção porque ele tem casa, família, aí nós pedimos pra ele pra que ele vá se ajeitar, tomar banho, ele vai direitinho e vem e daí ele diz “hoje eu tô limpo, tô todo perfumado” e ele fica, mas ele é assim, ele gosta do ambiente da biblioteca, ele vem tomar o cafezinho, porque ele não tem condições, nem lê direito, mas ele sempre pega revista, livro e fica olhando, ele finge que lê, mas é tão bom ver. E ele ó, faz uns vinte anos que ele frequenta a biblioteca, revista, coisa que tenha figuras bonitas, mas ele finge que lê, livrinho, quando está no expositor, de certo que atrai, que a capa atrai, ele fica, ele... Então assim nunca tivemos problema com ele, sempre ele vem, quietinho, se a gente pede “ó agora está na hora de você sair, tem muita gente” quando nós estávamos num espaço menor, “não tem espaço para as crianças”, tinha criança que tinha medo dele pelo aspecto e a gente pedia para ele “[nome do usuário] está na hora de você dar uma voltinha, depois você volta”, “ah, então tá bom”, e ele ia por aí e voltava, tudo certo. Este é um caso e tínhamos um outro que agora esse não tem condições porque ele perdeu totalmente o... Mas ele também vinha e ele todo dia ele queria o livro de pirâmides e tinha que ser Delta Universal onde estava escrito Pirâmides, e ele lia, porque ele ficou demente depois assim de um problema, mas tinha que ser aquele livro eu podia dar qualquer outro, as vezes estavam ocupando, ele não aceitava “não, então eu espero”, digo “então espere um pouquinho”, mas também nunca incomodou na época, mas ele já não tem mais condições de... Vários outros assim, mas nunca tivemos problemas assim de comportamento dentro da biblioteca.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

[Não necessitou complementar]

ENTREVISTADA 11

1) **Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.**

Eu sempre estudei em escola pública, aqui [cidade] é bem pequena então a gente não tinha muito acesso a teatro, só mesmo na escola, coisas pequenas né e daí eu fui estudar em [cidade] já tinha 17 anos, já era... Aí lá sim, lá é capital aí tem bastante show, bastante coisa, bastante teatro, cinema, aqui não tinha nada. A biblioteca aqui, quando eu estudava, eu frequentei bem pouco, lá em [cidade] daí eu já frequentava mais.

2) **Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram**

Eu não lembro de ter passado mas a gente vê no dia a dia, tipo moradores de rua... Pra te falar que eu nunca, que agora eu me lembrei de uma vez que eu fui em Floripa num shopping e eu tava com uma roupa bem assim, moleton sabe, imagina né, bem novinha, tinha uns dezoito anos e eu lembro que todo mundo ficou olhando, porque eu estava mal vestida no shopping, foi a única vez que eu me lembre, eu me senti bem constrangida, bem constrangida assim. Mas outras pessoas eu já vi, aqui o lugar onde eu trabalho aqui é uma [característica de onde está localizada a biblioteca na cidade] onde tem muito morador de rua, tem bastante pessoal, aqui depois do rio é uma região bem carente, não sei se tu reparou aquele menininho que veio perguntar se tinha computador, a gente atende aqui um pessoal assim bem... Então percebo sim, no dia a dia percebo.

3) **Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública**

A função social seria de informar né, de levar informação para todas as pessoas independente de qualquer característica que ela tenha.

4) **Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina**

Eu tenho pouco contato mas o pouco que eu percebo assim é aquela preocupação muito com regras, com, se pode se não pode, multa e... Eu até agora, eu, tem um município bem

pequeno aqui perto [cidade], eles me chamaram pra eu organizar a biblioteca deles. A primeira coisa que eles me pediram foi pra criar as regras, o que pode o que não pode, vamos cobrar a carteirinha, vamos cobrar isso, vamos cobrar multa, vamos... Eu disse “pára, pára de cobrar, pára de cobrar coisa por favor”, as pessoas já não vem a gente não cobrando, então eu acho que o bibliotecário às vezes fica muito preso nisso, de querer cobrar e tudo muito certinho, muito, o prazo muito certinho e isso acaba afastando o usuário.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Eu acho que seria tu disponibilizar a informação independente dessas regras que são... Por exemplo, esse senhor e essa moça, são de outro município, se você seguir de repente “ah, não pode fazer carteirinha pra gente de outro município”, aí tu já tá, já bate com o que tu aprendeu que tens que disponibilizar a informação, tens que disponibilizar o livro, “ah não, não é desse município, então tu não vai levar”, eu acho que ter esse jogo de cintura...

6) Como define exclusão social?

Exclusão social seria tu deixar de fora alguma pessoa pela condição social dela.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Eu acho que sim porque querendo ou não, a gente acaba às vezes, entra gente aqui que tá cheirando muito mal, aí a gente acaba meio que não facilitando a vida do usuário pra ele não ficar muito tempo, infelizmente, a gente não tem ar condicionado, não tem ainda, ambiente é bem abafado, então a gente falar que não existe... A gente tinha uns computadores com acesso à Internet, até agora eles não estão funcionando, mas a gente recebia muita criança, muito adolescente dessa região mais pobre ali que eu te falei, tinha um pessoal ali do, de um lugar chamado [nome do lugar], que é um lugar bem, eles vinham sem chinelo, no inverno eles vinham de roupa curta, então de alguma forma eu percebia assim, eu não, eu acho que sou um pouco menos mas eu percebia de outros funcionários, de

repente não querer liberar o computador, dificultar alguma coisa, existe...

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Não, seria, na minha vivência aqui que eu pude perceber é isso assim que eu te coloquei. De repente aconteceu já uma vez de uma senhora que trabalhava aqui, e foi bem no começo eu fiquei até bem chocada assim, que um dia veio uma mulher perguntar se tinha um livro e eu respondi se tinha ou não e quando a mulher saiu essa outra funcionária que hoje não está mais aqui ela falou assim pra mim “oh [nome da entrevistada] tu tens que ver, assim quando a pessoa vem aqui tens que olhar a calça jeans dela, se é uma calça jeans boa, dependendo como for tu atende, né...” Na época eu nem respondi porque era uma senhora e ela já estava aqui há muito tempo, muitos anos de Prefeitura e uma cabeça muito fechada, mas assim eu nunca vou atender uma pessoa pela calça que ela está usando e a gente, mesmo não querendo, a gente também faz, às vezes aqui entra gente alcoolizada, tipo, “tem tal livro?” daí a gente até pra não deixar entrar diz “não tem”, porque depois que entra como é que sai? A gente atende criança a gente né, então a gente acaba fazendo também esse tipo de coisa.

ENTREVISTADA 12

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Eu lembro que quando eu era criança, eu ainda morava lá em [cidade] eu passei um longo período da minha vida dentro da biblioteca, não por estar na biblioteca, porque a moça que estava na biblioteca era muito legal. Ela não era bibliotecária o nome dela era [nome] e ela era muito louca e era muito legal, a gente ia lá pra conversar. Eu ia pra fazer os trabalhos da aula, ia pra paquerar, mas assim era legal porque eu passava muito tempo lá dentro e eu gostava, não sei, indiretamente aquilo já estava um pouco ali comigo. O meu pai trabalhou com arquivos na empresa que ele trabalhava, então eu recordava de ver ele trazendo pra casa algumas coisas e mexendo. Mas quando eu vim pra Floripa a minha primeira opção era Artes Visuais, então eu não passei e fui ficando na [Universidade] eu tinha terminado Comunicação e Expressão Visual e, até bem engraçado porque quando eu fui

fazer teste vocacional a mulher falou “ah, mas você é das Humanas” e eu pensava “pah, daí eu vou ter que fazer Medicina”, gente o desconhecimento, a falta de informação era tanta, que eu não conectava que Humanas era das Ciências Sociais, para mim Humanas era talvez algo da Medicina eu pensei “gente...”. Depois de um tempo quando eu fui esclarecer e fui conhecendo as coisas pensei “poxa como a gente que vem às vezes de escola pública vem tão carente de informação, tão carente” eu acho que agora as coisas estão mudando um pouco, eu tive bons professores, mas era uma palavrinha, um conceito básico e que eu me vi completamente, assim, ignorante na situação. Assim pra mim foram esses processos, de estar lá, de estudar, eu vim bem cedo pra cá, estudar no [nome da escola pública] porque eles tinham o Terceirão, e era a oportunidade que eu tinha de entrar pro vestibular porque eles tinham o Terceirão e até então eu sabia que o meu ensino era muito básico e que eu não teria condições de concorrer com alguém mas eu queria entrar numa Federal então eu tinha que conseguir aquele Terceirão. Quando a gente veio, o Governo mudou e não tinha mais Terceirão. Aí a gente ficou naquela loucura e aí eu lembro que, eu passei por um processo de conseguir uma bolsa de estudos no programa [programa de televisão do Estado de Santa Catarina] fui lá, eu desenhava, eu já desenhava, e minha mãe “ah, porque você não vai no [apresentador do Programa de televisão], vai lá pedir uma bolsa”, eu falo “mas que mico né, capaz que eu vou lá pagar um mico desses pra esse cara né”, mas aí eu pensei “pô é minha única chance, ou eu vou e aproveito ou não vou”. E aí eu fui, ganhei a bolsa e fui fazer o cursinho no [cursinho pré-vestibular da rede particular de ensino] e aí que eu fui ver a diferença que a gente tinha no ensino, da escola que a gente estudava da área de exatas né, matemática, química, a deficiência física gigantesca de tu chegar num cursinho daquele tu ver tudo aquilo que o professor está aplicando tu tá pensando “como que eu vou me dar bem no vestibular?”, vendo tudo isso e eu não estudei isso durante o meu curso. Então foi essa coisa de ver o quanto era excludente tu estar numa escola pública e tu ter que concorrer com pessoas para uma Universidade pública quando tu não tinha né, quando o público deveria ser para o público na verdade né, se tu for pensar dessa forma. E aí foi indo, eu entrei, não passei pra primeira opção Comunicação e Expressão Visual, tinha que voltar pra

casa por um período mas eu já sabia que eu não ia ficar lá, de alguma forma eu ia ter que dar um jeito. E aí de repente a minha amiga que trabalhava na padaria e sempre via os jornais falou “[nome da entrevistada], você foi chamada pra segunda opção” ela falou, aí eu “sério?” ela “sério”, “bah, então eu vou”, daí o que eu pensei, eu vou, vou fazer três meses depois eu troco pra Comunicação e Expressão Visual. Aí eu fui comecei a fazer o curso e eu acho que de cara eu tive aula com o Prof [nome] daí eu comecei a ver que por ali poderia ter um outro caminho, porque era tudo muito técnico, eu ia bem nas disciplinas técnicas, mas nunca me cativou muito só o técnico até porque eu já gostava muito das artes então qualquer coisa que fosse me puxar muito pro técnico ia me abafar, ia me matar. E aí eu sei que foi indo, eu fui gostando do curso e aí eu já comecei a estagiar, eu no primeiro semestre eu já comecei a estagiar no [Centro da Universidade que estudou], aí eu sei que um dos últimos estágios que eu fiz foi na [bairro], lá no [local de estágio], aí lá eu pensei “bah, mas é bem com esse, é bem com a comunidade que eu quero trabalhar mesmo”, porque eu sempre pensei que é importante a gente passar para as pessoas a informação que a gente não teve quando a gente precisou pra poder ter um outro caminho. Então eu penso que a biblioteca ela é um canal pra isso e acho que a Biblioteconomia é o ponto certo porque a gente trabalha com a informação, com a cultura, então assim pra mim, aqui na [Universidade], eu fui me desvinculando um pouco de outras questões, tanto da educação, de aprender a questionar, eu sempre fui uma criança questionadora, mas digamos que na Universidade eu fui muito mais, e eu era envolvida com o Centro Acadêmico de qualquer forma a gente questionava, a gente estava presente, incomodava na verdade, às vezes um pouco imaturo, a gente faz questionamentos até sem, né, depois hoje tu volta pra trás olha “ah, realmente, coitado do professor”, mas assim, porque, de qualquer forma acho que a gente precisa ser o que a gente é naquele momento e ponto. Então ali eu fui percebendo que a questão educacional pra mim eu sempre vi de forma muito excludente, como foi difícil a gente ver muitos amigos que não passaram no vestibular que, hoje eu retornei pra minha cidade natal, eu trabalho lá, e eu vejo que muitos trabalham com outras profissões eu tenho uma que me fala “ah, porque eu não fui estudar como tu estudou”, e aí eu penso “poxa, se todos tivessem a mesma oportunidade”. Então

pra mim é muito legal assim. Aqui na [Universidade], eu aprendi a me desvincular um pouco, eu fui católica até uns 14, não uns 12, 12 anos eu fui católica, então era aquilo, mas eu também não vivi uma parte cultural da minha cidade, porque a minha mãe não deixava sair muito, a gente ficava muito em casa, então o que eu saía era o que, brincar na rua, e eu sempre brinquei muito na rua, de bicicleta, de bola, de tudo que pudesse imaginar. E quando era essa parte de adolescente, que é uma parte que você está se descobrindo, que você está descobrindo muito, eu fui muito podada porque a gente frequentou uma igreja evangélica e aí eu vejo o quanto isso muda o percurso também da vida da pessoa em vários caminhos, de estudo, de cultura, de informação, algumas não são tão restritas mas têm umas que restringem bastante e isso muda muito a forma de a pessoa pensar. Então eu digo sempre que quando eu vim pra [cidade] e quando eu entrei pra Universidade eu me libertei desse mal. Eu acho que até criei uma certa aversão à religião, seja ela qual for, qualquer coisa que me fizesse pensar dentro de um quadrado era motivo suficiente pra eu me afastar, e eu fiquei durante muito tempo me afastando de qualquer coisa que me prendesse, porque quando eu descobri o que era ter essa liberdade de pensar eu não quis mais outra coisa, eu quis me dedicar a isso cada vez mais. E aí quando eu saí daqui e fui pra [cidade] eu brinco que eu conheci o que era cultura, porque até então eu não conhecia muito. Aqui em [cidade] eu morei na moradia estudantil da [Universidade], então a gente conhece diversas realidades, nós éramos trintas mulheres em uma casa, então assim, eram realidades de todo Estado, tinham meninas de fora também, aí a gente via, porque ali o critério era sócio econômico, então a gente sabia o que era desigualdade e ali a gente foi aprendendo muito a lutar pelos nossos direitos, então era muito legal essa conquista. Então eu acho que a Universidade pra mim foi muito mais, talvez se eu tivesse feito Universidade mas não tivesse morado na moradia estudantil a minha formação seria outra, mas morando na moradia estudantil eu convivi com a [nome de colega] que era das Ciências Sociais, a [nome de colega] também das Ciências Sociais e já eram pessoas muito mais elevadas que eu porque eram filhas de agricultores, então eram pessoas que tinham uma outra vivência então foi assim fantástico, a moradia pra mim eu sempre vi como uma segunda Faculdade que foram dois anos e meio de muita vivência, muito

importante. E quando eu fui pra [cidade] eu fui trabalhar lá com bibliotecas escolares e minha chefe lá foi a [nome] e foi uma mulher responsável por eu descobrir uma biblioteca escolar que eu não conhecia, eu sempre brinco que lá também foi outra Faculdade, porque foi lá que eu fui aprender sobre literatura infantil, porque quando eu saí daqui era 2004, a Prof^a [nome] estava recém começando com essa questão da literatura infantil, não era tão forte, algumas alunas se apegaram a ela e foram mas eu não estava naquele caminho, então eu sentia muita falta. Outra coisa ainda na formação é que eu fui buscando várias, eu sentia necessidade de outros conhecimentos e eu fui pra outros cursos, eu fui pra Letras, eu fui pra Pedagogia, eu fui pra Psicologia, então eu fui buscando outros cursos pra poder complementar a minha formação que eu achei que era importante. Isso foi bem bacana porque quando eu cheguei em [cidade] eu fui trabalhar essas outras disciplinas e isso foi me ajudando também, trabalhar com biblioteca escolar. E a [nome], eles tinham o Proler também, então o Proler é uma formação a cada duas vezes por ano e lá funciona muito bem, o Proler regional lá, porque a gente tem uma vivência muito forte com a literatura, e é algo que eu também não tive na Faculdade daí eu comecei a conhecer outras coisas que eu não conhecia. E também a vivência cultural lá era muito forte então eu comecei a ter o discernimento de que cultura era algo muito além do que é o show, do que é a dança, do que é a música, que ela é muito mais abrangente... E chegou num momento que eu fiz o concurso pra minha cidade e levaram quatro anos pra me chamar, então eu já não sabia mais se eu queria voltar pra minha cidade ou se eu queria continuar contribuindo em [cidade]. Mas o que eu sentia de [cidade] é que eu não estava na minha terra, que eu estava contribuindo com uma terra de outro, porque eu não me identificava com aquele povo, eu tinha amigos mas meus amigos também não eram todos de lá, eram pessoas de fora como eu que estavam lá e lá também eu tive uma outra mestre que foi a Prof^a [nome] uma pessoa extremamente importante porque foi com ela que eu aprendi muito do que eu sei de patrimônio, então assim, eu acho que a minha formação ela foi se enriquecendo nesses dois locais que eu trabalhei, porque com as bibliotecas escolares e com o patrimônio. Dentro da Fundação a gente fazia de tudo um pouco, então foi onde eu comecei a estudar políticas públicas da cultura também, então assim, é algo

que eu venho acompanhando há dez anos. Quando a gente se vê nessa situação, e a gente está na prática, trabalhando com isso, eu fico pensando que eu só queria ver de que forma eu podia contribuir com isso pra minha cidade, pras pessoas do meu lugar daí eles teriam a mesma chance que eu tive. Então lá em [cidade] foi bem difícil quando eles me chamaram eu já não sabia mais se eu queria ir se eu queria ficar, porque ao mesmo tempo eu era muito grata e eu tinha medo de chegar em [cidade] e não conseguir fazer, de não conseguir dar conta, de sentir falta do teatro, sentir falta da dança, sentir falta da música, sentir falta dos amigos, mas tudo foi acontecendo, chegou uma hora que eu já não conseguia pontuar ou isso ou aquilo, ou isso ou aquilo, eu fui, porque o medo de eu não conseguir um outro dia voltar seria grande, a gente tem essa dificuldade nas cidades de interior que é criar um cargo para o bibliotecário e eu ainda sou uma pessoa acho, talvez resquícios da minha formação, mas muito vinculada a essa coisa de ter um emprego fixo, de ter uma coisa fixa, quem sabe futuramente eu ainda consiga me libertar disso, mas eu ainda tenho isso muito certo, de ter minha casa, de ter meu dinheiro para pagar minhas contas pagas no final do mês, porque desde então eu já era independente, eu dependia de mim, não tinha mais meu pai, não tinha mais minha mãe pra me bancar, eles existem mas eu já não tinha mais essa coisa de procurar eles. Então quando eu vim de [cidade] para [cidade natal], assim que eu cheguei lá foi bem difícil porque a gente chega num lugar novo, é novo, embora não novo porque era minha cidade mas eu já não conhecia mais muita gente, eu já não sabia muito como, quem procurar e é uma cidade que eu falo de pequenos coronéis, então é tudo um desafio. Mas as coisas foram acontecendo e eu acho que essa parte de comunicar, de falar, os contatos que eu tive na moradia, os contatos que eu tive em [cidade do interior do Estado de Santa Catarina], foram, os contatos que eu tive quando eu comecei a participar dos processos de política pública de cultura, foi fundamental porque eles que foram me dando base, contatos, pra eu conseguir fazer acontecer lá. Hoje eu posso dizer que eu vivo plenamente o que eu amo fazer, eu não consigo ver uma biblioteca sem atividades culturais. E assim que eu cheguei lá eu fui barrada “ah mas pra que cinema na biblioteca? Porque que você quer fazer isso? Isso não é biblioteca, isso não é função da biblioteca...” A gente tem um setor de eventos e toda essa parte de eventos nunca é

passada pra gente, sempre passada pro setor de eventos mas a gente está sempre buscando o que fazer. Até teve uma época que a gente foi questionada “puxa, vocês estão fazendo mais eventos que o setor de eventos”, então precisa dar uma pausa... Então são coisas que e a gente vai deixando acalmar e depois a gente realiza. E quando eu voltei pra minha cidade por conta dessa experiência eu fui contribuindo em vários setores, não só na biblioteca, então na biblioteca mesmo eu consegui me aproximar nesse último ano, é sempre um desafio porque como eles sabem que a gente já teve outra experiência eles vão puxando a gente pra colaborar em outras ações. Então é isso assim, minha experiência com a educação é essa, eu acho que ela é fundamental, eu não me vejo na Academia, eu gosto da parte prática, de estar no dia a dia, de se aproximar, de conseguir fazer diferença naquela comunidade e eu penso que deve ser assim né, cada um tem sua função. E acredito que primordial no curso, ter formações mais humanas pra gente poder chegar lá com o público lá na frente e poder ter um outro olhar. Não sei se era isso...

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Teve a época do cursinho, tu chega ali tu se sente um peixe fora d'água, porque eu pensei, “nossa o que é estar aqui”. A própria Universidade quando a gente chega é um desafio porque ela não é feita pro povo, a Universidade ela é feita, a Universidade pública, quando eu entrei que foi em 99 ela ainda era muito elitizada, então assim haviam essas diferenças. Ai mas eu vou te dizer que assim, quando eu vejo algo injusto eu tomo partido, então sempre quando eu via algo muito forte eu tentava de alguma forma intervir. Às vezes a gente vê algumas coisas em situação de trabalho mesmo “ah, porque ela é a faxineira”, a mulher que trabalha comigo é a faxineira, mas ela é a pessoa que eu posso confiar, que eu posso tirar férias, sair, saber que ela vai tocar, que ela vai dar continuidade às coisas e em vários momentos ela não podia participar das reuniões e eu pensava “mas por que que ela não pode participar das reuniões se é ela a pessoa que está na biblioteca e que vai fazer a diferença e que precisa saber o procedimento”, então assim, até muitas vezes que ela fala que ela não se sentia incluída. Então assim eu

acredito que, claro, cada um tem suas funções, têm os tais desvios de funções, mas eu penso que a gente precisa respeitar mais, não quer dizer que eu seja perfeita, talvez eu mesma em algum momento possa estar excluindo alguém a gente nunca sabe quando afeta o outro e quando se é muito direto como eu, e às vezes a minha família fala “ai tu é muito grossa”, mas não é grossa eu acho que é objetiva e aí a objetividade também as vezes fere um pouco, então, pra mim o desafio é saber falar pra também não chegar no ponto de atingir alguém. E a exclusão pra mim que eu vejo assim mais forte é que a gente ainda não tem no nosso país direitos iguais pra todos, nem pra educação, nem pra cultura, porque o povo acha que quando você realiza um evento isso não é pra ele, “ah, não mas isso não é pra mim, eu nunca fui, isso aí, deixa pro pessoal”, eu escuto isso o tempo inteiro, “ai não, mas tu acha que eu posso ir?” sabe, então eu escuto muito, qualquer evento e aí eu fico pensando “isso é pra todos, isso é pra vocês”. A gente realiza esse evento agora que é a [nome do evento] e gente vê que o turista ele se apodera do espaço só que o nosso objetivo maior é conquistar a comunidade e aí a gente viu o quanto essa comunidade tem medo, como ela se afasta e ela não tem o hábito. Então eu sempre digo que esse é o verdadeiro trabalho de formação, de público, seja pra que for, pra leitura, pra cultura, enfim, mostrar pra aquela pessoa que ela pode.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Ai, ela é tudo né? A gente tem um depoimento na nossa biblioteca muito legal. Tinha uma senhora que ela recém tinha chegado na cidade e ela foi pra biblioteca pegar livros e tal e a gente falou pra ela “olha, vai abrir concurso público pra câmara de vereadores”, aí ela “ai, tu acha que eu consigo passar?”, eu falei “claro que sim, é só estudar” eu falei pra ela “se estudar vai passar”. E ela começou a estudar, ela começou a ir pra biblioteca e ela passou em primeiro lugar no concurso pro cargo que ela queria que era de auxiliar de limpeza, mas não importa, o que importa foi que ela conseguiu né? Eu vejo muito bacana, ela muito grata à gente, pra ela ter conseguido aquele concurso foi tudo, ela se sente praticamente dirigente da câmara, brincando... É muito legal a gente conseguir mostrar pras pessoas que elas podem, que elas podem e que nada pode dizer pra elas que elas

não podem, apenas elas mesmas dizendo que elas não querem, mas que elas precisam experimentar, tentar. Esse é um dos exemplos mais vivos que eu tenho de que a função social da biblioteca é única e de que realmente a gente tem um papel fundamental, não apenas de disponibilizar o livro, mas de disponibilizar informação e bem essa informação que eu falo, um concurso, ou, qualquer coisa que parece muito fútil, mas que pra pessoa que está chegando ali na cidade é fundamental pra ela, então esse exemplo pra nós é tudo, eu acho que a [nome da colega de trabalho] que trabalha comigo também citaria esse exemplo. A gente tem várias outras situações mas essa nos emociona bastante assim, a gente é bem grato.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Enquanto eu trabalhava em [cidade do interior do Estado de Santa Catarina], eu vi durante muito tempo a [nome da bibliotecária que atuava nesta cidade] fazendo um trabalho fantástico na biblioteca pública e a gente morava junto em [cidade do interior do Estado de Santa Catarina] então eu acompanhava, foi de lá que eu acho que a gente traz a ideia dos saraus pra biblioteca, porque uma coisa é você ver lá na teoria, você vê que pode fazer na teoria, outra coisa é você ver na prática que dá pra acontecer, que dá pra fazer, então eu acompanhava o trabalho da [nome da bibliotecária que atuava nesta cidade] eu atuava no [setor] na parte de cima mas eu acompanhava e eu, poxa, que bacana e é isso mesmo né. E a [nome da bibliotecária que atuava nesta cidade] ela também foi moradora da moradia então a gente acaba tendo os vínculos atrelados às coisas assim, eu achava demais, eu acredito que eu vi bons trabalhos em bibliotecas públicas, talvez isso me motivou a fazer um bom trabalho também. Porque eu vi também o trabalho da [nome], que também atuou nessa mesma biblioteca de [cidade], hoje eu vejo a [nome] de [cidade] que eu acredito que também faz um trabalho interessante, eu não conheço muitas de biblioteca pública, tem a [nome] que agora está fazendo um trabalho bem bacana na biblioteca pública [nome da Biblioteca], eu acho que é questão de também, claro, ou tu vai ser metido ou tu vai ter oportunidade, aí então, se quando a pessoa tem oportunidade ela consegue mostrar o trabalho dela,

isso é muito legal, mas às vezes você precisa ser metido pra conseguir mostrar o trabalho. Então eu ainda não vejo tantas iniciativas que realmente façam as pessoas mudarem o conceito que elas têm da biblioteca. Eu ainda, na minha cidade quando eu cheguei, o pessoal ficou “ai, mas agora tua biblioteca está existindo”. A biblioteca já existe há quarenta anos, mas também nunca tinha passado por um profissional mas eu fico pensando comigo às vezes, ok, passou eu, essa profissional que tenho esse perfil, mas se passasse um bibliotecário com outro perfil, com perfil administrador, ou com perfil mais técnico, como que seria? Será que essa comunidade teria esse mesmo olhar? Então assim, eu vejo bibliotecas públicas bem sucedidas que têm profissionais humanistas na sua frente, eu não vejo bibliotecas públicas bem sucedidas assim, pode até ter, ela pode ter atividades, ela pode ter tudo, mas aí talvez estão outras pessoas à frente realizando essas atividades, não o bibliotecário. Eu acredito que um perfil do bibliotecário para atuar nesse espaço ele precisa ser mais humano, ele precisa assim não ter medo de falar com a comunidade, eu acho que é fundamental. Ainda de bibliotecas públicas de Santa Catarina, eu não conheço muitas, não conheço muitos bibliotecários que atuam nesses espaços, então às vezes a gente pode estar cometendo um equívoco também, mas da vivência que eu tive que são poucos, assim não... Agora que tô começando a ver outros bons trabalhos, tem uma menina também em [cidade], acho que [nome] que também faz um trabalho legal. A parte do [região do Estado de Santa Catarina] eu não conheço mas eu sei que lá também têm bons trabalhos mas não conheço esses profissionais, conheço muito mais o pessoal das universitárias, das especializadas, eu sei que é uma outra realidade, que é uma realidade que tem grana, que consegue fazer muito melhor o serviço assim né, enfim... Mas eu vejo dessa forma, eu vejo que precisa ter um foco diferente na própria formação, porque digamos que se eu não tivesse a formação que eu tenho, e eu sei que essas outras pessoas vem de uma formação muito próxima da minha, de movimento estudantil, de moradia estudantil, de lutar por direitos, de lutar por classes, são todas pessoas que de certa forma passaram por isso, eu não sei se pessoas que não tenham passado por isso teriam esse mesmo perfil e talvez essa mesma vivência. Mas eu acredito que o curso pode possibilitar essa mudança, essa formação, eu vejo que é fundamental não só uma ou duas

disciplinas, eu sempre brinco que têm três disciplinas do curso que mudaram a minha forma de ver a Biblioteconomia, uma foi com a Prof^a [nome], que eu vi um lado administrativo que tinha que ter, que era essencial que você precisa negociar e que você precisa gerenciar com os demais, isso é fundamental na biblioteca pública porque a todo momento você está fazendo parceria, ou com a sociedade civil ou negociando com o poder público, então você precisa o tempo inteiro estar negociando e a forma como ela passava pra gente essa questão do gerenciamento era muito legal, era uma coisa voltada pra empresa mas que você podia adaptar perfeitamente em qualquer espaço que você fosse atuar, então era muito bacana e a forma alegre como ela conduzia as coisas também era fantástica. Outro profissional foi o Prof [nome], que era uma das disciplinas que a gente mais parava pra pensar a questão social da Biblioteconomia e aí eu penso que é fundamental manter essas disciplinas no curso pra que a gente consiga né, isso pra mim, pra minha formação, eu gosto né, vai ter alunos que vão ter um outro olhar, e a Prof^a [nome] que mostrou assim que a gente pode bater o pé e dizer que “não” e acho que é bem legal, e bater o pé mesmo, enfrentar e também de ser flexível em alguns momentos. Então acho que foram três professores assim que foram conduzindo o meu olhar mais próximo com a Biblioteconomia e acho que foi bem legal mas é isso não acompanho muito as outras bibliotecas né, do que está ao meu redor que eu vejo também são poucas bibliotecas públicas em Santa Catarina que têm bibliotecários, não sei se são muitas, eu não sei se são muitos bibliotecários conduzindo. Os lugares que eu passei eu fui conhecendo pessoas que eu sei que fazem um bom trabalho e têm ótimos profissionais que não são bibliotecários e que desempenham um trabalho lindíssimo dentro da biblioteca. E aí eu sempre vi dentro do curso muita rivalidade e eu penso que a gente precisa quebrar essa rivalidade pra aproximar essas pessoas porque a gente também pode aprender com elas, então, isso que eu percebo.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Olha, quando eu ainda trabalhava lá com a [nome] uma coisa que eu aprendi com ela é que o leitor ele tem o direito de escolher o livro que ele quiser e você não pode interferir nessa

escolha. Eu fui carregando isso comigo por muito período e agora na biblioteca pública que eu atuo a gente tá batendo de frente com isso, porque o adolescente vai lá e ele quer ler “Cinquenta tons de cinza” e eu não vou impedir ele de levar, mas tem casos em que ele chega em casa e vem o tio e vem a mãe como já aconteceu e questiona “como que vocês liberam um livro desse?”, a pessoa é evangélica, a gente teve essa situação recentemente, e aí como que você vai explicar pra essa pessoa que aquele leitor tem o direito de levar o livro? Claro, não vamos dar um livro desse pra uma criança de oito anos, a criança nem vai se interessar por um livro desse, mas essa questão do leitor poder escolher o livro que ele quer ler, você não pode interferir no livro que o leitor quer ler, você pode sugerir, dar algumas indicações, eu não sei, e só nesse contratempo a gente tem uma outra questão ética que é como que a gente torna isso público, se torna isso público, como que a gente conversa isso dentro da biblioteca com os demais funcionários e uma coisa que eu percebo que aí eu acho que é ético e não é só dentro da biblioteca, mas é pra vida, cada leitor você tem uma relação com ele, então o que você também trata com aquele leitor é entre você e ele, não entre você e outras pessoas. Então assim, ter esse cuidado, de também ter esse posicionamento porque às vezes a gente tem questão de multa dentro da biblioteca, pessoas que não devolveram, não vou chegar “Ô Fulano, você tá devendo livro na biblioteca”, é uma questão boba ética mas é uma questão que pode afastar completamente uma pessoa daquele local e ela nunca mais retornar. Então assim, eu não sei, talvez eu não tenha pego muito o espírito da pergunta, da coisa, mas eu vejo dessa forma né, e até mesmo dentro das nossas relações de trabalho, dentro da biblioteca, eu já estou há quase quatro anos lá e no começo foi um desafio tremendo porque eu tirei o lugar de uma moça que era um cargo comissionado. Então quando eu cheguei lá eu era petista, eu era Lula, e era bem ano de eleição sabe, e foi bem difícil pra mim porque se eu sou se eu deixo de ser o problema é meu, princípio básico. Eu não quero ser abordada dessa forma no meu local de trabalho e aí como que você faz num momento desse? Por sorte minha eu quebrei o pé, fiquei quatro meses em casa e aí não precisei aguentar aquilo durante todo o período eleitoral pude votar em quem eu queria. Mas eu digo assim, essa forma de coagir a pessoa isso era muito, muito, muito complicado assim, eu me senti em vários

momentos assim... Porque as pessoas vinculam muito o trabalho social da biblioteca a um partido de esquerda, eu vejo isso o tempo inteiro e eu ouço isso em muitos momentos e isso é muito complicado talvez porque a cultura aflorou no nosso País nos últimos dez anos e aí talvez as pessoas façam esse link, essa associação. Então pra nós, ter que definir “não, isso não é isso”, ou “não, essa é a minha posição, se você acha que isso é isso é um problema seu mas eu tenho claro pra mim...” Eu não tenho partido, embora eu possa votar ou não, mas eu não tenho, eu vou votar em quem me dá mais convicções que eu acredito que vá seguir os meus ideais, que vai realmente oportunizar a todos melhores condições e não um grupo tão privilegiado de pessoas. A gente vê essas situações acontecerem e é muito delicado, às vezes a gente tem situações na biblioteca que podem ser resolvidas entre os próprios funcionários, acho que fofoca em qualquer meio é muito delicado, também uma questão ética muito forte, se você tem problema com uma pessoa você resolve com aquela pessoa. E a questão da biblioteca ela pode se tornar um transtorno, hoje a gente vive um momento muito bacana na biblioteca, mas isso é resultado de três anos de trabalho, então há um ano que a gente é mais tranquilo. A gente optou por não ter mais cargo comissionado, a não ser que fosse um cargo comissionado que realmente estivesse ali pra somar, porque para nós era uma questão ética muito delicada. A pessoa ela aparecia ali, ela não trabalhava e aí a gente ficava vendo aquilo ali e não fazia nada, quando a gente precisava fazer muitas ações, então, tudo isso pra mim é uma questão ética, ela vai caminhar em vários pontos.

6) Como define exclusão social?

Eu vou dar um exemplo bem bobo, mas é um exemplo que muita gente se identifica e a gente às vezes conversa e uma hora isso acontece. Eu tenho uma amiga que morou comigo na moradia e às vezes a gente saía pra comprar roupa em promoção e aí ela sempre tinha medo de entrar nas lojas na promoção. E eu falava pra ela “caramba, você não vai entrar?”, aí ela “não”, eu falei “vamo entrar, elas tem que atender a gente, eles atendem um, eles têm que atender todo mundo” e às vezes as pessoas deixam de ter boas oportunidades porque tem medo de entrar em determinados lugares que não são ditos lugares próprios pras pessoas que não têm condições. Eu acho que a quebra do

preconceito começa por aí. E ela começa por aí também dentro da Universidade, que quando você entra e você é pobre tem um baque. Hoje já não sei como está, eu não vivo no meio acadêmico, mas quando eu estudava era assim e era muito forte essa diferença. E você percebia essa diferença nas festinhas, no dia a dia, você não percebia essa diferença tão nítida na sala de aula, mas você percebia dentro do contexto universitário. Entao pra mim hoje desigualdade social são as pessoas não terem, todos, terem os mesmos acessos, todos terem os mesmos direitos, Porque eu sei que eu tenho direito tal mas o Fulano não sabe e se ele não sabe ele não vai exigir a mudança. Acredito que a partir da informação parte a desigualdade também, porque se as pessoas estão informadas elas... e aí não é só informada, é o poder né, de acreditar que ela pode questionar, acho que é informação, questionamento, empoderamento da pessoa pra que ela possa realmente exigir melhorias. Às vezes eu vejo, minha mãe mora numa rua esburacadíssima, na frente da casa dela tiraram um morro, literalmente, tiraram um morro. E aí eu falo “mãe, vocês não vão reclamar, vocês não vão se unir enquanto comunidade pra parar isso?”. “ah, mas dois se reuniram só, o que que é só dois, não são nada”, eu falei “pai, tu foi junto?”, “ah não, porque eu acho que não vai dar em nada”, eu falei “mãe se tu continuar pensando assim não vai dar em nada”. Então isso pra mim também é uma exclusão social porque a pessoa ela já não se sente mais no direito de cobrar e ela já não acredita mais em mudança alguma. E aí eu acho que a partir daí ela vai perder os direitos dela, muitas vezes a exclusão é a gente mesmo que cria, a gente mesmo que acredita que ta sendo excluído. Eu tiro isso pelos eventos que a biblioteca realiza “ah, mas isso não é pra mim”, “quem te disse que não é pra ti?”. Então às vezes as próprias pessoas pela sua condição, de viver, de ser, acreditam que aquilo não é pra elas e eu acho que a TV colabora muito pra isso, infelizmente, ela poderia ter um outro olhar, e assim, é essa questão mesmo da pessoa ter voz, ela exigir as mudanças. Eu acho que quando a gente tiver comunidades que saibam do seu poder, porque, você pode ter, reunir dez pessoas. Claro, a gente sabe que existe as relações de poder, a gente vive isso lá na nossa cidade muito forte, acredito que cada um vive isso em cada um cantinho, às vezes eu penso “poxa, quero sair daqui pra um lugar menor” mas eu sei que lá eu vou encontrar problemas também. Então ou eu vou enfrentar ou vou deixar eles me

consumir, e é a partir disso que eu acho que a desigualdade vai chegando porque são cada vez poucos tendo muito e uns muitos tendo menos. E a gente vive hoje pelo menos um momento que as pessoas estão podendo ter mais desses muitos e eles não conseguem compreender que esse é um processo de mudança, e eles não conseguem compreender que, assim, isso foi todo um trabalho de tempo democrático, então, pra mim eu vejo desigualdade social muito triste a pessoa não conseguir reconhecer as mudanças, não ter memória. Tipo, quem estuda hoje, estuda numa universidade privada, tem apoio, tem apoio do Governo. Antes a gente não tinha, meu pai tinha que ralar horrores pra eu poder estar na Universidade, eu contei com o apoio do Governo pra poder estar na Universidade, eu tive moradia, se eu não tivesse moradia eu não tinha conseguido. Eu vejo que essas pessoas não percebem essas conquistas. Eu lembro que quando eu estudava na [Universidade], a biblioteca estava sucateada, sucateada e hoje a biblioteca melhorou muito. Pode ser que ela esteja cheia de dificuldades, de problemas, mas as melhorias foram tantas e nítidas. E talvez quem entrou agora não percebe mas quem tava antes sabe disso. Então assim, as desigualdades pra mim elas podem ser inúmeras, tanto de questão pessoal, de identidade, profissional também, as desigualdades que a gente vive dentro da própria profissão com os salários. Quem atua em biblioteca pública ganha muito menos que um profissional que atua em biblioteca universitária, numa biblioteca especializada, então as vezes eu fico pensando, passa tanta coisa eu fico pensando em que momento que a gente vai conseguir se reunir pra mudar isso, pra mudar essa realidade, mas também eu percebo que quando a gente vai fazendo nosso trabalho no lugar que a gente está, as coisas também vão surgindo. Hoje eu tenho uma gratificação de 50% do meu salário, meu salário é R\$1.400,00, por oito horas de trabalho, ele é um salário baixo, mas eles mesmos perceberam que eu podia contribuir, eles mesmos ofereceram uma gratificação e eu acho que é muito legal. Claro, eu tenho que contribuir em muitas outras coisas, mas eu penso assim, é uma forma de manter um profissional que deu um bom resultado pra eles ali. Então, essas coisas também são conquistas que a gente vai tendo mas a gente precisa lutar pela base e pra que essa desigualdade seja amenizada pelo menos, que ela não seja tão gritante assim. Aos poucos, mas também a gente tem que ser flexível, se eu quero

morar na praia eu tenho que ceder em algumas coisas e aos poucos ir exigindo as melhorias. O conceito de desigualdade pra mim é muito amplo, engraçado né, a gente está aqui na entrevista eu sei que depois eu vou lembrar de várias coisas que eu poderia ter falado, que louco né, e no momento que tu tá aqui às vezes as palavras fogem, as situações fogem, mas é bem isso mesmo. Isso acontece muito comigo, eu saio daqui a pouco “ah, quanta coisa eu poderia ter falado” mas eu acho que a essência é essa, é essa mesma.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Tem uma bem básica que recentemente eu escutei a Prof^a [nome] falando num local até pra gente adotar essa mudança, que é o comprovante de residência. Eu acho comprovante de residência muito excludente sabe, mas tá lá, porque ele tá no formulário. E ele está tão intrínseco na formação do bibliotecário, a gente sai dali tão modelado, tão cheio de regrinhas que às vezes você não pensa fora daquilo ali. Então há muito tempo a gente vem acompanhando essa questão do comprovante de residência, e quando eu cheguei lá eu cheguei muito forte com isso, “vamos colocar essas regras”, porque tinha muitos livros que não eram devolvidos, muitas coisas assim... E hoje não, hoje a gente conseguiu amenizar bastante isso, mas a questão do comprovante de residência ela é uma coisa assim, muito cruel, muito cruel e eu quero ao longo desse ano agora a gente conseguir se reunir pra mudar esse regimento e conseguir... Olha, é apresentação de um documento, porque a pessoa tem que residir na cidade e muitas vezes é um turista que quer pegar um livro e têm muitos turistas na minha cidade que tem casa lá e então eles ficam durante um tempo e esses que tem ainda conseguem ter comprovante, e às vezes são pessoas que não tem nem condições. Então eu hoje né, em termos de biblioteca mesmo, a situação mais excludente que eu vejo é essa, porque a gente recebe, todo mundo que quer entrar na biblioteca entra, todo mundo que quer entrar na biblioteca, pegar livro, mexer, conversar. Tem às vezes algumas pessoas que a gente fica com medo, porque tem de tudo, na biblioteca pública realmente entra de tudo. Mas essa situação eu venho refletindo já há algum tempo, depois que eu escutei a Prof^a [nome] falando “pra que

comprovante de residência?”), foi recente, acho que foi em [cidade], acho que foi em [cidade] que eu vi ela falando isso, eu pensei “caramba, tô liberada então”, olha só, como eu estava presa às regras. Por mais que pense diferente, mas muito presa às regras. Eu acho que essa é a situação é um exemplo, um exemplo é esse, eu acho que ele é muito forte, muito forte, porque daí tu tá lutando com, a gente vai ter uma situação ou outra, mas essa ela é totalmente excludente.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Eu percebo que essas últimas gestões da ACB agora, elas estão me deixando mais esperançosa, então a gente teve aí a, teve agora a reativação do Grupo de Bibliotecas Escolares, e as meninas já lutaram por muito e muito tempo pra manter ele, mas o Sistema de Bibliotecas Públicas também, que assim, é uma pessoa só pra conduzir o processo, então a gente às vezes também tem que ser flexível e entender que também é muito pra se fazer, e que a gente precisa ajudar senão a coisa não vai caminhar. Eu tenho esperança de que as coisas estão só melhorando, então, eu acredito que a gente pode ter um curso melhor, eu acredito que essa pesquisa pode contribuir pra isso, nesse sentido de que a gente precisa humanizar mais nosso curso, as técnicas são extremamente importantes, a parte administrativa também, porque ela que vai dar embasamento pra gente chegar lá na frente e pautar as coisas. Acho que a parte de direito autoral é fundamental se inserir muito forte no curso, o bibliotecário lida com isso o tempo inteiro, e o que eu fui aprender de direito autoral eu aprendi com o Grupo de Estudos de Direitos Autorais do [Grupo vinculado à Universidade que estudou]. Políticas públicas precisam ser inseridas pra humanizar esse curso, sejam elas quais forem, eu acho que as políticas públicas elas são fundamentais pra gente ver mudança inclusive na nossa profissão. Quando a gente se conscientizar que a política pública que é participar do Sistema Nacional de Cultura, que é participar das Conferências de Cultura, que vão nos legitimar e nos dar poder pra conseguir as coisas eu acho que a gente vai ter um outro passo. Eu vejo poucos bibliotecários participando desse processo, eu recorde de duas ou três. Em toda Santa Catarina é muito pouco né, dentro das Conferências Estaduais. Então, eu vejo que pra gente conseguir bons resultados com a biblioteconomia a gente precisa estar presente

nesses espaços e de uma certa forma se politizar mesmo. Não precisar ser partidário mas é estar presente, é conhecer seus direitos, e é exigir melhorias e lutar pelo seu espaço. Porque quando a gente está numa Conferência, cada um está lutando pelo seu espaço, cada um está ali presente. Cadê a guerra pelo livro e leitura? Às vezes eu vejo que tem muita gente das editoras, e aí depois a gente reclama lá na frente, daí não dá pra reclamar porque tem todo esse processo aqui né. Eu espero que essa pesquisa venha colaborar nesse sentido e já percebi que há alguns professores no curso que vão mudar, eu acho que têm condições de manter e de ampliar essa questão humanística, mas que seja imprescindível se perceber que se não for assim, ele não vai alcançar todos. E aí ele continua sendo de uma certa forma uma profissão excludente porque ela precisa agregar, as outras partes, isso muito pautado na biblioteca pública, que é o que eu estou vivenciando hoje, que eu já quis muito trabalhar em biblioteca escolar também, porque a biblioteca escolar também vai inserir tudo isso, são muito próximas e a comunitária também. Talvez sejam as áreas que ganham menos, mas por que ganham menos? Então acho que ficam aí várias perguntas pra gente seguir refletindo e pensando em mudanças. Fica meu elogio pro pessoal do trabalho da ACB porque eu acho que eles estão fazendo um muito bacana, que pode aos poucos ir mudando essa realidade também, espero que essa galera fique muito mais tempo. É isso, e agradecer a oportunidade.

ENTREVISTADA 13

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Na verdade quando eu saí de casa muito cedo, com 17 anos, fui pra Florianópolis pra estudar pra fazer Medicina e nessa ocasião eu fui sondar a minha situação financeira, eu vi o curso de Biblioteconomia, um curso que eu, aparentemente eu, pelo currículo eu gostei, achei interessante, e como eu comecei a trabalhar na [Universidade], que já oferecia o curso de Biblioteconomia, ali eu já ingressei no curso. Gostei, me formei, embora durante muitos anos eu trabalhei na área de documentação, na Reitoria, trabalhei como secretária e gostava muito dessa estrutura na [Universidade] e depois de muitos anos aí se formou dentro da [Universidade] a biblioteca universitária, o

Sistema de Bibliotecas também funcionava dentro da [Universidade], então eu pipocava dentro da Universidade, gostava, comecei a me identificar cada vez mais, dentro mesmo da área de Biblioteconomia, eu fui estudando, os cursos que eu fiz ali estavam relacionados mesmo ao próprio currículo, não tinha muito tempo pra estudar, porque trabalhava durante o dia e depois a noite ficava até dez e meia, onze horas, terminava a Faculdade. Então final de semana, a situação financeira não me permitia fazer muitas coisas, então eu me limitei a fazer apenas o curso de Biblioteconomia, depois uma Pós-Graduação ou uma outra atividade, não, isso eu não tinha essa condição. O meu tempo era muito curto e não lembro de ter feito nada significativo dentro da minha área, isso me deixava muito triste. Apenas quando a própria Universidade ela propiciava alguma visita a um teatro, ou uma atividade social, qualquer coisa, sim, eu aproveitava, mas era muito difícil viajar, fazer qualquer coisa. Fora aquele contexto normal da Universidade eu não fazia, infelizmente. E eu hoje eu sinto muita falta disso porque aí em seguida eu me casei e já, passou um ano já tive filhos então passei a me ocupar com outras coisas. Também como eu não ganhava muito dentro da Universidade, custei a ter a minha reclassificação dentro da minha área, então eu fiquei muito tempo fazendo trabalhos paralelos, eu entrei na Universidade como datilógrafa então eu fiquei envolvida fazendo trabalhos de datilografia pra poder sustentar, ajudar a sustentar minha família. Foi quando eu recebi o convite da [profissional atuante na Universidade] que na época era responsável pelo curso de Biblioteconomia, e me convidou pra ir pra Biblioteca Universitária, mas tinha o Sistema de Bibliotecas e tinha o Carro Biblioteca, me chamava muita atenção já, naquela ocasião, o Carro Biblioteca trabalhava com a comunidade, era algo que mexia comigo, e eu sempre ficava observando ali quando o Carro Biblioteca saía pra atender às comunidades. Então eu disse assim “não, eu vou trabalhar no Sistema” e fui pro Sistema de Biblioteca, ali eu me realizei. Porque no lugar de ficar trabalhando com Pró-reitor, Vice-reitor, trabalhei também muito tempo ali durante o decorrer da minha vida profissional, mas aí quando eu fui pro Sistema que eles me deixaram trabalhar no Carro Biblioteca e como eu não gosto da parte técnica e sim da parte social, vindo de uma família também cheia de dificuldades financeiras e tudo eu estava lá lutando pra conseguir estudar, então chegou o momento de

alguma maneira eu dar uma coisa pra aquela comunidade. E eu trabalhava com cinco comunidades carentes, então ali eu me realizava, fazia um trabalho muito interessante, eu sentia que meu trabalho fazia eco, as crianças aprendiam. Também nós trabalhamos com uma casa de repouso, eu também gostava muito, ali eu aprendia com os idosos, as experiências deles, então a minha vivencia foi essa, não... Depois eu fiquei, não sei se está dentro da sua pergunta, mas saindo de lá eu retornei pra [cidade do interior do Estado de Santa Catarina] porque meu marido queria que eu voltasse, voltasse pra cidade, e eu já estava tão realizada com o Carro Biblioteca, porque o Carro Biblioteca tinha muitas carências, muita dificuldade, a gente vivia lutando pra que o Carro Biblioteca ficasse bonito, tivesse livros novos, que a gente pudesse atender melhor à comunidade e aí, nessa ocasião, eu comecei a entrar em contato com algumas empresas, também já comecei a me mexer, articular pra trazer outros benefícios para as crianças ali, e numa dessas oportunidades eu estava, eu tinha conseguido um material com algumas editoras, fazia jogos também pra levar, agora começo a lembrar também, fazia alguns jogos, algumas atividades, quebra cabeças, jogo da memória, então eu inventava um monte de coisa pra atender melhor àquela comunidade porque me machucava muito quando eu começava a comparar a minha realidade com a das crianças, então me deixava cada vez mais agoniada com tudo aquilo ali. Então eu queria criar novas oportunidades para as crianças e aí a coordenadora do Curso ela, o que que ela fez, ela pegou todo material irritada com aquela situação difícil que eu estava vivendo e lutando todo tempo, e até Biblioteca mesmo infantil que eu criei dentro da Universidade foi pedindo madeira pra um, livro pra outro e a dificuldade já era grande naquela fase no Sistema de Bibliotecas e o resultado que os funcionários começaram a ver a minha mobilização, eles mesmos começaram a se mexer, um foi lá pegou a tinta, o outro me deu o livro, o outro arrumou a estante, na época a Universidade, o Curso de Educação Artística funcionava dentro da Universidade, eles já foram lá e fizeram um Painel maravilhoso dentro da Universidade, resultado criamos a Biblioteca Infantil. Então a minha coordenadora disse “não [nome do entrevistado], chega, tu tá pedindo daqui, pedindo dali, vamos conversar com o Reitor”. Então nessa ocasião a gente foi levou todo, “pega tudo que tu faz e leva pro Reitor”, e nós levamos e ali

ele liberou uma boa verba pra gente fazer uma compra, então eu fiquei muito triste porque nessa ocasião, de comum acordo, eu decidi ir embora, voltar pra minha cidade. Mas no dia que eu tomei essa decisão o projeto foi aprovado, os livros estavam chegando, o material e eu estava indo embora. Então eu fiquei muito triste de ver todo aquele cheiro gostoso de livro novo e eu indo embora e aquele coração partido, porque a gente acaba formando uma amizade, vira família né, as crianças, eu tinha um relacionamento muito achegado com aquelas crianças e de alguma maneira por fazer pra elas eu estava fazendo pra mim mesma porque é como se eu de alguma maneira, forma tivesse mudando a minha história, porque as crianças ali, é sofrida cheia de problemas e eu passei por muitas dificuldades também financeira, me lembro quantas vezes na Universidade pra mim poder estudar, trabalhar e ter mais tempo, é calçado furado, tinha que colocar um papelão pra poder proteger o pé, das dificuldades, pra mim ter um pouco mais de sossego, então foi tudo, foi com muita luta, então trabalhar com essas crianças carentes e de alguma forma ajudar isso me massageava, me ajudava. Então, daí eu vim pra [cidade onde atua], nessa ocasião fui transferida pra uma escola de segundo grau porque a [Universidade no Estado de Santa Catarina] e a [Fundação ligada à Universidade] eram conjugadas, então quando eu vim pra [cidade onde atua] chorei o mês inteiro porque eles tinham um pouco de resistência com pessoas novas dentro de uma Instituição que já tinha um bibliotecário então eu resolvi trabalhar no período da tarde. Daí tudo que eu fazia lá, comecei a trabalhar dentro da própria escola com outras escolas da comunidade, fazendo atividades, como eram atividades com jogos, brincadeiras, de novo, envolvendo as crianças, deu uma movimentação na biblioteca, eles ficaram assim, estranharam né, porque olha “como que essa biblioteca está movimentada, sempre parada e tudo”, mas não era esse envolvimento que sempre mexeu comigo, eu sempre gostei de trabalhar com as crianças e ajudar de alguma maneira. Então eu trabalhei algum tempo, trabalhei mais uns dois anos, acho que nem isso, como bibliotecária, mas nessa ocasião o diretor administrativo tinha falecido e eu tive que assumir por força das circunstâncias ali, tive que assumir a direção administrativa da escola, fiquei três anos como diretora administrativa ali, no colégio vinculado à Fundação. Depois acabei engravidando, então saí da Univer... do

colégio mas dentro da, como diretora administrativa também eu tinha desenvolvido um projeto pra poder melhorar a qualidade das crianças ali na escola que era um projeto de marcenaria. E as crianças desenvolviam o projeto confeccionando lixinho, confeccionando lixa de unha, lixa de pé, e aí elas tinham uma alimentação melhor, elas tinham o material escolar mais barato, tudo pra estudar, então isso eu acho sempre me remetendo a minha história eu queria facilitar a vida das pessoas. E quando termi..., mas mesmo toda essa boa vontade de querer desenvolver projeto social que as crianças tivessem sustentação nas suas atividades, no seu estudo e uma salinha de laboratório, uma salinha disso, salinha daquilo, a gente foi criando coisas mas eu fui ficando cada vez mais assim, com uma tristeza muito grande comparando com meu trabalho na Universidade porque eu trabalhava com outros profissionais dentro da minha área, e daí comparando com nosso diretor na ocasião, era uma pessoa essencialmente política, eu nunca fui, essa politicagem né, não é a essência da palavra política porque é maravilhoso. Então as coisas não aconteciam do jeito que eu queria, não fluíam, então eu fui ficando muito desanimada, e quando eu engravidei do meu segundo filho eu disse “não, eu não quero mais trabalhar”, o Estado deu essa oportunidade da gente sair, quem quisesse recebia uma boa indenização eu disse “olha o que eu tinha que dar pra sociedade, agora eu vou educar meu filho”. Então eu saí, eu fiquei muito tempo fora da minha área, então, na minha comunidade esse gene de bibliotecária acabava conversando com as crianças, contando história, novamente, via as crianças carentes ali, ajudava, dava aula particular, dava reforço porque onde eu moro é um bairro bem pobre na cidade então eu comecei a ajudar as crianças por ali e isso me realizava, me ajudava. Pensei “de repente vou abrir uma biblioteca comunitária aqui pra ajudar as crianças” e a gente fazia horinha do conto, ajudava nas atividades, ficava irritada com os professores, mas formei ali um grupinho de crianças e ali eu fiquei. E aí depois eu fiquei dez anos fora, totalmente fora, por causa das circunstâncias, a situação financeira ficou difícil precisei voltar a trabalhar. Então aí trabalhei, fiz um concurso público, lembrei que eu era bibliotecária e disse “eu vou fazer o concurso”, voltei e entrei pra biblioteca pública, estou aqui há [quantidade] anos.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Eu lembro de uma situação de quando eu estava dentro de sala de aula, eu vivi dois momentos na minha vida, uma foi muito rica, muito rica e a outra pobre, então mais ou menos até meus onze anos minha família era muito rica, era dona de uma empresa de ônibus e tudo, era rica, [cidade do interior do Estado de Santa Catarina], [cidade do interior do Estado de Santa Catarina], fazia tudo, meu pai perdeu tudo, minha família perdeu tudo e eu fiquei muito pobre de não ter água, não ter luz, não ter nada dentro de casa. E eu entrei, eu queria mudar minha história, na adolescência é difícil porque tu precisa da aprovação dos teus colegas, das pessoas que estão a tua volta e não mais da tua família, a gente perde, troca um pouco as coisas né. E eu lembro que eu estava dentro da sala de aula e eu não tinha o livro de português porque o pai não tinha condições de comprar na época e eu lembro que nessa situação o diretor da escola chegou e me perguntou por que eu estava sentada do lado da minha colega e eu disse “não, é porque eu não tenho o livro”, isso me expôs né, a uma situação ridícula dentro da, do grupo. Então ele disse “não, você não pode assistir a aula se você não tem esse livro, isso pra mim é uma exclusão né.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Eu hoje, quando eu visito as vinte e três, vinte e sete escolas da rede municipal, eu vejo assim, as bibliotecas, o Governo Federal ele, de certa forma, ele até supre com material, as bibliotecas estão lá supridas, tem o material mas não tem o que efetivamente realiza essas atividades nas bibliotecas escolares. Se houvesse aquele profissional ali, eu acho que elas fariam, a biblioteca escolar ela desenvolveria bem a sua atividade. A biblioteca pública hoje, antigamente as pessoas vinham para fazer uma pesquisa de português, de matemática, história, geografia... Hoje a biblioteca pública no meu modo de ver ela deveria propiciar no aspecto social a cultura da cidade, falar o que que, trabalhar mais a questão de conhecer nossa cidade..., nossa família, nossa história, prover cursos interessantes... Ela não estaria mais didatizando, vamos dizer assim, ela estaria oferecendo outras atividades sociais como a pintura, um

bordado, uma contação, um bom filme de época, uma exposição, eu acho que seria nesse contexto, uma atividade recreativa, um café literário, eu acho que essas coisas seriam um bem da nossa biblioteca, porque a exemplo aqui de [cidade do Estado de Santa Catarina], considerando a nossa realidade hoje, quem procura a nossa biblioteca procura pra ter um bom livro de literatura, procura pra, os nossos lojistas aqui, pessoal que trabalha no comercio, eles não vêm pra procurar um livro de matemática, história, geografia, de portugueses, de, uma enciclopédia, eles vêm pra descansar e talvez esse momento seria uma grande oportunidade de nós termos uma sala gostosa ali pra eles assistirem um filme ou terem um bom livro, pra, sei lá, eu acho que outras atividades sociais pra que eles pudessem descansar, relaxar. Eu encontro, eu vejo a biblioteca pública mais como um lugar gostoso pra descansar, pra saborear, pra trocar ideias, pra estudar em grupo do que aquele lugar que antes as pessoas tinham que ficar em silencio, quietinho, não vejo a biblioteca mais assim. E dentro da nossa realidade aqui, tem os idosos que vêm em massa, os aposentados, os jovens, nós temos os universitários aqui da [Universidade que atua no Estado de Santa Catarina], eles vêm aqui pra Biblioteca pra, pra também, ter alguns livros de literatura e pra conversar. Eu, infelizmente, nosso ambiente não está tão gostoso pra acomodá-los né, uma pena, mas eu vejo assim, eu acho que é essa situação.

4)Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Se fosse hoje, pra poder atender bem o meu publico, um bom bibliotecário, é claro que a gente precisa estar bem capacitado com as coisas que estão acontecendo, ser bem conhecedor, porque o mundo da internet revolucionou totalmente. Eu me sinto sendo carente, preciso estudar mais, ler mais, eu vejo essa necessidade porque as vezes vem alguém aqui quer fazer uma pesquisa dentro de um curso de pós-graduacao, ou quer um material mais aprofundado e eu gostaria de entender melhor esse mundo virtual pra poder dar o resultado, dar o suporte pra, pro usuário, então eu sinto essa necessidade. Mas na nossa realidade da biblioteca, eu sempre coloco o lado afetivo porque como nós temos muitas pessoas que vêm à biblioteca são idosos, nosso perfil aqui da biblioteca, e crianças, eu acho que a

forma de tratar, o perfil do bibliotecário ele teria que ser alguém que goste de pessoas, que saiba como lidar com pessoas. Então, pra mim, claro que acaba, ter capacitação é necessário, saber o que está acontecendo no mundo do bibliotecário, as coisas que estão acontecendo dentro da minha área, o que que está mudando, é necessário, acho que a gente tem essa falta do suporte de quem está acima de nós pra podermos gerenciar melhor, acho que a gente precisa disso, mas quem chega hoje à biblioteca, quando ele tem uma boa atenção, “ah, eu queria um livro tal”, “não olha, eu não tenho esse mas esse aqui eu tenho, o que que tu acha?”, então esse jeito, essa forma de tratar as pessoas, o bibliotecário ele tem que ter esse, esse, como que eu vou me expressar, ele tem que ser querido, ele tem que gostar dessas pessoas, tem que tratar bem, as pessoas hoje estão muito carentes, então eu vejo assim, não precisa, fala-se muito da catalogação, da classificação, que ela ‘é importante tudo, mas dentro da nossa realidade, pelo menos, estou falando de [cidade do interior do Estado de Santa Catarina em que atua] n’ê, daqui da nossa biblioteca, quando o leitor ele chega, ele já sabe exatamente o local lá da estante até em função do número de acervo que a gente tem, ele chega ele vai direto lá na estante, ele já sabe onde ele se localiza. Mas quando eu paro o que eu estou fazendo e vou atender e vou conversar um pouco, esse social, ele precisa. São pessoas que, de alguma maneira, elas estão muito solitárias, tem muita gente aqui na biblioteca com essa situação, pessoas que vem todos os dias pela manhã, todos os dias naquele mesmo horário eu paro o que eu estou fazendo “ai, eu queria um jornal”, “ah, jornal”, eu vou lá eu dou o jornal, mas não é só o jornal que ele quer, quer mais, quer conversar, ele está sozinho, eu vejo que esse aspecto do afetivo, de conversar, de rir, de estar junto, isso é muito importante. Então não somente aquilo que se fala tanto né, que tem que classificar, que tem que catalogar, colocar em ordem o material mas esse, essa relação, e aqui como nós tivemos dentro da biblioteca, e isso acontece muito, de ter pessoas que vêm à biblioteca e são readaptados, então esse pessoal sempre acaba parando um pouco pra conversar, isso faz bem, então, acredito eu, dentro da biblioteca, o bibliotecário hoje ele usa muita psicologia, junto com a própria formação dele.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Aqui, como eu coloquei, chegam pessoas com problemas, todo dia, todos os dias, eu recebo aqui, tem pessoas que elas frequentam a biblioteca todo dia. Acho que a pratica ética, que como nos sentamos, conversamos, a gente acaba participando um pouco do dia a dia, da vivencia, dos problemas da pessoa, do usuário, então seria, eu colocaria como ética essa, a privacidade daquilo que 'e colocado pra nos. Porque tu, e interessante, como a biblioteca publica ela tem essa roupagem, essa... Temos ali o cafezinho, tem a agua, tem o pega goiaba, então no momento que a gente esta ali, esta conversando, acho que esse ético, eu colocaria isso, quando nos comecemos a conhecer melhor o dia a dia dele, a vivencia desse, das pessoas que nos visitam e nos tratamos todo mundo por igual, eu faço isso, eu levo isso como algo muito importante, tratar as pessoas bem, independente da situação, eu acho que isso e ético, eu odeio essa questão de chegar um todo engravatado, a pessoa vem bem vestida, ela ser tratada de acordo com o que ela veste, não pelo que ela 'e, então eu acho que seria, pra mim, o ético seria isso, tratar todo mundo muito bem ne, e eu faco isso me faz bem, quem ganha sou eu, so ganha porque hoje infelizmente e raro, cada um que chega aqui eu dou o papel, eu dou a caneta, se precisa, eu dou o suporte... Já aconteceu de eu receber um jovem aqui que estava fazendo direito, la do outro lado, ele veio com o calçado todo molhado, o menino estava passando dificuldade mas queria fazer a, estava fazendo o curso de direito, então eu vejo, nós nos reunimos pra ajudar esse menino porque ele vinha sempre aqui, separamos então, eu vejo como ético não expor a situação dele ao publico em geral, porque esse menino esta vindo aqui, ta... Claro que a gente partilha com um ou outro pra poder fazer isso, pra ajudar, como acontece também isso, tem crianças que vem aqui, esse mês, mês retrasado, nos tivemos uma criança que a mãe e o pai, ambos estavam presos, ele vinha todos os dias `a biblioteca. Então a gente teve que fazer essa sondagem, que criança e esta e o que que esta acontecendo com ela. Então nos descobrimos que ele não tinha onde ficar durante o dia e que ele vinha pra biblioteca, e uma criança, tem que comer, criança come, tem fome, então uma funcionaria, sem que ele soubesse, ficamos sabendo que ele estava estudando, nos fomos na escola, descobrimos toda historia dele, a mãe estava presa, o pai

estava preso, ele estava na casa de um familiar, todos trabalhavam e ele ficava na rua e ele vinha pra biblioteca. Aí o que nós fizemos? Então nós provemos o lanche, até compramos tênis, material pra ele tudo, então essa situação ficou escondida, acho que isso é ético né, esconder essa situação, ajudar quem necessita e tratar todo mundo como igual. Acho que é isso no meu ponto de vista.

6) Como define exclusão social?

Eu entendo a exclusão social quando eu não tenho oportunidade. Exclusão social é quando eu vejo alguém entrar aqui na biblioteca e ser mal atendido, isso é exclusão social, porque ele está mal vestido, ele não é bem atendido, então pra mim a exclusão social é nós termos os cegos, nós termos os surdos e eu ter pouco material pra poder suprir, eu não ter acessibilidade, é exclusão social eu vejo isso exclusão social. Exclusão social também lembra as nossas, as crianças que eu trabalhei no Carro Biblioteca, elas não tinham oportunidade de estudo. Eu moro numa comunidade que eu vejo as crianças super inteligentes, ativas, mas elas não tem esse suporte pra poder estudar, mesmo a biblioteca aqui hoje ela não oferece as condições corretas que deveria dar a essas crianças. Então isso é exclusão social pra mim. Também eu coloco como exclusão social essa medida sócio educativa que diz que é sócio educativa e as crianças vêm pra cumprir uma medida e eu não ofereço, apenas trabalho como limpar, limpar os livros, que atividade é essa que eu estou oferecendo? Nenhuma, pra mim isso é exclusão social. Eu vejo assim, então isso foi, a minha vivência, a minha experiência como bibliotecária, tanto no Carro Biblioteca, eu olhava aquelas crianças ali sendo jogadas pela sociedade, porque não tinham como, algumas não estudavam, ficavam largadas, hoje não né, hoje o Governo já criou outros mecanismos pra poder fazer as crianças estudarem mas na minha época era assim. Mas eu vejo essa omissão de não prover ao público aquilo que lhe é devido como a verdadeira exclusão social, como aconteceu com o Carro Biblioteca, com as crianças que eu trabalhava, e elas diziam “ah a professora não liga pra mim”, “a professora não conta história assim como a senhora conta pra nós”, esse cuidado, esse afeto né, que eu tinha com as crianças, que eu tenho no meu trabalho, procuro colocar isso, acho isso muito importante no dia a dia, então eu vejo essa exclusão, essa omissão da sociedade de criar

uma biblioteca pública mas não dar sustentação pra ela pra que ela possa atender corretamente às pessoas, então pra mim isso é uma exclusão social. Não vejo, fora disso, é assim que eu, que eu enxergo né essa maneira de lidar com as pessoas né, de tratar as pessoas.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Sim, eu vejo assim ó, se eu chego na biblioteca e eu não sou bem tratado, isso é exclusão social. Via de regra, via de regra, as bibliotecas elas estão cheias de pessoas que não sabem atender bem o público. Elas, funcionário público de um modo geral, infelizmente essa é a realidade, falando de prefeitura, porque eu saio da biblioteca e vou na prefeitura e me irrita a maneira como eles tratam. Então pra mim também, no momento que eu estou chegando ou que chega alguém na, aqui na biblioteca e ele não é bem, ou é feito pouco caso, ou ele me pergunta algo que eu não ligo, ou que eu continuo ali na Internet, tem um que está no Facebook, tem outro que tá não sei o quê e não atende bem o público, não trata ele, ele não volta com tanta, isso de alguma maneira eu estou excluindo. Na nossa realidade é isso que acontece, eu acho que não tem de outra maneira assim, não vejo de outra forma, falando de nossa biblioteca, pensando na nossa biblioteca. Acho que a grande realidade é essa, de não ter, de alguns não darem o atendimento como devem, aí ele vem uma vez, ele não é bem atendido, ele não volta mais, então eu acho que de certa forma eu estou excluindo, é isso.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

É eu lamento muito, eu gostaria, eu gostaria de ver a nossa biblioteca e eu acredito que isso deve acontecer de um modo geral, nós termos uma liberdade para poder gerenciar nossa biblioteca, isso precisa de orçamento, a gente precisava ter recurso, ter independência pra poder fazer acontecer as coisas aqui na biblioteca pública. Via de regra, tem duas coisas que acontecem, primeiro nós nunca temos pessoas que possam nos ajudar, ser parceiros conosco na realização das nossas atividades, isso não tem, de um modo geral as pessoas são omissas, não querem saber de trabalhar, não querem mesmo. E a biblioteca via prefeitura, ela não está nos planos do prefeito,

não está. Eu, nós tivemos uma reunião do Sistema já fazem dois anos e ali [cidade do Estado de Santa Catarina], [cidade do Estado de Santa Catarina], as cidades que tem essa cultura alemã, que tem imigrantes ali, alemão, italiano, parece que elas estão em uma situação melhor mas de um modo geral quase todo mundo reclamava dessa falta de recurso, dessa falta de a gente ser ouvido, de ter assim um bom planejamento, pra poder desenvolver, realizar né, porque a gente começa uma coisa, depois já não dá, tem três funcionários daqui a pouco não tem mais nenhum, não tem uma estante, não tem um acervo, como que vai atender bem? Então, é uma carência muito grande, as bibliotecas públicas elas estão esfaceladas, pra mim, no meu ponto de vista, elas estão esfaceladas, porque se eu nos últimos dez anos, da prefeitura, eu não comprei um livro, a biblioteca ela está vivendo de doação, como é que ela pode viver desse jeito? Não vive. Então seria isso, ter mais atenção assim, se tivesse que expor uma dor, seria essa, a falta de cuidado que as bibliotecas públicas hoje elas estão tendo, elas passam batido, infelizmente elas passam batido. E também de não ter pessoal, pessoas qualificadas pra poder trabalhar, também a gente receber treinamento, vez por outra, quantos anos eu fiz esse curso mas quantos anos passou batido de se fazer um curso e ninguém nos oferece nada, absolutamente, mesmo quando precisamos ou vem aqui e até puxa nossas orelhas e “você está errado, você precisa melhorar”, não existe isso, fica tudo solto, tudo largado.

ENTREVISTADA 14

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

E agora? E agora Claudia, o que eu vou te colocar assim... Como a gente nasce no interior, na cidade de [cidade em que nasceu], a formação da gente é com vários valores e quando eu consegui passar no vestibular na [Universidade] que eu fui para [cidade], então do interior para a capital, no ambiente da [Universidade], na Universidade, a gente, principalmente a minha pessoa, naquela época, eu era quietinha tal, houve uma discriminação muito séria entre minhas colegas de turma. Algumas debochavam, colocavam que a minha cidade natal só tinha cavalo, não tinha carro, carroça porque era interior, aquele

tipo de coisa assim né, e a minha atitude assim, vamos dizer assim, de “boa tarde, tudo bom?”, a gente falava sempre “por favor”, “muito obrigado”, elas também te ridicularizavam, então eu me sentia muito, como é que a gente diz, assim, excluída, a palavra era excluída, e eu, talvez por minha família não estar junto, a gente mais isolada, morando com parentes, que eu não aconselho ninguém hoje quando sai de sua cidade pra estudar fora morar com parente, porque é bem complicado, mas a gente não tinha condições financeiras, e essa parte marcou muito, no período ali, nos primeiros... Depois não, depois já foi mudando, já, mas até eu aceitar as minhas colegas né, e aquela coisa que eu coloquei pra ti, eu não era aquela aluna dez, era aquela aluna com mais dificuldade e eles não tinham essa certa paciência então, aquela coisa assim de, se hoje for olhar a realidade, hoje a gente ver atrás, era conforme assim, desprezo, desprezo pelas colegas que estavam ali. Uns mais outros menos né, então é quase uma situação como se fosse hoje, vamos dizer assim, você tem um *status*, você é rica e você é pobre, então era considerado nesse sentido. E daí então foi essa parte assim que marcou bastante. E depois, a transição, que passou essa transição, a gente, tive até a formação ali sorte, eu acho, logo em seguida eu consegui, aí fui pra [cidade] pra trabalhar. Minha primeira opção foi assistente social, da época, aí eu fiquei assim “o que que eu coloco?” porque era duas né, duas opções, “o que é que eu vou colocar?”. O meu primo é bibliotecário em [capital de outro Estado do Brasil], e com a convivência, porque ele sempre ia, passava conosco uns períodos e coisa, e ele muito assim de leitura, um monte de coisa e tal, aí, sem opção nenhuma, eu não tinha, não tinha essa noção, eu resolvi colocar biblioteconomia, mas não pelo fator de que eu gostava, porque eu não sabia o que que era, sabia dele, que ele trabalhava, trabalhava no [nome da organização], fazia isto, fazia, porque o [nome da organização] tem aquele trabalho muito grande de, com carros, ambulante, aquelas coisas assim, então aquilo ali acho que deve ter, na cabecinha assim da gente muito, muito nova, muito assim, é claro que eu sabia o que eu queria, foi onde que eu coloquei. Não que eu, como eu disse para as crianças na segunda, não que eu também não lesse quando a gente era pequena, porque a, quando a gente ficava doente, eu tinha uma vizinha, a [nome], nunca esqueço dela, ela, a gente ficava doente, ela trabalhava numa papelaria [nome da papelaria] que

nós tínhamos lá em [nome da cidade natal], então era papelaria e livraria, e ela levava livrinhos e eram livrinhos bem pequeninhos, então a gente ganhava sempre assim alguma coisa. Meus pais era, nós era, naquela época a gente considerava assim, como é que fosse, pobre, mas também não era rico, não era nem médio, não tinha condições de estar comprando livros, era muito caro, exatamente, e daí a gente ganhava e tal e depois quando a minha mãe conseguia ela também dava livro pra nós, o da escola, mas era isto, mas não que fosse na cabeça me passar que mais tarde que eu tivesse, que eu ia fazer Biblioteconomia. Aí comecei fazer, passei em segunda opção né, tive esse processo que te falei de, social, que não deixou de ser, acabou passando aqueles quatro anos bem, a gente se formou depois eu acabei indo para [cidade] pra trabalhar, fiquei lá um período de três anos e pouco, daí houve, fui a primeira bibliotecária lá de [cidade], da biblioteca pública municipal também, aí, daí sim tive um problema também com a minha chefe, porque quando ela fez o contato, foi assim, porque no meu período de antes de eu me formar eu fui pra [Universidade] trabalhar no Sistema de Bibliotecas Públicas, que a [nome de uma profissional] tinha saído aí ficou a [nome de uma profissional] e a [nome de uma profissional]. Aí eu trabalhei com elas, trabalhei seis meses, adorava fazer aquele trabalho lá com eles né, a gente aprendeu, eu aprendi muita coisa ali com elas que a [Universidade] não... Porque a [Universidade x] e a [Universidade y] tinham uma rixa entre elas naquele período, naqueles anos assim né, hoje não, hoje estão mais unidas e coisa pra fortalecer também a própria classe, nesse sentido. Mas a gente tinha isso, então nesse período delas eu trabalhei depois eu fui pro Projeto Rondon, pra fazer uma trabalho da, mas no fim o Projeto Rondon, não sei se tu participou também alguma vez, tu acaba ajudando mais o pessoal das outras áreas do que você, da tua área. Tu chega lá, no lugar da biblioteca e tem lá, Santarém, que é um ponto onde que é, que era o, o ponto da [Universidade], que eles tinham o projeto deles, eu não sei se eles continuam ainda, do Projeto Rondon deles lá, era Santarém, então nós ficávamos lá, aí tinha o pessoal da medicina, social e todas essas áreas iam, e eu acabei indo, adorei, foi uma experiência boa, um grupo muito coeso, tão coeso dos doze que todo mundo pegou conjuntivite, eu não peguei, eles tiveram a audácia de pegar o lencinho e colocar no meu olho também, pra todo mundo ficar, mas foi um

grupo assim muito legal. Uma turma unida que a gente, eu não conhecia ninguém, todo mundo ajudando, e sabia que eu era mais tímida, aquela coisa né, aí eu me lembro que na época tinha até, uma lembrança, um rapaz lá que todo mundo andou de barco por causa da minha pessoa, ganhei uma pepita, uma lasca de uma pepita também né, aí todo mundo usufruía por causa da... naquela época eu acho que eu era mais quietinha mas chamava atenção né, então foi uma coisa muito interessante dessa parte. Aí depois eu trabalhei ali com as meninas, com a [nome de uma profissional], aí eu pude perceber com o decorrer dos anos Claudia, que quando a gente tinha dificuldade, aliás, quando eu voltei, quando eu fui como bibliotecária trabalhar em biblioteca pública, a minha experiência de Sistema de Bibliotecas, você vê como a gente está solta né, agora talvez não, da ligação que quando uma do interior ligava lá pro Sistema pra pedir uma ajuda ou uma coisa, elas davam, com a maior boa vontade, explicavam tal. No momento que desligava, “ah mas que menina burra, que menina idiota, não sei o que, que não sabe isso, que não sabe aquilo”, aquilo me marcou, como estagiária eu percebi isto. Quando chegou a minha vez de trabalhar na biblioteca, que eu fui pra [cidade], não usei tanto o Sistema mas quando fui pra [outra cidade] eu comecei a ligar, mas daí eu já sabia, já colocava pra elas e foi tão, foi umas coisas assim, como é que eu vou colocar pra ti, [cidade] eu tive um problema sério, eu era recém formada, com mil coisas na cabeça, com vontade de construir o mundo, como se fosse assim, de ter um tijolo você transforma numa casa. Cheguei lá um chefe com a mentalidade alemã daqueles que você não podia fazer nada, certos livros tinham que ficar numa prateleira fechada a sete chaves, não podia ser emprestado. Aí a minha concepção, mal ou não, formada, tinha de ser livro pra todo mundo e você saber pra quem que poderia ser emprestado. Não tinha estante, queria colocar uma estante, como se fosse hoje, queria pegar um tijolo, não podia pegar o tijolo porque coisa... Eu queria uns tijolos pra fazer uma seção à parte, infantil, pra colocar os livrinhos, coisa assim com madeirinha, ele disse pra mim, ele me chamou no Gabinete dele, assim todo pomposo, ele disse assim que eu era uma pessoa com, que eu era muito nova, que eu tinha muitas ideias, mas as ideias não eram compatíveis com a, vamos dizer assim, com a direção, agora não lembro, gente, 82, 83, agora é difícil lembrar com as palavras que ele

colocou mas seria nesse sentido, que não era compatível com a organização, com a administração da empresa, tal e tal, enfim, tá. Aí como essa senhora que ela é a, ela é museóloga, a, também esqueci o nome dela, estou vendo ela na minha frente mas não me lembro, foi que entrou em contato com o Sistema daí a [nome da profissional que trabalhava no Sistema] deu meu nome preferencial, foi, naquela época era em contrato, não existia concurso, aquela coisa, só que chegou um período ela sentiu que ela estava sendo lesada, como a gente estava comentando, e eu estava cobrindo o espaço dela, eu estava se sobressaindo, eu tinha que seguir as regras dela. Daí eu lembro que ela me chamou numa sala assim fechada, aí ela me falou que eu tinha que atuar era num museu e não numa biblioteca. Eu disse “não, eu fui contratada para atuar numa biblioteca pública e não num museu”, a gente tem um monte de coisa pra fazer e não dá né. Aí, depois passou, ela não gostou, são os fatores que eu estou te colocando. Depois houve uma enchente de 1983 e 84, aquele período das enchentes, a gente teve muita perda, porque ela era na [local onde ficava a biblioteca] e aquilo ali transbordou e você sabe que livro, entrou água eles incham, então a gente tirava com [picareta], fizemos um monte maior que isso aqui de livros pra retirar, era um acervo enorme, e daí depois dali que eu arrumei tudo eu acabei saindo, não deu certo, aí não deu certo, porque acabou não fechando mais as ideias. Aí saí, aí acabei indo pra [cidade], mesma coisa também porque o Dire..., o Secretário da época não queria mais a bibliotecária que tava, uma ótima bibliotecária, a [nome de profissional], e hoje ela já é aposentada, a colega, e eu acabei assumindo o lugar dela. Comecei a fazer um trabalho lá, continuação dela, ela deixou, eu sou daquela assim que, se está ali que eu vejo que dá a gente continua, não precisa começar de uma estaca zero, aí claro, aprendendo e, como é que é, ganha, perde, mas como é que eu vou te dizer Claudia, muitas coisas eu aprendi com ela, mas muitas coisas eu também errei né, então é aprendendo e errando. Aí nesse período lá eu consegui formar, aí é que vem, daí o Governo Federal, começou através do Sistema Nacional, começaram a instituir que fazia um trabalho muito atuante através dessa Associação, a gente tinha assim, era bem firme o carro chefe lá nosso. Só que daí com essa mudança que houve de administração, que daí houve o problema de secretários e diretores e a forma de uma pessoa né, ter parentes como

bibliotecário, aí veio aquela coisa de vamos colocar a [nome do entrevistado] de escanteio, que é normal em órgãos públicos hoje, a não ser se você está concursado ou alguma coisa nesse sentido, se você está concursado eles ainda também são capazes de te deixar de lado e não te darem o devido valor, o suporte nenhum. Mas ocorreu, era o período de 85, 86, 87, foi ali né, então nesse período foram uns períodos bem transitórios, 88 ali, é foi em 88, até 88 que eu fui lá, então eu passei por esse processo de funcionárias minhas não falar, de você perguntar ela não saber, de você chegar e conversar com teu chefe e teu chefe saber que não sabia de nada. Aí depois ele disse que foi lá na Secretaria e disseram que iam me dar férias e quando você volta te dão demissão, aí por que? Porque a minha chefe sub imediata, que era uma da Cultura no caso, ela tava, o nome dela não estava se sobressaindo, o meu tava, mas ela tinha de ver que eu estava há [quantidade] anos e meio. Era [quantidade] anos e meio que eu estava fazendo um trabalho, que não era só biblioteca, era um trabalho social, era um trabalho cultural, era tudo a gente envolvia, não era restrito, era uma forma de você expandir a biblioteca em todos os sentidos, então a gente fazia, era com Câmara de Vereadores, era com tudo, a gente conseguia fazer esse lado. E eu tinha outros professores assim que vinham do colégio do Estado e vinham pra fazer um trabalho comigo, voluntário, com contação de história sabe, e aí eu fazia aquela extensão entre escola e biblioteca, então a gente conseguia assim “n” coisas, mas tudo bem, foi, acabei saindo, acabei, é um transitório assim da minha vida que eu estou te contando já que era profissional, aí acabei optando digo “quem sabe eu consigo agora [cidade natal] né”, daí teve um concurso pela [Universidade] que daí seria na [Universidade em questão], fui fazer, acabei ficando em segundo entre aspas porque, nesse meio tempo, depois eu fiquei sabendo que, uma parente da minha mãe, que morava em [cidade], amiga dela queria vim pra [cidade do concurso], e aquela coisa do vínculo político, mexeram os pauzinhos e colocaram ela como primeira e eu fiquei como segunda. Ah, eu fiquei muito chateada, porque já havia aquela mágoa de [cidade da Biblioteca em que havia sido demitida anteriormente] de tirarem e não pelo profissional mas por colocar outra pessoa no seu lugar, se fosse sincero ó, “[nome do entrevistado], não queremos mais você assim, assim, assado, porque nós queremos colocar Fulano, Beltrano”, é diferente.

Agora quando faz um jogo emocional, jogam as pessoas contra você, diz que você não fez isso, não fez aquilo, tu imagina como é que fica a auto estima de um profissional né? Se sente... Então o que é que eu fiz? Mesmo na comunidade, colocando, colocando em rádio, nada adianta. Chegou uma hora eu disse “não adianta, não adianta gente, eles não vão ceder”, a coisa é política, política, e daí eu não tenho parente político, eu não sou política, eu sou técnica, eu sou a bibliotecária né, eu faço o meu trabalho eu não fico puxando o saco de ninguém, usando, puxa saco como dizem né? Aí acabei não passando na [Universidade em questão] e nesse meio tempo a minha irmã comentava com a secretária de educação daqui que o trabalho que eu fazia em [cidade] e eles diziam assim, ela disse assim ó “nós vamos abrir o concurso e nós vamos abrir a vaga para bibliotecária”. Daí eu vim, a única bibliotecária fui eu, acabei passando mas protelando a não vir, porque nesse meio tempo eu não sabia se eu tinha passado ou não passado na [Universidade], porque a minha intenção era pra [Universidade] né. Aí enfim acabei vindo, assumindo porque eles estavam me pressionando muito, como a primeira bibliotecária, tu pode imaginar aquele prédio que tu viu a foto ali, tu entrar numa sala, uma mesa velha, cheia de cigarro, um copo cheio de xepa de cigarro dentro daquele copo, umas estantes assim, velhas, com um gato pingado de livros, na minha concepção era um gato pingado de livros porque eu não tinha noção do que que era, olhei e pensei “meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui nessa cidade?” Foi a primeira coisa que eu fiz, e aquilo começou a me dar um desespero, aí eu lembro que eu fui na Secretaria, tomei um café e aí ela disse “calma, vou ver o que vou conseguir”, aí eu, até hoje eu conto, eu lembro que eu saí da Secretaria com uma lixeira e um, eu não me lembro o que que era mais, mas eu saí feliz da vida da Secretaria, porque daí a gente estava com um prédio alugado lá em um outro espaço aqui em [cidade] mesmo, e daí foi aonde começou a minha história. Daí nesse meio tempo, me animei tal, criei um museu também aqui em [nome da cidade em que atua], criei um museu, depois eu tive que desativar, daí as peças perderam, mas foi criado também e daí a minha luta pela volta, que a gente está numa sala legal, dá pra gente retornar pro prédio que é daqui, conquistando espaço, conquistando aos pouquinhos né, e tô aqui há uns [tempo que atua na Biblioteca pública desta cidade], criei uma Associação, só que agora eu tô

meio desanimadinha, daí a coisa tá desativada mas a, muitos trabalhos que eu faço continuam, agora não continuam mais, mas entre escola e biblioteca porque a, eu sempre digo assim, que a extensão da escola é a biblioteca deles mas tem o elo que é a pública e depois ela vai pra universitária e, né, ela tem que ter esses, pra ela poder ter noção né, então a escola não vem na biblioteca publica mas a biblioteca pública vem na escola, esse era o meu trabalho, o meu lema, então o que é que eu fazia, eu pegava, ia lá um dia ou dois numa escola, nas escolas que me convidavam, eu tinha um acesso bastante, com o pessoal lá, [...]aí eu olhava, um dois dias lá, olhava bem rápido o que eles tinham no acervo deles, separava alguma coisa, pegava os meus mais ou menos e levava, daí eu fazia bastante ênfase no acervo da biblioteca da escola, e daí depois eu jogava o meu. Aí naquela época foi lançado o Harry Potter né, então aquela serie ali foi uma coisa que ficou muito motivada, foi ali onde que deu o levante pra esse literatura juvenil, foi eles ali, foi eles sabe, independente por ser estrangeiro ou não, tinha brasileiro, mas aí eu consegui engrenar, daí eu ia nas escolas, ia falar, porque o Harry é uma criança, excluído, é uma criança magrinha, quantos de vocês não são, e vão morar com parentes têm problemas, daí o irmão, o primo, daí o ciúme, daí eu fazia todo esse comparativo com o trabalho sabe, daí ia colocando, aí colocava já, trazia já a família, trazia o social, trazia a escola, já trazia o problema que daí os professores falavam que eles estavam fazendo isso, fazendo aquilo, os quadrinhos pra contar né, porque os personagens estão aí né, e todo mundo ficava assim né “pô”, não parava na estante de lá nem daqui né, então eu fazia esse trabalho, conforme o período, conforme a necessidade, a gente fazia ne. Criamos aqui na Biblioteca um jornal, mas problemas financeiros, tudo através da Associação, uns anos atrás ela era mais participativa, mas daí Claudia, o que é que acontece, tu cria essas Associações que são pessoas voluntárias, não ganham nada, é voluntário pela vontade ler, pela vontade de querer fazer alguma coisa. Até o momento que você tem o respaldo da sociedade e também tem o respaldo do poder público a coisa meio anda, só que daí eu não podia exigir mais deles porque eles têm também os afazeres, como é que eu vou ficar exigindo deles pra vir, sabe, então eu fui acabando deixando de lado. Eu sei que se eu precisar deles eu chamo, eles me ajudam tudo assim né, quando a gente tem a necessidade mas não tem...

Nesse meio tempo também, voltando agora, eu às vezes dou uma misturada, no período que eu estou aqui de [período que trabalha na biblioteca em que atua], em 2004, a gente num processo assim, pequeno, levantando, e brigas e brigas, depois a gente mudou, 2004, não, acho que foi 2005, 2004, 2003, a partir de 2000 mais ou menos eu consegui uma verba específica para a biblioteca. De tantas brigas a secretária de finanças concordou, então a gente, a biblioteca da região né, nunca que tinha, tinha porque agora não temos né, uma verba específica. Era pouco, era, mas eu conseguia fazer reposição anual de três a quatro vezes de livro que eu colocava no expositor. A gente diz assim, “ah, coloca”, mas cadê os livros? A maioria está na casa de muitos leitores que não foi devolvido, esse é nosso maior problema, de todas as bibliotecas públicas se perguntar. Então a gente conseguiu esse espaço, conseguiu essa verba, a gente colocou, aí começou aquela coisa, como eu comentei com as crianças na segunda-feira, nós não tínhamos aquela parte da informática, eu disse pra eles assim “na minha época de estudante” dizia assim, “que talvez venha né”, 78 né Claudia, era aqueles monte de coisa assim, então eles estavam dando passos né, estavam colocando, eu não estudei nada de informática na minha, não tinha, ela foi crescendo, ela foi crescendo, então eles colocavam tudo “se”, vocês não, vocês já pegaram, e nós na biblioteca também foi todo um “se”. Aí no período de 2003, 2004, a gente conseguiu quatro computadores, eram velhinhos, novinhos, mas eram aqueles assim, eu disse pra eles, inclusive ainda está ali, aí eles ficaram assim com olho grande. Justamente nesse período que a gente conseguiu veio um rapaz que comprou um prédio do lado, queria ganhar o seguro, colocou umas gasolina um pouco a mais, acabou explodindo, acabou atingindo todo o lado da lateral do prédio e claro que os computadores, não estragaram, mas teve, aí a gente não pode inaugurar. O menino, o rapaz, um dia antes, no mesmo dia, numa segunda-feira, ele veio aqui, me ajudou a furar a parede, porque o prédio era velho ele tinha duas entradas, uma entrada aqui e outra ali, daí ali ia estar fechado, só tinha essa entrada, não, no prédio velho, mas seria aqui a entrada né, e aqui a parede, as paredes eram dessa grossura assim, nesse lado me lembro bem que tinha uma parede ali, e eu fui colar, aqui assim, eu fui colocar uns quadros, uns negócios, ele veio furar pra mim, e disse “nossa isso aqui é areia”, eu disse “não, isso

aqui é pura areia”, que naquela época era só areia, cal, e as construções, as paredes eram tudo grossa, então ficava a janela aqui e ainda ficava um tantão assim de parapeito, e daí depois quando ocorreu a noite, ele colocou, e na terça-feira, a noite mesmo, segundo as pessoas dizem que a explosão foi tão grande que até [cidade vizinha] escutou o barulho, que ela foi por baixo né. Era papel, que ele tinha papel, achavam que eram os papéis da, os livros da Biblioteca, nos fundos da avenida, a casa aqui da frente foi danificada, o outro prédio ficou com as portas toda torta, foi assim bem... O acervo nosso, foi todo esse lado, que tinha assim que tava na janela ali que era lá atrás a parte né, porque ela tinha, ela não era bem aqui na, ela começava o prédio aqui e ela ia até o fundo, mas não tão fundo porque tinha ainda um terreno, e lá, onde que eu tinha um pedacinho, tinha essas estantes, então o vidro que atingiu os livros, a gente ficou tempo, a gente ficou 2004, de setembro até dezembro, tirando caquinho, limpando, limpando livro por livro, com álcool, com coisa assim pra... Depois com muito custo o prefeito da época não queria alugar, aí eu fui obrigada a utilizar a Associação, daí a gente fez a coisa, aí coloquei que o, da Unesco lá, aquela parte da biblioteca, do Manifesto, tem que ser centralizado, tal, tal, tal, ele dizia que não, que iam deixar a gente num bairro lá distante, até que a gente conseguiu, que eles alugaram. A gente tem dificuldade de espaço pra alugar assim, bem grande. Hoje não, mas em 2005 nós tínhamos, hoje não, hoje tem bastante galpões pra alugar, antigamente não. Aí nós conseguimos alugar uma casa, a Prefeitura alugou, era uma garagem, mas eu consegui transformar a garagem assim como se fosse um, a biblioteca, eu tenho umas fotos, mas tudo bem, aí transformei isso e a gente foi, aí nós ficamos de 2005 a 2007 em julho. Daí em julho nós se mudamos para o prédio novo, daí né, com tudo, com toda coisa que a gente faz, organização, escolas, apresentações, aquelas coisas nesse sentido. Então são passagens assim, muitas coisas que ocorrem que as vezes a gente nem, não lembra né.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Eu já falei da Universidade, é uma bem forte, que foi da parte minha pessoal, na biblioteca, aqui no meu trabalho, no ambiente de trabalho a gente percebe muito no sentido dos próprios

coleguinhas de turma que vem, então tu vê, eles estão ali mas se o Fulano coisa, eles tentam excluir né. Como eu não tenho carro também, eu viajo, às vezes ando de ônibus também me passou uma situação quando eu fui pra [cidade] de uma senhora também que ela tinha problemas daí uma outra ali, aquelas coisas assim né, essas coisas da exclusão .

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Pra mim, essa função social dela, eu acho que é essa interação com a própria, com os próprios leitores, a própria comunidade, a forma da gente prestar serviços, uma forma ou outra porque não deixa de ser um lado social né. Por exemplo assim, ah, eu, nós estamos num período agora que vai ter o vestibular de inverno da ACADEMIA e depois nós temos o vestibular de verão da UFSC, certo? Então o que que ocorre, tanto o vestibular, como o Enem, eu tenho uma população, a nossa cidade é uma cidade pobre, nem todos vão poder comprar esses oito, “ah é oito”, mas pra comprar é vinte cinco um, trinta e três é outro, quarenta e nove e noventa é um que eu paguei ali que eu quase caí dura, faça o somatório de todos esses oito livros. “Ah, tem domínio público”, mas é um ou dois livros, aí o que que acontece, domínio público nem todo mundo gosta de ler ali naquela tela fixa ali, eu sou uma que não gosto, então você quer papelzinho, fica melhor. Então, essa parte, eu acho que essa parte que eu faço, essa parte social, esse contato sabe, eu acho que é isso. É claro que a gente tenta assim, eu sempre digo assim, a biblioteca está a disposição da comunidade em todos os sentidos, seja da prefeitura, seja das escolas, seja de uma empresa, nós estamos pra participar, pra desenvolver alguma coisa junto, só que eles consideram uma biblioteca um órgão nulo, um órgão que não tem validade, que não tem, mas quando eles vêm a necessidade eles vem, usam e deixam. Então pra mim esse social é esse contato, essa coisa, essa interação, estar fazendo, prestando serviço, principalmente essa prestação de serviços, prestação de serviços por exemplo quando as pessoas chegam aqui e dizem assim, quando me conhecem né, “sabe onde que fica tal lugar?”, “onde que é isto?”, então a gente já está prestando, muita coisa. Tem muita gente que chega aqui, nós temos foto do lado, “aqui que tira foto?”, aí nós olhamos uma pra outra a gente ri né, são pessoas de idade, ou vem aqui as vezes

assim, “ah, tira um xerox”, “o que que eu faço?”, “o que que é isso?”, então é essa parte, que a gente encaminha, não deixa de ser o social né. Fora os telefones que eles ligam pra gente pedindo informações, então é esse o social que eu vejo.

4)Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Eu acredito e acho Claudia, que nós somos muito desunidos, cada um por si, cada um no seu município, cada um na sua parte, anos atrás nós tínhamos até uma, como que eu vou dizer pra ti, uma união maior, através do Sistema da Udesc, reforçava muito esses encontros com a gente, não esses do Congresso, não do Congresso, mas os encontros das bibliotecas públicas, dos profissionais das bibliotecas. Então nós tínhamos essa coesão, a gente tinha assim, porque lá nós fazíamos o que, nós nos reuníamos, eles faziam, começávamos antes era tudo em Florianópolis, toda Santa Catarina, eu digo isso porque eu comecei do zero né, esqueci de colocar um ponto, depois vou te colocar da minha, do que que eu também coloquei, não fizemos mais mas que a gente fez. Ta, voltando, essa parte, reunidos lá, a gente conhecia a [nome de colega de outra cidade] lá da divisa, a gente trocava as ideias, nós trocávamos as experiências, era uma coisa muito boa. Claro que tinha aquela que gostava de aparecer, aquela outra mais simples, mas a gente tinha esse fator assim de ficar um dois dias em Florianópolis nesse contato. O que que ocorre hoje? Cada um por si. Eu tinha uma, eu digo tinha porque ela se aposentou lá em [nome de uma cidade no Estado de Santa Catarina], eu precisava, ligava pra lá pra [nome de uma cidade no Estado de Santa Catarina] porque eu não tenho mais um ponto de apoio. Nós tínhamos um ponto de apoio que era a, como é que é o nome dela, ela já não está la mais, ela ficou pouco tempo ali, até consegui trazer ela nesses meus eventos que depois eu vou falar pra ti, a [nome de profissional que ficou um tempo responsável pelo Sistema], muito querida, tentou fazer também, mas aí também não conseguiu, a gente queria mais sabe. Então o que que acontece, nós não temos o aperfeiçoamento que a gente precisa, é o que todo mundo coloca, nós precisamos de reciclagem, mas reciclagem que valha a pena pra nossa realidade, não reciclagem que eles fizeram lá de uma utopia, de fazer projeto, que não sei o que... Mas que fazer projeto, na cidade que tu ta morando tu não vai conseguir

nada daquilo ali, ta entendendo? Então esse último que teve, a gente se reuniu lá, essa menina que eu conheci só por telefone, quando ela me viu ela falou assim “eu sabia que era você”, eu disse “eu sabia também”, assim pela voz, coisa assim, eu não conhecia ela, mas eu já tinha [falado] com ela de dois anos, e fui conhecer ela lá em Florianópolis, antes da [nome de profissional que atuou no Sistema] sair, mas pra mim não valeu nada. Não sei se porque a gente já, anos que a gente vem vindo né, essa coisa já vai ficando e você já sabe os macetes, já sente o que é que é, já sabe o que é utopia, sabe, que aquilo ali que eles colocam é tudo utopia, utopia, utopia, que não é a realidade. Agora quem está entrando é tudo bonito, tudo maravilhoso, ótimo, mas pra gente que já está mais velho, não, já é mais complicado, e principalmente pra nós, como dizia a, principalmente pra nós que somos da ala lá, da formação lá, a gente precisa disso aí. Então, nós não temos mais esse apoio do sistema, esse Sistema. Houve que três anos atrás que eu te falei por telefone daquela, do, tipo de inventario, que a Biblioteca Nacional fez, através do Sistema tal,tal, tal, tal, mas aquilo ali Ana Claudia, todo ano, nós fazendo a mesma coisa, a mesma coisa, a mesma coisa e não, e o que que a gente resolveu, o que que nós ganhamos com isso? Nada, nada. Então tem coisas que não dá. Esse período do Sistema de Bibliotecas da Udesc quando existia com a [nome de profissional], com a [nome de profissional] e com a [nome de profissional], a [nome de profissional] foi a primeira né, a primeira que começou tudo, danadinha assim, mas ela é ótima né, começamos ali, terminou com a [nome de profissional], depois, o Governo do Estado parece que não quis, ficou, foi lá pra Biblioteca Pública, da Biblioteca Publica voltou,e ficou, depois foi pra, lá pra Fundação, da Fundação agora parece que voltou pra Biblioteca Pública né, mas não resolveu nada. No período delas eu, quando eu estava ainda em [cidade do Estado de Santa Catarina que atuou], ainda, com a minha polemica da Associação e tal eu consegui trazer, como a gente fazia nessas coisas assim, localizados né, era, períodos, nós fazíamos assim, o Sistema fazia, um período em Florianópolis outro período em região x, então, lá no [Região da cidade em que atuava], então o que que a gente fez, todos que eram do [Região em questão], por exemplo, 15 municípios, todos os 15, iam coesos, ficavam dois, três dias, as vezes ficavam uma semana. Porque daí elas davam

treinamento, reciclagem, pra aquelas que não eram bibliotecárias, como é que faziam a parte do administrativo, a catalogação, tinha umas coisas que eu era contra, “poxa nós estudamos lá quatro anos e meio pra depois eu passar os macete”, eu era muito contra isso, mas era repassado, classificação, tudo sabe, era tudo, tudo, tudo. A parte de organização de dramatização, a parte de contação de história, tudo, tudo a gente fazia, era uma semana era dado isso, restauração de livro, tudo. Foi feito lá, foi feito vários ainda, inclusive depois eu trouxe mais vezes pra lá pra [cidade da Região em questão]. Quando eu cheguei aqui eu também trouxe pra [cidade onde atua], em 90,91,92, a gente até criou a biblioteca na região que não tinha aqui, tudo através dessas reuniões quando eu trazia pra cá, tudo com aquele Sistema. Depois faz dois anos, três anos, que eu não faço porque essa administração aí não me deu e eu comecei a fazer, fiz um trabalho diferenciado e reuni as escolas e o Instituto Federal. O Instituto Federal é um, eles precisam muito de parceria, aí eu consegui a menina ali, super ótima assim, projeto, coisa assim, aí começamos aí a gente fez junto com eles, daí nós trouxemos, eu fiz a programação daí elas concordaram, trouxemos, restaurador, trouxemos contador de história de fora, trouxemos palestras, várias, inclusive a [nome de profissional de outra área] que é nossa, quando eu vim pra cá em 90 ela já fez trabalho comigo aqui, nós fizemos, ela era, ela é ótima, é uma pessoa maravilhosa, trouxemos ela, trouxemos, aí “n” sabe, todo dia uma coisa, mas aí a gente fez itinerante, a gente fez algumas coisas aqui, outras numa escola, outro na outra, no Instituto. Primeiro ano foi lá no Instituto, lá dentro, que a sede deles é na rural, agora nós estamos com a urbana aqui, que eles se desmembraram, aí depois a gente começou a fazer aqui e lá, aí a gente falou, pegou aqui o lado do coisa, fizemos todo um tipo de contação de história, ficaram ali as meninas do município, fizeram, sabe eu consegui com quatro anos com a administração anterior, que daí me deram apoio, essa administração nada. Daí, tu consegue fazer alguma coisa sem apoio? Tu desanima né, então eu estou esperando o ano que vem a nova administração pra gente continuar. Também a gente fez nesse sentido assim né, aí todos, aí é a semana inteira, a semana inteira, um trabalho muito bom. Agora eu sei que ela está fazendo com uma outra menina, que é da Associação que estão fazendo um trabalho,

que elas estão fazendo uma cadeira de Letras, e daí estão fazendo só no bairro lá da [bairro da cidade], e nem convidam a biblioteca, estou sentida, porque ninguém fala nada da biblioteca. Mas é isso aí Claudia, que mais?

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

O que que seria assim? Entre nós bibliotecários nós não temos ética porque a gente fala de nós mesmos né, acho que todas as profissões falam, todas as profissões, mal, ou fez isso, ou não fez aquilo, ou aquela lá está só ganhando, coisas nesse sentido. Eu acho que é o profissionalismo, a dedicação, independente você tendo ou não tendo, e você conseguir fazer seu trabalho. Porque assim ó, claro que não é uma ética, não deixa de ser ética, não é ética, porque a partir do momento que eu tenho, eu tenho aquela minha formação, minha formação é aquela que eu tenho que desenvolver, administrar, expandir o social... Mas a ética, não entendo o que seria essa ética professora... Ah sim, a conduta profissional, a conduta pra mim seria a integridade, com um bom profissional, você tendo ou não tendo, você segue aquela tua linha, é o que eu faço, a minha conduta é essa aí ó, eu brigo pela biblioteca, eu brigo pelos leitores, como eu digo as vezes braba alí ó, “eu brigo pra vocês, vocês não brigam pra mim, vocês não me ajudam, não vão lá me reforçar”, porque pra eles lá “ah, a [nome do entrevistado], tá pedindo, a [nome do entrevistado] tá reclamando”, só [nome do entrevistado], aí você como leitor tá exigindo de mim, não vai exigir pra eles, sabe, é sinal que não tem né... Então eu não tendo condições mas eu tenho essa minha assim, é o que eu digo assim ó, meu profissionalismo, eu sou muito técnica, meu profissionalismo, eu não vou conseguir tirar isso de mim, eu vou morrer com isso, gostando do que eu faço, gostando de estar aqui, gostando de brigar com eles entre aspas, e brigando com eles lá [...], então quando eu não consigo lá eu consigo de outra maneira, os vestibulares lá, eles não me deram, consegui de multa, consegui pegar, peguei dinheiro meu depois reponho. Faço sim, agora estou me segurando mais, antes eu fazia mais, então nesse sentido é a conduta, você ser um bom, o profissional, ter aquela tua integridade que é aquilo que você vai realizar, acho que é isso. Não é né, é? Será? Pra mim é.

6) Como define exclusão social?

Hoje, hoje, tendo conhecimento de exclusão é até uma pessoa te olhar meia torta, você tá sendo excluída. Acho que é mais aquele fator que eu te disse, na minha época de estudante, de universitária que eu me senti excluída, por que, porque meus valores de, valores vamos dizer assim, valores no sentido assim de uma gentileza, de um muito obrigado, com licença, [...] porque a minha família eu fui criada com isso aí, com um olhar diferente, sabia que não podia me comportar [...], você vai pra um lugar, então, nesse sentido. Hoje seria assim, se alguém no meu ambiente chega, que às vezes a gente acaba fazendo, a primeira coisa que a gente olha, como está, dependendo, como está, vestida, vou tratar assim ou não, é bem forte né. Ontem um senhor que estava aqui, que trouxe uma turma de quarenta alunos da, do [nome da localidade], e eles estavam falando justamente isso, ele colocou que ele como motorista né, de ônibus, que daí as crianças estavam lá comentando as coisas assim e ele colocou assim ó, “eu hoje”, ele falou, “tô tatuado, mas na minha época de novo, quando eu era novo de 16 anos, eu fiz essa tatuagem porque o meu menino veio me pedir isto”. Aí eu disse assim, “nós vamos pegar agora cinco lugares, vamos conversar, que se você tivesse que trabalhar hoje, se a empresa ia te aceitar tatuado”. E dessas cinco ninguém aceitou, só, parece que quatro não e uma sim, ele disse “viu filho, ó, não porque o pai não quer”. Então, fique independente, comece a trabalhar, “o pai teve a tatuagem bem depois, não foi agora, então, primeiro estudar”, então ele colocou. Então, nós tava falando justamente nesse sentido, então eu acho que exclusão é essa. Vem às vezes pessoas assim, os pedinte, ou o pessoal meio andarilho, que a gente tem muito, principalmente às vezes quando eu estou, não sei se os municípios vem com os carros e soltam, e às vezes depois o Social acaba levando pro seus municípios mas eles acabam retornando, então a gente tem grupos por aí, não sei as vezes se eles tomam um pouquinho a mais, às vezes passam aqui, eles entram, entram aqui assim, às vezes a gente tenta [...] , mas eu nunca tratei com ‘maldeza’, eu sempre fui séria, eu não dou chance pra abrir, sabe, a gente conversa, eles perguntam as coisas, eu digo “não, não tem, não sei o que”, eles agradecem, “vai com Deus, então tá bom”, “muito obrigada, o senhor também”, eles saem, eu tenho minhas minhas colegas ficam com medo, mas eu nunca tive problema, nunca

tive problema desse tipo. Eles vêm, eles vêm um pouco tonto, aquelas coisas, então eu acredito que é isso. Hoje tá assim, ah, livro x não pode ter mais, principalmente os Monteiro, já que nós estamos no mês de abril, de Monteiro Lobato, não pode ter negrinho, não pode ter não sei o que, porque é discriminado. Hoje se você fala de alguma coisa não pode, não pode. Tem uma professora nossa, que hoje ela foi pra [outro país] ela é negra, e aí uma vez, eu nunca me esqueço, a pequeninha, filha dela, que hoje ela está em [cidade do Estado de Santa Catarina] estudando, aí ela vinha nas reuniões da Associação, sentava, com aqueles cabelinho assim, aquela pele assim que dava inveja, aqueles dente, que inveja né, a mãe também, a mãe assim bem falante uma professora de História ótima e a pequena, não sei o que foi falado pra ela, ela disse assim “eu sou negra, eu não sou preta, preto é cor de lápis”, aquilo me marcou muito porque ela pequeninha, porque, a mãe de certo já vinha já fazendo, já falando pra ela, não sei se ela também teve preconceito na escola, alguma coisa, com certeza nesse sentido. E eu vejo muito que na biblioteca quando vêm grupinhos pra fazer seus trabalhos as próprias coleguinhas discriminam, uma porque é gordinha, outra porque é muito magrinha, “ah, vamos fazer bem ligeiro, enquanto ela toma água vamos fugir”, sabe, então as vezes eu tento chamar atenção, aí teve períodos, assim quando a gente conhece a mãe, a gente coloca, então esse tipo assim, então hoje ele está muito focado em qualquer ação que tu faz. Até colocar eu colocar uma mão, esse, esse motorista tava colocando, ele disse que não pode, eles não podem mais colocar a mão em nenhuma criança pra ajudar pra levantar, porque ou ele está sendo chamado no conselho tutelar, ou ele está dando privilégio, ou ele está querendo ter um caso, se a gurua chega até ele tá sendo..., até ele contou o caso de uma menina de doze anos que estava dando em cima dele e ele tentou argumentar, nada, chegou a falar com o pai e o pai então ficou contra e dali um tempo aconteceu que a menina namorava com um menino, chegou na casa tinham três e ela saiu gritando que eles tinham estuprado a gurua, o guri acabou se matando, porque não era verdade, então, sabe, então, tá complicado hoje, nossa educação, antigamente a gente tinha uma forma de educar né, olhar muito, a gente não pode colocar a mão, óh, se eu coloco a mão nos meninos ali, ele vai dizer que eu estou, sabe. Então a discriminação eu acho que [debulha], e a gente como ser

humano eu acho que a gente tem essa coisa que conforme a gente que lê, conforme a que entra, se o Fulano entra não vou cumprimentar ele porque eu não vou com a cara dele, então, não é discriminação mas eu senti isso aqui em [cidade em que atua]. Com a minha educação eu uso “bom dia”, “boa tarde”, em qualquer lugar, as pessoas não usam isto, isto a gente, agora talvez, quando eu cheguei aqui tinha não chegava a seis, formado em Universidade, isso tem [quantidade de tempo que está na cidade que atua] atrás, hoje não, hoje vai crescendo né. Então é essa coisa assim que eu vejo, não sei se é isso...

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Quando eu escuto muito isso, e outro dia eu estava comentando com um colega meu também, assim ó, hoje, naquele questionário da Fundação ali quando eles mandaram pra nós, n itens, um dos itens vêm aquelas exclusões né, coisa assim, você tem isso, você tem isso, sim, não, sim, não, tal. Ah, daí eu tenho porque acessibilidade tal, coisa assim, tem elevador, tem. Só que em 2012 houve uma queda eu além de perder os meus dados, deu a queda, o elevador ficou sem funcionar e até hoje não foi resolvido. E a situação, eles estão a par, já foi mandado várias vezes o relatório, já foi falado, o que que ocorria, eu tenho muito assim visitas né, como você viu ali, e o pessoal da APAE, o pessoal da APAE vinha muito. Nós fazemos, porque eu fiz, eu fazia muito trabalho nessas minhas interações de trabalho assim, de todas as escolas inclusive os trabalhos da APAE eram expostos na biblioteca. Então a gente ficava meses e meses com a exposição deles daí vinham os alunos e eles vinham, eu digo vinham porque não estão vindo mais porque eles não têm mais condições de subir as escadas pra gente conversar lá no auditório, eles sentam aqui a gente conversa mas não é a mesma coisa, eles querem participar sabe, então, essa parte tá, então eu tenho esse problema de coisa, mas a biblioteca tem de ter. Outra coisa, a Fundação Dorina né, aquela Fundação, é isto, mandam um monte de material, gente mas como é que manda material pra mim, se eu, se a comunidade nossa não tem, tem, mas não frequentam e não usam a biblioteca, então eu tenho bem pouco material, mas a gente tem, e mandam aquele monte de coisas. Aqueles áudio que eles mandam pra gente, eu fui um

dia pegar pra escutar, é muito ruim você parar pra escutar a entonação da leitura, não sei se é porque quando eu leio, eu disse pra eles e digo pra ti também, eu to lendo, ontem eu li um negócio estava comentando com a [nome de auxiliar que trabalha na Biblioteca] que é de uma história de filha de um Merlin, então, daquelas coisas, de bruxa, feitiçaria, de mago, ontem eu fiquei, a cabeça assim girando, girando, eu comentei com ela, então eu sinto entrar assim, eu consigo imaginar, criar sabe, claro isso não é realidade é coisa da fantasia, aí me perguntam, esses dias me perguntaram assim “mas [nome do entrevistado]...”, eu sou obrigada a ler essa parte da fantasia, eu sou obrigada por que, porque o meu leitor ele, eu tenho de incutir nele esse tipo de leitura ou outra forma, porque o adulto já vem aqui já sabendo o que quer, e eu tenho de passar esse meu entusiasmo, mesmo hoje não caindo neles mas amanhã, eles vão aceitar esse tipo, sabe. Então você tem que passar essa coisa pra eles, eu sou frustrada têm vários livros que eu falo, falo, falo, nada, mas daqui a pouco quando chega, “ah, mas que gostoso”, “eu disse”, mas ainda bem que caiu sabe, então eu faço muito, todos os livros infanto-juvenis eu leio, porque eu tenho [...], apesar que eu misturo as histórias. Mas voltando, então eu tenho esse problema, a gente tem assim, é o que eu digo assim, material pra gente não ter pessoas que frequentem, não tem pessoas que frequentem, a biblioteca não tem essa coisa, nós temos é normal, o único que poderia, que vem é o, às vezes, quando vinha, é era a APAE, era a APAE, então eu não tenho esse problema mesmo, é muito raro. Nós tínhamos uma leitora assídua, há dois anos atrás e ela era radialista, ela perdeu a visão, assim, de um glaucoma, foi assim, perdeu completamente, aí no início ela vinha aqui e a mãe dela, ela vinha, entrava, renovar a carteirinha e tal, aquela coisa assim, a mãe dela lia pra ela, aí eu emprestei muito essas, esses vídeo, áudio ali pra ela né, só que ela também, acho que, pedi pra ela se inscrever pra ela também receber ter o acervinho dela, mas nada, como ela não veio mais, não sei se ela está aí ou não né, então nós temos muito pouco. As escolas, teve uma escola nossa que veio e me ofereceu o material, eu digo, “eu que quero oferecer pra vocês porque vocês é que trabalham, vocês é que tem problemas”, eles têm n problemas sociais lá, nós assim, é muito, muito esporádico, muito raro mesmo sabe Claudia, então é um... Quem sabe no futuro, daqui a um pouco né, a gente está

com muita transição vindo do [Estado vizinho a Santa Catarina] pra cá, pra morar aqui no [bairro da cidade], estão trazendo os problemas de lá pro [bairro em questão], ontem o motorista estava comentando, então, ocorre isto né, mas aqui...

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Não mas eu acabei lembrando e colocando no meio das outras que não tinha nada a ver né, as lembranças, porque automaticamente, eu tenho uma coisa assim ó, quando eu começo a falar quando eu vejo, aí eu me disperso, depois eu volto, então não sei se estaria mas eu acho que não acho que eu consegui passar, não sei se eu não passei tudo, mas eu acho que sim, eu acho que essa parte assim né, mas voltando assim Claudia, falando em bibliotecas publicas que não era teu caso ali, mas pelo menos nós aqui, eu tenho visto ela assim, está diminuindo sabe, a pesquisa é rara, não tem mais, a não ser, ah, a biblioteca também serve muito, você falou o social ali, voltando né, eu tenho um lado que vem muita gente pra estudar pra concurso, pra juiz e coisa, alguns advogados que vêm pra estudar, espaço, daí a gente tem o auditório lá em cima, eles vão lá, estudam, aí alguns ficam aqui mesmo, porque dizem que não atrapalha, mas aqui é um problema porque é entrada, a gente fala com um, fala com outro, um bom dia, boa tarde, depois, então já atrapalha, mas eles estudam muito aqui. Teve um período agora em janeiro que a gente estava em horário de verão pela prefeitura, que o meu horário de verão é sempre da 13h às 19h, que eu prefiro, do que das 07h às 13h, porque das 07h às 13h não vem ninguém, porque todo mundo vai pra praia, ainda mais esse ano que foi bem quente, aí ele vem pra visitar o sogro e ele era, sei lá o que que ele queria, não sei se era pra juiz, promotor, lá pra São Paulo, alguma coisa assim, aí ele vinha, ele chegava aqui, eu chegava às 07h, 07h10min ele estava aqui e 11h10min ele saía, chegava 13h, daí não vinha, aí no outro dia, assim, todo dia estudando. Aí ele veio aqui, ele veio ainda me fez n questionamentos porque ele entrou na internet e a biblioteca tinha x, tal, tal. Eu disse ó “tudo que eles colocaram da biblioteca, não perguntaram pra mim, é da cabecinha da assessoria de imprensa, porque nós não temos isso, não temos isso, não temos isso”, “Ah”, ele disse, “é, não tem isso, não tem aquilo”, mas infelizmente é essa a realidade, então é aquilo que eu digo, além de eles colocarem as coisas na internet que a

biblioteca tem, mas eles não perguntam pra confirmar, é mais ou menos isso aí.

ENTREVISTADA 15

1) **Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.**

Ai que difícil né. Eu fui criada muito no interior, mato. Mato, mato, mato. Mas meu pai é de [Estado] e minha mãe de [Estado] e vieram morar pra cá. O meu pai lia muito jornal, essas coisas, eu sempre achei um saco e não consegui desenvolver esse gosto pelo jornal, acho necessário, olho notícias e tal mas não o gosto como ele tinha né. Mas eu sempre gostei muito de ler e ele sempre incentivou muito isso, a gente tinha livros em casa, então tinha umas coleções assim, umas bem fininhas, outras com livros mais grossinhos, grandes, mas só que aquilo você lê aquilo rápido né, então eu lia aquilo e eu relia, eu lia e relia algumas vezes. Então primeiro eu começava a ler, li todos os que eu mais gostava, aí eu reli todos os que eu mais gostava, aí eu não ia pela terceira vez, aí eu comecei a ler aqueles que eu não gostava tanto, mas eram historinhas assim. Eu lembro que o primeiro livro que eu ganhei foi da Polyana, eu tenho até hoje esse, esse é a moça, não ganhei a menina, eu li primeiro a Polyana Moça, ah eu adorei assim, eu achei “ai, que pessoa sofrida”, adolescente é tudo tão intenso, então tudo fazia sentido. Hoje pra mim não faz o menor sentido a vida dela. E um outro livro que me marcou muito foi um livro da Agatha Christie, porque eu tava, é um suspense, você tá lendo o livro não sei o que, não sei o que, e quando chegou lá pela página, sei lá, cento e não sei quanto, perto da duzentos, sei lá, tinha umas páginas em branco, aí começou a falhar, não consegui terminar de ler o livro, eu morava no fim do mundo não tinha como eu conseguir, sabe, um outro livro, nunca mais eu li Agatha Christie, nunca, foi muito chato. E eu lembro assim de, eu morava longe, tinha uma cidade que era muito pequena e eu morava sete quilômetros longe dessa cidade, mas eu tenho lembrança da biblioteca pública da cidade, eu lembro da sensação que eu tinha quando entrava na biblioteca, que eu me sentia bem lá dentro, eu me achava importante, eu achava aquilo tudo tão legal sabe, era um espaço pra mim que quem frequentava eram pessoas especiais. Eu lembro disso. Aí terminei meu segundo grau e fui pra [cidade]

estudar, fazer cursinho pra tentar vestibular e eu não sabia muito bem o que é que eu queria. Assim, na verdade, eu queria algumas coisas que eu não conseguiria passar no vestibular até porque eu estudei em escolas mais fracas, o meu inglês era precário, então, eu tinha noção assim que não ia adiantar, ou eu teria que matar estudando que também não era tanto o perfil. Aí fiz o cursinho e eu queria fazer Engenharia Química, porque eu tinha uma professora que deu aula no segundo grau, nossa eu achava ela o máximo sabe, de química e física, então eu seria meio como ela assim, então vou fazer isso. Aí, quando, fiz cursinho, em Florianópolis, eu pensei “não vou conseguir passar pra Engenharia Química, vou fazer Química”. Aí fiz Química, aí fui lá me informei, eles falaram que dependendo, quando abria vaga, eu conseguia às vezes uma transferência, olha a ilusão. Aí fui fazer Química, passei pra Química Bacharelado, aí eu disse “como é que eu vou me virar com o inglês né”, aí fiz francês, que o cursinho dava curso de francês no contraturno de graça, estava incluso. Gente eu me dei muito bem com o francês, eu gabaritei francês, foi uma maravilha, foi muito fácil na época assim. Aí fui fazer Química, fiz Química um ano, o primeiro semestre foi difícil mas ok, porque você está ali com sua turma e eu passei com notas muito boas. Eu falei “ah, esse povinho aí, eu não quero, agora”, quando você vai montar, você monta tua, o seu quadro de horário, aí eu fui fazer Cálculo com uma turma da Engenharia, sabe, eu fui fazer uma disciplina em cada turma, só fiz com a minha turma mesmo o que não tinha opção, eu quase morri. Porque às vezes tinha aula, eu não conhecia, eu não me dei conta, tinha uma aula terminando lá no prédio da Odonto e tinha que correr lá pro da Engenharia estava com outra aula começando no mesmo horário. Aí eu entrava naquelas aulas de Cálculo, aquele monte de aluno, tudo repetente e, gente, aquilo era uma loucura, e eu não tinha mais a liberdade que eu tinha antes de fazer as perguntas e aquela coisa toda. Mas eu gostava de Química, mas era muito difícil pra mim, “as moléculas o vidro estão em constante movimento”, meu Deus, onde? Como assim? E eu corria atrás das coisas sabe, aí fui ser monitora, tinha um professor que ele pegava, mostrava, “ó, um microscópio, não sei o que, não sei o que” e eu vivia, eu ia de manhã cedo pra lá, ficava até o final do dia e não, sabe, foi muito difícil. Disse “você quer saber, esse negócio não está dando certo, assim, vai dar certo, se eu abandonar toda minha vida e me dedicar a isso, o

quanto eu quero isso? Não é tudo isso". Aí eu disse assim "eu vou fazer outra coisa", peguei o livrinho da [Universidade], comecei a olhar, os cursos, fui olhando, fui olhando, aí eu vi, Biblioteconomia. Eu assim "Biblioteconomia, isso deve ser legal", e ali explicava qual o perfil que você precisava ter, as atribuições dessas coisas. E como eu gostei sempre muito de ler, o meu pai quando ele tinha as papeladas dele, essas coisas, eu que organizava, deixava tudo organizadinho, gostava, sempre fui, com tudo, com meu armário, com qualquer coisa, eu gostava das coisas arrumadas, meio TOC assim, eu disse "ah eu acho que eu vou me dar bem com essa profissão". Aí eu peguei liguei pra lá, e eu perguntei, "ah eu faço Química, tal e estava querendo pedir uma transferência, será que eu consigo?". E a pessoa que atendeu disse "não, você consegue sim, a gente tem vaga aqui, e eu disse "tá, e o curso?", "o curso é [turno]", foi a primeira turma que passou pro [turno], eu já estava querendo trabalhar, aí pedi transferência. Aí fui fazer e me encontrei, era o que eu... Hoje eu acho que eu faria outras coisas sabe, hoje eu faria Educação Física, mas naquela época não era legal fazer Educação Física, porque você só ia dar aula, hoje eu seria uma *personal*, eu acho que eu ia me dar bem, mas na época não. Eu adoro minha profissão e sempre foi, sempre tive inscrição em biblioteca pública, na minha cidade nem era inscrição, nem lembro se fazia inscrição, elas marcavam lá de alguma forma e quando eu fui pra [cidade], uma das primeiras coisas que eu fiz foi ir na Biblioteca Pública e fazer o cadastro. Ultimamente não tenho ido muito, estou tão cansada, essa coisa de usar óculos, aí já não é mais a mesma coisa e não tenho lido como eu lia sempre. Essa foi a parte, acho que é mais ou menos isso né. E aí estou aqui. Aí durante a minha graduação, naquela época tinha, era, ai meu Deus, era, [nome de professor], ela era da área de marketing, e eu achei muito legal isso né, marketing, aí eu falei "ah vou fazer meu trabalho de conclusão de curso em marketing" e ela estava voltando, porque coincidiu, ela deu uma palestra só pra gente, e depois quando chegou lá no final do curso ela estava voltando pra [Universidade] e eu consegui ser orientanda dela. Aí fiz um sobre marketing, olha que cara de pau, teve um seminário, um SNBU lá em Brasília, pois eu não fui apresentar o trabalho? Gente que vergonha eu tenho sabe, porque eu não estava nada preparada, e tinha um cara que era do IBICT e ele que tinha maior número de trabalhos publicados

sobre o assunto na época, e eu fiz muito, foi uma revisão de literatura mas tinha muito dele, então ela avisou que eu iria fazer, e ele tinha até uma irmã, ele era de Florianópolis, e ele tinha uma irmã que estava fazendo Biblioteconomia lá, e ele estava em Cuba, se não me engano, e ele chegou de viagem, foi pra lá. Eu lembro que quando eu estava fazendo a apresentação eu vi ele entrando assim, nossa, foi assim, eu vejo hoje o resumo do que eu tenho lá, é muito vergonhoso. Mas na época foi muito orgulho, foi legal. E aí quando eu terminei, ela pegou e falou pra mim “por que você não vai fazer o mestrado?”, aí eu falei “ai, mas mestrado, eu não tenho perfil pra dar aula”, eu já tinha dado aula lá no começo eu não tinha achado muito legal, eu sou tímida pra essas coisas, ficar em frente de pessoas, vem aqui as criancinhas com, sei lá, de primeiro, segundo ano visitar a biblioteca, eu fico tímida na frente delas, eu fico, é meu. Aí ela disse “não mas não é isso o mestrado, você pode ir pra área de pesquisa, não sei o que, não sei o que”, daí foi me explicando, daí eu conversei com o [nome de professor], aí conversei com ele, aí ele falou “não, mas é isso”, ele falou, ele também disse algumas coisas, eu disse “eu vou fazer”, aí ela me indicou, porque você não podia passar, na época não se passava da graduação direto pro mestrado, eles davam sempre preferência pra quem já estivesse atuando porque ia ter mais a contribuir né. Aí ela pegou fez uma indicação, eu fui lá fiz a seleção e fiz o mestrado. E foi bom, mas eu realmente acho que o melhor é quando você já tem um pouco mais de experiência.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Ah, eu não consigo lembrar. Eu não lembro assim, não me vem nada na cabeça. Ai, não consigo lembrar, eu, comigo, de exclusão não, e de alguém assim, ai, com certeza deve ter acontecido só que não está vindo nada assim na cabeça. A [nome da criança citada anteriormente] é uma criança especial mas não tem exclusão, claro, sempre vai ser a criança que menos vai ter colo, se isso for o parâmetro, ela vai ter que chorar mais que as outras pra ter atenção, mas não sei se isso é muito verdade. Não sei na verdade, talvez seja só um cuidado.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Ai que difícil! É que a biblioteca pública assim, a função primordial que eu vejo é formar cidadãos através da leitura. E não só a leitura né, você pode ter vários outros eventos na biblioteca, a gente tem aqui um espaço muito bom, depois vou te mostrar ali em cima, é lindo aqui, tu vai ver ali em cima como é lindo. Aqui também é, mas lá em cima é mais amplo, tem um pé direito muito alto tal. Então o que a gente tem que fazer é divulgar a leitura, a cultura em geral, e a gente, sinceramente, a gente não faz tanto isso, como eu te falei, até na parte de marketing a gente é carente. Então uma coisa é o que eu acho e outra coisa é o que realmente é feito, mas eu sei que a gente está em débito com isso, sabe. Eu acho que é isso, trazer, tanto trazer as pessoas pra dentro da biblioteca quanto a biblioteca ir ao encontro das pessoas. Essa biblioteca volante que a gente tinha era um ótimo canal pra isso. Então, a gente divulgar, porque assim, você não vai formar bons cidadãos se eles não tiverem conhecimento nos, não tiverem conhecimento de outros lugares, como é que é, a gente acha, a gente aceita certas coisas aqui no Brasil e a gente não consegue imaginar que possa ser tão diferente em outros países, que em outros países isso seria inconcebível. Tem coisa que eu acho tão estranho, por exemplo, não ter guaraná em outros lugares. Hoje em dia o mundo está mais globalizado então deve ter tudo em tudo, então, mas é isso assim, da gente promover a cultura, a leitura, seja através da leitura, da música, a gente fez alguns saraus aqui na Biblioteca mas podia fazer muito mais e tornar as pessoas mais sensíveis a isso. Porque às vezes eu vejo que é tão difícil né, às vezes você vê uns documentários, as pessoas não tem, o povo mesmo, não tem muito tempo pra rir e... Mas eu acho, a função social da, pra mim, da biblioteca pública é promover a cultura em geral.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Tenho tão pouco contato... Agora, teve uma pessoa, que não era um bibliotecário, assim, a gente tem a biblioteca pública de [cidade vizinha à cidade em que atua], o acervo da biblioteca, [cidade vizinha] e [cidade onde atua], mas a arrecadação desses dois municípios é uma arrecadação boa, [cidade vizinha] mais

ainda, lá tem [nomes de empresas que atuam nesta cidade vizinha]. Então em termos de acervo eles são muito carentes é incrível. Mas em termos de atividade eles são muito bons, tipo, muito mesmo. E quando eu comecei a trabalhar aqui, eu não conhecia a biblioteca pública de lá, daí eu conheci na época o diretor que não era bibliotecário e aí ele não era bibliotecário eu não fui muito com a cara dele [risos], não foi nem que eu não fui com a cara mas também não cheguei assim sabe, pra conversar... Mas aí em outra oportunidade a gente se encontrou e aí a gente começou a conversar e eu fui lá conhecer o trabalho deles o que eles fazem, é muito bom o trabalho, então, daí eles, passou uma menina, uma bibliotecária no concurso, até ela morava em [outra cidade do Estado de Santa Catarina] e vinha todo dia, e ele não está mais na biblioteca, ele passou em outro concurso foi pra um outro lugar. Então de conhecer bibliotecários de biblioteca pública, eu conheci ele que não era, era o gerente, não era bibliotecário, e a menina que estava entrando, eu não conheço outras pessoas, não tenho contato.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

O que que eu penso assim de ética? Primeiro, somos funcionários públicos, a população que paga nossos salários, então a gente tem que trabalhar, simples assim. Só que funcionário público não funciona muito bem desse jeito né, é bem complicado, aqui é uma briga constante com cumprimento de horário, e não só cumprir horário, você está cumprindo horário, você tem que trabalhar durante esse período né e você tem que ser um bom profissional. E eles assim, existe um hábito e não é só em biblioteca pública, isso é em biblioteca né, de mandar pra biblioteca sempre aquele que ou vai se aposentar, ou está com algum problema, essa coisa toda, isso acontece aqui também. Então eu, sempre quando vem alguém pra cá eu falo, aqui é um bom lugar pra trabalhar, todo mundo que vem gosta muito e não quer sair, só que sempre que a pessoa vem pra cá, assim, alguns casos não deram certo, mas acontece isso a pessoa vem pra se encostar. Eu falo assim “você não vai ficar encostado aqui, aqui a gente vai trabalhar, se você fizer parte da equipe, tal, não tiver falta”, porque o pessoal, vem muito, vem muito readaptado, aí eles estão sempre com atestado, por exemplo, se começar a apresentar muito atestado, eu não tenho funcionário

suficiente pra ficar cobrindo falta e tal, devolve isso tal... Às vezes no começo é difícil ele se ajustar mas aí com o tempo as pessoas vão gostando e trabalhar aqui e elas dizem “não eu não quero sair de lá, eu sei que se eu continuar apresentando atestado desse jeito”, “ah, mas atestado pode”, “ah, mas tu sabe que é falso”, isso é ética, você sabe que, quando uma pessoa que está doente e uma pessoa que apresenta atestado frio, porque não sei como arranja tanto médico pra ficar dando atestado. Então eu sempre penso muito isso, que a gente tem que cumprir a nossa função, talvez eu não cumpra tudo que eu sei que eu deveria cumprir, mas eu faço o máximo que me é possível hoje. Uma coisa que eu também acho que é muito importante, que eu tinha falado é a seleção de material, que tem que estar sempre voltado pro usuário, então, a gente faz, eu vou fazer compra, a primeira, a prioridade é o que eles pedem, eu só coloco outras coisas porque não tenho demanda, tantas, eu peço, coloco o cartazinho, “ó, a gente está fazendo nova seleção”, os usuários que mais frequentam eu fico falando, eles vêm procuram tal livro, você anota, mas eu não consigo ter pra quantidade que eu tenho de pedido, a verba é maior, aí eu acrescento, então, acho que é isso.

6) Como define exclusão social?

Ah, eu entendo que a exclusão é a gente, principalmente, a gente não está preparado pra isso. Eu estou fazendo um trabalho, eu acho que é a pior parte assim, você não ter contato com as pessoas, e como você não tem contato, assim já começa pela gente, então todo o resto vai ser igual, ou seja, cadeiras, moveis, se eu tenho livros, aí vai pra tudo, não só a biblioteca, ou qualquer outro lugar. Eu estou fazendo um trabalho voluntário num abrigo, comecei no final do ano passado, aí quando eu cheguei lá no abrigo, e tem uma menina, deve ter uns dois, três anos, que ela tem um problema assim, deve ter um retardo mental e ela não tem coordenação motora nenhuma. E eu olhava assim pra ela e dizia “gente” eu pensava “e agora, essa menina”, eu nunca tinha tido contato assim, na minha família não tem, eu nunca encostei numa pessoa assim. Aí chegou uma das cuidadoras e falou pra mim, “você pode dar água pra [nome da criança]?”, eu falei, “ai, mas eu posso?”, não, não, primeiro ela estava chorando, chorando, chorando e eu alei “eu posso pegar ela?” e quando eu falei “eu posso pegar?” porque ela estava

chorando muito, aí eu pensei “tomara que eles falem que não né”, e ela disse “pode”, eu disse “ai, meu Deus”. Aí eu peguei assim porque eu não tinha outra alternativa naquele momento e eu peguei. E aí depois eles me pediram “você pode dar água pra ela?”, dei água, depois, isso foi nos outros dias, “você pode dar comida?” e, gente, eu tenho um carinho tão grande por ela, ela é uma criança como qualquer outra criança, mas não é essa a sensação que a gente tem, eu imagino que o que eu sinto, muita gente sinta também, porque, sei lá, não é, chega uma criança toda bonitinha você toca, uma criança com algum problema você já fica um pouco retraída, então eu acho que passa já por aí, pela, a falta de inclusão é isso assim, a gente não está nem preparado, por isso que eu acho realmente muito importante que as crianças especiais frequentem escolas normais, todo mundo tem que ter esse convívio.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Aqui eu não vejo, a gente tem, a gente tem elevador, a gente tem rampa, tudo é acessível, a gente tem banheiro pra deficiente, a gente não tem computador pra deficiente, mas a gente tem muito livro em braile, que nunca foi usado, todas as escolas que vem fazer visita na biblioteca, a gente sempre dedica um parte, assim, a gente dá ênfase pros livros em braile, a gente passa os livros pra elas, mostra, pra divulgar que a gente tem. Sempre que a gente faz algum tipo de matéria pra jornal, pra TV, seja lá o que for, eu sempre falo do braile, não importa o que que a pessoa venha pegar, “ah, quero falar sobre, vai fazer a magnetização, como é isso”, eu incluo o braile. A gente tem o áudio vídeo que vem lá do Dorina Nowil, eu sempre divulgo isso mas não tem procura e teve uma época até que elas estavam mandando tanto material pra gente em braile e a gente não estava mais tendo lugar, porque é muito lugar que ocupa, eu já estava quase pedindo pra parar de mandar, porque eu não tenho demanda pra isso. Eu imagino que, não sei, o braile não é fácil de ler né, já fiz contato, em [cidade vizinha] eles até vieram visitar e tal mas não consegui ter, a gente se dedicou a isso sabe, mas não teve. Eu já esqueci porque que eu estava falando isso. Ah sim, se eu acho que possa haver alguma discriminação, por exemplo, a gente lá na frente tem um jardim, e é coberto, começou a vir muita gente

dormir ali, mas é muita, e às vezes quando termina, ao invés de eles ir embora, dá 08h30min a gente abre eles sobem e às vezes eles estão bem fedidos, dá muita vontade de pedir pra sair, isso seria uma forma de exclusão. Em bibliotecas públicas a gente costuma ter andarilhos, tem uns que ficam por um longo tempo frequentando, e aí de repente eles param de vir, eu achei que eles fossem embora da cidade, e aí você encontra, tem um que eu ainda encontro por aí, e ele só lia coisa em francês, não sei se ele lia, se ele é francês ou se ele só ficava olhando, não sei, mas ele continua pela cidade. Então tem isso, seria, mas a gente procura não fazer, a não ser que cause muito transtorno, é que tem muita gente que vem muito suja, usar o telecentro, os computadores, o teclado com aquela mão, muito muito nojenta, com muita sujeira, aí eu pedi, é um rapaz que vinha assim, aí tem um funcionário que trabalha lá em cima, eu pedi pra ele chegar e falar com ele “olha, você precisava ter mais, cuidar mais da tua higiene, não sei o que”, alguma coisa, algum cuidado, porque incomoda todo mundo, mas ao mesmo tempo eu não sei que direito que a gente tem de fazer isso. Ou quando vem assim, tem uns, às vezes aparecem umas crianças assim, que eu não sei se elas seriam andarilhas mesmo ou não, mas acho que não, mas assim com o tipo de, e a gente toma muito cuidado pra ver se elas não vão levar livro, e eu não acho, eu me culpo porque de repente não são elas que levam e quem leva é aquele que você menos suspeita. Então esse seria um tipo de exclusão mas que não chega a ser efetivada, a gente toma cuidado.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

O que eu podia dizer assim, daqui dessa biblioteca é que é uma biblioteca pública, temos mil carências, mas é porque quando você está inserida no contexto você vai sempre prestar atenção mais nas carências. Então tu vê, eu precisava dessa impressora aqui pra imprimir as etiquetas, gente isso aqui é o céu, é muito muito legal, e veio. Demorou pra vir, aí você não precisa mais contact, não precisa mais nada, elas já estão pronta aqui, isso é um sonho né, e ela chegou. Então a gente, já pela estrutura do prédio, pela arquitetura dele, você já vê que não é típico de biblioteca pública né, que normalmente são muito mais carentes. Eu acho que daí também em função da população que a gente, porque o nosso acervo, eu tenho trinta mil reais pra comprar de livros por ano, mas nosso acervo é muito bom, não só, porque a

compra não conseguiria fazer isso, é que a gente recebe muita doação, muita coisa ruim óbvio, mas talvez pela população que aqui tenha mais recursos financeiros, a maioria do nosso acervo é doação e, assim, a gente recebe coisas novas o tempo inteiro. Então ainda que a gente reclame, continue reclamando, nós somos uma biblioteca de uma cidade com [número de habitantes] que tem essa estrutura, a gente ganhou até um prêmio, nós ficamos em primeiro lugar em uma pesquisa do [nome de uma instituição], sei que foi bem legal. Mas eu acho que a gente está bem, claro que a gente fica sempre reclamando e brigando por mais, então a gente instala o Pergamum, agora a gente vai fazer a magnetização do acervo, aí, até eu pensei em pedir aquele RFID, mas é muito caro aquilo, é prático pra fazer inventário, você passa com a maquininha e é feito inventário, mas do que pra segurança porque a segurança o outro faz, mas eu fiz o orçamento fica em torno de sessenta mil, se fosse o RFID já iria pra faixa de duzentos. Olha que diferença, eu não vou conseguir isso, então é isso....

ENTREVISTADA 16

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

A minha referência educacional sempre foi meus pais, minha mãe ficou viúva muito cedo e eu tinha dois anos e meio, em seguida casou novamente eu sempre fui, totalmente, praticamente criada pelo meu pai que é militar, então é uma educação mais rígida e pela minha mãe, uma pessoa que sempre trabalhou. Então, o que ela sempre falou pra mim foi estuda, estuda que tu tem que ter alguma coisa na vida, e sempre era “termina o segundo grau”, como ela nunca tinha terminado, terminou, até o terceiro ano, acho, do fundamental, a preocupação dela era que no mínimo a gente terminasse o segundo grau, ela não tinha essa visão de faculdade, de ir para uma Universidade, de tu fazer um curso superior, ela até queria mas não era uma prioridade pra ela, a prioridade era terminar o segundo grau pra gente arrumar um emprego né, porque há [tempo] anos atrás, [tempo] anos atrás a gente não tinha essa coisa de “ah, vai pra Faculdade”, era muito mais elitizado que hoje. Cultural, eu hoje, eu verifico isso porque eu morei no interior de [cidade], interior, que é [nome dos bairros], então

assim, hoje eu tenho esses olhos culturais, porque tu vê, tu tinha carro de boi, tu tinha a farra do boi também, tu tinha um cultivo muito maior, tu tinha aquela coisa de estar junto, tu vê teu vô plantar milho, plantar café, eu lembro muito dos cafezais da minha avó, da minha bisavó, e isso me lembra muito a cultura assim de avô e vô estar junto embora a minha mãe tenha vindo pra cidade porque [nome dos bairros] hoje é tão perto, mas naquela época era longe do centro da cidade, eu vim pro centro da cidade eu acho que eu tinha uns cinco, seis anos. E o que aconteceu, a gente ia pro sítio, o sítio era [nome dos bairros] ficar no cafezal, ir com os primos embaixo do cafezal, varrer tudo e fazer aquela brincadeira de casinha né, que a gente tinha. Eu tinha uns primos, que era assim, eu e minha irmã éramos da cidade, a gente nasceu lá no sítio mas a gente veio pra cidade, então a gente era as primas da cidade e os primos eram do sítio. E até hoje, quando a gente se encontra a gente faz essa piada, “ah, as duas eram da cidade”, e basicamente foi assim a minha infância, adolescência, depois eu vim pra [cidade vizinha], que já era uma, na verdade com sete anos eu vim pra [cidade vizinha], já me sinto também [desta cidade], então eu tenho hoje três cidadanias, que é, sou [da cidade que nasceu], [cidade que se mudou aos sete anos] de coração e agora um pouco [cidade onde atua na biblioteca pública]. E aqui [cidade que se mudou aos sete anos] é uma cidade que eu gosto também, a gente veio pequeno, esse bairro pra mim, que é a [nome] é meu reduto, aqui a frente está o colégio que eu estudei, do primeiro ao quinto ano, jardim, foi no centro, mas depois eu vim aqui pro bairro, depois eu fui pro [escola pública] e aí quando estava já no quinto, sexto, sétimo ano aí tu começa a pensar numa perspectiva de faculdade, e aí o que é que aconteceu, os rumos da vida vão, assim, vão tomando curvas que a gente se mete às vezes, e, mas a minha adolescência era ser treinadora de handebol, porque eu queria fazer educação física, ah queria porque queria fazer educação física, joguei educação física no [nome da escola] muitos anos, e a minha referência era educação física, eu queria fazer, mas aí tomamos rumos diferentes e em seguida arrumei um namorado, aí arruma namorado acaba com tudo [risos], com quinze anos, a gente se ferra um pouco, você não pensa, pensa com o coração, esquece de pensar e aí comecei a namorar, com dezoito anos eu saí de casa, já estava trabalhando, que é o que eu digo pras minhas filhas “vai estudar,

pra depois pensar em trabalhar”, a gente pensa sempre o contrário porque acha que quer o imediatismo, o imediatismo é muito ruim porque a gente não calcula os erros né, a gente só pensa nos acertos, e com dezoito anos eu saí de casa, já estava trabalhando porque eu trabalho desde os quatorze, comecei como estagiária, aí com vinte e um eu casei, aí o meu sonho de educação física ficou pelo caminho, porque eu casei e em seguida engravidei quando eu tinha uns vinte anos, com vinte e um ganhei minha primeira filha, e aí deixei os estudos pra depois e isso foi muito frustrante pra mim. Quando eu estava grávida da minha primeira filha eu passei no vestibular da [Universidade] com vinte anos, dezenove pra vinte, e aí eu deixei pra trás porque eu achei que não ia conseguir que, aquela coisa de tu se minimizar, ah, me diminuí e achei que não ia conseguir e desisti de fazer, só que aí, dez anos depois, quando eu já tinha minha segunda filha, e já trabalhava no comércio há muito tempo, eu pensei “não, eu tenho que voltar a estudar”, que eu quero ter uma profissão e eu quero ser servidor público, na verdade era minha proposta, era ser servidor público mesmo, vou arrumar um emprego bom, não quero mais trabalhar no comércio, pra isso eu preciso estudar, eu não via outra alternativa, senão eu estudar, e aí estudando, eu fiquei um ano estudando pra concurso com isso eu consegui passar no vestibular porque, né, várias matérias me ajudaram, consegui passar no vestibular pra biblioteconomia, e aí, não era porque eu conhecia biblioteconomia, mas me apaixonei, acho que não saio mais, nem depois que eu me aposentar. No social, assim, eu era de família pobre, meu pai, minha mãe, a minha mãe era rendeira, trabalhava na lavoura e era rendeira, meu pai era pescador, meu primeiro pai né, eu tenho dois pais né, mas o meu primeiro pai era pescador, e como ele morreu quando eu era muito pequena, sempre foi a referência minha mãe, depois veio meu pai militar então a gente sempre, foi com muito sacrifício as coisas, o pai já tinha, esse meu segundo pai, já tinha três filhos, a minha mãe tinha duas filhas, então imagina o pandemônio, cinco filhos. Aí no meio do caminho resolveram ter mais uma porque queriam uma do amor deles, aí veio mais uma, então ficou seis filhos, três adolescentes que eram dele e duas crianças que eram nós, eu e minha irmã, e houve aquelas turbulências de casal separado, separado não os dois eram viúvos na verdade, os dois eram viúvos, se encontraram, então a minha educação ficou basicamente com o

pai, o pai que sempre foi bem correto com a gente, sempre tratou a gente como filhas, nunca foi diferente disso, então assim, foi muito amor, da mãe principalmente porque a mãe sempre foi muito grudada em nós, apesar de todos os pesares, de todo sacrifício dela, ela primeiro era rendeira, aí lá 1978 acho, 77, ela passou num concurso como servidora pública, o meu padraço que é meu segundo pai, ele também é servidor público, depois eu casei com servidor público que tem um pai que é servidor público, eu acho que eu tinha que ser servidora pública, então assim foi uma meta que eu botei pra minha vida mas nessa minha meta entrou a biblioteconomia, que, acho que sem ela, talvez tivesse dificultado um pouco mais a minha ida pro serviço público. Acho que é isso.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Ah, bem, eu vou dizer uma coisa, eu não, nunca ninguém, eu não lembro assim de um fato que tenha me marcado, de alguma forma que tenha me marcado, mas eu trabalhei numa joalheria durante oito anos e até quando eu entrei naquela loja eu disse “meu Deus, o que é isso?”, uma joalheria muito fina, eram joias, eram relógios, eram coisas muito valiosas que tinham lá, eu disse “ah, não vou durar três meses, eu não vou passar na experiência”, imagina tem que saber um monte de pedra, saber isso e aquilo. E eu adorava trabalhar lá mas eu não me sentia bem, sabe, porque a gente lidava com muita gente com muito dinheiro, muitas pessoas que se faziam mais do que eram na realidade, porque a gente sabe [nome da cidade] não é grande, mas eu às vezes me sentia menos. Não que eu não gostasse de trabalhar lá, adorava, sempre gostei de vendas, a equipe que eu trabalhava era muito boa, o salário que não era bom, tanto é que eu saí depois de oito anos, mas lá eu me sentia um pouco... Ah, me lembrei, eu fazia handebol no [nome de escola pública] e eu sempre me achava pobre porque eu treinava com o pessoal do [nome de escolar particular] e eu me sentia menos, não sei, tinha umas meninas mais bobinhas, mas eu sei que havia um olhar diferente, às vezes é impressão da gente, hoje, pensando depois, isso eu lembro, quando eu era assim tipo doze, treze, quatorze, quinze anos, e tinha um olhar diferente, a gente sabe que, hoje, a rixa deve ser a mesma mas havia a rixa entre

[escola particular], [outra escola particular] e [escola pública], o [escola pública] era o povão, [o entrevistado citou características que identificam a escola], mas eu lembro que eu me sentia menos nesse período. De exclusão social, hoje a gente vê, hoje eu vejo algumas coisas lá na biblioteca, não na biblioteca em si, mas na cidade lá que eu estou. A cidade que eu estou é muito germânica, e ainda mesmo tendo uma população maior a gente vê muita coisa de preconceito entre as pessoas mesmo, da cor, da localização, de onde veio, então assim tu tem um referencial de preconceito social. Algumas coisas políticas que acontecem lá também assim de, um abre um albergue, o outro fecha uma casa de passagem, então essa coisa de discriminação total e de problema social eu vejo muito lá em [nome da cidade em que atua na biblioteca pública]. É uma coisa que me incomoda, me incomoda, algumas coisas que eu acho que deveriam acontecer e não estão acontecendo, nesse momento né, um outro momento foi há anos atrás. Em princípio foi isso, não lembro assim de eu ter, eu acho que talvez a cor ajude, a gente né, mesmo sendo de uma classe social mais baixa eu sempre tive meu pai, meu segundo pai, ele era sargento da polícia, então sargento da polícia hoje parece pouca coisa mas antigamente era muita coisa, então todo mundo pensava assim “ah o pai dela”, depois era subtenente tal. E uma coisa que, quando eu era pequena eu tinha um pouco de vergonha hoje eu falo sem problema nenhum, mas tinha vergonha de, e aí eu acho que era mais um problema meu, nunca percebi que alguém dissesse assim “ah, mas tua mãe era servente”, a minha mãe era servente do hospital, não era enfermeira, não era nutricionista, não era médica, então eu acho que era uma coisa mais minha do que propriamente de alguém olhar pra mim e dizer “ah ela é a filha da servente”, isso nunca aconteceu. Acho que é basicamente isso.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Ah, ela tem uma função social importantíssima, pra mim, assim, eu sempre digo isso, sempre bate na tecla e sempre brigo e digo que a nossa biblioteca, onde eu trabalho, lá, a gente está fazendo muito pouco pelas pessoas. A gente atende qualquer pessoa lá dentro da biblioteca, mas eu sinto falta da gente fazer mais, mais atividades né, mais coisas que puxem as pessoas mais pobres, as pessoas em vulnerabilidade, as pessoas com

problemas sociais. O que a gente consegue, o que que eu acho importante, a gente trabalhar com lista de empregos, com currículos, esse é o papel social e isso eu consigo fazer, então o papel da biblioteca, ela tem essa coisa de tu trazer a pessoa que precisa e às vezes o que precisa não é só o pobre né, às vezes o que precisa é o que tem alguma conversa, às vezes vai um idoso que tem um filho que tem posses, a própria pessoa tem posses, mas ela precisa de um carinho, ela precisa de uma conversa, ela precisa de um afago e a biblioteca dá isso. Então acho bem gostoso trabalhar na biblioteca esse calor humano por causa disso né, a gente pensa, “ah, o social da biblioteca, ah, não vai ajudar os coitadinhos”, não é isso. Eu tenho várias pessoas que vão lá pra conversar com a gente, tem um senhor por exemplo que ele, ele viaja pra Minas aí quando ele volta ele passa na biblioteca, aí ele passa a cada dez dias pra conversar com a gente dá os, o que que aconteceu em Minas e tal, daqui a pouco, agora ele tá em Minas de novo, então, e ele não é uma pessoa que não tenha posses, e ele precisa daquilo. Então eu acho que a gente também tem que correr os bairros, a função social dela não é ficar imóvel, ela tem que correr os bairros, ela tem que ir pra periferia, se ela está no centro da cidade. Ela tem, basicamente isso. Porque assim, se ela está junto com uma Fundação Cultural como é a nossa, a gente até consegue fazer um trabalho assim porque tem uns cursos na Fundação e tal, então quer dizer, não é só a biblioteca que está ali trabalhando, tem toda função social da Fundação Cultural. Mas a função social é isso é abrigar as pessoas, trazer as pessoas pra biblioteca independente de ela estar em vulnerabilidade, ou ela estar sem dinheiro, acontece isso na biblioteca, às vezes chega alguém, por exemplo, tem um senhor que ele passa quase toda semana porque ele vai pegar o coquetel e aí ele vai pegar a água dele, se tem uma banana eu dou pra ele, se eu tenho, então, quer dizer, eu não vou salvar a vida dele mas naquele momento eu estou dando um alimento pra ele, então, né, eu acho que se a gente tiver uma cesta de frutas, uma vez por semana na biblioteca, é interessante, alguém vai passar ali com fome. Outro dia esconderam, eu cheguei lá na biblioteca e tinham escondido a bombona de água, eu disse “gente, a bombona de água”, “ah, porque tava gastando muito, porque...”, gente, as pessoas, pensa, eu sempre penso, às vezes eu estou no centro da cidade e estou sem um trocado e quero um lugar pra ir tomar água, eu

vou lá na biblioteca, e eu não preciso, eu posso comprar uma garrafinha de água. Então assim, o papel social não é só pra quem precisa, é pra todo mundo. Então eu acho que a biblioteca pública é essencial, ela é referência dentro de uma cidade, ela tem que ser referência dentro de uma cidade, ela é uma referência boa, é uma referência de, de, de tu saber que ali tu pode contar com as pessoas, não só com informação mas com outras coisas, às vezes um afago, às vezes uma banana, às vezes uma água, às vezes um computador, como a gente faz, às vezes só internet, então pra mim é uma função social muito ampla, assim, a gente pode tudo e muito mais, essa é a minha visão e às vezes, tem um colega meu lá que é historiador, que ele diz assim “ah, tu vive no maravilhoso mundo de [nome do entrevistado], é o maravilhoso mundo de [nome do entrevistado], não é bem assim”, “tá mas não é bem assim, eu quero que seja assim, eu acho que tem que ser assim, a gente pode até não conseguir fazer mas vamos tentar né” e basicamente é isso...

4)Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Olha, eu tenho uma visão geral, não conheço todos os bibliotecários que trabalham não, eu sei que a maioria das bibliotecas públicas não tem bibliotecário, isso é um problema muito sério, mas assim, alguns conseguem se impor e mostrar por a + b, para o gestor, que há uma necessidade do bibliotecário, do auxiliar, de fazer trabalhos, que nós não somos só um, um, um profissional sentado numa cadeira, que a gente tem que ir para os bairros, mas são poucos. Então eu acho que, os poucos bibliotecários que têm, fazendo o trabalho social, fazendo um trabalho de a biblioteca aparecer, são muito bons, só que falta muito mais iniciativa de outros, eu acho que alguns bibliotecários ainda esperam muito o poder público dizer o que eles podem fazer, e essa é uma preocupação, porque se a gente deixa isso acontecer, o poder público vai fazer o que quiser e a gente tem que mostrar pra eles a que viemos, porque que a gente é importante na biblioteca, porque que a biblioteca é importante pra nós. Na verdade eu acho que alguns fazem mas são poucos, eu acho que está faltando muito, muito mais boa vontade. Eu penso que alguns talvez nem deveriam estar ali, que para a biblioteca pública também precisa ter perfil.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Olha, no poder público a gente tem que tomar cuidado e isso eu estou aprendendo com a experiência que a gente vai aprendendo, a gente tem que cuidar às vezes com o que fala e como vai transmitir essa coisa, cuidar com as pessoas que te rodeiam, porque passa muita gente. Quando a gente trabalha com políticos e quando a gente trabalha com o serviço público, passam muitas pessoas, passam muitas pessoas por lá e isso torna um ciclo que tu não sabe em quem confiar, então a gente tem que aprender a ouvir mais e falar menos. Falar menos assim, claro, se tu queres alguma coisa tu ir lá, expor seu projeto, mostrar por a + b que tu tá né, isso sim, bater né, mas eu acho cuidar muito com o que fala porque é perigoso, poder público é muito perigoso, muito mais, trabalhei muitos anos no, no, na iniciativa privada e o poder público é muito mais perigoso do que, porque tudo tu transforma contra ti, tudo tu transforma contra ti, então tu tem que cuidar muito do que tu fala e pra quem tu fala. Isso na verdade é uma premissa que tu tem que usar na vida, mas quando é o poder público, a gente que trabalha em biblioteca pública, tu tem que cuidar muito com isso e se for cidades menores, pior ainda, porque cidades menores tem um conflito de direita e esquerda e esse conflito tu vê nitidamente nos usuários da biblioteca, tu consegue visualizar nitidamente, tu consegue ver se a pessoa ou é de direita ou de esquerda, só não é de direita e de esquerda daquele município quem vem de fora, chegou agora, é de fora. Então, é basicamente isso, o que mais que a gente pode dizer... É que assim ó, eu tenho uma relação tão boa com todos que passaram pela biblioteca e ficaram por um tempo, que a gente já não consegue mais ver o que é ético e o que não é ético, por exemplo, ah por exemplo, pegar, antiético seria pegar dinheiro da, das multas, pegar livro da biblioteca, a gente pega pra ler em casa, ou sempre, deixar as coisas bem claras “ó, esse aqui vai pra biblioteca, esse aqui vai pra doação”, não levar para outro lugar, alguma coisa desse tipo, eu acredito. Mas no mais a coisa de tu cuidar com o serviço público é muito o que tu fala com o outro, hoje o que tu fala pode repercutir contra ti daqui há um tempo, o serviço público a gente percebe muito isso, é bem triste.

6) Como define exclusão social?

É, por exemplo, num determinado serviço tu priorizar alguém e deixar outro de fora. Eu vou dar um exemplo bem claro, que uma vez eu disse, lá na Fundação tem aula de artesanato e aí tinha uma pessoa que era bem radicada no partido tal, disse assim “ah, mas Fulano não precisa, Fulano não precisa, Cicrano não precisa”, fazer aula de artesanato, aí eu parei, eu nem tinha nada a ver com as inscrições mas eu sempre fui metida, então eu peguei e disse assim “tá Fulano, mas o seguinte, as aulas não são gratuitas, ela não é pra população de [cidade em que atua], isso aqui é da Assistência Social, é um programa de assistência social somente para aquelas pessoas?” não é, qualquer pessoa pode, se ela tem posses, às vezes ela quer vir aqui pra conversar, às vezes ela quer vir aqui pra passar uma tarde, às vezes ela quer vir aqui pra fazer uma amizade, às vezes, então, exclusão social pra mim, não é só o do pobre coitado que está ali num canto, exclusão social é quando tu tem um serviço e tu vai direcionar ele, a não ser que seja assistencialismo mesmo, tu vai, a pessoa realmente é necessitada, é pobre, ou não tem condição ou sofreu um acidente, tu tem que direcionar aquilo pra ela, isso é uma coisa. A outra coisa é tu ter um serviço e tu dizer “tu é rico, tu não pode, tu é pobre, tu não pode”, ou tu ter alguma coisa que tu ache que é muito elitizado pra alguém participar. Isso pra mim é exclusão social também. Tipo, ah, tu tem um evento, como algumas bibliotecas eu já, já presenciei isso lá na biblioteca, de estar um andarilho, ele entrar na biblioteca, ele deixa aquele cheiro no ambiente assim, e vem uma outra pessoa e diz assim “ah, mas ele não pode ficar aqui, ele não pode ficar aqui, ele não pode ficar aqui”, isso também me perturba, claro que eu também não gosto do cheiro ruim dele, mas depois tem um Bom Ar, tu bota um Bom Ar, então a exclusão social é isso, é tu, na verdade, eu acho que exclusão social não é só a coisa do, do pobre coitado, a gente tem muito disso né, do pobre coitado, ainda mais no Sul, no Sul a gente não tem pobre coitado, gente no Sul do país a gente não tem pobre coitado, a gente tem gente que quer trabalhar mais e gente que quer trabalhar menos, a gente tem gente que é rico e que é pobre, ou classe média, mas a gente não tem gente paupérrima, gente morrendo de fome. Se tem, eu penso, eu penso assim, que a pessoa, eu tenho na família isso, as pessoas, irmãos da minha mãe por exemplo, eles têm uma casa, que é da minha vó, eles moram em três, quatro

irmãos numa casa e um não planta, eles às vezes não tem o que comer mas não tem o que comer porque são malandros, não são porque não tiveram oportunidade porque tiveram muitas, e eles têm uma terra enorme e não tem um cacho de banana plantado. Então assim, eles não são pobres coitados, aí vai uma assistente social ali chamar a minha mãe pra ver, vai ver o que, vai ver o que, eles tiveram uma vida toda como a minha mãe teve, assim como eu estou tendo, de correr, de buscar, no Sul do Brasil, eu acho assim, tem muitos problemas claro, tem os bairros periféricos, tem a criminalidade, tem todas essas questões que a gente tem que ter um olhar crítico pra isso, mas é tudo questão das pessoas se ajudarem, eu acho que, assim como eu poderia simplesmente ter ficado na inércia e não ter estudado, outras pessoas podem pensar “tá, eu quero, eu preciso, eu vou correr atrás, eu quero mudar de vida”, e correr atrás, independente do lugar que está. Claro que algumas, não sei, eu falo muita coisa, é claro que tem gente que está a margem até por causa de situação de risco, essas coisas assim, doenças, tal, mas eu acho que as pessoas têm que pensar em se ajudar, então, pensar em querer o bem pra si e a gente pode fazer isso. A gente às vezes com uma palavra amiga a gente muda o rumo de uma pessoa e a biblioteca tem esse poder, a gente que trabalha numa biblioteca tem esse poder, eu vejo porque lá na biblioteca às vezes tu vê aqueles adolescentes que estão cumprindo pena lá comigo, no PSC, os adolescentes maiores e tal, e como alguns retornam e dizem assim “ah, porque eu estou estudando, ah porque eu isso, porque eu aquilo, porque eu melhorei, porque eu arrumei emprego” e falando das coisas que conseguem né, com, então assim, é tu querer. Quando tu quer, tu sai daquela margem né, tu corre atrás, tu consegue vencer, às vezes tu precisa de uma mão pra te erguer, mas acho que a gente precisa às vezes de uma mão né pra erguer, tem gente que precisa, mas às vezes as pessoas não aproveitam a mão que está ali estendida pra ela, tem isso também né. Tem até o exemplo lá da minha família por causa disso, a gente vê que é três pessoas que estão lá que realmente, foi dada mil oportunidades pra elas e elas simplesmente deixaram passar, não aproveitaram né, e aí vivem da beleza do dia eu acho, chegar o dia olhar o matinho ali, não ter a bunda pra levantar e ir lá carpir, plantar uma banana que vai vim banana, a minha mãe tem um monte, no quintalzinho aí, já colheu um monte de banana.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Tem um, deixa eu ver, exclusão social, olha, uma situação que está bem complicada, não sei se chega, mas depois que acabar tu me fala, se pode ser considerada, mas por exemplo, a gente tem , desde 2013 a gente tem wi fi, porque a nossa biblioteca fica numa praça, e ela fica dentro da praça, então é uma praça que desde 2013 ela tem internet livre em todo o espaço então a biblioteca também tem internet livre, além dos quatro computadores ligados pra pesquisa e tal. E nessa internet livre há uma polêmica muito grande de que os adolescentes se reúnem na biblioteca só por causa da internet, alguns até a gente brinca “ah, esse pivete”, porque alguns incomodam realmente, então, e eles querem cortar a internet, sendo que a internet pra nós é uma coisa assim, em todo mundo, fundamental, pra que as pessoas em todo mundo tenham esses espaços onde, ah tem internet grátis, e o problema maior é que muita gente vai na biblioteca, tirando os adolescentes que incomodam, muita gente vai na biblioteca às vezes pra se comunicar porque mora em bairro, eu acho que entra como exclusão, porque ela mora em bairro, bairro periférico que não chega internet, a internet não está, a Oi, a Claro, a Tim, não chega lá, e ela vem pro centro da cidade porque ela sabe que ali ela tem a internet, aí não sei se chega a ser uma exclusão social, porque sempre tiram a internet, agora por exemplo, ficou uma semana sem internet, “ah, porque agora está calmo”, está calmo, mas espera aí, às vezes de quinze adolescentes, eu penso assim, às vezes de quinze adolescentes que estão ali bagunçando vai ter três ou quatro que vão voltar pra estudar, que vão voltar pra pesquisar, vão voltar pra se inteirar, vão pedir ajuda, como já veio outro dia um que andava na bagunça, estava lá com a mãe vendo se eu arrumava emprego pra ele, ver se tinha, sabia de alguma coisa, ou se tinha alguma sugestão, porque a gente um mural tal, então, sempre tem aquele que vai sentir a biblioteca como porto seguro e não só como um lugar que tem internet grátis, ele vai saber, ele vai aprendendo que na verdade a gente pode ajudar ele e ele pode ajudar ali dentro da biblioteca, então, é basicamente isso. Eu não lembro assim de exclusão, é que eu sou tão, eu falo tantas coisas, os estagiários que passaram por lá, todos eles assim, tanto é que uma agora vai fazer biblioteconomia, ela passou na

UFSC e na UDESC, então assim, eu sempre passo isso, eu aprendi quando trabalhei no [instituição], eu aprendi com uma líder, que ela era líder, bibliotecária trabalha há anos no [Instituição], e ela me ensinou muito a atender bem a pessoa e ser igual a ela, não se achar maior, então eu nunca tive muitos problemas, todo mundo que tem alguma dúvida, ah, esse pode entrar, esse não pode entrar, por que que não pode entrar, sempre falam pra mim e eu sou muito aberta sabe, eu deixo tudo, eu sou uma bibliotecária, às vezes parece que eu sou braba, mas eu sou muito boazinha, ah, se não trouxe identidade, não tem problema, identidade não, mas ah, comprovante de residência eu deixo passar, ah, referência eu empresto. Isso pode acontecer, tipo, a pessoa não tem o, acontece muito assim, dificilmente eu, só se eu vejo assim que é uma pessoa, não sei, mas olha, eu tô lá, quanto mais pessoas melhor, eu sempre, gosto de números, números, números, é muito bom pro, pra apresentar, pra política pública mesmo, então números é muito bom, político só vê número mesmo e não vê o resto, muito difícil tu ver qualquer outro que vá analisar de um ponto poético, de um ponto, né, eles analisam números e eu não me preocupo com isso, ali não tem SPC, eu digo sempre pra eles, se eu tiver a identidade, claro, só pra gente ter os dados certinho, mas se eu não tiver o comprovante de residência, ou se a pessoa vier com um comprovante e daqui a pouco ela se mudar e ela não mudar ali no cadastro vai dar no mesmo, não vai fazer diferença pra gente, a gente exige pra ter uma padronização, pra né, mas não precisa ser rígido nas coisas, a biblioteca não precisa ser rígida, a gente às vezes se passa né, por exemplo, a biblioteca, minha biblioteca não é extensa, não tem um café, não tem um *lounge*, então o que é que às vezes a gente faz, a gente vai lá e briga com os adolescentes, aí eles já começam a rir, aí eu já saio rindo, sabe, “ah, vocês não aprenderam ainda, você”, mas assim, às vezes eu mando sair, “tô avisando, é a terceira vez, tem gente estudando”, porque tem gente estudando. Então já não acho que é exclusão social, porque na verdade eles estão incomodando uma outra pessoa que quer estudar, eles não estão me incomodando, porque eu fico lá na frente, mal ouço eles, mas vem alguém lá “ah, [nome do entrevistado], aí não dá, não está dando de estudar lá, porque”, “gente eu estou a terceira vez vindo aqui”, eles já começam a rir né, aí eles já saem, alguns né, que já me conhecem há mais tempo. Então mais essa questão aí

de documentação, a questão da água, que eu achei horrível as coisas, ter que guardar água pra gente porque ia faltar e tal e, mas no mais é tudo *light* porque a gente tem o setor braile, o setor braile a gente chama muitas pessoas pra vim, sempre que eu dou entrevista nas, nos meus relatórios eu sempre falo do setor braile, que é uma sala assim onde, eu tenho um cego que trabalha lá, então a gente, todas as entrevistas que eu dou lá pra jornal, às vezes pra revista, pra rádio, alguma coisa assim, eu sempre falo pras pessoas “ah tem setor braile, dá pra vim aqui, dá pra aprender, tem que aproveitar que tem o [nome do funcionário cego] ali que fala, lê e escreve muito bem, ensina, agora eu estou com dois alunos já, então, é, mas é isso assim. A gente atende às crianças no [nome do projeto] que a gente recebe eles, eu quero fazer aula de conversação, eu quero fazer tanta coisa Ana, mas não dá sozinha né, porque assim eu tenho a outra moça, tem o auxiliar também que já está [número] três anos com a gente, não sei se eu vou conseguir que ele, que ele é ótimo também, e os estagiários que vão e voltam, e passam né, mas é uma equipe sólida, a biblioteca pública tem que ter, eles não entendem isso cara, eu estou há [número] anos, todos os meus relatórios no final, nas considerações finais, ah, tem que ter uma equipe sólida, a gente tem que ter no mínimo, eu estava vendo, pra biblioteca pública, no mínimo dez funcionários agora, eu estou com basicamente três e uma estagiária, dez assim que tu pudesse, ah fica só com a catalogação, fica só com projeto fora, aí tu podia um mundo de coisas pra fazer e aí a gente não tem porque fica essa rotatividade e aí a gente fica na mesmice, às vezes parece que a gente está patinando, é sofrido, tem as coisas boas mas olha, a gente sofre muito e a gente que é muito ativa, eu imagino a [nome de colega bibliotecária de biblioteca pública de outra cidade] e a [nome de outra colega bibliotecária de biblioteca pública de outra cidade] também, mas mais a [nome de colega bibliotecária de biblioteca pública de outra cidade citada primeiro] que tem mais o meu pique assim, ela deve sofrer muito assim, da gente querer que as coisas aconteçam e tu vê que as pessoas ficam te podando, não podar, porque a gente faz, mesmo que pode a gente vai fazendo e metendo a cara e dizendo “tem que fazer e pronto”, mas o podando no sentido de não dar importância, eu acho que o poder público ele podia dar mais importância para as bibliotecas públicas, e ver a biblioteca pública não só como, está faltando gente que veja a biblioteca

pública como um espaço de saúde, lazer, cultura, educação e não só, às vezes parece até jargão da gente como bibliotecário mas é uma coisa que a gente observa muito nos estudos assim, sempre faltou, um ou outro que de repente, numa cidade, vai lá e gosta muito de biblioteca, vai lá e gosta muito de leitura, gosta muito de livros e diz assim “opa, vou fazer”, “ah espera aí, vem cá conversar comigo, o que é que tu precisa”, te ouvir, sentar na cadeira do prefeito e dizer assim “olha, o que tu precisa com a biblioteca?”, olha, eu acho que, tu vai tentar, talvez tu consiga tirar um ou dois, nesse contexto todo que tu está estudando assim porque nunca ouvi falar assim. Até tinha um outro prefeito, mesmo assim ele nunca me chamou, sei que ele gostava, fazia, notava, mas só que ele nunca me chamou na cadeira, ali, perto do prefeito e dizer “ó, vamos conversar, o que que tu tá precisando?”, sempre foi por intermédio de alguém, parece que a gente é só mais um funcionário mas a gente não é só mais um funcionário, a gente é um funcionário capacitado, assim como o engenheiro é, assim como um médico é, assim como o dentista é, assim como a enfermeira, assim como o professor que está em sala de aula, está ali capacitado pra te dizer “olha, prefeito, é o seguinte, a gente precisa...”, “por que que precisa”, “olha, os números estão aqui, eu atendi tanto, mudou de lugar a gente melhorou, ah, porque teve isso, a gente melhorou assim, porque quando vem, ah veio livro novo, a gente teve o aumento de tanto”, entendeu, e nem sempre a pessoa que está entre essa comunicação, tipo, ah com oeu tenho, o superintendente, ou quem está em outra, de repente um secretário de educação, nem sempre ele vai te ouvir e transmitir a mesma coisa, ele vai dizer “ah, está precisando disso lá na biblioteca”, “mas por que que precisa?”, “ah, não sei, ela disse que precisa”, é diferente de tu estar lá, dizer, explicando a situação né, e isso complica muito a gente.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Olha Ana, eu acho assim, que num mix né, de tudo que a gente falou , eu acho que colocar no teu trabalho a importância da biblioteca né, pra mim, é um, as pessoas às vezes me chamam de chata, “ah, porque teu Facebook”, “no meu Facebook eu boto o que eu quiser”, “mas e teu Facebook”, claro, eu estou chamando as pessoas pra uma coisa boa, não estou chamando elas pra brigar, não estou chamando elas pra discutir, eu estou

mostrando coisas boas que acontecem na biblioteca, um mundo de oportunidades que a gente tem na, com uma biblioteca bem equipada, com profissional, não é uma biblioteca de canto, não é uma biblioteca de faz de conta, não é uma biblioteca pra ganhar voto, não é uma biblioteca pra nada disso, embora uma biblioteca possa dar voto, e isso é importante. Isso é muito importante a gente, a gente frisar, que uma biblioteca dá voto sim. Eu estava vendo a nossa biblioteca, por exemplo, só de mudar de lugar e já dá um bom trabalho de mestrado, assim, só a mudança de lugar, a gente já dobrou o número de usuários, assim, de pessoas que circulam pela biblioteca. A gente tinha sete mil, ou oito mil anual e a gente passou pra quatorze mil e esse ano passado, por exemplo, dezessete mil usuários que circulam, circulam, que entram, saem, pegam coisa pela Internet, que me procuram nas redes sociais, que vão no nosso e-mail, que vão no balcão pedindo informação, então, que pegam livro emprestado, então, só isso já mostra que a gente têm eleitores. Se a gente tem um prefeito dentro de uma cidade que dá importância, que mostra que aquele lugar é importante pro eleitor, ele vai utilizar o espaço e depois vai achar bom que aquele prefeito fez aquilo pela cidade, que a biblioteca, “ah todos os dias eu vou lá”, como tem gente que todo dia utiliza a biblioteca, todo dia eu tenho um cantinho lá pra estudar, todo dia tenho um cantinho pra eu ver minha internet, todo dia tenho um cantinho pra pesquisar, isso também dá, e eles esquecem disso, que a biblioteca também é um local de voto, e pra mim isso é de grande importância e eles deveriam ver dessa forma, os vereadores deveriam ver dessa forma. Se circula anualmente quatorze mil pessoas, na verdade deu cinquenta e três mil pessoas ali, alguma coisa eles pesquisaram, e em alguma coisa nós fomos úteis, é o poder público fazendo alguma coisa pelo cidadão. São cinquenta e três mil votos, pessoas, são cinquenta e três mil possíveis votos, de [número] habitantes, por mais que, e desses cinquenta e três mil, claro que várias vão toda semana, cada quinze dias, isso, dali tu tem um, dali tu tira trinta mil, quarenta mil, mas essas trinta mil, quarenta mil, vão pra dentro das casas delas ou vão pro bairro delas falar bem da biblioteca elas v

ão falar bem de um serviço que foi feito bem pra elas, e como pode multiplicar isso, eles esquecem disso, eles esquecem. Eu estou há [número] anos lá, alguém me pediu uns números e aí,

eu tenho todos os relatórios e tal, e aí eu falei “gente, que salto é esse, gente, esses números eu tenho que levar pra Câmara de Vereadores”, eu tenho que ir lá mesmo, na Câmara de Vereadores e dizer “olha, a gente dobrou o número” eu sinto, eles esquecem, falar em plenária mesmo, eu vou dizer “olha, vocês esquecem que isso aqui são números, se tu tirar os que repetem e botar trinta mil pessoas, que circulam por aí, tem um bom atendimento, isso e aquilo, vocês vão pensar que dali aquilo multiplica”. Por exemplo, eu tenho um usuário lá que ele é locutor de rádio, ele é locutor de rádio, tu pensa, ele vai lá pega livro toda semana e tal, e ele está fazendo propaganda da biblioteca, pois ele como locutor, olha só, a abrangência que ele não tem, então, assim, se fala bem da biblioteca, e eles não tem essa visão, eu já teria essa visão, eles não tem essa visão, são burros cara, não é? É porque a biblioteca, eles não pensam assim, ela é terapêutica, a gente sabe da biblioterapia, então, tu lê livros, tu fazer um trabalho com contação de história, tu fazer um trabalho com música, tudo é terapia ali, e a mesma coisa, claro que a Secretaria da Saúde vai ser muito importante porque tu vai tratar os enfermos mas eu sei de muita gente que está ali estudando e está ali lendo pra também se tratar, então, também isso é saúde, então, é saúde, é educação, é cultura, é tudo junto num lugar só. Então, acho que era isso que eu não tinha falado ainda...

ENTREVISTADA 17

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

Como eu cheguei no curso, vamos dizer assim... Trabalhei durante pouquíssimo tempo depois do ensino médio, quando eu me formei em [curso técnico] pra mim foi assim, terrível, terrível assim, foi uma experiência péssima, até porque eu trabalhava com manutenção de imóveis. Depois disso fui trabalhar como secretária, trabalhei durante, no total foram dez anos, e era maravilhoso trabalhar, só que lá tinha o arquivo, nós trabalhávamos com registros e todo esse material que tinha uma ordem, então lá eu comecei a pensar alguma coisa de ordenar todo aquele material, eram materiais diferentes, exigia ordenações diferentes, eu queria, de qualquer forma fazer alguma coisa a mais, um ensino superior, um curso, qualquer

coisa, vamos juntar as duas coisas, vou aprender alguma coisa pra arquivar esse monte de papel. Não tinha Arquivologia na época, o mais próximo seria ou Secretariado da UFSC né, ou a Biblioteconomia. Passei pra Biblioteconomia, optei por Biblioteconomia, passei pra biblioteconomia, e aí eu vi um outro mundo diferente daquele de secretaria, diferente daquele de arquivo. Eu tava, apesar de ter sido a portinha, o que me mandou pra lá, o serviço de secretária foi o arquivo, quando cheguei na [Universidade], eu disse “não, o mundo é muito maior”, não é só isso que eu quero fazer. Então comecei a, logo saí desse meu serviço, comecei a trabalhar em monitoria, comecei a fazer estágio, fiz um pouco de estágio no [instituição] de Florianópolis, depois fui pro estágio, pra [instituição]. Então ali eu comecei a conhecer um outro mundo, esse atendimento, às vezes até um pouco do ambiente escolar né, essa busca contínua de informação, de pesquisa e tudo mais, não sei se seria por aí a sua pergunta. Mas o que foi me encaminhando foi isso e eu fui buscando, fui estudando um pouco mais, fui lendo um pouco mais pra, pra me encaminhar pra isso, para o ambiente da biblioteca, basicamente o que me impulsionou foi a [Universidade], os professores foram, a [professora] foi minha professora e ela brilhava os olhos quando ela falava das bibliotecas onde ela trabalhou, eu quero isso, é isso que eu quero.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Não me lembro de nenhuma situação específica, pelo menos nada recente, pessoalmente, o que a gente sempre vê... Vou citar um exemplo, que eu assisti na Internet faz pouco tempo, aquilo eu acho, eu acredito que era mais um preconceito, mas foi um, não sei quem organizou aquilo ali, mas era um vídeo de uma menina e ela estava sentada esperando um ônibus e aí chegou um rapaz mal vestido e pediu pra ela um trocado pra ela, pra ele completar o dinheiro pra ele pegar o ônibus e ela levantou-se e sentou-se mais pro lado e mal respondeu o menino, em seguida chegou um menino muito bem vestido, muito bem aparentado, e pediu o dinheiro e ela, na hora ela deu pra ele. Me faz pensar que a gente acaba fazendo isso no dia a dia né, não é anormal, acho que é um receio, acho que é normal da gente né, a gente...

Eu li alguma coisa do Sérgio, Sérgio esqueci o nome dele, desculpa, filósofo, Cortella, isso, eu li alguma coisa dele ultimamente e um dos livros que eu li ele falava que antigamente quando a gente estava andando de noite indo pra casa no silêncio, aí a gente ouvia passos e dizia “ai que bom não estou sozinha”, e hoje, “ai meu Deus, quem vai me atacar”, que hoje é mais assim né.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Comparando a biblioteca daqui de [cidade], com a que eu fiz o meu estágio, tem uma diferença muito grande na procura do que os usuários, na procura dos usuários. Lá era muita pesquisa, muitos estudantes, muita, então eu acho que lá é cumprir essa função de acesso à informação para os estudantes, pra pesquisa e aqui eu te diria que mais de oitenta por cento do nosso empréstimo é leitura, eu acredito que nessa formação dos leitores aqui a gente é muito forte, como eu te falei, desde as criancinhas até os mais velhos, eu acredito que a leitura não seja só o prazer de uma viagem, uma ficção numa fantasia, mas eu acredito que tu consiga, eu não sei expressar em palavras, mas eu acho que o hábito da leitura ele desbloqueia muitas barreiras, tu começa a ler alguma coisa, tu perde um pouco da preguiça, assim, “ai vou ter que estudar geografia, vou ter que estudar história”, é um, eu acho que esse exercício, então eu acho que a formação de leitores é muito importante. E o atendimento que a gente faz, ajudar que eles leiam, ajudar que eles encontrem o que eles queiram, às vezes eles querem alguma coisa e não sabem se expressar, então , fazer essa interpretação, fazer essa ponte para o que eles querem, acho que é uma ajuda para os leitores.

4)Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Não tenho contato, não tenho.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Assim, eu acho que às vezes, seguir e interpretar o regulamento, regimento da biblioteca, requer um pouco de jogo de cintura. O nosso regimento até acho que a gente precisa trabalhar um

pouco em cima dele, mas a gente, algumas regras elas são meio de acordo comigo e com a [nome de outro funcionário], que trabalhamos no atendimento e às vezes isso diverge um pouco. Por exemplo, você pode pegar só um livro de acordo com o regimento, o nosso sistema te permite que tu pegues quatro, quem tem direito de pegar os quatro? A gente sentou e decidiu assim, vamos dar crédito ao usuário, se você me devolve o quarto livro você já pode levar dois, se você me devolve o oitavo livro você já pode levar três, só que isso é uma prática nossa, não é uma coisa que o sistema me permite fazer um controle desse, então às vezes a gente precisa, eu me preocupo muito assim, eu quero ser justa contigo, eu quero ser justa com a outra pessoa, então essa busca do, ser justo com todo mundo, é uma coisa que, que a gente tem que sentar e negociar como ser justo com todo mundo né, não tem uma regra. Às vezes a gente sabe que a pessoa está aqui, ela não quer entregar um comprovante de residência, tu tem certeza que o livro nunca mais vai voltar, tu sabe, “meu Deus, eu recebi esse ontem, novinho, ela vai levar embora”. Claro, que graças a Deus a gente muitas vezes se engana, mas acontece, tu sabe que a pessoa está te enganando e tu tens que seguir a regra, tu não pode impossibilitar o empréstimo dela por isso. Mas acontece de ele ir embora e nunca mais voltar. Desbastamento de acervo se chama isso. Horrível né? Agora nós vamos ter concurso agora em [cidade em que atua], concurso público né, nossa, nosso movimento aumentou muito, muita carteirinha nova, muito empréstimo de matemática, português, a inscrição ainda está aberta, então tem muita procura, há uma semana já que a gente não tem mais espaço na estante, a gente vai fazer agora, sou obrigada a achar um lado positivo né... Horrível...

6) Como define exclusão social?

Não tenho um conceito pronto, quando eu li o teu assunto ali, tentei pensar em alguma coisa ligando o que eu faço, ligando, só consegui pensar assim no atendimento do usuário que é feito. Consegui pensar assim, que, nossa, a infinidade de pessoas que entram aqui, os pequeninhos de três anos arrastados pela mão, os pequeninhos de três anos que correm na frente dos pais pra entrar antes na biblioteca, desde o senhor e senhoras, de todas as classes, de todas as formações, ou não formações, então a única coisa que eu consigo, consegui pensar quando eu estava

lendo o teu assunto assim é que tu não, tu não consegues atender todo mundo da mesma forma, tu tens um padrão, eu preciso passar esse tipo de informação mas tem que ter um jeitinho pra falar com cada um. Os usuários chegam, eles te abordam de formas diferentes e tu tem que também abordar de forma diferente, nem todo mundo chega aqui sorrindo querendo pegar um livro, às vezes eles chegam querendo te matar porque tu tá impedindo a vida dele de fazer um trabalho, de estudar, de fazer alguma coisa. Então, dentro do que, ligando o meu trabalho com o que eu li ali, eu só consigo pensar nisso assim, a minha obrigação em saber atender diferentes necessidades, diferentes pessoas. O que eu faço pra melhorar isso, não, não faço nada.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Contaria uma escada? Contaria uma escada para acesso ao serviço de inclusão digital? Eu acho que o espaço, nós temos um, nessa questão da escada, nós temos um usuário muito frequente nosso que ele é deficiente, então ele vem, estaciona naquela vaga de deficiente que não cabe um carro, já chamou a polícia por conta disso, e ele está certíssimo né, não tem espaço né e isso, nessa questão de deficiência tudo é muito mal planejado né, acho que não só aqui.

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Não tenho nada a incluir, o que eu gostaria de saber, talvez não nesse momento mas depois no término da sua pesquisa, onde tu queres chegar? [risos]

ENTREVISTADA 18

1) Fale livremente sobre suas vivências culturais, educacionais e sociais.

A minha formação, eu nasci num ambiente onde sempre tinha muitos livros, meu pai assim, apesar dos meus pais terem, meu pai teve até quarta série e minha mãe até o segundo, segunda série do ensino fundamental, mas eles eram pessoas que gostavam muito de ler, então mesmo pela questão de, como eles não tiveram condição de continuar o estudo, era isso que eles queriam dar para os filhos. Então meu ambiente familiar sempre

foi muito receptivo a essa questão de formação, de leitura de, de imaginário, isso foi, eu acho que isso foi, e meu pai é muito de organização, eu hoje em dia avaliando lá no começo, talvez isso tenha auxiliado na minha formação, de eu ter escolhido essa área, assim que, e quando eu entrei na faculdade de Biblioteconomia na verdade eu não tinha exatamente noção do que seria, então com as fases, passando as fases eu fui vendo que realmente era uma coisa importante, eu vi o que que o bibliotecário iria fazer, todos os campos de atuação, e hoje em dia eu me sinto realizada plenamente profissionalmente por estar trabalhando na área, porque eu vejo a importância que é ter um bibliotecário, ter alguém que saiba onde sai a informação, ter alguém que esteja fomentando o hábito da leitura em crianças, em jovens.

2) Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Na verdade isso são, a gente sempre se depara com, com situações de exclusão, às vezes que a gente passa e às vezes que as, que se tu não se policiar até você mesmo está sendo um agente. Então, dizer assim uma situação eu não, não recordo mas a questão da exclusão está muito junto com a questão do preconceito estabelecido né, pelas pessoas, então, esse é meu ponto de vista, então já me senti excluída por exemplo de, é comum tu te sentir excluído quando tu tem um certo nível de conversa e você está num ambiente onde as pessoas tem um, conversam sobre coisas fúteis, então você se sente excluído porque você não faz parte daquela, você não tem conhecimento sobre aquele, que não é do teu interesse, isso eu já me senti, muitas vezes. Porque aí a, você está, tem uma turminha discutindo sobre a novela, ou Big Brother, não sei o que, tu está ali né, conversando sobre o que, não, vou ficar quieta, que eu não estou nesse ambiente, então é claro, isso ali, eu considero uma exclusão positiva, mas da mesma forma eu também estou sendo excluída porque eu não faço parte do, daquele contexto.

3) Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Eu vejo que a função social da biblioteca pública é tentar trazer o público na qual ela está inserida pro ambiente da biblioteca e

dessa forma também levar a biblioteca até eles. Então, no caso, criar alternativas, que assim, eu vejo esse trabalho do [instituição] como citei anteriormente, eu vejo uma forma de, da biblioteca estar indo até um determinado público que não tem acesso à informação, à biblioteca, ou mesmo à leitura, estar indo até lá instigando esse desejo, essa, esse hábito naquelas pessoas. Não só no sentido de, de dar um passatempo pra eles, ou uma formação leitora, enquanto eles estão ali presos, privados de liberdade, mas tanto quanto pensando no futuro, depois que eles saírem dali. Então a biblioteca ela tem essa função de estar levando conhecimento para que a pessoa por si só, crie seus, crie e evolua e vá atrás do que realmente quer, ou de, faça uma faculdade ou arrume ou emprego ou, eu vejo por essa, que assim, a biblioteca se ela ficar aqui e não fizer nenhuma ação não tem finalidade nenhuma, vai ser um depósito de livros. A partir do momento que tu movimenta isso, que tu leva lá pra fora, que tu chama, ou faz, faz outras atividades, tu tá tentando agregar o público ao, tu tá trazendo o público até ela e dessa forma cumprindo o papel dela socialmente.

4) Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Eu vou falar da realidade de alguns municípios próximos que a gente conhece, eu vejo que a biblioteca é apagada, que o, que não, aí vem uma série de fatores, não tem um orçamento próprio, não tem um destinado né. Não tem, não tem uma política de desenvolvimento de coleção, então isso é uma coisa que, que vai estar afetando e eu vejo que esses dessas regiões mais próximas não, não fazem atividades, que às vezes tu nem tem conhecimento que tal lugar tem uma biblioteca, que tem um bibliotecário ou alguém que eles colocam lá pra... Então isso eu acho isso bem, um problema porque, eu vou dar um exemplo, aqui da Fundação sempre todas as compras de livros que eu pedi foram sempre atendidas, então, todas elas foram sempre atendidas. Eu procuro, eu fiz uma política de desenvolvimento de acervo que me dá respaldo pra tanto eu comprar novos livros, quanto pra fazer debate, tudo. Então tem aquela visão de que a biblioteca é um organismo em, um organismo vivo, então tu tem que movimentar, se tu não movimentar ela morre. E eu vejo que esse, tipo [cidade vizinha à cidade em que atua na biblioteca pública], é a cidade onde eu moro, trabalho aqui e moro em

[cidade em questão], mas em [cidade em questão] a biblioteca pública é algo que assim ó, acho que a metade da população, sei lá, noventa por cento da população não sabe que ela existe e que presta esse serviço. Em termos de [cidade onde atua na biblioteca pública] a gente está muito bem, a gente tem anualmente a feira do livro, que, geralmente na segunda semana de setembro e durante essa feira são oferecidas algumas oficinas de formação tanto pra jovens quanto pra alunos, quanto pra professores, são vários palcos literários, são, tem também vários stands com livros, então, isso movimenta toda região, na verdade movimenta os [número] municípios do [região do Estado de Santa Catarina]. Então tem uma repercussão até mesmo em nível de Estado.

5) Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Uma boa prática ética? Eu acho que é fazer, na verdade, se tu fizer o, a função que tu, do qual o bibliotecário, que diz que o bibliotecário tem que fazer isso, isso, isso, se tu cumprir isso, você está agindo de acordo com o que tem que ser e de forma ética. Eu não sei se vale, mas tem um problema que eu acho que todas as bibliotecas têm que é a questão de doações, porque a, é comum a gente receber doações mas essas doações não, é muito, são raras as que tu pode incorporar ao acervo, isso é, isso eu vejo como um problema. Eu acho que a postura do bibliotecário, como eu te falei, uma das primeiras coisas que eu fiz foi fazer uma política de desenvolvimento de acervo, onde está especificado que tipo de material que a gente aceita para doação. Então quando vem alguém com material que eu sei, que eu vejo que não é adequado pro acervo eu vou explicar pra ele, o motivo de eu não estar pegando essa doação e que tipo de material que eu pego. No final do ano eles fazem faxina, gente eles fazem faxina, eles fazem aquelas coisas que tu diz assim “meu Deus”, tu não vai usar nem, sei lá, são materiais que, livro rasgado, sujo, livro com traça, ou então, livros que não tem relevância pro acervo, material que já foi, tipo, livros, livros didáticos, cheios de, o livro didático na verdade ele é consumível né, e esse tipo assim, eu vejo um dos problemas da biblioteca que exigiria uma boa prática ética.

6) Como define exclusão social?

Se alguém vem até a biblioteca atrás de uma informação e eu não dou informação pra essa pessoa, eu já estou excluindo ela de alguma forma, se ela, e assim, por ser uma biblioteca pública, ela tem que, tem que estar, tem que tentar abranger todos os ramos da sociedade. Se a gente faz um trabalho junto ao [instituição], que é um centro provisório de detenção de adolescentes, onde a gente leva uns livros pra eles fazerem as leituras junto com as pedagogas e, pra tentar incluir esse, eles nesse ambiente da leitura e no hábito da leitura. Então se a biblioteca não fizesse esse trabalho estaria contribuindo pra exclusão dessas pessoas, do mundo da informação, do conhecimento, da leitura, do imaginário, criatividade.

7) Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

É que assim, não eu, nessa realidade que eu, não vejo, não, assim de, não consigo visualizar sabe...

8) Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Não, na verdade eu achei interessante que nesses [quantidade] anos que eu estou aqui é a primeira pessoa que eu vejo assim, da área, que está preocupada em fazer um estudo pra ver qual é o, a situação das bibliotecas públicas no Estado.

APÊNDICE H – PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DSC FINAL

Recorde se em algum momento de sua vida presenciou ou vivenciou situações que considera de exclusão social e fale quais foram e em quais ambientes aconteceram

Ideias Centrais	Expressões chave
<p>APARÊNCIA - VESTIMENTA FALTA DE ESTUDO PADRINHO POLÍTICO DISCRIMINAÇÃO - INSTITUIÇÕES DE ENSINO - POBREZA POBREZA – RELAÇÃO COM PROFISSÃO APARÊNCIA - ETNIA APARÊNCIA – CARACTERÍSTICAS FÍSICAS PROCEDÊNCIA, NÃO ESTÁ NO CENTRO, INTERIOR LINGUAGEM, SOTAQUE</p>	<p>[...] se tu chega [...] com uma vestimenta [...] você tem um atendimento. [...], [...] sem estudo, [...] [...] presenciei essas pessoas [...] serem atendidas [...] de braço com [...] um político, [...]. [...] Nas escolas, as crianças [...] que [...] não vão bem arrumadinha, um calçado, não tem o material da mídia, [...]... É o preto, [...], é o de longe, a linguagem, o porte físico, [...] gordo, [...] orelhudo. [...] o meu padraсто ele cortava pedra então era uma renda miserável e [...] na escola eu [...] ia de Havaiana, morava no cantão, [...] a gente já ia assim mais inferior e eles chamavam muito de [...] “a [nome da entrevistada] Pedreira” [...]. E as meninas elas tinham pasta, [...], eu ia com saquinho de arroz, os lápis era assim aqueles toquinhos, os cadernos encapados com papelzinho de pão...</p>
--	Não lembro...
<p>APARÊNCIA – MOTIVO NÃO FALADO DISCRIMINAÇÃO - INSTITUIÇÕES DE ENSINO – MOTIVO NÃO FALADO</p>	<p>[...] na loja e ninguém te atende, [...], um menininho [...] ele passou umas três escolas [...] até ajeitar [...]</p>

<p>EXCLUSÃO DE GRUPOS – RELAÇÃO COM CLASSE SOCIAL PROCEDÊNCIA, NÃO ESTÁ NO CENTRO, INTERIOR LINGUAGEM, SOTAQUE DISCRIMINAÇÃO - TRABALHO - SOTAQUE</p>	<p>[...] eu não me enturmava porque o pessoal era de outra classe, [...] do interior, com sotaque muito carregado, [...]. Tu vai dar o emprego [...] pra uma menina [...] falando “[termos que caracterizam o sotaque em questão]”, [...]</p>
<p>ANDARILHO XENOFOBIA</p>	<p>[...] andarilho [...] a funcionária [...] excluía essas pessoas, [...] porque às vezes eles não tomam banho [...] estão descalços, [...] não estão com uma roupa tão limpa, [...]. [...] eu [...] passo por uma pessoa latina, [...] na imigração, [...], [...] eu sempre demoro mais pra entrar. [...]</p>
<p>EXCLUSÃO DE GRUPO – QUESTÕES PROFISSIONAIS</p>	<p>[...] o pessoal me deixou de lado [...] porque eu era profissional já e elas não eram. [...].</p>
<p>-- MORADORES DE RUA DISCRIMINAÇÃO - INSTITUIÇÕES DE ENSINO – NECESSIDADES ESPECIAIS</p>	<p>[...] eu não lembro [...] [...] muito tocada pela situação das pessoas nas ruas [...] [...] na minha sala [...] dois alunos que tinham necessidades especiais, [...] chacota, dificuldade de aprendizagem... [...]</p>
<p>DISCRIMINAÇÃO - INSTITUIÇÕES DE ENSINO – VESTIMENTA DISCRIMINAÇÃO - INSTITUIÇÕES DE ENSINO – INTERIOR POBREZA APARÊNCIA - VESTIMENTA</p>	<p>[...] [...] nós éramos [...] mais simples [...] era um colégio elitizado, [...] discriminavam [...] [...] pelo jeito da gente se vestir, [...] do interior [...], [...] discriminam porque é pobre, [...] porque está mal vestida, [...]</p>

<p>APARÊNCIA - VESTIMENTA MORADORES DE RUA</p>	<p>[...] todo mundo ficou olhando, [...] eu estava mal vestida no shopping [...].eu já vi[...] onde eu trabalho [...] tem muito morador de rua, [...].</p>
<p>DISCRIMINAÇÃO - INSTITUIÇÕES DE ENSINO DISCRIMINAÇÃO - TRABALHO NÃO APROPRIAÇÃO DOS DIREITOS</p>	<p>[...] cursinho, [...] ali tu se sente um peixe fora d'água, [...]. A [...] Universidade pública, quando eu entrei [...] em 99 [...] era muito elitizada,[...]. [...] a mulher que trabalha comigo é a faxineira, [...] posso [...] sair, [...] ela vai [...] dar continuidade às coisas e em vários momentos ela não podia participar das reuniões [...]. [...] a exclusão [...] mais forte é que a gente ainda não tem no nosso país direitos iguais pra todos, [...] o povo acha que quando você realiza um evento isso não é pra ele, [...] comunidade tem medo, [...] se afasta e ela não tem o hábito. [...].</p>
<p>DISCRIMINAÇÃO - INSTITUIÇÕES DE ENSINO - POBREZA</p>	<p>[...] muito pobre [...] eu não tinha o livro de português [...] o diretor da escola [...] ele disse “[...] você não pode assistir a aula [...]”.</p>
<p>EXCLUSÃO DE GRUPO</p>	<p>[...] aqui no [...] ambiente de trabalho a gente percebe [...]coleguinhas de turma [...] tentam excluir [...]. [...] de ônibus também me passou uma situação [...]uma senhora [...] que [...] tinha problemas [...] coisas [...] da exclusão .</p>
<p>--</p>	<p>[...] eu, comigo, de exclusão não, e de alguém [...] com certeza deve ter acontecido só que não está vindo nada assim na cabeça. [...]</p>

<p>SENSAÇÃO INFERIORIDADE – QUESTÕES ECONÔMICAS - TRABALHO SENSAÇÃO INFERIORIDADE - QUESTÕES ECONOMICAS – CONVIVÊNCIA SOCIAL APARÊNCIA - ETNIA PROCEDÊNCIA, QUE NÃO ESTÁ NO CENTRO, INTERIOR SENSAÇÃO INFERIORIDADE - RELAÇÃO COM PROFISSÕES, OCUPAÇÕES</p>	<p>[...] numa joalheria [...].[...] eu adorava trabalhar lá mas eu não me sentia bem, [...] muita gente com muito dinheiro, [...]me sentia menos. [...]. [...] fazia handebol [...] eu treinava com o pessoal do [nome de escolar particular] [...] havia um olhar diferente, [...]. [...] preconceito [...] da cor, da localização, de onde veio, [...]. Algumas coisas políticas [...] essa coisa de discriminação total e de problema social [...]. [...] pequena eu tinha um pouco de vergonha [...], [...] a minha mãe era servente do hospital, não era enfermeira, [...] nutricionista, [...] médica [...].</p>
<p>-- APARÊNCIA - VESTIMENTA</p>	<p>Não me lembro de nenhuma situação [...] pessoalmente, [...]...[...] eu assisti [...] um vídeo de uma menina e ela estava sentada [...] um rapaz mal vestido e pediu [...] um trocado pra ela, [...] pra ele pegar o ônibus e ela levantou-se [...] mal respondeu o menino[...] um menino muito bem vestido, [...] pediu o dinheiro [...] na hora ela deu pra ele.</p>
<p>EXCLUSÃO DE GRUPO</p>	<p>[...] é comum tu te sentir excluído quando tu tem um certo nível de conversa e [...] as pessoas [...] conversam sobre coisas fúteis [...].</p>

DSC da pergunta para o DSC final

Não me lembro de nenhuma situação [...], mas também recordo que [...] o meu padrasto ele cortava pedra então era uma renda miserável [...] eles chamavam muito de [...] “a [nome da entrevistada] Pedreira”. [...] Pequena eu tinha um pouco de vergonha [...], [...] a minha mãe era servente do hospital, não era enfermeira, [...] nutricionista, [...] médica [...]. [...] Numa joalheria [...] eu adorava trabalhar lá mas eu não me sentia bem, [...] muita gente com muito dinheiro, [...] me sentia menos. [...], [...] fazia handebol [...] eu treinava com o pessoal do [nome de escolar particular], [...] havia um olhar diferente [...]. Nas escolas [...], muitos casos ocorrem, [...] a gente já ia assim mais inferior [...] muito pobre [...] eu não tinha o livro de português [...] o diretor da escola [...] ele disse “[...] você não pode assistir a aula [...]”, [...] um menininho [...] ele passou umas três escolas [...] até ajeitar [...], [...] na minha sala [...] dois alunos que tinham necessidades especiais, [...] chacota, dificuldade de aprendizagem... [...]. No [...] cursinho, [...] ali tu se sente um peixe fora d’água, [...], a [...] Universidade pública, quando eu entrei [...] em 99 [...] era muito elitizada[...]. [...] Nós éramos [...] mais simples [...] era um colégio elitizado,[...] discriminavam [...] pelo jeito da gente se vestir, [...] por ser do interior [...]. [...] A linguagem [...] com sotaque muito carregado [...], [...] tu vai dar o emprego [...] pra uma menina [...] falando “[termos que caracterizam o sotaque em questão]” [...]. [...] A mulher que trabalha comigo é a faxineira, [...] posso [...] sair, [...] ela vai [...] dar continuidade às coisas e em vários momentos ela não podia participar das reuniões.

Lembro que [...] todo mundo ficou olhando [...] eu estava mal vestida [...] no shopping [...], [...] na loja e ninguém te atende, [...] preconceito [...] da cor, [...] o porte físico, [...] gordo, [...] orelhudo. [...], [...] sem estudo [...], [...] presenciei essas pessoas [...] serem atendidas [...] de braço com [...] um político [...]. [...] Eu [...] passo por uma pessoa latina, [...] na imigração, [...], [...] eu sempre demoro mais pra entrar. [...]. Um [...] morador de rua, [...], [...] andarilho [...] a funcionária [...] excluía essas pessoas, [...] porque às vezes eles não tomam banho [...] estão descalços, [...] não estão com uma roupa tão limpa [...]. Lembro que [...] o pessoal me deixou de lado [...] porque eu era profissional já e elas não

eram. [...] e também, [...] aqui no [...] ambiente de trabalho a gente percebe [...] coleguinhas de turma [...] tentam excluir [...], [...] ônibus também me passou uma situação [...] com uma senhora [...] e [...] é comum tu te sentir excluído quando tu tem um certo nível de conversa e [...] as pessoas [...] conversam sobre coisas fúteis [...]. Entretanto, [...] a exclusão [...] mais forte é que a gente ainda não tem no nosso país direitos iguais pra todos, [...] o povo acha que quando você realiza um evento isso não é pra ele, [...] comunidade tem medo, [...] se afasta e ela não tem o hábito. [...].

Fale o que pensa sobre a função social da biblioteca pública

Ideias Centrais	Expressões chave
<p>TRANSFORMAÇÃO PESSOAL EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO INTELCTUAL ESPAÇO ACERVO INTERNET, COMPUTADORES FUNÇÃO POUCO CONVENCIONAL SEGURANÇA, PROTEÇÃO LEITURA AMBIENTE DE ACOLHIDA</p>	<p>[...] transformação que a gente vê nas pessoas [...] crescimento intelectual, além do espaço, muitos não podem fazer aquisição de livros, [...] a Internet [...] muitos só conseguem aqui... [...] aí elas vão no banheiro, elas usam o espelho pra se maquiar, tomam aguinha, [...]. [...] Quando eles estão aqui [...] eu sinto [...] que eles estão protegidos. [...]. [...] promovendo a leitura, [...] espaço público [...] acolhedor [...]</p>
<p>LEITURA ACESSO À INFORMAÇÃO CONQUISTAR O USUÁRIO EDUCAÇÃO, ESTUDO</p>	<p>[...] é tornar consciente, a importância e o hábito pela leitura, pela informação. [...] cativar [...] trazer para dentro da biblioteca [...] um espaço onde que incentiva [...] a prática do estudo [...].</p>
<p>ACESSO - INCLUSÃO SERVIÇO PARA TODOS QUALIDADE DE VIDA</p>	<p>Dar [...] condições de acesso para que ele se sinta incluído [...] o trabalho da biblioteca e é pra todos, [...] propiciar essa melhoria na vida dessas pessoas, [...] melhorar a pessoa. [...] desse aspecto de alma, [...] o espírito, [...], [...] bem estar [...] tocar essas pessoas [...].</p>

<p>ACESSO À INFORMAÇÃO ACESSO À INFORMAÇÃO - MENOS FAVORECIDOS ACESSO À INFORMAÇÃO - EDUCAÇÃO, ESCLARECIMENTO</p>	<p>Eu acho que ela é um sistema de alerta de informação [...] quando as pessoas estão perdidas vêm aqui e quando [...] não tem condições vêm aqui e resolvem sua situação [...] uma porta aberta para o esclarecimento. [...]</p>
<p>ACESSO À INFORMAÇÃO</p>	<p>Colocar à disposição informação [...], [...] acesso à informação.</p>
<p>ACESSO À INFORMAÇÃO PRÁTICA DE CIDADANIA ESPAÇO PÚBLICO FUNÇÃO POUCO CONVENCIONAL</p>	<p>[...] eu acho que essa função social é informar [...]. qualquer coisa para qualquer pessoa, é um centro mesmo de fluxo de informação. [...] é um local de prática de cidadania [...] esse espaço de vivência, é público, [...] só quer entrar e dar uma olhada, [...], [...] usar o banheiro, [...] olhar as estantes [...] pode ser até para reclamar [...]</p>
<p>SERVIÇO PARA TODOS PESQUISA</p>	<p>[...] biblioteca pública, ela é aberta, independente de raça, independente de [...] tudo [...] A gente trabalha desde a criança até o idoso [...] ajudar nas pesquisas [...]</p>
<p>ACERVO BIBLIOTECA COM USUÁRIOS AMBIENTE DE ACOLHIDA LEITURA – CONTAÇÃO DE</p>	<p>[...] um acervo que seja dinâmico, que as pessoas frequentem, que seja um ambiente agradável, [...] com prazer, [...] alegria. [...] trabalhar com as crianças, a contação de história, porque assim você desperta o hábito da leitura com os pequeninhos. [...], [...] um</p>

<p>HISTÓRIA – CRIANÇAS EMPRÉSTIMO EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO</p>	<p>ambiente acolhedor que tenha função de retirada, de pesquisa, de aprofundamento do conhecimento.</p>
<p>ESPAÇO PÚBLICO LEITURA – ACESSO SEM RESTRIÇÕES ACERVO - LITERATURA INTERNET, COMPUTADORES AUXÍLIO – CONCURSO FUNÇÃO POUCO CONVENCIONAL SERVIÇO PARA TODOS</p>	<p>[...] um espaço onde a pessoa pode vir e ela ter acesso às leituras, [...] onde ela não têm restrições [...] tem a literatura, [...] tem o computador, tem Internet, [...] a gente auxilia, inscrição de concurso [...] fugir um pouquinho da realidade[...]. [...] ter esse acesso sem nenhuma barreira de valores [...].</p>
<p>ACESSO À INFORMAÇÃO PRÁTICA DE CIDADANIA</p>	<p>Informação [...] Contribuir pra que as pessoas cada vez saibam mais seus direitos, [...] inseridas no contexto social, [...] desde pequenos, [...] consciência de seu papel na sociedade [...]. [...] mas a principal função é [...] trabalhar com as crianças para eles entenderem qual é o seu papel no contexto social.</p>
<p>ACESSO À INFORMAÇÃO – SEM DISTINÇÃO</p>	<p>[...] levar informação para todas as pessoas independente de qualquer característica que ela tenha.</p>
<p>ADJETIVOS ACESSO À INFORMAÇÃO – ACESSO AO LIVRO</p>	<p>[...] ela é tudo [...] a função social da biblioteca é única [...] um papel fundamental, não apenas de disponibilizar o livro, mas de disponibilizar informação [...] um</p>

AUXÍLIO – CONCURSO	concurso, ou, qualquer coisa que parece muito fútil, mas que pra pessoa [...] é fundamental [...]
PROMOÇÃO DA CULTURA LOCAL ATIVIDADES CULTURAIS AMBIENTE DE ACOLHIDA	[...] deveria propiciar no aspecto social a cultura da cidade, [...] conhecer nossa [...] história, prover cursos interessantes... [...] outras atividades sociais como a pintura, um bordado, uma contação, um bom filme de época, uma exposição, [...], uma atividade recreativa, um café literário, [...] um lugar gostoso pra descansar, pra saborear, pra trocar ideias, pra estudar em grupo [...]
INTERAÇÃO COM USUÁRIO ACESSO À INFORMAÇÃO	[...] é essa interação [...] com os próprios leitores, a própria comunidade, [...] eles ligam pra gente pedindo informações [...]
LEITURA – CIDADANIA ATIVIDADES CULTURAIS INTERAÇÃO COM USUÁRIO	[...], a função primordial que eu vejo é formar cidadãos através da leitura [...] outros eventos na biblioteca, [...] [...] trazer as pessoas pra dentro da biblioteca quanto a biblioteca ir ao encontro das pessoas. [...] promover a cultura em geral.
SERVIÇO PARA TODOS AUXÍLIO - EMPREGO INTERAÇÃO COM USUÁRIO AMBIENTE DE ACOLHIDA	função social importantíssima, [...] atividades [...] que puxem as pessoas mais pobres, as pessoas em vulnerabilidade, as pessoas com problemas sociais. [...] trabalhar com lista de empregos, com currículos, [...] trazer a pessoa que precisa e [...] não é só o pobre [...] o que tem alguma conversa,

<p>FUNÇÃO POUCO CONVENCIONAL INTERNET, COMPUTADORES ADJETIVOS</p>	<p>[...] [...]calor humano [...]. [...] tem que correr os bairros, [...] não [...] ficar imóvel, [...] ir pra periferia, se ela está no centro da cidade. [...] abrigar as pessoas, trazer as pessoas pra biblioteca independente de ela estar em vulnerabilidade, ou ela estar sem dinheiro, [...] uma cesta de frutas [...]. [...] é pra todo mundo. [...] a biblioteca pública é essencial, ela é referência dentro de uma cidade, [...] referência boa, [...] ali tu pode contar com as pessoas, não só com informação [...] um afago, às vezes uma banana, às vezes uma água, [...] um computador, [...] internet, [...] uma função social muito ampla, [...]a gente pode tudo e muito mais, [...]</p>
<p>ACESSO À INFORMAÇÃO – ESTUDANTE PESQUISA LEITURA – FORMAÇÃO DE LEITORES INTERAÇÃO COM USUÁRIO</p>	<p>[...] acesso à informação para os estudantes, pra pesquisa [...] formação dos leitores [...] desde as criancinhas até os mais velhos [...] encontrem o que eles queiram, [...], fazer essa [...] ponte [...]</p>
<p>CONQUISTAR O USUÁRIO INTERAÇÃO COM USUÁRIO EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO PESSOAL</p>	<p>[...] é tentar trazer o público na qual ela está inserida [...] levar a biblioteca até eles. [...] instigando esse desejo, [...] esse hábito [...] estar levando conhecimento para que a pessoa por si só, [...] crie e evolua e vá atrás do que realmente quer[...]</p>

DSC da pergunta para o DSC final

É uma função social muito ampla [...] a gente pode tudo e muito mais [...], [...] a função social da biblioteca é única [...] importantíssima [...], [...] é aberta, independente de raça, independente de [...] tudo [...], [...] é pra todos. A gente trabalha desde a criança até o idoso [...], [...] com atividades [...] que propiciem o [...] acesso sem nenhuma barreira de valores [...] e [...] puxem as pessoas mais pobres, as pessoas em vulnerabilidade, as pessoas com problemas sociais. [...] Um espaço onde a pessoa pode vir [...], [...] espaço de vivência, [...] público [...]. [...] Muitos não podem fazer aquisição de livros [...], ela tem função de retirada, [...] pode ajudar nas pesquisas [...], [...] tem o computador [...], [...] a Internet [...] muitos só conseguem aqui. [...] Um espaço que incentiva [...] a prática do estudo [...], [...] crescimento intelectual [...], [...] conhecimento para que a pessoa por si só, [...] crie e evolua e vá atrás do que realmente quer [...]. [...] A gente auxilia, inscrição de concurso [...], [...] com lista de empregos, com currículos [...], e [...] outras atividades sociais como a pintura, um bordado, uma contação, um bom filme de época, uma exposição, [...], uma atividade recreativa, um café literário [...], [...] uma cesta de frutas [...], [...] ou só quer entrar e dar uma olhada, [...], [...] usar o banheiro, [...] olhar as estantes [...] pode ser até para reclamar [...], [...] pra se maquiar, tomam aguinha [...], [...] qualquer coisa que parece muito fútil, mas que pra pessoa [...] é fundamental [...]. [...] Um papel fundamental, não apenas de disponibilizar o livro, mas de disponibilizar informação [...], [...] é um sistema de alerta de informação [...], [...] acho que essa função social é informar [...] qualquer coisa para qualquer pessoa [...], [...] quando as pessoas estão perdidas vêm aqui e quando [...] não tem condições vêm aqui e resolvem sua situação [...]. [...] A função primordial que eu vejo é formar cidadãos através da leitura [...], [...] ter acesso às leituras, [...] onde ela não têm restrições [...], [...] desde as criancinhas até os mais velhos [...], [...] trabalhar [...] contação de história, porque assim você desperta o hábito da leitura com os pequeninhos [...]. [...] Quando eles estão aqui [...] eu sinto [...] que eles estão protegidos. [...] Nesse sentido, [...] abrigar as pessoas, trazer as pessoas [...] independente de ela estar em vulnerabilidade, ou ela estar sem dinheiro [...], promover [...] um lugar gostoso pra descansar, pra saborear, pra trocar ideias, pra estudar em grupo [...], [...] que seja

um ambiente agradável, [...] com prazer, [...] alegria [...], [...] calor humano [...], [...] acolhedor [...], [...] de transformação [...], [...] propiciar essa melhoria na vida dessas pessoas, [...] melhorar a pessoa desse aspecto de alma, [...] o espírito, [...], [...] bem estar [...] tocar essas pessoas [...]. [...] Dar [...] condições de acesso para que ele se sinta incluído [...] tentar trazer o público na qual ela está inserida [...] levar a biblioteca até eles. [...], [...] cativar [...] trazer para dentro da biblioteca [...], [...] instigando esse desejo, [...] esse hábito [...] para que [...], [...] encontrem o que eles queiram, [...] fazer essa [...] ponte [...]. [...] É um local de prática de cidadania [...], [...] deveria propiciar no aspecto social a cultura da cidade, [...] conhecer nossa [...] história, prover cursos interessantes [...], [...] promover a cultura em geral.

Fale o que pensa sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa Catarina

Ideias Centrais	Expressões chave
POUCA INFORMAÇÃO – POUCO CONVÍVIO BOA REFERÊNCIA	Eu não tenho muita informação [...] Os poucos que eu conheci, [...] eles fazem um trabalho bem bacana [...]
--	Não houve resposta objetiva à pergunta .
-- POUCA INFORMAÇÃO – POUCO CONVÍVIO BOA REFERÊNCIA DIVULGAM SUAS ATIVIDADES, COMPARTILHAM MOTIVAM	[...] Eu não conheço muitos [...] posso falar desse grupo que eu conheço, [...] estão fazendo um trabalho [...] muito bom e ajuda [...] porque com a toda essa tecnologia, eu entro lá e vejo o Facebook eu sei que [...] tá fazendo isso [...] ta fazendo aquilo[...] E [...], [...] faz com que eu me anime [...] eu me motive [...].

--	Não tenho contato, infelizmente
--	[...] não tenho contato. [...]
POUCA INFORMAÇÃO – POUCO CONVÍVIO PESSOAS OPRIMIDAS PESSOAS SEM AUTONOMIA, PASSIVAS ATUAÇÃO POLÍTICA FORMAÇÃO PROFISSIONAL IDENTIDADE PROFISSIONAL	Vou falar das poucas vivências que eu tenho [...]. [...] São pessoas oprimidas, [...] acho que por [...] não serem os líderes, [...] acabam sendo impossibilitadas [...] desanimados, desmotivados a exercer um papel mais ativo dentro da biblioteca por não serem os tomadores de decisão, ou por estarem debaixo de um orçamento que não existe, de uma briga política que acaba prejudicando o ambiente de trabalho, [...] as pessoas que eu vi que não são assim, têm um envolvimento político maior. [...] acho que ele ganha espaço sem fortalecer o seu lado profissional, [...] ele não ganha espaço porque o bibliotecário é importante para aquela cidade, [...] talvez [...] possa ter a ver com a própria formação profissional, então, a formação da Universidade, [...] Pós-Graduação, [...] o meio educacional, de que forma ele forma [...] a identidade, acho que falta identidade profissional, entender pra que eu vim, pra onde eu vim, [...] acho que peca na formação e na hora da atuação fica meio confusa [...]
BOA REFERÊNCIA UNIDOS OU NÃO DIVULGAM SUAS ATIVIDADES, COMPARTILHAM AGRUPAMENTO COLETIVO	[...] eu acho que os nossos bibliotecários [...] são ótimos, o pessoal é muito interessado, [...] os nossos catarinenses são unidos. [...] os nossos catarinenses [...] eles compartilham. [...] não tem um sindicato ainda, mas tem uma

<p>DIVULGAM SUAS ATIVIDADES , COMPARTILHAM BOA REFERÊNCIA</p> <p>PRONTIDÃO GERAÇÕES DIFERENTES POUCA INFORMAÇÃO - POUCO CONVÍVIO</p> <p>UNIDOS OU NÃO ADAPTAÇÃO AO AMBIENTE, PÚBLICO BOA REFERÊNCIA ESFORÇO</p> <p>POUCA INFORMAÇÃO – POUCO CONVÍVIO PREOCUPADO COM REGRAS - DETRIMENTO DO USUÁRIO</p>	<p>Associação muito atuante, [...] tem o Sindicato Nacional [...]</p>
	<p>Os bibliotecários me mandam e-mail sempre, [...] a nível de Florianópolis eles têm [...] bastante importância, na classe e também no papel de profissional, eu vejo com bons olhos o trabalho deles.</p>
	<p>[...] entrei em contato com a [nome de bibliotecária] e eles super me atenderam, super se botaram à disposição [...] muita gente com uma mentalidade muito antiga ainda trabalhando e muita gente vindo com uma mentalidade nova e querendo mudança, [...] não saberia dar um panorama [...]porque [...] tenho pouquíssimo convívio com bibliotecário [...]</p>
	<p>[...] Na Região [região do Estado de Santa Catarina] os bibliotecários, apesar de poucos mas eles são mais integrados, eles estão sempre se reunindo [...], [...] tentam se adaptar ao ambiente, ao público [...] eu acho que é boa, de muito esforço.</p>
	<p>Eu tenho pouco contato [...] percebo [...] aquela preocupação [...] com regras, [...], [...] eu acho que o bibliotecário às vezes fica muito preso nisso [...] o prazo muito certinho [...] acaba afastando o usuário.</p>

<p>MOTIVAM POUCA INFORMAÇÃO – POUCO CONVÍVIO POUCA INICIATIVA PROFISSIONAL HUMANISTA FORMAÇÃO PROFISSIONAL POUCOS ATUANDO EM BP RIVALIDADE COM PESSOAS DE OUTRAS ÁREAS QUE ATUAM EM BP</p>	<p>[...] acredito que eu vi bons trabalhos em bibliotecas públicas, talvez isso me motivou a fazer um bom trabalho também. [...] eu não conheço muitas de biblioteca pública, [...] Então eu ainda não vejo tantas iniciativas que realmente façam as pessoas mudarem o conceito que elas têm da biblioteca. [...] eu vejo bibliotecas públicas bem sucedidas que têm profissionais humanistas na sua frente, eu não vejo bibliotecas públicas bem sucedidas assim, [...] ela pode ter atividades, ela pode ter tudo, mas aí talvez estão outras pessoas à frente realizando essas atividades, não o bibliotecário. [...] Ainda de bibliotecas públicas de Santa Catarina, [...] não conheço muitos bibliotecários que atuam nesses espaços, então às vezes a gente pode estar cometendo um equivoco também, mas da vivência que eu tive que são poucos. [...] eu vejo que precisa ter um foco diferente na própria formação [...] são poucas bibliotecas públicas em Santa Catarina que têm bibliotecários, [...] conduzindo. [...] têm ótimos profissionais que não são bibliotecários e que desempenham um trabalho lindíssimo dentro da biblioteca. [...] sempre vi dentro do curso muita rivalidade e eu penso que a gente precisa quebrar essa rivalidade pra aproximar essas pessoas porque a gente também pode aprender com elas [...]</p>
<p>--</p>	<p>Não foi possível localizar a resposta na pergunta</p>

<p>UNIDOS OU NÃO SISTEMA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SC</p>	<p>[...] nós somos muito desunidos, cada um por si, cada um no seu município, cada um na sua parte, anos atrás nós tínhamos até uma [...] união maior, através do Sistema da Udesc, reforçava [...] os encontros das bibliotecas públicas, dos profissionais das bibliotecas. [...] nós tínhamos essa coesão, [...] nós não temos mais esse apoio do sistema [...]</p>
<p>--</p>	<p>[...] eu não conheço outras pessoas, não tenho contato.</p>
<p>NÃO CONHECE TODOS – VISÃO GERAL PESSOAS SEM AUTONOMIA, PASSIVAS PESSOAS SEM BOA VONTADE SEM PERFIL</p>	<p>[...] eu tenho uma visão geral, não conheço todos os bibliotecários que trabalham [...] alguns conseguem se impor [...] mas são poucos. [...] são muito bons, só [...] acho que alguns bibliotecários ainda esperam muito o poder público dizer o que eles podem fazer, [...] acho que está faltando [...] boa vontade. Eu penso que alguns talvez nem deveriam estar ali, que para a biblioteca pública também precisa ter perfil.</p>
<p>--</p>	<p>Não tenho contato [...]</p>
<p>PESSOAS SEM AUTONOMIA, PASSIVAS PESSOAS APAGADAS</p>	<p>Eu vou falar da realidade de alguns municípios próximos [...] [...] não tem um orçamento próprio, [...] não tem uma política de desenvolvimento de coleção, [...] não fazem atividades, [...] às vezes tu nem tem conhecimento que tal lugar tem uma biblioteca, que tem um bibliotecário ou alguém que eles colocam lá [...]</p>

Sobre a atuação do bibliotecário de biblioteca pública em Santa

Catarina, [...] não tenho contato [...], [...] eu não conheço muitos [...], [...] vou falar das poucas vivências que eu tenho [...] eles fazem um trabalho bem bacana [...], [...] são ótimos, o pessoal é muito interessado [...], [...] a nível de Florianópolis eles têm [...] bastante importância, na classe e também no papel de profissional, eu vejo com bons olhos [...] tentam se adaptar ao ambiente, ao público [...], [...] muito esforço [...], não tem um sindicato ainda, mas tem uma Associação muito atuante, [...] tem o Sindicato Nacional [...], [...] são unidos [...], [...] na Região [região do Estado de Santa Catarina] os bibliotecários, apesar de poucos [...] são mais integrados, eles estão sempre se reunindo [...], mas também podem ser desunidos, cada um por si, cada um no seu município [...], [...] **através do Sistema da Udesc, reforçava [...] os encontros das bibliotecas públicas, dos profissionais das bibliotecas. [...] nós tínhamos essa coesão, [...] nós não temos mais esse apoio do sistema [...]. [...] Entrei em contato com a [nome de bibliotecária] e eles [...] se botaram à disposição [...], [...] eles compartilham. [...], [...] me mandam e-mail sempre [...], [...] faz com que eu me anime [...] eu me motive [...].**

Acredito que tem [...] muita gente com uma mentalidade muito antiga ainda trabalhando e muita gente vindo com uma mentalidade nova e querendo mudança [...], [...] percebo [...] aquela preocupação [...] com regras, [...], [...] eu acho que o bibliotecário às vezes fica muito preso nisso [...] o prazo muito certinho [...] acaba afastando o usuário. [...] São pessoas oprimidas [...], [...] acho que por [...] não serem os líderes, [...] acabam sendo impossibilitadas [...] desanimados, desmotivados a exercer um papel mais ativo dentro da biblioteca por não serem os tomadores de decisão, ou por estarem debaixo de um orçamento que não existe, de uma briga política que acaba prejudicando o ambiente de trabalho, [...], [...] alguns conseguem se impor [...] mas são poucos [...], [...] ainda esperam muito o poder público dizer o que eles podem fazer [...], [...] não tem um orçamento próprio, [...] não tem uma política de desenvolvimento de coleção, [...] não fazem atividades, [...] às vezes tu nem tem conhecimento que tal lugar tem uma biblioteca, que tem um bibliotecário ou alguém que eles colocam lá [...], [...] então , eu ainda não vejo tantas iniciativas que realmente façam as pessoas mudarem o conceito que elas têm da biblioteca. [...] As pessoas que eu vi que não são assim, têm um envolvimento político maior. [...] acho que ele ganha espaço sem fortalecer o seu lado profissional, [...] ele não ganha espaço porque o bibliotecário é importante para aquela cidade [...], [...] acho que falta

identidade profissional, entender pra que eu vim, pra onde eu vim, [...] acho que peca na formação e na hora da atuação fica meio confusa [...], [...] precisa ter um foco diferente na própria formação [...]. [...] Eu vejo bibliotecas públicas bem sucedidas que têm profissionais humanistas na sua frente, eu não vejo bibliotecas públicas bem sucedidas assim, [...] ela pode ter atividades, ela pode ter tudo, mas aí talvez estão outras pessoas à frente realizando essas atividades, não o bibliotecário[...], [...] são poucas bibliotecas públicas em Santa Catarina que têm bibliotecários, conduzindo. [...] Têm ótimos profissionais que não são bibliotecários e que desempenham um trabalho lindíssimo dentro da biblioteca. [...] sempre vi dentro do curso muita rivalidade e eu penso que a gente precisa quebrar essa rivalidade pra aproximar essas pessoas porque a gente também pode aprender com elas [...]. [...] Para a biblioteca pública também precisa ter perfil

Fale livremente sobre o que considera uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas

Ideias Centrais	Expressões chave
QUALIDADES INTERAÇÃO COM O PÚBLICO PÚBLICO EM PRIMEIRO LUGAR NÃO TER UMA POSTURA PASSIVA, DESANIMADA PROMOVER UMA BIBLIOTECA POPULAR	[...] além de ter essa parte técnica, ele precisa ser uma pessoa humana, carismática, [...] ter essa interação com [...] público. [...] Não importa que atrase um dia, dois [...] o público tem que estar em primeiro lugar. [...] surpreende, faz mais do que aquele o fazer por fazer... [...] a imagem da biblioteca sempre botando assim pra cima [...] a biblioteca pública do povão mesmo [...]
PROMOVER A BIBLIOTECA PROMOVER O ACERVO	[...] Eu posso dizer que uma boa prática é [...]a motivação para chamar o usuário para esse setor que era desconhecido [...]. [...] Muitas pessoas não tem conhecimento da biblioteca [...] não tem a noção do rico acervo que a gente tem lá dentro. [...]

<p>CONSCIÊNCIA DA FUNÇÃO NÃO TER UMA POSTURA PASSIVA, DESANIMADA RENOVAR O ÂNIMO</p>	<p>[...] a gente tem que ter consciência da nossa função, do nosso papel e ser fiel àquilo. Porque são muitas forças que [...] te faz, [...] desanimar, “[...] empurrar com a barriga” [...], [...] excluir estes pensamentos [...] voltar pro teu objetivo, pro teu foco, pra tua missão [...]</p>
<p>TRATAR AS PESSOAS COM IGUALDADE, SEM DISTINÇÃO CUMPRIR SEU DEVER NÃO FALTAR, NÃO CHEGAR ATRASADO MANTER-SE INFORMADO</p>	<p>[...] dar oportunidade a todos, [...] tratar com igualdade todas as pessoas, e manter-se firme no que diz, [...]. Ser cumpridor do seu dever, procurar não faltar, procurar estar sempre no horário certo, [...] e estar sempre também informado [...]</p>
<p>REPRESENTANTE PÚBLICO ESCUTAR E BUSCAR MELHORIA</p>	<p>[...] eu represento eles [...], [...] é minha obrigação como profissional, [...] escutar e tentar buscar e melhorar.</p>
<p>SERVIÇO PARA TODOS PARA ALÉM DO DISCURSO ACESSO À INFORMAÇÃO SEM DISTINÇÃO</p>	<p>[...] reconhecer que [...] o serviço prestado ali é pra todo mundo, [...] a gente tem isso no discurso mas pensar assim no dia-a-dia, dentro da minha prática profissional, [...], [...] facilitar o uso da informação também, não excluir [...].</p>
<p>VALORIZAÇÃO AUTONOMIA</p>	<p>[...] valorização, porque o bibliotecário não é valorizado [...] existe muito cargo comissionado [...] bibliotecário que sempre fica jogado. [...] deve ter autonomia pra poder participar das negociações, [...] reuniões, [...] conselhos [...]</p>

<p>BOM ATENDIMENTO NÃO TER UMA POSTURA PASSIVA, DESANIMADA RESPONSABILIDADE INTERAÇÃO COM O PÚBLICO</p>	<p>[...] é atender bem todos, acolher, procurar [...] eu me desdubro, eu vou atrás, [...] ajudar a resolver o problema. Porque é tua função, tu tá lá, [...], [...] buscar aquela pessoa solitária, que gosta ainda de ler, de pegar o livro [...]</p>
<p>TRATAR COM IGUALDADE, SEM DISTINÇÃO INTERAÇÃO COM O PÚBLICO SIGILO</p>	<p>[...] o atendimento de qualidade [...] sem distinção, [...], [...] vem muita gente pra parar no balcão e conversar [...] tu tenta [...] também dar esse tempo pra pessoa [...] o sigilo, [...]</p>
<p>PÚBLICO EM PRIMEIRO LUGAR INTEGRAR-SE À CIDADE, POPULAÇÃO INTERAÇÃO COM O PÚBLICO</p>	<p>[...] tem que atuar em função do seu público. [...] servir ao seu público, [...] adaptar-se a cada cidade, a cada população [...] procurar chegar até o público.</p>
<p>ACESSO À INFORMAÇÃO SEM DIFICULTAR</p>	<p>[...] disponibilizar a informação independente dessas regras [...] ter [...] jogo de cintura...</p>
<p>LIBERDADE DE ESCOLHA DO LEITOR GESTÃO DE PESSOAL - ORIENTAÇÕES MULTA GESTÃO DE PESSOAL – ESCOLHAS POLÍTICO- PARTIDÁRIAS GESTÃO DE PESSOAL – FOFOCA GESTÃO DE PESSOAL – CARGO COMISSIONADO</p>	<p>[...] não pode interferir no livro que o leitor quer ler, [...] pode sugerir, dar algumas indicações, [...] uma outra questão ética que é como que a gente torna isso público, se torna isso público, como que a gente conversa isso dentro da biblioteca com os demais funcionários [...] cada leitor você tem uma relação com ele, então o que você também trata [...] é entre você e ele, [...] ter esse cuidado, [...] tem questão de multa dentro da biblioteca, [...] “[...] você tá devendo livro na biblioteca”, é uma questão boba ética mas [...] pode afastar completamente uma pessoa daquele</p>

	<p>local e ela nunca mais retornar. [...] até mesmo dentro das nossas relações de trabalho, dentro da biblioteca [...]eu era petista, eu era Lula, [...] ano de eleição [...] se eu sou se eu deixo de ser o problema é meu [...] forma de coagir a pessoa [...] [...] fofoca [...] também uma questão ética muito forte. [...]. [...] cargo comissionado [...] para nós era uma questão ética muito delicada. A pessoa ela aparecia ali, ela não trabalhava e aí a gente ficava vendo aquilo ali e não fazia nada, quando a gente precisava fazer muitas ações, [...]</p>
<p>SIGILO TRATAR COM IGUALDADE, SEM DISTINÇÃO AUXÍLIO AO USUÁRIO</p>	<p>[...] eu colocaria como ética essa, a privacidade daquilo que é colocado pra nós. [...] tratar as pessoas bem, independente da situação, [...] eu odeio essa questão [...] a pessoa [...] ser tratada de acordo com o que ela veste, não pelo que ela é, [...] ajudar quem necessita [...]</p>
<p>RELAÇÃO COM CLASSE PROFISSIONAL PROFISSIONALISMO QUALIDADES REPRESENTANTE PÚBLICO</p>	<p>[...] Entre nós bibliotecários nós não temos ética porque a gente fala de nós mesmos [...]. [...] Eu acho que é o profissionalismo, a dedicação, independente você tendo ou não tendo, e você conseguir fazer seu trabalho. [...] [...] a integridade, [...] brigo pela biblioteca, eu brigo pelos leitores, [...]</p>
<p>CUMPRIR SEU DEVER PROFISSIONALISMO GESTÃO DE PESSOAL – READAPTADO ACERVO – SELEÇÃO</p>	<p>[...] Primeiro, somos funcionários públicos, a população que paga nossos salários, então a gente tem que trabalhar, [...] não só cumprir horário, [...] tem que trabalhar durante esse período [...] ser um bom profissional. [...] a pessoa vem pra cá, [...] vem muito readaptado, [...] estão sempre com atestado, [...], [...]</p>

	<p>falso.[...] a gente tem que cumprir a nossa função [...]. Uma coisa [...] também [...] é a seleção de material, que tem que estar sempre voltado pro usuário, [...] eu vou fazer compra, [...] a prioridade é o que eles pedem [...].</p>
<p>POSTURA - PODER PÚBLICO POSTURA -MULTA POSTURA - ACERVO</p>	<p>[...] no poder público a gente tem [...] que cuidar [...] com o que fala e como vai transmitir [...] cuidar com as pessoas que te rodeiam [...], [...] tu não sabe em quem confiar [...] tem que aprender a ouvir mais e falar menos. [...] se for cidades menores, [...] tem um conflito de direita e esquerda e esse conflito tu vê nitidamente nos usuários da biblioteca, [...]. [...] antiético seria pegar dinheiro da, das multas, pegar livro da biblioteca, [...] não levar para outro lugar [...]</p>
<p>ACESSO AOS SERVIÇOS - SEM DIFICULTAR POSTURA - INTERAÇÃO COM USUÁRIO</p>	<p>[...] às vezes, seguir e interpretar o regulamento, regimento da biblioteca, requer um pouco de jogo de cintura. [...] [...] eu quero ser justa com a outra pessoa, então essa busca do ser justo com todo mundo, é uma coisa que [...] a gente tem que sentar e negociar [...]. [...] tu não pode impossibilitar o empréstimo [...]</p>
<p>CUMPRIR SEU DEVER ACERVO – DOAÇÃO</p>	<p>[...] Eu acho que é fazer, [...] a função que [...] o bibliotecário tem que fazer [...] cumprir isso [...]. [...] um problema [...] é a questão de doações, porque [...] são raras as que tu pode incorporar ao acervo [...], [...] fazer uma política de desenvolvimento de acervo [...] quando vem alguém com material que eu [...] vejo que não é adequado pro acervo eu vou explicar pra ele, o motivo de eu não</p>

	estar pegando essa doação e que tipo de material que eu pego. [...]
--	---

DSC da pergunta para o DSC final

Considero que uma boa prática ética do bibliotecário nas bibliotecas públicas é [...] *ter consciência da nossa função, do nosso papel e ser fiel àquilo [...], [...]* **voltar pro teu objetivo, pro teu foco, pra tua missão [...], [...]** *porque são muitas forças que [...]* **te faz, [...]** *desanimar, “[...] empurrar com a barriga”, [...]* **excluir estes pensamentos[...], [...]** *surpreende, faz mais do que aquele o fazer por fazer [...], [...]* **eu me desdobro, eu vou atrás, [...]** **para** *ajudar a resolver o problema. [...]* **Não importa que atrase um dia, dois [...]** **o público tem que estar em primeiro lugar [...]** **tem que atuar em função do seu público. [...]** **servir ao seu público [...]. [...]** *dar oportunidade a todos, [...]* **o atendimento de qualidade [...]** *sem distinção, [...], [...]* **reconhecer que [...]** **o serviço prestado ali é pra todo mundo [...], [...]** *a gente tem isso no discurso mas pensar assim no dia-a-dia, dentro da minha prática profissional. [...]* **Facilitar o uso da informação também, não excluir [...], [...]** **disponibilizar a informação independente dessas regras [...]** **ter [...]** **jogo de cintura, [...]** **tu não pode impossibilitar o empréstimo [...]. [...]** **Além de ter essa parte técnica, ele precisa ser uma pessoa humana, carismática, [...]** **atender bem todos, acolher, [...], ajudar quem necessita [...],** **ter [...]** **dedicação [...], [...]** **integridade [...], [...]** **estar sempre também informado [...]. [...]** **Antiético seria pegar dinheiro [...]** **das multas, pegar livro da biblioteca, [...]** **não levar para outro lugar [...]. [...]** **Tem questão de multa dentro da biblioteca, [...]** **“[...] você tá devendo livro na biblioteca”, é uma questão boba ética mas [...]** **pode afastar completamente uma pessoa daquele local e ela nunca mais retornar. [...]** **Eu colocaria como ética [...]** **a privacidade daquilo que é colocado pra nós [...], [...]** **e** **uma outra questão ética que é como [...]** **que a gente conversa isso dentro da biblioteca com os demais funcionários [...]** **cada leitor você tem uma relação com ele, então o que você também trata [...]** **é entre você e ele, [...]** **ter esse cuidado. [...]** **Manter-se firme no que diz [...], [...]** **ser cumpridor do seu dever [...], [...]** **somos funcionários públicos, a população que paga nossos salários [...], [...]** **procurar não faltar, procurar estar sempre no horário certo [...], [...]** **não só cumprir horário, [...]** **tem que**

trabalhar durante esse período [...] ser um bom profissional. [...] Eu posso dizer que uma boa prática é [...] a motivação para chamar o usuário para esse setor que era desconhecido [...], [...] muitas pessoas não tem conhecimento da biblioteca [...] não tem a noção do rico acervo que a gente tem lá dentro [...], [...] a seleção de material, que tem que estar sempre voltado pro usuário, [...], [...] a prioridade é o que eles pedem [...], [...] não pode interferir no livro que o leitor quer ler, [...] pode sugerir, dar algumas indicações, [...], também, [...] fazer uma política de desenvolvimento de acervo [...] quando vem alguém com material que eu [...] vejo que não é adequado pro acervo eu vou explicar pra ele, o motivo de eu não estar pegando essa doação e que tipo de material que eu pego [...].

[...] A imagem da biblioteca sempre botando [...] pra cima [...] a biblioteca pública do povão mesmo [...], [...] adaptar-se a cada cidade, a cada população [...], [...] ter essa interação com [...] público [...], [...] procurar chegar até o público [...], [...] vem muita gente pra parar no balcão e conversar [...] tu tenta [...] também dar esse tempo pra pessoa [...], [...] brigo pela biblioteca, eu brigo pelos leitores [...], [...] eu represento eles [...], [...] é minha obrigação como profissional [...], [...] escutar e tentar buscar e melhorar [...], [...] eu quero ser justa com a outra pessoa, então essa busca do ser justo com todo mundo, é uma coisa que [...] a gente tem que sentar e negociar [...].

[...] Entre nós bibliotecários nós não temos ética porque a gente fala de nós mesmos [...], temos que ter uma postura de [...] valorização, porque o bibliotecário não é valorizado, [...] existe muito cargo comissionado [...] bibliotecário que sempre fica jogado. [...] ele deve ter autonomia pra poder participar das negociações, [...] reuniões, [...] conselhos [...] [...] Cargo comissionado [...] para nós era uma questão ética muito delicada. A pessoa ela aparecia ali, ela não trabalhava e aí a gente ficava vendo aquilo ali e não fazia nada, quando a gente precisava fazer muitas ações [...]. Também [...] vem muito readaptado, [...] estão sempre com atestado, [...], [...] falso.[...] a gente tem que cumprir a nossa função [...]. [...] No poder público a gente tem [...] que cuidar [...] com o que fala e como vai transmitir [...] cuidar com as pessoas que te rodeiam [...], [...] tu não sabe em quem confiar [...] tem que aprender a ouvir mais e falar menos. [...] se for cidades menores, [...] tem um conflito de direita e esquerda e esse conflito tu vê nitidamente nos usuários da biblioteca, [...]. [...] Até mesmo dentro das nossas relações de trabalho, dentro da biblioteca [...]Jeu era petista, eu era Lula, [...] ano de eleição [...] se eu sou se eu deixo de ser o problema é meu [...] essa é uma forma

de coagir a pessoa [...]. [...] Fofoca [...] também uma questão ética muito forte. [...].

Como define exclusão social?

Ideias Centrais	Expressões chave
<p>CONCEITO ABRANGENTE POBREZA –POLÍTICAS PÚBLICAS INTERIOR, RURAL, PERIFERIA, QUE NÃO É DO CENTRO</p>	<p>[...] campo [...] muito abrangente, tem muitas áreas, a exclusão social. Tem o pobre [...] tem falta de políticas pra eles, [...]. [...] da área rural, do interior [...], [...]a periferia que precisa de projetos políticos [...] para incluir esses excluídos [...]</p>
<p>RESTRIÇÃO – SERVIÇO PÚBLICO MORADOR DE RUA (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>Voltando [...] para a área pública, é quando eu tenho um serviço [...] que não abranja todo esse público [...] essa visão que não é pra qualquer um [...]. [...] dentro da biblioteca [...] um dos públicos [...] é o morador de rua, [...] daí eu tenho a reclamação dos funcionários, porque [...] são sujos, [...] fedem, [...] não sabem se comportar, [...] eles não tem [...] jogo de cintura [...].</p>
<p>FALTA DE ACESSO - DIREITOS FUNDAMENTAIS - INFORMAÇÃO</p>	<p>[...] é a falta de acesso, [...], [...] direitos fundamentais, se você não tem acesso você está excluído, em todos os aspectos, na área informacional [...].</p>
<p>POBREZA INTERIOR, RURAL, PERIFERIA, QUE NÃO É DO CENTRO</p>	<p>[...] os menos favorecidos [...] pelo poder aquisitivo [...], [...] a gente morava [...] mais distante, não é no Centro, [...]</p>

FALTA DE OPORTUNIDADE, IMPEDIMENTO FALTA DE VONTADE	É falta de oportunidade [...] e também um pouco falta de vontade [...] às vezes tu tem que te dispor [...]
MOBILIDADE (DISCRIMINAÇÃO) ETNIA (DISCRIMINAÇÃO) QUESTÃO FÍSICA (DISCRIMINAÇÃO) NECESSIDADE ESPECIAL (DISCRIMINAÇÃO) FALTA DE OPORTUNIDADE, IMPEDIMENTO	[...] exclusão social é [...] quando alguém, por algum motivo, de mobilidade, de etnia, [...] alguma questão física, uma necessidade especial permanente ou até provisória, [...] por alguma razão ela é excluída do ambiente social [...], [...] quando algo te impede de poder ir e vir, de praticar, de ser cidadão, de estar ativo na sociedade em qualquer coisa, por alguma razão.
POBREZA –POLÍTICAS PÚBLICAS DEFICIENTE (DISCRIMINAÇÃO)	Exclusão social é sinal que o pessoal não ajuda aquelas classes mais pobres [...]. [...] deficiência [...] antigamente ninguém sabia que existia [...] porque eles estavam escondidos em casa, com vergonha de apresentar à sociedade. [...]
DEFICIENTE (DISCRIMINAÇÃO) ETNIA (DISCRIMINAÇÃO) FALTA DE OPORTUNIDADE, IMPEDIMENTO	Exclusão social a meu ver é você discriminar a pessoa, [...] porque a pessoa é deficiente, [...] tem outra cor, [...] excluir é você não dar oportunidade a essa pessoa, [...] exclusão é você [...] negar alguma coisa pra essa pessoa.
À MARGEM, APARTADOS FALTA DE ACESSO - INFORMAÇÃO	Eu acho que são as pessoas que ficam à margem, que não têm acesso, no nosso caso específico, à informação, aos serviços em si, [...]

<p>CONCEITO ABRANGENTE FALTA DE ACESSO</p>	<p>Exclusão social é uma coisa muito ampla [...] as pessoas nem todas têm o acesso. [...]</p>
<p>À MARGEM, APARTADOS CONDIÇÃO SOCIAL</p>	<p>[...] deixar de fora alguma pessoa pela condição social dela [...]</p>
<p>SENSAÇÃO DE NÃO ESTAR INCLUÍDO DESIGUALDADE SOCIAL INFORMAÇÃO - EMPODERAMENTO DESIGUALDADE - POBREZA DESIGUALDADE – QUESTÕES PESSOAIS DESIGUALDADE - PROFISSÕES</p>	<p>[...] às vezes as pessoas deixam de ter boas oportunidades porque tem medo de entrar em determinados lugares que não são ditos lugares próprios pras pessoas que não têm condições [...] desigualdade social são as pessoas não terem, todos, [...] os mesmos acessos, [...] os mesmos direitos, [...] se ele não sabe ele não vai exigir a mudança. Acredito que a partir da informação parte a desigualdade também, porque se as pessoas estão informadas elas... e aí não é só informada, é o poder [...] de acreditar que ela pode questionar, acho que é informação, questionamento, empoderamento da pessoa pra que ela possa realmente exigir melhorias. [...] muitas vezes a exclusão é a gente mesmo que cria, a gente mesmo que acredita que tá sendo excluído [...] [...] a desigualdade vai chegando porque são cada vez poucos tendo muito e uns muitos tendo menos. [...] desigualdades pra mim elas podem ser inúmeras, tanto de questão pessoal, [...] também, as desigualdades que a gente vive dentro da própria profissão com os salários. [...]</p>

<p>FALTA DE OPORTUNIDADE, IMPEDIMENTO VESTIMENTA (DISCRIMINAÇÃO) DEFICIENTE (DISCRIMINAÇÃO) FALTA DE ACESSO - DIREITOS FUNDAMENTAIS - EDUCAÇÃO AUSÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO – BIBLIOTECA PÚBLICA</p>	<p>Exclusão social quando eu não tenho oportunidade. [...] na biblioteca [...] ser mal atendido[...] porque [...] está mal vestido, [...] termos os cegos, [...] os surdos e [...] ter pouco material pra poder suprir, eu não ter acessibilidade, é exclusão social eu vejo isso exclusão social. [...] as crianças [...] não tinham oportunidade de estudo. [...] eu vejo essa exclusão, essa omissão da sociedade de criar uma biblioteca pública mas não dar sustentação pra ela pra que ela possa atender corretamente às pessoas, [...]</p>
<p>OLHAR (DISCRIMINAÇÃO) VESTIMENTA (DISCRIMINAÇÃO) PEDINTES (DISCRIMINAÇÃO) ANDARILHO (DISCRIMINAÇÃO) BÊBADOS (DISCRIMINAÇÃO) ETNIA (DISCRIMINAÇÃO) QUESTÃO FÍSICA (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>[...] exclusão é até uma pessoa te olhar meia torta, você tá sendo excluída. [...], dependendo, como está, vestida, vou tratar assim ou não, [...] os pedinte, ou o pessoal meio andarilho, [...] se eles tomam um pouquinho a mais, [...]. [...] negra [...] [...] gordinha, [...] muito magrinha, “[...]”</p>
<p>DEFICIENTE (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>[...] tem uma menina [...] deve ter um retardo mental e ela não tem coordenação motora [...] você já fica um pouco retraída, [...]</p>
<p>CONDIÇÃO ECONÔMICA (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>[...] num determinado serviço tu priorizar alguém e deixar outro de fora. [...] “tu é rico, tu não pode, tu é pobre, tu não pode”, [...] andarilho [...]</p>

<p>ANDARILHO (DICRIMINAÇÃO) FALTA DE VONTADE À MARGEM, APARTADOS</p>	<p>na biblioteca [...] deixa aquele cheiro [...] outra pessoa [...] diz [...] “[...] ele não pode ficar aqui [...]”, [...] tem gente que está a margem [...] por causa de situação de risco, [...] doenças [...] Quando tu quer, tu sai daquela margem [...]</p>
<p>ATENÇÃO ÀS DIFERENÇAS</p>	<p>[...] no atendimento do usuário [...], a minha obrigação em saber atender diferentes necessidades, diferentes pessoas. [...]</p>
<p>FALTA DE ACESSO - INFORMAÇÃO</p>	<p>Se alguém vem até a biblioteca atrás de uma informação e eu não dou informação pra essa pessoa, eu já estou excluindo [...] trabalho junto ao [instituição], que é um centro provisório de detenção de adolescentes, [...] se a biblioteca não fizesse esse trabalho estaria contribuindo pra exclusão dessas pessoas [...]</p>

DSC da pergunta para o DSC final

Para mim, exclusão social é um [...] campo [...] muito abrangente, [...] acho que são as pessoas que ficam à margem [...], [...] é falta de oportunidade [...], quando algo te impede de poder ir e vir, de praticar, de ser cidadão, de estar ativo na sociedade em qualquer coisa, por alguma razão [...]. [...] É a falta de acesso, [...], [...] direitos fundamentais [...] em todos os aspectos [...], no nosso caso específico, à informação, aos serviços em si [...], [...] essa omissão da sociedade de criar uma biblioteca pública mas não dar sustentação pra ela pra que ela possa atender corretamente às pessoas [...], [...] crianças [...] que não [...] tem [...] oportunidade de estudo [...]. [...] A desigualdade vai chegando porque são cada vez poucos tendo muito e uns muitos tendo menos [...], [...] tem o pobre [...] tem falta de políticas pra eles. Pessoas [...] da área rural, do interior [...], que moram [...] mais distante, não é no Centro [...], [...] a periferia que precisa de projetos políticos [...]. [...] Exclusão social é [...] quando alguém [...] por alguma razão ela é excluída do ambiente social [...], [...] pela condição social [...], [...] porque [...] está mal vestido, [...] priorizar alguém e deixar outro de fora. [...] “tu é rico, tu não pode, tu é pobre, tu não pode”, [...] andarilho [...], [...] os pedintes [...], [...] se eles tomam um pouquinho a mais [...], [...] o morador de rua [...] porque [...] são sujos, [...] fedem [...], [...] o deficiente [...], [...] antigamente ninguém sabia que existia [...] porque eles estavam escondidos em casa, com vergonha de apresentar à sociedade. [...], ou [...] alguma questão física [...] se a pessoa é [...] negra [...] [...] gordinha, [...] muito magrinha [...], [...] uma necessidade especial permanente ou até provisória [...]. [...] Voltando [...] para a área pública, é quando eu tenho um serviço [...] que não abranja todo esse público [...] essa visão que não é pra qualquer um, [...] na biblioteca [...], por exemplo, [...] termos os cegos, [...] os surdos e [...] ter pouco material pra poder suprir, [...] não ter acessibilidade, é exclusão social [...]. [...] No atendimento do usuário [...], é não [...] saber atender diferentes necessidades, diferentes pessoas [...]. [...] Exclusão é até uma pessoa te olhar meia torta, você tá sendo excluída. [...]. [...] Também, as desigualdades que a gente vive dentro da própria profissão com os salários [...]. A [...] desigualdade social são as pessoas não terem, todos [...] os mesmos direitos [...], se ele não sabe ele não vai exigir a mudança. [...] Às vezes as pessoas deixam de ter boas

oportunidades porque tem medo de entrar em determinados lugares que não são ditos lugares próprios pras pessoas que não têm condições [...] [...] muitas vezes a exclusão é a gente mesmo que cria, a gente mesmo que acredita que tá sendo excluído [...]. [...] É também um pouco falta de vontade [...] às vezes tu tem que te dispor [...], [...] quando tu quer, tu sai daquela margem [...].

Descreva situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social.

Ideias Centrais	Expressões chave
ATENDIMENTO DISCRIMINAÇÃO ATITUDE - TRATAMENTO	O mau atendimento [...] Dizer que esse livro não é pra ti. [...] “[...] é pra pessoas cultas”. [...] o jeito de tu falar com a pessoa, [...] tratamento [...]
DISCRIMINAÇÃO (REGRAS)	[...] na biblioteca só [...] pegar emprestado livro quem tinha [...] um comprovante de residência. [...]
DISCRIMINAÇÃO - ATENDIMENTO ACERVO	[...] atendimento, [...] não importa da onde ele vem, como que ele seja, [...] a maneira como eu trato essa pessoa, como eu acolho [...] não pode ser diferenciada [...] Em relação à formação do acervo [...] lembrar [...] o usuário deu aquela indicação, [...] isso acaba incluindo ele de certa forma também.
ATENDIMENTO DISCRIMINAÇÃO	[...] atender [...] se tu não fizer tu tá excluindo [...] procurar não desapontar as pessoas. [...] ter um livro e eu dizer que não tem [...] guardei pro outro lá, que é meu amigo, que é conhecido, que é filho do coisa, que é daqui do Centro. Aí vem um lá da [bairro distante do Centro] “ah não tem esse livro”, [...]

<p>ACESSIBILIDADE ANDARILHO (DISCRIMINAÇÃO) ATENDIMENTO LOCALIZAÇÃO DIFICULDADE DE ACESSO</p>	<p>[...] uma cadeirante [...] não consegue entrar na minha sala [...] o acesso é uma forma de exclusão [...] quando a gente é preconceituoso, porque justo aqui [bairro onde está situada a biblioteca] tem muito andarilho, [...] antes de eu abrir a porta eu penso “que eu consiga receber, que eu consiga atender” e que corte assim qualquer preconceito meu. [...] Quando eu atendo mal também [...] Também é fonte de exclusão social, a localização dela [...] Quando não [...] dão ônibus pra trazer as crianças [...] porque têm crianças que não conseguem vir aqui [...] são lá do interior, [...]</p>
<p>DISCRIMINAÇÃO (REGRAS) ANDARILHO (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>A começar pelas regras [...] para fazer a carteirinha precisava de cópias, você tinha que trazer RG, CPF, comprovante de residência em seu nome ou de algum responsável legal, foto 3x4 [...] para um andarilho [...] você já exclui, [...].</p>
<p>GESTÃO</p>	<p>[...] depende de quem administra [...]</p>
<p>MORADOR DE RUA (DISCRIMINAÇÃO) APARÊNCIA (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>[...] nós temos um casal que ela, [...] dorme nas praças, [...] é alcólatra, [...] ela veio aqui [...] queria os livros [...] não voltou o livro mas [...] se eu não tivesse deixado ela levar eu estaria excluindo ela. [...] aquela aparência ela dá medo, [...] as crianças até não ficaram, foram saindo da biblioteca. [...]</p>

<p>LOCALIZAÇÃO ACESSIBILIDADE ESPAÇO, INFRAESTRUTURA ACERVO REPRESENTANTES DA BP HORÁRIO</p>	<p>[...] o local onde ela está. [...] um bairro elitizado, [...] a acessibilidade [...], não tem espaço, [...] acervo [...] desatualizado [...] a gente tem a feira do sebo, [...] os amigos da Biblioteca [...] pessoas aposentadas, ilustres da comunidade, membros do Lions, membros da Secretaria de Educação, membros de Diretoria na Prefeitura [...] vão pra praça vender e não é todo mundo que se sente à vontade em comprar com esse tipo de gente, [...] o horário da biblioteca [...]</p>
<p>DISCRIMINAÇÃO MORADOR DE RUA (DISCRIMINAÇÃO) APARÊNCIA (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>[...] não [...] abrir exceções pra favorecer ninguém [...]um morador de rua [...]pedimos pra ele pra que ele vá se ajeitar, tomar banho [...], [...] tinha criança que tinha medo dele pelo aspecto e a gente pedia para ele [...] e ele ia por aí e voltava [...].</p>
<p>MORADOR DE RUA (DISCRIMINAÇÃO) ESPAÇO, INFRAESTRUTURA MENOR - POBRE – APARÊNCIA (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>[...],gente [...] que tá cheirando muito mal, [...] a gente acaba [...] não facilitando [...] não ficar muito tempo [...] não tem ar condicionado [...], [...] criança, [...] adolescente [...] região mais pobre [...] sem chinelo, no inverno [...] de roupa curta, [...] percebia [...] de outros funcionários, [...] não querer liberar o computador, dificultar alguma coisa, [...]</p>
<p>DISCRIMINAÇÃO (REGRAS) GESTÃO APARÊNCIA (DISCRIMINAÇÃO)</p>	<p>[...] comprovante de residência muito excludente [...] formação do bibliotecário, a gente sai [...] tão modelado, tão cheio de regrinhas [...] não pensa fora daquilo ali. [...] algumas pessoas [...] a gente fica com medo [...] tem de tudo [...]</p>

ATITUDE – TRATAMENTO ATENDIMENTO	[...] se não sou bem tratado [...], [...] pergunta algo que eu não ligo[...] não atende bem [...]
ACESSIBILIDADE	[...] não estão vindo [...] não têm mais condições de subir as escadas [...]
MORADOR DE RUA (DISCRIMINAÇÃO) ANDARILHO (DISCRIMINAÇÃO) MENOR - POBRE – APARÊNCIA (DISCRIMINAÇÃO)	[...] lá na frente [...] começou a vir muita gente dormir ali, [...] fedidos, dá muita vontade de pedir pra sair, isso seria uma forma de exclusão. Em bibliotecas públicas a gente costuma ter andarilhos, [...] gente que vem muito suja, [...] tem um funcionário [...] eu pedi pra ele chegar e falar com ele “olha, você precisava [...] cuidar mais da tua higiene, [...]”, [...] porque incomoda todo mundo, mas ao mesmo tempo eu não sei que direito que a gente tem de fazer isso. [...] crianças [...] não sei se elas seriam andarilhas [...] cuidado pra ver se elas não vão levar livro [...] seria um tipo de exclusão [...].
ESPAÇO, INFRAESTRUTURA DISCRIMINAÇÃO (REGRAS)	[...] cortar a internet, [...] muita gente vai na biblioteca, [...] pra se comunicar porque mora em bairro [...] periférico que não chega internet, [...] e ela vem pro centro da cidade porque ela sabe que ali ela tem a internet [...] comprovante de residência [...] referência eu empresto. [...] a biblioteca não precisa ser rígida, [...], [...] guardar água pra gente porque ia faltar [...]
ACESSIBILIDADE	[...] o espaço [...] [...] nessa questão de deficiência [...] mal planejado [...]

--	[...] nessa realidade que eu [...] não consigo visualizar [...]
----	---

DSC da pergunta para o DSC final

Quanto a situações que podem ocorrer na biblioteca pública que podem ser consideradas promotoras de exclusão social,

[...] quando eu atendo mal [...], [...] não importa da onde ele vem, como [...] ele seja, [...] a maneira como eu trato essa pessoa, como eu acolho [...] não pode ser diferenciada [...], [...] o jeito de tu falar com a pessoa [...], [...] pergunta algo que eu não ligo [...], [...] dizer que esse livro não é pra ti. [...] “[...] é pra pessoas cultas”, [...] ter um livro e [...] dizer que não tem [...] guardei pro outro [...], [...] não [...] abrir exceções pra favorecer ninguém. A começar pelas regras [...], [...] na biblioteca só [...] pegar emprestado livro com [...] um comprovante de residência. [...], [...] para um andarilho [...] você já exclui [...]. [...] Em bibliotecas públicas a gente costuma ter [...], [...] morador de rua [...], [...] andarilhos [...] gente que vem muito suja [...], [...] a gente acaba [...] não facilitando [...] não ficar muito tempo [...], [...] pedimos [...] vá se ajeitar, tomar banho [...], [...] porque incomoda todo mundo [...], [...] pedir pra sair [...] seria uma forma de exclusão. [...] Algumas pessoas [...] a gente fica com medo [...], [...] pelo aspecto [...]. Acontece também de ter [...] criança, [...] adolescente [...] de região mais pobre [...] sem chinelo, no inverno [...] de roupa curta [...], [...] não sei se elas seriam andarilhas [...], [...] percebia [...] de outros funcionários, [...] não querer liberar o computador, dificultar alguma coisa, [...] ou [...] cuidado pra ver se elas não vão levar livro [...] um tipo de exclusão [...]. Também exclui quando mantém um [...] acervo [...] desatualizado [...] ou quando não lembra que [...] o usuário deu aquela indicação [...] ou quando [...] o espaço [...] [...] nessa questão de deficiência [...] é [...] mal planejado [...]. Também é fonte de exclusão social, a localização dela [...], [...] quando não [...] dão ônibus pra trazer [...] crianças que não conseguem vir aqui [...] são lá do interior [...], [...] o horário da biblioteca [...], [...] não tem espaço [...], [...] ar condicionado [...] água [...], [...] internet, [...] já que [...] muita gente vai na biblioteca, [...] pra se comunicar porque mora em bairro [...] periférico que não chega internet [...]. [...] Depende de quem administra [...], com relação à [...] formação do bibliotecário [...] ele [...] sai [...] tão modelado, tão cheio de regrinhas [...] não pensa fora daquilo ali.

Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

Ideias Centrais	Expressões chave
ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO INVESTIMENTO PÚBLICO ACERVO – COMPRA ACERVO – DOAÇÃO INDIFERENÇA DO PODER PÚBLICO	A biblioteca [...], [...] permanece o mesmo espaço, eu gostaria que [...] [...] que existisse [...] uma lei, [...] que disponibilizasse uma verba pra gente estar sempre [...] com [...] lançamentos de livros, [...] comunidade doa, mas [...] a maioria [...] é mais faxina [...] eu acho que isso talvez, servisse de atrativo para chamar mais pessoas. [...] a gente fala com prefeito, fala com um fala com outro, [...] não vem. [...]
ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO INDIFERENÇA DO PODER PÚBLICO FUNCIONÁRIOS	[...] dificuldade que a gente tem de recurso financeiro, de RH [...] eu vejo que [...] o sistema on line, [...] alavancou o desenvolvimento e o crescimento da própria biblioteca [...] clagem de novos funcionários, [...] administração mais participativa [...] ela é [...] uma casa esquecida, [...] a gente faz lá é pela boa vontade, pelo interesse mesmo que cresça. [...] tem a história dos funcionários [...] eles reclamam [...] porque tem muita gente [...]
PROFISSIONAL - ATUAÇÃO EM BP	[...] o trabalho em biblioteca pública [...] é árduo, é sofrido mas é muito gratificante.
PROFISSIONAL – DESVALORIZAÇÃO	[...] o bibliotecário [...] não é valorizado [...]a gente teria mais entusiasmo se fosse mais valorizado. [...] [...] Não estou

<p>PROFISSIONAL – BAIXOS SALÁRIOS BIBLIOTECA PÚBLICA – UNIVERSITÁRIA E ESCOLAR INDIFERENÇA DO PODER PÚBLICO INVESTIMENTO PÚBLICO ACERVO – COMPRA ACERVO – DOAÇÃO ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO</p>	<p>menosprezando a [companheira de trabalho que não tem formação universitária] mas o salário dela é quase correspondente ao nosso, [...] aqui a noite, quanta gente [...] aqui [...] fazer trabalho [...] da Faculdade, [...] o pessoal [...] de ensino médio, ensino fundamental [...]. [...] o problema é não ser [...] olhado, não ser escutado como um profissional capacitado [...]. [...] a biblioteca pública ela é mantida [...] com muito pouquinho [...] vive mais de doação, o Governo Federal manda um pouco mas [...] se a gente não correr lá atrás, [...] não [...] tem recurso. [...] estamos pedindo ar há tempo já, [...] isso aqui dia de verão, é quente, [...]. A gente já esteve na Polícia, [...] onde era a farmácia, [...] lá em cima, [...] Depois passou pra lá pro outro lado, depois pra lá e agora estamos aqui no melhor local até hoje. [...] isso foi uma coisa que melhorou bastante.</p>
<p>INVESTIMENTO PÚBLICO ACERVO – COMPRA ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO DEPENDÊNCIA – FALTA DE AUTONOMIA</p>	<p>A falta de investimento em bibliotecas públicas, [...] é uma briga pra comprar os livros [...] o ar condicionado não funciona... [...] falta de [...] tu poder oferecer um espaço bom. [...] minha Secretária esse ano, [...] ela tem uma visão bem bacana, então eu acho que a gente vai poder trabalhar melhor essa questão de inclusão por ela ser mais da parte social, mais humana [...]</p>

<p>PESQUISA EM QUESTÃO BP CATARINENSES</p>	<p>[...] quando a gente está longe da Universidade, não está perto de um grande centro, [...] a gente fica aquém [...] de vim aqui um pesquisador [...] interessado em saber o meu ambiente de trabalho, [...] me faz parar e refletir [...], [...] sobre o que acontece a nossa volta. [...] eu sinto falta [...] de que a Academia consiga se aproximar [...] as nossas pesquisas [...] isso nunca chega até o profissional, isso nunca impacta a biblioteca. [...] a primeira vez, desde que eu estou aqui que uma pesquisa acadêmica chegou até a gente, [...] é uma realidade do Estado, bibliotecas públicas perdendo força, [...] os gestores enxergando menos que há necessidade de se ter um bibliotecário nesse ambiente de trabalho. [...]</p>
<p>CASOS DE USUÁRIOS PROFISSIONAL - ATUAÇÃO EM BP</p>	<p>[...] um senhor [...] tava dando um ataque epilético [...] liguei pro bombeiro, tentei acalmar [...]. [...]. Quando vem esse pessoal da praça [...] de droga [...], [...] a gente nunca deixa pessoas sozinhas aqui dentro pra não dar problema [...] assaltar [...] a gente trata com a maior naturalidade do mundo [...] Quando a gente vê que a coisa ultrapassa a gente acaba chamando o bombeiro, ou se a polícia está passando [...] mas nunca que você vai [...] jogar pra fora... [...] eu me sinto muito feliz de trabalhar aqui [...] eu não sei se eu vou sair de tanto que eu gosto de trabalhar [...]</p>

<p>PESQUISA EM QUESTÃO ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO ACESSIBILIDADE</p>	<p>[...].trocar ideias contando mais a minha realidade, fiquei bem satisfeita de estar participando [...] não adianta ter um monte de livro lá se ninguém usa o espaço, [...] a acessibilidade também é boa [...]</p>
<p>PROFISSIONAL - INGRESSO EM BP VISÃO DA BP FUNCIONÁRIOS DEPENDÊNCIA – FALTA DE AUTONOMIA USUÁRIOS LOCALIZAÇÃO</p>	<p>[...] a Biblioteca ficou muito tempo sem bibliotecário e [cidade] contratou porque levou uma multa, [...] tinha uma bibliotecária [...] tudo cargo comissionado, [...] uma diretora de biblioteca, [...] formação nada a ver, e quando eu cheguei [...] era uma nutricionista. [...] acho que o trabalho aqui ele tem que começar com as crianças, [...] a criança vem, [...]o pai [...] a mãe vem junto[...]. [...] a moça que estava aqui antes [...]não tinha interesse de atendimento, [...] botou a mesa dela [...] atrás do armário porque não dá pra ver [...] postura [...] exclusão [...] com o público inteiro. [...] eu fiz várias solicitações para a Secretária e ela disse que vai me atender porque ela é [...] pelo certo [...] quem frequenta a biblioteca é desde as comunidades mais carentes até o povo que mora nos arredores [...] o lugar que é ruim.</p>
<p>FUNCIONÁRIOS</p>	<p>[...] uma senhora que trabalhava aqui, e foi bem no começo [...] ela falou assim pra mim “[...] tu tens que ver, assim quando a pessoa vem aqui [...] a calça jeans dela, se é [...] boa, dependendo como for tu atende [...].” [...] a gente também faz, às vezes aqui entra gente alcoolizada,</p>

<p>PROFISSIONAL – INSTITUIÇÃO S DE APOIO PROFISSIONAL - FORMAÇÃO PESQUISA EM QUESTÃO PROFISSIONAL – PARTICIPAÇÃO POLÍTICA PROFISSIONAL – BAIXOS SALÁRIOS</p>	<p>[...] a gente até pra não deixar entrar diz “não [...]”, porque depois [...] como é que sai? A gente atende criança [...].</p> <p>[...] essas últimas gestões da ACB [...] estão me deixando mais esperançosa, [...] teve agora a reativação do Grupo de Bibliotecas Escolares, [...] o Sistema de Bibliotecas Públicas [...] é uma pessoa só pra conduzir o processo [...] a gente precisa ajudar senão a coisa não vai caminhar. [...] acredito que a gente pode ter um curso melhor, [...] que essa pesquisa pode contribuir pra isso, nesse sentido de que a gente precisa humanizar mais nosso curso, as técnicas são extremamente importantes, a parte administrativa também, [...] a parte de direito autoral [...] Políticas públicas precisam ser inseridas pra humanizar [...] são fundamentais pra gente ver mudança inclusive na nossa profissão. Quando a gente se conscientizar que a política pública que é participar do Sistema Nacional de Cultura, [...] das Conferências de Cultura, que vão nos legitimar e nos dar poder pra conseguir as coisas eu acho que a gente vai ter um outro passo. [...] vejo poucos bibliotecários participando desse processo, [...] a gente precisa [...] se politizar mesmo [...] lutar pelo seu espaço. [...] eu vejo que tem muita gente das editoras [...]. [...] há alguns professores no curso [...] eu acho que têm condições de manter e</p>
--	--

	<p>de ampliar essa questão humanística, mas que seja imprescindível se perceber que se não for assim, ele não vai alcançar todos. [...] continua sendo de uma certa forma uma profissão excludente [...] a biblioteca escolar [...] e a comunitária também [...] Talvez sejam as áreas que ganham menos, mas por que [...]?</p>
<p>INVESTIMENTO PÚBLICO INDIFERENÇA DO PODER PÚBLICO ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO ACERVO – COMPRA ACERVO – DOAÇÃO</p>	<p>[...] liberdade para poder gerenciar nossa biblioteca, isso precisa de orçamento, [...] nós nunca temos [...] parceiros [...] na realização das nossas atividades [...] de um modo geral as pessoas são omissas, [...] a biblioteca [...] não está nos planos do prefeito. [...] [...] falta [...] ser ouvido, de ter [...] um bom planejamento, [...] a gente começa uma coisa, depois já não dá, tem três funcionários daqui a pouco não tem mais nenhum, não tem uma estante, não tem um acervo, como que vai atender bem? [...], é uma carência muito grande, as bibliotecas públicas [...] estão esfaceladas, [...] nos últimos dez anos, da prefeitura, eu não comprei um livro, [...] vivendo de doação [...] falta de cuidado [...] E também de não ter [...] pessoas qualificadas pra poder trabalhar, [...] receber treinamento, vez por outra, [...] fica tudo solto, [...] largado.</p>
<p>ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO</p>	<p>[...]ele veio aqui, [...] me fez n questionamentos porque ele entrou na internet e a biblioteca tinha x, tal, tal. Eu disse ó “tudo que eles</p>

<p>ACERVO – COMPRA ACERVO – DOAÇÃO</p> <p>ESPAÇO, INFRAESTRUTURA, GESTÃO VISÃO DA BP</p> <p>PESQUISA EM QUESTÃO</p> <p>PESQUISA EM QUESTÃO</p>	colocaram da biblioteca, não perguntaram pra mim, [...] nós não temos isso, [...]”
	[...] tenho trinta mil reais pra comprar de livros por ano, mas nosso acervo é muito bom, [...] a gente recebe muita doação, [...] coisas novas o tempo inteiro.
	[...] no meu Facebook [...] eu estou mostrando coisas boas que acontecem na biblioteca, um mundo de oportunidades [...] é muito importante [...] a gente frisar, que uma biblioteca dá voto [...] a nossa biblioteca, [...] só de mudar de lugar [...] a gente já dobrou o número de usuários, [...] mostra que a gente têm eleitores. [...] É porque a biblioteca, [...] ela é terapêutica, [...] a Secretaria da Saúde vai ser muito importante [...] mas eu sei de muita gente que está ali estudando e [...] lendo pra também se tratar, [...] também isso é saúde, [...] é educação, é cultura, é tudo junto num lugar só. [...]
	[...] eu gostaria de saber, [...] no término da sua pesquisa, onde tu queres chegar [...]
	[...] nesses [...] anos que eu estou aqui é a primeira pessoa que eu vejo assim, da área, que está preocupada em fazer um estudo pra ver qual é [...] a situação das bibliotecas públicas no Estado.

DSC da pergunta para o DSC final

Gostaria de expressar também que, [...] a biblioteca [...] não está nos planos do prefeito. [...], [...] a gente fala com prefeito, fala com um fala com outro [...], ela é [...] uma casa esquecida [...], a gente faz lá é pela boa vontade [...], [...] estão esfaceladas, [...] falta de cuidado [...] fica tudo solto, [...] largado [...], [...] falta [...] ser ouvido, [...] o problema é não ser [...] olhado, não ser escutado como um profissional capacitado [...]. [...] O bibliotecário [...] não é valorizado [...] a gente teria mais entusiasmo se fosse mais valorizado. [...]. [...] Não estou menosprezando a [companheira de trabalho que não tem formação universitária] mas o salário dela é quase correspondente ao nosso, [...] [...] a biblioteca escolar [...] e a comunitária também [...] talvez sejam as áreas que ganham menos, mas por que [...]? [...] O trabalho em biblioteca pública [...] é árduo, é sofrido mas é muito gratificante [...] eu não sei se eu vou sair de tanto que eu gosto de trabalhar [...]. [...] A [cidade] contratou porque levou uma multa, [...] tinha uma bibliotecária [...] cargo comissionado, [...] uma diretora de biblioteca [...] com [...] formação nada a ver, e quando eu cheguei [...] era uma nutricionista. [...]. [...] A gente precisa humanizar mais nosso curso, as técnicas são extremamente importantes, a parte administrativa também, [...] a parte de direito autoral [...] Políticas públicas precisam ser inseridas pra humanizar [...] são fundamentais pra gente ver mudança inclusive na nossa profissão. Quando a gente se conscientizar que a política pública que é participar do Sistema Nacional de Cultura, [...] das Conferências de Cultura, que vão nos legitimar e nos dar poder pra conseguir as coisas eu acho que a gente vai ter um outro passo. [...] vejo poucos bibliotecários participando desse processo, [...] a gente precisa [...] se politizar mesmo [...] lutar pelo seu espaço. [...] eu vejo que tem muita gente das editoras [...]. [...] Há alguns professores no curso [...] eu acho que têm condições de manter e de ampliar essa questão humanística, mas que seja imprescindível se perceber que se não for assim, ele não vai alcançar todos. [...] continua sendo de uma certa forma uma profissão excludente. [...] Essas últimas gestões da ACB [...] estão me deixando mais esperançosa, [...] teve agora a reativação do Grupo de Bibliotecas Escolares, [...] o Sistema de

Bibliotecas Públicas [...] é uma pessoa só pra conduzir o processo [...] a gente precisa ajudar senão a coisa não vai caminhar. [...] É uma realidade do Estado, bibliotecas públicas perdendo força, [...] os gestores enxergando menos que há necessidade de se ter um bibliotecário nesse ambiente de trabalho. [...] Fiz várias solicitações para a Secretária e ela disse que vai me atender [...] para ter [...] liberdade para poder gerenciar nossa biblioteca, [...] precisa de orçamento, [...] a biblioteca pública ela é mantida [...] com muito pouquinho [...], [...] vive mais de doação [...] se a gente não correr lá atrás [...] não [...] tem recurso [...], salvo exceções em que se tem verba [...] pra comprar de livros por ano acervo [...] bom, [...] doação de [...] coisas novas. Também [...] tem a história dos funcionários [...] eles reclamam [...] porque tem muita gente [...], [...] a moça que estava aqui antes [...] não tinha interesse de atendimento [...] botou a mesa dela [...] atrás do armário porque não dá pra ver [...] postura de [...] exclusão [...] com o público inteiro [...], outra [...] falou assim pra mim “[...] tu tens que ver, [...] quando a pessoa vem aqui [...] a calça jeans dela, se é [...] boa, dependendo como for tu atende [...]]. [...] Às vezes aqui entra gente alcoolizada, [...] a gente até pra não deixar entrar diz “não [...]”, porque depois [...] como é que sai? A gente atende criança [...]. [...]. Quem frequenta a biblioteca é desde as comunidades mais carentes até o povo que mora nos arredores [...]. [...] Quando vem esse pessoal da praça [...] de droga [...], [...] a gente nunca deixa pessoas sozinhas aqui dentro pra não dar problema de [...] assaltar [...] a gente trata com a maior naturalidade do mundo [...], [...] quando a gente vê que a coisa ultrapassa a gente acaba chamando o bombeiro, como foi o caso de [...] um senhor [...] tava dando um ataque epilético [...], ou se a polícia está passando [...] mas nunca que você vai [...] jogar pra fora... [...]. [...] Aqui a noite, quanta gente [...] aqui [...] fazer trabalho [...] da Faculdade, [...] o pessoal [...] de ensino médio, ensino fundamental [...]. [...] No meu Facebook [...] eu estou mostrando coisas boas que acontecem na biblioteca, um mundo de oportunidades [...]. A gente já esteve na Polícia, [...] onde era a farmácia, [...] lá em cima [...], [...] depois passou pra lá pro outro lado, depois pra lá e agora estamos aqui no melhor local até hoje. [...] isso foi uma coisa que melhorou bastante. A [...] dificuldade [...] é [...] de recurso financeiro, de RH [...] de não ter [...] pessoas qualificadas pra poder trabalhar, [...] receber

treinamento [...] mas houve [...] reciclagem de novos funcionários, [...] administração mais participativa [...]. [...] Eu vejo que [...] o sistema on line, [...] alavancou o desenvolvimento e o crescimento da própria biblioteca [...] [...] Estamos pedindo ar há tempo já, [...] isso aqui dia de verão, é quente, [...] mas [...] a gente começa uma coisa, depois já não dá, tem três funcionários daqui a pouco não tem mais nenhum, não tem uma estante, não tem um acervo, como que vai atender bem? [...] Não adianta ter um monte de livro lá se ninguém usa o espaço [...]. Um usuário [...] me fez n questionamentos porque ele entrou na internet e a biblioteca tinha x, tal, tal. Eu disse ó “tudo que eles colocaram da biblioteca, não perguntaram pra mim, [...] nós não temos isso [...].” [...] Quando a gente está longe da Universidade, não está perto de um grande centro, [...] a gente fica aquém [...] de vim aqui um pesquisador [...] interessado em saber o meu ambiente de trabalho [...], [...] nesses [...] anos que eu estou aqui é a primeira pessoa que eu vejo assim, da área, que está preocupada em fazer um estudo pra ver qual é [...] a situação das bibliotecas públicas no Estado [...], [...] me faz parar e refletir [...], [...] sobre o que acontece a nossa volta. [...], eu sinto falta [...] de que a Academia consiga se aproximar [...] as nossas pesquisas [...] isso nunca chega até o profissional, isso nunca impacta a biblioteca. É [...] a primeira vez, desde que eu estou aqui que uma pesquisa acadêmica chegou até a gente, [...], [...] fiquei bem satisfeita de estar participando [...], [...].trocar ideias contando mais a minha realidade, [...] acredito [...] que essa pesquisa pode contribuir [...], [...] eu gostaria de saber, [...] no término da sua pesquisa, onde tu queres chegar[...].

ANEXO - PROJETO DE PESQUISA APROVADO NO COMITÊ DE ÉTICA

Entrada (100) - anapo7... x Projetos de Pesquisa - P... x Plataforma Brasil x

← → C aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgrupador.jsf

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS DIRIGENTES DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS EM SANTA CATARINA SOBRE EXCLUSÃO SOCIAL: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA
 Pesquisador Responsável: ANA CLAUDIA PERPETUO DE OLIVEIRA DA SILVA
 Área Temática:
 Versão: 1
 CAME: 61075515.9.0000.0121
 Submetido em: 18/11/2015
 Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina
 Situação da Versão do Projeto: aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Comprovante de Recção: PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_621190

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

Versão Atual Aprovada (PO) - Versão 1

Pendência Documental (PO) - Versão 1

Documentos do Projeto

- Comprovante de Recção - Submissão 1
- Cronograma - Submissão 2
- Folha de Rosto - Submissão 2
- Informações Básicas do Projeto - Submissão 2
- Projeto Detalhado / Brochura Investigação
- TGLE / Termos de Assentimento / Justificativa
- Apreciação 2 - Universidade Federal de Santa Catarina
- Projeto Completo

LISTA DE APECIAÇÕES DO PROJETO

Apreciação *	Pesquisador Responsável *	Versão *	Submissão *	Modificação *	Situação *	Exclusiva do Centro Coord. *	Ações
PO	ANA CLAUDIA PERPETUO DE OLIVEIRA DA SILVA	1	18/11/2015	08/12/2015	Aprovado	Não	

18:15 21/02/2016